

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A EXPERIÊNCIA DO SHOW DE ROCK TRANSFORMADA
PELO USO DE *SMARTPHONES*:
Um estudo da turnê *Us + Them* de Roger Waters em Porto Alegre**

Josiléia Lisandra Kieling

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

JOSILÉIA LISANDRA KIELING

**A EXPERIÊNCIA DO SHOW DE ROCK TRANSFORMADA
PELO USO DE *SMARTPHONES*:**

Um estudo da turnê *Us + Them* de Roger Waters em Porto Alegre

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, na linha de pesquisa Informação, Redes Sociais e Tecnologias, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM – UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Porto Alegre

2019

JOSILÉIA LISANDRA KIELING

A EXPERIÊNCIA DO SHOW DE ROCK TRANSFORMADA

PELO USO DE SMARTPHONES:

Um estudo da turnê *Us + Them* de Roger Waters em Porto Alegre

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, na linha de pesquisa Informação, Redes Sociais e Tecnologias, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM – UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Data de aprovação: 29/04/2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo – UFRGS
Orientador

Profa. Dra. Dulce Helena Mazer – UFRGS
Examinadora

Prof. Dr. Fabricio Lopes da Silveira – UFRGS
Examinador

Prof. Dr. Marcelo Bergamin Conter – IFRS
Examinador

Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário – UFRGS
Suplente

AGRADECIMENTOS

“Vai dar tudo certo!” Foi essa a frase que mais ouvi ao longo da minha trajetória de produção desta dissertação, tanto de amigos e familiares quanto de desconhecidos que, cada qual a sua maneira, contribuíram para que tudo desse certo ao final. Apenas por essa breve constatação inicial já dá para ter noção de que a lista de agradecimentos é extensa e, ainda que eu tente ser fiel a ela ao máximo que minha memória permitir nesse momento, pode ser que amanhã mesmo eu já releia e lembre de mais alguém a incluir, motivo pelo qual já me desculpo de antemão.

Desde que comecei a estudar o tema desta pesquisa, ele me acompanhou invariavelmente em todos os momentos do dia. Assim, é natural que essa tenha sido a minha pauta principal em qualquer conversa do período – tão imergida que estava no assunto. Aliás, o simples fato de alguém perguntar: “O que tu estás fazendo?” já fazia surgir o tópico do Mestrado e, conseqüentemente, uma segunda pergunta sobre o que eu estava estudando e qual era a minha pesquisa. Com isso, além dos meus próprios entrevistados, no decorrer desse último ano eu acabei tendo, informalmente, um escopo ainda maior de opiniões a respeito desse tema, já que em qualquer conversa que eu tivesse, seja lá com quem fosse, eu acabava comentando sobre o assunto e tendo a opinião da pessoa a respeito disso. Portanto, agradeço a todos que passaram pelo meu caminho nesse período e me ajudaram nesse processo, nem que seja com uma conversa descontraída sobre o tema para eu ver essa perspectiva com outros olhos.

De todo modo, cabe direcionar alguns agradecimentos pontuais aos que foram ainda mais importantes nesta caminhada. Agradeço ao meu orientador, Alex Primo, por acompanhar minha trajetória desde a graduação e, principalmente, por confiar no meu potencial como pesquisadora e me selecionar para ser sua orientanda no mestrado. Obrigada por me inspirar a dar o melhor de mim e pela orientação e revisão criteriosa que foram cruciais para o êxito deste trabalho. No mesmo sentido, agradeço aos professores da banca, Dulce, Fabrício e Marcelo, cujas contribuições foram imprescindíveis, tanto para a pesquisa quanto para o meu próprio crescimento enquanto pesquisadora.

Meu obrigada também aos professores do PPGCOM da UFRGS, aos colegas da Fabico, bem como aos professores e colegas dos PPG's de Antropologia e de Psicologia da UFRGS, pelos ensinamentos, pelo companheirismo e pelo desenvolvimento acadêmico propiciado durante as disciplinas e congressos de que juntos participamos. Em

especial, aos amigos do Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC), que foram muito acolhedores desde a minha chegada. Fui a caçula do grupo durante o período em que participei e pude sentir que formamos uma verdadeira família. Assim, agradeço às “manas” Maria Clara, Marjuliê, Ludmila e Vanessa, por todo apoio e ajuda nesse período, bem como ao “mano” Ricardo, que ingressou junto comigo no PPG e me acompanhou de perto em várias disciplinas. Obrigada por todas as discussões e aprendizados e por se tornarem verdadeiros amigos, para além da vida acadêmica.

Agradeço, ainda, ao Nasser e aos colegas do meu grupo de Biodanza do Espaço Holograma, em que tive o ambiente ideal para pensar a própria conceituação de experiência e meu objeto de pesquisa de um modo diferente, a partir de vivências indescritíveis, algumas vezes com a própria trilha sonora de Pink Floyd. Antes de tudo, ali fui capaz de buscar o autoconhecimento necessário para dar vida às ideias surgidas para essa pesquisa. Obrigada pela acolhida carinhosa, por compreenderem minhas ausências e por sempre me receberem de braços abertos quando eu conseguia retornar.

Ao pessoal da Teatraria e à minha turma de teatro, em especial ao Gabriel, cujas conversas sempre inspiradoras foram as pérolas de sabedoria semanais que me auxiliaram a domar a procrastinação e a ter a motivação necessária para vencer os desafios desse percurso. Aos amigos do grupo de conversação de inglês, em especial ao Eduardo e ao Jonas, por meio dos quais também pude conhecer a Victoria durante sua estadia no Brasil. Obrigada, Victoria, pela parceria para as idas à biblioteca da PUC durante o período mais intenso de escrita e por me incentivar a cada interação nossa, nem que fosse colocando bilhetinhos motivacionais no meu monitor (“*You can do it!*”; “*Write it!*”).

Ao Harry e ao Nick da produção internacional desta turnê do Roger Waters, profissionais talentosos que tive o prazer de conhecer no show de Porto Alegre, com os quais também pude conversar a respeito da minha pesquisa. Obrigada pela receptividade desde o primeiro contato, por todas as informações compartilhadas comigo e, como se não bastasse, por me presentarem com um convite para ver outro show da turnê.

A todos os meus demais amigos, verdadeiros presentes que a vida me deu a partir dos mais variados meios – inclusive do ambiente de show –, principalmente aos que me acompanharam de algum modo durante o último ano do mestrado e reta final da pesquisa: cada um de vocês foi indispensável nessa jornada. Agradecimento especial aos super incríveis Allan, Alexandre, Beto, Elen, Elis, Elisa, Everton, Henrique, Jean, Marcela e Matheus.

Aos queridos informantes desta pesquisa, que se dispuseram a ceder seu tempo para participar das entrevistas, a compartilhar um pouco de suas experiências de vida e que foram receptivos a um nível que eu nem poderia imaginar na melhor das expectativas: minha profunda gratidão. Sem sombra de dúvidas esse trabalho só foi possível graças às vozes de vocês – espero ter feito jus a elas.

Nem todas as páginas dessa dissertação seriam suficientes para agradecer pelo amor e apoio incondicional, bem como pelas lições de dedicação e perseverança da minha mãe, Isoldi, e do meu pai, Alfonso, então vou resumir em um afetuoso muito obrigada por tudo. Agradeço com muito carinho também à minha irmã, Janice, que provavelmente foi uma das “culpadas” de tudo isso, se assim pode se dizer, por, entre tantas outras coisas, ter me apresentado o gênero rock. Mesmo em meio a uma pequena e distante cidade interiorana em que ninguém tinha o hábito de ouvir rock, nós duas vivíamos nosso mundo particular em que comentávamos as letras e compartilhávamos experiências com essas músicas, sonhando com o dia em que poderíamos ver as apresentações ao vivo desses artistas de que gostávamos tanto – e que ainda gostamos, claro! Mana, obrigada por todo carinho, amor, apoio e incentivo, além da tamanha disposição para sempre me ajudar com o que quer que fosse, mesmo que à distância.

Ademais, a todas as pessoas que já passaram pela minha vida antes mesmo de iniciar a trajetória do mestrado, que contribuíram para que eu chegasse até aqui e que nem cabe nominar pois seria uma dissertação à parte para dar conta de todas: meu sincero agradecimento. Sou grata, ainda, a todos os autores que me inspiraram ao longo de toda a minha trajetória e incutiram em mim a vontade de produzir algo inspirador da mesma forma que suas linhas sempre me inspiraram e fizeram companhia desde a infância. Por fim, agradeço aos músicos cujas letras e melodias me acompanham desde sempre e, sobretudo, me inspiraram nesse período de escrita. Sem suas músicas provavelmente este trabalho não chegaria ao fim.

*[...] You are young and life is long and there is time to kill today
And then one day you find ten years have got behind you
No one told you when to run you missed the starting gun*

*And you run and run to catch up with the sun but it's sinking
Racing around to come up behind you again
The sun is the same in a relative way but you're older
Shorter of breath and one day closer to death*

*Every year is getting shorter never seem to find the time
Plans that either come to naught or half a page of scribbled lines
Hanging on in quiet desperation is the English way
The time is gone the song is over thought I'd something more to say [...]*

(“Time”, Roger Waters, 1973)

Music does bring people together. It allows us to experience the same emotions. People everywhere are the same in heart and spirit. No matter what language we speak, what color we are, the form of our politics or the expression of our love and our faith, music proves: We are the same.

John Denver

(YOUNG & SHANAHAN, 2017)

RESUMO

Este estudo objetiva entender como a prática de usar *smartphones* para filmar e fotografar durante um show de rock transforma a maneira como essa experiência de show é vivenciada pelo público. O campo de pesquisa foi o show de Roger Waters, ex-membro do Pink Floyd, em sua turnê *Us + Them*, que ocorreu em Porto Alegre no dia 30 de outubro de 2018. O referencial teórico levantado para este estudo compreendeu a conceituação do termo experiência, além de tópicos atinentes à experiência musical e à experiência de show ao vivo, especificando a experiência de show do gênero rock; além de discussões sobre a materialidade do *smartphone* e a participação deste no contexto de show. As técnicas utilizadas para investigação empírica foram observação participante, entrevistas com sujeitos do público do show supracitado e análise de conteúdo dos dados obtidos. Foram realizadas seis entrevistas em profundidade, a partir das quais foram feitas a análise e a discussão dos resultados. Verificou-se que o *smartphone* participa da experiência de show, inclusive antes e após o evento, em uma espécie de temporalidade estendida. A experiência de show é cocriada pelas mediações associativas entre membros do público e *smartphones*, e estes fazem parte da forma de experienciar o show, sendo indissociável até mesmo para os entrevistados que não se oporiam em restringir seu uso em shows. A utilização de *smartphones* em shows é motivada pelo compartilhamento de registros e pelo ímpeto de guardar o momento, principalmente a partir do próprio ângulo de visão de cada sujeito, o que reforça a importância creditada à personalidade dos registros e auxilia na compreensão do uso massivo deste dispositivo na contemporaneidade.

Palavras-chave: experiência; materialidade; show de rock; *smartphone*; celular.

ABSTRACT

This study aims to understand how the practice of using smartphones to film and photograph during a rock concert transforms the way this concert is experienced by the public. The research field was the concert of former Pink Floyd member Roger Waters during his Us + Them tour, which took place in Porto Alegre on October 30, 2018. The theoretical framework for this study included the conceptualization of the term “experience”, as well as topics related to the musical experience and the live concert experience, more specifically the concert experience of the rock genre; as well as discussions about the materiality of the smartphone and its participation in the context of the concert. The techniques used for empirical research were participant observation, interviews with subjects of the audience of the aforementioned concert and content analysis of obtained data. Six in-depth interviews were conducted, from which the results were analyzed and discussed. Smartphone participation was verified in the concert experience, including before and after the event, in a sort of extended temporality. The concert experience is co-created by associative mediations between members of the public and smartphones, and these are part of the way of experiencing the concert, being inseparable even for those interviewed who would not oppose to restrictions of smartphone use in concerts. The use of smartphones in concerts is motivated by the sharing of recordings and the urge to preserve the moment, mainly from the subject's angle of vision, which reinforces the importance given to the personal nature of such recordings and helps understanding the massive use of the above mentioned devices in the contemporary world.

Keywords: experience; materiality; rock concert; smartphone; cell phone.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Bem-estar ampliado e autoautenticação na experiência de show de rock.....	60
Fig. 2 – Foto do aviso exibido no telão antes do show de Eddie Vedder em São Paulo.	80
Fig. 3 – Foto da segunda tela de aviso exibida antes do show de Eddie Vedder em São Paulo	81
Fig. 4 – Mar de <i>smartphones</i> em volta de Eddie Vedder em seu show em São Paulo, no momento em que o cantor desce do palco	81
Fig. 5 – Exemplo de anotações a partir da observação participante realizada por Daniel Hopper no show da banda Foo Fighters	87
Fig. 6 – Mapa de setores e respectivos valores dos ingressos para o show de Roger Waters, <i>Us +Them Tour</i> , em Porto Alegre.....	93
Fig. 7 – Grade de isolamento para separar a fila formada pelo público à espera do show de Roger Waters no setor Pista Premium.....	94
Fig. 8 – Roger Waters em frente ao pôster da turnê <i>Us + Them</i> 2018.....	104
Fig. 9 – Prisma formado sobre o público da pista Premium ao final do show. Porto Alegre, 30/10/2018.....	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil das pessoas entrevistadas no dia do show, por ordem cronológica de contato.....108

Tabela 2 – Perfil dos informantes na etapa de entrevistas em profundidade.....111

SUMÁRIO

Prólogo: Sentir a experiência musical.....	15
1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Campo de estudo	23
1.2 Problema de pesquisa	26
1.3 Objetivos	26
1.4 Justificativa.....	26
2 PARA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA.....	31
2.1 As quatro características principais da experiência	35
2.2 Experiência de <i>flow</i> e experiência culminante.....	38
2.3 Experiência e tempo	40
2.4 Comunicação da experiência.....	42
3 SHOWS AO VIVO E A EXPERIÊNCIA MUSICAL.....	48
3.1 Economia da experiência e festivalização: show como espetáculo	50
3.2 A experiência de um show de rock	53
3.3 A experiência de shows de Pink Floyd e de Roger Waters	62
4 MATERIALIDADE DO <i>SMARTPHONE</i> E SEU PAPEL EM SHOWS	68
4.1 <i>Smartphone</i> sob a perspectiva de instrumento e de objeto evocativo	69
4.2 <i>Smartphone</i> como actante e como objeto senciente	72
4.3 Registros feitos com <i>smartphones</i> e seu compartilhamento em redes sociais...77	
4.4 Restrições do uso de <i>smartphones</i> em shows.....	79
5 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	83

5.1 Técnicas de coleta e análise de dados	85
5.1.1 Observação participante.....	85
5.1.2 Entrevistas.....	89
5.1.3 Análise de conteúdo.....	90
5.2 Corpus e roteiro de ações	91
5.2.1 Pré-show	94
5.2.2 Momento do show	95
5.2.3 Pós-show.....	95
6 DESCRIÇÃO DOS DADOS	98
6.1 Descrição da observação participante realizada no dia 30 de outubro: etapa de abordagem aos membros do público.....	98
6.2 Decupagem do material e agendamento das entrevistas em profundidade.....	107
6.3 Entrevistas em profundidade: perfil dos informantes.....	110
6.3.1 Informante 1.....	112
6.3.2 Informante 2.....	112
6.3.3 Informante 3.....	112
6.3.4 Informante 4.....	113
6.3.5 Informante 5.....	113
6.3.6 Informante 6.....	114
6.4 Entrevistas prévias: descrição dos diálogos com os informantes no dia do show	115
7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	128
7.1 Associações entre membros do público do show e <i>smartphones</i>.....	128
7.2 Mudanças no perfil do público e a experiência de shows de rock para os entrevistados.....	134

7.3 <i>Us + Them Tour 2018: a experiência do show de Roger Waters em Porto Alegre</i>.....	140
7.4 Motivações para filmar e fotografar durante o show.....	149
7.4.1 Compartilhamento dos registros	150
7.4.2 Ímpeto de guardar o momento para depois	154
7.5 Importância de registrar a própria perspectiva do show.....	160
7.6 A experiência de show do público com a participação de <i>smartphones</i>.....	166
7.7 Extra – Celulares em shows: restringir ou não o uso?.....	172
8 A EXPERIÊNCIA DE SHOW DE ROCK DE ROGER WATERS EM PORTO ALEGRE TRANSFORMADA PELO USO DE <i>SMARTPHONES</i>.....	176
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
10 REFERÊNCIAS.....	189
APÊNDICE I.....	201
APÊNDICE II.....	203
APÊNDICE III.....	304
ANEXO I.....	312
ANEXO II.....	317
ANEXO III.....	320
ANEXO IV.....	332

PRÓLOGO: Sentir a experiência musical

Pense na sua música favorita. Pode ser a música da sua vida, aquela que marca algum momento muito importante que você viveu, ou pode ser a que você mais tem ouvido nessa semana, sem saber ao certo o porquê – afinal de contas, para nosso gosto musical, assim como para tantos outros fenômenos da vida, não há uma explicação clara ou definitiva. Por que há músicas que passam imperceptíveis e outras que nos tocam tão profundamente? O que há nestas últimas para gerar tanta repercussão em nosso ser? O que se pode responder é que certamente nessa semana deve ter havido alguma música que lhe acompanhou durante todos os dias, que você ouviu por algum motivo específico ou que, sem nem mesmo perceber, estava tocando em sua mente. Pensou na música? Lembrar dela despertou alguma sensação? O que ela lhe faz sentir? Faça de conta que você está a escutando agora nos seus fones de ouvido, ou mesmo, se puder, coloque-a para tocar de verdade, nesse momento, antes de prosseguir a leitura (não é bobagem, logo você vai ver que foi importante esse exercício, são só alguns minutos). Feche os olhos e sinta o que ela lhe transmite.

Cada nota, cada palavra, a potência dos instrumentos e da voz em perfeita execução e harmonia, enfim, cada detalhe da música ressoa nas suas células – por alguma razão esse conjunto de sons, resultado do trabalho criativo de uma mente (ou muitas), impactou a sua vida. Você é capaz de expressar o que está sentindo agora, depois de ter ouvido a sua música preferida? Que emoções e reações ela desencadeou no seu corpo? O que você sentiu fisicamente? Acelerou ou diminuiu seus batimentos cardíacos? Sentiu sua expressão facial mudar e talvez um leve sorriso tenha surgido? Deu vontade de se mexer, nem que seja balançar de leve sua cabeça, no ritmo da música? Há mais algo que faça você se sentir dessa forma? Consegue nominar um sentimento para o que você está sentindo? Provavelmente, caso você tenha conseguido fazer esse exercício rápido, sentiu como é ser atravessado pela música, por uma experiência musical. Você viveu uma experiência com a música, mesmo estando em casa, mesmo nem ouvindo a música de verdade, permitindo apenas que ela toque em sua mente.

Agora se imagine ouvindo essa mesma música a partir de um som muito mais potente, em que é possível notar ainda mais cada detalhe sonoro dela – a sua música preferida. Adicione a essa imagem mental mais um ingrediente: um incrível espetáculo visual, com elementos que representam os sentidos expressos na sua música, alguns talvez você nem tenha percebido antes, outros desencadeiam uma automática gargalhada de

felicidade, de assentimento, como se tivesse sido materializado o próprio visual que aparece na sua mente quando ouve essa música. Para completar, nada mais, nada menos do que a própria pessoa que criou essa maravilha sonora – que concebeu esta fração de som responsável por lhe despertar tantas diferentes sensações e que já lhe acompanhou em tantos momentos – sim, essa pessoa está agora na sua frente, tocando a sua música ao vivo. Tudo o que ela sentiu quando pensou na letra e no conceito dessa música está sendo expresso agora para você, sem interferências. Você consegue sentir esse som e essa energia ressoar lá no fundo do seu ser, em níveis que já fogem totalmente da compreensão e de qualquer explicação possível. E você não está sozinho. Há uma multidão vibrando na mesma sintonia, contagiados pela música, experienciando esse momento ao mesmo tempo, junto com você. Neste instante, o que você sente? Como foi estar (mentalmente) no show do artista responsável por sua música favorita?

A intenção dessa breve e simples narrativa é transmitir a você, leitor, um pouco da experiência que as vozes deste trabalho têm quando vão a um show. Falar de experiência, ainda mais a musical, está no âmbito dos temas que é muito mais fácil sentir do que explicar. Eis o desafio inicial desta dissertação, ao se propor a tratar da experiência de um show de rock. Por vezes, pareceu impossível transpor as barreiras das palavras para expressar tudo que foi vivido e sentido – tanto pelos interlocutores da pesquisa quanto por esta pesquisadora que vos fala. Em todos esses momentos, a música, fiel companheira, acalmou a ansiedade e embalou a inspiração para que as palavras fluíssem e para que as linhas deste trabalho começassem a tomar forma. Nada mais justo que ela, a música, fosse a protagonista deste prólogo, já que esta acompanha todo o trabalho, ainda que de maneira indireta. Que ela possa acompanhar também a sua leitura, e que a experiência sentida nesse simples exercício auxilie no entendimento de todos os relatos contados ao longo desta pesquisa, frutos das experiências marcantes que a música é capaz de propiciar.

Porto Alegre, 30 de março de 2019.

1 INTRODUÇÃO

Aparelhos ligados e devidamente direcionados ao palco, mãos fixas para o alto e olhares compenetrados na tela, ávidos por capturar cada instante para imediatamente transmitir a sua audiência: seria essa a descrição do trabalho dos cinegrafistas de uma emissora em um espetáculo ao vivo? Até certo tempo, não tão distante, poderia ser somente isso. Entretanto, de uns dez anos para cá, essa cena serve para descrever também a ação do público de um show ou evento qualquer. Não há espetáculo no mundo que não seja marcado por um mar de telas ligadas – ou até há, quando são tomadas medidas para proibir o uso de *smartphones*, como veremos mais adiante. Fato é que o fenômeno de celulares a postos para registrar tudo já é bastante comum no nosso dia a dia, e basta haver um evento de maior magnitude para percebermos claramente quão massiva e habitual essa prática se tornou.

A questão é polêmica e divide opiniões. De um lado, estão os que defendem a prática e com louvor apreciam a possibilidade proporcionada pelas tecnologias de difundir o registro visual, conectar rapidamente as pessoas a nível global e permitir que todos possam ser produtores e propagadores de conteúdo em tempo real. De outro, estão os que reivindicam a naturalidade de simplesmente aproveitar o momento, de estar totalmente presente para desfrutar a experiência e de deixar os registros a cargo da memória – que pode ser revisitada individualmente no exercício mental de lembrar e reviver a situação ao contar para um amigo, por exemplo.

Este fator foi, inclusive, o que motivou uma empresa americana a desenvolver um produto com o propósito de limitar o uso de celulares em eventos ao vivo. Denominada Yondr¹, a invenção consiste em uma bolsa especial para impedir o uso do celular. O sistema funciona da seguinte maneira: ao chegar ao evento, o sujeito recebe a bolsinha Yondr para colocar o seu celular. A bolsinha fica com ele, mas estará fechada e lacrada de modo a impedir que este use o *smartphone* durante o show. A tecnologia do lacre é desativada somente ao encostar em um aparelho que fica posicionado na saída do evento, e só então é possível abrir a bolsa e recuperar o celular. A invenção foi desenvolvida em 2014 e, nos últimos anos, tem se popularizado no exterior, adquirindo adeptos como os

¹ Disponível em: <<https://www.veryondr.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

músicos Jack White e Justin Timberlake, a cantora Alicia Keys e os comediantes Tracy Morgan e Chris Rock, que já utilizaram o sistema em suas apresentações.²

Segundo Graham Dugoni, fundador da Yondr, estar em um show ao vivo representa ser levado a viver um clima compartilhado, que não tem como ser capturado ou transmitido enquanto está sendo vivido. “Quando as pessoas tentam [capturar ou transmitir], isso as tira do momento (por mais breve que seja) e fundamentalmente altera a experiência básica de todas as pessoas daquilo que elas estão, em primeiro lugar, tentando capturar”³, argumenta Dugoni⁴. Defensores da Yondr, como o comediante Louis C. K., concordam com seu propósito de mostrar às pessoas quão poderoso pode ser o momento quando não se está focado em documentá-lo ou transmiti-lo: “você precisa construir uma habilidade de apenas ser você mesmo e não estar fazendo algo. Isso é o que os telefones estão tirando, é a capacidade de simplesmente estar lá”⁵, destaca Louis.⁶

A questão é polêmica do ponto de vista do artista e do público, principalmente considerando que um show é uma via de mão dupla, ou seja, uma experiência de show memorável se faz a partir da comunhão entre esses dois lados. Como indica o depoimento de um fã: “deve ser um pouco frustrante para um artista subir no palco e ao invés de ver uma plateia tirando poeira do chão, se deparar com milhares de cinegrafistas apontando seus aparelhos”⁷. De fato, muitos são os exemplos de situações em que o artista, irritado com o uso constante desses dispositivos durante sua apresentação, reage e se posiciona frente ao assunto – às vezes até de uma forma irônica, como foi o caso de Josh Klinghoffer, guitarrista da banda Red Hot Chili Peppers. Em show realizado na Itália, em 2016, o músico decidiu imitar a plateia que estava prestando mais atenção nos seus *smartphones* apontados para o palco do que na apresentação da banda. Durante a execução de “Californication”, no momento destinado ao célebre solo de guitarra da

² GARATTONI, B. Super Tech: os 5 produtos mais incríveis de junho. Superinteressante, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/super-tech-os-5-produtos-mais-incriveis-de-junho/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

³ No original: “When people try to, it pulls them out of the moment (however briefly) and fundamentally alters everyone's basic experience of the thing they are trying to capture in the first place”.

⁴ ROSSIGNOL, D. A new invention will finally prevent cellphones from ruining concerts. Mic.com, 2014. Disponível em: <<https://mic.com/articles/100048/this-technology-actually-keeps-people-from-ruining-concerts-with-cellphones#.Qis7QUnCn>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁵ No original: “you need to build an ability to just be yourself and not be doing something. That's what the phones are taking away, is the ability to just sit there”.

⁶ Ibid.

⁷ MONTEIRO, C. Estariam os smartphones diluindo a experiência dos shows ao vivo? Ambrosia, sem ano. Disponível em: <<https://ambrosia.com.br/musica/estariam-smartphones-diluindo-experiencia-dos-shows-vivo/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

música, Josh resolveu deixar a guitarra de lado e, ao invés de tocar o solo, pegou seu próprio *smartphone* e começou a filmar o público.⁸ E, claro, há vários vídeos do episódio circulando na internet, de diversos ângulos, a partir dos milhares de celulares que estavam a postos para registrar a performance.

Há também posicionamentos mais críticos sobre a necessidade desenfreada de exposição nas mídias sociais, como na fala do guitarrista Pete Townshend da banda The Who ao site Daily Mail, após apresentação do grupo em um festival realizado no Reino Unido em 2014: “Se você estava no festival de Glastonbury neste final de semana, espero que tenha curtido a música em vez de tentar desesperadamente conseguir uma boa foto para postar no Facebook”⁹. O cantor Billie Joe Armstrong, do Green Day, também reivindicou mais contato humano em suas apresentações, conforme entrevista ao Daily Star:¹⁰ “Você pode tirar sua foto, mas vamos ter contato visual, vamos ter uma experiência humana que não se pode capturar em um celular. Por que você gostaria de ouvir sua música favorita desta forma (segurando o braço no ar), quando você pode ouvir bem diante de você?”¹¹ Durante a recente passagem da banda pelo Brasil, esse discurso também fez parte das apresentações. Em show realizado em 2017 em São Paulo, Billie ressaltou novamente: “Não salve para depois, viva agora”¹². E, na apresentação em Porto Alegre, o cantor interrompeu uma música para pedir aos fãs que parassem de filmar, pelo menos por um instante, para que ele pudesse vê-los.

E o público, o que pensa a respeito? Em uma pesquisa realizada no final de 2017 entre seus consumidores, a Skiddle (empresa britânica de comercialização de ingressos para shows) constatou que 27% dos jovens pensam que os *smartphones* deveriam ser banidos de eventos ao vivo porque fotografar e filmar o espetáculo distrai as pessoas e faz com que elas não vivam a experiência de fato. Dos 74% que defenderam seu uso, 54%

⁸ AIEX, T. Contra smartphones, guitarrista do Red Hot Chili Peppers trolha fãs em show. Tenho mais discos que amigos, 2016. Disponível em: <<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/12/12/guitarrista-red-hot-chili-peppers-smartphone/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

⁹ REDAÇÃO. The Who condena uso excessivo de celulares durante shows. Rolling Stone, 2014. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/who-condena-uso-excessivo-de-celulares-durante-shows/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

¹⁰ CABOOTER, J.; MAYERS, S. 'Miserable'. Green Day slam fans for using phones during concerts. Daily Star, 2016. Disponível em: <<https://www.dailystar.co.uk/showbiz/goss/561618/green-day-slams-fans-use-phone-show-little-mix-bella-hadid-kate-moss-hailey-baldwin>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

¹¹ No original: “You can take your picture but let’s have eye contact, let’s have a human experience right now you can’t capture on a cell phone. Why would you want to listen to your favorite song going like this [holds arm in air] when you can just hear it right in front of you?”

¹² BRÊDA, L. Green Day retorna a SP resgatando raridades e com show mais “compacto” do que sete anos atrás. Rolling Stone, 2017. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/green-day-retorna-sao-paulo-resgatando-raridades-show-compacto-sete-anos/#imagem0>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

disseram que capturam imagens porque gostam de reviver a experiência assim que saem do evento, 24% apontaram que gostam de compartilhar a experiência musical nas redes sociais e 13% argumentaram que, se compram um ingresso, é seu direito usar seus celulares como desejarem.¹³

Já em estudo realizado com 91 informantes que participaram do festival de música The Øya, na Noruega, muitos dos entrevistados afirmaram que usam seus celulares para gravar e depois compartilhar sua experiência nas mídias sociais. E, a maioria deles, de fato, concluiu que o uso do celular ameaça a percepção da performance, a imersão no momento e os prazeres sociais da música ao vivo, prejudicando a experiência de show ao vivo – “*the feeling of the concert*” (KJUS & DANIELSEN, 2014, p. 15). Como destacam os autores a partir das falas de seus entrevistados, “levantar o telefone desvia a atenção [do show] para a câmera e para a tentativa de tirar uma boa foto, bem como para considerações sobre como a imagem pode ser recebida ou usada por outras pessoas em um estágio posterior”¹⁴ (ibid.). Kjus e Danielsen (2014) apontam para os novos dilemas relacionados com as novas mídias pelo desejo que as pessoas têm de documentar e compartilhar momentos incríveis ao mesmo tempo em que não querem perder interações sociais importantes durante o show. “Várias pessoas também notaram o paradoxo aqui, em que o ato de documentar um momento pode de fato alterá-lo e, até mesmo, arruiná-lo”¹⁵ (ibid, p. 23). Esse impasse entre registrar ou não determinada experiência pode ter se originado a partir da força e do apelo das redes sociais, que contribuem para disseminação do sentimento de que “se você não registra e publica algo é como se não tivesse acontecido”.

Além disso, a banalidade do ato fotográfico incentiva a sensação de que registrar momentos importantes é ainda mais crucial, seguindo uma linha de raciocínio mais ou menos como essa: se é comum fotografar até a própria comida, como não fotografar o show da banda favorita? Com efeito, a possibilidade de tirar foto de tudo virou fator de comercialização: *smartphones* são anunciados e vendidos pelas configurações de suas

¹³ SKIDDLE STAFF. 27% of young people want mobile phones banned at gigs. Skiddle, 2017. Disponível em: <<https://www.skiddle.com/news/all/27-of-young-people-want-mobile-phones-banned-at-gigs/32635/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

¹⁴ No original: “raising one's phone diverts one's attention to the camera and the attempt to take a good picture, as well as considerations regarding how the picture might be received or used by others at a later stage”.

¹⁵ No original: “Several people also noted the paradox here, in that the act of documenting a moment can in fact change and even ruin it”.

câmeras, muitas delas atingindo ou até superando o nível de equipamentos profissionais de fotografia.

De modo similar, a recorrência de shows ao vivo tem aumentado significativamente, à despeito do aumento do valor dos ingressos em um cenário de retração econômica (ver, por exemplo, os trabalhos de FRITH (2007); HOLT (2010); KJUS & DANIELSEN (2014); WIKSTROM (2009)). Dois fatores, diretamente relacionados com as novas mídias, podem ser atribuídos ao fortalecimento dessa prática de consumo: primeiro, com as músicas sendo consumidas via *streaming* e a consequente redução drástica na venda de discos, a principal fonte de renda dos artistas passa a ser a oriunda das apresentações ao vivo – e isso por si só fez com que acompanhássemos um aumento significativo na vinda de bandas internacionais para o Brasil, por exemplo (para euforia dos fãs!). O segundo fator, menos perceptível à primeira vista, mas também preponderante, é o desejo de consumir tais experiências com o intuito de criar conteúdo atrativo para incrementar a narrativa de seu perfil *online* e angariar mais seguidores. É o aspecto que se tornou típico nas redes sociais de parecer que todos que ali estão têm uma vida incrível e estão sempre fazendo coisas legais, cada qual em busca de se sentir incluído e aceito pelo grupo social – aceitação essa medida através das visualizações, curtidas e comentários no conteúdo compartilhado.

Outro ponto que leva a pesquisar em um ambiente de show é por este se tratar de campo fértil para investigar tal tema, já que reúne multidões e propicia a análise de fenômenos sociais como se fosse colocada uma lente de aumento sobre eles. E, talvez, a questão dessa prática estar tão difundida fique mais perceptível justamente ali – um sujeito vê uma multidão agindo de determinada maneira e, pela necessidade social de se ver como parte do grupo, tende a se sentir compelido a agir da mesma forma. O que se espera colocar em discussão nesta pesquisa é justamente a repercussão dessa nova dinâmica de uso massivo dos celulares para registro da experiência.

Em entrevista a Robert Siegel do National Public Radio (2014)¹⁶, o ator hollywoodiano George Clooney faz um comentário bastante ilustrativo das implicações desse uso ao contar como as câmeras de celulares têm dificultado sua conexão com os fãs:

Você vai estender a mão para sacudir a mão deles e eles têm uma câmera na mão. E eles nem sequer tiram a mão porque estão gravando o tempo todo. E

¹⁶ SIEGEL, Robert; CORNISH, Audie. Take photos to remember your experiences? Think again. In: **Special Series: Photography and Memory**. National Public Radio. 21 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.npr.org/templates/transcript/transcript.php?storyId=314607031>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

you can tell people that you've recorded Brad Pitt but it'd be very hard for you to say you actually met him because you were watching it all through your phone. I think that's too bad because I think people are experiencing less and recording more. We've lost our sense of actually experiencing things. We're just constantly recording things.¹⁷

Como se pode perceber, o tema é complexo e a problemática aqui levantada se estende a vários contextos do dia a dia. Nesse sentido, o estudo que se propõe aqui pode incentivar a discussão e contribuir para o entendimento sobre o uso dos *smartphones* na vida cotidiana como um todo. Pela necessária delimitação de escopo da pesquisa, este trabalho tem como campo o show de Roger Waters, ex-líder do Pink Floyd, em sua turnê *Us+Them*, realizado em Porto Alegre no dia 30 de outubro de 2018. A pesquisa tem abordagem qualitativa, cujo *corpus* é composto pelos dados (textos e fotos) obtidos a partir da aplicação das técnicas de observação participante no show supracitado e de entrevistas semiestruturadas com sujeitos do público deste show. Cabe destacar que este trabalho não tem como foco o estudo da cultura de fãs. Ainda que muitos dos sujeitos que vão a shows sejam fãs, a preocupação deste estudo está relacionada à experiência de quem está no show, independentemente de ser fã ou não, como será explicitado posteriormente.

Quanto à estrutura, esta dissertação se divide em 9 capítulos, a iniciar por esta introdução, que é composta por esta breve explanação sobre o tema e é acompanhada, conforme se vê a seguir, pela explicação do campo de estudo, do problema de pesquisa, dos objetivos e da justificativa. Os três capítulos seguintes são de revisão de literatura pertinente ao tema, a começar pelo segundo capítulo, que trata do conceito de experiência e principais tipos, em especial aos que se relacionam a experiências marcantes como a que se pode vivenciar em um show, além de reflexões sobre experiência e tempo e comunicação da experiência. O terceiro capítulo trata da experiência musical, como a obtida em um show ao vivo, atendo-se ao fenômeno da festivalização, da experiência de um show de rock e das experiências de shows da banda e, especificamente, do artista que compõe o campo desta pesquisa. No quarto capítulo, por sua vez, é discutida a questão da materialidade do *smartphone* e a participação deste no contexto de show, a partir de perspectivas como as de objeto evocativo, actante e objeto senciente. Também se problematiza o tópico de registros feitos com o *smartphone* e seu compartilhamento em

¹⁷ No original: You'll reach out to shake out their hand and they've got a camera in their hand. And they don't even get their hand out because they're recording the whole time. And you can tell people that you've recorded Brad Pitt but it'd be very hard for you to say you actually met him because you were watching it all through your phone. I think that's too bad because I think people are experiencing less and recording more. We've lost our sense of actually experiencing things. We're just constantly recording things.

redes sociais e são apresentados alguns exemplos a respeito de restrições do uso de *smartphones* em shows. O quinto capítulo é dedicado à apresentação das estratégias metodológicas elegidas para este estudo, desde as técnicas de coleta e análise de dados até o roteiro de ações em campo. No sexto capítulo é feita a descrição dos dados obtidos a partir da observação participante e das entrevistas, incluindo o perfil dos informantes da etapa de entrevistas em profundidade. O sétimo capítulo concatena a análise dos resultados da pesquisa às teorias previamente abordadas, em uma discussão reflexiva sobre os tópicos encontrados, que são separados por seções que vão de um a sete. O oitavo capítulo abarca uma discussão final retomando as reflexões feitas previamente, com enfoque especial à resposta ao problema de pesquisa. Por fim, o capítulo nove reúne as considerações finais acerca do trabalho aqui desenvolvido, incluindo as limitações e contribuições deste estudo, assim como as sugestões para trabalhos futuros.

1.1 Campo de estudo

Por fatores como a localização geográfica, a temporalidade em relação ao momento da pesquisa, a magnitude e a representatividade do evento e as relevantes peculiaridades do gênero e do artista em específico para o estudo do tema desta pesquisa, foi definido como campo o show “*Us + Them*”, de Roger Waters, ex-membro do Pink Floyd, realizado no estádio Beira Rio, na cidade de Porto Alegre, no dia 30 de outubro de 2018. A turnê “*Us + Them*” foi anunciada em novembro de 2017, e contou com oito shows no Brasil, nas cidades de São Paulo (dias 09 e 10 de outubro), Brasília (13 de outubro), Salvador (17 de outubro), Belo Horizonte (21 de outubro), Rio de Janeiro, (24 de outubro), Curitiba (27 de outubro) e encerrando em Porto Alegre (no dia 30 de outubro).

Na década de 60, os então estudantes de arquitetura Roger Waters, Nick Mason e Richard Wright deram início ao que viria a se tornar a banda britânica de rock Pink Floyd – nome e característica sonora surgidos da mente inventiva do guitarrista e vocalista Syd Barrett, cuja entrada na banda passa a demarcar o início desta, em 1965. Aproximadamente dois anos depois, “o homem que descobriu o Pink Floyd desapareceu completamente da cena, em algum lugar do diagnóstico da terra de ninguém entre a psicose do LSD e a esquizofrenia” (KITTLER, 2014, p. 47). A saída de Barrett daria lugar ao guitarrista David Gilmour e a uma nova reconfiguração criativa, capitaneada por Roger Waters. A banda prosperou nessa formação por aproximadamente vinte anos, período de

lançamento dos clássicos discos *The Dark Side of the Moon*, de 1973, e *The Wall*, de 1979, recordes em vendas entre os álbuns do Pink Floyd. Em 1985, no entanto, as disputas internas se acirraram a ponto de eclodir com a saída de Waters da banda e o início de sua batalha legal para que o nome Pink Floyd não continuasse sendo adotado pelos demais integrantes. Após anos de uma desgastante briga tensionada por Waters e Gilmour, os integrantes remanescentes da banda garantiram perante os tribunais o direito de prosseguir utilizando o nome da banda e lançaram mais três discos após a saída de Waters, e prosseguiram fazendo turnês até 1996 (BLAKE, 2012). No entanto, ainda se reconhece como período áureo do Pink Floyd o demarcado entre os anos de 1965 e 1985, quando as figuras de Barrett (ainda que brevemente) e Waters o integravam. Este havia se tornado o principal compositor após a saída de Barrett, não sendo surpresa que, depois de ter deixado o grupo, Waters tenha continuado integrando essas músicas em suas apresentações ao vivo (KÄRKI, 2016).

Após o término da banda, seus integrantes David Gilmour e Roger Waters, já em carreiras solo, representaram a possibilidade do público fã de Pink Floyd ter contato com a atmosfera proporcionada pela execução das músicas da banda em shows ao vivo. Ao se tratar deste último, que é o enfoque deste trabalho, Waters já esteve no Brasil em turnês destinadas a dois dos principais álbuns do Pink Floyd: em 2007, com a *tour* “*The Dark Side of the Moon*”, em duas apresentações, uma no Rio de Janeiro em 23 de março, e outra em São Paulo, em 24 de março. E, em 2012, com a *tour* “*The Wall Live*”, passando pelas cidades de Porto Alegre no dia 25 de março, Rio de Janeiro, em 29 de março, e São Paulo, em 01 e 03 de abril. Outras passagens de Roger Waters pelo Brasil em sua carreira solo foram em 2002, com a turnê “*In The Flesh?*”, com 4 apresentações (Rio de Janeiro, 9 de março; Porto Alegre, 12 de março; e São Paulo, 14 e 15 de março); em 2008, apresentando sua ópera “*Ça-Ira*”, baseada na Revolução Francesa, com uma apresentação em Manaus, que foi tocada pela orquestra Amazonas Filarmônica na abertura do XII Festival Amazonas de Ópera, e supervisionada durante toda a montagem pelo próprio Roger Waters; e em 2013, quando o músico voltou ao Brasil para apresentar a ópera *Ça Ira* em São Paulo (WIKIPÉDIA, *online*).

Em entrevista à revista *Rolling Stone* (2017, *online*), Waters comentou o tema da última turnê, explicando o motivo pelo qual leva o título da música “*Us and Them*”, do álbum “*The Dark Side of the Moon*”:

[...] nessa música há uma frase que diz “Com, sem / E quem negará que o conflito é sobre isso?” E eu percebi que, nos últimos anos, o interessante dessa letra que escrevi em 1973 é que a resposta para a pergunta seria: “Quase todo

mundo”. Quase todo mundo acha que a luta é sobre ideologia. Todos dirão: “Bem, a luta é toda sobre o Oriente Médio.” “Bem, é sobre os muçulmanos começarem a jihad.” “É sobre terrorismo.” “É sobre isso ou aquilo.” E não, não é. É sobre dinheiro.¹⁸

Roger Waters é conhecido por seu posicionamento crítico a respeito de questões políticas e existenciais, que é expresso nas letras de suas músicas desde o início de sua carreira, e em suas declarações em entrevistas e perfis oficiais em redes sociais, conforme se abordará na seção 3.3. Considerando que a turnê ocorreria durante o período de eleições no Brasil, o músico já havia declarado previamente que iria utilizar espaço de suas apresentações ao vivo para fazer as pessoas refletirem sobre a situação política do país e sobre o papel de cada um para a transformação do atual cenário – e de fato o fez, de acordo com o que foi observado na discussão deste trabalho. Além disso, desde o anúncio da turnê, destacava-se a expectativa de um show capaz de superar qualquer espetáculo de música já visto, reforçada na mensagem de divulgação que estampava a tela inicial do site oficial do músico:

As lendárias performances ao vivo de Roger Waters são reconhecidas como experiências sensoriais imersivas com produção audiovisual de última geração e som quádruplo de tirar o fôlego. Esta nova turnê promete não ser exceção, após meses de planejamento meticuloso e artesanato visionário, ela irá inspirar multidões com sua entrega poderosa para levar o público em uma jornada musical.¹⁹

Nesse sentido, sua turnê *Us + Them* foi um manifesto de seu do posicionamento crítico, sempre atento ao contexto atual, amparado por uma suntuosa estrutura de alta qualidade técnica, meticulosamente pensada para dar vida às histórias contadas em suas letras. Entre os elementos desta estrutura estavam cerca de cem painéis compondo um telão de 70 metros de largura por 14 de altura, duas torres que se moviam acompanhadas de animações projetadas no telão e um porco inflável gigante mantido por cabos de aço sobrevoando o público, em alusão à capa do disco “*Animals*”, além de feixes de luz que

¹⁸ No original: [...] because in that song, there’s a line that goes, “With, without/And who will deny that’s what the fighting’s all about?” And I’ve realized in the last few years that the interesting thing about that lyric that I wrote in 1973 is that the answer to the question would be, “Almost everyone.” Almost everybody thinks that the fight is about ideology. Everybody will tell you, “Well the fighting is all about the Middle East.” “Well, it’s about Muslims starting jihad.” “It’s about terrorism.” “It’s about this or that.” And no, it’s not. It’s about money (ROLLING STONE, 2017, *online*).

¹⁹ No original: Roger Waters’ legendary live performances are renowned as immersive sensory experiences featuring high class, state-of-the-art audio visual production and breathtaking quad sound. This new tour promises to be no exception, following months of meticulous planning and visionary craft, it will inspire crowds with its powerful delivery to take the audience on a musical journey. (Disponível em: <<https://rogerwaters.com/>>. Acesso em: 03 set. 2018).

eram projetados em cima do público, formando um prisma²⁰, em referência à célebre capa do álbum “*The Dark Side of the Moon*”, do qual faz parte a faixa “*Us and Them*”, que intitula a turnê.

1.2 Problema de pesquisa

Com base no que já foi exposto, a pesquisa aqui proposta tem como intuito motriz responder a seguinte questão: De que forma o uso de *smartphones* para filmar e fotografar o show *Us + Them* de Roger Waters transformou a experiência do público em Porto Alegre?

1.3 Objetivos

A partir do problema de pesquisa acima apresentado, a revisão teórica e a investigação empírica que aqui se desenvolvem têm por objetivo geral investigar como a prática de utilizar *smartphones* para filmar e fotografar durante um show de rock reconfigura a maneira como esta experiência é vivenciada, sob o ponto de vista do público. Como objetivos específicos, tem-se:

- a) Analisar as motivações para a prática de utilização do *smartphone* para fotografar e filmar durante um show de rock.
- b) Verificar como o público percebe a experiência de show de rock e o uso de *smartphones* durante o evento.
- c) Averiguar a relação dos membros do público com seus celulares.

1.4 Justificativa

A realização da pesquisa proposta neste projeto é justificada a partir de três fundamentos, que são, respectivamente: a relevância do tema; a aderência à linha de

²⁰ Segundo o designer Storm Thogerson, responsável pela criação da capa, “O triângulo é símbolo do pensamento e da ambição, que eram assuntos recorrentes nas letras de Roger (Waters). O prisma foi uma consequência do triângulo. Ele celebra o show de luzes dos concertos do Floyd. O prisma é próprio Pink Floyd”. Disponível em: <<https://www.radiorock.com.br/2019/03/01/dark-side-moon-pink-floyd-completa-46-anos/>>. Acesso em 20 mar. 2019.

pesquisa “Informação, Redes Sociais e Tecnologias” do PPGCOM ao qual pertence; e o interesse e a afinidade da pesquisadora em relação ao objeto, que foram determinantes no momento de escolha do tema a ser investigado neste trabalho.

Apesar de ser um tema vigente e que tem gerado reflexões em meios midiáticos como revistas, jornais, *podcasts* e sites especializados, a discussão nos termos que se levanta aqui ainda é incipiente no âmbito acadêmico. A partir da pesquisa realizada junto a bases de dados acadêmicas nacionais e internacionais²¹, foram encontrados poucos trabalhos abordando temas, ainda que tangenciais a este, como a experiência de shows ao vivo (MCKINNA, 2014; HOLT, 2010; FRITH, 2007) – especialmente em shows de rock (HOPPER, 2016; HAYS, 1985), as emoções atreladas a essas experiências de música ao vivo (SCHÄFER et al., 2013; GABRIELSSON & WIK, 2003), o uso de *smartphones* durante esses eventos (GLITSOS, 2016; BENNETT, 2014; COLBURN, 2013) e a prática de filmar e fotografar o show (KJUS, 2018; KJUS & DANIELSEN, 2017, 2014; LINGEL & NAAMAN, 2011). Dado o fato de que *smartphones* são muito presentes em shows hoje e seu papel enquanto participantes dessa experiência ainda é um tema pouco explorado, este trabalho reforça sua relevância.

Em acréscimo a isso está a ligação do tema à linha de pesquisa de Informação, Redes Sociais e Tecnologias do PPGCOM da UFRGS, por se tratar de um estudo aplicado à compreensão de fenômenos sociais mediados pelas tecnologias, bem ao encontro do que a ementa desta linha propõe. A fim de refletir a rápida evolução dessas tecnologias e o dinamismo que permeia a relação entre estas e os sujeitos em suas práticas cotidianas, abordagens desse tipo devem ser constantemente atualizadas, mantendo o debate em pauta também em nível acadêmico. Nos últimos anos, o *smartphone* se tornou prosaico e, em muitos casos, inseparável dos sujeitos em suas atividades diárias, não sendo exagero afirmar ser este o objeto que mais acompanha as pessoas em todas as instâncias da vida contemporânea. Nesse sentido, estudar o fenômeno que se delineia neste trabalho com a abordagem aqui proposta pode contribuir, também, para a reflexão sobre essas práticas para além do contexto de show, sendo, portanto, de suma relevância.

Cabe salientar, também, a justificativa de cunho pessoal para a realização desta pesquisa, já que todo trabalho se deve muito aos interesses e gostos particulares de seus pesquisadores, além da trajetória de estudos destes. A começar por esta trajetória, é válido

²¹ Entre elas, Banco de Teses e Dissertações da Capes, Portal de Periódicos da Capes, Anais da Compós, *Research Gate*, *Sage Journals*, *Taylor & Francis Journals*, além de outras locais encontrados a partir de pesquisa em ferramentas de busca e indexação como o Google Acadêmico.

comentar a experiência de pesquisa que deu início ao interesse em seguir por esta linha, que foi o trabalho de conclusão de curso (TCC) realizado em 2016 com o título “O papel da publicação de *selfies* no Facebook para a construção da identidade”, também sob orientação do professor Dr. Alex Fernando Teixeira Primo. Na época, ainda com muita insegurança para expressar claramente as inquietações em forma de problema de pesquisa, esta pesquisadora começou a delinear um dos fortes interesses que viria a se desenvolver melhor depois, que era compreender o papel das fotografias de si (como *selfies*) tiradas a partir desta tecnologia tão presente hoje, o *smarphone*, para as dinâmicas de formação da própria identidade e dos processos de inclusão dos sujeitos em seus núcleos sociais na contemporaneidade. Assim, o projeto redigido para ingresso no mestrado do PPGCOM/UFRGS, no ano seguinte (2017), carregava muito dessa problemática e se propunha a ser uma espécie de extensão da pesquisa para suprir o que não havia sido possível abarcar no TCC em virtude da restrição de tempo desta modalidade – isto é, buscava compreender a construção da identidade a partir do uso simultâneo de múltiplas plataformas de redes sociais *online*, como Facebook, Instagram e WhatsApp.

No entanto, o primeiro ano de mestrado, e todo o universo de possibilidades de pesquisa que começou a se desenhar de forma mais profunda à medida que as disciplinas iam sendo cursadas, aliado às experiências pelas quais se passava em outros âmbitos, confluíram para o progressivo aumento do anseio de alterar o tema e todo o projeto de pesquisa. Todavia esse processo não é nada simples, ainda mais quando a curiosidade é sua característica principal (como no caso em questão), e a vontade de ler sempre mais coisas preenche a mente com infinitas ideias e perguntas de pesquisa – o que só foi se reforçando mais a cada disciplina, congresso e conversa do período. Toda atividade é insumo para a criação e, como este trabalho destacará, algumas experiências são especialmente marcantes – e também decisivas para que *insights* aconteçam.

Como frequentadora assídua de shows de rock – quando possível, comendo aquela parcela do público que vai cedo para a fila com o intuito de ficar na grade bem em frente ao palco –, já havia me chamado a atenção a quantidade de pessoas do público que filmavam e fotografavam durante os shows, principalmente em 2017. Por vezes eu também me via em meio à inquietação entre registrar algo com o celular ou simplesmente me deixar levar pela experiência a ponto do meu registro sensorial e perceptivo formar a lembrança mais forte daquele momento. Além disso, pela minha paixão por fotografia e música, já tendo atuado como fotógrafa de shows em alguns espaços de Porto Alegre, tive

a oportunidade de, ao fotografar a performance do artista e a interação da banda com os fãs durante o show a partir do palco, ter outro ângulo de visão sobre a dinâmica dessa experiência. Entretanto, curiosamente, a proporção desse fenômeno me saltou aos olhos em um ambiente fora dos shows, em uma situação em que atuei como fotógrafa de uma formatura para ajudar alguns amigos, no final de 2017.

Na ocasião, havia inúmeros fotógrafos contratados pelos pais dos formandos para fotografar e filmar todos os momentos da formatura sob diversos ângulos, alguns dedicados apenas ao momento em que o formando era chamado, outros ao momento em que este recebia os cumprimentos dos membros da mesa, mais um estava a postos para fazer a foto do formando com o colega que havia acabado de se formar e, tantos outros, sucessivamente, incluindo a minha atividade que era de fotografar a reação dos pais assim que o filho fosse chamado para receber o diploma. Minha expectativa foi a de captar expressões faciais emocionadas, mas fui surpreendida por um obstáculo – que, talvez, já poderia ter suposto, mas não em tamanha proporção: o mar de *smartphones* posicionados em frente ao rosto, em que a pessoa assistia ao vídeo enquanto filmava o momento que se desenrolava em sua frente. A ação já parecia até ensaiada e se repetia de crianças a avôs, envolvendo toda a família – uma fileira inteira que se levantava já com o celular preparado para registrar tudo avidamente, posicionando-o bem diante dos olhos, entre a pessoa e o momento especial a ser captado.

Nesse ponto minhas inquietações sobre o tema a floraram, pois, a princípio, este me parecia o lugar com possibilidade de ser mais livre de telas de celular, considerando que já havia muitos fotógrafos para registrar tudo. Com isso, me perguntava: o que motiva essa necessidade incessante de capturar os momentos com o celular? O que está envolvido nesse fenômeno? E resolvi buscar formas de explorar o tema em um cenário em que é possível observar a prática acontecendo em larga escala (considerando o grande público mobilizado), em que emergem ainda várias outras problemáticas pertinentes ao estudo do problema, e que já muito frequentei: um show de rock. Foi dessa forma que iniciei a problematização do tema desta pesquisa, em janeiro de 2018. Desde esse momento de maturação inicial do tema da pesquisa até o prazo final de conclusão do mestrado – aproximadamente um ano – foi percorrida a complexa tarefa de conciliar a produção de uma dissertação com as demais jornadas do dia a dia. Ainda que tendo por hábito um ritmo de produção intensivo nesse período, com vários finais de semana de imersão e muitas noites em claro, tendo por companhia apenas a discografia do Pink Floyd emanando a mil pelos fones de ouvido – e de, na reta final, ter restringido o meu próprio

uso de celular, principalmente bloqueando todas as redes sociais para intensificar o foco na escrita –, o tempo sempre parece correr de forma contrária. Com toda certeza, cada dia a mais possibilitaria aperfeiçoamento e aprofundamento maior das inúmeras questões emergidas do campo de análise, já que este é um processo que nunca se esgota, e que poderá vir a ser retomado em futuras investigações.

Dando andamento, o próximo capítulo tem o propósito de apresentar conceitos teóricos relevantes para estudo do tema, a partir da articulação de ideias dos principais teóricos identificados no percurso de exploração bibliográfica, de forma a garantir o substrato necessário para posterior análise dos dados empíricos coletados. Inicia-se pelo conceito de experiência que, além da definição inicial do termo, ainda abrangerá tópicos atinentes às principais características da experiência, a alguns tipos como experiência de *flow* e experiência culminante, bem como às relações entre experiência e tempo e à discussão da comunicação da experiência.

2 PARA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA

*[Experiência] é do passado na medida em que vem expressamente como a continuação do passado; é do futuro na medida em que o futuro, quando vier, a terá continuado*²² (William James, 1904).

*Nós somos a soma de todos os momentos de nossas vidas – tudo o que é nosso está neles*²³ (Thomas Wolfe, 1929).

Com a finalidade de se traçar um entendimento significativo sobre o tema experiência, é importante explorar suas diferentes conceituações e, principalmente, delinear uma definição de trabalho para o escopo deste estudo.²⁴ A concepção de experiência é comumente encontrada em pesquisas das áreas da Educação, da Sociologia, da Filosofia, da Antropologia e da Psicologia – e todos “aqueles que descrevem seu trabalho como pragmático ou fenomenológico tornaram-na um foco central”²⁵ (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 51).

De início, destaca-se o trabalho do pragmatista John Dewey, das primeiras décadas do século XX, para o qual (assim como para os demais pragmatistas) a experiência é tida como ponto de partida da investigação filosófica e é afastada de qualquer redução a categorias como comportamento, sentimento ou conhecimento. Conforme McCarthy e Wright (2004), para os pragmatistas a experiência é mais pessoal que o comportamento, maior do que sentimento e mais abrangente do que o conhecimento, já que busca envolver o relacionamento completo de uma pessoa a nível sensorial, emocional e intelectual com o meio social e físico em que ela se encontra.

Em sua obra “Arte como experiência”, Dewey (1934) dedica um capítulo em especial para tratar do que é ter uma experiência, iniciando com a afirmação de que “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 1934, p. 109). Nesse sentido, experiência é toda troca que ocorre entre alguém ou algo e o meio em que está inserido.

²² No original: “[Experience] is 'of' the past, inasmuch as it comes expressly as the past's continuation; it is 'of' the future in so far as the future, when it comes, will have continued it (JAMES, 1904, p. 570).

²³ No original: “We are the sum of all the moments of our lives—all that is ours is in them” (Thomas Wolfe, 1929).

²⁴ Cabe frisar que a discussão teórica deste capítulo, assim como dos capítulos seguintes (2, 3 e 4), vai compor a análise da pesquisa.

²⁵ No original: “[...] those who describe their work as pragmatist or phenomenological have made it a central focus” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 51).

Ela pode ser categorizada em dois tipos diferentes, nominados por Dewey (1934) de incipiente e singular. A experiência vivida é incipiente quando se inicia e se interrompe, seja por interrupções externas, seja por letargia interna, que promovem distrações ou dispersões em forma de discordância entre o que se pensa, o que se deseja e o que se obtém. Segundo a definição desse tipo de experiência, algo a interrompe e atrapalha sua continuidade em direção ao fim pelo qual foi iniciada. Por outro lado, o segundo tipo, definido como experiência singular, ocorre quando

[...] o material vivenciado faz o percurso até sua consecução. Então, e só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizado e sua autossuficiência. Trata-se de *uma* experiência (DEWEY, 1934, p.110, grifo do autor).

Nesse sentido, *uma* experiência é definida como aquilo que se costuma chamar de “experiências reais”, aqueles momentos marcantes entre as recordações que uma pessoa tem e que esta demarca como *aquela* momento. Conforme enfatiza o autor, “a experiência singular tem uma unidade que lhe confere seu nome – aquela refeição, aquela tempestade, aquele rompimento da amizade” (DEWEY, 1934, p. 112). Essa unidade é composta por uma qualidade singular que atravessa toda a experiência, independentemente da variação de suas partes, e que a distingue de outros acontecimentos.

Jorge Larrosa Bondía traz como definição: “[...] a experiência é isso que me passa. Não isso que passa, senão isso que me passa” (2011, p. 5). Essa afirmação denota que a experiência requer um elemento externo, um “isso” que supõe a ideia de acontecimento exterior, ao mesmo tempo em que o pronome “me” demarca algo interno – o lugar da experiência está em cada indivíduo, e assim esta é sempre subjetiva, particular. Dizer que a experiência é subjetiva e individual significa que, ainda que várias pessoas façam parte do mesmo acontecimento, elas não podem viver a mesma experiência. O espetáculo pode ser o mesmo, mas o que as atravessa é singular e diz respeito somente àquele momento, que representará uma experiência única e irreproduzível. Já o verbo “passar” é utilizado na definição justamente pela acepção de passagem, de travessia que a experiência carrega, como destaca o autor ao analisar também a própria estrutura da palavra:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indoeuropeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há

numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. [...] Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (LARROSA, 2002, p. 25, grifo do autor).

Conforme Valverde (2008, p. 10), “a experiência seria, então, o meio e o modo que alguém teria para ir além do registro que circunscreve sua identidade pessoal atual, para amadurecer enquanto pessoa, tendo, portanto, que correr o risco de se perder, para poder se afirmar”. A noção de Larrosa (2002) destaca o aspecto de passagem atrelado à experiência, bem como seu caráter singular, enquanto experiência subjetiva e individual, e em termos de unicidade no caso de experiências que se destacam do curso diário de ações. Nesse sentido, Dewey (1934) dialoga sobre o que seria *uma* experiência, enquanto singular, em relação à outra experiência qualquer. Esta diz respeito a uma atividade prosaica da vida, que geralmente passa até despercebida devido à familiaridade com que é executada no dia a dia e na qual não há estado emocional ou afetivo diretamente associado a ela – como enviar e-mail ou usar um processador de texto, por exemplo; já aquela é carregada de forte apelo emocional e segue uma linha de consecução com início, meio e fim. Ou seja, ‘experiência’ pode ser instantânea, mundana e prosaica, e o significado ou a emoção especial dessa experiência podem torná-la ‘uma experiência’, apta a ser marcante e lembrada posteriormente (AL-AZZAWI, 2014).

O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1976) demarcou de modo similar uma distinção entre mera ‘experiência’ e ‘uma experiência’. Segundo o autor, mera experiência seria a simples resignação e aceitação dos eventos que ocorrem, enquanto que ‘uma experiência’ se destacaria da uniformidade de horas e anos que passam e formaria o que Dilthey denomina de “estrutura da experiência”. Como explica Turner (1986), isso quer dizer que ela não tem um início ou fim arbitrários, mas segue, pois, uma estrutura, que Dewey (1934) chamaria de ‘uma iniciação e uma consumação’. Cada um de nós já teve certas experiências que foram transformativas ou formativas, distinguíveis de outros eventos externos, como iniciações em novos modos de vida (o primeiro dia na escola, entrar para o exército, casar-se, etc.) ou o envolvimento “naquilo que Emile Durkheim chamou de ‘efervescência social’ (uma campanha política, uma declaração de guerra, [...] a crise dos reféns iranianos ou a Revolução Russa)” (TURNER, 1986, p. 35).²⁶ Algumas

²⁶ No original: “being caught up in some mode of what Emile Durkheim called ‘social effervescence’ (a political campaign, a declaration of war, [...] the Iranian hostage crisis, or the Russian Revolution)” (TURNER, 1986, p. 35).

dessas experiências são profundamente pessoais, ao passo que outras são compartilhadas com os grupos aos quais pertencemos por nascimento ou opção – como a escolha de se juntar a um grupo de fãs durante um show.

Os dois tipos de experiência perpassam a nossa vida, e a experiência incipiente pode se tornar uma experiência singular, concebida na obra de Dewey (1934) a partir da experiência estética, como bem analisado por McCarthy e Wright,

[...] o modelo de ação de Dewey foi projetado para restaurar a continuidade entre formas refinadas e intensificadas de experiência – cujo paradigma é a experiência estética – e os eventos cotidianos, feitos e sofrimentos que constituem a experiência comum. Ele argumentou que toda a experiência pode ser rica e gratificante, e que a democracia criativa só pode prosperar quando valorizamos a experiência rica em todos os aspectos de nossas vidas e estamos preparados para trabalhar no sentido de realizar o potencial da vida humana (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 54).²⁷

Para Dewey (1934), a experiência estética serve como uma chave para compreender quão rica cada experiência pode ser. Comumente usada para se referir ao que se entende como ‘belas artes’, a palavra “estética” tem um sentido mais amplo na visão do autor. Dewey (1934) relacionou a experiência estética de ouvir música ou de contemplar uma pintura, por exemplo, com o que ele chamou de experiências estéticas cotidianas cruas, que exigem nossa plena atenção – desde eventos dramáticos como a implosão controlada de um bloco de torre ou um objetivo desafiador em uma partida de futebol até atividades mais tranquilas, como cuidar de uma criança ou se dedicar à jardinagem. “O que une todos esses exemplos é que eles descrevem os tipos de momentos e atividades em que vivemos plenamente, atividades cheias de significado e valor que também são, em geral, principalmente sensuais” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 58).²⁸ Essa perspectiva que remete ao aspecto ‘sensual’ da experiência diz respeito ao que McCarthy e Wright (2004) delimitaram como “*the four threads of experience*”, selecionados a partir da leitura feita por eles da literatura pragmática, principalmente de John Dewey, como será visto a seguir.

²⁷ No original: Dewey’s model of action was designed to restore the continuity between refined and intensified forms of experience – the paradigm of which is aesthetic experience – and the everyday events, doings, and sufferings that constitute ordinary experience. He argued that all experience can be rich and fulfilling, and that creative democracy can thrive only when we value rich experience in all aspects of our lives and are prepared to work toward fulfilling the potential in human life (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 54).

²⁸ No original: “What holds all these examples together is that they describe the kinds of moments and activities in which we live fully, activities filled with meaning and value that are also often primarily sensuous” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 58).

2.1 As quatro características principais da experiência

Tendo como base que não há elementos fundamentais da experiência, McCarthy e Wright (2004) buscaram tecer como parâmetro alguns tópicos que pudessem ajudar na compreensão do termo para análise em sua obra *“Technology as Experience”*, de 2004. Os autores elencaram quatro pontos como principais para o entendimento da experiência, sendo eles: o sensual, o emocional, o composicional e o espaço-temporal.

O primeiro deles, que é o sensual, “está preocupado com o nosso envolvimento sensorial com uma situação, que nos orienta para o caráter concreto, palpável e visceral da experiência”²⁹ (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 80). Os autores destacam a importância do envolvimento sensorial para compreender, por exemplo, nossa experiência no contato com as tecnologias contemporâneas, como “no caso de amor quase universal com o telefone celular”³⁰ (ibid, p. 82) ou nas interações das crianças com GameBoys.

O corpo, os sentidos e a fisicalidade da tecnologia são intrínsecos à interação. Crianças brincando com GameBoys demonstram isso com mais clareza. Eles muitas vezes parecem se agachar sobre esse pequeno objeto que elas seguram entre suas mãos enquanto seus polegares respondem com grande velocidade e destreza às imagens e sons do jogo. Muitas vezes essas crianças estão tão absorvas no jogo que não podem ouvir ou ver qualquer outra coisa ao seu redor. Elas estão completamente atentas, absorvidas, intensamente concentradas e imersas ou perdidas em uma atividade (ibid).³¹

Para Benson (1993), tal absorção é tida como um dos atributos centrais de uma experiência estética na qual há a sensação de quebra de barreiras entre o eu e o objeto, como se ocorresse até mesmo uma efusão de si no objeto. Quanto ao segundo aspecto, o emocional, o uso pragmatista da emoção é diferente da maneira habitual de pensá-la como algo que existe independentemente da experiência. “Para Dewey, as emoções são qualidades de experiências particulares. Elas são a cor disparada através da experiência que mantém todos os aspectos da experiência juntos e a torna diferente de outras

²⁹ No original: “[...] is concerned with our sensory engagement with a situation, which orients us to the concrete, palpable, and visceral character of experience” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 80).

³⁰ No original: “the almost universal love affair with the mobile phone” (ibid, p. 82).

³¹ No original: The body, the senses, and the physicality of the technology are intrinsic to interaction. Children playing with GameBoys demonstrate this most clearly. They often seem to crouch over this small object that they have grasped between their hands as their thumbs respond with great speed and dexterity to the sights and sounds of the game. Very often these children are so absorbed in the game that they cannot hear or see anything else around them. They are completely attentive, engrossed, intensely concentrated, and immersed or lost in an activity (ibid).

experiências” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 83).³² Mais ainda, as emoções pertencem a um eu engajado em determinada circunstância e não existem separadas do indivíduo, da situação ou dos sentimentos que este tem em relação à situação em específico.

A terceira ideia trata do que os autores chamam de composicional, e diz respeito ao relacionamento entre as partes e o todo de uma experiência. Ao se pensar na experiência como o fluxo cotidiano de eventos, nota-se que muitos deles passam despercebidos, destacando-se a experiência que for tida como estética, estimulante e satisfatória. Isso não significa que algumas atividades ou eventos tenham como característica intrínseca a satisfação e outros não, ao invés disso, tem-se que “a qualidade estética do evento reflete a maneira em que a pessoa e o evento se relacionam entre si”³³ (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 88).

A forma de se engajar a um evento pode ser imersiva ou não. Quanto maior for o engajamento, mais provável é que tal experiência seja significativa e valiosa. É possível também tomar decisões prévias concernentes ao início e ao fim das experiências, compondo o que Jackson (1998) chama de “experiência de enquadramento”. Ao se enquadrar uma experiência e entregar-se da forma mais plena que houver à tal situação prévia e deliberadamente moldada, começa-se a trazer estrutura e significado para a experiência.

[...] Já fazemos isso de várias maneiras, em maior ou menor grau. Alguns de nós criam um espaço específico em nossos dias para ler ou escrever. Outros reservam uma hora de cada dia para um almoço social, durante o qual damos nossa atenção a comer e conversar, e fazemos um esforço sério para não sermos distraídos – por exemplo, desligando nossos telefones celulares. Ainda, outros separam um tempo para brincar com os filhos, provavelmente entre chegar em casa do trabalho e colocar as crianças para dormir. Nós até chamamos isso de ‘tempo de qualidade’. Pode, é claro, envolver partes maiores de tempo, como seria o caso de um projeto de jardinagem realizado durante uma temporada. O fato de distinguirmos entre tempo de qualidade e projetos especiais, por um lado, e apenas responder a eventos, por outro, sugere que não podemos fazer um esforço para estruturar nossa experiência o tempo todo. No entanto, o ponto é que, para que a experiência seja estética, temos de nos esforçar pensando sobre o que fazemos e promovendo um contexto significativo em relação ao qual o significado dos eventos possa emergir (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 89).³⁴

³² No original: “For Dewey, emotions are qualities of particular experiences. They are the color shot through the experience that holds all aspects of the experience together and makes it different from other experiences” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 83).

³³ No original: “[...] The aesthetic quality of the event reflects the way in which person and event relate to each other” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 88).

³⁴ No original: “[...] We already do this in a number of ways, to a greater or a lesser extent. Some of us create a specific slot in our day for reading or writing. Others set an hour aside each day for a social lunch, during which we give our attention to eating and conversing, and make a serious effort not to be distracted – for example, by switching off our mobile phones. Yet others set time aside for playing with their children,

É como se o esforço dedicado pela pessoa para o enquadramento da experiência fosse recompensado com a qualidade de algumas experiências. Voltando-se ao objeto de estudo desta pesquisa, tal esforço de enquadramento da experiência pode ser representado pelos preparativos que antecedem a ida a um show. Desde a compra do ingresso, o ato de ouvir as músicas e ver vídeos de shows anteriores no período que precede a data do show, as conversas com outros fãs a respeito da expectativa pelo show, até a formação de filas em frente ao local do evento.³⁵ Tudo isso requer tempo e dedicação, que são recompensados pela experiência estética satisfatória gerada, principalmente no momento do show.

Segundo Dewey, as experiências estéticas são formas refinadas da experiência prosaica. Como já vimos, ‘experiência’ refere-se a transações entre nós e os objetos e eventos que compõem o mundo em que atuamos. Quando estamos imersos na experiência, os elementos da experiência interpenetram-se de tal maneira que perdemos nosso senso de separação do eu, dos objetos e dos eventos. As distinções entre esses elementos são destacadas quando algo dá errado com uma experiência ou quando fazemos uma pausa para refletir sobre a experiência por algum outro motivo. É no contexto de tal colapso na experiência que isolamos elementos para tentar explicitamente entender o que está acontecendo (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 90).³⁶

É a própria dimensão composicional que parece se fundir em uma só quando a experiência é imersiva. A sensação de perder a noção do eu, do tempo e do espaço, transportam o sujeito para um estado de transe. “[...] Enquanto imerso na experiência, tende-se a esquecer não apenas os problemas e circunstâncias que nos cercam, mas a própria individualidade. É como se a consciência do ser estivesse temporariamente suspensa” (CSIKSZENTMIHALYI, 2004, p. 47). O autor se refere a esse tipo de

probably between arriving home from work and getting the children to bed. We even call it ‘quality time’. It can, of course, involve larger chunks of time, such as would be the case with a gardening project undertaken over a season. The fact that we distinguish between quality time and special projects on the one hand and just responding to events on the other suggests that we cannot make the effort to frame our experience all the time. Nonetheless, the point is that if experience is to be aesthetic, we have to put some effort into it by thinking about what we do and by providing a meaningful background against which the meaning of events can emerge (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 88).

³⁵ Para um estudo mais detalhado desses momentos de preparação pré-show, principalmente sobre as filas, ver o trabalho de Michelli Viana Agliardi (2017), “A Expansão da Experiência: Estudo sobre a formação de filas antecipadas em eventos”. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172560>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

³⁶ No original: According to Dewey, aesthetic experiences are refined forms of the prosaic experience. As we have seen already, ‘experience’ refers to transactions between us and the objects and events that make up the world in which we act. When we are immersed in experience, the elements of experience so interpenetrate each other that we lose our sense of the separation of self, objects, and events. Distinctions between these elements are highlighted when something goes wrong with an experience or when we pause to reflect on the experience for some other reason. It is in the context of such a breakdown in experience that we isolate elements to try explicitly to make sense of what is happening (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 90).

experiência como “experiência ótima” (*optimal experience*) ou experiência de *flow*, conforme será tratado na seção 2.2.

O último aspecto da experiência elencado por McCarthy e Wright (2004) é o espaço-temporal. Toda experiência tem um componente espaço-temporal, assim, espaço e tempo permeiam a linguagem de experiência. Eles são construídos por meio da interação, e podem ser conectados ou desconectados. “Em nossa construção do aspecto espaço-temporal de uma experiência, podemos distinguir entre espaço público e privado; podemos reconhecer zonas de conforto e fronteiras entre o eu e o outro, ou entre o presente e o futuro” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 91).³⁷ Tais construções interferem nos resultados experienciais, isto é, no tipo e forma de experiência que irá se desenvolver. A centralidade da questão espaço-temporal para a experiência também é defendida por Coyne (1999), segundo o qual, por mais que se possa interpretar de muitas formas diferentes, o fenômeno do tempo em si – isto é, a noção de se situar em um presente com um passado atrás e um futuro pela frente – é absoluto. A relação entre tempo e experiência será abordada com maior enfoque no tópico 2.3. Por ora, cabe ressaltar que essas duas últimas características, composicional e espaço-temporal, são as que se fundem e se perdem quando a experiência vivida é envolvente a ponto de o sujeito perder a noção do tempo, do local em que está e da própria consciência sobre si mesmo, como é o caso em uma experiência de *flow*, que será discutida no próximo subitem.

2.2 Experiência de *flow* e experiência culminante

A teoria do *flow* de Csikszentmihalyi (1990) diz respeito àquele momento de profunda concentração e envolvimento da pessoa em uma atividade que traz grande satisfação, e desloca percepções de consciência, tempo e lugar. A partir de centenas de entrevistas, o autor chegou a oito dimensões do que denominou de *flow*³⁸ – por ser o termo que muitos entrevistados usaram para descrever a sensação nas circunstâncias em que se

³⁷ No original: “In our construction of the spatio-temporal aspect of an experience, we may distinguish between public and private space; we may recognize comfort zones and boundaries between self and other, or between present and future” (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 91).

³⁸ Em seu primeiro livro dedicado ao tema, publicado em 1975 e intitulado ‘*Beyond Boredom and Anxiety*’, o autor fala da motivação para estudar esse tipo de experiência que viria a chamar de *flow*: “Em um mundo supostamente regado pela busca do dinheiro, poder, prestígio e prazer, é surpreendente encontrar certas pessoas que sacrificaram todas essas metas por nenhuma razão aparente: pessoas que arriscam suas vidas escalando montanhas, que devotam suas vidas à arte, que despendem suas energias jogando xadrez. Descobrimos por que elas estão dispostas a desistir de recompensas materiais pela elusiva experiência de desempenhar ações satisfatórias, nós esperamos aprender algo que nos permitirá tornar a vida cotidiana mais significativa” (CSIKSZENTMIHALYI, 1975, p. 1).

sentiam vivendo ao máximo. Csikszentmihalyi (2000) observa que, em uma experiência de *flow*, não é necessário que todas as dimensões estejam presentes para caracterizá-la como tal. Elas servem como guia para interpretar o estado ou para buscar entrar nele.

De forma bastante resumida, essas dimensões são as expostas a seguir, que o autor identifica como características do *flow*: a) sensação de controle, não como um controle total da situação, mas como uma noção de que ele é possível, na forma de saber lidar com a situação; b) profunda concentração, que funde a consciência com a ação, dando a sensação de que os movimentos acontecem sem nenhum esforço; c) foco no presente, sem pensamentos ou preocupações sobre passado ou futuro; d) distorção da percepção do tempo, a duração parece se expandir e se contrair no mesmo instante; e) consciência sobre o próprio ser é suspensa, as identidades sociais são temporariamente esquecidas; e f) atenção total – o sujeito presta muita atenção na própria atividade, tornando a experiência autotélica (KAMEI, 2010).

O conceito de *flow* concebido por Csikszentmihalyi (1990) teve como referencial mais próximo o termo *peak experience* (experiência culminante ou experiência de pico, em português), de Abraham Maslow (1954). O psicólogo americano Maslow (1954) é autor da conhecida teoria da hierarquia de necessidades, mais conhecida como “pirâmide de Maslow”, segundo a qual o ser humano age de acordo com uma necessidade motivadora que, assim que sanada, dará lugar à outra, sucessivamente, até chegar ao topo da escala concebida pelo autor como uma pirâmide. As necessidades da base da pirâmide devem ser supridas primeiro, e correspondem às necessidades fisiológicas, como respiração, comida, água, sexo, sono, homeostase, excreção. No nível seguinte estão as necessidades de segurança, que vão desde a preocupação com o próprio corpo até a segurança de ter um trabalho, um lugar para viver, etc. Já no terceiro nível aparecem as necessidades sociais, ou seja, de pertencer a um grupo e de ter trocas afetivas. O quarto nível é o das necessidades de estima, e está relacionado à maneira como a pessoa se vê e como é vista pelos outros, sua autoestima, suas conquistas, o quanto é valorizado em seu meio, etc. Por fim, o nível do topo da pirâmide corresponde às necessidades de realização pessoal, em que a pessoa busca a autorrealização desenvolvendo seus potenciais, a fim de atingir a satisfação plena. Esse último nível só pode ser atingido se atendidas todas as necessidades dos quatro níveis anteriores, segundo o autor. Maslow (1954) relaciona *peak experience* à *self-actualisation* (ou autorrealização, em português), o mais alto nível da pirâmide, ao analisar as descrições de seus entrevistados sobre momentos de grande

alegria, satisfação e êxtase, ou a melhor experiência de suas vidas, como um verdadeiro pico que se destaca entre as demais experiências já vividas.

Maslow sugeriu alguns efeitos posteriores de experiências de pico, como efeitos terapêuticos no sentido de remover sintomas; mudança da visão de uma pessoa sobre si mesmo, sobre outras pessoas e sobre o mundo; e uma liberação para maior criatividade. A experiência é lembrada como um acontecimento muito importante e desejável que se quer repetir; a pessoa está mais apta a sentir que a vida em geral vale a pena (GABRIELSSON & LINDSTRÖM, 2003, p. 159).³⁹

Essa experiência culminante (ou de pico), proposta por Maslow (1954), e descrita como momentos em que o sujeito é tomado por grande êxtase e deslumbramento, e se sente envolvido e absorto na experiência, pode ser entendida como um pico dentro da própria experiência que a torna especial e memorável (KAMEI, 2010). A experiência de *flow* pode levar a uma experiência culminante, e é nesse ponto que os dois conceitos se assemelham. De maneira similar está a perda da noção do tempo em ambas as conceituações.

2.3 Experiência e tempo

Dewey (1934, p. 229) pontuou em seus estudos que a experiência sempre tem uma história, de modo que “uma experiência instantânea é uma impossibilidade”. Essa afirmação demarca a importância do tempo no contexto da experiência. Segundo Al-Azzawi (2014), existem dois tipos de tempo: o tempo físico, capaz de ser medido em um relógio, por exemplo; e o tempo psicológico, que é estimado por alguém a partir de sua percepção. Outra relação temporal que se dá é através da experiência prospectiva e retrospectiva, conforme explica o autor:

[...] Existem importantes distinções e paralelos entre as naturezas do tempo e da experiência. A sugestão é que a experiência tem uma natureza dupla. A primeira é a experiência prospectiva, que é um processamento imediato de um senso contínuo de tempo, como na experiência de Dewey. No entanto, a outra natureza da experiência é a de uma experiência retrospectiva que é o resultado da compreensão de mudanças contextuais, conforme descrito pela constância na reinterpretação entre ‘unidades de experiência’, para criar um todo. Isso é o que Dewey chama de experiência e é semelhante à compreensão. [...] O primeiro alimenta o último para criar um todo, que em última análise, constrói

³⁹ No original: Maslow suggested some after-effects of peak experiences such as therapeutic effects in the sense of removing symptoms; change of a person's view of himself, of other people and of the world; and a release for greater creativity. The experience is remembered as a very important and desirable happening wanted to be repeated; the person is more apt to feel that life in general is worthwhile (GABRIELSSON & LINDSTRÖM, 2003, p. 159).

uma conexão perpétua do passado, presente e futuro. Essa conexão é, em última análise, a fundição do significado (AL-AZZAWI, 2014, p. 11).⁴⁰

Dilthey (1976) também percebeu essa fundição do significado como o aspecto que mantém presente e passado juntos, de modo que a experiência atual sempre considera o passado e antecipa o futuro. O autor via a vida como uma ‘progressão inquieta’, em que todos os acontecimentos estavam organizados em uma sequência temporal. E, quanto a essa progressão sequencial dos eventos, Turner (1986) destacou esses momentos observados e pontuados pelas pessoas em suas narrativas como formas de contar o que é mais significativo em suas vidas. Nesse sentido, a experiência é tida como uma sequência isolável marcada por inícios, meios e finais, a partir dos momentos de reflexividade e compreensão de significado usados como recorte de destaque na experiência individual.

Na vida real, todo começo tem seus antecedentes, e um final não implica que o tempo parou ou que o evento acabou. Criamos as unidades de experiência e significado a partir da continuidade da vida. Toda revelação é uma imposição arbitrária de significado no fluxo da memória, na medida em que destacamos algumas causas e desprezamos outras; isto é, toda revelação é interpretativa. O conceito de experiência, então, tem uma dimensão temporal explícita em que passamos ou vivenciamos uma experiência, que então se torna autorreferencial no ato de contar (BRUNER, 1986, p. 7).⁴¹

A partir dessas perspectivas, tem-se uma importante reflexão na relação entre tempo e experiência. Conforme Bruner (1986) e Csikszentmihalyi (1990), a observação do tempo enquanto se está vivendo uma experiência age como uma espécie de corte que interrompe o próprio fluxo da experiência vivida – como se o sujeito, ao pensar sobre a experiência enquanto está sendo vivida, fosse o responsável por interromper sua imersão nela. A outra questão diz respeito à escolha dos recortes a serem feitos para situar a experiência vivida em uma sequência com início, meio e fim, compondo unidades de significado para comunicar o que se experienciou.

⁴⁰ No original: [...] There are important distinctions and parallels between the natures of time and experience. The suggestion is that experience has a dual nature. The first is the prospective experience, which is an immediate processing of a continuous sense of time, as in Dewey’s experience. However, the other nature of experience is that of a retrospective experience which is the result of understanding contextual changes, as described by the constancy in re-construing between ‘units of experience’, to create a whole. This is what Dewey calls an experience and is akin to understanding. [...] The former feeds the latter to create a whole, that ultimately builds a perpetual connectedness of past, present and future. This connectedness is ultimately, the foundry of meaning (AL-AZZAWI, 2014, p. 11).

⁴¹ No original: In real life every beginning has its antecedents, and an ending does not imply that time has stopped or that the event is over. We create the units of experience and meaning from the continuity of life. Every telling is an arbitrary imposition of meaning on the flow of memory, in that we highlight some causes and discount others; that is, every telling is interpretive. The concept of an experience, then, has an explicit temporal dimension in that we go through or live through an experience, which then becomes self-referential in the telling (BRUNER, 1986, p. 7).

2.4 Comunicação da experiência

Na visão de Dilthey (1976), toda experiência, seja pessoal, seja compartilhada, incita a comunicação com os outros, já que, como seres sociais, manifestamos a vontade de compartilhar o que aprendemos com a experiência. Nesse sentido, destaca Turner (1986, p. 37), “o ímpeto do pavão para exibir-se não se distingue da necessidade ritualizada de se comunicar. O eu e o não-eu, o ego e o não-ego, a autoafirmação e o altruísmo, encontram-se e se fundem em comunicações significativas.”⁴² A problemática que se levanta no âmbito da experiência diz respeito ao resultado que o ímpeto de comunicar pode ter quando surge antes mesmo daquela ser findada.

Para compreender melhor esse raciocínio, retomemos o percurso de uma ‘experiência total vivenciada’ a partir da argumentação de Dewey (1934). Seguindo a perspectiva de que uma experiência singular é composta por um processo com início, meio e fim, o autor também defende que esta tem padrão e estrutura, que consiste na alternância do fazer e do ficar sujeito a algo. No exemplo trazido pelo autor, pôr a mão no fogo não significa, imperiosamente, ter uma experiência – há que estarem unidas ação e sua consequência na percepção, já que essa relação é o que confere significado. Por conseguinte, a experiência é limitada por tudo que interfere na percepção da relação entre ‘o estar sujeito e o fazer’.

Pode haver interferência pelo excesso do fazer ou pelo excesso da receptividade daquilo a que se é submetido. O desequilíbrio em qualquer desses lados embota a percepção das relações e torna a experiência parcial e distorcida, com um significado escasso ou falso. O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação. O que é chamado de experiência fica tão disperso e misturado que mal chega a merecer esse nome. [...] As experiências também têm seu amadurecimento abreviado pelo excesso de receptividade. Nesse caso, o que se valoriza é o mero passar por isto ou aquilo, independentemente da percepção de qualquer significado. O acúmulo de tantas impressões quanto for possível é tido como ‘vida’, muito embora nenhuma delas seja mais do que um adejo e um gole bebido depressa (DEWEY, 2010, p. 123 e 124).

É digno de nota como esse excerto da obra de Dewey, publicada originalmente em 1934, ressoa tão bem o que se vivencia hoje, diante da ubiquidade de aparelhos como o *smartphone*, conforme será discutido pormenorizadamente mais adiante. Por ora, no

⁴² No original: “[...] the peacock's urge to display is indistinguishable from the ritualized need to communicate. Self and not self, ego and ego-lessness, assertion and altruism, meet and merge in signifying communication” (TURNER, 1986, p. 37).

que tange às conceituações de experiência, tem-se a dificuldade levantada por Bruner (1986) em suas análises acerca da antropologia da experiência e do trabalho enquanto pesquisador da experiência. O autor comenta que não há capacidade de conhecer completamente as experiências de outra pessoa, porque só se pode experienciar a própria vida, ou seja, esbarra-se nas limitações da experiência individual. No entanto, para tal aparente restrição, Dilthey (1976) argumenta que é possível transcender a esfera estreita de uma experiência ao se interpretar expressões.⁴³ Por expressões, o autor se refere a representações, performances, objetivações ou textos, isto é, todo material que é criado pelo sujeito a partir de sua experiência no mundo. Tal material se manifesta por meio da comunicação, segundo destaca Mateus (2014, p. 2):

Devemos, pois, ao processo comunicacional a oportunidade de fundar coletivamente a experiência. Esta é sempre uma interação assegurando à comunicação a tarefa de coordenação dos comportamentos de acordo com as regras e pressupostos que conferem relevância à experiência. É porque consiste num deslocamento dos limites e numa exposição simbólica do indivíduo ao mundo que podemos afirmar a natureza eminentemente social da experiência (MATEUS, 2014, p. 2).

Nesse viés, a comunicação atua como forma de expressão da experiência individual, fundando um aspecto inerente da experiência, que é seu caráter social. Comunicação e experiência se assemelham por serem ambas integrais e inclusivas, compondo todos os aspectos da vida. Para Mateus (2014), a comunicação é tida como um tipo de experiência, que permite a construção do *self* à medida em que ocorre a interação que o processo comunicacional possibilita.

Percebida como experiência, a comunicação acontece por causa dos indivíduos que, dessa maneira especial, entram em convivência. Ela realça a interdependência do homem enquanto animal social. Por outro lado, a comunicação não é apenas uma experiência. Ela contribui decisivamente para a própria partilha coletiva da experiência, a qual, deste modo, se publicita e se torna uma experiência singular que se pluraliza e se comunga. [...] Com efeito, ela molda e configura a experiência na medida em que toda a vida social passa, num ou noutro momento, pelo processo comunicacional. (MATEUS, 2014, p. 2).

Ao se pensar na relação da comunicação com a experiência, levanta-se também outra problemática que diz respeito à mediação da comunicação e sua influência no empobrecimento da experiência, segundo a visão de Walter Benjamin. Principalmente em sua obra “Experiência e pobreza”, de 1933, o filósofo alemão reflete sobre a maneira como o declínio da arte narrativa gera um declínio da comunicabilidade da experiência e,

⁴³ Como também argumenta Cavicchi (1998, p. 19), “[...] *one can never truly move beyond one's own; another person's experience can be shared only through the artifice of expression*”.

por conseguinte, seu empobrecimento. Benjamin (1933) demarca o momento na história em que a prática da experiência contada de geração a geração é interrompida e se prolifera a informação transmitida pela escrita, após a I Grande Guerra.

[...] Está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. [...] Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. [...] Nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? (BENJAMIN, 1933, p. 114).

Como destaca Mateus (2014, p. 4) em seus estudos sobre a obra do ensaísta alemão, “com o enfraquecimento da narrativa, é a própria forma artesanal da comunicação que se fragiliza, uma comunicação que relata e relaciona, que vincula narrador e ouvinte, uma comunicação inscrita na experiência dos homens e decalcada da sua vida”. Mateus (2014) busca analisar o contexto contemporâneo de midiatização da comunicação e seus efeitos sobre a experiência a partir da Teoria da Experiência de Benjamin (1939), em que este desenvolve seus conceitos, ora muito conhecidos, de *Erfahrung*, (que se traduz para Experiência), e *Erlebnis*, (em português, Vivência, ou experiência vivida), com base em suas análises sobre a sociedade moderna.

Erfahrung e *Erlebnis* são dois tipos de compreensão da relação experiencial do indivíduo com o mundo. A Experiência aponta para a partilha simbólica, para a transmissão da tradição, para o contínuo intergeracional, para um tempo lento como condição de colocar em perspectiva os indivíduos, de os fazer ligar e comunicar. A Vivência, por seu turno, denota um tempo rápido, pontilhado, cadenciado, a comunicação vista à luz da sociedade de informação. As vivências requerem uma comunicação mais fugaz e efêmera, a experiência vivida como algo que não pode esperar, algo que é sentido e imediatamente partilhado ao mundo. É por isso que a midiatização contemporânea da comunicação privilegia a experiência vivida (MATEUS, 2014, p. 11).

A obra de Benjamin segue um percurso que situa a midiatização da comunicação como cerne do empobrecimento da *Erfahrung* (MATEUS, 2014). Soma-se a isso sua importante e conhecida crítica no texto intitulado “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, em que Benjamin enfatiza o declínio da experiência no plano estético, associando-o à perda da aura da obra de arte em virtude da reprodutibilidade técnica e do surgimento de uma sociedade de massa que nivela e simplifica tudo.

De modo similar, Larrosa (2002) enfatiza que viver uma experiência, em sua real inteireza de sentido, está cada vez mais raro, principalmente por causa de quatro fatores, que são abordados a seguir. O primeiro deles é o excesso de informação. “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. A informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência” (LARROSA, 2002, p. 21). Nesse ponto, o autor destaca o saber de experiência e o difere de saber coisas, de “estar informado”, em que a busca desenfreada por informação impede que algo realmente aconteça e toque o sujeito.

A informação só é válida enquanto atualidade. Só vive nesse momento, entregando-se-lhe completamente, e é nesse preciso momento que tem de ser esclarecida. A narrativa é muito diferente; não se gasta. Conserva toda a sua força e pode ainda ser explorada muito tempo depois (BENJAMIN, 1992, p. 35).

Por ser um reporte de fatos imediatos, a informação carece de uma dimensão experiencial, levando à sua atrofia, isto é, “a informação é rápida, ao contrário da experiência que se caracteriza por um tempo lento de construção. [...] Falta-lhe [à informação] uma forma germinativa capaz de alimentar a experiência e de suportar no tempo” (MATEUS, 2014, p. 5). O segundo fator que tem anulado a experiência é o excesso de opinião, segundo Larrosa (2002), e está bastante relacionado com o primeiro. Para o autor, ambos se converteram em imperativos e, da mesma forma que ocorre com a informação, a obsessão pela opinião enfraquece as possibilidades de experiência.

O terceiro elemento destacado pelo autor como responsável por tornar a experiência mais rara é a falta de tempo. “Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 23). Essa velocidade e o que ela causa, a falta de silêncio e de memória, também acabam com a experiência, já que cada acontecimento é logo substituído por outro sem nem haver sequer se concluído, sem deixar qualquer vestígio.

Por último, o quarto fator que torna a experiência cada vez mais escassa é o excesso de trabalho. Este está bem relacionado com o terceiro, já que o excesso de trabalho e de atribuições gera também a falta de tempo. Para Larrosa (2002, p. 24), o sujeito moderno se “relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. [...] Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, regular algo. Independentemente de este

desejo estar motivado por uma boa vontade ou uma má vontade, o sujeito moderno está atravessado por um afã de mudar as coisas”. A consequência disso são sujeitos superinformados, superestimulados, que nunca podem parar. Contexto tal em que a experiência, este algo que nos passa, que nos acontece, não tem vez.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Com base nesses aspectos que possibilitam a experiência, Larrosa (2002, p. 24) explica o que seria o sujeito da experiência, definido “não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. [...] Um sujeito ex-posto⁴⁴”, com tudo o que essa condição de exposição carrega de suscetibilidade e de risco. É alguém que está aberto a se deixar levar pelo acontecimento, a ser atravessado por ele, sem impor barreiras. Essa exposição vai ao encontro da definição de experiência de Heidegger (2003), segundo o qual fazer uma experiência significa se deixar abordar pelo que lhe interpela, é sofrer, padecer, aceitar, submeter-se de modo a ser transformado pela experiência, seja no transcurso do tempo, seja de um dia para o outro. Neste ponto reside outro papel fundamental da experiência, que é sua capacidade de transformação. Mas somente o sujeito da experiência, ao se expor, pode estar propenso à sua própria transformação, segundo a argumentação de Larrosa (2002).

Mesmo que se considere a potencialidade que uma experiência vivida intensamente tem de ser transformadora e memorável, cabe destacar que os quatro fatores referidos pelo autor podem não ser um impedimento à experiência em si, já que esta acontece de toda forma e a todo momento. Tal noção fica clara no exemplo trazido por John McCarthy (2004) ao contar sua experiência de percorrer Samaria Gorge, o maior desfiladeiro da Europa.

Retroceder na experiência de percorrer o desfiladeiro para descrevê-lo para um amigo é, obviamente, viver a experiência de descrever, e não a experiência descrita. Mas, no entanto, é uma experiência. Porque estamos

⁴⁴ Hífen intencional utilizado pelo autor, ao relacionar as variadas formas de se “por”. Em suas palavras, “do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a ‘o-posição’ (nossa maneira de opormos), nem a ‘im-posição’ (nossa maneira de impormos), nem a ‘pro-posição’ (nossa maneira de propormos), mas a ‘ex-posição’, nossa maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’” (LARROSA, 2002, p. 25).

sempre envolvidos na experiência, não há visão de Deus ou posição privilegiada de neutralidade ou autoridade (MCCARTHY & WRIGHT, 2004, p. 50).

Inclusive, quando se tenta distanciar-se de uma experiência para descrevê-la, ela está presente, por emanar emoções em seu próprio ato de rememoração. Tal rememoração consiste em “uma atividade de reencontro de passado e presente enquanto articulação de uma diferença produzida pelo distanciamento. É a reiteração desse reencontro que estrutura a experiência” (GATTI, 2009, p. 173). Essa discussão será retomada posteriormente, em cruzamento com os dados empíricos. Antes disso, porém, é importante aprofundar um pouco mais a reflexão deste tópico, delimitando o que está envolvido na experiência de show, sobre a qual este trabalho se debruça.

3 SHOWS AO VIVO E A EXPERIÊNCIA MUSICAL

A performance ao vivo oferece copresença física e corporal em um espaço social e material. Nesse sentido, poderíamos dizer que a performance de palco oferece um contraste com os espaços “barulhentos” e desincorporados da comunicação na sociedade da informação digital⁴⁵ (Fabian Holt, 2010).

A música tem o potencial de proporcionar a sensação de transcendência, de se entrar em estado de *flow* (CSIKSZENTMIHALYI, 1990), principalmente em uma experiência considerada de pico (*peak experience*, MASLOW, 1954) como pode ser a de estar em uma apresentação ao vivo diante de seu artista preferido. Tal possibilidade tem sido ampliada através das consideráveis mudanças nos meios para acessar – e, conseqüentemente, experienciar música, que confluíram para uma espécie de “boom da música ao vivo”, conforme matéria publicada pelo *Financial Times* em 2010.

Segundo McKinna (2014, p. 69), “a mudança na indústria fonográfica nos últimos dez anos, em grande parte devido à digitalização e à internet, levou à importância crescente das turnês como forma dos músicos ganharem dinheiro”.⁴⁶ Em um cenário em que a música está disponível a todo momento e lugar por meio das plataformas de *streaming*, era esperado no negócio musical que a música ao vivo se tornasse menos importante. No entanto, como sugerem Kjus & Danielsen (2014), ao se observar a popularidade e o aumento do número de shows e festivais de música, parece que o interesse, status e nível de atividade nesse domínio cresceu em meio ao contexto de música gravada onipresente. “Uma razão pode ser que a música ao vivo tenha sido percebida como uma experiência musical única e rara – algo que esperamos ser particularmente intenso e surpreendente, ou, em suma, destacar-se de nossa escuta diária”⁴⁷ (KJUS & DANIELSEN, 2017, p. 3).

Outra razão que se pode associar à mobilização de um público cada vez maior para eventos ao vivo como shows está relacionada aos seguintes conceitos tratados por Maffesoli (2010): neotribalismo, ética da estética e estar-junto. Segundo o autor, o

⁴⁵ No original: “The live performance offers physical, bodily co-presence in a social and material space. In this sense, we might say that stage performance offers a contrast to the ‘noisy’ and disembodied spaces of communication in the digital information society” (HOLT, 2010, p. 253).

⁴⁶ No original: “The change in the record industry in the last ten years, largely due to digitization and the internet, has led to the increased importance of touring as a way for musicians to earn money” (MCKINNA, 2014, p. 69).

⁴⁷ No original: “One reason may be that live music has become perceived as a unique and rare musical experience – something that we expect to be particularly intense and surprising, or, in short, to stand out from our everyday listening” (KJUS E DANIELSEN, 2017, p. 3).

neotribalismo, em que a estética passa a ser o laço afetivo de ligação entre os sujeitos, desponta como característica principal da sociedade pós-moderna. Em sua análise das aparências na sociedade contemporânea, o sociólogo francês indica uma espécie de ética da estética, em que as uniões são pautadas pelos sentimentos, isto é, a partir de um critério subjetivo que contrasta com a lógica racional que fora tão exaltada pela modernidade. “É essa sinergia, ainda bem misteriosa, bem pouco teórica que, com muita certeza, serve de terreno às diversas agregações afetivas que, aliás, designei pela metáfora de neotribalismo” (MAFFESOLI, 2010, p. 56). Impera uma outra lógica, a do estar-junto, que o autor também chama de “cultura do sentimento”, cuja preocupação única é o presente vivido coletivamente (LEMOS, 1999).

Conforme aponta Lemos (1999), na visão de Maffesoli, a lógica individualista da modernidade se apoiava sobre uma identidade fechada – sobre o indivíduo, cuja identidade provinha de seu interior. Por outro lado, na pós-modernidade essa lógica dá lugar à de pessoa plural (*persona*), que por sua vez só existe na relação com o outro, eis o que motiva a necessidade tribal: “para se construir com o outro, pelo outro e no outro” (LEMOS, 1999, p. 11). Maffesoli (2010) ressalta as noções de tribo, de atração e de participação ao comentar que, “de um modo empírico, inúmeros casos de experiência estão aí para nos lembrar que o pertencer a uma comunidade, a busca de uma proximidade fusional, os processos de imitação, o contágio afetivo retornam com força na vida pública” (MAFFESOLI, 2010, p. 307). O autor cita a embriaguez musical como um desses fenômenos que colocam a tônica sobre o todo, em prevalência às diferentes partes que o compõem.

Soma-se a isso outro aspecto levantado pelo sociólogo francês, a respeito do polo idealizado em torno do qual irá se constituir a aglomeração de grupo. Ao se considerar a multidão que se forma para assistir a um show de rock, o polo idealizado pode ser entendido como o astro do rock – o artista que faz o público se reunir para vê-lo se apresentar ao vivo. Na perspectiva deste trabalho, por exemplo, o músico Roger Waters ou sua banda original Pink Floyd podem ser entendidos como polos idealizados, motivando a mobilização que irá formar o público do show. Da mesma forma poderia se falar de polo idealizado tendo como exemplo outra banda ou astro, pois a questão é a estrutura formada a partir deste polo, como destaca Maffesoli (2010):

É menos esse ou aquele indivíduo idealizado que importa, do que o efeito da estrutura de que ele é apenas um dos polos. O que é essencial é o estar-junto suscitado pela identificação. O objeto a que se refere a fascinação pode se saturar ou perder seu poder de imantação, [...] em compensação, perdura a estrutura que faz com que esse poder seja atribuído a um outro objeto que

desempenhará, por sua vez, a função de agregação (MAFFESOLI, 2010, p. 289).

Nesse sentido, o polo idealizado só vale como tal a partir do que lhe trazem seus fãs, isto é, do significado e valor que estes lhe creditam, e da consequente agregação gerada em uma situação como a de show. Cabe abordar também a perspectiva de que o astro de rock enquanto objeto de fascinação é cada vez mais transformado em produto midiático na lógica de consumo capitalista, que atinge seu ápice na consumação de espetáculo em que figura o show.

3.1 Economia da experiência e festivalização: show como espetáculo

Os shows de rock da atualidade, que acontecem em grandes arenas e estádios, não são apenas um evento musical, mas um grande espetáculo de consumo visual e sensorial, compostos por estruturas de palco e de produção robustas, com o propósito de intensificar a experiência do público. Como será abordado em mais detalhes na seção seguinte, “algo a mais está em jogo na mercadoria do rock: o que está sendo vendido é uma lembrança de estar lá, um produto exclusivo do evento”⁴⁸, aliada a uma espécie de ‘novo tipo de CD à venda’, proporcionado pela tecnologia digital (como o *smartphone*) e disponível apenas para quem esteve no evento: a possibilidade de gravar instantaneamente o próprio show (FRITH, 2007, p. 5).

Esses megaeventos também se inserem na lógica de consumo e se relacionam à crescente utilização do marketing experiencial – ou, conforme Pine & Gilmore (1998, p. 97), “*the emerging experience economy*” – como maneira das marcas de associarem seus produtos a experiências capazes de gerar fortes emoções no público; e, conseqüentemente, maior lembrança da marca também. “Enquanto ofertas econômicas anteriores – mercadorias, bens e serviços – são externas ao comprador, as experiências são inerentemente pessoais, existindo apenas na mente de um indivíduo que se envolveu em um nível emocional, físico, intelectual ou mesmo espiritual”⁴⁹ (PINE & GILMORE, 1998, p. 99).

⁴⁸ No original: “[...] something more is at stake in rock merchandise: what is being sold is a memento of being there, a product unique to the event” (FRITH, 2007, p. 5).

⁴⁹ No original: “While prior economic offerings – commodities, goods, and services – are external to the buyer, experiences are inherently personal, existing only in the mind of an individual who has been engaged on an emotional, physical, intellectual, or even spiritual level” (PINE & GILMORE, 1998, p. 99).

Tais motivações explicam o sucesso e a frequência com que ocorrem grandes festivais de música como o Rock in Rio⁵⁰ e o Lollapalooza⁵¹, no Brasil, e tantos outros mundo afora. Nesses eventos, são mobilizadas questões que vão além do consumo de música, já que muitas marcas ajudam a compor o cenário do que será a experiência do festival. Em adição a isso, autores como Bennett et al. (2016, p.12) referem esse momento como a tendência de festivalização da cultura, “[...] comunicando algo significativo sobre identidade, comunidade, localidade e pertencimento”.⁵² A argumentação de McKay (2015, p. 4) reside nesses termos, ao destacar que, “em uma era digital, a motivação para a reunião social do festival pode ser em parte como compensação pela difundida experiência atomizada e privatizada da mídia e tecnologia contemporâneas”⁵³. O ponto ressaltado por McKay (2015) como motivador para a ida a um festival se assemelha ao que é mobilizado em um show isolado, porém, este carrega alguns aspectos diferentes sobre as quais se atentará aqui, já que um show em específico é o foco deste trabalho.

Quando se trata de um show destinado a um artista em especial, ao contrário de um festival em que várias bandas se apresentam, vem à tona um investimento pontual maior tanto para os organizadores quanto para o público. O cachê cobrado pela banda é mais alto pelo tempo de sua apresentação ser maior (geralmente em torno de 2 a 3 horas, em comparação à apresentação em um festival que costuma ser de, no máximo, 1 hora para a banda principal e de 30 a 40 minutos para as demais bandas) e por toda a produção envolvida em uma turnê isolada. Assim, o valor dos ingressos costuma ser mais caro também, por vezes atingindo um custo superior a mil reais no setor logo em frente ao palco (conhecido como pista Premium) ou nos espaços de camarotes (em que são fornecidas bebidas e comidas especiais). Para situar melhor a compreensão dessa diferença, tomemos como exemplo o valor dos ingressos para o show da banda Guns N’ Roses em duas oportunidades: um show da banda realizado em Porto Alegre no dia 08 de novembro de 2016 e um show da banda no festival Rock in Rio, no Rio de Janeiro, no dia 23 de setembro de 2017. Desconsiderando as variações econômicas de um ano para o outro, apenas a título de comparação geral, o valor do ingresso para um dia de festival do Rock in Rio custava em torno de 300 reais, e envolvia o acesso à Cidade do Rock (local

⁵⁰ <http://rockinrio.com/rio/pt-BR>

⁵¹ <https://www.lollapaloozabr.com/>

⁵² No original: “[...] communicating something meaningful about identity, community, locality and belonging” (BENNETT et al., (2016, p. 12).

⁵³ No original: “In a digital era the motivation for the social gathering of the festival may be in part as compensation for the pervasive atomised and privatised experience of contemporary media and technology” (MCKAY, 2015, p. 4).

em que é realizado o festival) e a todos os shows que ocorriam ininterruptamente desde a abertura, a partir das 14 horas, até aproximadamente 2 horas da manhã, quando a banda principal (no caso, Guns N' Roses) encerrava o dia do festival. Já o valor do ingresso para o show da banda em sua turnê para o setor em frente ao palco era de aproximadamente 700 reais, contemplando o acesso a um show de abertura a partir das 19 horas e o show da banda das 21 horas à meia-noite. Há muitos outros fatores envolvidos nessa relação, pelo público, do que seria concebido como melhor custo-benefício e, por parte da organização, de como é gerado esse valor (em um festival, por exemplo, costuma haver uma ampla gama de patrocinadores, o que diminui o preço a se cobrar do público). Mas o que se busca salientar aqui é a oportunidade diferente de experiência de show que está em jogo em cada um desses exemplos, a começar pelo preço que cada sujeito se dispõe a investir para participar, como será retomado posteriormente.

Ao realizar a pesquisa bibliográfica sobre experiência de show e experiência musical em geral, a obra de Yngvar Kjus, *“Live and Recorded: Music Experience in the Digital Millennium”*, publicado em fevereiro de 2018, despontou como uma das mais próximas das inquietações suscitadas nesta dissertação. Como o próprio autor comenta, o livro é baseado em seu trabalho de pós-doutorado como membro da pesquisa intitulada *“Clouds and Concerts: Mediation and Mobility in Contemporary Music Culture”*, realizada por pesquisadores do Departamento de Musicologia e do Departamento de Mídia e Comunicação da Universidade de Oslo, na Noruega, entre os anos de 2010 e 2016. “O título do projeto se refere ao fato de que a música cada vez mais reside na onipresente “nuvem” on-line, que se conecta a shows ao vivo de várias maneiras novas”⁵⁴ (KJUS, 2018, p. 13). Em seu livro *“Live and Recorded”*, Kjus (2018) estuda a experiência musical contemporânea a partir das noções de *live* (ao vivo) e *recorded* (gravado), analisando como artistas e público se relacionam com a música a partir das novas tecnologias e, conseqüentemente, como estas tecnologias oferece novas formas de agência musical (ou seja, a capacidade de fazer coisas com a música). A fonte de dados para análise de sua investigação partiu de entrevistas com frequentadores de shows, de observações do próprio pesquisador em suas idas a campo e de materiais produzidos pelas pessoas a partir de seus celulares. Em seus estudos, Kjus (2018) percebe as formas de reprodução que as novas mídias possibilitaram para expansão da experiência de show, do acesso às músicas dos artistas e da relação destes com o público.

⁵⁴ No original: “The project title refers to the fact that music increasingly resides in the omnipresent online “cloud”, which connects to live concerts in various new ways” (KJUS, 2018, p. 13).

‘Música ao vivo’ pode ser definida como o que acontece nos shows enquanto um artista toca sua música para um público que está copresente no espaço e no tempo. ‘Música gravada’ pode ser definida como sons que são criados, armazenados e transportados para as pessoas ouvirem em outros lugares e/ou em momentos posteriores no tempo. Desta forma, o ‘ao vivo’ e a ‘gravação’ são distinguidos pelo espaço e pelo tempo. No entanto, o desenvolvimento de novas mídias permite que ao vivo e gravado se aproximem, e até se sobreponham, de várias maneiras. Gravações de estúdio podem ser feitas e lançadas com maior proximidade a shows ao vivo. A tecnologia de estúdio pode ser trazida para o palco ao vivo, para que a gravação, processamento e edição possam ser integrados à performance ao vivo. O público pode acessar e ouvir gravações a caminho do (ou no) show e **fazer suas próprias gravações em shows, e depois compartilhá-las on-line. Essas transgressões desafiam o que significa ‘estar presente’ nos shows**, bem como a noção de que o público das gravações é disperso e privado⁵⁵ (KJUS, 2018, p. 30, grifo da autora).

O show ao vivo, portanto, consiste nesta ocasião em que os músicos se apresentam em frente a um público, possibilitando uma vasta gama de impressões sensoriais, emoções e memórias em relação à música. Envolve, ainda, a participação em um evento social, que é de suma importância, considerando a visão de Gracyk (1996, p. 78) de que “os prazeres da performance ao vivo são resultado da interação com os outros: o ouvinte individual tem a oportunidade de se comunicar com outros fãs e experimentar um vínculo ilusório com o intérprete”.⁵⁶ Assim, a experiência de show é composta por características perceptivas, psicológicas e sociais, que incluem também peculiaridades específicas do gênero musical a que se enquadra o show.

3.2 A experiência de um show de rock

Neste trabalho, o gênero musical de que se trata é o rock, e isso implica dizer que a experiência de show que se aborda aqui pode diferir consideravelmente do que se vivencia em um show de outro gênero. Definir o que se entende por rock é tarefa difícil,

⁵⁵ No original: ‘Live music’ could be defined as what takes place at concerts as an artist plays their music to an audience that is copresent in space and time. ‘Recorded music’ could be defined as sounds that are created, stored, and transported for people to hear in other places and/or at later points in time. In this way, the live and the recorded are distinguished by both space and time. However, the development of new media allows the live and the recorded to move closer to one another, and even overlap, in various ways. Studio recordings can be made and released with greater proximity to live concerts. Studio technology can be brought onto the live stage, so that recording, processing, and editing can be integrated into the live performance. Audiences can access and listen do recordings on their way to (or from) concerts and make their own recordings at concerts, then share them online. These transgressions challenge what ‘being there’ at concerts means, as well as the notion that the audience of records is dispersed and private (KJUS, 2018, p. 30).

⁵⁶ No original: “[...] The pleasures of live performance as deriving from interaction with others: the individual listener has the opportunity to commune with fellow fans and to experience an illusory bond with the performer” (GRACYK, 1996, p. 78).

como bem destacou Chacon (1985) em seu livro “O que é rock” – cujo título traz o próprio desafio de responder à pergunta. Não se pretende aqui percorrer todo o histórico desse movimento musical, mas é basilar apontar alguns elementos que ajudarão na compreensão da experiência de show do gênero.

O rock surgiu no contexto histórico de pós-guerra dos anos cinquenta, emergindo como forma expressiva de um segmento que se configurava e se fortalecia na América do Norte, a juventude (JANOTTI JR, 2003a). Esta, que se encontrava em um momento de descrença com as grandes ideologias e sem perspectiva política, passou a ter no rock uma forma prática de se energizar e se livrar da chateação do dia a dia – “uma alternativa de viver as experiências da juventude com extrema intensidade e ânsia do presente. Essa vontade de estar junto e partilhar, típica da juventude, contribuiria para o desenvolvimento do Rock enquanto uma prática iminentemente juvenil” (CARDOSO FILHO, 2004, p. 112). O gênero rapidamente se relacionaria a um aspecto de rebeldia, voltada contra todo tipo de instituição de poder – família, escola, governo, igreja e grande indústria, por exemplo.

Tal rebeldia e crítica contra o poderio econômico de grandes gravadoras fez parte do movimento e marcou também o início do gênero como música gravada em pequenos estúdios, por pequenos selos especializados. Essa questão depois viria a gerar a discussão entre a essência do rock estar atrelada à gravação, em que residiria seu objeto estético (GRACYK, 1996), ou à performance ao vivo, com sua força residindo na natureza performática da apresentação ao vivo (BAUGH, 1993) – ou, ainda, em ser a expressão de uma música diferente dos sistemas tradicionais (ATALLI, 2004). Outra problemática que acompanhou o gênero, principalmente em sua origem, foi a oposição entre, de um lado, se posicionar como uma forma de expressão livre e de produção independente em um cenário *underground* e, de outro, entender que para fazer sucesso perante o grande público, era necessário entrar na escala *mainstream* e estar sujeito a se transformar em produto da indústria fonográfica.

Como destaca Grossberg (1997), a identidade e os efeitos do rock são mais abrangentes do que sua própria prática musical, sendo descrito antes como uma cultura, compondo o que ele define como o ‘*rock and roll apparatus*’, que inclui

[...] não somente práticas e textos musicais, mas também determinação econômica, possibilidades tecnológicas, imagens (de músicos e fãs), relações sociais, convenções estéticas, estilos de linguagem, movimento, aparência e dança, comprometimentos ideológicos e representações midiáticas do próprio *apparatus* (GROSSBERG, 1997, p. 22).

Para os inseridos na cultura roqueira, tanto músicos quanto fãs, o rock surge como possibilidade para expressarem seus sentimentos não somente a partir da música, mas também através de suas roupas, atitudes, formas de consumo e relações com os outros (JANOTTI JR., 2003). Sua cultura própria se torna a válvula de escape para aliviar tensões, medos e problemas, além de servir como um mecanismo para compor o modo de ser de seus adeptos.

As raízes musicais do gênero são o *Blues* e o *Rhythm Blues* negros, herdando sua rebeldia e conotações sexuais. Dialoga também com a música *Country* e *Folk*, em um período em que a cultura agrária passava a ser substituída pela urbana e jovem. Outros elementos para demarcar no contexto do período são o início do *baby boom*, a televisão em auge marcando os avanços tecnológicos e a sociedade americana ainda em regime segregacionista e de preconceito racial – os próprios músicos negros precisavam ter suas músicas gravadas por intérpretes brancos para alcançar algum reconhecimento (CARDOSO FILHO, 2004). Nesse cenário, a marca do rock como expressão musical do público jovem veio se afirmar, à época, a partir do sucesso de Elvis Presley⁵⁷ – cuja movimentação corporal (seu famoso requebrado) era vista como indecente por uma parcela dos adultos norte-americanos – e com os filmes *Blackboard Jungle* e *Rock Around the Clock*⁵⁸, responsáveis por popularizar o termo *rock and roll*⁵⁹ e o tema musical de Bill Haley (outro expoente do gênero em ascensão) (JANOTTI JR, 2003a).

O gênero surge marcado, assim, pelo forte apelo corporal que sua sonoridade característica era responsável por ocasionar, impulsionado pelo som distorcido de guitarra que se tornou a marca registrada do rock. “Dentro da música, uma nota distorcida de guitarra parece atingir não só o ouvido e o cérebro, mas cada uma das células do corpo humano, fazendo do rock um dos ritmos musicais mais agitados que se conhece nas sociedades modernas” (CHACON, 1985, p. 6). Basta pensar nas clássicas músicas tidas como hinos do rock para se agitar na cadeira – por exemplo, *Jailhouse rock* de Elvis Presley e *We will rock you*, do Queen.

O caro ouvinte (você por exemplo), irremediavelmente comprometido com o clima, se vê obrigado a dançar e cantar, como no antológico *Twist and shout*

⁵⁷ “O garoto branco que cantava e dançava como um negro”, aspecto que demarca a associação do gênero aos demais estilos de origem afro-americana (CARDOSO FILHO, 2004).

⁵⁸ “Vale ressaltar que em várias partes do mundo foram noticiadas confusões e comportamentos agressivos dos espectadores nas exhibições desses filmes. Alguns países chegaram a proibir a exibição de *Rock Around the Clock*” (JANOTTI JR., 2003a, p. 4).

⁵⁹ O termo *rock and roll* surgiu a partir da junção de duas gírias: *rock*, como referência a sacudir, e *roll*, no sentido de rolar, relacionado a movimentos sexuais – incentivando a resistência da geração mais velha (CARMO, 2003).

(Medley e Russell) que os Beatles immortalizaram. Para entender o rock é necessário não perder isso de vista. Ao contrário da música erudita, que exige o silêncio e o bom comportamento da plateia (imagine o papel ridículo de alguém que se levantasse em pleno Teatro Municipal para alcançar o tom de uma cantora de ópera ou gesticulasse como o maestro), o rock pressupõe a troca, ou melhor, a integração do conjunto ou do vocalista com o público, procurando estimulá-lo a sair de sua convencional passividade perante os fatos. Por isso, dançar é fundamental. Se não houver reação corpórea “quente”, não há rock. [...] Tão corpóreo quanto dançar (mesmo que isso signifique pular) é cantar. Não importa se o tom ou mesmo a letra estão certos. Daí a pouca importância de o roqueiro saber ou não inglês. Se não sabe, inventa. Haverá coisa mais fácil do que gritar “*She loves you*”, *ié, ié, ié*? Perdido na massa dos que habitam os bares e os estádios ou mesmo na solidão livre do seu quarto, o roqueiro se alia ao vocalista na esperança de alcançá-lo, de igualá-lo (CHACON, 1985, p. 5 e 6).

Esse excerto remete ao que faz surgir a experiência de um show de rock, que emerge pela cocriação de três ativos participantes: a banda, o público e o local. Cada qual representa seu papel e a sinergia deles juntos dá origem à atmosfera especial de um show de rock, capaz de proporcionar experiências extraordinárias (HOPPER, 2014). A importância da relação da banda com o público e dos próprios membros do público entre si pode ser verificada nas falas de Ruth Blatt (2014, *online*), de que “através do show de rock, grupos musicais nos ajudam a experimentar nossa humanidade compartilhada” e “qualquer um que tenha participado de um bom show de rock experienciou o amor com completos estranhos”⁶⁰.

Se, num primeiro momento, o rock deve ser associado ao som e ao corpo (“É difícil explicar o rock ‘n’ roll (...). É uma batida que te pega. Você o sente” — Elvis), num segundo estágio ele exige uma explicação menos primitiva (válida, porém insuficiente) e mais social. Como você já deve ter percebido, não me atrai definir como: 1) um tipo especial de som, 2) basicamente americano e 3) uma mercadoria. Todas essas características pecam por não verem que o rock deve ser conceituado a partir do seu mercado consumidor. [...] O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. **O rock é e se define pelo seu público.** Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração. Mais polímorfo ainda porque seu mercado básico, o jovem, é dominado pelo sentimento da busca que dificulta o alcance ao porto da definição (e da estagnação...) (CHACON, 1985, p. 6 e 7, grifo da autora).

Destaca-se, dessa forma, quão vital é a ação do público para o que se descreve como experiência de show de rock – e como próprio rock. Muito mais do que um estilo musical, o rock está relacionado a comportamento e atitude, além de repercutir nas

⁶⁰ No original: “[...] through the rock concert, music groups help us experience our shared humanity”; “[...] anyone who has been to a good rock concert has experienced love with perfect strangers” (BLATT, 2014, *online*).

próprias práticas identitárias. Exemplo disso é a fala de Duff McKagan, baixista da banda Guns N' Roses, em entrevista a Ruth Blatt (2015, *online*), ao destacar como determinados shows ao vivo a que assistiu quando jovem moldaram quem ele é hoje.

Ao se definir o rock e a experiência de show de rock em termos como os supramencionados, poderia se ouvir de quem lê que se incorre aqui no risco de tratar o tema a partir de uma ótica romântica e nostálgica, como um gesto de esquecimento voluntário da lógica de consumo que permeia um “espetáculo de rock” hoje. De fato, como bem aponta Silveira (2014), um show de uma banda, independentemente de qual seja esta, de seu sucesso, de sua aparência ou de suas motivações, é muito provável que carregue todas essas características acima descritas juntas, cada qual à sua medida, por mais contrastante que algumas possam parecer. E mais do que isso, um show [...] será também um evento político, um laboratório de tendências, uma festa, pura e simplesmente, um parque de diversões, uma experiência de arrebatamento; será o campo empírico de um antropólogo, o cenário de um crime, a ambientação de um romance [...], será tantas outras coisas e, inclusive, será também um dispositivo de confronto (SILVEIRA, 2014, p. 2).

Seu trabalho propõe enxergar em um show de rock um dispositivo de confronto, com a clara noção do risco de soar nostálgico ou de superestimar uma tradição que pode estar hoje muito localizada e de potência contida e, justamente por isso, sugere com o intuito de incentivar o resgate dessa força extemporânea. “Suspeitamos que exista uma força essencial na experiência crua do rock que não é da ordem banal de uma performatização como ‘jogo de cena’” (SILVEIRA, 2014, p. 5). O autor rastreia uma vertente histórica do que seria esse dispositivo de confronto, que vai de 1960, em que Bob Dylan o funda⁶¹; é consolidado por Iggy Pop nos anos 70, com a explosão do movimento punk; é radicalizado entre as décadas de 80 e 90, pela figura de G.G. Allin e, na época atual, é transportado pelo grupo chinês Torturing Norse para outro gênero, o *noise music*. Trata-se aqui de shows pequenos, cujas características foram difundidas pelo movimento punk – mas não se restringem a ele – e que contrasta com o outro tipo de dispositivo, de

⁶¹ Ao incorporar definitivamente a guitarra elétrica e o acompanhamento de uma banda de rock em seus shows, Bob Dylan causa a revolta dos fãs que reivindicavam o purismo e a tradição da música *folk*, afastada de apelos tecnológicos e do público tido em tom pejorativo como “adolescente”, consumidor de produtos vistos como “pop” (SILVEIRA, 2014). O autor narra um episódio ocorrido em um show de Bob Dylan na década de 60, em que o jovem Keith Butler, membro da plateia, grita a palavra “Judas!”, ao que Dylan responde ordenando que tocassem ainda mais alto. Este seria “um primeiro irrompimento de aversão na cena pública, de magnitudes históricas, no interior do mercado fonográfico e da visibilidade midiática” – demarcava-se ali, formalmente, o primeiro show de rock como dispositivo de confronto (ibid., p. 7).

grandes shows super espetacularizados, conforme exemplo abordado na próxima seção. A partir do trabalho de artistas como o cantor Iggy Pop, icônico *punk rocker*, cuja trajetória simboliza o caráter disruptivo e confrontacional que constituiria o “substrato mítico e o núcleo fenomênico da experiência histórica do rock”, Silveira (2014, p. 1) destaca as dimensões da experiência humana externalizadas na performance do artista que dão à tônica para a experiência de um show de rock se caracterizar a partir de sua definição como dispositivo de confronto.

Trata-se de uma engrenagem que nos permite suspender, por alguns instantes, voluntariamente, não sem ausência de riscos, é claro, os traços mais marcados de nossa delicadeza, nossa perspicácia e nossa capacidade de nos mantermos resguardados, íntegros, numa indiferença crítica em relação aos estímulos sensoriais (sonoros, visuais e táteis) que temos à disposição. Em maior ou menor grau, há um abandono da civilidade, há um flerte contínuo com a morte: jogar-se, perder os sentidos, exaurir o corpo, desnudar-se, urrar, destruir por completo os instrumentos. Mas este é também um flerte cínico, uma possessão regrada: ao final, embora feridos, extasiados, aos prantos, muito(s) bêbados, todos ou quase todos, geralmente, voltam para casa. É uma falsa mágica, portanto. Uma falsa mágica vivida intensamente, com ardor. É fundamental acreditar nela, levá-la existencialmente a sério. Em alguma medida, ela estará sempre presente. Caso contrário, estaremos diante de um espetáculo de outra natureza, o encantamento terá se dissipado e a ilusão da transcendência terá se perdido, forçando-nos tristemente, quase sem apelo, à verdadeira e inquietante animalidade da qual buscamos fugir (SILVEIRA, 2014, p. 4).

É a partir dessa espécie de falsa mágica, de ilusão de transcendência e estupor que uma experiência de show de rock é capaz de proporcionar, que se pode falar em bem-estar ampliado e autenticidade. Na concepção de Grossberg (1993, p. 204), os shows ao vivo se tornaram uma prova de autenticidade no rock, isto é, “a importância da performance ao vivo está justamente no fato de que é somente aqui que se pode ver a produção real do som e o trabalho emocional realizado na voz”.⁶² Essa experiência de autenticação que o show possibilita, de um lado, para a banda que tem a oportunidade de se expressar perante seus fãs e, de outro, para o público, que se valida enquanto fã e membro de um grupo que aprecia a banda, converge na experiência de show de rock e promove o bem-estar ampliado, conforme demonstra o trabalho de Hopper (2014). O autor faz um percurso muito pertinente para compreensão das experiências de consumo do público de shows de rock e o significado dessas experiências.

Com base na observação de nove shows de rock e de entrevistas com membros do público desses eventos, Hopper (2014) verificou que o principal valor creditado pelo

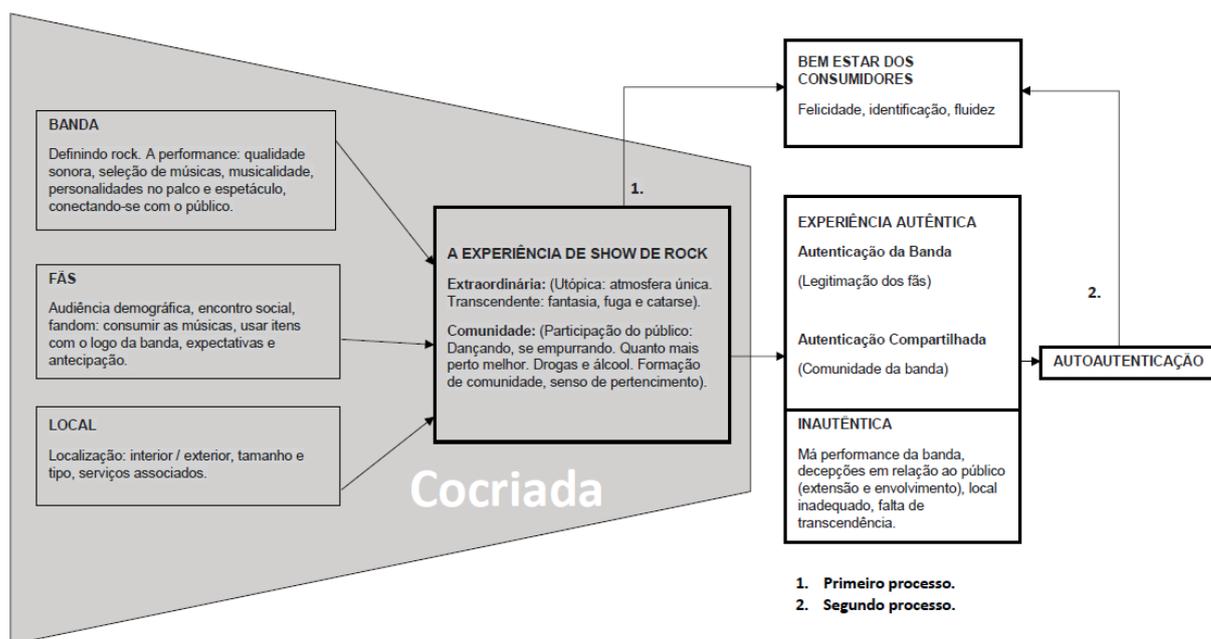
⁶² No original: “The importance of live performance lies precisely in the fact that it is only here that one can see the actual production of the sound, and the emotional work carried in the voice” (GROSSBERG, 1993, p. 204).

público aos shows de rock é o bem-estar ampliado. O autor também constatou junto aos fãs de rock a importância da autenticidade como processo que agrega valor, chegando ao referencial exposto na Figura 1. Esta demonstra que o bem-estar ocorre por meio de dois processos: a cocriação de experiências e a autoautenticação. Na parte central da imagem, o autor define a experiência de show de rock como extraordinária, por proporcionar uma atmosfera única e sensação de transcendência, e como fonte de experiência de comunidade, através do senso de pertencimento de estar junto com outros membros do público como fãs da banda.

No lado esquerdo da estrutura desenvolvida por Hopper (2014) aparecem os três ativos cocriadores da experiência de show de rock, como já mencionado anteriormente. O autor explica cada um deles nos seguintes termos: 1) a banda, a partir da definição de rock e dos fatores que compõem a performance da banda, como a qualidade do som, a seleção das músicas (*setlist*), a habilidade de tocar seus instrumentos, a personalidade do artista e a *persona* no palco tida como característica principal da banda, além da conexão estabelecida com o público⁶³; 2) os fãs, entendidos com base nos dados demográficos de quem frequenta shows de rock e de algumas importantes facetas que os fortalecem enquanto fãs de rock, como as músicas que consomem, as camisetas de banda que vestem e demais itens desta que colecionam, a maneira como decidem em quais shows ir, as expectativas e as atividades que antecipam a ida ao show; 3) e o local, cujos níveis de serviço e estrutura geral (que varia em tamanho e design, podendo ser *indoor* ou *outdoor*) podem influenciar na performance da banda e no engajamento e imersão do público, repercutindo diretamente na experiência de show. Assim, a partir da cocriação dos três elementos destacados à esquerda da Figura 1, chega-se à experiência de show de rock, que pode ser extraordinária e com forte senso de comunidade, formando uma experiência autêntica (conforme coluna à direita) em um processo de autenticação e de legitimidade da banda perante seus fãs e de autenticação compartilhada dos fãs perante a banda, que gera a sensação de bem-estar ampliado e de autoautenticação. O autor também cita os elementos que podem fazer a experiência ser inautêntica e frustrar esse bem-estar, como má performance da banda, local inadequado, desapontamentos em relação ao público (tamanho e envolvimento) e falta de imersão e de transcendência.

⁶³ Como destaca Hopper (2014, p. 75), “os participantes querem que a banda faça com que eles se sintam apreciados como fãs por estarem no show”.

Fig. 1 – Bem-estar ampliado e autoautenticação na experiência de show de rock.



Fonte: Traduzido pela autora a partir de Hopper, 2014, p. 145.

Vários aspectos são mobilizados no relato de um show de rock e da cocriação de experiências e autoautenticação dele decorrentes. Nesse sentido, as descrições da experiência de quem já esteve em um show de rock são as que mais podem se aproximar de um ideal de transmissão dessa atmosfera especial ao leitor. Na pesquisa de Hopper, Costley e Friend (2015) sobre experiência de show de rock, os autores utilizaram *creative analytic practices (CAP ethnography)* (RICHARDSON, 2000, p. 929) para ampliar a compreensão da experiência descrita por seus entrevistados. O processo de execução dessas práticas é descrito pelos autores da seguinte forma:

Nós prestamos atenção especial a menções de emoções e sensações sentidas pelo corpo – cheiros, sons, sabores, texturas e movimentos. Então, nós escrevemos quatro poemas – um para cada um dos principais temas – em que nós integramos palavras dos participantes. Escrever os poemas exigia leituras cuidadosas e próximas das transcrições, a fim de permanecer fiel aos participantes. Escolhemos as palavras mais proeminentes dos participantes e as combinamos para evocar a experiência vivida⁶⁴ (HOPPER, COSTLEY & FRIEND, 2015, p. 321).

⁶⁴ No original: We paid particular attention to mentions of emotions and sensations felt through the body – smells, sounds, tastes, textures, and movements. Then, we wrote four poems – one for each of the main themes – into which we integrated participants' words. Writing the poems required close and careful readings of the transcripts in order to stay true to participants. We chose the most prominent of participants' words and combined them to evoke the lived experience (HOPPER, COSTLEY & FRIEND, 2015, p. 321).

As chamadas “práticas analíticas criativas” segundo Richardson (1991) em forma de poemas, conforme utilizado pelos autores supracitados, são uma alternativa criativa à escrita de pesquisa acadêmica tradicional, e podem representar melhor as experiências dos entrevistados do que as citações, atuando como análise e representação. “Os leitores devem ser capazes de ouvir, ver e sentir as experiências dos participantes”⁶⁵ (HOPPER, COSTLEY & FRIEND, 2015, p. 321). A leitura dos poemas desenvolvidos por Hopper, Costley e Friend (2015) ilustram o potencial dessa estratégia para elucidar a experiência de show de rock – e são apresentados em sua versão original no Anexo I deste trabalho.

Kjus (2018) destaca a visão de Williams (1961), que entende a comunicação da experiência como tarefa essencial dos artistas, e percebe que os músicos têm oportunidades específicas com relação a isso. Por exemplo, “o ritmo é uma maneira de transmitir uma descrição da experiência, de tal forma que a experiência é recriada na pessoa que a recebe, não apenas como uma ‘abstração’ ou ‘emoção’, mas como um efeito físico no organismo – no sangue, na respiração, nos padrões físicos do cérebro” (WILLIAMS, 1961, p. 40). O autor acrescenta que “a dança do corpo, o movimento da voz, os sons dos instrumentos são, como cores, formas e padrões, meios de transmitir nossa experiência de maneira tão poderosa que a experiência literalmente pode ser vivida pelos outros” (ibid, p. 41). Nesse sentido, os músicos são vistos como profissionais da expressão, ainda que não tenham experimentado tudo o que transmitem em primeira mão, e a autenticidade representará “uma matriz que os ouvintes usaram para avaliar se o artista conseguiu estabelecer uma convincente ponte mental até eles” (KJUS, 2018, p. 33).

Assim como foram destacadas duas partes fortes para a criação da experiência de show (os artistas e o público), cabe ressaltar também a terceira parte (o local) que compõe a tríade responsável por fazer surgir a atmosfera do show, como visto anteriormente. Por local entende-se, além do espaço propriamente dito em que ocorre o show, toda a produção artística e estrutura do palco (que é cada vez mais elaborada), incluindo iluminação e demais efeitos especiais como pirotecnia, raio laser, projeção em telões e todo tipo de adereço especial utilizado para compor a experiência que a banda espera proporcionar. Os tipos de recursos especiais e a quantidade de elementos utilizados para compor esse cenário de show pode variar muito de acordo com a personalidade da banda e a mensagem por trás do show ou turnê em específico – tendo adquirido

⁶⁵ No original: “Readers should be able to hear, see, and feel participants’ experiences” (HOPPER, COSTLEY & FRIEND, 2015, p. 321).

representatividade e destaque especial o trabalho desenvolvido pelo Pink Floyd em seus shows, conforme se explica a seguir.

3.3 A experiência de shows de Pink Floyd e de Roger Waters

Segundo Cardoso Filho (2013), a estética que se costuma ver hoje nos shows de rock foi desenvolvida graças ao Pink Floyd. Para uma breve retomada, Pink Floyd foi uma banda formada em meados dos anos de 1960, naquele período muito associada aos movimentos hippie e psicodélico, mas que gradualmente foi migrando para outros nichos a partir da década de 70 – até dar início ao que hoje se denomina de rock progressivo. Alcançando destaque pela diferente sonoridade de seus discos, oriundo de um forte trabalho de estúdio, a banda teve grande preocupação em levar para os shows tudo que fosse necessário para reproduzir com fidelidade o som de estúdio. Assim, seus shows foram os primeiros a contar com toneladas de material de luz, mesas de mixagem e alto-falantes, tornando a banda precursora do rock de arena e incríveis espetáculos de som e luz em sintonia com a especificidade de cada música.

Para alguns subgêneros do *rock and roll*, efeitos de iluminação e exibições de padrões visuais em um “show de luzes” eram obrigatórios, e tematicamente indicados, e reforçavam a importância da experiência perceptiva em relação às ideologias de consciência expandida e certos tipos desejáveis de experiência. Alguns grupos cujos atos se baseiam no desenvolvimento temático e na elaboração dramática (como o Pink Floyd) também dependem fortemente de eventos extramusicais⁶⁶ (HAYS, 1980, p. 198).

O destaque que Hays (1980) faz em menção à banda Pink Floyd demarca a importância desta para a difusão desse tipo de estratégia visual como reforço da experiência sensorial que se busca transmitir no show. Em adição à sonoridade da música e à performance da banda ao vivo, os efeitos especiais utilizados e toda a estruturação do palco contribuem significativamente para compor a atmosfera da experiência de show do Pink Floyd. Inclusive, esses elementos aparecem na descrição de alguém que esteve em um show da banda, como se apresenta a seguir.

Final de um dia de verão, à noite. Alguns amigos e eu íamos ouvir a banda chamada Pink Floyd. A enorme arena foi logo preenchida com milhares de pessoas (3.2)⁶⁷, havia espaço para 30000. Agora começa este show que foi tão

⁶⁶ No original: [...] For some sub-genres of rock and roll, lighting effects and displays of visual patterns in a “light show” were both obligatory, and thematically indicated, and reinforced the importance of perceptual experience in relation to ideologies of expanded consciousness and certain desirable kinds of experience. Some groups whose acts rely on thematic development and dramatic elaboration (such as Pink Floyd) will rely heavily on extra-musical events also (HAYS, 1980, p. 198)

⁶⁷ Os números que aparecem no texto deste relato são classificações dos autores para o agrupamento das 7 categorias de análise, definidas por eles como: 1) características gerais; 2) reações físicas e comportamentos;

ansiosamente aguardado e eu tenho arrepios em todo o corpo (2.1). Eles têm equipamentos fantásticos, você pode perceber todos os pequenos detalhes na música (3.1, 3.8). Nosso lugar no meio significava que ouvíamos a música e os efeitos de todos os lados, de trás, para a direita, para a esquerda (3.1). Eles tocaram as boas e velhas músicas misturadas com as novas (3.8). Eu os reconheci (4.5) e pude ficar lá balançando e me juntando para cantar (2.2). Eu me senti um só com a música (4.4). Eu tremi (2.1). Quando eles começaram a tocar novamente após o intervalo, a escuridão havia caído sobre a arena e eles fizeram um grande uso dos efeitos de luz, raios laser que 'saíram para o universo' (3.2). Sim, realmente senti que tudo se tornou tão infinito e eu era um com ele (6.2).

Esta é a primeira vez que estou tão envolvido com a música (4.4). Eu sinto como se a base viesse do chão através das solas dos meus pés, continuando através das minhas panturrilhas, coxas, coluna (3.3) e eu sou preenchido pela música (2.3). Limites são eliminados. Eu sou um com o universo (6.2). A música dissolve todas as fronteiras, assim como o que eu entendi que significa ser psicótico (4.5, 6.2). Quando tocam minha música favorita "Learning to fly", as lágrimas começam a escorrer (2.1). Eu sempre achei que era ridículo quando garotas uivavam para os Beatles (4,5). Agora eu mesmo estou na mesma situação, embora não tão histérico - Não, estou lá muito calmo (5.2), balançando no tempo com a música (2.2), sentindo-me inteiro (4.2, 7.1) e apenas deixando as lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas (2.1).

O show se aproxima do final, e eu sinto desagrado (5.3) como sempre faço quando tudo está bem. Eu quero mantê-lo (7.1). O fim se tornou o clímax quando eles soltaram um dos maiores fogos de artifício que eu já vi (3.2). Como uma criança na véspera de Natal, fiquei ali de boca aberta, ri e bati palmas (2.2). Que experiência (L)!⁶⁸ (GABRIELSSON & WIK, 2003, p. 167).

Esse excerto é oriundo de um dos principais estudos na área de experiência musical, em que Gabrielsson e Wik (2003) investigaram *Strong Experiences related do Music (SEM)*, com base em um *corpus* composto pela descrição livre de cerca de 900 pessoas sobre a 'mais intensa experiência musical que já tiveram'. Foi pedido aos

3) percepção; 4) cognição; 5) sentimentos/emoções; 6) aspectos existenciais e transcendentais; e 7) aspectos pessoais e sociais (GABRIELSSON & WIK, 2003).

⁶⁸ Late summer day, evening. Some friends and I were going to listen to the band called Pink Floyd. The huge arena was soon filled with thousands of people (3.2), there was room for 30000. Now begins this concert that has been so eagerly awaited and I get goose pimples all over the body (2.1). They have fantastic equipment, you can perceive every little detail in the music (3.1, 3.8). Our place in the middle meant that we heard the music and the effects from every side, from behind, to the right, to the left (3.1). They played the good old pieces mixed with new ones (3.8). I recognised them (4.5) and could stand there rocking and joining in singing (2.2). I felt one with the music (4.4). I shivered (2.1). When they began playing again after the intermission darkness had fallen over the arena and they made great use of light effects, laser beams that 'went out into the universe' (3.2). Yes, it actually felt so, everything became so infinite and I was one with it (6.2).

This is the first time that I am so involved in the music (4.4). I feel how the base comes in from the ground via the soles of my feet, continues up through my calves, thighs, the spine (3.3) and I am filled by the music (2.3). Boundaries are wiped out. I am one with the universe (6.2). The music dissolves all boundaries, just like what I have understood it means to be psychotic (4.5, 6.2). When they play my favorite tune "Learning to fly" tears begin trickling (2.1). I have always thought that it is ridiculous when girls howled at the Beatles (4.5). Now I am in the same situation myself, albeit not so hysterical- No, I am standing there very calm (5.2), rocking in time with the music (2.2), feeling whole (4.2, 7.1) and just letting tears trickle down my cheeks (2.1).

The concert approaches the end, and I feel dislike (5.3) as I always do when everything is well. I want to keep it (7.1). The end became the climax when they let off one of the biggest fireworks that I have ever seen (3.2). Like a child on Christmas Eve I stood there with open mouth, laughed and clapped my hands (2.2). What an experience (L)! (GABRIELSSON & WIK, 2003, p. 167).

entrevistados que descrevessem a experiência e reações com o maior detalhamento possível. Segundo os autores, os relatos variaram entre as mais diversas situações, como a experiência de ouvir pela primeira vez a música preferida, um acontecimento importante que esteve fortemente relacionado a determinada música e a experiência em um show de rock, sobre a qual se detêm as atenções deste trabalho. Entre os quatro relatos transcritos na íntegra pelos autores no artigo “*Strong experiences related to music: A descriptive system*” (2003), um deles foi este que descreve a experiência intensa de alguém que esteve em um show do Pink Floyd.

A última turnê de Roger Waters no Brasil, realizada em 2012, fez parte da maior produção já feita até então em termos de estrutura audiovisual e sonora. *The Wall Live tour* foi uma recriação e grandiosa evolução do show *The Wall* que havia ocorrido em 1990, em Berlim, um ano após a queda do muro, com público estimado de 500 mil pessoas (KÄRKI, 2016). Ao comparar o show de 1990 com sua versão atualizada, mais de 20 anos depois, fica perceptível a transformação visual do espetáculo, principalmente pelos telões projetando imagens do show e animações no ritmo da música. Neste caso, os 450 blocos que formavam o muro eram, cada um deles, uma tela, dando origem juntos a um gigantesco telão que formava toda a extensão do muro (137 metros de largura e 11 metros de altura). A ideia de construir um muro entre o público e a banda já havia ocorrido a Waters em 1975, em seu descontentamento ao sentir a distância presente nessa relação. Assim se inicia o que viria a ser depois a base da história contada no disco, em que cada desapontamento na vida de alguém se torna mais um tijolo no muro.

A obra *The Wall* é emblemática justamente por todos os sentidos de crítica que carrega, e que se atualizam a cada década. O contexto inicial de concepção foi o período pós-guerra da década de 70, em que Waters revive suas memórias de infância e faz do álbum, em parte, um psicodrama autobiográfico. O disco é uma história completa, que conta a vida de Pink, um roqueiro que se isola do mundo com o metafórico muro criado em torno de si. Tal muro é resultado dos vários traumas sofridos durante a vida, como a perda do pai e do avô na guerra, o sistema educacional opressor, a superproteção da mãe e a traição de sua companheira. A obra carrega, assim, várias críticas a engrenagens de violência e de poder ainda bastante fortes na sociedade atual, além de mesclar um comentário sobre o estrelato da música popular e o que o distancia do público. “*The Wall* é uma articulação ou dramatização deste assunto, bem como uma tentativa de anestesia

destes sentimentos negativos”⁶⁹ (KÄRKI, 2016, p. 73). O próprio espetáculo do show é criado para enfatizar a crítica à tensão em que a alimentação visual constante do palco capta a atenção dos espectadores, que podem até ignorar os artistas reais que estão tocando sob ou ao lado das telas. “A banda, ofuscada por tal espetáculo, foi tornada efetivamente invisível” (ibid. p. 71).

De acordo com o colaborador de longa data do Pink Floyd e coprodutor do The Wall, Bob Ezrin, “em um concerto do Pink Floyd o ‘fator impressionar’ está intrínseco. As pessoas querem dizer ‘uau, olha só aquilo!’. Então a banda dá isso a elas” (BLAKE, 2012, p. 314). Desde as primeiras apresentações, ainda na época do clube UFO, o show da banda era marcado pelos artifícios visuais utilizados para complementar a parte musical. Mas foi a partir do lançamento dos primeiros álbuns conceituais da banda que a ideia de reproduzir no palco toda a história por trás deste conceito começou a tomar mais forma (ibid.). Viria então a ser considerada a precursora da estética que se costuma ver em shows de rock hoje (CARDOSO FILHO, 2013), baseada no desenvolvimento temático e na elaboração dramática regados de efeitos de iluminação e exibições de padrões visuais (HAYS, 1980). Roger Waters, que havia cursado parte da faculdade de Arquitetura, era o responsável por conceber toda a maquinaria do que iria se passar no palco. Tim Renwick, guitarrista e amigo da banda, conta que “Roger sempre tinha essa coisa de querer fazer algo mais do que um simples show de rock. Ele queria uma grande apresentação” (BLAKE, 2012, p. 138). O guitarrista Jay Stapley também comentou sobre o assunto:

Lembro-me de ter escutado uma entrevista com Dave Gilmour na qual ele disse que você se sentava no estúdio com Roger e, se tivesse a introdução de uma canção tocando, ele diria: “Certo, alguma coisa precisa acontecer exatamente agora”. Ele tinha um senso teatral perfeito aplicado à música. Acho que ele era inseguro algumas vezes em relação à sua própria habilidade, já que não é um músico treinado. Mas todos admiram a habilidade de Roger de fazer aquilo que não podemos – escrever letras sensacionais e conceber shows maravilhosos (BLAKE, 2012, p. 307).

O próprio Roger Waters admite seus feitos, principalmente a respeito de seus espetaculares shows, conforme entrevista ao podcast de Marc Maron da WTF em 2016: “Minha maior contribuição para o rock ‘n’ roll – quero dizer, eu escrevi algumas músicas decentes – mas foi realmente desenvolver a teatralidade do rock de arena, que eu fiz quase

⁶⁹ No original: “The Wall is an articulation or dramatization of this matter, as well as an attempted anaesthetization of these negative feelings” (KÄRKI, 2016, p. 73).

sozinho em meados dos anos 70”.⁷⁰ No que tange às letras de suas músicas, muitas delas de natureza autobiográfica, traziam desde o início o posicionamento crítico de Roger Waters, inclusive em relação às maquinações corporativas da indústria musical – o próprio meio do qual faz parte. Por ora, para citar apenas uma, a letra da música “*Welcome to the Machine*” trata da desoladora condição humana sobre os que passam a vida buscando um sonho para descobrir que a máquina do sistema se move a base de ilusões. O próprio Waters explica: “É o sonho: quando você for bem sucedido, quando for um astro, quando tudo estiver bem, aí sim, tudo irá correr em sua mais perfeita condição. Esse é o sonho, e todo mundo sabe que ele é vazio. A canção fala sobre a situação do negócio no qual estou inserido” (BLAKE, 2012, p. 219). De início bastante avesso à ideia de tocar em grandes estádios por notar um senso de alienação nas turnês – como se sentisse um muro sendo construído entre si e seu público, que depois viria a se tornar o conceito de uma de suas obras de maior sucesso⁷¹ –, em um dado momento Roger Waters passa a explorar o potencial do show de rock para um grande público como um verdadeiro meio de conscientização, direcionando críticas cada vez mais duras aos que vê como os terrores da sociedade.

Atrelado a isso emerge a problemática contemporânea suscitada neste trabalho, que chamou a atenção de Roger Waters durante a turnê de *The Wall*, na América do Norte, em 2011. O músico escreveu a respeito e sua mensagem se difundiu por meio de seu perfil oficial em redes sociais *online*:

Eu estive no estúdio de edição hoje assistindo algumas das filmagens dos shows norte-americanos que filmamos, para ajudar a fazer um vídeo apropriado do show mais tarde para o lançamento de *Theatrical* e *Bluray*. Me impressionei com o número de celulares mantidos no ar para filmar partes do show e também pela quantidade de fotos em flash e pelo número de pessoas que estavam trocando mensagens de texto e postando no Twitter. Esta é uma minoria do público, mas uma minoria significativa. O que todos nós achamos disso? De minha parte, nunca ligaria um celular em nenhum evento musical, fosse no *The Met*, *The Garden* ou em qualquer outro lugar. Parece-me mostrar falta de respeito e atenção às outras pessoas que estão assistindo ao show ou ao artista. Além disso, como eu poderia realmente experimentar aquilo que paguei para ver e ouvir se eu estivesse mexendo em um iPhone, filmando ou

⁷⁰ No original: “My major contribution to rock ‘n’ roll – I mean I’ve written some decent songs – but it was really to develop the theatre of arena rock, which I did almost single-handedly back in the middle ‘70s”. Disponível em: <<https://www.planetrock.com/news/rock-news/roger-waters-david-gilmour-and-rick-wright-always-tried-to-drag-me-down-in-pink-floyd/>>. Acesso em 20 mar. 2019.

⁷¹ Waters explica que estava contrariado por tocar em estádios: “Eu ficava dizendo às pessoas naquela turnê: ‘Sabe, não estou curtindo isso de verdade. Tem algo bem errado nisso tudo’. E a resposta para isso era ‘oh, é mesmo? Bom, você sabe que fizemos 4 milhões de dólares hoje?’, e isso continuou indefinidamente. Então, a certa altura, algo na minha cabeça estalou e desenvolvi a ideia de fazer um concerto no qual construiríamos um muro na frente do palco, dividindo o público dos músicos” (BLAKE, 2012, p. 247). A ideia traria à vida o conceito do álbum “*The Wall*”, abordado previamente neste subitem. Para mais informações, ver Blake (2012) e Kärki (2015).

twittando ou conversando ou o que fosse? De qualquer forma, esta é uma pergunta, não uma advertência, estou genuinamente interessado em saber o que você pensa (ROGER WATERS, 2011, online).⁷² (WATERS, 2011, *online*).

A partir dos pontos levantados neste capítulo, com especial atenção a esta seção que trata de Pink Floyd e Roger Waters, ressalta-se a relevância de estudar o fenômeno do uso de *smartphones* em um show deste músico. A grandiosidade dos espetáculos produzidos em suas turnês, atrelada à crítica forte que o artista traz em suas apresentações, podem prover ainda mais elementos para estudo. Também é possível que o posicionamento de Waters perante tais questões repercuta nas práticas de seus fãs durante o show, somando-se mais uma nuance de análise para a pesquisa.

⁷² No original: I've been at the editing suite today looking at some of the footage of the North American shows that we shot as an aid to making a proper film of the show later for Theatrical and Bluray release. I am struck by the number of cell phones held aloft to film bits of the show and also by the amount of flash photography and the number of people texting and twittering. This is a minority of the audience but a significant minority. What do we all think of this? For my part I would never turn on a cell phone at any musical event, whether it's at The Met, The Garden or anywhere else. It would seem to me to show a lack of respect to and care for fellow concert goers or for that matter for the artist. Apart from anything else, how could I possibly truly experience the thing I'd paid to see and hear, if I was fiddling with an iPhone, filming or twittering or chatting or whatever? Anyway, this is a question not a general admonition, I am genuinely interested to know what you think (WATERS, 2011, *online*).

4 MATERIALIDADE DO *SMARTPHONE* E SEU PAPEL EM SHOWS

*Essa prática de registrar uma experiência pessoal, incluindo a banalidade, agora faz parte da indústria de grandes shows, para melhor ou para pior*⁷³ (Neil Fox, 2016).

Se a imagem marcante dos shows de rock na década de 60 foi a de fãs entusiasmados agitando para o alto seus isqueiros acessos⁷⁴ (HAYS, 1980), na atual década a visão predominante nos shows é a de um mar de celulares apontados para o palco, com braços que os erguem segurando tão firmemente quanto possível para capturar com precisão um momento do show em foto ou vídeo – e rapidamente fazer o *upload* em alguma plataforma de rede social (LINGEL; NAAMAN, 2011). Como destaca Kjus (2018), duas características-chave das inovações digitais dos anos 2000 são conectividade e mobilidade, ambas cada vez mais englobadas pelo telefone celular.

Segundo Mary Chayko (2017), retomando o período de surgimento do celular, a primeira principal razão que motivou sua aquisição, e consequente popularização, foi a possibilidade de contato rápido e fácil em caso de emergências, que proporcionava uma sensação de segurança. Sobretudo os pais se sentiam mais confortáveis se seus filhos portassem um celular, pois assim poderiam contatá-los a qualquer momento. Essa visão de um telefone móvel relacionado à segurança foi se expandindo conforme as funcionalidades deste passaram a proporcionar ainda mais formas de conexão e solução para as necessidades cotidianas, chegando aos telefones “inteligentes” (*smartphones*). Estes se tornaram uma espécie de minicomputador, gravador e câmera portátil, integrando tudo em um único aparelho móvel.

Como ser inerentemente social, cada sujeito está, desde o nascimento, em constante interação com os outros a fim de suprir suas necessidades, das mais básicas às mais complexas. Não é possível se desenvolver mental, emocional ou fisicamente se não houver fontes regulares de interação e um senso de ‘conexão’ com o mundo. Até mesmo alguém em seu estado mais pleno de solidão precisa, de alguma forma, sentir-se pertencente à sociedade a sua volta (CHAYKO, 2017). Com a propagação de tecnologias digitais como o *smartphone*, a noção de conexão se tornou prosaica: ele conecta uns aos

⁷³ No original: “This practice of recording a personal experience, banality included, is now part of the fabric of arena shows, for better or worse” (FOX, 2016, p. 215).

⁷⁴ “A very distinctive signal made at rock and roll concerts is the lighting of many cigarette lighters or matches when the hall is in darkness. This display is made first when the house lights are extinguished at the beginning of a performance; and then again after the performers have left the stage, prior to an encore. In both cases it seems to urge the performers' appearance; contextually in both cases the lights are off” (HAYS, 1980, p. 201).

outros e transmite a sensação de que não se está sozinho – do outro lado da tela sempre há alguém, em algum lugar, sob alguma circunstância experienciando a mesma alegria ou a mesma frustração, buscando o mesmo antídoto para sanar a solidão.

Consistindo o *smartphone* em um dos principais meios para proporcionar essa conexão, além de todas as demais utilidades que tal aparelho engloba, sua popularidade só tende a crescer. É o que indicam notícias como a previsão mundial de usuários únicos de *smartphones* aumentar para 5,9 bilhões até 2025, o equivalente a 71% da população mundial, de acordo com dados do relatório da GSMA (associação responsável pelo *Mobile World Congress*, maior feira mundial do setor)⁷⁵ e a informação do IBGE de que o *smartphone* se consolidou como o principal meio de acesso à internet no Brasil⁷⁶.

Dada sua importância e em busca de uma compreensão maior sobre como o *smartphone* se insere no contexto de shows e nas dinâmicas sociais atuais como um todo, cabe uma análise à sua materialidade, a fim de estudá-lo enquanto actante, instrumento e objeto. Nesse sentido, as noções mobilizadas a seguir têm como base, principalmente, a Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour (1994), a Ontologia Orientada aos Objetos, de Graham Harman (2016) e os estudos acerca de Objetos Evocativos, de Sherry Turkle (2007).

4.1 *Smartphone* sob a perspectiva de instrumento e de objeto evocativo

Black (2014) analisa o uso de artefatos que, em diferentes momentos, foi caracterizado como uma parte fundamental da humanidade ou, por outro lado, como instrumento que substitui ou empobrece capacidades humanas naturais. O autor explica essa dicotomia ao exemplificar cada uma delas. No que diz respeito à primeira noção, de que o uso que fazemos dos artefatos é uma parte fundamental da nossa humanidade, o autor traz a afirmação de Stiegler (1998, p. 193) de que “o ser da humanidade é estar fora de si mesmo”.⁷⁷ Isto significa dizer que todos os organismos vivos estão em constante troca e interação com o ambiente, tendo várias coisas como seus instrumentos compondo essa relação “fora de si mesmo” (BLACK, 2014).

⁷⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/numero-de-usuarios-unicos-de-celular-chega-cinco-bilhoes-no-mundo-22436866>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

⁷⁶ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-celular-se-consolida-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil>>. Acesso em 15 mai. 2018.

⁷⁷ No original: “[...] the being of humankind is to be outside itself” (STIEGLER, 1998, p. 193).

Para evidenciar a segunda noção, de que o uso de instrumentos substitui ou empobrece capacidades humanas inerentes, Black (2014, p. 31) destaca que “[...] todas as máquinas com as quais interagimos servem – em maior ou menor medida – para substituir a ação humana ou responder à expressão ou à sensação humana”.⁷⁸ Sob essa perspectiva, os objetos técnicos (todos aqueles produzidos pelo homem) são percebidos como algo a serviço do ser humano, sem agência própria. Seguindo sua linha de raciocínio, podemos conceber “um instrumento como um objeto que pode ser absorvido na estrutura corporal de seu usuário”⁷⁹ (BLACK, 2014, p. 43). Nesse sentido, é possível ver o *smartphone* – um objeto técnico leve, pequeno e portátil, que habitualmente se encontra junto ao corpo acompanhando a pessoa em todos os momentos de sua rotina diária – como um instrumento. Na visão de Castells (2009), este instrumento é tratado cada vez mais como essencial na vida contemporânea. Quando, por ventura, o celular falha, “os seus utilizadores tendem a sentir-se perdidos devido à relação de dependência que desenvolveram com a tecnologia” (CASTELLS, 2009, p. 98).

Elliot e Urry (2010, p. 21) destacam a presença cada vez maior dos dispositivos móveis na vida diária, evocando o que chamam de “mobilidades miniaturizadas”, que estão “[...] corporalmente interligados com o corpo e aumentando as capacidades móveis de aspectos individuais em formas físicas, comunicativas e virtuais”.⁸⁰ Mais uma vez se percebe ressaltado o caráter instrumental atribuído ao *smartphone*, tido como algo atrelado ao corpo humano e com a função de expandir as capacidades naturais de quem o porta. Para aprofundar mais a análise sob o viés de instrumento, é pertinente a seguinte definição dos filósofos Alain de Botton e John Armstrong (2014),

[...] um instrumento é uma extensão do corpo que permite realizar um desejo e é necessário por causa de algum impedimento de nossa constituição física. Uma faca é uma resposta à nossa necessidade e incapacidade de cortar. Uma garrafa é uma resposta à necessidade e incapacidade de carregar água (DE BOTTON e ARMSTRONG, 2014, p. 5.).

Nesse sentido, seria pertinente questionar a que tipo de necessidade ou incapacidade humana o *smartphone*, enquanto instrumento, tem servido de resposta. Seria uma resposta à necessidade de afugentar a solidão? Ou, ainda, tendo em mente a típica cena de alguém com a câmera do celular a postos para registrar tudo – prática em

⁷⁸ No original: “[...] all the machines with which we interact serve – to a greater or lesser extent – to replace human action or respond to human expression or sensation” (BLACK, 2014, p. 31).

⁷⁹ No original: “[...] a tool as an object that can be absorbed into the body schema of its user” (BLACK, 2014, p. 43).

⁸⁰ No original: “[...] corporeally interwoven with the body and augmenting the mobile capacities of individual subjects in physical, communicative and virtual forms” (ELLIOTT e URRY, 2010, p. 21).

discussão no presente trabalho – estaria este objeto tecnológico servindo de resposta para uma necessidade social atrelada à incapacidade de memorizar todos os momentos?

Segundo a socióloga Mary Chayko (2017),

[...] nós sempre fomos capazes de pensar e manter lembranças de outras pessoas em nossas mentes. [...] Não precisamos estar literalmente conectados, conectados pela tecnologia, para nos sentir conectados aos outros. Mas a tecnologia – e lembre-se, a tecnologia pode ser amplamente entendida para indicar uma ampla gama de ferramentas, técnicas e meios para conectar pessoas – nos permite facilitar e reforçar esses sentimentos a qualquer momento. Conecta-nos uns com os outros e com as redes e comunidades das quais somos parte. Isso nos permite ficar superconectados⁸¹ (CHAYKO, 2017, p. 216).

O fluxo irreversível do tempo, atrelado à existência humana, demarca um bloqueio informacional – um limite temporal do que somos capazes de registrar a partir da nossa sensibilidade humana. E é exatamente isso que os registros maquínicos são capazes de expandir (SANTOS, 2016). Eis um dos fatores que torna tão atraente a ideia de ter um objeto como o *smartphone*, principalmente para servir como extensão da memória. Sherry Turkle (2007) aponta que é comum avaliar os objetos por sua utilidade e beleza, mas que raramente se considera esses objetos como companheiros da vida emocional ou como incentivos ao pensamento. Por isso ela propõe a noção de objetos evocativos para destacar a inseparabilidade de sentimento e de pensamento na relação com as coisas. Apesar desta perspectiva de Turkle (2007) atribuir uma visão diferente à relação entre humanos e objetos, em termos de materialidade o conceito de objeto evocativo ainda os trata como passivos – os objetos remetem a lembranças, podem ter um grande papel como marcador de relacionamento e conexão emocional, mas eles se mantêm inanimados e só adquirem sentido a partir da presença humana. São as recordações e os sentimentos do sujeito que são evocados ao entrar em contato com os objetos – estes, por sua vez, são tidos como instrumentos para desencadear no sujeito certa emoção ou ação.

A partir dessa concepção, depreende-se que o *smartphone* pode ser visto como objeto evocativo de duas formas: de um lado, estão todas as funcionalidades que ele proporciona, a partir de seus *gadgets* já inclusos ou de todo o vasto rol de aplicativos disponíveis que podem ser adicionados e que servem como facilitadores na execução de

⁸¹ No original: [...] we have always been able to think about and retain memories of other people in our minds. [...] We do not need to be literally plugged in, connected by technology, to feel connected to others. But technology – and remember, technology can be understood broadly to indicate a wide range of tools, techniques, and means of connecting people – allows us to facilitate and reinforce these feelings at any time. It connects us to one another and to the networks and communities of which we are a part. It allows us to become superconnected (CHAYKO, 2017, p. 216).

muitas tarefas diárias, como um companheiro do dia a dia sempre apto a ajudar, evocando um senso de conforto e praticidade. Por outro lado, em um âmbito mais íntimo, ele proporciona conexão com as pessoas queridas, como nota a antropóloga Kate Fox: “Você pode estar cercado por estranhos indiferentes em uma rua movimentada da cidade, ou trabalhando em um escritório competitivo e hostil, mas seu celular oferece uma linha de conexão de vida para seu próprio mundo social, sua vila verde, sua cerca de jardim”⁸² (FOX, 2001, *online*). De ambas as formas, este objeto promove um sentimento de constante companheirismo, evocando a presença das pessoas que se quer por perto e dos momentos que se busca recordar.

A perspectiva de compreender o *smartphone* como instrumento ou como objeto evocativo supõe um domínio do sujeito sobre ele, visto como máquina passiva e diligente. O outro lado dessa visão é a indicada pelo determinismo tecnológico, quando trata da dependência das pessoas a esse artefato e sugere o suposto domínio deste sobre elas (CYPRIANO e SANTOS, 2014, p. 5). As duas abordagens são problemáticas pois não consideram nenhum dos entes (sujeito e objeto) em sua complexidade. Em busca de uma superação para tais noções que situam, ora o sujeito, ora a máquina, em uma relação de ascendência diante do outro, Bruno Latour propõe a teoria abordada a seguir.

4.2 *Smartphone* como actante e como objeto senciente

Como ponto de partida para este tópico cabe explicar o sentido da palavra ‘actante’, que lhe intitula. “Termo emprestado da semiótica greimasiana, [...] significa tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença, podendo ser humano ou não humano” (LEMOS, 2013, p. 5). É utilizado como sinônimo da palavra ator, na expressão que marca o nome da Teoria Ator-Rede (TAR), desenvolvida por Bruno Latour.

A TAR preconiza a igualdade dos objetos – tudo é real desde que aja, todos são considerados atores/actantes com o mesmo peso, desde os objetos naturais como uma árvore, passando por objetos técnicos como um *smartphone* até sujeitos como nós. Como destaca Bryant (2011, P. 18), “o que um objeto é não poder ser reduzido ao nosso acesso aos objetos”. Eles existem independentemente da relação estabelecida com o sujeito.

⁸² No original: “You may be surrounded by uncaring strangers in a busy city street, or working in a competitive, unfriendly office, but your mobile gives you a lifeline connection to your own social world, your village green, your garden fence” (FOX, 2001, *online*).

Nessa visão é desconstruída qualquer tipo de superioridade do sujeito em relação aos objetos, assim como alguma eventual relação de dominação dos objetos sobre o sujeito. O humano é tido como sendo feito pelos objetos tanto quanto estes são feitos dele. É através da multiplicação das coisas que o humano pôde definir a si mesmo (LATOURETTE, 1994).

O que interessa para a Teoria Ator-Rede é identificar as mediações que se fundam na associação entre o que ela define como atores humanos (seres humanos) e não humanos (todos os objetos, sejam eles naturais ou técnicos) e também destes mesmos entre si. Como explica Lemos (2013, p. 21), objetos estão sempre associados a outros componentes e objetos, “objetos são sempre múltiplos, portadores de funcionalidades, de *affordances*, de agências, mas também de memórias, comportamentos, sentimentos. A sua existência é só em parte percebida pela nossa experiência”.

Para tornar mais clara essa visão, tenha-se como exemplo, de maneira simples, a história de um objeto como o *smartphone* de determinada pessoa. Além de conter toda a trajetória por onde passou, os caminhos que percorreu na companhia de alguém, suas eventuais marcas de uso, este objeto também tem sua história pré-criação, desde o conceito, que partiu de algum designer para dar origem ao seu formato, até a matéria prima utilizada, as pessoas e os processos envolvidos em sua produção, distribuição e comercialização para, por fim, chegar às mãos de quem hoje o porta como seu. Esse breve relato já dá indícios do panorama de tudo que está envolvido na existência de um objeto e, ainda assim, isso é apenas uma parte do que o caracteriza, sua trajetória só é percebida a partir de associações. Tanto o é que

[...] na expressão ‘ator-rede’, o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação. [...] Cada actante é sempre fruto de outras associações e cada associação age também como um actante. [...] Não há essência nos objetos: só associações” (LEMO, 2013, p. 35).

A TAR é um método importante para inibir análises que insistam em separar humano de não humano, natureza de cultura, sujeito de objeto. Essas dicotomias marcadamente tendem a desconsiderar a complexidade que permeia as relações. Lemos (2013, p. 36) considera a TAR como uma verdadeira “sociologia da mobilidade”, não da mobilidade de coisas (transporte) ou informação (comunicação), mas a mobilidade das associações que compõem o social em uma determinada ação”.

Nesse sentido, na relação cotidiana entre sujeitos e *smartphones*, é por meio da associação estabelecida que se pode buscar pistas para compreender o que acontece. Mais

ainda, partindo-se da TAR para refletir sobre o *smartphone* no contexto de um show ao vivo, ao entender o aparelho como um actante, é possível investigar como este age e participa da experiência – o que ele faz o sujeito fazer. Ter um celular à mão com câmera e conexão à internet faz o sujeito agir de forma distinta de quando não está com o aparelho. Toda as possibilidades que este proporciona afetam o modo de estar e ser – não só da pessoa que o porta, mas também de quem está a sua volta, como ocorre em um show, por exemplo. Por esse viés, o que se busca estudar neste trabalho é como a participação desses dispositivos transformam a experiência de show ao vivo do público e o que está envolvido em tal associação.

Ademais, a discussão sobre a materialidade de objetos como o *smartphone* não se esgota com a TAR. Harman é um autor de grande importância para o movimento filosófico que volta suas atenções para os objetos sencientes que nos rodeiam. A partir de seus estudos de Husserl e Heidegger, o autor propôs uma reorientação dos estudos do ser para estudos dos objetos, desenvolvendo a Ontologia Orientada para os Objetos (OOO). Harman (2016) contrasta as visões da TAR e do Novo Materialismo e os distingue da OOO. Para ele, ao invés de pautar os objetos com a descrição de suas ações (como faz a TAR) ou do que estes são feitos (como trata o materialismo tradicional), a OOO sugere tratar objeto como qualquer entidade que não pode ser expressa em termos de seus efeitos ou de seus componentes.

A proposta do filósofo americano é superar essa dicotomia que norteia o conhecimento básico sobre objetos, a que ele chama de *undermining* e *overmining*. A primeira se refere a uma noção que subestima um objeto ao defini-lo pelos seus componentes. O problema dessa visão denominada por Harman (2016, p. 9) de *undermining* é não considerar a relativa independência dos objetos em relação a suas partes constituintes: “[...] um objeto não é igual à colocação exata de seus átomos, pois dentro de certos limites esses átomos podem ser substituídos, removidos ou deslocados sem alterar o objeto como um todo”.⁸³ Já a segunda visão, que tem a TAR como exemplo mais significativo, fixa-se nas relações e ações discerníveis do objeto para caracterizá-lo. “O problema de *overmining* é que não permite que objetos excedam a realidade além do que modificam, transformam, perturbam ou criam”⁸⁴ (HARMAN, 2016, p. 10). Essa

⁸³ No original: “An object is not equal to the exact placement of its atoms, since within certain limits these atoms can be replaced, removed, or shifted without changing the object as a whole” (HARMAN, 2016, p. 9).

⁸⁴ “The problem within overmining is that it allows objects no surplus of reality beyond whatever they modify, transform, perturb or create” (HARMAN, 2016, p. 10).

dicotomia (*undermining* – *overmining*) costuma ser combinada em uma dupla redução, nominada pelo autor de *duomining* (HARMAN, 2013).

No âmbito dos estudos da Cibercultura é comum ver ecoar a discussão sobre os efeitos das tecnologias, sintomas de estresse e de ansiedade costumam ser atribuídos ao uso de dispositivos como o *smartphone*. Sob essa perspectiva, o objeto é visto a partir de seus efeitos, indicando que sua ação provoca uma relação de dependência do sujeito ou, ainda, que é responsável por provocar outros tipos de ações. Exemplo disso é trazido por Chayko (2017) ao refletir sobre como as tecnologias digitais, principalmente os *smartphones*, tornaram-se essenciais para a coordenação das atividades diárias dos sujeitos, inclusive alterando a forma como essas atividades ocorrem. A autora traz a constatação do sociólogo Rich Ling (2004) de como os contratos implícitos sobre o tempo se tornaram mais relaxados. Os eventos são agendados de forma mais frouxa já que o celular permite realizar mudanças de último minuto com bastante facilidade. Isso pode desencorajar as pessoas de fazerem planos com antecedência ou mesmo de levar os horários a sério. Ironicamente, mesmo com a ubiquidade de meios tecnológicos que fornecem a hora certa, os atrasos têm se tornado cada vez mais comuns (CHAYKO, 2017). Conforme já citado, também é recorrente se ouvir que os estresses da vida moderna são causados pelo uso de tecnologias como o *smartphone*, raciocínio esse que pode ser percebido como uma estratégia de '*overmining*' sobre esse objeto, nos termos de que trata Harman (2016).

O que o autor denomina de *duomining* é realizado quando essa visão voltada para efeitos ou ações de determinado objeto (*overmining*) – ex.: o *smartphone* gera dependência e estresse – é associada à atenção apenas a seus componentes (*undermining*) – ex.: o *smartphone* é um aparelho eletrônico destinado à comunicação móvel. Por mais que essas abordagens sejam voltadas ao objeto, elas se tornam restritas ao não o considerar em sua essência e com todas as possibilidades que o caracterizam.

Vencida a concepção da centralidade do sujeito na relação com as coisas e problematizadas também as visões que, mesmo voltadas ao objeto, ainda o veem sob uma ótica que soa, em alguns pontos, como limitante, é válido avançar explorando a capacidade de máquinas como o *smartphone* serem 'sensíveis'. Como observou Rheingold (2005, p. 123), "as novas tecnologias podem sentir onde elas se encontram. [...] Não no sentido de que elas seriam dotadas de razão, mas porque elas podem sentir, receber, armazenar e transmitir informações". Por exemplo, o *smartphone* que nos acompanha dia a dia pode se posicionar via satélite e identificar em que lugar está,

alertando ou servindo como guia para indicar a que distância estamos do outro ponto em que queremos chegar. Parece até mágica a precisão com que ele se localiza ou responde precisa e instantaneamente a qualquer solicitação. Tudo isso acontece porque dispositivos como o *smartphone* se associam a várias outras tecnologias – que em sua maioria nem são vistas, como é o caso das ondas de rádio e o infravermelho. Razão essa que reafirma a impossibilidade de restringir a definição de um objeto com base no que o compõe ou considerando apenas trajetórias associativas que se pode enxergar enquanto sujeitos.

A esse ponto, a pergunta que emerge é como pode, então, ser possível falar sobre os objetos na busca por entendimento sem incorrer no risco de os restringir? Uma pista para isso, talvez, seja o quadrante sustentado por Harman (2011) para compreensão dos objetos em termos de objeto sensual, qualidade sensual, objeto real e qualidade real.

[...] O “objeto sensual” é aquele que é percebido pela nossa consciência; o “objeto real” é o que se retira de qualquer percepção e que jamais podemos conhecer; a “qualidade sensual” é aquela que percebemos pelos sentidos e a “qualidade real” só nos é acessível através do intelecto. Apreendemos os objetos pelas suas qualidades sensuais quando os experienciamos, e pelas suas qualidades reais pelo intelecto. Nunca chegamos a desvelar o segredo do objeto “real” (LEMOS, 2013, p. 24).

A partir dessa dimensão quádrupla, Harman (2011) reforça sua rejeição às ideias de que o conhecimento humano seja central no mundo das análises e de que as relações humanas tenham privilégio sobre as demais formas de relações. A percepção humana é capaz de apreender apenas o que Harman (2011) chama de objeto sensual; todo o restante que não se pode ver, entender e nem mesmo imaginar – e que também faz parte do objeto, sendo talvez sua essência – faz parte do que o autor denomina de objeto real e que jamais será possível compreender inteiramente. Conforme Lemos (2013, p. 24), “já que não podemos revelar os segredos dos objetos (sua dimensão real), nos caberia, então, problematizar suas qualidades reais, seu *eidós* e pensar nas associações propostas em suas dimensões políticas, morais, éticas”.

O *smartphone* compreendido sob essa ótica é situado como um ente ativo e senciante, em constante relação com outros objetos e seres. Sua definição parte não só de suas ações muito menos só de seus componentes, nem tampouco é limitada a suas associações. O *smartphone* é tido como sendo tantas coisas que escapam à compreensão, justamente pela realidade ser muito maior do que a percepção humana, emergida da experiência individual, restrita e única. Para cada pessoa ele pode emanar significados muito diferentes. Coube aqui tensionar rapidamente essas visões, passando-se para a discussão do que está envolvido na prática de registrar momentos a partir dele.

4.3 Registros feitos com *smartphones* e seu compartilhamento em redes sociais

É válido ressaltar que, no estudo conduzido nesta dissertação, parte-se da perspectiva adotada por Kjus (2018, p. 6) ao falar de uma “evolução” digital ao invés de uma “revolução”, já que as inovações das mídias geralmente são incrementais. Inclui-se entre essas inovações o fenômeno estudado aqui, do uso de mídias móveis como o celular para filmar e fotografar um show ao vivo, prática “que certamente existiu antes dos anos 2000, mas que agora é feito em escala e de maneiras que, em suma, representam algo novo”.⁸⁵ De fato, como percebeu Glitsos (2016, p. 106) em sua pesquisa, “a capacidade de filmar o show tornou-se tão importante, se não mais importante em alguns sentidos e para alguns fãs, quanto experienciar esse show em primeira mão”⁸⁶. Para a autora, o público contemporâneo não consome música fora de sua relação com a imagem. Mesmo nos modos mais tradicionais de experiência musical, como no caso de ouvir rádio do carro, a dominação da imagem ainda está presente “porque essa experiência ainda está operando dentro do contexto pós-moderno de espetáculo e consumo”⁸⁷ (ibid).

Nesse âmbito, um dos questionamentos recorrentes nas críticas ao fenômeno que se estuda neste trabalho é de por que os sujeitos se contentam em assistir a uma apresentação ao vivo (talvez até uma que esteja acontecendo diante deles) em uma tela, de qualidade variável ou questionável. Como resposta, Glitsos (2016) sugere que, desde o surgimento da ‘estética da MTV’, a cultura ouvinte se envolveu tanto com o aparato televisivo – em particular a interface da tela – que toda a experiência musical, incluindo a que for ao vivo, tornou-se uma forma de sistema midiático. “Esse processo é naturalizado pela estética da música comercial e produz um sujeito que invoca a interface da tela para dar sentido à música ao vivo em ambientes digitais” (GLITSOS, 2016, p. 106).

A autora também destaca o papel do *smartphone* na experiência de show contemporânea através do hibridismo da mídia, por intermédio do qual qualquer pessoa conectada pode agregar sua experiência pessoal à experiência coletiva difundida nas redes sociais. “Qualquer pessoa com a tecnologia de telefone com câmera pode se tornar tanto

⁸⁵ No original: “[...] which certainly existed before the 2000s, but which is now done on a scale and in ways that, in sum, represent something new” (KJUS, 2018, p. 6).

⁸⁶ No original: “The ability to film the concert has become just as important, if not more important in some senses and for some fans, as experiencing that concert first-hand” (GLITSOS, 2016, p. 106).

⁸⁷ No original: “[...] that experience is still operating within the postmodern context of spectacle and consumption” (GLITSOS, 2016, p. 106).

produtora quanto espectadora de filme digital enquanto está no evento”⁸⁸ (ibid, p.108). Ainda nesse sentido, Bennett (2014) argumenta que, para alguns fãs, no contexto do show ao vivo existe uma tensão entre querer se envolver em ações da comunidade de fãs, escrevendo e ‘tuitando’ para fãs que não estão presentes fisicamente, e comprometer-se com seu próprio engajamento ininterrupto em sua experiência de show. Em sua pesquisa, Bennett (2014) examinou o uso do celular por parte do público durante um show ao vivo enquanto tenta se conectar e informar, por meio de mídias sociais como o Twitter⁸⁹, a experiência de show para uma audiência que não está presente fisicamente.

Ao encontro dessa linha está o trabalho de Colburn (2013), ao explorar o fenômeno de quem vai a shows para filmar e enviar os vídeos para o YouTube. O fato de esses fãs não serem pagos pelos seus esforços levanta a questão sobre o que eles de fato ganham com isso, já que essa prática, inclusive, serve como uma distração da experiência imersiva de show. A partir das falas de seus informantes, o autor percebe que a transmissão de vídeos desses eventos no YouTube fornece reconhecimento para quem filmou perante a comunidade de fãs, por ter assistido ao show e ter conseguido capturar imagens a serem compartilhadas com aqueles que não puderam comparecer. Assim, esse reconhecimento serve como uma forma de capital cultural ao invés da recompensa financeira. A questão que permanece é que o próprio status do show como evento ao vivo é problematizado por essa mediação da experiência (COLBURN, 2013).

Em alguns casos, a própria produtora do evento incentiva que os fãs filmem algum momento específico do show, como é o caso de eventos que contratam o serviço oferecido pela *Fan Footage*⁹⁰. A plataforma estimula o público presente a filmar trechos de determinada música e enviar para o seu site. Posteriormente, esses vídeos são agrupados para compor um clipe da música do show, a partir de vários pontos de vista do palco, de acordo com o lugar em que estava a pessoa que filmou. Após a edição, o vídeo é disponibilizado no Youtube⁹¹.

⁸⁸ No original: “Anyone with camera phone technology can then become both producer and viewer of digital film while they are embedded within the event” (GLITSOS, 2016, p.108).

⁸⁹ Twitter é uma rede social que permite aos usuários o envio e recebimento de atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, SMS e softwares específicos de gerenciamento. As mensagens possuem a restrição máxima de 280 caracteres, conhecidos como ‘tweets’, o que garante o caráter rápido e curto das postagens. <<https://twitter.com/?lang=pt-br>>

⁹⁰ Disponível em: <https://fanfootage.com/>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁹¹ Exemplo de vídeo compilado por *Fan Footage* a partir das imagens enviadas pelos fãs do show da banda Linkin Park, realizado em Amsterdã, no dia 20 de junho de 2017: <https://www.youtube.com/watch?v=E5-BCHFajbM>. Acesso em: 10 set. 2018.

Glitsos (2016, p. 105) analisa como as novas tecnologias “redirecionaram profundamente as estratégias afetivas e estéticas da experiência da música ao vivo para culminar em uma relação complexa com a tecnologia de telefonia celular”⁹², qual seja, a relação marcada por sentimentos de possessividade, “um senso de controle sobre a narratividade da experiência e novos sentimentos em relação à comunidade de shows”⁹³. Em sua pesquisa, a autora verificou sentimentos conflitantes e, muitas vezes negativos, que emergem a partir da onipresença do celular no ambiente do show, como as mãos postas ao alto para segurar o celular ou o brilho da tela que distrai outros membros do público e atrapalha a visão do palco. Esses são alguns dos motivos que levam à restrição do *smartphone* em eventos ao vivo, como será visto a seguir.

4.4 Restrições do uso de *smartphones* em shows

Se, de um lado, há empresas e produtoras que incentivam a utilização do *smartphone* durante o show (*Fan Footage*, por exemplo), de outro, há posicionamentos contrários que chegam a proibir o uso, como será tratado neste tópico. Shows ao vivo hoje podem desencadear o envolvimento instantâneo com serviços de *streaming* e mídias sociais por meio dos *smartphones* conectados à internet (DANIELSEN & KJUS, 2017), o que suscita inúmeras questões, entre elas, as atinentes à propriedade de imagem e ao direito autoral.

Kjus (2018) comenta que, no passado, às vezes era possível comprar gravações de shows específicos, como filmes profissionais da apresentação ao vivo de determinado artista. Também, alguns membros do público costumavam levar câmeras – e até mesmo equipamento de gravação, a fim de criar *bootlegs*, que eram depois distribuídos de forma ilegal (MARSHALL, 2005). O termo *bootleg* se refere a esse tipo de gravações ilegais ou não-oficiais feitas pelos fãs, ou mesmo pelos próprios artistas⁹⁴ (como gravações emitidas por selos independentes sem o consentimento da gravadora dona dos direitos autorais), e vendidas sem licença. Inicialmente eram feitos de vinil ou fitas cassetes, sendo conhecida

⁹² No original: [...] “redirected affective and aesthetic strategies of live music experience to culminate in a complex relationship with camera phone technology” (GLITSOS, 2016, p. 105).

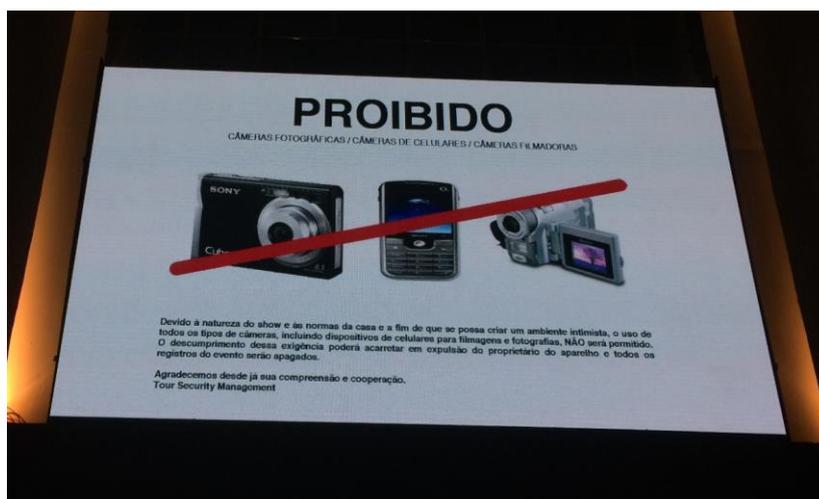
⁹³ No original: [...] “a sense of control over narrativising one’s experience, and new sentiments toward concert community” (GLITSOS, 2016, p. 105).

⁹⁴ Exemplo desse tipo de gravação feita pelos próprios artistas é “*The Pearl Jam Official Bootlegs*”, que consiste em uma série de álbuns ao vivo que a banda de rock Pearl Jam lança continuamente desde 2000. Esses *bootlegs* são um registro completo de quase todos os shows que a banda toca, contendo a gravação do áudio original do show. O material é comercializado no site oficial da banda, e algumas faixas são disponibilizadas gratuitamente em seu canal oficial no YouTube. Desde o lançamento da coleção, já foram vendidas mais de 3 milhões de cópias de shows.

como primeiro *bootleg* comercializado uma junção de músicas que Bob Dylan gravou de forma rudimentar no porão de sua casa em 1967 (MATOS, 2016; MONTESANTI, 2016). Atualmente, tipos de gravações como *bootlegs* são disponibilizados na internet sob o formato de download digital gratuito – ou, ainda, a partir de qualquer rede social em que alguém compartilhe o vídeo que gravou durante um show.

O *smartphone* tem se tornado um meio cada vez mais avançado para gravação de imagem e som, o que intensifica a perspectiva do público de capturar e compartilhar imagens de apresentações ao vivo (KJUS, 2018). Empresas como *Yondr* (apresentada na seção 1 deste trabalho) se mobilizam no sentido de conter esse uso, defendendo a importância da imersão na experiência de show, além da proteção à propriedade de imagem e direito autoral. Outro modo de restrição adotado por alguns artistas tem sido impedir o uso de celulares e câmeras a partir de avisos e informes feitos antes do show, como mostram as Figuras 2 e 3. Esses dois avisos foram exibidos nos telões enquanto o público ingressava no local para o show de Eddie Vedder, realizado no Citibank Hall em São Paulo, no dia 30 de março de 2018.

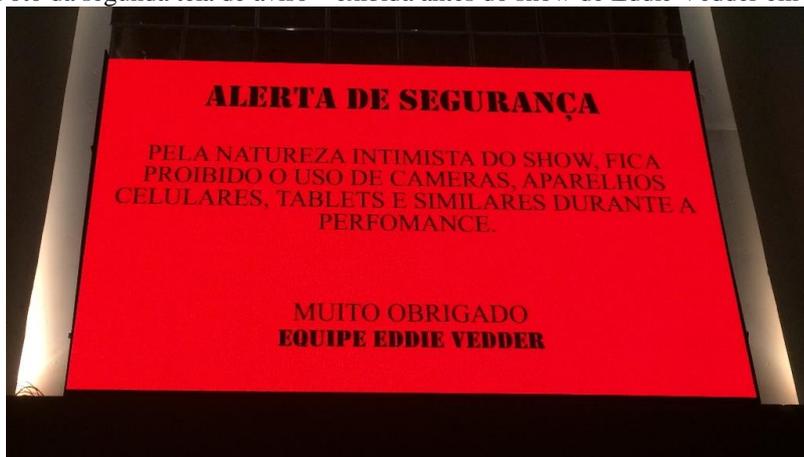
Fig. 2 – Foto do aviso⁹⁵ exibido no telão antes do show de Eddie Vedder em São Paulo, em 30/03/18.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

⁹⁵ Texto da imagem: PROIBIDO – CÂMERAS FOTOGRÁFICAS / CÂMERAS DE CELULARES / CÂMERAS FILMADORAS. Devido à natureza do show e às normas da casa e a fim de que se possa criar um ambiente intimista, o uso de todos os tipos de câmeras, incluindo dispositivos de celulares para filmagens e fotografias, NÃO será permitido. O descumprimento dessa exigência poderá acarretar em expulsão do proprietário do aparelho e todos os registros do evento serão apagados. Agradecemos desde já sua compreensão e cooperação. Tour Security Management.

Fig. 3 – Foto da segunda tela de aviso⁹⁶ exibida antes do show de Eddie Vedder em São Paulo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Neste exemplo, durante o show de Eddie Vedder, vários seguranças ficaram posicionados em diferentes pontos do local a fim de garantir que ninguém utilizasse o celular. Os membros da plateia que tentavam usar eram abordados pelos seguranças que, em alguns casos, exigiam que fossem excluídas as imagens feitas, pois contrariavam a proibição estabelecida. Porém, na última música do show, todas as luzes do local foram ligadas e o uso de celulares foi liberado, dando início ao característico mar de telas – principalmente no momento em que o cantor desceu do palco para cantar junto ao público, conforme se vê na Figura 4.

Fig. 4 – Mar de *smartphones* em volta de Eddie Vedder em seu show em São Paulo, no momento em que o cantor desceu do palco.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

⁹⁶ Texto da imagem: ALERTA DE SEGURANÇA – Pela natureza intimista do show, fica proibido o uso de câmeras, aparelhos celulares, tablets e similares durante a performance. Muito obrigado. Equipe Eddie Vedder.

Ainda que sem uma proibição expressa, muitos são os artistas que se posicionam durante o show pedindo para que as pessoas deixem de usar os celulares para curtir o momento do show, como já demonstrado na seção 1 deste trabalho. A questão também foi levantada por Roger Waters em sua declaração mencionada no item 3.3, em que o cantor questiona como é possível experienciar o show ao qual se pagou para assistir ao mesmo tempo em que se utiliza o celular para filmar ou tuitar, por exemplo. Tais problematizações, assim como as demais destacadas ao longo desta revisão de literatura, serão retomadas na discussão dos resultados desta dissertação. Com o propósito de encaminhar a leitura para os dados da pesquisa empírica aqui realizada, o próximo capítulo explana as estratégias metodológicas elegidas para a realização deste estudo.

5 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

*Seja em período integral ou parcial, ou apenas por um tempo, você e eu somos pesquisadores qualitativos profissionais. Somos pessoas que farão estudos formais de elementos sociais, educacionais e coisas similares, geralmente programas e pessoas. Para o resto de nossas vidas, estaremos tentando melhorar nossa capacidade de entender como essas coisas funcionam*⁹⁷
(Robert Stake, 2010).

Nesta seção são descritas as estratégias metodológicas utilizadas para se alcançar as respostas aos objetivos definidos para esta dissertação, pormenorizando técnicas, instrumentos e critérios de seleção do *corpus* para investigação. Inicialmente será esboçada a abordagem metodológica definida a partir de referencial teórico pertinente ao tema, na sequência serão delimitadas as técnicas aplicadas e, por fim, o *corpus* da pesquisa e o roteiro de ações em campo.

Partindo-se do intuito desta dissertação de explorar como o uso de *smartphones* para filmar e fotografar o show *Us + Them* de Roger Waters em Porto Alegre transformou a experiência do público, foi adotada uma abordagem de estudo exploratória e qualitativa. Longe de pretender uma resposta definitiva sobre determinada questão, segundo Malhotra (2006), a pesquisa exploratória objetiva explorar uma dada situação de modo a prover sua maior compreensão e, em acréscimo, descobrir ideias e percepções que a enriquecem enquanto objeto de estudo. Já o caráter qualitativo é de total valia por salientar a relação bastante próxima entre pesquisador o que está sendo investigado e as restrições situacionais que compõem a observação (DENZIN & LINCOLN, 2005).

No contexto da pesquisa social, o conjunto de fenômenos humanos passíveis de serem estudados dificilmente podem ser traduzidos apenas em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2007). No entanto, cabe destacar que a opção por uma abordagem qualitativa neste trabalho não exclui o modelo quantitativo que, seguramente, pode contribuir de maneira complementar. O que se delimita ao identificar a pesquisa como qualitativa é a primordial centralidade em descrever, interpretar e compreender determinado fenômeno, ao invés de determinar medições ou estatísticas a respeito deste (THEÓPHILO; MARTINS, 2007).

⁹⁷ No original: Whether full time or part time or only just for a while, you and I are “professional qualitative researchers.” We are people who will make formal studies of social, educational, and similar things, usually programs and people. For the rest of our lives, we will be trying to improve our ability to understand how these things work (STAKE, 2010, p. 57).

Além da definição metodológica de pesquisa em qualitativa e exploratória, cabe destacar o papel fundamental da perspectiva etnográfica para esse estudo. Conforme Dalla Chiesa e Fantinel (2014, p. 11),

[...] a escolha de determinado objeto de pesquisa, as escolhas teóricas, a abordagem em campo, entre outros aspectos, encontram-se imbricados à personalidade do investigador. Entende-se que, estando consciente deste fato e revelando-o claramente, tem-se dimensão das condições de produção do conhecimento. Ao invés de anular-se pretensamente pressupondo um distanciamento entre o pesquisador e sua pesquisa – com ambições positivistas –, a condição de produção etnográfica é justamente a interação e, portanto, a relação entre sujeito e objeto da pesquisa.

Portanto, é importante salientar desde o início a relação da pesquisadora com o objeto e seu papel em campo, como será explicado mais detalhadamente ao se delimitar as técnicas. Seguindo o entendimento de Goldenberg (2011) de que a realidade social só se apresenta a partir da maneira como os sujeitos enxergam o mundo, o modo pelo qual o pesquisador pode estar apto a captar essa realidade e compreender como os sujeitos concebem o espaço social é se colocando no lugar, isto é, ao ver o mundo pelos olhos de seus pesquisados. E esse fazer também envolve, para além da roupagem de pesquisador, situar-se enquanto sujeito na pesquisa, já que a personalidade do investigador não se anula em campo e sua relação com o objeto de pesquisa deve ser considerada nessa incursão, como se depreende do anterior excerto de Dalla Chiesa e Fantinel (2014).

O ímpeto da investigação científica parte de uma inquietação do pesquisador por respostas acerca de determinado tema, momento em que é iniciada a pesquisa bibliográfica. Esta consiste em parte elementar de qualquer trabalho, e envolve a identificação, seleção e fichamento dos documentos adequados para o estudo, compondo as referências, e a própria redação e organização do texto, a partir do qual se apresenta a síntese da literatura explorada (STUMPF, 2009). O arcabouço teórico de determinado tema nunca se esgota, de modo que cabe ao pesquisador a difícil tarefa de delimitar o que é essencial para a análise do fenômeno à medida em que explora o campo de pesquisa. Para este trabalho foi realizada uma primeira aproximação a partir do levantamento teórico de conceitos e autores percebidos como mais pertinentes, haja vista sua presença em problemáticas de pesquisa próximas. O processo de revisão teórica é uma atividade contínua, principalmente na pesquisa qualitativa que, como reforçam Theóphilo e Martins (2007), requer o aprofundamento da pesquisa bibliográfica ao passo em que os dados empíricos são coletados e analisados, permitindo redirecionamentos que possam surgir do trabalho de campo. Dessa forma, a fundamentação teórica que começou a ser formada no projeto de dissertação foi aperfeiçoada durante o processo de revisão bibliográfica

constante no decorrer da pesquisa, alimentando-se das sugestões propostas pela banca de qualificação e da própria condição mutável do objeto.

5.1 Técnicas de coleta e análise dos dados

O conjunto de técnicas que compõem os procedimentos metodológicos de determinada pesquisa é formado a partir da escolha consciente do pesquisador sobre quais ferramentas lhe proverão a mais rica via de análise do problema em questão. Assim, cada estudo deve desenvolver seu próprio quadro metodológico, tendo como guia seus objetivos de pesquisa, muitas vezes resultando no que Braga (2006) define como um aparato “multimétodo”. Com base nessa concepção foi estabelecido o rol de técnicas que se apresenta a seguir.

5.1.1 Observação participante

Para os autores Hammersly e Atkinson (1994), a observação participante corresponde a um modo de ‘estar-no-mundo’ dos sujeitos a serem observados. Ainda, segundo os autores, “de certo modo, toda pesquisa social é uma forma de observação participante, porque não podemos estudar o mundo social sem fazer parte dele”⁹⁸ (HAMMERSLY & ATKINSON, 1983, p. 249). Segundo Angrosino (2009, p. 86), “a observação é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos, e registrá-lo com propósitos científicos”. Ainda, conforme o autor, ela permite a produção de novas percepções à medida em que a realidade fica mais nítida em virtude da experiência em campo.

Ao realizar a observação participante, o pesquisador deve estar atento para perceber o que está acontecendo a sua volta, como se estivesse com uma lente ampla sobre o que pretende estudar, pois é assim que são descobertas muitas das variáveis mais importantes da ação social (SPRADLEY, 1980). Quando os pesquisadores entram em determinado contexto a ser estudado usando a observação participante, “[...] eles devem operar tanto de uma perspectiva interna quanto externa. Eles devem agir adequadamente

⁹⁸ No original: “In a sense, all social research is a form of participant observation, because we cannot study the social world without being a part of it” (HAMMERSLY & ATKINSON, 1983, p. 249).

para a situação e, ao mesmo tempo, manter a necessária subjetividade disciplinada para atuar como pesquisador”⁹⁹ (NELSON et al., 2013, p. 45).

Para manter esse ato de equilíbrio, geralmente é utilizado algum método de documentação como fazer anotações iniciais (no caso desta pesquisa, por exemplo, consistiu em tomar notas curtas durante o show). Conforme Spradley (1980) e Nelson (et al., 2013), estas depois poderão vir a se tornar anotações expandidas em notas de campo, de um modo mais narrativo e contendo impressões subjetivas a partir do que foi observado objetivamente pelo pesquisador.

A observação participante potencializa, assim, a ação do pesquisador, pois permite a ele questionar pressupostos prejudiciais à coleta de dados, oferecendo como dados adicionais à investigação a própria crítica sobre esses pressupostos. Aquele que coleta passa, também, a ter “seus dados” coletados. Ou melhor, inserem-se como dados reflexões que expõem pressupostos do observador que tendem a permear a investigação (SILVA & FANTINEL, 2014, p. 4).

Dessa forma, os dados obtidos a partir das notas de campo, compostas de observações objetivas e impressões subjetivas do pesquisador, compõem parte importante da observação participante e enriquecem a pesquisa, pois “[...] é como se os caminhos trilhados pelo pesquisador pudessem ser percorridos pelo leitor” (CAVEDON, 2001, p. 10). O quadro a seguir (Fig. 5) representa um exemplo de anotações feitas a partir da observação participante de Daniel Hopper (2014) em um show de rock. Como explica o autor, durante o evento ele fazia algumas anotações iniciais rápidas (coluna à direita) para posteriormente, já em casa, descrever com mais detalhes os pontos de sua observação (coluna à esquerda). Tal modelo serviu de inspiração para as anotações feitas nesta pesquisa.

⁹⁹ No original: “[...] they must operate from both an insider and an outsider perspective. They must act appropriately for the situation while still maintaining the disciplined subjectivity necessary to function as a researcher” (NELSON et al., 2013, p. 45).

Fig. 5 – Exemplo de anotações a partir da observação participante realizada por Daniel Hopper no show da banda Foo Fighters.

Observation	Initial Codes
Held at massive outdoor venue, 50,000 plus people	<i>Outdoor, large crowd</i>
Arrived late, stuck in traffic, and didn't know where I was going – first time to that venue. Thought I allowed plenty of time. Raining lots - then slowed down drank couple of bourbons before the concert to loosen me up. Missed pre-show	<i>Travelled to show, traffic management, Preconcert routine, weather, alcohol, missed opening</i>
A lot of the crowd around me didn't really seem to know every song like I did. Wasn't singing their brains out like I was. Play a range of their songs from their different albums, bit of new and old, bit in the middle, few randoms and covers – was cool.	<i>Unfamiliarity with all bands songs, Long career, crowd not all singing, range of music from artists career</i>
Few beach balls bouncing around at the start, lots of people recording videos on cell phones, waving them rounds, waving lighters, joints passed around, cups of alcohol, all over the crowd, plastic ponchos on the ground.	<i>People interacting with objects, rock concert rituals, recording on cell phones, open marijuana use and sharing</i>
Big cat walk was another cool addition, where he was down it to the sound stage in middle of field which was set up as another stage and sung a couple of acoustic songs to people at back and got people at front and back of stadium to sing diff parts to each other.	<i>Cat walk, second stage, acoustic songs, high interaction with crowd, high involvement</i>

Table 3: Example of Observation Notes [Foo Fighters] (13/12/2011)

Fonte: Captura de tela (HOPPER, 2014, p. 15).

A importância da pesquisa com inspiração etnográfica para este estudo reside na possibilidade de explorar as motivações das pessoas para usar o *smartphone* no show. A inserção da pesquisadora como observadora participante foi crucial para maior compreensão do contexto de que trata essa pesquisa. Assim, as notas de campo feitas durante o show e a posterior descrição detalhada do evento compuseram importante dado empírico para análise. A própria pesquisadora, na condição de participante, esteve experienciando o momento e sendo afetada pelas mesmas circunstâncias às quais os pesquisados estavam expostos. Essa imersão em conjunto contribuiu para que houvesse uma compreensão mais aprofundada do fenômeno, além de fornecer dados para alimentar a técnica metodológica que foi utilizada na sequência – entrevistas com os membros do público. A presença da pesquisadora como observadora participante no show contribuiu para uma conexão maior com os entrevistados e facilitou o diálogo, por ser possível retomar elementos do show e fazer perguntas mais direcionadas sobre determinada situação sempre que necessário.

Ao se utilizar a técnica de observação participante também é central ter em mente três aspectos: a autoanálise, por ser de suma importância o pesquisador considerar seu próprio histórico pessoal de experiência como base de conhecimento; os vieses pessoais, já que influenciam na maneira que será tratado o objeto de estudo; e o contexto da pesquisa, a fim de situar as condições envolvidas na coleta e no tratamento dos dados em questão (VIDICH, 1955). A partir dessa reflexão, cabe salientar a posição da pesquisadora enquanto *aca-fan* ou *fan scholar*, de acordo com a nomenclatura popularizada por Matt Hills (2002) em sua obra *Fan Cultures*. De modo geral, a expressão designa os pesquisadores do mundo acadêmico que desenvolvem estudos sobre temas ou objetos de estudo que admiram – estando, assim, diretamente envolvidos com estes. Nesse sentido, *aca-fan* (“*aca*”, de acadêmico, e “*fan*”, fã em português) constitui uma figura híbrida que corresponde ao acadêmico que também é fã (JENKINS, *online*¹⁰⁰). Concernente a esta dissertação, enquanto fã de rock e frequentadora de shows do gênero, a pesquisadora parte de uma perspectiva de *insider* junto ao público da pesquisa, já consciente dos códigos e condutas que caracterizam o público assíduo desses eventos, bem como das práticas dos fãs de Roger Waters e de Pink Floyd.

A observação participante em espaços públicos, como é o caso de um show, possibilita que o pesquisador colete dados de grandes grupos de pessoas de modo a identificar padrões de comportamento de grupo. Aliadas à observação, outras técnicas de coletas de dados podem ser usadas, ao mesmo tempo em que o pesquisador atua como participante em seu local de estudo, supondo-se, evidentemente, que continue a observar cuidadosamente as pessoas e os acontecimentos ao seu redor (ANGROSINO, 2009). Entre o rol de técnicas citadas pelo autor que se pode utilizar, em combinação à observação participante, estão as entrevistas. Para esta pesquisa, a técnica de entrevista foi associada à de observação participante para a coleta de dados no campo – qual seja, o show de Roger Waters realizado no dia 30 de outubro. Desse modo, além de observar as ações do público antes, durante e logo após o show, a pesquisadora também conversou com alguns membros do público, conduzindo entrevistas curtas nesta etapa da pesquisa, com duração variada de dois a dez minutos, combinadas à observação participante.

¹⁰⁰ Blog pessoal de Henry Jenkins. Disponível em: <<http://henryjenkins.org/aboutme.html>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

5.1.2 Entrevistas

Como segunda técnica e principal fonte de coleta de dados empíricos foram realizadas entrevistas com sujeitos que compunham o público do show a ser estudado – conforme *corpus* da pesquisa que será explicitado na próxima seção. A técnica de entrevista almeja, a partir das teorias e pressupostos definidos a priori pelo pesquisador, obter respostas oriundas da percepção subjetiva de uma fonte. Segundo Duarte (2009), os dados não formam uma direta resposta lógica, mas sim, são resultados de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, ao estabelecer um diálogo inteligente e crítico com o que está sendo pesquisado. Essa característica se torna ainda mais evidente no tipo de pesquisa que se pretende realizar nesse trabalho, que é a entrevista semiaberta.

Os tipos de entrevista podem ser classificados de acordo com seus níveis de abertura, profundidade e estruturação. Quanto à abertura, podem ser abertas, semiabertas ou fechadas (DUARTE, 2009). Ser uma entrevista em profundidade indica o grau de relato captado sem direcionamento por parte do pesquisador (SÁNCHEZ, 2006), como nos casos de práticas etnográficas em que se compõe um relato de ‘história de vida’ do pesquisado. Já a estruturação diz respeito a como será o roteiro de questões a ser utilizado, se dividindo em livre, semiestruturado ou estruturado (ROSA & ARNOLDI, 2008).

Para este estudo, a escolha foi pela realização de entrevistas em profundidade semiabertas, com duração estimada de uma hora, e cujo roteiro de questões foi de caráter semiestruturado – em que se desenvolve um roteiro prévio que cubra os tópicos da pesquisa a serem investigados. Assim, as questões foram formuladas de modo flexível – permitindo ajustes por parte da pesquisadora no decorrer da entrevista e estimulando a livre expressão do entrevistado. “Quando o pesquisador vai ao encontro das pessoas para entrevistá-las, tem um conhecimento teórico e prático da realidade em questão. [...] Este conhecimento e experiência foi importante na formulação de um conjunto de itens, como roteiro possível de uma entrevista” (GOMES, 1997, p. 11). O roteiro de perguntas utilizado para a realização das entrevistas em profundidade desta pesquisa pode ser consultado no Apêndice I.

Ao proceder a realização das entrevistas, a pesquisadora se inspirou na perspectiva da entrevista fenomenológica, em que o “interesse é saber como diferentes pessoas experienciam uma certa condição que é comum a elas” (GOMES, 1997, p. 10). O autor ainda indica que “as diversas entrevistas realizadas para um determinado projeto [...] levam o entrevistador a diferentes lugares de onde pode ver uma determinada experiência

de várias perspectivas” (1997, p. 10). Assim, além das entrevistas curtas realizadas com membros do público no dia do show, foram realizadas posteriormente entrevistas em profundidade com uma parcela menor de pessoas oriundas desse grupo de contatados no dia do show, conforme será explicado na seção 5.2.

5.1.3 Análise de conteúdo

A terceira e última técnica a compor o quadro metodológico foi a análise de conteúdo, que proveu os meios necessários para estudar todo o leque de dados da coleta de campo. O conteúdo analisado foi composto por: transcrições das entrevistas; materiais dos próprios entrevistados, como fotos e vídeos; anotações e registros (fotos e vídeos) feitos pela pesquisadora em sua observação em campo durante o show – ações essas que são descritas no roteiro da próxima seção.

De acordo com Bardin (1995, p. 42), a análise de conteúdo visa “obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Para operacionalizar sua utilização, a autora a divide em três etapas principais, que consistem em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise é composta por quatro processos para organização do material a ser analisado, como uma espécie de triagem. São eles: (a) as leituras flutuantes; (b) a escolha dos documentos para análise; (c) a formulação de hipóteses que o pesquisador pretende verificar; e (d) a elaboração de indicadores, como recortes nos textos dos documentos analisados de forma a constituir índices com os assuntos que mais se repetem. Após esse processo, é iniciada a segunda etapa, que é a exploração do material, em que são definidas categorias de análise, agrupadas a partir de características em comum (como os índices sugeridos na etapa anterior). Por fim, é realizado o tratamento dos resultados, fase que exige a análise reflexiva e crítica do pesquisador, que fará a concatenação de tudo que foi levantado na pesquisa até então para culminar em suas interpretações inferenciais (BARDIN, 1995).

As categorias de análise deste trabalho foram definidas a partir da exploração do material coletado e da retomada da pergunta de pesquisa e dos objetivos correspondentes. Por exemplo, à medida em que verificadas motivações que se repetiram na fala dos entrevistados, a pesquisadora reuniu essas frases em categorias – emergidas dos próprios

dados. Após esse primeiro agrupamento de frases, de sentimentos e de expressões, e a partir das categorias criadas, foi feita uma nova leitura e análise reflexiva da pesquisadora – em articulação com o referencial teórico previamente levantado – a fim de verificar tudo que fosse possível encontrar nesses textos, com atenção para a experiência de show e para a forma em que esta é transformada a partir do uso de *smartphones*.

5.2 *Corpus* e roteiro das ações

O *corpus* desta pesquisa é entendido a partir da definição de Barthes (1967, p. 67) para o termo, ao considerar que se trata de “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar”. Partindo-se das técnicas supracitadas de coleta de dados, o *corpus* para este trabalho é formado pelos dados obtidos por meio da observação participante e das entrevistas semiestruturadas com sujeitos do público do show de Roger Waters em sua turnê *Us+Them*, que ocorreu no dia 30 de outubro de 2018, no Estádio Beira Rio em Porto Alegre. Os dados correspondem a textos e imagens, especificamente de transcrição das entrevistas, notas de campo e observações da pesquisadora, incluindo fotos e vídeos feitos durante o show pela pesquisadora e pelos entrevistados que disponibilizaram seus registros para a pesquisa.

No que tange à pesquisa no contexto de show, importante indicar que “[...] experiências de música ao vivo ocorrem em situações complexas e dinâmicas e consistem em impressões variáveis e subjetivas”¹⁰¹ (KJUS & DANIELSEN, 2014, p. 7). Os autores destacam que apesar da dificuldade de reproduzir e testar esses eventos, pesquisas relacionadas à experiência musical devem buscar formas de abordar situações da vida real. “No caso da música ao vivo, uma maneira de fazer isso é interagir com o público que está nos shows”¹⁰² (ibid). Portanto, a seleção dos entrevistados foi feita no local do show delimitado como campo para estudo, conforme explicado anteriormente.

Em relação à quantidade de participantes da pesquisa qualitativa e a forma de selecioná-los, entende-se que não existe um método específico: “devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua

¹⁰¹ No original: “[...] live music experiences occur in complex and dynamic situations and consist of shifting and subjective impressions” (KJUS & DANIELSEN, 2014, p. 7).

¹⁰² No original: “In the case of live music, one way to do this is to interact with audiences as they attend concerts” (ibid).

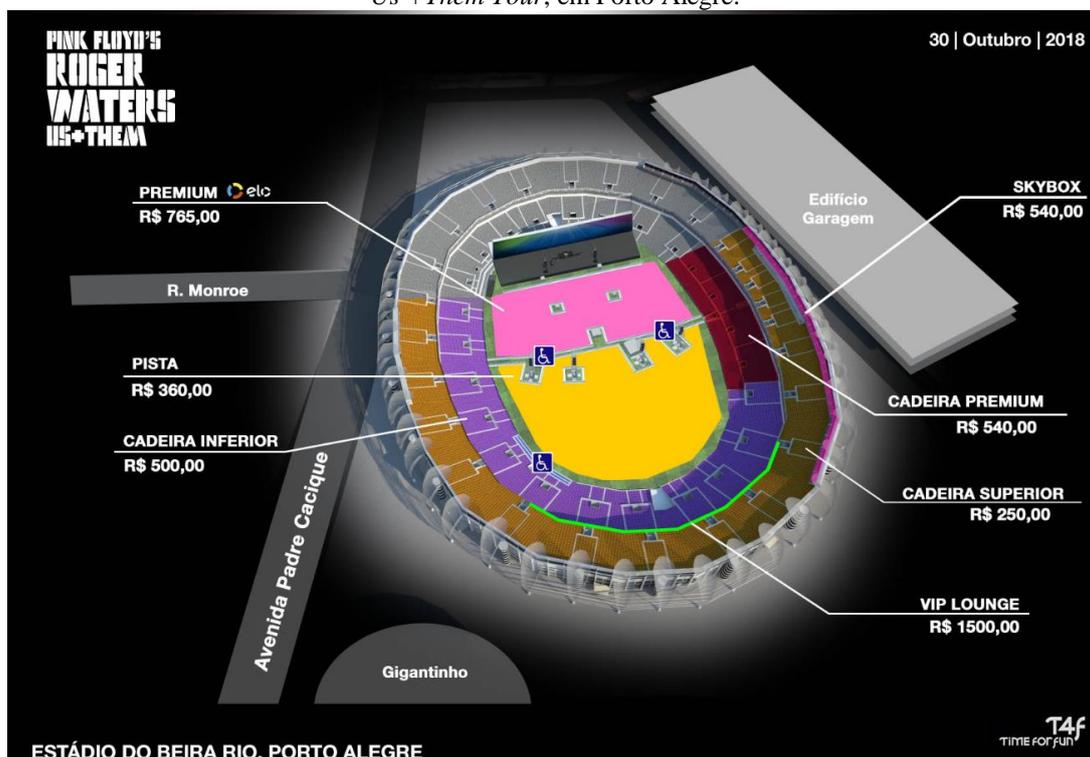
imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes” (BAUER & GASKELL, 2013, p. 70). Como número inicial, a ideia havia sido a de contatar aproximadamente 20 pessoas do público, obtendo informações como telefone e e-mail para posterior contato. Este número foi estipulado já considerando eventuais desistências, indisponibilidades ou qualquer tipo de situação que impossibilitasse o contato posterior para marcação de entrevista com esses potenciais participantes. No entanto, a partir da ida a campo – da riqueza oriunda deste, da empolgação da pesquisadora e da receptividade dos informantes – chegou-se ao número de 40 pessoas abordadas. Destas, 32 foram brevemente entrevistadas no dia do show e, entre essas 32 pessoas, 6 delas fizeram parte da etapa de entrevistas em profundidade.

Conforme Gomes (1995, p. 11), “a diversidade dos entrevistados traz variações de perspectivas que permitem uma compreensão mais nítida de um mundo vivido comum”. A fim de compor um grupo diversificado para o estudo, foi de grande valia considerar a seleção de sujeitos que se relacionam de formas distintas com o show e com o que esperavam obter dessa experiência. Um modo inicial de constatar isso é por meio do tempo dedicado na preparação e que, no caso das filas, por exemplo, repercutirá no local em que a pessoa vai estar durante o show. Como Agliardi (2017) constatou em seu trabalho, estar na fila é uma forma de expandir a duração da experiência, pois para os que ali estão, o evento já começa na fila de espera pelo show. Em geral, mesmo considerando o elevado preço, os fãs se esforçam para comprar ingressos do setor conhecido como pista Premium (Fig. 6), por este ser localizado mais próximo ao palco e, por tamanha proximidade, proporcionar uma experiência diferente de imersão no show.

Vale destacar o que está envolvido nesse consumo de show a partir do setor em que a pessoa se encontra. A pista Premium representa um lugar de diferenciação, já que seu custo é mais elevado e sua localização é privilegiada – diretamente em frente ao palco – e permite maior proximidade ao artista. Assim, a experiência de show já inicia pautada na distinção a partir do momento em que se faz a escolha do ingresso a adquirir. Esse fator pode, também, repercutir no uso de celular, ao filtrar geralmente um público de maior poder aquisitivo. Isso não quer dizer que esse setor seja nivelado apenas pelas classes sociais mais altas, já que é comum encontrar pessoas que veem o ingresso de um show como um investimento para viver o melhor momento de suas vidas, e abrem mão de outras atividades de lazer para reunir o montante necessário para ir ao show na pista Premium. Assim, a aquisição de determinado ingresso também está relacionada ao nível de engajamento e ligação com o artista, bem como ao modo em que cada um prefere

experienciar esse momento – se em pé ou sentado, se perto ou longe do palco, apenas para elencar alguns exemplos.

Fig. 6 – Mapa de setores e respectivos valores dos ingressos para o show de Roger Waters, *Us + Them Tour*, em Porto Alegre.



Fonte: Captura de tela. Disponível em: <<http://premier.ticketsforfun.com.br>>. Acesso em: 07 set. 2018.

Ainda que estando no mesmo setor, o local em que a pessoa decide se posicionar pode representar ter experiências bastante distintas, principalmente ao se comparar alguém que está na grade, em frente ao palco, com alguém que está em meio ao público e longe do palco. Como descreve Kjus (2018, p. 80),

[...] a forma como as pessoas se movem no espaço de show está intimamente ligada à sua experiência social: os frequentadores que querem ficar perto do palco são às vezes recompensados com contato visual, um reconhecimento verbal, ou até mesmo um aperto de mão ou um abraço do artista, enquanto aqueles que ficam na parte detrás tendem a priorizar a oportunidade de socializar com seus amigos¹⁰³.

Tendo isso em vista, uma tática prevista para esse estudo foi a de fazer a seleção de participantes em três momentos diferentes de abordagem, visando encontrar pessoas de grupos diversos, principalmente variando entre os primeiros da fila, que estariam na frente do palco durante o show, e os demais, que chegaram ao local mais próximo do

¹⁰³ No original: The way people move in the concert space is closely linked to their social experience: concertgoers who want to stand close to the stage are sometimes rewarded with eye contact, a verbal acknowledgment, or even a handshake or a hug from the performer, whereas those standing at the back tend to be prioritizing the opportunity to socialize with their friends (KJUS, 2018, p. 80).

horário do show e, conseqüentemente, ficariam posicionados mais atrás. Esses três momentos de abordagem também serviram para destacar o período em relação ao show e as conseqüentes ações exigidas da pesquisadora, sendo eles divididos em: 1) Pré-show; 2) Momento do show; 3) Pós-show. O passo a passo de cada uma dessas etapas está delineado a seguir.

5.2.1 Pré-show

O primeiro contato com os potenciais participantes da pesquisa foi realizado no dia do show, por volta das 14 horas, na fila formada para a pista Premium em frente ao estádio Beira Rio. A apresentação pessoal incluía se identificar como pesquisadora do Laboratório de Interação Mediada por Computador da UFRGS (LIMC) e mestranda do PPG de Comunicação da mesma universidade e, sempre que houvesse abertura para tal, também mencionar a relação como fã do artista e da banda a fim de facilitar a conexão com os fãs por meio de um breve “quebra-gelo” informal sobre o assunto. Não foi preciso evidenciar que o intuito não era ficar na fila, pois a própria grade de isolamento (Fig. 7) utilizada para organizar a linha da fila servia como uma espécie de contenção para que ninguém atravessasse fora de ordem, sendo possível entrevistar as pessoas estando do lado “de fora” desta fila.

Fig. 7 – Grade de isolamento para separar a fila formada pelo público à espera do show de Roger Waters no setor Pista Premium. Estádio Beira Rio, em 30 de outubro de 2018.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

A explicação sobre o teor da pesquisa era breve a cada contato, em geral apenas indicando se tratar de uma pesquisa sobre o uso de *smartphones* em show de rock, já que expor o problema de pesquisa nesta etapa que antecedia o show poderia de alguma forma induzir as ações dos contatados durante o evento. Para os que optavam em participar, foram solicitadas, primeiramente, algumas informações de contato como e-mail e telefone, bem como a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido de participação da pesquisa (Anexo II) – oferecendo o envio da cópia digitalizada por e-mail ao participante caso este preferisse de forma digital ao invés de, naquela circunstância, guardar a cópia física.

5.2.2 Momento do show

Durante o show, a pesquisadora esteve no mesmo setor que os participantes da pesquisa como observadora participante – não restrita apenas a eles, mas também observando as práticas dos demais membros do público ao decorrer do show. Cabe lembrar que o setor de que se trata é a pista Premium, localizado em frente ao palco (Figura 3). No contato com o campo nesta etapa, também foram realizadas breves entrevistas com o intuito de coletar contatos de algumas pessoas que estavam utilizando o celular durante o momento que precedia o início do show. Também foram realizadas anotações sempre que necessário, em forma de notas iniciais para posterior descrição mais detalhada do que foi observado durante o evento, geralmente no formato de gravação de áudio. Outra forma de registro para análise foi por meio de fotos e vídeos. Todo esse material serviu para compor uma espécie de diário de campo, com o intuito de situar ao máximo o contexto em que estavam os entrevistados e sobre o qual transitariam suas falas. Esse momento de observação participante foi de grande importância para o estudo, pois a pesquisadora teve a oportunidade de observar o fenômeno acontecendo, ver a ação dos entrevistados no show, além de participar da experiência de show junto a eles, provendo-se de mais elementos para aprofundar nas posteriores entrevistas.

5.2.3 Pós-show

Logo após o show, na saída do evento, foram abordadas mais algumas pessoas com o intuito de coletar contatos e mais dados a respeito da experiência de show que acabara de ocorrer. A dinâmica de abordagem seguiu o estilo das etapas anteriores, com

diferença no teor das perguntas, que agora tratavam do que já havia ocorrido no show, e se aproximavam ainda mais das questões que viriam a ser exploradas nas entrevistas em profundidade.

Nos dias subsequentes ao show foi realizado o contato com os participantes para agendamento das entrevistas em profundidade. Ao longo dos meses de dezembro e janeiro foram realizadas as entrevistas com seis informantes que retornaram o contato confirmando sua disponibilidade. Na etapa do projeto havia sido considerada a possibilidade de fazer entrevistas por Skype além das presenciais, mas ao realizar a primeira entrevista presencial, com toda a riqueza de dados e possibilidade de ver e comentar os registros que a pessoa fez no show junto com ela, a pesquisadora optou por agendar apenas entrevistas presenciais, filtrando os informantes de acordo com a disponibilidade para a realização presencial destas.

As entrevistas semiestruturadas tiveram duração aproximada de uma hora, em que foram abordados os tópicos conforme roteiro prévio, descrito no Apêndice I. A pesquisadora procedeu as adaptações necessárias nas perguntas ao longo da entrevista, de acordo com o andamento da conversa, buscando estimular a livre expressão do entrevistado – no entanto, sem perder de vista as questões mais importantes a serem feitas de acordo com os objetivos da pesquisa. Todos os entrevistados optaram por mostrar as imagens feitas durante o show, sobre as quais foi possível conversar mais e fazer perguntas específicas a partir do que era observado nesses materiais.

O tempo de aproximadamente 45 dias entre o dia do show e a data de realização das entrevistas havia sido estimado na fase de projeto para que houvesse tempo de sedimentar o que se passou nessa experiência de show – a fim de verificar se, nesse período, as pessoas viram os vídeos e fotos que fizeram, se compartilharam com outras pessoas por meio de alguma plataforma de redes sociais *online* e qual havia sido a repercussão disso, se viram seus próprios vídeos e fotos e se isso despertou alguma emoção ou lembrança. Também visava avaliar as motivações delas para filmar ou fotografar o show e se as expectativas que tinham em relação àquela filmagem ou foto haviam sido satisfeitas. Assim, a primeira entrevista foi realizada no dia 19 de dezembro de 2018, cerca de 50 dias após a data do show. As demais entrevistas ocorreram no período compreendido entre fim de dezembro e meados de janeiro, sendo a última delas realizada no dia 23 de janeiro de 2019.

Após esse período, as gravações das entrevistas posteriores e anteriores ao show e as notas de campo gravadas pela pesquisadora foram transcritas a fim de formar o texto

para análise. Essas transcrições foram feitas com o auxílio do programa Sonal¹⁰⁴, e posteriormente transferidas para o programa NVivo¹⁰⁵, com o intuito de tratar os dados em formatos pertinentes para estudo, como a nuvem de palavras – que lista os termos mais recorrentes nas falas dos entrevistados. Na sequência, todos os dados obtidos foram reunidos para a aplicação da técnica de análise de conteúdo.

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://www.sonal-info.com/en/page/welcome>>. Acesso em 07 mar. 2019.

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://www.qsrinternational.com/nvivo/trial/trial-portuguese>>. Acesso em 07 mar. 2019.

6 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Em princípio, a pesquisa é entendida como um recorte de começo e fim arbitrário. É sempre um artefato ou mentefato incompleto
(William Gomes, 1995).

De acordo com Gomes (1995, p. 13), “a descrição já é, funcionalmente, uma interpretação, mesmo que seu objetivo seja o de desvelar o real”. O autor acrescenta que “[...] é a procura do sentido, da intencionalidade, da direcionalidade da experiência consciente dos entrevistados, enquanto consciência epistêmica e psicológica do pesquisador” (ibid, p. 12). Com essa inspiração em mente, procedeu-se uma síntese descritiva do material coletado a fim de facilitar a compreensão, conforme segue.

6.1 Descrição da observação participante realizada no dia 30 de outubro: etapa de abordagem aos membros do público

“Quanto somos capazes de experienciar e de lembrar de um dia considerado marcante?” Era essa a frase, com algumas variações, que povoava minha mente¹⁰⁶ enquanto arrumava minhas coisas para sair de casa na manhã daquele tão aguardado dia: 30 de outubro. O dia em que eu mais precisava contar com a minha memória – e com o apoio dele, claro, o celular. Inclusive, minha primeira parada do dia fora garantir um celular reserva para me acompanhar nessa jornada, considerando que a bateria do meu não iria muito longe, como eu já estava habituada. Com a ansiedade borbulhando no meu estômago desde cedo, saí de casa para encontrar meu orientador, com o qual havia combinado de pegar um celular emprestado, além de alinhar os últimos pontos para minha maratona daquele dia. Havia algumas questões de logística para realizar a pesquisa dentro do estádio, considerando, por exemplo, a preocupação de ser ou não permitida a entrada com caneta e gravador. Conforme eu havia lido previamente, nas normas do estádio e da produtora do evento não constavam restrições mencionando esses objetos (provavelmente por ser raro alguém querer entrar com esse tipo de material!), no entanto, em experiências anteriores indo a shows no mesmo estádio, recordava-me de ter de jogar fora qualquer tipo de caneta, por orientação da segurança no momento da revista. Segundo me informaram, enquadrava-se na definição de objetos pontiagudos, possível ameaça em caso de briga ou algo do gênero. Eu tinha, então, a missão de conseguir entrar no estádio com uma caneta caso quisesse entrevistar pessoas lá dentro e coletar seus contatos e

¹⁰⁶ É adotada linguagem em primeira pessoa nesta descrição por se tratar de relato pessoal da autora.

assinaturas nos termos de consentimento. A revista que antecede a entrada nos shows é geralmente uma loteria – dependendo do momento e da pessoa que estiver revistando, pode ser que chequem (ou não) minuciosamente todas as coisas que se estiver levando. Eu e meu orientador conversamos sobre esse ponto, eu levaria uma caneta bem fina dentro da bolsa, que não chamasse atenção, já estando ciente de que teria de improvisar na hora de acordo com o que fosse acontecer. Conversamos também sobre o questionário, confirmei as perguntas que eu havia destacado do meu roteiro prévio para fazer em cada momento, reforçando o objetivo de conseguir o máximo de contatos possível, a fim de garantir as entrevistas em profundidade da etapa seguinte da pesquisa. Ao nos despedirmos, lembro dele salientar o quão incrível essa experiência seria para mim, não só devido à expectativa pelo show – que ele sabia que era grande por eu ser fã de rock e de Pink Floyd – mas também, principalmente, por essa ser minha primeira incursão como pesquisadora em um campo como esse. Eu concordei, mais empolgada do que nunca (e nervosa também), e saí em direção ao estádio, para o primeiro contato com o público do show.

Munida de gravador com pilhas extras, dois celulares (um deles para fazer fotos e vídeos e outro para servir de gravador extra), bloco de notas, caneta e cerca de 60 cópias do termo de consentimento (Anexo II) para coletar assinaturas e contatos dos possíveis participantes da pesquisa, segui para o estádio Beira Rio. Cabe destacar que o trânsito neste dia estava complicado já nas primeiras horas do dia e à medida em que o tempo passava piorava ainda mais, em virtude da realização simultânea de dois grandes eventos na cidade: o show de Roger Waters, no estádio Beira Rio, e o jogo da semifinal da Copa Libertadores da América entre Grêmio e River Plate, no estádio Arena do Grêmio. Depois de um tempo de trajeto bem mais prolongado do que o habitual, cheguei ao local do show e me deparei com uma grande fila.

Já familiarizada com a localização da pista Premium por já ter frequentado shows de outras bandas neste mesmo setor do estádio, direcionei-me até o portão correspondente a fim de conversar com as pessoas que estavam no começo da fila. Nas primeiras abordagens eu ainda estava um pouco sem jeito, mas aos poucos fui me acostumando com meu roteiro previamente ensaiado, o que tornava minha apresentação mais rápida. Em geral, eu iniciava cada diálogo me apresentando como mestranda do curso de Comunicação da UFRGS e explicando brevemente às pessoas sobre o que se tratava minha pesquisa, para então questionar se elas tinham interesse de participar como informantes. Assim que recebia resposta positiva, eu entregava o termo de consentimento

em duas vias, sendo uma delas para a pessoa guardar consigo, caso quisesse, e outra para assinar ali e me devolver. Para aquelas que preferiram não ficar com o papel naquele momento em virtude do show, informei que eu poderia enviar uma cópia por e-mail posteriormente caso quisessem. Enquanto aguardava a pessoa ler e assinar o termo, eu ia preparando o gravador portátil e o gravador do celular para realizar as perguntas previstas para esta etapa. Com o termo assinado em mãos, eu iniciava a breve entrevista com cada informante, procurando deixar claro que seria breve (cerca de 2 a 5 minutos) e que em outro momento eu poderia vir a contatá-lo novamente para agendar uma entrevista de maior duração. Em duas situações em que conversei com dois grupos de pessoas compostos por aproximadamente 5 pessoas cada um, além de usar o gravador eu também filmei a entrevista pelo celular, a partir do exposto consentimento deles. Todos os dezesseis informantes com quem conversei nesse momento foram bastante receptivos e se mostraram dispostos a ajudar, prontamente respondendo às perguntas, movidos por grande empolgação e expectativa pelo show. De todo modo, eu procurei ser breve nas minhas abordagens para que eles pudessem descansar e se preparar da melhor forma para o show, já que haviam chegado cedo.

Em tom de conversa, eu iniciava a curta entrevista com algumas perguntas “quebra-gelo”, como: há quanto tempo era fã de Pink Floyd (e de Roger Waters), se era sua banda ou artista preferidos e se já havia ido a algum show relacionado ao Pink Floyd (em caso afirmativo, eu perguntava mais coisas sobre essa experiência prévia para saber qual show fora este, se o informante lembrava da experiência daquele show e se tinha algum registro). Após essa série de perguntas rápidas, eu questionava como havia sido sua preparação para o show do Roger Waters deste dia 30 de outubro, se havia visto vídeos da turnê em outras cidades (verificando qual era a importância desses registros e como eles serviram para antecipar a experiência do show atual) e perguntando se pretendia usar o celular durante o show – se sim, em qual momento – e o que faria com esses registros depois. Essas perguntas eram ampliadas à medida da responsividade do informante, a fim de aprofundar um pouco mais os tópicos que viriam a ser trabalhados detidamente na etapa posterior. Outro tópico que não estava no meu roteiro prévio e acabou sendo incluído no diálogo a partir da menção das pessoas foi o da situação política do país, relacionado às manifestações anteriores nos shows de Roger Waters nas outras cidades por parte dele e do público e ao que poderia surgir de manifestação no show em questão.

Conversei com as pessoas da fila e observei a movimentação até o horário de abertura dos portões, às 17 horas, despedindo-me delas com a frase: “Bom show, nos vemos lá dentro!” Dali em diante eu tinha o desafio de conseguir chegar em casa, fazer *backup* do material coletado, recarregar os celulares e carregador portátil, guardar os termos assinados, preparar as coisas para levar e voltar para o estádio ainda em tempo do show de abertura de Renato Borghetti¹⁰⁷, marcado para às 19 horas.

Como comentei anteriormente, o trânsito em Porto Alegre nesse dia estava muito ruim, pois além da grande movimentação de público para o estádio Beira Rio, inclusive com excursões de fãs de outras cidades, também havia muito movimento em direção ao estádio Arena do Grêmio, com excursões de torcedores argentinos do River Plate somando-se ao grande número de torcedores gremistas que se dirigiam ao jogo, com início previsto para às 21 horas e 45 minutos. Como bem comentou uma das pessoas com quem conversei na fila, eram cerca de 100 mil pessoas se deslocando na cidade aproximadamente no mesmo horário. Considerando esse cenário e o já característico movimento mais acentuado próximo ao horário de pico (18 horas), demorei mais do que esperava no trânsito até chegar em casa, conseqüentemente atrasando o horário que havia planejado para retornar ao estádio. Com isso, cheguei ao estádio por volta das 20 horas, levando mais aproximados 15 minutos até chegar na pista Premium.

Ao entrar no estádio, percebi que o show de abertura havia recém terminado, e o público, por sua vez, agitava-se na expectativa pelo show de Roger Waters, agendado para às 21 horas. Eu, que até então só havia lido e visto alguns vídeos e fotos a respeito do palco da turnê *Us + Them*, não pude conter meu assombro ao me deparar com a extensão de toda a estrutura, com destaque para o telão gigantesco que ia de uma ponta à outra do estádio. Caminhei do portão de acesso da pista Premium até o lado oposto, observando as pessoas que já estavam posicionadas em frente ao palco e a movimentação das que estavam chegando naquele momento. Fui me dirigindo até a grade, em frente ao palco, que ainda estava bem vazia nas laterais, e pude notar que muitos aproveitavam o intervalo que antecedia o show para tirar fotos do palco ou *selfies* tendo a estrutura como

¹⁰⁷ Mais conhecido como Borghettinho, Renato Borghetti é um músico instrumentista e acordeonista brasileiro, natural de Porto Alegre/RS. Seu primeiro disco tem por título o instrumento que o músico toca desde os dez anos de idade: Gaita-Ponto, e atingiu a marca de cem mil cópias vendidas, sendo o primeiro disco de ouro na história da música instrumental no Brasil. Naquele período, em sua terra natal (estado do Rio Grande do Sul), o disco do gaitero vendeu mais do que o fenômeno Thriller de Michael Jackson, o que fez algumas pessoas brincarem o nominando de Borghettinho Jackson. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/05/cultura/628241-o-ano-em-que-renato-borghetti-se-tornou-conhecido-no-mundo.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

cenário de fundo. Esse foi o gatilho que utilizei para me aproximar de alguns e me apresentar, explicando que, em minha pesquisa de mestrado, estudava o uso de celulares em shows e que seria muito importante contar com a participação deles como entrevistados. Similar ao meu contato com as pessoas na fila no início da tarde, só que ainda mais rápido, eu estendia o termo para assinarem, pedia para que anotassem algum contato (telefone ou e-mail) no verso do termo e na sequência realizava três perguntas rápidas – gravando com o celular e com o gravador portátil e pedindo à pessoa que repetisse seu contato para que ficasse salvo na gravação de áudio, assim como nome, idade e profissão – estratégia usada para garantir o registro do contato e facilitar posterior acesso e organização dos dados. Novamente, todos foram bastante receptivos ao meu contato e prontamente responderam às perguntas, que basicamente se limitavam a verificar a expectativa deles em relação ao show e a pretensão de usar ou não o celular durante o evento. Nessa etapa, conversei com seis pessoas.

O intervalo de 20 minutos que acontece no meio do show era um momento em que eu também havia planejado contatar pessoas, no entanto, as mensagens que passavam no telão¹⁰⁸ durante esse período tomavam todas as atenções e marcavam a continuidade do show – em que o público seguia atento ao palco para acompanhar as frases que apareciam, aproveitando para fazer alguns registros delas. Também era possível ouvir manifestações de aprovação ou desaprovação a cada mudança de tela exibida. Por essa razão preferi não abordar ninguém no intervalo e usar esse período para fazer algumas notas de campo em forma de áudio e observar as ações do público. Circulei por toda a extensão da pista e me posicionei no fundo do setor, encostada à grade que marca o fim da pista Premium e que precede um vão de segurança antes da grade da pista normal. A partir desse local também tirei algumas fotos das frases do telão e do público, inclusive algumas fotos gerais do público da pista normal, que parecia mais atento ao telão e menos ao celular do que quem estava na pista Premium.

Ao final do show, a evacuação do público foi ainda mais rápida do que de costume por questões de segurança, devido ao temporal que já se iniciava. Gostaria de ter ido até

¹⁰⁸ Ao longo de todo o intervalo, o telão exibia frases de protesto, que podem ser consultadas no Anexo III. A primeira tela, inclusive, trazia a frase: “*Resist Mark Zuckerberg*”, seguida de outra tela proferindo críticas ao fundador do Facebook, que também é detentor de plataformas como Instagram e WhatsApp. As três estão entre as principais redes sociais da atualidade – e todos os entrevistados referiram utilizar, pelo menos, uma delas (quando não todas combinadas), tendo, ironicamente, postado nelas os próprios registros feitos das referidas telas. Entrevistados como H8* comentaram sobre o assunto: “Ali foi uma parte que eu fiquei bastante surpreso e até tive *insights*, tipo: ‘É, o Zuckerberg, nunca tinha me dado conta!’ [...] Eu olhei e fiquei pensando: ‘Que porcaria tem o Zuckerberg ali?’ Aí vi a tela seguinte e fiquei pensando: ‘Bah é isso, que loucura, cara’. Bah, e eu tava acompanhando o show pelo Face...”

a parte central da grade, local em que estavam as pessoas com quem falei na fila durante a tarde, e estava aguardando o término do show e a saída das pessoas de trás para conseguir chegar até lá, já que esse era o ponto de maior aglomeração e ao qual fora impossível ter acesso durante o show. No entanto, em virtude da chuva, os seguranças não permitiam que se andasse para frente, direcionando todos para fora do estádio, ao mesmo tempo em que já surgia toda a equipe técnica para desmontar a grandiosa estrutura do palco. Acompanhei a multidão que se dirigia para a saída, atenta aos comentários sobre o show – e inevitavelmente aos comentários sobre o jogo que ocorrera no outro estádio também. A essa altura o jogo já havia terminado e vários torcedores que estavam no show utilizaram o celular para acompanhar o resultado, dividindo um pouco da atenção para de alguma forma estar nos dois eventos ao mesmo tempo, de modo que a torcida gremista presente no show saia visivelmente um pouco desapontada com a derrota do seu time – ao mesmo tempo em que feliz por ter escolhido ir ao show, diante do que acabara de presenciar. Inclusive, quando conversei com as pessoas na saída, esse foi um dos pontos destacados para falar da importância do celular – acompanhar outro evento ao mesmo tempo e de alguma forma se sentir parte também mesmo sem estar lá. Isso ajudava a minimizar a dificuldade de ter de escolher entre ir a um evento ou outro, já que os dois ocorriam exatamente em mesma data e horário.

Logo na saída da pista Premium, ainda na parte interna do estádio, próximo aos quiosques de alimentação, havia um grande pôster da turnê que cobria a parede de cima a baixo. Este pôster provavelmente significava uma das últimas oportunidades de fazer um registro para levar parte daquele dia para casa, e muitos acabaram aguardando alguns minutos ali, na fila que já se formava, para também fazer uma foto em frente ao pôster – conforme seu próprio ídolo Roger Waters já havia feito em outro momento da turnê (Fig. 8).

Fig. 8 – Roger Waters em frente ao pôster da turnê *Us + Them* 2018.



Fonte: Time4Fun/Divulgação.

Disponível em: <<https://spdagaroa.com.br/roger-waters-paulista-ibirapuera/>>. Acesso em 17 fev. 2019.

Após acompanhar por um instante essa movimentação, fui me dirigindo para a saída. A essa altura eu estava sendo atravessada por um turbilhão de sentimentos, ainda processando internamente tudo que havia experienciado até aquele momento. Pelo fato do show ter ocorrido apenas dois dias após o resultado das eleições presidenciais do Brasil – de uma disputa política tensa que já havia tornado todo o mês de outubro bastante complicado –, era possível notar que se intensificava ainda mais uma sensação de mal-estar. Eu havia ouvido de perto muitos discursos de ódio durante as ações de manifestação ao longo do show, a ponto de não ter vontade de abordar mais ninguém para conversar sobre a minha pesquisa. Apesar de todas as coisas incríveis do show, era vivaz a minha tristeza ao ouvir pessoas proferindo palavras de ódio ao ver as manifestações de antitotalitarismo, que na verdade sempre estiveram presentes nas letras de Roger Waters – e a gradativa mudança do público do show, como discutiremos adiante, deixava claro por que muita gente que estava ali provavelmente nem conhecia o teor e o significado das músicas a que se dispôs a escutar nesse show. Caminhei até a saída com isso em mente, tentando recuperar motivação e ânimo para falar com mais algumas pessoas, atenta ao assunto dos que estavam ao meu redor.

Ao chegar na porta de saída, ainda embaixo do toldo de proteção do estádio, deparei-me com grande parte do público que se aglomerava ali para se proteger da chuva. Nesse momento ouvi um grupo comentando efusivamente os pontos do show que havia

achado mais incríveis. A alegria com que todos os membros do grupo falavam era contagiante, o que me fez retomar mentalmente os pontos altos do show e, aos poucos, recobrar a disposição para continuar as entrevistas. Aproximei-me deles e vi que pareciam ser membros de uma mesma família, com idades variando de uma faixa de vinte a sessenta anos. À primeira frase minha, eles prontamente me incluíram ao grupo, e a roda tomava forma mais circular com o meu ingresso. Falei brevemente da minha pesquisa, o que despertou bastante interesse por parte deles, ainda em êxtase por qualquer coisa relacionada ao show. Após coletar as assinaturas e informações de contato no termo de consentimento, com o gravador em mãos, iniciei as perguntas – que envolviam como havia sido o show, se fez algum registro (se sim, quantos e em quais momentos) e se sentia diferença de quando estava com o celular em mãos ou não. Como a estrutura do grupo transformava o contato em uma espécie de grupo focal, já que eu mantive o gravador ligado de forma direta de um entrevistado para o outro e alguns comentavam pontos no meio da resposta do outro, pedi para que cada um dissesse, primeiramente, seu nome, idade e profissão para ficar salvo nos registros do áudio e facilitar o entendimento.

A conversa com esse grupo foi bastante produtiva, pude sentir que os caminhos da pesquisa começavam a tomar forma: agora já falávamos sobre como havia sido o papel do celular e a experiência de show no evento que compunha o meu campo. Meu ânimo estava no nível máximo novamente e, ao me despedir deles, já visualizei as pessoas com quem falaria na sequência. Abordei três jovens que conversavam sobre o show enquanto se organizavam para deixar o estádio, aparentemente aguardando alguém que viria buscá-los assim que a chuva desse uma trégua. Segui o mesmo roteiro de apresentação utilizado com o grupo anterior e, mais uma vez, prontamente tive o consentimento deles para participar. Assim que perguntei sobre o uso do celular durante o show, um deles rapidamente exclamou que havia usado bastante, inclusive para filmar uma briga que ocorreu no setor em que ele estava, motivada por discussões políticas. Nesse momento percebi que o público de um setor distinto ao meu havia se mesclado na saída: eles estavam na Cadeira Inferior (ou Plateia Baixa, como costuma ser chamado), e a porta da saída se encontrava ao lado da saída da pista Premium. Prossegui a curta entrevista, já ciente de que provavelmente eles não fariam parte do corpus para entrevista em profundidade, por estarem em um setor diferente ao que havia sido delimitado como escopo da pesquisa. De qualquer modo, suas informações eram válidas para compor meu relato como observadora participante daquele dia.

Após a conversa com eles, segui em busca de mais informantes, abordei mais algumas pessoas e, quando sentia que estas demonstravam pressa para ir embora, eu só me apresentava rapidamente explicando a pesquisa e a necessidade de um contato para uma entrevista posterior. Dessa maneira consegui contato e assinatura de mais oito pessoas, sem realizar breves perguntas no local. Tive uma situação negativa com um grupo de homens que, ao me ouvirem falar sobre a pesquisa e coletar contatos de um casal ao lado deles, começaram a me chamar com frases como “Ah, pega meu contato também, respondo tudo que *tu quiser*”, em um tom que destacava visível sinal de embriaguez. Fingi que não ouvi o que eles disseram e caminhei rapidamente em direção oposta, buscando visualizar outro grupo com o qual pudesse conversar. Importante destacar que fora inevitável fazer esse tipo de triagem, primeiro descartando abordagens a qualquer pessoa com algum sinal de embriaguez (que foram poucos casos) e, segundo, verificando quais pessoas pareciam mais abertas a conversar – por já estarem animadas comentando sobre o show, por exemplo.

Grande parte do público já havia deixado o estádio, mesmo com a forte chuva e, entre as poucas pessoas que ainda restavam, o assunto do momento era o quão difícil estava conseguir chamar um carro por aplicativo como Uber¹⁰⁹ ou qualquer outro similar – muitos mexiam freneticamente no celular atualizando de minuto a minuto em busca de carros disponíveis. Preocupação essa que me afetava também, já que eu dependeria disso para voltar para casa. Resolvi fazer uma última abordagem para a pesquisa ao visualizar dois jovens de aproximadamente 20 anos com expressões bastante amigáveis, encostados na parede conversando enquanto, ao que parecia, pacientemente aguardavam até que a chuva e o movimento de pessoas diminuíssem, o que aumentaria as chances de encontrar um motorista para ir embora. Aproximei-me deles conversando sobre isso, e me responderam que estavam de fato aguardando por algum carro disponível no aplicativo. Ao me apresentar e explicar que estava fazendo minha pesquisa neste show, eles se mostraram muito interessados em ajudar e, como eles sinalizavam maior disponibilidade e abertura, senti-me à vontade para fazer uma entrevista maior do que as anteriores. No total, conversei com os dois por aproximadamente quinze minutos, já com vários pontos

¹⁰⁹ Empresa multinacional americana, a Uber é uma prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, por meio de um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização. O serviço se assemelha ao tradicional táxi, com a vantagem de ser mais barato, prático e, em geral, de melhor qualidade. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Uber>>. Acesso em 15 fev. 2019.

importantes a explorar nessa breve entrevista. Por isso, quando me despedi reforcei que gostaria muito de entrevistar pelo menos um deles na etapa seguinte.

Terminada essa entrevista e tendo me despedido dos dois, agradecendo muito pela conversa, percebi que o local havia se esvaziado completamente, restando apenas eu e não mais do que cinco pessoas, incluindo os últimos funcionários a sair. Fiquei com receio de aguardar mais até encontrar um carro disponível por algum aplicativo, já que a chuva seguia forte, então me esgueirei para dentro do primeiro táxi que vi em frente ao estádio e fui embora. Ao chegar em casa, senti a diminuição do nível de adrenalina daquele dia e, proporcionalmente, o aumento do meu nível de cansaço. No entanto, antes de dormir, separei os termos assinados – meio amassados, mas inteiros – e juntei aos que havia coletado no início da tarde. No total, eu havia coletado assinaturas de quarenta pessoas.

Como eu ainda estava bastante agitada para descansar, resolvi ver o que havia de imagens sobre o show no Instagram a partir da *hashtag*¹¹⁰ #rogerwaters e da localização estádio Beira Rio. Pude notar que já havia bastante material, e fui salvando algumas imagens para ver mais atentamente depois. Também localizei os perfis dos integrantes da banda e passei a segui-los para acompanhar o que teria de postagens relacionadas a esse último show da turnê no Brasil, da mesma maneira que eu já vinha acompanhando o perfil oficial do diretor criativo, Sean Evans, da fotógrafa da turnê, Kate Izor, e do próprio Roger Waters. Neste último, a cada show eram compartilhadas quatro imagens que membros do público haviam feito e postado em seus perfis utilizando a *hashtag* #rogerwaters, acompanhada da respectiva cidade em que ocorrera o show.

6.2 Decupagem do material e agendamento das entrevistas em profundidade

A rotina de pesquisa no período posterior ao show compreendeu a decupagem do material coletado, principalmente organizando os contatos para as futuras entrevistas em profundidade. Entre os quarenta termos de consentimento assinados, tive de descartar um deles como possível entrevistado porque a pessoa não preencheu nenhuma informação de contato. Separei os trinta e nove termos restantes em três grupos, classificando pelo

¹¹⁰ Segundo a definição do dicionário Oxford, que incorporou o termo em 2014, *hashtag* é uma palavra-chave antecedida por uma cerquilha (#) que é utilizada nas mídias sociais para identificar mensagens relacionadas a um tópico específico. O próprio símbolo da cerquilha é chamado de *hashtag* quando usado dessa maneira, como é o caso do emprego na frase deste texto. O uso de *hashtags* se tornou uma ótima ferramenta de busca em redes sociais. Elas se transformam em hiperlinks que direcionam o resultado da busca para todos os sujeitos que, da mesma forma, marcaram os seus conteúdos com a *hashtag* pesquisada.

momento de abordagem entre pré-show (fora do estádio, na fila, entrevistei dezesseis pessoas), momento do show (seis pessoas com quem conversei minutos antes de começar o show, já dentro do estádio) e pós-show (dezessete contatados na saída do evento, sendo dez pessoas entrevistadas, e das demais apenas coletei assinatura e informações de contato). Realizei as transcrições das conversas de cada momento, totalizando 32 entrevistas curtas de duração média de cinco minutos. Para garantir o anonimato dos entrevistados, a identificação utilizada neste trabalho foi de siglas, composta pela letra M ao se tratar de informantes do gênero feminino e H para os de gênero masculino, acompanhada de número sequencial na ordem cronológica do contato com eles (Tabela 1). Fiz uma espécie de triagem nesse material para identificar a partir das falas das pessoas quais pareciam ser os contatos “chave”, que eu deveria entrevistar em profundidade. Concluída essa etapa, enviei mensagem por WhatsApp (meio de contato que a maioria me informou) e e-mail para algumas pessoas, cujo teor do texto retomava a conversa que havíamos tido no dia do show sobre a minha pesquisa, com destaque para quão importante seria contar com sua participação e com o fechamento de que aguardava o seu retorno para agendar uma entrevista em profundidade.

Tabela 1 – Perfil das pessoas entrevistadas no dia do show, por ordem cronológica do contato.¹¹¹

Identificação	Gênero	Idade	Profissão	Etapa de abordagem
M1	Feminino	17	Estudante	Pré-show
H1	Masculino	17	Estudante	
M2	Feminino	25	Advogada	
H2	Masculino	31	Funcionário da UFSM	
H3	Masculino	31	Microempreendedor Individual	
H4	Masculino	30	Servidor Público	
M3	Feminino	23	Estudante	
M4	Feminino	54	Não informado	
H5	Masculino	23	Engenheiro Mecânico	
M5	Feminino	22	Estudante	
H6	Masculino	19	Estudante	
M6*	Feminino	25	Estudante	
H7	Masculino	19	Estudante	
H8*	Masculino	22	Estudante	
H9	Masculino	57	Cirurgião Dentista	
H10	Masculino	26	Técnico de Som	
M7	Feminino	35	Enfermeira	

¹¹¹ Foi adicionado um asterisco para diferenciar os informantes que também fizeram parte da etapa de entrevistas em profundidade.

H11	Masculino	38	Estatístico	Momento do show
H12	Masculino	29	Engenheiro Civil	
M8	Feminino	26	Arquiteta	
H13*	Masculino	37	Bancário	
H14*	Masculino	62	Aposentado	
H15	Masculino	20	Estudante	Pós-show
M9	Feminino	19	Estudante	
H16	Masculino	19	Estudante	
M10*	Feminino	26	Farmacêutica	
H17	Masculino	59	Médico Veterinário	
M11	Feminino	20	Estudante	
H18	Masculino	39	Engenheiro Mecânico	
M12	Feminino	34	Desempregada	
M13	Feminino	20	Estudante	
H19*	Masculino	18	Estudante	

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

No dia 30 de novembro, data que marcava um mês do show, enviei a seguinte mensagem para os sujeitos:

Olá ‘fulano’, tudo bem? Talvez a data de hoje te faça lembrar de algo! Um mês atrás, nessa data, estávamos todos (provavelmente ansiosos) para ver o show do Roger Waters. Naquele dia conversei contigo sobre a pesquisa que estou fazendo relacionada a esse show. Estou retomando o contato para falarmos mais a respeito. Pode ser?

A partir dessa mensagem, obtive algumas respostas bastante animadas, como “Oi, impossível esquecer! Tô desde aquele dia pensando no show” (enviada pela M6* em 30 de novembro de 2018, pessoa que viria a se tornar uma das entrevistadas na etapa seguinte). Como já era esperado, também houve várias tentativas inexitasas, nas quais não tive resposta alguma. Troquei mensagens com as pessoas que responderam em busca de agendar uma data e horário para realização das entrevistas. A primeira entrevista que consegui realizar foi com a M6*, não sendo coincidência justamente ela ter me enviado a resposta mais animada – conforme citado anteriormente. Nos encontramos em uma cafeteria de Porto Alegre, local que eu havia sugerido por saber que poderia contar com uma tomada ao lado da mesa em que iríamos sentar – bastante necessária já que a gravação da entrevista seria feita com o meu celular, motivo pelo qual precisava garantir a carga da bateria. Minha preparação para a entrevista havia sido estudar o roteiro de perguntas, que eu também levaria impresso, e ouvir novamente a conversa que tive com a entrevistada no dia do show, a fim de verificar pontos importantes para retomar no

momento em questão – prática esta que eu viria a adotar também para todas as entrevistas em profundidade subsequentes.

6.3 Entrevistas em profundidade: perfil dos informantes

As entrevistas em profundidade foram agendadas e realizadas à medida da responsividade das pessoas contatadas e da disponibilidade comum de horários e locais para a realização das entrevistas entre estas e a pesquisadora. Buscou-se mesclar gênero e faixa etária para composição de *corpus* mais diversificado possível. Outra estratégia adotada para diversificar o grupo de entrevistados foi a de buscar informantes das três diferentes etapas de abordagem efetuadas no dia do show, quais sejam: pré-show, momento do show e pós-show, conforme já explicitado anteriormente.

A primeira entrevistada foi a M6*, por ter sido a que respondeu mais rápido ao contato, demonstrando muito interesse em participar da pesquisa, com disponibilidade e flexibilidade para agendamento. Durante a entrevista, em alguns momentos ela mencionou seu namorado, com quem havia ido ao show (e que eu também havia entrevistado na fila). Ao final, ela sugeriu que eu o entrevistasse também, principalmente por ser frequentador assíduo de shows de rock, e garantiu que com certeza ele adoraria participar. Revisitei a conversa que havia tido com ele no dia do show e percebi que já naquele dia ele havia trazido pontos muito pertinentes para refletir as questões da pesquisa, motivo pelo qual resolvi contatá-lo. Ele prontamente retornou, confirmando disponibilidade para fazermos a entrevista naquele mesmo dia – eu havia entrevistado a M6* pela parte da manhã e agendei a entrevista dele, H8*, para o final da tarde.

O próximo entrevistado foi H19*, que havia sido uma das últimas pessoas com quem conversei no dia do show. Eu tinha contatado ele e sua colega na forte intenção de entrevistar pelo menos um dos dois e, felizmente, H19* me retornou e conseguimos agendar a entrevista para dois dias após as entrevistas anteriormente mencionadas. Após o período de recesso de final de ano, realizei a entrevista seguinte com H13*, no início de janeiro. Ele havia me respondido ainda no mês anterior, indicando quando teria disponibilidade para a entrevista, que já deixamos previamente agendada. De forma similar ao que ocorrera com M6*, H13* também comentou sobre seu pai durante a entrevista, que o havia acompanhado ao show. Questionei sobre a possibilidade de entrevistá-lo, a qual ele me retornaria assim que possível. Enquanto isso, eu seguia em contato com mais algumas pessoas que haviam me respondido, no intuito de conseguir

agendar mais uma entrevista. Apesar da resposta positiva sobre a participação, a maioria dos contatados estava ausente da cidade, impossibilitando o encontro para uma entrevista pessoal. A minha decisão foi persistir mais um pouco na tentativa de agendar entrevistas presenciais e, caso se mostrasse inexitosa, seguiria para a realização da entrevista por Skype.

Na semana seguinte, consegui agendar uma entrevista presencial com M10* e, depois da realização desta, analisando-a em conjunto com as demais entrevistas, pude notar que as respostas começavam a se repetir. À essa altura, resolvi que poderia ser válido fazer somente mais uma entrevista, para confirmar a saturação dos tópicos abordados. Retomei o contato com H13*, com o intuito de confirmar a disponibilidade de seu pai para a entrevista, pois buscava agregar à pesquisa a perspectiva de alguém de sua faixa etária. Com a sua confirmação, agendei a entrevista com H14*, que foi ao meu encontro acompanhado de H13*. Em alguns momentos, este complementou algumas respostas ao se lembrar que não havia comentado a respeito de tal assunto na entrevista que realizei com ele. A partir dessa conversa – que fora, inclusive, dupla em algumas situações – percebi que havia explorado bastante o que esperava abordar e, assim, considerando a saturação dos tópicos em análise e o cronograma de pesquisa, dei por encerrada a etapa de entrevistas. Ao total, seis pessoas foram entrevistadas em profundidade, sendo duas do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idades variando entre 18 e 62 anos (Tabela 2).

Tabela 2 – Perfil dos informantes na etapa de entrevistas em profundidade.

Identificação	Gênero	Idade	Profissão	Etapa de abordagem
M6*	Feminino	25	Estudante de Medicina Veterinária	Pré-show
H8*	Masculino	22	Estudante de Relações Internacionais	
H13*	Masculino	37	Bancário	Momento do show
H14*	Masculino	62	Aposentado	
M10*	Feminino	26	Farmacêutica	Pós-show
H19*	Masculino	18	Estudante de Cinema	

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

A seguir, apresenta-se mais detalhes sobre o perfil de cada entrevistado, com informações como sua relação com a banda Pink Floyd e com o gênero rock, a frequência com que costuma ir a shows, com quem foi a este show, em que momento chegou no estádio e se havia visto registros de shows anteriores. Além disso, também consta, quando

couber, se já havia ido a algum show de Roger Waters e alguma outra curiosidade pertinente. Ao final, estão as informações sobre data e local de realização da entrevista.

6.3.1 Informante 1

M6* tem 25 anos e é estudante de Medicina Veterinária da UFRGS. Foi ao show acompanhada do namorado e do sogro. Esteve em poucos shows em sua vida, sendo esta a primeira vez que foi a um show relacionado à banda Pink Floyd e também sua estreia na maratona para conseguir “pegar grade”. Preferiu não ver fotos e vídeos e nem setlist dos outros shows da turnê para manter a surpresa. Chegou ao estádio por volta das 10 horas da manhã. Ganhou o ingresso de seu sogro como um presente de aniversário. A entrevista foi realizada no dia 19 de dezembro de 2018, na cafeteria Bella Gula, em Porto Alegre.

6.3.2 Informante 2

H8*, de 22 anos, estuda Relações Internacionais na UFRGS. Foi ao show com a namorada e com o pai. É muito fã de rock e frequentador assíduo de shows, tendo essa prática como hobby. A título de curiosidade, destacou que no ano de 2012 foi a 14 shows em Porto Alegre – incluindo o show de Roger Waters da turnê “*The Wall Live*”, que ocorrera naquele ano. Já viajou para ver shows em outros estados, sendo que sua última viagem foi para o Rio de Janeiro em 2018 para assistir ao show do Ozzy Osbourne com o guitarrista Zack Wylde, de quem é muito fã. Antes de ir ao show de Roger Waters, viu alguns registros que os fãs compartilharam dos shows nas outras cidades por meio de grupos no Facebook e pelo Instagram, a partir de alguma *hashtag* específica. Também assistiu novamente às imagens que havia feito no show anterior de Waters em Porto Alegre. Entrevista realizada na cafeteria Leitaria 639, em Porto Alegre, no dia 19 de dezembro de 2018.

6.3.3 Informante 3

H13*, 37 anos, bancário. Seu gênero musical preferido é o rock. Procurou ver vídeos que os fãs compartilhavam pelo grupo do Facebook desde o início da turnê *Us + Them* no Brasil. Foi seu pai quem o introduziu ao Pink Floyd, e que o acompanhou nesse

show. Tendo ambos uma forte relação com a banda, costumam ir juntos a todos os shows relacionados ao Pink Floyd, inclusive de bandas covers. H13* vai a shows grandes a cada dois ou três meses, e a shows menores, todo mês. Esteve no show anterior de Roger Waters, *The Wall Live tour*, em 2012, em um setor mais longe do palco. Este show de 2018 do Roger Waters foi o primeiro show a que assistiu a partir da pista Premium. Entrevista realizada no dia 08 de janeiro de 2019, no restaurante Oak's Burritos em Porto Alegre.

6.3.4 Informante 4

H14*, 62 anos, aposentado. Pink Floyd é sua banda preferida e, acompanhado de seu filho, foi a todos os shows relacionados à banda ocorridos em Porto Alegre nos últimos anos, incluindo os shows de Roger Waters em 2012, de David Gilmour em 2015 e de bandas covers – em 2018 foi a dois shows de bandas covers de Pink Floyd. Também foi a cerca de 8 shows de outras bandas de rock em 2018, a maioria de bandas covers. Ele e o filho já garantiram o ingresso para o show do Roger Waters no momento em que foi anunciada a turnê, cerca de seis meses antes, e desde então a expectativa para o show era grande. Já havia ido ao show de seu ídolo a seis anos atrás, mas esta foi a primeira vez vendo de perto, na pista Premium. Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2019, no restaurante Oak's Burritos em Porto Alegre.

6.3.5 Informante 5

M10*, de 26 anos, é farmacêutica. Gosta muito de rock e geralmente vai mais a shows de bandas pequenas em bares da cidade, pois gosta de conhecer bandas novas e costuma incentivar a cena musical mais desconhecida. Foi a quatro shows grandes no último ano, incluindo o de Roger Waters, sendo este, em suas palavras, o melhor show a que já foi na vida. Não quis ver registros de outros shows antes de ir para manter a surpresa do momento – sabia apenas que haveria um porco gigante sobrevoando o público, pois sua prima havia lhe contado. Gosta muito de Pink Floyd e foi ao show principalmente para acompanhar seu pai, pois ele não costuma ir a shows e lhe deu o ingresso para que ela o acompanhasse. Chegou ao estádio em tempo de assistir ao show de abertura. Entrevista realizada no dia 15 de janeiro de 2019, na cafeteria Bella Gula, em Porto Alegre.

6.3.6 Informante 6

H19*, 18 anos, estudante de Cinema. Nunca havia ido a um show em estádio, sendo este do Roger Waters o maior show ao qual foi em sua vida (cerca de 3 a 4 vezes maior do que qualquer show que já tenha ido). Costuma ir a shows a cada dois meses. Apesar de gostar de Pink Floyd e querer muito ir ao show, acabou decidindo apenas na véspera, quando sua colega resolveu que iria, no último momento – até então não tinha encontrado companhia e não queria ir sozinho. Perdeu o show de abertura, chegando apenas cerca de vinte minutos antes do show do Roger Waters começar. Preferiu não ver registros antes de ir, seu objetivo era ir sem saber o que seria o show, para não estragar a surpresa, e achou que valeu a pena. Seus gêneros musicais preferidos são rock e *indie*. Entrevista realizada na cafeteria Z Café do Shopping Iguatemi em Porto Alegre, no dia 21 de dezembro de 2018.

Assim que H19* chegou e se acomodou à mesa, perguntei se gostaria de pedir algo do cardápio antes de iniciarmos a entrevista. Enquanto víamos os itens do cardápio para pedir um café, encontrei um chamado “café russo”, no qual, entre os ingredientes, estava uma dose de vodka. Eu ri e mostrei ao H19*, que prontamente respondeu: “Nossa, preciso tirar uma foto disso!” E rapidamente sacou seu celular do bolso para fazer uma foto e compartilhar nas *stories* de seu Instagram. Nossa conversa já começava com este objeto bem presente. Para retomar o dia do show, após comentar sobre o momento em que havia conversado com ele naquele dia, dei início ao roteiro de perguntas questionando se ele lembrava como havia sido a preparação para o show e se poderia me falar a respeito. Este também havia sido o procedimento adotado para iniciar a entrevista com a M6*. Com os demais, no entanto, testei iniciar perguntando o que os fazia ir a um show e com que frequência costumam ir, pois assim era possível retomar outras experiências como forma de “quebra-gelo” até entrar no tópico específico desta pesquisa. Todas as entrevistas em profundidade foram muito ricas em informações, de modo que incluir relatório de todas elas provavelmente extenuaria a leitura desta dissertação. Por esse motivo, optou-se por partir diretamente para a análise e discussão desses dados no capítulo seguinte. As transcrições das entrevistas em profundidade em seu inteiro teor podem ser consultadas no Apêndice II.

6.4 Entrevistas prévias: descrição dos diálogos com os informantes no dia do show

Com o intuito de buscar uma compreensão mais aprofundada sobre quais são as motivações prévias que levam as pessoas a utilizar o celular durante o show, foi pertinente investigar se esta prática se relaciona com algum ritual de preparação e antecipação ao evento, a partir de perguntas breves realizadas junto às pessoas contatadas antes do show. De acordo com as estratégias metodológicas definidas para este trabalho, a ida à campo para coleta destes dados que antecedem o show compreendeu duas etapas: a primeira denominada de “pré-show”, realizada antes da abertura dos portões, a partir do contato com dezesseis pessoas que aguardavam na fila formada no lado de fora do estádio; e a outra identificada por “momento do show”, por ser já dentro do estádio, minutos antes do início do show, em que o diálogo com as seis pessoas contatadas foi mais curto devido às circunstâncias da situação temporal, mais ainda assim de grande valia para esse estudo.

A conversa com as pessoas que estavam na fila, além de uma breve contextualização sobre sua relação com a banda e por que era importante ficar na grade para ver o show, incluía principalmente como havia sido a sua preparação para o show, se havia visto alguma foto ou vídeo feitos por quem esteve nos shows realizados nas outras cidades e, em caso afirmativo, em que meios havia visto, por que viu e qual era a importância desses registros. O próximo tópico-chave indagava se a pessoa pretendia usar o celular durante o show e, em caso afirmativo (o que ocorreu em todas as respostas), era perguntado se havia algum momento específico que ela desejava registrar e por quê, o que faria com esses registros e qual era sua opinião sobre as pessoas que usam o celular o tempo todo durante o show.

A informante M1, de 17 anos, disse ter visto partes de todos os shows realizados nas outras cidades a partir das redes sociais Facebook e YouTube, por que ajudava a aumentar a sua expectativa pelo show. Em relação ao seu uso de celular, disse que pretendia usar, mas não para gravar o show todo, apenas um momento ou outro para se recordar depois. “Só pra eu ter uma lembrança minha que eu fiz e deu”¹¹², destacou ela, que entende que se a pessoa escolhe ir para o show é para ver, e não para ficar filmando

¹¹² Destaca-se que não houve correção nas falas originais. Nesse sentido, foi preservada a estrutura de frases e expressões coloquiais, com o intuito de manter fidelidade aos relatos, bem como sua informalidade. Também se optou por não grifar em itálico os termos que não estão na norma culta, por serem a própria marca da oralidade dessas falas. O único cuidado que se teve foi quanto à pontuação, a fim de facilitar a leitura dos relatos, principalmente em citações longas.

ou tirando foto o tempo todo: “se é pra ti ver o show pelo celular tu fica em casa e vê pelo celular, nem precisa vir”. A situação específica que M1 tinha em mente para registrar era a entrada de Roger Waters e alguma música que gostasse mais. Questionada sobre por que era importante para ela registrar a entrada, sua resposta foi: “Ah, porque é a primeira vez vendo ele pessoalmente ali né, tem que gravar”. Nesse ponto perguntei qual era a diferença de ela fazer o registro, já que provavelmente haveria vários registros deste momento, até do mesmo ângulo em que ela estaria e, inclusive, possivelmente ela já deveria ter visto um registro semelhante nos vídeos a que assistiu dos shows anteriores. Sua resposta indica a importância da personalidade dos registros: “Ah, que eu tava ali, eu fiz, eu vi, eu presenciei”. Sobre as fotos e vídeos que faz durante o show, algumas fotos ela costuma compartilhar em seu perfil no Instagram, e os vídeos, em sua maioria, guarda para assistir depois.

H1, também de 17 anos, destacou de forma especial a importância de estar na grade especificamente neste show: “Talvez seja a única vez na vida que eu vou ter a oportunidade de ficar perto dele, e ele é muito icônico! Então é a chance que eu vou ter de ficar a poucos metros de uma pessoa que significa tanto, é uma sensação diferente, por isso que eu acho que é importante”. Ele viu fotos e vídeos dos shows anteriores, principalmente depois das polêmicas que ocorreram em virtude do viés político, em que viu as pessoas vaiarem Waters no show realizado em São Paulo, por exemplo – o que destacou ser, em sua visão, uma atitude muito errada – e ficou ainda mais ansioso para ver qual seria a manifestação no show em questão. Indagado sobre a importância desses registros feitos pelo público, ele disse que achava legal ter aquilo registrado, “porque é a maneira que as pessoas têm de compartilhar, já que a imprensa não pôde registrar¹¹³, alguém que estava lá registrou e compartilhou, e a gente que não tava lá pôde ter uma noção do que aconteceu pra se preparar pra o show que a gente vai estar”. H1 destacou que pretendia usar o celular durante o show, mas não muito, só pra guardar algum momento em que pense: “Ah, esse momento tá legal, acho que vale a pena deixar registrado”, mas seu foco principal não era gravar ou tirar foto. Não costuma postar seus registros, às vezes mostra para algum conhecido que peça, mas, em geral, apenas guarda para si. Sobre o uso que as pessoas fazem de celulares durante o show, ele comenta:

¹¹³ O acesso à imprensa foi permitido com a condição de que não utilizassem câmeras para registrar o show. Desse modo, para as matérias veiculadas sobre o show na televisão foram utilizados vídeos e imagens feitos com celular por membros do público – inclusive de jornalistas, que assistiram ao show a partir de setores comuns aos demais membros, e utilizavam seus celulares para fazer registros que serviriam de conteúdo para as matérias.

Muitas vezes as pessoas que vão em outros shows, de artista pop, vão pra registrar, pra deixar gravado, mas nem tão muito aí pra o show. Aqui não, a galera tá pelo show, tá pelo momento, pela música, vai ser uma coisa diferente, vai ser um show especial, então não vale a pena registrar tanto, a *vibe* é mais tu prestar atenção no show e curtir o momento ao invés de querer gravar e espalhar depois.

Conversamos também sobre algumas experiências de show anteriores, como o último show ao qual ele havia ido no mesmo estádio, da banda Foo Fighters, no início de 2018, e questionei se naquele show ele havia utilizado o celular para registrar alguma coisa. Sua resposta foi a de que até registrou, mas pouco, pois em sua visão: “o show deles não tem nenhum momento icônico que mereça ser gravado, ‘uau, esse momento eu quero lembrar’, o show deles é mais pra curtir, segue até o mesmo padrão sempre, então se tu for gravar não vai fugir muito do que já tem registrado do show deles, então vale mais só curtir do que realmente gravar”. Ele acrescenta: “Não quer dizer que tu vai lembrar mais, mas quer dizer que tu viveu mais aquele momento”.

M2, de 25 anos, já havia acompanhado os vídeos dos shows anteriores na página oficial de Roger Waters no Facebook e em seu perfil oficial no Instagram. A importância desses registros para ela reside na possibilidade de ter uma noção de como é o show, do impacto que gerou, se as pessoas gostaram ou não. “Até por toda essa polêmica da política não tem como tu não ter acompanhado esse show aqui, é impossível. Mesmo não querendo, mesmo se tu nem conhecia o cara já acabava sabendo, foi bem documentado, eu acho”. Em sua opinião, os registros e a própria polêmica criada em torno do show contribuíram para aumentar a sua expectativa. Quando perguntei como havia sido sua preparação para o show, ela destacou o celular com bastante carga como item de primeira necessidade: “Ah, a gente cuidou pra o celular estar bem carregado, isso é uma coisa óbvia, e água, lembramos de trazer bastante água.” Sobre em que momento ela esperava usá-lo, ela indicou que seria só em algumas músicas, para registrar como foi e mostrar para seu pai quando chegasse em casa, mas ressaltando que não achava muito legal ficar tirando foto – é melhor aproveitar o show: “Nos outros shows que a gente foi também cuidei pra não usar sempre porque no fim tu acaba perdendo, e já tem vídeos do show, tu só quer fazer um registro simbólico assim, digamos”. Perguntei o que ela fazia com seus chamados “registros simbólicos”: “Ah, eu fico mostrando pra família quando eu chego em casa, e fica na rede social, né, é bom pra lembrar”. Em geral, ela compartilha seus registros nas *stories* de seu perfil no Instagram e, ao responder isso, fez questão de frisar que só postava depois do show, quando chegasse em casa.

Ao contrário dos depoimentos anteriores, H2, de 31 anos, disse que tentou não ver nada sobre o show para ter a melhor experiência possível. Confessou que havia visto apenas um vídeo da música *Time* de uma outra turnê, apenas pra ter uma ideia, mas depois não viu mais nada. Ele pretendia usar o celular para gravar uns pedaços de duas músicas, que em sua visão são os momentos mais épicos do show. Achei pertinente perguntar porque era importante ter um registro desses momentos considerados mais épicos, e a resposta demonstra bem o quão usual essa prática já se tornou, a ponto de nem haver uma reflexão prévia a respeito: “Acho que... Deixa eu ver... Sei lá, pra ter. Não sei, pelo mesmo motivo que as pessoas tiram foto pra lembrar depois”. Indo um pouco mais a fundo nesse ponto, ele relata uma experiência anterior: “Em 2009 eu fui num show e quando eu olho os vídeos daquela época, parece que tu lembra assim, porque parece que tu sente de novo. Não a mesma, óbvio, não é a mesma sensação, mas um pouquinho, um pouquinho ajuda a lembrar”. Ao perguntar sobre o que ele costuma fazer com os vídeos que grava em shows, ele disse que, dos shows anteriores, postou um trecho do vídeo em seu perfil no Instagram, e quando alguém vai visitá-lo em casa, por exemplo, ele mostra para contar como foi o show.

H3, de 31 anos, contou que é fã de Pink Floyd desde os 5 anos de idade, “desde que tenho algum tipo de consciência, creio eu”. Ele veio de outra cidade (Caxias do Sul) para ver o show e chegou por volta das 7h30 da manhã na fila com o intuito de conseguir um lugar bem na frente. “Já vi ele de longe e como eu acho que é uma das últimas oportunidades de poder ver ele é bem importante pra mim poder estar o mais perto possível porque é uma pessoa que eu admiro muito, então é realizar um sonho”, destacou H3. Ao contar sobre o último show de Roger Waters que tinha ido, em 2012, inclusive dizendo a data em que ocorrera o show, ressaltou que lembrava muito bem de tudo por ter sido um show inesquecível: “Eu nunca tinha ido num show do Pink Floyd, então esse foi o primeiro que eu fui, então assim, eu já gostava muito de Pink Floyd mas mudou escutar Pink Floyd depois de ver ao vivo, foi uma experiência bem forte”. Perguntei se ele tinha algum registro daquele show: “Tenho algumas fotos, tenho acho que uma camiseta que eu comprei também, e fora a memória né, que eu acho que é o mais importante”. Para se preparar para o show de 2018, ele viu vídeos na página oficial do Roger Waters no Facebook e alguma coisa que as pessoas gravaram em outros shows e compartilharam pelo YouTube – além de seus próprios registros do show de 2012. H3 reconheceu a importância desses registros, mas desde que se aproveite o show ao vivo:

Acho que é importante porque mostra a visão de cada um e é meio que assim, por mais que a gente tenha a nossa memória, é legal, que nem aqui eu tava compartilhando com as pessoas que eu conheci hoje o meu ponto de vista daquele show, eu acho que é importante, mas só não pode ser uma coisa que... Por exemplo, eu me arrependi no *The Wall* quando eu fui que eu acabei filmando demais, sabe, até não fiquei olhando pra telinha do celular, fiquei com o celular lá em cima, mas no do Gilmour eu já filmei muito menos. Hoje pretendo fazer um e outro registro, até por que, que nem eu disse, a memória que a gente guarda pra nós é muito mais importante. É bom ter pra talvez mostrar pra alguém, pra tu mesmo lembrar melhor da cena, mas acho que o melhor é aproveitar o show ao vivo mesmo.

Para este show, sua intenção era de registrar a parte em que aparece o prisma, no final do show, alguma manifestação política, por concordar com o posicionamento de Roger Waters, além de algumas partes do telão que achasse bonitas. Geralmente guarda os registros para rever depois, postando alguns nas redes sociais: “Até para ficar lá de uma maneira segura, poder consultar depois, revisitar eles. Por isso até que eu digo que é importante fazer alguns registros, por mais que a gente tenha a nossa memória, é bom ver ali com mais detalhes o que a gente passou naquele dia.”

H4, 30 anos, também já havia ido ao show anterior de Roger Waters e ao show de David Gilmour, e comentou que reviu as fotos que havia tirado nesses dois shows antes de ir para o estádio. Viu alguns poucos trechos dos shows anteriores da mesma turnê no Brasil, segundo ele: “Nada que estrague a surpresa de hoje”. Quanto ao seu uso de celular durante o show, comentou que registro para ele é só foto, não costuma filmar porque a qualidade não é a ideal, então prefere adquirir depois um DVD oficial caso saia, e até lá fica apenas com as suas fotos. “Eu tiro bastante foto mas é em momentos, eu tiro 15 fotos seguidas mas depois já dou um tempo, curto o show, assim, só pra ter aquele registro bom do show, mas em excesso atrapalha”, afirmou H4. O momento mais aguardado por ele seria quando tocasse as músicas do álbum *Animals*, que destacou ao contar que é fã de Pink Floyd desde os 13 anos de idade e que esta é a sua segunda banda preferida.

Foram abordados também dois grupos, cada um com cinco informantes, aos quais foram direcionadas basicamente duas perguntas: expectativa em relação ao show e se pretendia usar o celular em algum momento. M3, de 23 anos, afirmou que a expectativa para o show era muito grande porque já havia comprado o ingresso no ano anterior (em 2017) e que estava esperando muito por esse show. Tinha a pretensão de registrar alguma coisa, mas disse que não usa o celular o tempo todo, pois prefere curtir o show. M4, 56 anos, destacou que seu primeiro vinil foi o de *The Dark Side of The Moon*, quando tinha 13 anos, e que havia ido ao show anterior de Roger Waters em 2012. Sua expectativa era grande, principalmente pelo momento em que o país se encontrava e pelo posicionamento

político de Roger Waters, comentando que achava que esse show seria muito histórico e representativo. Disse que pretendia registrar algum momento, mas por ser muito fã queria mais é curtir, já que depois poderia ter DVDs para assistir novamente. M5, 22 anos, também falou que pretendia registrar alguns momentos, mas que às vezes acaba se excedendo por pensar que gosta dessa música e daquela outra também e querer gravar todas. Da mesma forma, ela destacou sua grande expectativa, principalmente pela posição política, e que por isso ia querer registrar esse momento, porém de maneira moderada porque, em suas palavras: “se não depois tu fica vendo igual a um DVD, e aí então tu vê em casa”. H5, de 23 anos, considera Pink Floyd sua banda favorita, destacando que a oportunidade de ver o show do Roger Waters seria a realização de um sonho. Comentou que não gosta de fazer muitos registros, mas que faria alguns, pois, como no show de David Gilmour ao qual foi em 2015, seus registros o fazem transportar de volta: “Quando eu faço algum registro eu acho legal quando vejo eles de novo e consigo sentir que eu tô no lugar de novo, ter a sensação do que eu senti na hora”. Para H6, de 19 anos, a expectativa era muito grande também, e afirmou que pretendia fazer quase nenhum registro: “Hoje em dia as pessoas estão muito mais focadas em registrar e não estão vivendo realmente o momento, então eu pretendo registrar pouco e sentir a experiência”.

H8*, de 22 anos, que estava no segundo grupo, aguardava por um show com qualidade sonora muito boa e efeitos visuais fantásticos, e destacou que esperava registrar o momento em que o prisma é projetado em cima da pista. H10, de 26 anos, que foi ao show de Waters em 2012, disse ter a expectativa de que fosse tão bom quanto, e que pretendia registrar alguma coisa curta, só para ter como lembrança. H9, de 56 anos, nem dormiu na noite anterior de pura ansiedade pelo show, estava desde às 6 horas da manhã fazendo sanduíches para levar para fila, na qual chegou por volta das 8 horas. Quanto aos registros, disse que preferia deixar a cargo de seu filho, H8*, que registra muito melhor, e que assim ele só se preocuparia com o show. M6*, de 25 anos, comentou sobre a experiência de usar o celular durante o show:

Eu acho que atrapalha porque as pessoas ficam muito querendo registrar pra ver depois ou pra ter guardado e não guardam a experiência. Eu registro só algumas partes de algumas músicas que eu mais gosto, mas eu prefiro deixar pra ter como lembrança do que ter como gravação.

As mesmas perguntas foram feitas às pessoas contatadas dentro do estádio, minutos antes do início do show, além de explorar com algumas delas qual era a motivação para usar o celular. M7, de 35 anos, disse que estava esperando pelo show há muito tempo e que pretendia filmar algumas músicas, principalmente as que, segundo ela,

são as mais “ban ban ban”. Sua motivação para registrar é por compartilhar sua alegria e socializar, já que muitos amigos gostariam de ter ido ao show e não puderam. H11, de 38 anos, destacou que sua expectativa era a melhor possível e que pretendia usar o celular, mas muito pouco, talvez apenas uma foto inicial, por ser contra esses registros: “Não tiro muitas fotos e não gosto de filmar, porque sei que muitas pessoas vão filmar e até mesmo porque se eu quisesse assistir pelo vídeo eu ficaria em casa, e aqui eu tô vivendo um momento único, pretendo não perder muito tempo com o celular”. H12, de 29 anos, ressaltou sua grande expectativa e que tinha a intenção de usar o celular, mas não durante todo o show, só para que tivesse um registro de onde ele estava. “Sei que é um show que tem muita gente gravando, tem no YouTube de várias cidades e o show é igual, então é só pra pegar um pouco da minha perspectiva”. M8, de 26 anos, expôs que achava que ia ser um bom show, já havia ido ao show de Roger Waters da outra vez e na época não usou muito o celular, pretendia usar mais dessa vez para ter fotos para lembrar depois de como foi. H13*, de 37 anos, enfatizou que sua expectativa era das melhores, e que achava que este show seria melhor do que o último de Waters em Porto Alegre. “Com certeza vou fazer vários registros, porque deixa marcado para lembrança desse dia e principalmente para compartilhar também, é legal compartilhar”. Seu pai, H14*, de 62 anos, evidenciou sua expectativa por curtir no show tudo aquilo que curtiu na sua infância e que, com certeza, utilizaria o celular para postar para quem não pôde ir ao show ter a possibilidade de ver depois.

Na etapa “pós-show” foi realizada a última abordagem em busca de novos informantes entre os membros do público, já na saída do estádio. Foi possível conversar com dez pessoas, inclusive conduzindo alguns diálogos mais prolongados, já aprofundando mais os tópicos de pesquisa. De modo geral, as perguntas principais eram para verificar se havia sido usado o celular durante o show; se sim, em que momento; o que a pessoa faria com os registros que havia feito e se identificava alguma diferença na experiência do show quando utilizava o celular ou não.

H15, de 20 anos, disse ter usado bastante o celular para gravar as partes que mais gostou e para tirar foto com seus amigos e, apesar de não se importar tanto em ter o celular no show, achou que foi legal para tirar foto e filmar. Ele inclusive questionou se para a pesquisa era importante apenas o celular durante o show, justamente por não fazer tanta questão de ter o celular naquele momento, mas que, após o show, ter o celular foi muito importante para ele e para seu amigo, muito envolvidos com futebol, conseguirem ver o resultado do jogo do Grêmio que ocorrera ao mesmo tempo que o show. Quanto a este

último, no final, ainda realçou: “É mais legal curtir sem estar filmando”. M9, de 19 anos, contou com bastante euforia que esse havia sido seu primeiro show desse porte e não poderia ter sido melhor. Não usou o celular no começo porque queria curtir a vibração do show, mas a partir da metade do evento gravou duas músicas mais famosas e tirou fotos, porque fotografia é algo importante para ela. “Durante o show talvez eu não sinta a mesma coisa com o celular na frente do rosto, mas por outro lado ter o registro pra olhar e lembrar depois vale bastante”. H16, também de 19 anos, pontuou quão incrível achou que foi o show, e como esses super astros conseguiam aliar a tecnologia para produzir um espetáculo bem diferente e marcante, capaz de ser lembrado para sempre. Usou o celular para tirar foto e gravar vídeos, pois gosta de guardá-los para ver depois – e também já compartilhou alguns pelas *stories* do Instagram. Ao comentar sobre a experiência do show, a fala de H16 expressou a onipresença do celular nas práticas diárias: “Agora já é todo mundo envolvido nesse negócio, e daí acaba se tornando uma coisa normal o celular já, levar pra tudo que é lugar, tirar *selfie*, tirar foto do show, de qualquer lugar, estar com celular se comunicando nas redes sociais ou falando com a família, ou depois até pra pedir carro pra ir embora”. Não visão dele, de tão rotineiro que se tornou o uso do celular, este já passa despercebido nas situações do cotidiano, como algo que com certeza vai estar lá desempenhando utilidade para alguma função – e, em geral, de fato para muitas ao mesmo tempo.

Outro grupo contatado após o show incluiu quatro pessoas de uma mesma família e de idades variadas, a começar por M10*, de 26 anos, que declarou ter gravado quase todo o show. Ela disse que gostou muito do show e quis gravar as músicas que mais gostava para poder lembrar depois e para mostrar para o seu namorado e para sua prima que não foram. “Querida que eles pudessem ver o show também. Vou mandar depois pra eles, talvez pelo Instagram”. Para ela, a prática de registrar não interferiu na sua experiência do show: “Eu procuro ficar olhando o show enquanto eu gravo, então a princípio não atrapalhou. E também eu não mexi no celular em si, tipo redes sociais, fiquei só gravando o show mesmo. Acho que não atrapalhou não”. Já M11, de 20 anos, quis realmente curtir o momento, por isso gravou só algumas coisas, mas também olhando para o palco, sem olhar para a tela do celular enquanto gravava, porque “pensava muito que queria viver o agora, e também ela (M10*) gravou tudo, então se eu quiser é só ela me mandar”, comenta M11. A partir de sua resposta, busquei identificar se ela sentia diferença entre estar com o celular na mão ou não durante o show: “Eu sinto, porque eu consigo ver o que tá na minha realidade. O Roger eu só vejo por tela, e eu consigo ver

ele pessoalmente, sem ser através de alguma coisa e exatamente esse era o meu objetivo. Ver ele sem ter algo por meio”. Ela também comentou que chegou a pensar na possibilidade de querer olhar de novo depois, mas então se lembrou de sua experiência anterior no show de David Gilmour: “Eu nunca mais olhei o que eu gravei. E eu posso pesquisar lá na internet por Porto Alegre, show tal e vou poder lembrar pelo vídeo de outra pessoa. Eu não olhei o que eu gravei, eu tenho uma pasta só do show e eu nunca mais olhei, já fazem dois anos”.

H18, de 39 anos, pai de M11, complementou: “Se as pessoas assistissem tudo o que elas gravam em vídeo não ia dar tempo, tu grava e não assiste nunca mais – aniversário do filho, batizado, show, jogo de futebol... Fica na memória do celular e tu não assiste. E tu deixa de aproveitar as coisas boas da vida”. Ele contou que durante o show só gravou um trecho da música *Time* para mostrar para um amigo que ele sabia que gostava, e no restante do tempo só curtiu o show. Em sua opinião, a prática interfere muito na experiência do show: “Se fica com o celular perde o foco, não tem aquele prazer de ver, não aproveita, porque tu tá preocupado em filmar, enquadrar, em não tremer, etc. E aquela sensação boa que tu tá perdendo, a energia boa, tu não tem”. Ele ainda sentenciou: “Eu vim de uma geração que não tinha celular quando era criança e eu era muito mais feliz”. Já H17, de 59 anos, quis deixar registrado esse momento já que foi sua primeira ida a um show desse porte e relacionado ao Pink Floyd: “Pra mim foi uma emoção muito grande porque é da minha geração, é sem explicação. Gravei um pouquinho para lembrar, porque o cara é uma lenda, foi um contestador da minha época, então pra mim é muito importante mesmo assistir a esse show”. Nessa perspectiva, a questão da afetividade está diretamente atrelada ao celular, na medida em que gravar representa uma forma de carregar um pouco desse momento consigo a fim de conseguir, de certo modo, estender a emoção sentida ao assistir esse registro posteriormente.

Para M12, de 34 anos, o show foi um verdadeiro espetáculo, e ela usou o celular para tirar foto e para gravar algumas partes. Definiu primeiramente seu uso como médio, e que poderia ter usado mais. Ao questionar o porquê, ela comentou que era pra não perder, mas também às vezes se fica olhando pra o celular não presta atenção no show. De qualquer forma, ela usou bastante, principalmente na parte dos protestos, e já compartilhou algumas coisas ao vivo pelo Instagram durante o show. Sua motivação para registrar foi para guardar para quando quiser ver de novo já que, segundo ela, “com o tempo a gente vai esquecendo, né”, e para mostrar para sua filha em casa. Perguntei se ela sentia diferença na experiência do show usando o celular ou não, e ela destacou que

sim: “tanto que eu peguei até e desliguei o 4G pra não interferir, né, pra curtir o momento ali, pra não atrapalhar em nada, prestar mais atenção”. Também indaguei se ela sentiu que se dispersou por causa do celular em algum momento durante o show, ao que ela replicou que não, e que toda vez que filmava ela só segurava o celular, tentando não olhar tanto pra tela.

Por fim, a abordagem que gerou um diálogo mais longo foi com os jovens M13, 20 anos, e H19*, 18 anos, que estavam entre as últimas pessoas aguardando carro para partir – e como este ainda ia demorar para chegar, foi possível preencher o tempo de espera deles com uma espécie de entrevista prolongada. Quanto ao uso do celular durante o show, M13 comentou que se sentia um pouco perdida entre querer registrar o momento e ao mesmo tempo querer prestar atenção no show, pois tem uma preocupação muito grande em aproveitar o momento ao invés de ficar registrando tudo com o celular – embora tenha utilizado para os momentos que achou mais marcantes e que iria querer lembrar depois. De todo modo, salientou que seu uso foi bem moderado, sendo este possivelmente o show em que menos usou o celular.

Pesquisadora: E tu achas que tua experiência foi melhor por ter usado menos?

M13: Acho que sim, acho que a gente tem a tendência de achar que os momentos, eu pelo menos, que eu não vou conseguir guardar se eu não registrar eles em algum lugar, mas eu acredito que se a gente viver o momento da forma mais inteira possível a gente vai lembrar, então acho que é um pouco desse vício, desse acúmulo de informação que a gente tem na nossa geração que faz a gente querer estar todo tempo ligado.

A partir dessas declarações, percebi que seria pertinente aprofundar mais as questões para explorar esse tópico da preocupação gerada por uma espécie de dicotomia entre registrar ou viver a experiência. Questionei ao que ela atribuía essa ansiedade que disse sentir durante o show em relação ao uso do celular: “É que eu fico me perguntando se vale a pena eu parar o momento e registrar ele, se tem a mesma potência de vida estar com o celular registrando ou estar sem o celular... Durante o show eu tava pensando que na época que o Pink Floyd surgiu as pessoas não tinham celular”. Nesse ponto comentamos sobre o contraste com o show daquele dia, em que muita gente estava usando o celular, sobretudo na pista em que estávamos, a Premium. Sobre o uso intensivo de celular durante o show, M13 desabafou que a incomoda um pouco porque prejudica a visão dos outros, e também por outro fator, bastante relacionado com o advento das redes sociais *online*, conforme segue:

Acho que as pessoas pensam, ainda que inconscientemente, em registrar tudo e postar e ser interlocutores, que eu acho que eu tenho um pouco lá no fundo,

quando vou num show eu penso: “Ah, essa foto acho que ficaria legal se eu postasse no Instagram”; e ao mesmo tempo eu fico pensando: “por que eu vou querer parar tudo pra postar uma foto no Instagram pra as pessoas curtirem?” Acho que não faz muito sentido, acho que a gente tá muito preso nisso.

Busquei investigar se havia ocorrido alguma situação em específico que tenha a incomodado durante o show, ao que ela me respondeu que não, mas que ao olhar a sua volta e ver muitas pessoas usando o celular, ela se perguntava se elas estavam aproveitando tanto quanto ela estava, se estavam vendo o show da mesma maneira que ela. E em alguns momentos em que ela quis registrar, por exemplo, quando o Roger Waters andava pelo palco e se aproximava muito do ponto em que ela estava, sentia-se muito dividida entre pegar o celular ou ficar apenas olhando para ele, por aquele momento estar sendo muito incrível. Perguntei como ela resolveu esse impasse interno – o que decidiu fazer naquela situação:

M13: Aí eu fiquei tipo, assistindo ele muito perto e depois eu tirei o celular um pouquinho e acabei registrando, foi mais forte do que eu! (risos)

Pesquisadora: E tu olhaste para o celular?

M13: Não, eu coloquei o celular pra cima e deixei o celular filmando e fiquei olhando pra ele especialmente.

Pesquisadora: Nem sabe como ficou o vídeo então?

M13: Não (risos).

Pesquisadora: Vai olhar ele depois?

M13: Eu não olhei ainda, pretendo olhar, mas pra mim já não é tão importante mais a filmagem, acho que mais a gente tem uma segurança, eu pelo menos, de ter o momento guardado. E algumas pessoas talvez tenham essa preocupação, mas ao mesmo tempo elas estejam mais pensando no que elas podem postar e no que pode dar um retorno pra elas.

Nessa abordagem, resolvi mencionar a bolsa Yondr e explicar seu funcionamento para expor uma situação hipotética em que o uso de celulares no show fosse banido, a fim de questionar se isso teria alterado a sua experiência de show e por quê: “Sim, eu acho que eu me sentiria muito mais livre, primeiro porque não ia ter essa preocupação de ‘ah, filmar ou viver o momento’, eu acho que eu ia só viver o momento”. Nesse instante, H19*, que até então acompanhava a conversa assentindo com a cabeça toda vez que se identificava com as falas de sua colega, resolveu expor sua experiência: “Quando acabou a bateria do meu celular eu me senti livre, foi exatamente como tu falou, porque eu não tinha mais essa preocupação de ‘ah, tenho de filmar essa parte’, não, eu só continuei assistindo ao show sem pensar nisso”. Perguntei se sua primeira reação não tinha sido de revolta quando percebeu que havia acabado a bateria e que não ia conseguir filmar mais. De acordo com ele, de início, sim, mas depois mudou de ideia porque de fato acaba não vendo os vídeos que faz nos shows: “Só serve pra postar em alguma rede social, e se não

é postado em alguma rede social realmente nunca acaba sendo visto”. E complementou, a partir da minha pergunta sobre o contraste dos dois momentos (com e sem o celular):

Quando eu tava com o celular eu tava pensando em que parte valia a pena filmar alguma coisa, que parte valia a pena pra postar em algum lugar. Assim que acabou a bateria a primeira coisa que pensei foi: “Putz, não vou conseguir filmar, vai aparecer coisas legais ainda e eu não vou conseguir filmar...” Mas aí passou um tempo e eu pensei: “Ah, eu não tenho que me preocupar, eu posso olhar o show, não posso fazer nada, **acabou a bateria do celular, ainda bem, eu vou olhar o show**” (H19*, 2018, grifo da autora).

Para explorar um pouco mais essa clara divisão na experiência de show de H19* a partir do momento em que ficou impedido de usar seu celular por estar sem bateria, questionei qual era a parte do show da qual ele se lembrava mais. “O que eu lembro mais do show acho que foi a hora do prisma que eles fizeram com os lasers”. Acrescentei à pergunta se nessa hora havia bateria para usar seu celular:

H19*: Não, eu não tava com bateria nessa hora.

M13: Ele pegou o celular e falou “ah, tô sem bateria”.

H19*: Eu peguei o celular do bolso e olhei, tinha me esquecido.

Pesquisadora: Foi a força do hábito (risos).

H19*: Exatamente.

Pesquisadora: E aí o que tu sentiste?

H19*: Na hora que eu peguei foi tipo “ah, tô sem o celular”, mas depois “ah, vou olhar o negócio ao vivo assim que no fim vai ser melhor”. Vai ter tanta gente também postando isso, tipo, se não for eu filmando, vai ter gente filmando. Isso também é outra coisa, tipo, vai ter registro desse momento de qualquer jeito.

M13: Eu fiquei angustiada justamente por pegar o celular, porque eu achei que aquele momento era muito imperdível, que eu não podia prestar atenção em outras coisas assim, secundárias, e aí eu peguei o celular e fiquei meio que me policiando depois pra não pegar de novo. Acho que é bom a gente cuidar disso sabe, pra acabar não se preocupando mais com o celular do que com o momento.

M13 complementou recordando a fala de um cantor que exclamou sentir que estava dando um show para celulares em São Paulo¹¹⁴. Respondi dizendo que achava que tinha sido o Mick Jagger, dos Rolling Stones, e ela assentiu efusivamente: “Isso! E eu fiquei pensando que, eu fui no show do Mick Jagger aqui e eu também quase não usei o celular porque tava chovendo muito, pra mim foi inesquecível, tenho tudo guardado na memória, toda a sensação do show”. H19* acrescentou:

Exatamente, outra coisa é que uma parte do show é a sensação, então, tipo, tu poder guardar na memória, tu conseguir ver ao vivo e guardar na memória a sensação ao invés de só uma imagem que tu consegue gravando. [...] Eu era

¹¹⁴ Em entrevista ao programa SuperPop após duas apresentações em São Paulo durante a turnê realizada pelos Rolling Stones no Brasil em 2016, o líder do grupo, Mick Jagger, comentou sobre os diferentes públicos e se surpreendeu com a quantidade de mãos erguidas com celulares a postos para fazer registros da apresentação na capital paulista. “Parece que as pessoas em São Paulo assistem ao show pelo celular”, disse o cantor, complementando que parecia a “cidade do celular”, pois o que viu foi um mar de celulares no show. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/parece-que-pessoas-em-sao-paulo-assistem-ao-show-pelo-celular-diz-mick-jagger/>>. Acesso em 12 mar. 2019.

muito de gravar tudo, então eu olhava tudo pela tela do celular, olhava tudo pela tela da câmera, até que eu decidi que realmente não valia a pena mais porque tu fica olhando ali e nunca, nunca mais vai ver aquilo ali, talvez de vez em quando depois de muito tempo tu vai ver uma vez, mas não vale a pena tu ter perdido a experiência e tu manter o que tu conseguir na tua cabeça de lembrança do que ficar com tudo gravado no celular mas que não é exatamente a tua lembrança.

Em adição à fala deles, eu comentei um pouco da minha experiência do show ao contar uma espécie de desconforto que eu sentia, como se quando visse que todos estavam usando o celular para registrar, eu também parecia compelida a usar. M13 concordou afirmando que isso também havia ocorrido com ela:

M13: Sim, isso aconteceu comigo, em uma hora que tava passando o porco assim por cima das pessoas, aí eu falei: “Não, eu não vou tirar foto agora porque pra mim aquela cena tava muito bonita”.

H19*: É, tu me falou até.

M13: Eu achei aquela cena muito incrível, sabe, eu não esperava por aquilo, aí eu vi uma gurria do meu lado tirando foto, aí eu pensei “será que eu tenho que tirar também?”, aí eu tirei e depois eu fiquei “nossa, por que é que eu fiz isso?” Acho que a gente acaba indo com os outros, porque é diferente o que ela viu do que o que eu vi.

H19*: Dá pra observar, **assim que uma pessoa puxava o celular pra filmar alguma coisa, já tinha mais umas outras que também puxavam junto.**

M13: Acho que pensando no momento que a gente vive, com tanta informação, com tanta rede social, acho que talvez não precise não usar o celular nunca, porque alguns momentos são bons de ter guardado, né, então...

H19*: Talvez se for usar, gravar só o essencial.

Como se pode perceber, as entrevistas realizadas na data do show, combinadas à observação participante, representam rico material para análise, principalmente as duas últimas aqui mencionadas, que já adentraram em alguns dos temas abordados nas entrevistas posteriores. As articulações desse material, juntamente com as seis entrevistas em profundidade, em associação à reflexão teórica, compõem a seção de discussão desta pesquisa.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*Follow me filming myself at the show
On a phone from a seat in the very front row.¹¹⁵*
(Trecho da música *Picture That*, de Roger Waters).

Neste capítulo, procede-se a análise dos resultados das entrevistas em profundidade, em cruzamento com as teorias apresentadas anteriormente, além de serem combinados os resultados das entrevistas prévias. Sempre que pertinente, pontuam-se reflexões a partir da observação participante realizada pela pesquisadora e de novas contribuições teóricas para este trabalho que foram estudadas com base em tópicos emergidos do campo. A discussão é iniciada a partir das associações estabelecidas entre os entrevistados e seus celulares. Na sequência, a delimitação do perfil do público de show de rock e a experiência de show de rock segundo os entrevistados despontam como tópicos auxiliares para compreensão da seção posterior, que trata do campo desta pesquisa, qual seja, a experiência do show de Roger Waters em Porto Alegre. A partir desta, são discutidas as motivações para fotografar e filmar durante o show, que envolvem o compartilhamento dos registros e o ímpeto de guardar as imagens para recordação da experiência do show. Por fim, discute-se a experiência do show do público em relação à participação de *smartphones* e como os informantes avaliam a problematização sobre a restrição destes em shows.

7.1 Associações entre membros do público do show e *smartphones*

Eu vivo com ele o tempo todo (M10, 2019).*

A fim de compreender a participação dos *smartphones* durante o show, nas entrevistas em profundidade também foi investigado como cada um dos entrevistados se relaciona com seu aparelho, desde os fatores que levaram à compra de determinado modelo até o uso que fazem deste durante o show. De acordo com o que se depreende da Teoria Ator-Rede de Latour (1994) e do entendimento desta a partir de Lemos (2013), é observado o enfoque relacional das associações estabelecidas entre sujeito e objeto – neste caso, entrevistados e celulares. Além do aporte teórico desses dois autores, tem-se

¹¹⁵ Me siga filmando a mim mesmo no show / Em um celular de um assento na primeira fileira (tradução da autora).

em mente também as concepções de Harman (2013; 2016) para pensar essas questões atinentes à materialidade do *smartphone* junto aos entrevistados.

De início, destaca-se que todos eles salientaram sua forte conexão com seus aparelhos celulares como um objeto evocativo (TURKLE, 2007), com toda a carga de afetividade envolvida, representando um companheiro obrigatório no dia a dia, praticamente um ente da família. Por coincidência, os modelos de celular dos seis entrevistados são, em sua maioria, diferentes – o único que se repetiu foi o iPhone 7 –, o que permite uma análise ainda mais plural desses usos. M6* conta um pouco de sua relação com seu *smartphone*, que é um iPhone 7: “Eu amo ele, na verdade eu juntei muito dinheiro pra comprar ele e eu cuido dele como se fosse um filho. Tenho muito medo de ser assaltada... Eu tô sempre com ele na mão, quando eu saio na rua eu escondo ele na roupa pra não levarem”. Inclusive, ela costuma carregar em sua bolsa um outro modelo de celular mais antigo, que usa exclusivamente para escutar música, já que acredita que com o uso de fones de ouvido na rua se expõe muito o aparelho, então decidiu utilizar outro celular para não expor o seu ‘filho’ em risco.

Para analisar a maneira que os entrevistados percebem seus celulares, tem-se a noção de Harman (2011) quanto às qualidades sensuais do objeto, que é a forma que a consciência humana é capaz de perceber. Nesse sentido, foi possível compreender que, além de atentar às suas funcionalidades, inclusive sendo estas que motivaram a compra, o modo como eles falam sobre o aparelho indica uma menção que parece até se tratar de outra pessoa – por exemplo, quando H8* fala em relação ao seu celular, no excerto destacado a seguir, a seguinte frase: “Ele faz toda a configuração que ele julga ótima pra isso”. Nessa visão, muito mais que um mero instrumento, o celular é percebido como um objeto senciente (HARMAN, 2016), que H8* tem ciência que pode acionar para o auxiliar durante o show, por exemplo, quando quer tirar uma boa foto rapidamente. H8* salienta esse aspecto ao explicar a qualidade da câmera, principal funcionalidade levada em conta na hora de optar por seu LG G4 com câmera de 18 megapixels, inclusive já com o intuito de usar em shows:

O que me fez comprar esse telefone foi a câmera do celular, pensando nos shows. Ele tem uma câmera boa, que tem ali 3 opções, a opção toda automática, que eu só levanto o celular, posiciono ali e ele faz toda a configuração que ele julga ótima pra isso, e tem um modo mega analógico dele, que daí tu vai ajeitar ISO, obturador dele, disparador, aí tu consegue fazer uma foto que, aí sim, só com prática, mexendo e entendendo o mínimo de fotografia que tu vai conseguir tirar (H8*, 2018).

A entrevistada M10* também salientou a qualidade da câmera de seu Asus Zenfone 5 Zoom, inclusive no escuro, como no ambiente de show, em que destacou que as fotos ficam muito boas: “Eu vivo com ele o tempo todo. Eu tiro muitas fotos, adoro a câmera dele, comprei ele por causa da câmera e, como eu disse, gosto de tirar foto de paisagens, de coisas bonitas, mais pra lembrar mesmo, rever os momentos”. Também usa bastante para o trabalho, a partir de funcionalidades como a agenda, e para ver redes sociais e entrar em contato com as pessoas. H14*, que tem um Samsung J5, também disse que está sempre com seu *smartphone*, principalmente usando WhatsApp, e comprou este aparelho recentemente. “O outro tava carregado demais de foto e coisa, é triste, já tava sem memória, por isso que eu troquei. E eu sempre troco Samsung, que eu gosto, é fácil de operar” (H14*, 2019). Aproveitando a oportunidade, já que H14* conseguiu vivenciar de modo bem demarcado o período anterior e posterior ao celular, contando hoje com 62 anos, questionei qual ele julgava ser a maior diferença desse “antes e depois” do celular em nossas vidas:

Eu acho que pra tudo, tu tem muito mais recurso hoje pra qualquer coisa, né, tu ter o recurso do celular é muito melhor. E tem o lado negativo também, né, o lado da gente que fica numa roda às vezes sem conversar ninguém, e todo mundo tá no celular. Pô, eu já vi casais parados que eu até pensei que um tava conversando com o outro pelo whats, parados assim os dois sem se falarem. Isso aí a gente vê seguido, né. Essa é a única parte ruim, no resto eu acho que ele é fantástico. A gente usa pra tudo (H14*, 2019).

Assim como M6*, H13* tem um iPhone 7, e comentou que às vezes tem de tirar uma folga de seu celular: “Eu sou, praticamente como todo mundo hoje, muito ligado. Estou sempre usando para ‘n’ coisas. Não fico sem. Às vezes eu vou para lugares que não tem sinal para ficar um pouco sem celular. Faço isso, às vezes. Vou acampar e fico sem celular”. Ele ainda complementa: “Acho que é necessário fazer isso. A gente está muito viciado e não se dá conta”. O entrevistado H19*, que tem um Galaxy Note 4, também assumiu seu vício, por não conseguir ficar sem o celular.

Eu tô sempre mexendo nele. **Poxa, ele me ajuda muito**, eu consigo fazer o que eu quiser, **consigo falar com todo mundo na hora que eu quiser**, não consigo viver mais sem o celular, mas daí não só pela questão do vício, mas eu tô tão acostumado com tantas coisas, tipo o Maps, quando uso o Maps, quando preciso falar com alguém ou saber de alguma informação, me ajuda muito. Daí eu tenho também que me estabelecer limites de vez em quando, **quando eu tenho de fazer alguma coisa, tenho de deixar o celular de lado, deixar ele em outra peça da casa**, assim sabe, então também tem a parte boa e a parte ruim. Mas se fosse me perguntar se é pra ter celular ou não, pra mim eu diria que é importante, acaba no fim trazendo mais coisas boas do que coisas ruins, mas só tu tem que ter noção que **querendo ou não ele vai se tornar um vício que tu vai ter que meio se autorregular quanto à utilização dele**, basicamente (H19*, 2018, grifos da autora).

A partir, principalmente, das falas destacadas no depoimento de H19*, assim como das citações dos demais entrevistados, percebe-se como a relação deles com o celular é carregada de afeto e os próprios termos utilizados para se referir ao celular destacam a personalidade atribuída a este. A fala destacada de H19* – “ele me ajuda muito” – também reforça a qualidade sensual (HARMAN, 2011) percebida deste objeto. Ele não é apenas um objeto com funcionalidades úteis, mas sim, ele é um actante (LATOUR, 1994) que participa dos eventos do cotidiano e afeta o modo de estar e de ser de quem o porta. Eis a razão de H13* ter de ir a um local sem sinal para se forçar a ficar sem o celular por um tempo, por exemplo, ou de H19* ter de deixar o celular em outro cômodo da casa, quando precisa focar em algum trabalho. A possibilidade de conexão com os outros por meio do celular, que é tão exaltada entre as suas qualidades, também aparece na fala dos entrevistados entre suas partes negativas, quando estar superconectado (CHAYKO, 2017) atrapalha a execução das atividades do cotidiano. Esse viés é explorado ainda mais nas seções seguintes, a partir da participação do celular durante o show e do contraste dessa relação sujeito/objeto com a experiência do evento.

A entrevistada M6*, que estava dentro do estádio, já na frente do palco, desde a abertura dos portões (17 horas), contou que seu uso foi bastante moderado antes do show, pois sua intenção era poupar bateria para fazer registros durante o show. Mas fez algumas filmagens e fotos antes do show de abertura, principalmente da estrutura do palco. Ela também comentou que nesse dia a sua mãe estava fazendo uma cirurgia, razão pela qual estar com o celular era bem importante para se manter em contato com as suas irmãs. Durante o show, sobre sua relação e a do público com o celular, M6* comentou se lembrar que em alguns momentos chave tinha bastante gente filmando, inclusive ela, por exemplo: “A parte que passa o porco, tava todo mundo virado de costas, aí tinha um monte de gente filmando.” Ela também destacou uma situação em específico de uma menina que estava tirando fotos a todo momento, principalmente *selfies*: “Eu não sei se vale a pena tirar *selfies* no meio do show, mas enfim, eu não julgo, cada um tem suas prioridades, ela pode olhar pra mim não filmando e pensar ‘ah, ela não vai levar nada da memória pra ter” (M6*, 2018). Esse aspecto relacionado à memória e à ideia de possuir algo material do show para levar consigo é abordado com maior ênfase no subitem 7.5.

Segundo H13*, que estava um pouco mais longe da grade, ao seu redor também havia muita gente usando o celular: “Nossa, acho que oito em cada dez pessoas.” Em sua opinião, a relação com o celular é conflitante, parece uma armadilha. Até mesmo ele, tendo consciência desse uso excessivo, disse que se inclui um pouco na prática, em graus

diferentes. Questionei se H13* se sentia influenciado por uma espécie de “efeito manada” – como H19* havia comentado no dia do show, em que uma pessoa puxa o celular para tirar foto e logo as que estão à sua volta seguem o mesmo comportamento. “Eu acho que para mim é ao contrário. Eu não quero fazer igual a todo mundo e, enfim, acabo fazendo sem querer. Não influencia, pelo menos para mim não influencia”. O entrevistado H8* comentou a sua percepção sobre o uso de celulares no show e opinou, em tom irônico, sobre a relação que as pessoas têm com os registros: “Tinha bastante gente com o telefone, mas na primeira metade do show, até porque cansa e gasta a bateria. Mais importante para as pessoas que registrar o show é ter bateria no celular, se não depois tu não volta ou não pode enviar e se exibir com os vídeos (risos)”.

Na posição em que H19* estava também havia muitas pessoas usando o celular para registrar o show: “Tinha gente que pegava e gravava em algumas músicas, mas tinha gente que tava o show inteiro”. Quanto a ele, disse que não passou pela sua cabeça levar algo para gravar, tanto que foi para o show com pouca bateria no celular. “Eu fui querer registrar durante o show, aí comecei a registrar bastante coisa até acabar a bateria, aí até que fiquei feliz porque acabou a bateria e que daí eu não precisava nem me preocupar em querer registrar – eu não ficava naquele debate na minha cabeça se eu registrava ou não.” Esse tópico foi recorrente na fala de H19*, e será aprofundado na discussão da seção 7.6.

Sobre seu uso de celular em shows, H8* contou que em suas primeiras idas a show usava muito o telefone, e aos poucos foi vendo que isso atrapalhava sua experiência. Passou a adotar, então, uma metodologia que define como semelhante à de um fotógrafo de show:

São as duas, três primeiras músicas que eu vou querer registrar – o palco tá ok, tá tudo bonito, tá tudo certo, peguei ali, registrei, a primeira música não porque geralmente é um baque de animação que o artista dá nas pessoas, mas registro ali as primeiras músicas e como eu já vi antes o que mais ou menos tem, então eu penso vou tirar foto disso, disso e disso, aí guardo meu telefone, aí mais na frente lá talvez eu tire mas agora eu vou ver o show (H8*, 2018).

Além dessa estratégia adotada para registrar no início do show, H8* falou também sobre outro momento em que decidiu usar o celular, aproveitando para “fotografar e brincar com as fotos”. Foi durante a música *Pigs*, em que Roger Waters usa uma máscara de porco e segura o cartaz “*Pigs rule the world*”¹¹⁶.

Tava chovendo, e eu lembro de olhar ele da lateral do palco, tinha um spot de luz projetado em cima dele, e os meus olhos humanos viam os pingos do feixe de luz do spot, e uma foto automática não pega aquilo. Aí eu pensei: “Isso é uma foto que eu quero, eu quero recordar o momento do Roger na chuva, com

¹¹⁶ “Porcos governam o mundo” (tradução da autora).

a máscara de porco, o cartaz e o negócio da chuva”, aí abri minha câmera no modo analógico, mexe no obturador, mexe no ISO e pa pa pa, deu, consegui a foto. **Aí sim, aí é mais do que só um registro, é um desafio pessoal, tipo “vou produzir uma foto!”** Eu não sou um fanático por fotografia nem nada, mas eu acho muito legal, e eu admiro muito quem entende a teoria por trás disso e tem como tu registrar sentimentos sabendo mexer com câmera. Eu tento brincar com isso (H8*, 2018).

O entrevistado H14* também compartilha desse gosto pela fotografia, sempre teve câmera – desde antes do surgimento do celular com toda sua facilidade de acesso, que torna ainda mais simples a prática de fotografar. Durante o show, ele diz que não se preocupa muito com a qualidade da foto, apenas tira rapidamente do modo automático e segue curtindo o show: “Eu bati e deu, depois eu vejo como ficou, até bato mais de uma, às vezes, pra depois pegar a melhor” (H14*, 2019). Se alguma sai tremida, ele diz que descarta e depois, se for o caso, procura na internet uma que esteja boa para ele guardar de recordação. Sobre os momentos em que utilizou o celular para fotografar ou filmar, ele comenta: “Fiz alguns registros dos momentos mais bonitos, dos efeitos mais legais, aí eu fotografei, dei uma filmadinha, mas de resto o que eu queria era curtir mesmo”.

Ao comentar sobre seu uso de celular em shows, M10* destacou que não costuma fazer muitos registros. Quanto ao show de Roger Waters, contudo, foi o que ela mais gravou, pois estava achando tudo muito bonito.

M10*: Eu gostei muito de todo o clima assim do show, das imagens, de tudo assim, do telão, então eu quis registrar isso também. Porque as músicas tu consegue ouvir, tu tem as músicas, **em um show que é menos elaborado a gravação é a mesma coisa que tu ouvir a música. Mas nesse tinha toda uma estrutura, imagem, vídeo, som, que ficou muito bonito pra registrar**, mas em geral eu não gravo muito, alguns trechos das minhas músicas preferidas só, mas não muita coisa.

Pesquisadora: E como tu fazias pra gravar? Como foi?

M10*: Eu deixei o celular mais embaixo e fiquei assistindo e gravando, tentando focar mais ou menos, mas prestando atenção no show.

Pesquisadora: E deu certo?

M10*: Deu, não ficou muito tremido assim. Algumas partes sim, mas dá pra ver assim como foi o show.

A frase grifada na fala de M10* demonstra como a produção audiovisual de espetáculo do show é responsável por mobilizar a vontade de registrar, no mesmo sentido mencionado por H1 na fila no dia do show – ao falar do show de outra banda de rock que, eu sua visão, seguia o mesmo padrão e, por isso, era mais para “curtir do que realmente gravar”. Já o show de Roger Waters, por fatores como a megaestrutura de imagem, som e luz – além de outros que serão discutidos detidamente na seção que trata do show – formavam momentos icônicos que incitavam o desejo de filmar e fotografar, como se analisa adiante. Antes, cabe a discussão sobre o perfil do público, que também contribui

para a proporção de uso do celular nos shows, bem como seu papel para a experiência de show de rock e como esta vem se alterando nos últimos anos, segundo o ponto de vista dos entrevistados.

7.2 Mudanças no perfil do público e a experiência de shows de rock para os entrevistados

Hoje eu relembro muito da minha infância quando eu curtia aquilo ali e não tive a oportunidade de ver pessoalmente. E a gente curtia só em vinil e hoje tu podes ouvir as mesmas músicas vendo cara a cara ali, é indescritível, é muito bom mesmo (H14, 2019).*

A expressão inglesa “concert-goers” (frequentadores de shows, em tradução livre), vista com frequência em trabalhos estrangeiros com temas próximos ao desta dissertação, representa uma nomenclatura comum para identificar tanto fãs quanto não-fãs que vão a determinado show. Além desta expressão, outras formas de denominar essas pessoas envolvem, por exemplo: fãs, consumidores, clientes, membros da audiência ou membros do público (PITTS & BURLAND, 2014). Para o trabalho em questão, optou-se por seguir a sugestão apontada por Pitts e Burland (2014) sobre utilizar a denominação que faça sentido para os pesquisados. As autoras citam como referência a perspectiva adotada por Iona Opie (1993), ao perguntar às crianças interlocutoras de sua pesquisa como estas se referiam umas às outras e, ao obter como resposta o termo “pessoas”, passou a intitular seu trabalho de “*The People in the Playground*”. Assim, quando tratado isoladamente, cada interlocutor foi denominado neste trabalho a partir da forma como se autointitulou. Alguns se identificaram como muito fãs da banda – são os casos em que a pessoa faz questão de demonstrar seu fandom como uma espécie de “crachá de identidade musical e lealdade a um intérprete específico” (PITTS & BURLAND, 2014, p. 53), de modo que se fez crucial a inclusão da respectiva denominação. Outros se destacaram como frequentadores de shows habituais e, ainda, houve os que indicaram suas idas a esse tipo de evento como sendo esporádicas – para alguns deles, inclusive, esta era a primeira vez em que iam a um show do porte e/ou do artista referido nesta dissertação. A menção genérica ao público do show aqui utilizada foi a de membros do público, por se entender que abarca todas as demais e, sempre que se tratava de uma pessoa em específico, esta foi identificada de acordo com sua própria autodenominação.

Além desta questão concernente à nomenclatura, um tópico que emergiu do campo, principalmente a partir da entrevista com H13*, foi relacionado às mudanças do

perfil do público de shows de rock nos últimos anos. A pertinência em abordar isso aqui é no que tange às consequentes transformações na experiência de show a partir do uso de celulares que, segundo ele, acaba sendo mais intenso por parte de quem não se define como fã do artista ou do gênero – principalmente no caso do rock, que carrega algumas condutas implícitas e reconhecidas por quem se identifica como parte do movimento.

Como fã de rock e de Pink Floyd, além de frequentador assíduo de shows relacionados à banda, H13* comentou sobre a sua percepção do público na pista Premium do show de Roger Waters: “Eu notei que tinham muitas pessoas ali que não eram tão fãs. Que não sabiam as músicas, que estavam ali até... não estavam gostando tanto”. Segundo ele, inclusive nos momentos em que tocaram músicas célebres, ele notou que essas pessoas estavam olhando para o lado, entediadas. “Então tu vê que são pessoas que não são tão fãs e estavam lá. Muitas pessoas. Noto isso... tenho reparado isso em vários shows, na verdade. Muitas pessoas que não são fãs e estão lá. Estão lá pela facilidade que é”. Essa mudança passou a ser perceptível para ele de uns cinco anos prá cá: “Acho que foi com a evolução das redes sociais. Depois que deu o *boom* das redes sociais. Isso interferiu nos shows também. As pessoas querem mostrar que estão em todos os lugares”. Essa afirmação de H13* aponta para o que pode ser uma das principais críticas atuais atreladas ao uso excessivo de celular, em uma constante necessidade de mostrar em seu perfil nas redes sociais o que está fazendo a todo momento. Ele complementa: “As pessoas também estão lá pela repercussão que tá dando, não só pelo artista ou pelas músicas. As pessoas querem estar dentro do que está acontecendo. Muito por isso acho que teve pessoas que foram de última hora também” (H13*, 2019). Repercussão essa difundida principalmente nas redes sociais, alimentando a vontade de ir ao evento para também fazer parte do tópico em alta nas redes no momento – o que pode explicar a maior procura por ingressos mesmo por parte de quem não é conhecedor da obra do artista.

Pela perspectiva de H13*, muito em decorrência disso é que o uso de celulares em shows se torna mais acentuado, sobretudo por essa parcela do público que ele menciona: “Com certeza essas pessoas usam mais o celular porque, né, é a diversão delas”. Muitas delas faziam *selfies*, sempre que possível, buscando que a imagem de Roger Waters no palco – ou quando este aparecia no telão – fizesse parte da composição, virando de costas para o palco para enquadrá-lo na imagem junto a seu próprio rosto.

Eu acho isso uma falta de respeito com o artista e acho um pouco de egocentrismo demais. Uma vez tu fazer uma *selfie* para mostrar ou fazer um registro ok, mas eu vi pessoas que estavam toda hora tirando muitas *selfies* em frente ao palco, durante o show... Então, assim, no meu ponto de vista,

essas pessoas estão mais preocupadas com a imagem delas do que com o show (H13*, 2019).

Além do contraste apontado por H13*, outra questão que diferencia o papel do celular no show, segundo H8*, é o tipo de fã. “Quando tem fãs que são muito ligados à imagem física do artista, por exemplo, *Thirty Seconds of Mars*, tem uma massa de fãs do Jared Leto, essa galera fica o tempo inteiro com o celular levantado, porque quer gravar o cara, a figura física que tá ali”. Nesse sentido, o apelo à imagem do artista intensifica a busca pelo registro durante o show, evidenciando como o artista, enquanto polo idealizado (MAFFESOLI, 2010), mobiliza o público não só para ir ao show, mas também para fotografar e filmar. Mais do que ver ao vivo, esse público se sente compelido também a registrar o máximo possível, como forma de levar consigo parte desse momento em que esteve tão próximo do artista.

Outro fator assinalado pelo entrevistado H13*, em relação ao público deste show de Roger Waters, foi que a pista Premium estava relativamente vazia. Ao mesmo tempo em que isso dava liberdade para circular durante o show – já que para ele é ruim ficar parado no mesmo ponto durante todo o show – ele gostaria que tivesse um pouco mais de público, pois “mais cheio seria mais legal para pular”. Até por que a energia do show e, por conseguinte, a experiência deste, muda de acordo com a participação do público. Conforme Hopper (2014), é a sinergia dos três ativos participantes e responsáveis pela cocriação da experiência de um show de rock – banda, público e local – que fará surgir a atmosfera especial de um show de rock. Inclusive, segundo o trabalho do autor, desapontamentos em relação ao tamanho e ao envolvimento do público estão entre os elementos que podem frustrar a sensação de bem-estar que se atribui à experiência de um show de rock.

Acerca desta, H8* demarca o que a faz contrastar com a experiência de show de outros gêneros: “Eu acho que o show de rock, por ele ser uma coisa mais enérgica, o artista do palco responde mais rápido à reação da plateia”. E enfatiza a importância que ele dá ao papel do público nessa equação:

Se a plateia tá realmente muito empolgada, respondendo ao músico que tá em cima do palco, tu vê que o músico retribui aquilo na mesma energia. É uma coisa mais contagiante, tem uma troca muito mais forte e rápida entre palco e plateia. Isso é o que diferencia muito. E muito, muito também o fato de a galera cantar junto, se mexer junto, bater cabeça, levantar braço e tal, tem uma hora que, num instinto muito coletivo, todo mundo tá fazendo, pode até estar gritando a mesma coisa que é indescritível, mas tá todo mundo gritando a mesma coisa junto ao mesmo tempo (H8*, 2018).

Como roqueiro “de carteirinha”, H8* ainda acrescenta outro fator que o faz gostar tanto dos shows de rock, ao destacar serem esses os shows melhor organizados e que, quando se trata do público realmente fã de rock, é quem “vai no show de rock pelo show. Então é uma galera que já tem prática de ir a show”, ressalta ele. Por essa razão, são os shows mais tranquilos, conforme H8* afirma, contrastando com o estigma que se costuma ter, principalmente, sobre a imagem de metaleiro.

Se tu olhar os dados de segurança do Rock in Rio, o dia do metal é o dia que menos tem assalto, se tu tens a oportunidade de conversar com seguranças de shows eles sempre vão dizer “bah, fazer segurança de show de rock é tranquilo, não dá confusão”, porque a galera tá ali pra ver o show, não é pra encher a cara, não é pra se drogar, não é pra mexer com a mina do outro nem nada (H8*, 2018).

Ao encontro da afirmação de Chacon (1985, p. 6) de que “o rock é e se define pelo seu público”, o entrevistado H19* também destaca que é o público que faz o show de rock ser uma experiência diferente das demais – já que, em sua visão, se tratando de shows, todos envolvem um mesmo elemento, que é ser uma apreciação ao artista, independente do gênero. “Se for realmente um show, eu acho daí que de certa forma é o mesmo, o que muda talvez seja o tipo de pessoas que vão”. Para quem é aficionado por rock, a explicação deste contraste vai mais além: “O que me faz ir a um show é justamente a emoção. A emoção do show é diferente, né. É um momento bem intenso. E no rock eu vejo mais energia no show. Na vibração das pessoas. É justamente vibração e energia diferente dos outros gêneros” (H13*, 2019). Para ele, é a própria característica do gênero que faz essa sensação ser diferente: “É um gênero que desperta uma adrenalina nas pessoas e isso contagia todo mundo. Então é isso mesmo que faz o show ficar daquele jeito que a gente conhece”. Tal noção igualmente corrobora a concepção de Gracyk (1996) sobre os prazeres da performance ao vivo serem provenientes da interação com os outros. Ao falar da emoção do show, cabe mencionar também como esse aspecto se associa ao bem-estar ampliado, que é o principal valor creditado pelo público aos shows de rock (HOPPER, 2014): “Quando eu ouço uma música no rádio, quando eu estou escutando música... Me remete aos shows. O legal do show é isso porque a emoção não fica só no momento. Quando tu ouve as músicas depois, desperta a emoção do show” (H13*, 2019). Como se fosse uma alegria estendida, em que a emoção é retomada a cada ato de rememoração do show, acionado ao ouvir alguma música ou ver algum registro deste.

Além do público e do artista, o local também desempenha papel crucial na experiência de show de rock, e há que se diferir aqui os shows realizados em pequenos

clubes dos megaespetáculos em grandes arenas e estádios – em que, neste último, o ambiente assume ainda mais centralidade. Como já visto anteriormente, a popularidade atual dos shows de rock em grandes arenas com superestruturas tecnológicas é resultado de uma equação envolvendo fenômenos como as mudanças na indústria fonográfica, com o advento do *streaming* (MCKINNA, 2014), a festivalização da cultura (BENNETT et al., 2016) e a crescente utilização do marketing experiencial (PINE & GILMORE, 1998). Graças a isso, nos últimos anos se observou um massivo aumento no número de shows de grande porte em cidades que, até então, não estavam na rota dos artistas internacionais, como é o caso de Porto Alegre, por exemplo. O fenômeno tem possibilitado que fãs de longa data de bandas como Pink Floyd vejam de perto, pela primeira vez, os artistas que acompanham desde a infância. Foi o caso de H14*, que comentou sobre o assunto:

H8*: Sempre curti os shows de rock, agora ir como os que tá tendo, é mais agora.

Pesquisadora: Por quê? Antes não tinha?

H14*: Não tinha, era bem menos. Tanto é que o Roger Waters acho que antigamente nunca tinha vindo pra cá... E eu curto a banda Pink Floyd desde os anos 70, 80, por aí. Antes até vinha até Rio, SP, graças a Deus que agora tá chegando até aqui e a gente tá podendo ir também, mas eu acho que é de uns dez anos pra cá isso.

Antes disso, seu consumo de conteúdo da banda era através de vinil, que inclusive tem coleção, além de filmes e shows de bandas covers. “Eu acho que hoje se tem a possibilidade de a gente curtir muito mais e levar os menores a curtir a banda que a gente curti naquela época. Acho que é muito bom isso aí. Jamais eu pensei que ia poder ver ele (Roger Waters) cantando frente a frente”, reforça H14*. Essa disseminação dos shows como consumo de entretenimento trouxe, conseqüentemente, outras mudanças na experiência desse dispositivo de show de rock, conforme aborda H13* ao mencionar a mudança do perfil do público, citada no início deste tópico e, inclusive, o próprio cheiro no local do show. Contrastando com “os shows das antigas, o cheiro era outro, era cheiro de churrasquinho e maconha, era isso, e agora é cheiro de pipoca. Parece que tá no cinema, é muito estranho. O cheiro do lugar mudou, o cheiro predominante”, compara H13*. A associação que o entrevistado faz do show à experiência de consumo obtida no cinema é ainda mais significativa em um show como foi o de Roger Waters, ao se analisar como o grande telão com seus vídeos e animações, em muitos momentos, torna-se o foco principal das atenções.

Ademais, houve a transformação no ambiente de show motivada pelo ponto que é foco deste estudo – o uso de celulares em shows. O entrevistado H14* lembrou os shows do período em que não havia celular: “Existia no máximo a máquina digital, mas

pediam pra que não tirassem fotos durante o show e no término do show tu poderia se dirigir até o cantor e tirar foto com ele. Não podia bater fotos durante o show, até por causa do flash”. Nesse momento, H13* também resgatou o único, e talvez último, show ao qual se lembra de ter ido e visto apenas isqueiros sendo usados pelo público.

Eu lembro um show bem marcante para mim, nesse outro tempo que não tinha tanto celular. Foi o do U2, em 2006, se não me engano, na Argentina. Eu fui sozinho daqui. Foi uma experiência muito legal e lá não tinha ninguém com celular. Era o isqueiro mesmo que as pessoas acendiam para fazer aquela iluminação. Acho que foi o U2 que começou com isso. E era bem legal. As pessoas cantavam mais... Não sei, era como eu te falei, o pessoal mais conectado ali dentro mesmo, as pessoas mais conectadas umas com as outras. É bem diferente do que é hoje. Eu noto isso. Com o celular, as pessoas estão mais conectadas com o mundo lá fora. E sem o celular as pessoas estão mais conectadas entre elas, ali dentro. É isso que eu sinto (H13*, 2019).

O tópico da conexão ser com o público presente ou com quem não está ali já era discutido desde os primeiros shows em que o público usou celulares, quando estes ainda não contavam com o recurso da câmera. Na época, a conexão com pessoas de fora do estádio era feita por meio de ligação – os membros do público ligavam para seus contatos durante o show para que quem estivesse do outro lado da linha pudesse ouvir a música que estava sendo tocada ao vivo no show (STRAUSS, 1998). O ano era 1998 e, Justin Meldal-Johnsen, baixista da banda Beck, notou o fenômeno em um show realizado em Vancouver, quando viu um fã e sua namorada com um telefone celular, passando-o de um para o outro, e compartilhando o show com um amigo por cerca de 10 minutos. “Fiquei tão surpreso que eles puderam falar ao telefone. Todos ao seu redor estavam apenas sorrindo, aproveitando esse momento perverso em que estão no mundo do show, mas ao mesmo tempo no mundo exterior” (ibid, *online*). Com o surgimento dos *smartphones* e, mais tarde, a disseminação de internet móvel e das mídias sociais, tal problematização tem se intensificado cada vez mais no contexto dos shows. Como destaca Bennett (2014, p. 89),

[...] a chegada dessas ferramentas sociais permitiu uma poderosa interferência no comportamento dentro deste ponto de encontro, não apenas permitindo que os fãs de música encontrassem e se conectassem uns com os outros, mas também tuitando e postando *setlists* de shows, fotos e outras informações à medida que acontecessem, permitindo assim que os não participantes em todo o mundo se sintam parte do evento.

De acordo com a pesquisa realizada pela autora em 2012, já referida na seção 4.3, ao estudar as práticas de participantes de shows ao vivo que utilizam o celular durante o evento para tuitar e informar a respeito deste para um público não fisicamente presente, ela constatou que, para alguns fãs de música, parece haver dois grupos de indivíduos a serem considerados simultaneamente durante o show. Como se houvesse dois públicos

para interagir: os próprios membros da plateia que lá estão ao seu redor durante o show e os fãs que os seguem *online* por meio de seus computadores e *smartphones* (BENNETT, 2014). “Quando as operadoras pararam de vender celular pra vender *smartphones*, é quando [estes] tomam conta dos shows de uma forma que chega a atrapalhar, e a galera do rock, os artistas de rock, eu acredito que eles não tenham aceito muito bem isso, porque além deles serem uma vertente mais antiga e tal, é uma vertente mais purista” (H8*, 2018). Em consonância ao que destaca Bennett (2014), à medida em que a tecnologia de internet móvel se desenvolver mais e propiciar ainda mais meios de inclusão deste público ‘não-presente’, sua participação nos shows, mesmo que remotamente, pode tensionar ainda mais essa relação – conforme já é possível notar, e que se discute nesta dissertação.

7.3 *Us + Them Tour 2018: a experiência do show de Roger Waters em Porto Alegre*

*Eu não diria que o show do Roger Waters é um show de rock só.
É um show de arte (H8*, 2018).*

Ao se tratar especificamente do show que foi campo desta pesquisa, é importante comentar alguns pontos que possam ajudar na compreensão de como este se difere, na visão dos entrevistados, dos próprios demais shows de rock, sobretudo no que se refere ao seu caráter técnico (visual, audiovisual e sonoro). Como se verá ao decorrer deste trabalho, este foi um dos fatores preponderantes para o uso massivo de celulares durante o show. Também é retomado, com mais detalhes e com o apoio da perspectiva dos entrevistados, como foi essa experiência de show e quais foram seus pontos mais marcantes.¹¹⁷

Conforme destaca o entrevistado H8*, o show foi “uma manifestação de um artista muito contemporânea, porque ele tava fazendo críticas ali muito modernas, coisas que estavam acontecendo naquela semana, coisas que aconteceram no ano de 2018”, representando, de fato, um retrato do momento. “Foi um show que não teria o mesmo significado em 2017 e nem em 2019. Ele foi um show perfeito pra aquilo ali” (H8*, 2018). Sua fala expressa um pouco o que representou a passagem dessa turnê de Waters no Brasil:

Para o show *Us + Them* não bastava só tu teres ouvido o DSOTM¹¹⁸. Tu tinha que saber, por exemplo, primeiro que ele não pegava só coisas do DSOTM, ele pegou coisas também do *Animals* e tal, mas tu tinha que entender o que tinha

¹¹⁷ Algumas imagens do show feitas pela pesquisadora podem ser conferidas no Apêndice III deste trabalho.

¹¹⁸ Sigla do disco *The Dark Side of the Moon*.

por trás das letras e principalmente quem é o artista que tava ali na tua frente. Principalmente nos shows do Brasil, a gente tava em outubro, mês de polarização política no país, pô, o Roger Waters é um cara que é militante de causas mais socialistas desde os anos 70, se tu é de esquerda ou direita, não importa, ele é assim há 40 anos, então se tu fosse naquele show só pela música tu não vivenciava tudo que aquele show tinha pra te dar. Pra quem tá ligado na questão de mundo e acompanhando o que o Roger Waters posta nas suas redes sociais e tal, era aquilo ali materializado na tua frente, era muito mais do que música, a parte da música não chegava à metade do show (H8*, 2018).

A fala do entrevistado H13* complementa: “Pra mim teve um significado a mais o show, ele é um artista mesmo rock de raiz, que não tá ali só pela música, ele tá por algo a mais, ele tá por transformar, por revolucionar, então acho que isso é muito legal. Pra mim foi um plus, e quem não entendeu é porque não conhece as letras” (H13*, 2018). A expressão de ser um “artista rock de raiz” dialoga com o que se conhece como a cultura roqueira, que vai além da própria prática musical, e compõe o que Grossberg (1997) chama de *rock and roll apparatus*. Nesse exemplo em específico, cabe salientar os comprometimentos ideológicos que fazem parte dessa espécie de movimento do rock, já que este não se trata apenas de música, mas de uma atitude perante a sociedade que busca carregar o viés crítico em suas letras, principalmente contra as grandes instituições de poder – de acordo com as origens do gênero, alicerçadas em aspectos de rebeldia e contracultura. Roger Waters carrega fortemente essa marca ao longo de sua carreira, dedicada à crítica social e à sensibilização das pessoas para as questões que lhe são importantes.

Quando ele citou os neofascistas eu fiquei com o desconforto não pela minha opinião política, mas pelo fato de claramente haver uma divisão enorme ali e ter um grupo de, vamos dizer, 50 mil pessoas, 25 pró e 25 contra, tu fica com medo que, vai que daqui a pouco um gruda a mão na cara do outro e em um efeito manada todo mundo se quebrando em um estádio fechado... Ali eu fiquei com muito medo. Mas foi uma coisa bem memorável, o medo de uma briga política, e não é uma coisa por causa do show, era o momento que a gente tava vivendo, mas o show provocou isso muito forte (H8*, 2018).

No momento de intervalo do show, por cerca de vinte minutos, o telão exibia uma série de frases de protesto, incluindo uma tela em que eram listados os principais líderes do neofascismo no mundo. No primeiro show realizado no Brasil, na cidade de São Paulo, entre os nomes da lista figurava o de Jair Bolsonaro, então candidato à presidência do Brasil. Após as fortes manifestações em decorrência desta imagem, nos shows seguintes a mesma tela era exibida com uma tarja em cima do nome de Bolsonaro, contendo a seguinte frase: “Ponto de vista político censurado”. A tarja cobria o nome, mas piscava por alguns segundos para que fosse possível ainda ler o nome do candidato entre a lista dos neofascistas. A motivação para usar a tarja foi, segundo Waters, sentir que havia sido

privado de sua liberdade de expressão ao ser vaiado no show anterior quando expôs seu posicionamento político. Em Porto Alegre, o show foi realizado dois dias após o resultado das eleições, em que Jair Bolsonaro se elegeu presidente, motivo pelo qual a apreensão e expectativa do público para ver o que viria nesse momento do show era ainda maior. A tela apareceu novamente, mas dessa vez com uma tarja preta fixa cobrindo o local em que antes aparecia o nome de Bolsonaro na lista. No entanto, as mensagens de protesto e resistência seguiram como nos demais shows, em que cada imagem exibida era respondida com manifestações de aprovação ou desaprovação pelo público. A entrevistada M6* comenta que nesse momento não fotografou, para que conseguisse ler todas as telas, mas uma amiga sua fotografou todo o texto exibido, lâmina por lâmina (as fotos com as frases exibidas durante o intervalo podem ser vistas no Anexo III deste trabalho). Importante frisar como esse contexto político intensificou o significado do show e, conseqüentemente, o ímpeto do público por registrar que fizera parte de um momento histórico como esse, de acordo com o que se aborda ao longo deste trabalho.

Outro componente nessa equação, responsável por motivar o público a filmar e fotografar o show, foi a superprodução técnica e toda a estrutura montada para o espetáculo. Em relação ao gigantesco telão, a entrevistada M6* disse que sabia que era grande, mas o choque de ver ao vivo foi muito maior, ainda mais por ela ter entrado no estádio durante o dia, enquanto ainda estava vazio. “Depois que o show começa e a gente vê os efeitos, parece que dá uma encolhida porque a gente se acostuma com o tamanho, mas ainda assim era muito grande” (M6*, 2018). A expectativa à espera do show de Roger Waters durante o intervalo posterior ao show de abertura era grande, a ponto de a noção de tempo parecer deturpada: “Foi uma meia hora que não passava nunca. O show começava na hora mas teve aqueles 20 minutos antes que passava aquele vídeo no telão. Aí quando vi o vídeo pensei, ‘ah, vai começar mais cedo’, aí deu 10 minutos, 15 minutos e não começava, eu pensei ‘eles vão nos torturar por 20 minutos até começar’, e foi o que aconteceu, eu contava cada minutinho no relógio, louca pra que começasse”. Esse episódio temporal que M6* vivenciou é um exemplo do contraste entre tempo físico, que ela própria mediu no relógio ao contar os minutos, e tempo psicológico, pautado pela sua percepção, que, nesse caso, parecia infinitamente maior do que o primeiro. Conforme Al-Azzawi (2014, p. 23), “o tempo é um conceito importante no contexto da experiência, porque a experiência tem sempre uma duração e os julgamentos dessa duração mudam à

medida em que a experiência se desdobra”¹¹⁹. Ao se tratar da experiência de shows, é bastante comum os membros do público experienciarem a noção de tempo psicológico do mesmo modo que foi relatado por M6* no período que antecede o show e, assim que o show inicia, essa percepção passa a ser inversa – o tempo psicológico imprime a sensação de que o show está transcorrendo mais rápido do que o tempo físico, tamanha a euforia do momento e o turbilhão de acontecimentos simultâneos, principalmente no que tange à superprodução de espetáculo do show de Roger Waters.

Eu acho que esse certamente foi o melhor show que eu já fui até agora, porque não foi só música, teve um monte de coisa junta, é diferente quando tu tem um telão com aquelas imagens, quando as pessoas que cantam realmente cantam bem, quando as pessoas que tocam, tocam muito bem, quando é toda uma experiência, quando não é só música. Eu acho que a minha cantora favorita é a Alicia Keys, eu fui no show dela, e ela canta muito, ela toca piano maravilhosamente bem, mas o show dela é só isso, não tem uma participação maior do público, não tem telão, não tem... É a música dela puramente. E foi legal porque foi um show que eu queria muito ir, mas não foi memorável porque não teve toda a coisa da experiência (M6*, 2018).

A fala de M6* mostra o papel de toda a estrutura do show para o que ela entende como experiência. Na comparação feita pela entrevistada do show de Roger Waters com o show de Alicia Keys é possível perceber que, mesmo sendo esta sua artista preferida, seu show não foi considerado tão marcante quanto o de Roger Waters. Naquele, o telão servia apenas para transmitir o que estava se passando no palco, ao contrário deste, em que, além da transmissão, muitas outras imagens eram transmitidas no telão: “Por exemplo, quando tava tocando *Dogs* tinha várias imagens de cachorro. Faz uma diferença tu tá só ouvindo a música e tu ter toda uma coisa assim” (M6*, 2018). Para M10*, o fato de o telão passar outras imagens, e não apenas a transmissão do palco, proporcionou um show à parte:

Pesquisadora: Nesse telão passavam mais outros vídeos além do que estava acontecendo no palco.

M10*: É, ele (Roger Waters) só aparecia assim quando tinha alguma imagem psicodélica, mas não chegava a aparecer só ele. Era meio que no meio da imagem.

Pesquisadora: Isso não se costuma ver, o telão em geral é para ajudar quem não está perto a ver o show.

M10*: É, isso que eu gostei do show, porque tinha muitas imagens, coisas criativas digamos assim, a fábrica surgindo do chão, aí no início antes de começar tinha uma mulher sentada admirando a praia, e eu achei muito legal, ficou um tempão naquela mulher olhando a praia, aí depois várias frases, era um segundo show assim o telão.

¹¹⁹ No original: “Time is an important concept in the context of experience, because experience always has a duration, and judgments of such a duration changes as experience unfolds” (AL-AZZAWI, 2014, p. 23).

Em consonância com Auslander (2008, p. 51), pode-se entender a midiatização do evento não apenas relacionada à utilização da mídia tecnológica, mas do que o autor denomina de epistemologia da mídia. Ele aponta para o fato “de que nós, geralmente, percebemos a realidade através da mediação de máquinas (microscópio, telescópio, televisão) [...]”, o que repercute também na forma como se entende uma apresentação ao vivo amplamente midiatizada. O entrevistado H19* também salientou toda a produção visual e sonora ao falar da experiência do show:

O começo foi meio surreal, até tentando fazer com que caísse a ficha de que era realmente o Roger... Aí depois, aos poucos foi, comecei a perceber como era incrível o show em si, como era diferenciado em relação a qualquer show que já fui, porque a produção era incrível, os efeitos sonoros, toda a produção de luzes e efeitos de luz e imagem... Não era só o show do próprio Roger, era um negócio muito, muito envolvente. **Foi uma experiência muito diferente de qualquer coisa, de show, que eu já tinha ido.** Primeiro que foi do Pink Floyd, acho que eu nunca achei que fosse ver um show do Pink Floyd. Segundo, o fato de que foi no estádio já foi muito marcante pela quantidade de pessoas. Mas eu acho que não tenha tido um show com tantos efeitos quanto esse do Roger. Porque realmente, eu nunca fui num show com efeitos que fossem em cima de ti, atrás, com um porco voando no estádio, isso eu acho que realmente, é uma junção de tudo assim. Por isso que eu digo que foi uma experiência incrível (H19*, 2018).

A entrevistada M6* comenta que, por estar na pista Premium, tinha a possibilidade de acompanhar as imagens do telão ao mesmo tempo em que via o que estava se passando no palco, inclusive ver o Roger Waters tomando água e secando o rosto, como ela destaca. Mas estar tão perto assim do palco, em se tratando deste show, também teve um lado negativo. É o que M6* indica como uma das críticas de estar na pista Premium:

Apesar de ser um lugar muito bom de tu ver o artista e tal, tu perde um pouco da experiência toda. Teve uma amiga minha que também foi de pista Premium mas ela disse “ah, muito muvuca na frente, vou ficar bem atrás”. Ela ficou encostada na grade que separava as pistas, sentada no chão, e ela mandou as fotos, a gente trocou figurinhas, e nas fotos dela dava pra ver melhor, ela disse que dava pra ver melhor então tu consegue ter melhor uma visão do todo. Pra tu ir lá tietar o artista, querer enxergar de perto o artista, tocar nele, é maravilhoso, mas um pouco da experiência acaba se perdendo (M6*, 2018).

Nessa noção de experiência da entrevistada M6* aparece atrelada toda a estrutura que compõe o show, incluindo a tela de 70 metros, luzes, lasers e todos os demais efeitos que fazem parte do megaespetáculo e claramente diferencia essa experiência da proporcionada por qualquer outro show. A partir desse relato, contrastando a experiência de M6* e da amiga sobre a qual ela conta, nota-se que, embora se trate do mesmo setor, há grande contraste na experiência de show de acordo com a posição em que a pessoa se encontra nele. Sem falar dos setores diferentes, que nem são abarcados nesta pesquisa. Além disso, para essa experiência de show em específico, ter uma visão do todo era ainda

mais relevante para não perder nada do show, como aponta M6*: “Esse show tem muito do ativismo, do protesto, então as imagens que aparecem ali são muito significativas, mais do que a transmissão do que tá acontecendo, então tem isso também de se perder nesse show, eu acho, por causa de toda a simbologia da coisa”.

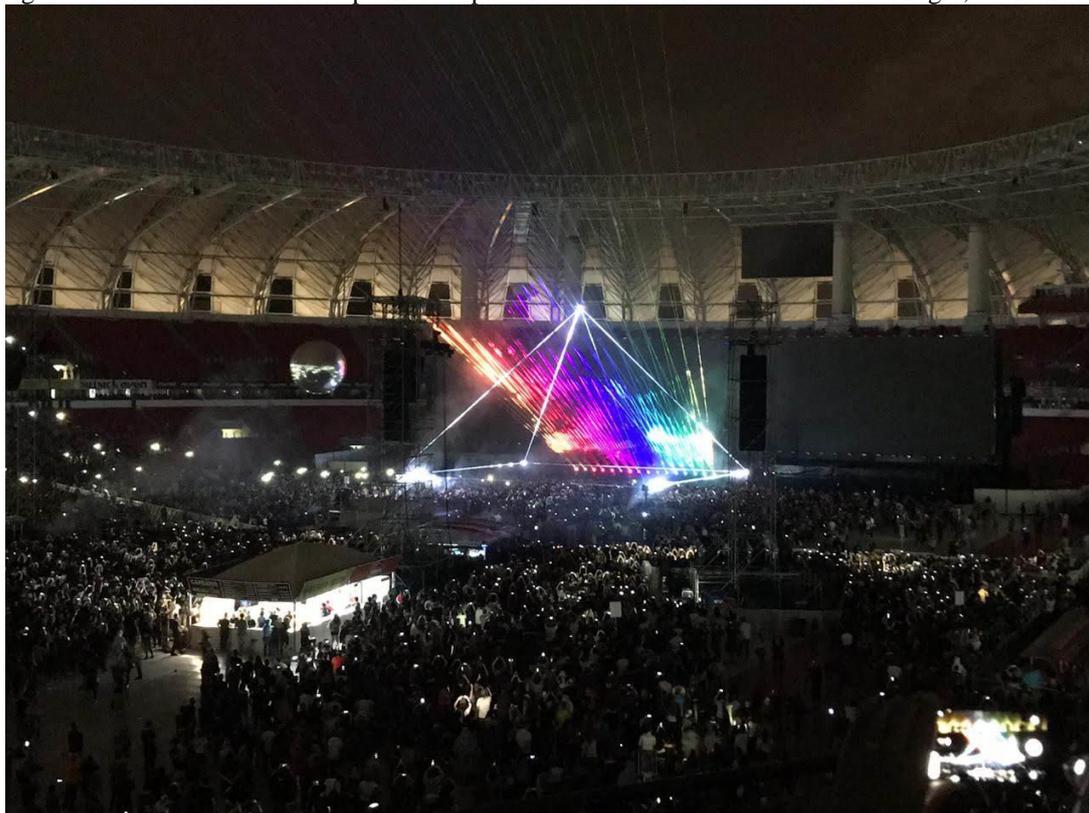
O entrevistado H13* também comparou as duas visões ao assistir os registros feitos por pessoas que estavam mais afastadas do palco: “Elas tiveram outra visão do palco, muito melhor do que a minha. Porque a desvantagem de estar perto é isso. O telão era muito grande e aí tu não conseguia aproveitar tanto o telão” (H13*, 2019). No entanto, ele comenta que para quem, assim como ele, gosta muito de música, toca alguma coisa e quer prestar atenção nos instrumentos, é melhor estar perto. “Eu presto atenção na bateria. A bateria quase não aparece. O baterista aparece eventualmente quando faz um solo de bateria. Eu adoro percussão. Toco percussão. Então, assim, eu consegui prestar atenção nos outros músicos também, estando perto. Isso não mostra quase no telão”. Para ajudar a descrever o quão enorme era esse telão, um bom exemplo é imaginar toda a extensão do gramado, de um lado ao outro, já que o telão seguia toda essa extensão, no mesmo comprimento que a grade posicionada em frente à pista Premium para a separar do palco. Estar bem diante do telão, nesse caso, impedia a visão do todo e dificultava a visualização das imagens exibidas. Todavia, para quem esperava ver os músicos, esta era a melhor alternativa, principalmente porque nesse show o telão atuava como um apoio ilustrativo do teor das músicas e da temática do show e, assim, exibia mais filmes e imagens variadas e pouco mostrava os músicos que estavam tocando – mesclando muito com a percepção que se tem em um cinema, como comentou H13* anteriormente.

Ter a possibilidade de prestar atenção em pequenos detalhes da apresentação dos intérpretes foi um ponto destacado por H8* como positivo de ter assistido ao show bem na frente, como ele salienta ao comentar detalhes da performance das *backing vocals* que, para ele, fizeram um show à parte: “Como a gente tava bem pertinho dava pra ver toda a produção de maquiagem delas, que é uma coisa que quando tu tá em um show de arena, de estádio, só quem vê é quem tá ali na frente”. Ele frisou um momento em que elas estavam com as mãos cheias de glitter e mexiam a cabeça e as mãos de forma rítmica: “Só um detalhezinho, só entre elas, que tu via ‘bah, elas não são só vocalistas, elas são artistas por completo’”.

Além da produção artística impecável dos músicos que compõem a banda responsável por acompanhar Roger Waters, as menções de trechos mais marcantes envolviam os momentos em que tocaram as músicas mais célebres e em que os elementos

da estrutura de palco interagiam com o público – além, é claro, de todas as aproximações de Roger Waters do público. “Para mim, as melhores músicas são os grandes momentos. E quando ele chegava bem perto da gente ali, né. E também aqueles momentos que a estrutura interage com o público. Aquela do porco no meio da galera, as chaminés subindo, enfim... Quando a estrutura estava interagindo aí eu registrei também” (H13*, 2019). H14* também destacou os momentos do porco e das chaminés: “Pô, no momento que ele tocou uma música, aquela que sobrevoou o porco, foi fantástico, a gente viu lá no fundo ele saindo, sobrevoando sobre o público, bah, muito legal. A parte dos efeitos das torres também, os efeitos visuais eram incríveis” (H14*, 2019). Para M10*, não tinha como escolher apenas um momento marcante do show: “A fábrica saindo, eu achei muito legal. Ah, mas é difícil. A pirâmide com a luzes também, difícil escolher um”. Este momento do prisma (ou pirâmide, como chamou M10*) foi bastante comentado pelos entrevistados, ainda antes do show, quando alguns falavam sobre os momentos que esperavam registrar e, após o show, foi mencionado por todos, em grande parte também por esse ser o último momento do show e pelo seu significado – ao formar a imagem da capa do disco de *The Dark Side of the Moon*, uma das capas de álbum mais famosas da história do rock (Fig. 9).

Fig. 9 – Prisma formado sobre o público da pista Premium ao final do show. Porto Alegre, 30/10/2018.



Fonte: Imagem cedida pela entrevistada M6*, enviada por sua amiga que estava em outro setor e sobre a qual M6* fala no relato exposto anteriormente. (Para mais fotos do show, consulte o Apêndice III).

A gente estava do lado de um dos lasers, ele tava passando aqui assim da nossa cabeça (faz um gesto com a mão indicando o lado esquerdo do rosto) a alguns metros e foi incrível, a gente tava há olhando um tempo, a gente tinha visto as quatro estruturas ali e se perguntava o que era, e a gente dizia: “ah, deve ser pra coisa de som, deve ser caixa de som”, e aí de repente vem aqueles lasers lá e vai formando aquele triângulo e ainda depois dele vem o arco-íris de luzes, e aí foi tipo, putz, incrível, formou perfeito a capa do álbum e bah, não dava pra acreditar. **Eu não sabia que ia acontecer isso e eu fiquei muito feliz** (H19*, 2018).

É notável o papel dos efeitos visuais e sonoros para tornar essa experiência de show ainda mais impactante, apta a ser reconhecida pelo público como uma experiência singular (DEWEY, 1934; DILTHEY, 1976). Pode-se observar como os momentos marcantes descritos pelos entrevistados carregam as quatro características principais da experiência de que tratam McCarthy e Wright (2004) – sensual, emocional, composicional e espaço-temporal. O resultado ao atingir um nível de experiência tida como culminante (MASLOW, 1954), em que a pessoa se vê tomada por grande deslumbramento e se sente absorta no momento, é esta própria experiência se tornar memorável (KAMEI, 2010), como se constata a partir de H14* (2019): “O show dele é fantástico, bah, todo ele é demais. Eu lembro de todo show, detalhe a detalhe, efeito por efeito, jogo de luzes, isso aí vai ficar guardado pra sempre, visual muito lindo”. Em decorrência disso, em nível de envolvimento, tal experiência pode se sobrepor até àquela obtida no show de sua banda preferida, a ponto de achar difícil haver algo que supere, como frisa a entrevistada a seguir:

M10*: Difícil, vai ser difícil, porque por exemplo, Black Sabbath eu gosto muito, mas ele [o show] não era tão... interativo, talvez é a palavra, como o do Roger, que **envolia todos os sentidos, som, imagem, era um filme assim 3D**, e o do Black Sabbath era mais um show, apesar de ser bem grande, bem organizado, mas era um show, não tinha tanta mídia audiovisual assim... E acho que seria difícil de ter um show tão interessante, tanto de eu gostar e de ser tão envolvente quanto esse, acho difícil.

Pesquisadora: Tu achas que todos esses recursos que ele usa ajudam a te deixar mais imersa na experiência?

M10*: Sim, eu não conseguia prestar atenção em mais nada, só no show.

Por fim, relacionado especificamente aos efeitos sonoros, M10* comentou sobre os latidos que vinham de vários lugares durante a música *Dogs* – a mesma música que M6* destacou por aparecer imagens de cachorros no telão, também teve esse aspecto sonoro simultaneamente. “E tinha barulho de helicóptero também, até fiquei olhando de onde que era, já pensei no atentado¹²⁰ (risos)”, acrescentou M10*. Outro momento do

¹²⁰ No início da entrevista, quando conversamos sobre as manifestações políticas nos shows de Roger Waters, M10* disse que teve certo receio de ir ao show com medo de um possível atentado, tendo em vista o nível de polarização observado nos outros shows – e por este show em Porto Alegre ser o último da turnê

show em que se destacaram os efeitos especiais de toda a estrutura de áudio foi ao tocar a música *Brain Damage*. A faixa tem como característica marcante uma gargalhada ecoante que parece estar por todos os lados, sem se conseguir distinguir de onde vem, dando a sensação de que está na nossa cabeça, a estilo de seus versos: “O lunático está em minha cabeça [...] Há alguém em minha cabeça, mas não sou eu”¹²¹. Durante o show, a gargalhada parecia vir de diferentes lugares da plateia, ora de um ponto, ora de lado oposto e, em cada um deles, em uma automática e involuntária ação do público – mas que até parecia ensaiada – todos que estavam no local do qual parecia surgir a gargalhada gargalhavam junto com ela. Formava uma espécie de onda de gargalhada, guiada pela principal, que vinha da música, e seguida por todos por onde esta parecia passar. O efeito era incrível, e é até difícil de explicar. Como destaca H13*: “Essas coisas são muito especiais. Não é qualquer show que tem isso. E o celular não consegue captar essas coisas”.

H19* também comentou sobre a riqueza dos efeitos sonoros e a impossibilidade de guardar toda essa experiência no celular: “O som vinha de muitas caixas de som, uma hora parecia que tinha um helicóptero, isso é uma coisa que tu não ia conseguir captar com o som do celular de forma alguma, tecnicamente pelo celular não vai”. Ao recontar sua experiência de show ao seu pai, que não pôde ir, H19* até mostrou alguns vídeos, mas a parte mais importante foi a sua própria descrição: “Consegui descrever pra ele coisas que eu não teria conseguido filmar e que ninguém conseguiria filmar ali no show, descrever o que as pessoas estavam gritando, o que tava acontecendo, enfim, descrever o ambiente, coisa que não dá pra passar numa câmera de celular”. E enfatizou a pluralidade de sensações que esse show envolve: “É muita coisa ao mesmo tempo, atrás de ti, na frente, o show não é só o palco, o show é uma experiência completa, todos os lados e todos os sentidos”.

O entrevistado H8* também falou sobre todos os elementos que são estimulados em um show como esse: “O show do Roger é uma arte toda, que faz com que no meio do

no Brasil e, também, posterior ao resultado das eleições. A própria equipe de segurança de Roger Waters, durante sua estadia no Rio, tentou fazer com que ele mudasse de hotel para prevenir eventual ataque, ao que ele prontamente recusou: “*No. I am not gonna change hotels. I understand that you are professionals and that you are doing your job, but, no*” (Roger Waters, em entrevista concedida a Klaus Kinski, do Brooklyn Vegan, em que fala sobre a passagem da turnê *Us + Them* pelo Brasil). Disponível em: <<http://www.brooklynvegan.com/roger-waters-interview/>>. Acesso em 17 fev. 2019.

¹²¹ No original: “The lunatic is in my head [...] There’s someone in my head, but it’s not me”. Disponível em: <https://www.lyricsfreak.com/p/pink+floyd/brain+damage_20108608.html>. Acesso em 22 mar. 2019.

show de repente tu lembre de uma experiência pessoal, tu lembre de um sentimento sei lá, que tua mente é capaz de ter e tu pega aquilo e aplica na hora do show, ele mexe com todos os teus sentidos”. Para H19*, todo o jogo de luzes, imagens e efeitos sonoros do espetáculo contribuiu para a experiência de um estado imersivo: “Tu fica olhando, fica vendo tudo que é lado. E isso me deixou ficar atento, sem mexer no celular, olhando pra tudo que é lado e acabar olhando tudo. Eu sinto que não teve nada que eu perdi, realmente, tudo que tinha pra olhar eu olhei”. No decorrer do trabalho, de acordo com as falas dos entrevistados, esses momentos serão retomados, principalmente no que tange ao modo como o uso do celular participou das experiências mais intensas que cada informante experienciou e relatou nas entrevistas.

7.4 Motivações para filmar e fotografar durante o show

Putz, celular! Acho que essa é a melhor parte do show, tenho que tirar uma foto (H19, 2018).*

Entre as perguntas centrais do roteiro das entrevistas em profundidade para essa pesquisa estava o questionamento sobre as motivações para usar o celular durante o show para filmar e fotografar. Muitos tópicos emergiram a partir dessa questão, que serão tratados a seguir, a começar pelos mais citados, que foram o intuito de compartilhar a sua experiência de show com amigos e familiares, tanto pelas redes sociais quanto pessoalmente, principalmente com aqueles que gostariam de ter ido ao show e não puderam; e de guardar um registro para si a fim de revisitar depois para lembrar daquele momento, em especial, das situações mais marcantes do show. Consoante ao que foi observado por Kjus e Danielsen (2014, p. 15), “[...] paradoxalmente, o desejo de gravar será mais forte exatamente naqueles momentos em que a imersão na música pode (e deve) ser maior”¹²². Esses foram atribuídos, em geral, às situações em que o aspecto visual foi percebido como mais bonito, aliado à sonoridade das músicas preferidas, além do momento em que o artista entra no palco ou quando ele se aproxima do local em que a pessoa está.

¹²² No original: “Paradoxically, the urge to record will be strongest at exactly those moments when immersion in the music can (and should) be greatest” (KJUS & DANIELSEN, 2014, p. 15).

7.4.1 Compartilhamento dos registros

O desejo de fotografar e filmar para compartilhar a experiência do show com amigos, família e seguidores *online* foi tópico frequente entre as falas dos entrevistados. Em sua maioria, as postagens nas redes sociais foram feitas no dia posterior ao show, seja pela falta de sinal de internet no estádio no momento do show, seja para não distrair a atenção do show, como veremos ao longo desta seção. Compartilhar, assim como ver os registros das outras pessoas nas redes sociais, foi uma forma de estender o diálogo sobre o show, sobretudo na busca por prolongar o bem-estar obtido com essa experiência.

Pesquisadora: Durante o show, teve algum momento em que tu utilizaste o celular?

H13*: Muitos momentos. O celular acaba registrando aqueles momentos que a gente quer, então eu filmei, tirei fotos até acabar a memória do meu celular.

Pesquisadora: E isso foi quando, mais ou menos?

H13*: Ah, foi antes da metade do show.

Pesquisadora: Mas tu pensaste antes de ir que “ah, quero registrar tal e tal momento”?

H13*: Sim, eu sempre faço isso. Eu procuro até não fazer, ficar curtindo mais o momento e não ficar me preocupando com isso, mas na hora acaba sendo inevitável. Tu quer registrar e tu tem muita vontade de compartilhar também.

É legal tu compartilhar com os amigos o momento que tu tá vivendo. Isso aí que eu acho que faz mais as pessoas registrarem.

Pesquisadora: Tu achas que é isso que mais te motivou a registrar?

H13*: Sim, porque depois a gente acaba não assistindo tanto, né. É mais para compartilhar com os outros.

Da mesma forma que H13*, a informante M7, abordada no dia do show, ressaltou que sua motivação para registrar era por “compartilhar sua alegria”, principalmente com os amigos que não puderam ir ao show. Essa noção de compartilhar a própria alegria vai ao encontro de Wilcox & Stephen (2013), ao destacarem que as pessoas postam nas redes sociais conteúdos que refletem o que as faz felizes, de modo a se apresentarem de forma positiva aos outros, aumentando a própria autoestima. Além disso, é uma forma de compartilhar os gostos pessoais com as outras pessoas, e de se conectar com quem se interessa pelos mesmos assuntos, como no caso de H19*, ao explicar por que quis compartilhar trechos do show em seu perfil no Instagram: “Era pra mostrar para as pessoas ‘ah, esse é o tipo de música que eu gosto, eu gosto do Pink Floyd, então tá aqui, eu fui no show’”. M6* também comentou sobre o papel de postar alguma foto do show no Facebook, por exemplo, assim como ver as fotos de quem também foi, para promover o diálogo sobre o show nos dias subsequentes e, inclusive, para descobrir quem, entre sua rede de amigos, também gosta da banda.

Fiz uma postagem de várias fotos no mesmo post no Instagram, postei algumas do show no dia seguinte e foi isso, e aí botei no Facebook também porque um

monte de gente tava fazendo check-in que foi no show e bom, eu fui no show também, saibam que eu estava lá. Tipo, ah, tem pessoas que são ali da minha rede que eu nem sabia que tavam lá e também tavam, então a gente acaba descobrindo que mais gente estava lá, que tem mais gente que gosta (M6*, 2018).

Entretanto, para ela, mais importante do que apenas compartilhar é a qualidade do registro, já que não costuma postar apenas por postar: “Se o vídeo ficar com o som estourado ou com a imagem tremida eu não vou postar, até porque não vai ser uma lembrança muito clara do momento, então eu tento meio que equilibrar as coisas – o que vai ficar bom de ver depois e se vai ficar bonito”. M6* também falou sobre o que vale ou não para postar nas redes sociais, principalmente no Instagram, que considera uma rede social para fotografia: “Se minha foto ficou ruim eu acho que não vale a pena postar só pra dizer que eu tava lá no show, só pra as pessoas verem ‘ah, ela tava no show, lá na grade’. Se ficou ruim, ficou ruim, não vale a pena, não é essa a proposta”. Por ver a fotografia como uma arte, ela acredita que as fotos têm de estar bonitas para serem compartilhadas em um aplicativo voltado para isso: “Não gosto de entrar num Instagram e é só foto da pessoa ‘ah, foto do meu rosto’, foto na festa, no churrasco, apesar de ser uma rede social eu acho que é uma rede social para fotografia, e não sei se foto social é realmente a proposta da plataforma”. Ao prezar pela qualidade da fotografia a ser compartilhada em seu perfil no Instagram, M6* disse que muitas dos registros que postou não eram dela, mas de seu namorado: “As fotos dele ficaram melhores que as minhas, e ele não usa Instagram, aí ele deixa eu postar as fotos dele” (M6*, 2018).

Na prática de registrar de M6*, fotos e vídeos têm finalidades diferentes, sendo as fotos destinadas a postar e, os vídeos, para guardar e rever em outro momento: “Dessa vez eu não tirei muitas fotos, até me arrependo um pouco de não ter tirado muitas fotos boas, sei lá, os registros são pra mim, e se são pra mim eu tenho as minhas lembranças que são mais vivas do que as fotos. As fotos são pra postar mesmo”. A distinção entre fotos para compartilhar nas redes sociais ou não também apareceu na fala de H19*: “Eu acho que a foto pra postar seria a foto do show. A foto que é pra mim seria uma foto que é minha, uma foto com alguém que eu fui, uma foto do ambiente – que eu virei pra trás pra tirar foto de todo mundo. Essas são as fotos que eu mais guardo pra mim mesmo”. Nessa perspectiva, observa-se a intencionalidade ao fazer registros direcionados para as redes sociais – a prática de fotografar durante o show, envolve, assim, esse momento de pensar e até produzir a foto que será utilizada para compartilhar em seu perfil *online*.

A entrevistada M6* também compartilhou parte das fotos nas redes sociais na data que marcava um mês da realização do show: “Eu fiquei o mês inteiro lembrando o show, não superei, aí depois eu fiz uma retrospectiva no Instagram e postei”. No dia do show, após o show de abertura, ela havia tentado enviar para o seu pai, pelo WhatsApp, um vídeo que fez do hino tocado por Renato Borghetti: “Mas a internet tava lotadíssima e não enviou, aí quando cheguei em casa eu desisti e apaguei, não enviei. Porque ele fica procurando rede pra enviar, aí isso ia gastar a minha bateria”. Usar a internet no estádio para, por exemplo, compartilhar os registros em tempo real não foi uma opção possível para a maioria dos membros do público. H19* mencionou o momento em que notou que estava sem internet, ainda antes do show: “Eu queria inclusive ouvir uma última vez o álbum antes de começar o show e não consegui”. Pela falta de sinal, M6* incluiu nos *stories* do Instagram alguns de seus registros do show apenas no dia seguinte, no momento em que olhou tudo que havia fotografado e gravado.

H13* também tentou enviar alguns registros pelo WhatsApp e pelo Instagram, no entanto, neste último foi mais difícil carregar na hora, aparecendo como compartilhado somente um tempo depois: “Conseguí mandar na hora algumas coisas. Poucas. Não consegui mandar tudo o que eu queria”. Ter sinal de internet dentro de estádio realmente era uma missão difícil, mas H13* não se abalou tanto por isso: “Quando não tinha sinal eu procurava não me irritar e curtir o momento ali”. Inclusive, seu intuito foi controlar o uso do celular durante o show: “Eu não queria também ficar muito tempo compartilhando, eu queria estar mais prestando atenção no show”. Quanto às pessoas a quem destinou seus registros no WhatsApp, ele conta, em tom humorado: “Eu mandei para diversos amigos que gostam e não quiseram ir por ‘n’ motivos, para fazer eles se arrependerem (risos)”.

Pesquisadora: Como é que foi depois do show? Tu mostravas essas imagens para alguém?

H13*: Quando eu chego em casa sempre quero mostrar para as pessoas, mas especificamente nesse show não consegui fazer nada depois, porque eu cheguei encharcado em casa depois da chuva e eu cheguei bem tarde em casa. Eu não consegui fazer nada. Só no dia seguinte. No dia seguinte cheguei no trabalho e já comecei a mostrar para todo mundo lá. Tenho vários colegas que são fãs também. Alguns que também foram no show, e aí todo mundo ficou lá mostrando seus registros.

Pesquisadora: Ficaram se trocando... “ah, olha só o que eu filmei...”?

H13*: Ficamos mostrando. Só que aí eu tive o privilégio de chegar bem pertinho.

Pesquisadora: Eles não estavam na Pista Premium?

H13*: Não, não tinha ninguém na Pista Premium. Eles estavam bem distantes. Foi bem legal mostrar que eu estava bem pertinho do cara. Isso foi especial.

É possível perceber como esses registros servem para prolongar o diálogo sobre o show, servindo de apoio para a própria narrativa oral – mesmo que a pessoa esteja

pessoalmente conversando com alguém, ao contar o que viveu no show ela faz uso do celular para mostrar as imagens que registrou e ilustrar a sua fala. “Estende muito a conversa porque todo esse material que o pessoal coleta na hora do show, depois é para alguma coisa. Para compartilhar, trocar, e isso é feito depois. Muito feito depois, porque na hora as pessoas também não conseguiam muito trocar por causa do sinal de celular” (H13*, 2018). Outro motivo para não compartilhar durante o show foi para não distrair a atenção, como destacam os entrevistados H14* e H8*: “Na hora eu não perco tempo de deixar de curtir o show. Depois eu passo os vídeos. Aí com calma, no outro dia. Na hora eu não vou perder o espetáculo, depois a gente posta” (H14*, 2019); “Eu não faço naquele momento, naquela situação, porque aquilo é só especial pra mim naquele exato momento, porque essa emoção maravilhosa, essa tonelada de emoção eu não vou dividir com a atenção do Facebook” (H8*, 2018). Ele destacou a diferença entre os registros que ele fez no show e sobre o show, ao explicar se os compartilha nas redes sociais:

Os que eu fiz no show, não. Mas os registros sobre o show, sim. Quando eu estava indo pra o show com a minha namorada eu tirei e postei: “Estamos indo para o show”, e lá, quando tava eu, o meu pai e ela, tiramos uma foto e ele depois quis compartilhar com os amigos dele e até perguntou pra mim: “Tu te importa?” e eu: “Não, maravilha, compartilha, sensacional”. Mas as coisas essencialmente do show, as fotos que eu tirei ali, eu não compartilhei (H8*, 2018).

O entrevistado H19* até colocou algumas de suas filmagens nos *stories* do Instagram no momento do show, e deixou que o aplicativo postasse automaticamente assim que conectasse o celular à Internet depois do show. Quanto à repercussão nas redes sociais, ele comenta que foi mais ou menos o que ele esperava, com as pessoas dizendo “olha, que legal, tu foi no show”, “como é que foi o show?”. H19* explica: “Foi tipo as perguntas semi interessadas das pessoas, meio que pra interagir e pra dizer, legal, tu gosta de Pink Floyd. Algumas pessoas que estavam lá não sabiam que eu tava lá também, aí foi bom pra puxar papo também e pra conversar”. Ele também acompanhou os registros que as outras pessoas fizeram, principalmente no Instagram, em que, segundo ele, teve bem mais fotos e vídeos do show do que no Facebook. A própria característica do aplicativo faz ressoar esse uso, já que é uma rede social voltada para compartilhamento de fotos e vídeos, com uso prioritariamente pelo celular – além da utilização massiva demarcar o momento de maior popularidade desta plataforma entre os usuários. Em adição ao papel de interação ao compartilhar os registros nas redes sociais, H19* também destacou, sobre os registros das outras pessoas: “Foi importante porque aí são mais coisas que eu tenho e não precisou eu gravar”. Segundo ele, ao contar a experiência do show para seu pai,

utilizou registros feitos por outras pessoas para mostrar determinadas músicas que este lhe pediu para ver e ele não havia gravado.

Para H13* e H14*, compartilhar fotos e vídeos do show foi uma forma de conectar o irmão e filho que não pôde comparecer. H13* conta que, inclusive, algumas semanas antes do show, ele e o pai fizeram uma tatuagem que representa sua união e a importância que Pink Floyd tem para eles – nela, se vê a frase “*Together we stand, divided we fall*”¹²³, letra da música Hey You, que aparece no meio de um muro, como se derrubasse este. “Eu e meu pai tatuamos antes do show e, o meu irmão, ele mora em Portugal, chegou agora aqui e fez a tatuagem igual a nossa. Ficaram os três iguais. Nós três somos muito fãs”. Ele acrescenta que tem o costume de ir a todos os shows de bandas covers de Pink Floyd em Porto Alegre, junto com o seu pai e que, nessas ocasiões, os dois sempre fazem algum registro do show para enviar ao irmão. Nesse exemplo, percebe-se como compartilhar os registros feitos em shows reforça a integração no contexto familiar e constitui uma prática diretamente ligada à afetividade, em que o ato de registrar já é pensado com o intuito de ter a experiência futura de compartilhar as imagens com determinada pessoa, de modo a estender a emoção do momento a ela – e, por vezes, até revendo os registros juntos.

7.4.2 Ímpeto de guardar o momento para depois

A mais recorrente motivação para fotografar e filmar durante o show nas falas dos entrevistados foi a de poder, de alguma forma, ter uma lembrança registrada daquele momento para rever depois. O fato de que se tende a carregar telefones com câmera móvel para todos os lugares significa que se tem mais oportunidades de tirar fotos (GYE, 2007), e esta prática é tida, assim, como uma atividade cotidiana (LEE, 2005). Além disso, conforme Frith (2007), graças ao *smartphone*, a mercadoria do rock envolve um novo tipo de CD à venda, apenas para quem foi no evento, que é a oportunidade de fazer sua própria gravação instantânea do show. Exemplo disso é a fala da entrevistada M10*, quando conta que, mesmo nos momentos em que seu braço cansava e cogitava parar de gravar, ao começar a próxima música da qual também gostava, ela pensava “Não, não quero parar, quero fazer meu próprio DVD” (M10*, 2018). Ela comenta esse pensamento ao explicar suas motivações:

¹²³ “Juntos resistimos, separados caímos” (tradução da autora).

Pesquisadora: O que te motivava a usar o celular?

M10*: Eu procurei gravar as partes que eu mais gostei, as músicas que eu mais gostava, e aquelas partes que começou a sair a fábrica, que eu achei muito bonito, dessa parte eu comecei a gravar e acho que dali eu gravei quase todo o resto do show, não conseguia mais desligar.

Pesquisadora: Por quê? O que tu sentias?

M10*: Porque tava vindo uma música melhor do que a outra (risos).

Pesquisadora: Aí tu tinhas que levar aquilo de algum jeito?

M10*: **Tinha que gravar pra levar pra eu lembrar depois.**

Pesquisadora: Mas tu sentias que talvez tu não lembrarias se tu não gravasses? Como foi tua relação com isso?

M10*: Ah, não que eu não lembraria, mas que eu poderia relembrar vendo o vídeo, e que poderia mostrar também pra o meu namorado e pra minha prima. Mas **mais pra poder ver em um outro momento porque tava muito bonito.**

M6* também destacou a importância de levar algum registro do show, quando explicou o que a motivava a usar o celular: “Eu sei que **eu não queria ir pra casa sem nenhum registro, né**” (M6*, 2018). No mesmo sentido, H14* comentou por que para ele é importante registrar: “Sempre tem alguma coisa que tu quer guardar ou no teu celular ou pra mostrar pra um amigo, ‘oh, tive lá, olha só’. É uma recordação. Só por isso, eu **gosto de ter em casa guardado**” (H14*, 2019). No dia do show, os entrevistados, como os destacados a seguir, também haviam ressaltado a motivação de registrar para rever depois. É o caso de M8, que pretendia registrar com o intuito de ter fotos para depois se lembrar de como foi o show, de H3, que geralmente faz algum registro para guardar e rever depois, e de H2, que quis registrar os momentos mais épicos do show, segundo ele, pelo mesmo motivo que as pessoas costumam tirar foto: para lembrar depois.

Nesse sentido, guardar um registro representa, para os entrevistados, uma forma de guardar parte daquele momento para retomar posteriormente. A ânsia por registrar tudo está relacionada com a intrínseca sensação e consciência da passagem demasiadamente rápida do tempo e a pulsante vontade de ser capaz de perdurar um momento especial e importante para além de sua momentânea duração. É sabido que tal ímpeto de ‘congelar’ um instante em imagem para rever depois acompanha a humanidade há muito tempo, sendo, inclusive, o que incentivou o surgimento da fotografia. Ao encontro de Sontag (2004, p. 91), “fotos são um meio de aprisionar a realidade, entendida como recalcitrante, inacessível; de fazê-la parar. Ou ampliam a realidade, tida por encurtada, esvaziada, precívél, remota. Não se pode possuir a realidade, mas pode-se possuir imagens”. A autora acrescenta que a fotografia subentende um acesso instantâneo ao real, no entanto, em sua visão, essa prática de acesso instantâneo é outro modo de criar distância: “Possuir o mundo na forma de imagens é, precisamente, reexperimentar a irrealidade e o caráter distante do real” (ibid.). Sua problematização recai sobre essa

necessidade de tirar fotos de momentos que consideramos importantes, sob o risco de banalizar e de se perder a sensibilidade para viver a própria experiência que se busca tanto registrar.

Para H5, conforme apresentado na seção 6.4, os registros são uma importante forma de se ver transportado novamente ao local e à sensação que teve durante o show. De maneira similar, H8* destacou, ainda na fila do show, que sua expectativa por registrar estava relacionada a poder retomar posteriormente o que ele chamou de memória sentimental – lembrar do que sentiu naquela hora no show. Conforme afirma Glitsos (2016, p. 109), “as tecnologias que permitem a preservação instantânea da memória e da experiência proporcionam maneiras previamente inusitadas de manter e guardar a sensação do show”. Mas a questão que se delineia é que, antes de mais nada, é preciso ter experienciado, ter estado aberto o suficiente para sentir durante o show aquilo que espera retomar depois – e esse ponto acaba sendo prejudicado para alguns entrevistados quando consideram excessivo seu uso de celular.

A memória sentimental mesmo é uma coisa que eu gravei e recorde puramente pelo sentimento que eu fiquei na hora, que a única coisa que me faz gravar mesmo o sentimento foi o quanto eu vivi esse sentimento naquele momento – que daí a câmera atrapalha, por isso eu usei ela muito pouco (H8*, 2018).

Justamente como eu tenho uma memória ruim eu costumava fazer registros, só que daí eu pegava e filmava tudo, por um bom tempo eu pegava e filmava tudo. Só que daí eu via que eu fazia só registro de imagens e eu não sentia nada enquanto eu tava no show. Isso é uma das coisas que eu levei pra o cotidiano, que é a mesma mentalidade que eu tenho no show agora (H19*, 2018).

Importante destacar como a experiência vivenciada por H19* durante shows fez com que ele repensasse seu uso de celular e estendesse esse posicionamento para outras práticas de seu cotidiano. Pode-se analisar esse exemplo de acordo com Maslow (1954), ao indicar que experiências de pico podem fornecer efeitos posteriores permanentes, por exemplo, mudando a forma como se vê a própria vida. Eis a capacidade de transformação como papel fundamental da experiência, desde que a pessoa esteja aberta e receptiva a ser atravessada pelo momento vivido, a exemplo do sujeito “ex-posto” – o sujeito da experiência, de que trata Larrosa (2002). Para H19*, o que o acometia quando sentia o ímpeto de registrar tudo, obstruindo o aproveitamento de sua experiência do momento, é uma espécie de ansiedade que ele descreve da seguinte maneira:

Tu vê uma coisa e fica pensando: “Nossa, preciso tirar foto disso daqui”. Se tu não tirar foto é como se não tivesse memória, se eu não tirar foto disso daqui eu vou esquecer completamente como se isso não tivesse acontecido. O que não é verdade, óbvio que não é verdade, tu vai manter na memória o negócio, mas é uma ansiedade que tu precisa mesmo tirar a melhor foto e entra numa coisa que, assim como a ansiedade, é totalmente irracional... Um pensamento

ruim, um pensamento de angústia que é irracional e que se tu, tipo, parar um pouco pra pensar, tomar teu tempo, respirar fundo, tu percebe que não é assim, calma (H19*, 2018).

Pela própria consciência da condição humana, falha e frágil, associada à noção da importância das memórias para construção e entendimento de quem se é, ser possível subrogar a um dispositivo externo, tecnológico e eficaz o registro do que se está vivendo salta à mente como uma opção de grande valia, como menciona o entrevistado H13*:

Quando a gente só conta e não tem alguma imagem, aquela imagem da nossa cabeça vai se transformando com o tempo. Cada vez que tu conta, parece que ela vai se modificando um pouco. Talvez pela nossa memória que não registra todos os detalhes e vai se perdendo um pouco. Então, registrar com a câmera ajuda muito para ser mais fiel a o que aconteceu. Então eu acho que é legal isso. Ter um registro fiel do que foi e não ficar só na memória da cabeça (H13*, 2019).

Ao se tratar de uma experiência única como a do show de Roger Waters, a sensação da necessidade do registro é ampliada, atingindo até níveis excessivos de uso do celular. Como reflete Glitsos (2016), o registro não substitui e nem se equipara a viver propriamente a experiência que se espera eternizar em uma gravação ou fotografia.

Esse desejo de preservar e coletar não garante a posse, apenas a ilusão de posse. O que quero dizer aqui é que a experiência de um evento ao vivo é, por natureza, efêmera. Podemos gravar e reexperimentar essa versão gravada mais tarde, mas nunca podemos voltar no tempo e experimentar o evento original no local específico em que existia no tempo e no espaço. Portanto, o desejo de reviver nunca é verdadeiramente satisfeito e, assim, requer sua repetição crônica. A coleta da experiência por sua gravação e compartilhamento pode conferir também uma espécie de capital subcultural ao participante. No entanto, isso ainda não fornece uma reexperiência do evento exato em seu tempo e espaço passados. Portanto, os eventos são compulsivamente registrados e compartilhados como uma espécie de medida compensatória¹²⁴ (GLITSOS, 2016, p. 109).

Nesse sentido, Tamira et al. (2018) analisaram o engajamento dos participantes de sua pesquisa enquanto usam mídias sociais para gravar e compartilhar suas experiências com os outros ou não. A partir do estudo, concluíram que participantes que não utilizaram nenhum tipo de mídia lembraram sua experiência mais precisamente do que os

¹²⁴ No original: This desire to preserve and collect does not guarantee possession, only the illusion of possession. What I mean here is that the experience of a live event is, by its nature, ephemeral. We can record and re-experience that recorded version at a later time, but we can never go back in time and experience the original event in the specific location in which it existed in time and space. Therefore, the desire to re-experience is never truly satisfied and thus requires its chronic repetition. The collection of the experience by its recording and sharing may confer a kind of subcultural capital for the sharer, also. However, this still does not provide a re-experience of the exact event in its passed time and space. Therefore, events are compulsively recorded and shared as a kind of compensatory measure (GLITSOS, 2016, p. 109). (GLITSOS, 2016, p. 109).

participantes que usaram. A descoberta dos pesquisadores sugere que “o uso de mídia pode impedir que as pessoas lembrem dos próprios eventos que estão tentando preservar”.

A compulsão por gravar e fotografar pode passar a gerar o desconforto responsável por reações como as de M13, que comentou sobre o seu impasse interno entre usar o celular para registrar ou apenas olhar a cena diante de si – como no exemplo que ela contou no dia do show. Assim como M13, muitos entrevistados relataram que, ao gravar, procuravam esticar o braço para cima e manter o celular filmando enquanto olhavam para cena à sua frente sem olhar pela tela do celular, não se importando se a imagem ficasse tremida ou desfocada. Até mesmo porque, como no caso de M13, pode ser que nem voltem a ver aquele registro, que já não é mais tão importante. Ela comenta que apenas sentia que precisava ter a segurança de ter o momento guardado, por isso era preciso filmar. Durante a situação, parece que o simples ato de saber que seu celular registrou aquele momento fornece certa tranquilidade para aproveitar o momento, que é tão peregrino, por saber que o registro poderá ser retomado depois em seu celular – mesmo que sem a mesma ‘potência de vida’ do que a própria experiência vivida, como descreve M13. Em outros casos, como para H13*, espera-se poder aproveitar o registro depois para relembrar, mas sem que o ato de gravar atrapalhe o momento.

H13*: Eu não pude deixar de registrar quando eu cheguei perto dele, né, mas rapidamente já registrei e já guardei o celular no bolso para curtir ali.

Pesquisadora: Tu filmaste olhando para o celular? Como é que foi?

H13*: Eu não fiquei olhando para o celular. Eu filmei e fiquei olhando para ele. Torcendo para que a imagem ficasse boa.

Pesquisadora: Vai ver o foco na sorte.

H13*: Eu não podia perder. Ficar olhando para a tela.

Pesquisadora: O que te motivou a gravar?

H13*: É a lembrança. Por aquele ângulo que eu vi ele, né... Só aquelas pessoas que estavam ali viram. Não é uma imagem que eu vou buscar na internet depois. É uma imagem que eu tive ali, privilegiada naquele momento. Então eu quis ter aquela lembrança registrada.

Por essa perspectiva, o vídeo que a pessoa fez a auxilia a reforçar que aquela experiência de fato aconteceu, como se pudesse, assim, dar concretude ao momento experienciado. Da mesma forma que M6* diz saber que aconteceu porque está filmado, conforme se abordará no tópico 7.6. Tal noção se torna ainda mais forte nas situações que envolvem estar diante de seu polo idealizado, como fica evidente também na fala de H19*: “Dá vontade de ver que ‘nossa, eu estive perto do Roger Waters, isso foi real’, não fica só um negócio, uma memória, que parece quase um sonho... Aí ajuda a concretizar um pouco, ‘nossa, isso foi uma experiência que eu tive e eu tenho aqui gravado’. Nesses momentos que ajuda bastante e que eu costumo rever”. A importância de ter um registro

a partir do ângulo de visão que a própria pessoa teve, como se o celular captasse precisamente o que seus olhos viram – e que a sua consciência pode nem ser capaz de acreditar posteriormente – é discutida com maior ênfase na próxima seção.

Além do intuito de lembrar do show a partir do registro, o desejo de possuir uma parte daquela experiência que pode ser revisitada a qualquer tempo aparece também no trabalho de van Dijck (2004), ao tratar do que chama de “memória mediada”, em que a razão de registrar serve como uma tentativa de congelar o tempo para guardar parte daquilo que atua, inclusive, como componente de sua identidade. Conforme o autor, a criação da memória coletiva ou individual, enquanto um processo ativo, é alterada a cada revisão. Ao se envolver as tecnologias comunicativas para inscrever a memória, a captura de um momento é feita por meio de um processo codificado, que limita os elementos da experiência original. Toda vez que essa memória codificada é revisitada, elementos diferentes da experiência serão lembrados. van Dijck (2004) faz questão de incluir o elemento cultural ao falar da memória pessoal, chamando-a de memória cultural pessoal, ao enfatizar que os eventos são lembrados em relação aos outros, como seres sociais que somos. A ênfase na memória enquanto ato cultural possibilita a inclusão da perspectiva da mediação – nesse caso, da gravação por meio de dispositivos como o *smartphone*.

Toda memória é mediada por um *self*, com a ajuda de instrumentos artificiais. Memórias verdadeiras são naturalmente transformadas; até mesmo a memória mais vívida, detalhada e documentada é necessariamente uma seleção de modalidades e, portanto, nunca abrangente. Para tal conceito de memória, termos como “verdadeiro” e “falso” não se aplicam (se é que um dia se aplicaram), porque a memória é intrinsecamente um fenômeno mediado – mediado pelos caprichos da mente, da tecnologia e da cultura¹²⁵ (VAN DIJCK, 2007, p. 178).

Em adição, a partir de Sjöberg (2005) se tem a concepção de uma “memória protética”, em que uma memória experienciada por outros pode ser internalizada por aqueles que não estiveram no evento ao assistir a esses registros documentados por quem lá esteve. Essa perspectiva, assim como toda a discussão relacionada à memória, é assinalada neste trabalho como um horizonte mais distante de análise – que pode vir a ser explorada em futuras investigações, na forma de um desdobramento da presente pesquisa.

Como foi possível constatar com as entrevistas, as motivações impactam os registros à medida em que o material a ser capturado se destina a determinado uso. A

¹²⁵ No original: Every memory is mediated by a self, with the help of artificial instruments. Truthful memories are naturally morphed; even the most vivid, detailed, and documented memory is necessarily a selection of modalities and thus never comprehensive. To such concept of memory, terms such as “true” and “false” no longer apply (if they ever did), because memory is intrinsically a mediate phenomenon – mediated by the vagaries of mind, technology and culture (VAN DIJCK, 2007, p. 178).

diferença entre registrar apenas para compartilhar no momento do show ou para guardar e rever depois ficou bem demarcada nas práticas de H13* e de seu pai H14*, por exemplo. O entrevistado H13* inclusive reforçou o propósito diferente de utilização da foto. Seu intuito é compartilhar com os outros que não puderam estar ali, e depois raramente assiste de novo os registros que fez. Ele diz que quando quer rever alguma coisa, prefere colocar um vídeo em alta definição do que ver suas filmagens em baixa resolução: “O que eu gravo, se tivesse em uma ótima resolução acho que eu assistiria mais, mas como a qualidade não é das melhores, acho que é por isso também que eu acabo não revendo”. Já seu pai, H14*, não só revê os seus registros como tem o hábito de procurar mais fotos e vídeos de outros membros do público para salvar e rever posteriormente. Ele acompanha a página de fãs de Pink Floyd no Facebook e, em vários momentos, ressaltou como agora está fácil encontrar vídeos do show, de todos os ângulos possíveis, já que muitos fãs registram e compartilham: “Em cada cidade iam postando o que aconteceu lá, o que não aconteceu, que repercussão teve, e a gente ia curtindo, uma barbada, deu até pra prever o que vai acontecer” (H14*, 2019). Segundo ele, os estilos de vida diferentes dele e do filho podem explicar a diferença na motivação para registrar e no consumo desses registros – H14*, aposentado, com mais tempo disponível, em contraste ao filho, H13*, com ritmo de trabalho bem agitado. Salienta-se, assim, como os estilos de vida e perfis diferentes também polarizam a motivação para a prática de uso e repercussão dos registros feitos em shows.

7.5 Importância de registrar a própria perspectiva do show

É legal para auxiliar. Claro, as emoções não estão no celular, as emoções estão na cabeça (H13, 2019).*

O ponto que se destacou – desde as conversas realizadas no dia do show, e que pôde ser aprofundado nas entrevistas em profundidade – foi a relevância atribuída pelos entrevistados para a personalidade dos registros. Verificou-se que não basta ter uma imagem do show para rever posteriormente, para muitos deles é necessário que esta tenha sido de sua própria autoria. Nas entrevistas prévias, informantes como M1, M2, H3, H5, H10 e H12 destacaram a importância de fazer pelo menos um registro simbólico, como referiu M2, para captar a sua perspectiva do show. As noções a respeito desse assunto surgidas nas entrevistas em profundidade são esboçadas a seguir, a iniciar pela concepção de H8*:

A minha experiência de registros nesse show foi justamente visando assim: **isso é uma coisa que quero lembrar daqui a tanto tempo**. Só isso, não, tipo: “Bah, que música incrível, quero registrar isso agora”. Não, cara, **a música incrível ela só é a música incrível naquele momento, depois vai ser só uma música gravada**. Agora, o cara montou um prisma em cima de mim, eu vou gravar um pedaço rapidão só pra que daqui a tanto tempo eu olhe e recorde não só “ah, ele projetou um prisma”, não, **eu me recorde da posição em que eu estava naquele momento** (H8*, 2018).

Ao contrastar a música ao vivo da música gravada, H8* demonstra claramente uma consciência das virtudes daquela sobre esta, da mesma maneira que Kjus e Danielsen (2014) verificaram junto a seus interlocutores – conforme referenciado no capítulo 1. Quanto ao papel de recordação do registro pessoal, o entrevistado H19* falou sobre um vídeo curto que fez para recordar do ambiente do show, em 360 graus – no qual aparece o palco e as pessoas que estavam a sua volta – para dar uma ideia do local em que ele estava. “Filmar um pouquinho é o bastante para me ajudar a recriar o resto que eu não precisei filmar. O pouco que eu filmei ali reconstrói o resto da minha memória, sabe, me faz me lembrar de tudo que eu preciso pra me lembrar direitinho do show” (H19*, 2018). Da mesma maneira, ressalta M6*: “Às vezes as coisas ficam um pouco turvas porque são muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Essas filmagens, principalmente por serem do ponto onde eu tava, do lugar onde eu tava, elas ajudam a reativar, reviver algumas coisas e clareia um pouco a memória” (M6*, 2018). Para esses três entrevistados, é importante fazer um registro durante o show, mas desde que seja algo curto, apenas com esse intuito de recuperar brevemente o seu local no evento e, a partir disso, poder reconstruir mentalmente o restante.

Eu acho que essa questão de tirar poucas fotos funciona porque se eu for tirar um monte de fotos, primeiro que eu não vou ter saco pra ver todos e, segundo, que eu não vou ver todas mesmo, não vou precisar ver todas... Eu preciso de algumas só pra lembrar mais ou menos o que que era pra eu já me lembrar do ambiente e do sentimento que tinha no momento e era isso (H19*, 2018).

Ao se rever uma fotografia, a lembrança acionada não é apenas do objeto retratado, mas também de uma série de sentimentos, sensações e fatos que podem ser evocados por aspectos presentes naquela imagem e que se relacionam com o momento atual de quem rememora. A entrevistada M10*, que disse geralmente fazer poucos registros, viu-se registrando mais nesse show, conforme já mencionado nas seções anteriores. O maior vídeo que fez, de cerca de 30 minutos, ela comenta que já assistiu pelo menos duas vezes após o show. O que faz esse vídeo ser melhor do que um DVD que ela fosse comprar sobre o show, por exemplo, é que este é o seu registro, em que ela pode ouvir até as conversas que ocorreram ao redor dela durante o show. Assim, consegue

retomar inclusive a atmosfera que havia à sua volta naquele momento – lembrar das pessoas que foram com ela ao show e o que comentaram em determinada situação – tudo isso ficou salvo em seu registro, e não seria possível encontrar em nenhum outro. Ela acrescenta: “É a tua visão do palco, relembra melhor da tua visão” (M10*, 2019). No mesmo sentido, reforça H8*: “Às vezes bate uma nostalgia, uma vontade de ver, viver de novo, aí é legal, é muito bom ter um registro teu disso, de um momento que tu viveu e que tu não vai achar em nenhum áudio, em nenhum álbum dele e em nenhum vídeo no YouTube” (H8*, 2018).

Ainda, para fãs como H8*, o seu vídeo funciona como uma espécie de *souvenir* do show: “Têm shows que não peguei camiseta, então ‘ah, vou gravar uma música’. Eu quero uma recordação minha, para mim, que ou eu possa usar ou eu possa recordar, mas que seja minha, só minha” (H8*, 2018). Ao comentar sobre as fotos e vídeos que fez em shows anteriores, H8* explicou que salva na nuvem em pastas identificadas com o nome da banda e a data do show e, de tempos em tempos, volta a rever, principalmente quando acontece de ir novamente no show de um artista ao qual já foi no passado. Por exemplo, antes de ir ao show de Roger Waters em 2018, ele viu os registros que havia feito quando foi ao show do artista em sua passagem anterior pelo Brasil, em 2012. “Tu faz um comparativo de tempo social, isso é muito legal e isso é único, e isso tu só consegue fazer com os registros”, destaca ele, ressaltando a importância dos registros pessoais.

Outro aspecto destacado por H8* é como uma boa foto tirada por ele de um artista que ama pode servir como uma espécie de prêmio. Ele contou sua experiência pessoal em relação a um show de Zack Wylde, de quem é muito fã: “Eu também toco guitarra e me inspiro muito nele, aí eu tava lá no show dele e tirei uma foto muito boa. Aí cara, é meu papel de parede, toda vez que eu for abrir o celular eu vou olhar: cara, foto do meu guitarrista preferido que eu tirei no show dele!” (H8*, 2018). Nesse sentido, a foto passou a ser praticamente um troféu, pois além de ter vivido uma experiência incrível, ainda foi possível fazer algo durante esta, que é um material seu e que lhe ajuda a recordar do momento vivido.

7.6 A experiência de show do público com a participação de *smartphones*

Hoje em dia eu noto que o celular, essa facilidade de compartilhar, mudou muito a forma como as pessoas assistem, né. Mudou a experiência. Eu vejo que as pessoas assistem mais pela tela do celular do que ao vivo ali (H13, 2019).*

Conforme se observa ao longo desta discussão, a participação do celular nos shows tem transformado a experiência de show de diversas maneiras, mesmo antes deste iniciar, e estendendo-se ainda por muito tempo depois do dia do show. Nesta seção é analisada a relação entre a experiência vivenciada pelos entrevistados no show e o uso do celular, a fim de discutir o que difere com ou sem a participação deste, a partir da prática de filmar e fotografar dos entrevistados. M6*, por exemplo, comentou sobre às vezes em que as fotos que faz no show não ficam exatamente do jeito que ela gostaria, porque na hora ela não se preocupa com luz e ângulo: **“Eu não vou ficar 5 minutos com o celular em pé perdendo a experiência do show só pra ter uma boa foto.** Eu não sou fotógrafa, então pra mim isso não faz muito sentido”. Sua visão coaduna com a perspectiva de Sontag (2004), ao dizer que a fotografia é antecedida pela busca por um aspecto fotogênico das pessoas, dos lugares ou dos objetos, sendo essa busca a responsável por limitar a experiência entre fotógrafo e fotografado. Para M6*, usar o celular interfere muito na experiência do show, e exemplificou contando o que demarcou ser um dos momentos mais importantes do show para ela – quando Roger Waters desce do palco e passa rapidamente na frente da grade, cumprimentando as pessoas que ali estão.

Eu encontrei com ele na mesma distância que eu tô aqui contigo, eu toquei na mão dele, só que eu pensei “vou filmar este momento”, e eu mais vi ele pela **câmera do celular do que na minha frente.** Quando ele parou aqui eu desliguei e vi, mas eu vi ele vindo e tudo mais só pelo celular. Eu apareci no Instagram depois e tudo mais, que tem a moça filmando atrás, apareceu no Instagram dele, a gente aparece ali na grade, mas **a filmagem que eu tenho desse momento é mais ou menos a lembrança que eu tenho, igual à da tela do celular, porque eu vi pela tela do celular** pra ver se tava enquadrado, se tava aparecendo que ele tava cara a cara comigo.

Assim que viu uma movimentação que parecia indicar que Waters estava descendo do palco, a primeira coisa que M6* pensou foi: “Vou filmar”. Inclusive estava com o celular no momento em que uma mão toca a sua, que ela não sabe com certeza se foi a dele, pois todos estavam freneticamente se empurrando para tentar tocar a mão de Waters. Apenas na rápida fração de segundos em que ele para diante dela é que ela desligou o celular: “Quando ele tava na minha frente exatamente ele parou pra dar um pulo pra olhar as pessoas lá de trás, eu desliguei, porque aí eu pensei já passou e eu vou

olhar né, o cara tá ali”. M6* comentou sobre sua lembrança desse momento, que é meio turva: “Eu não me lembro com muita clareza, mas eu **sei que aconteceu porque tá lá filmado**”. Esse é um dos principais vídeos que ela reviu depois e fez questão de mostrar para muitas pessoas: “Queria me exhibir um pouquinho, né (risos)”. Ela destacou a sensação de saudade que sente quando revê esse vídeo, que a faz pensar que poderia ter aproveitado ainda mais o show:

Quando eu vejo o vídeo fica aquela sensação de “ah, não vai voltar”, se eu tivesse a sensação que eu tô tendo hoje eu teria aproveitado muito mais o show, teria sido muito mais tocante, mas é uma coisa que eu só tô me sentindo assim hoje porque eu vivi aquele show, não teria como eu querer aproveitar daquela maneira sem ter vivido aquilo (M6*, 2018).

Em contrapartida, um dos momentos que M6* descreve com maior precisão e que destaca como o mais marcante foi uma experiência de *flow* (CSIKSZENTMIHALYI, 1990) combinada com experiência culminante (*peak experience*, MASLOW, 1954), que vivenciou – sem usar o celular – durante o dueto das *backing vocals* Lucius na música “*The Great Gig in the Sky*”.

Eu não tava esperando que fosse começar naquela hora, eu tava tirando fotos, porque o telão tava estrelado atrás delas, a luz tava bonita, eu tava achando realmente muito bonito. **Quando elas começaram a cantar eu só guardei o celular** assim, eu tava olhando de boca aberta, elas cantavam muito, tava muito bonito, e foi um teto maravilhoso. **Aquela realmente foi a cena mais bonita que eu já vi na minha vida**, foi um momento incrível, quando terminou a música meu namorado fez assim “**sai do transe!**” Foi incrível, foi muito bonito.

Segundo Maslow (1954) e Kamei (2010), momentos como esse são descritos como de grande alegria, satisfação e êxtase, em que a pessoa é tomada por profundo deslumbramento e se sente absorva na experiência, tornando-a memorável. Ainda, conforme Csikszentmihalyi (1990), durante uma experiência como essa a consciência é suspensa temporariamente, como se a pessoa perdesse a noção de si, do tempo e do espaço – que se vê expressa no exemplo pela exclamação do namorado ao chamar a atenção dela para a realidade, pedindo que saísse do transe. Questionei se ela se lembrava se havia diferença entre os momentos em que estava ou não filmando e entre pensar em filmar ou não:

Na verdade eu tava tão imersa que de tão imersa tu acaba esquecendo de filmar, tu quer estar lá pra ver, pra aproveitar, pra sentir a música, pra cantar junto, e quando ia ter a parte que eles cantam por exemplo “*Another Brick in the Wall*”, que é uma parte muito icônica desse show, eu filmei mas eu não tava olhando o que eu tava filmando, eu tava vendo porque, tipo, ah, se ficar ruim, foda-se. Eu vou filmar, vou tentar, mas eu prefiro olhar, **não vou olhar esse momento que é o ponto alto do show na tela do meu celular, não vai valer a pena** (M6*, 2018).

H8*, que estava junto de M6* quando Roger Waters passou em frente à grade, fez questão de não utilizar o celular: “Não, nessa hora ou eu filmo e perco a chance de tocar nele ou eu toco nele e, ah, tocar nele eu só tenho uma chance na vida”. Ele disse que conseguiu tocar bem de leve, e que foi um momento maravilhoso. No dia seguinte, ele e M6* viram que apareceram no vídeo feito pela produção do show e divulgado na página oficial de Roger Waters no Facebook.

Por estar na grade do show, bem na frente do palco, M6* não teve sua visão bloqueada em nenhum momento por celulares de outras pessoas, mas comenta que tomou alguns cuidados para não bloquear a visão dos que estavam atrás dela: “Eu não levantava o telefone pra não ficar na frente das pessoas, eu pelo menos tenho essa consciência, se eu tô aqui na frente e tô tendo o privilégio de estar na frente podendo filmar do jeito que eu quero sem ter nenhuma cabeça, eu não vou atrapalhar quem tá atrás”. Ela comentou que depois procurou no YouTube e encontrou os vídeos de uma pessoa que filmou o show inteiro e compartilhou pela plataforma, em cinco partes¹²⁶: “Eu já assisti várias e várias vezes, fico ouvindo e lembrando. É ruim, mas graças a Deus essa pessoa filmou, aí tem esse registro, já baixei, vou guardar pra mim, mas como é que essa pessoa aproveitou o show filmando duas horas seguidas?” A qualidade do vídeo não é muito boa, em alguns momentos a pessoa parece cobrir o microfone com o dedo, pois o som soa abafado, a imagem treme e por vezes fica um pouco torta, indicando que o braço deveria cansar e a pessoa mudava de posição. No entanto, M6* ressaltou que, para ela, vale muito a pena ter acesso a essa gravação: “Eu não filmei o show inteiro, e às vezes eu gosto de lembrar coisas que eu não me lembro porque a gente não grava tudo, então ainda bem que tem essas pessoas, mas eu não seria uma delas”. Conforme a pesquisa de Colburn (2013), ao estudar esse perfil de público que vai a shows para filmar e enviar os vídeos para o YouTube, o compartilhamento desses registros na plataforma fornece reconhecimento para quem filmou diante da comunidade de fãs, e tal reconhecimento atua como uma espécie de capital cultural que substitui qualquer tipo de recompensa financeira por seu “trabalho” realizado durante o show. Contudo, no mesmo sentido do questionamento feito pela entrevistada M6*, problematiza-se o próprio status do show enquanto evento ao vivo a partir dessa mediação da experiência.

Grande parte que usa o celular no show é pra si, só que tem um prejuízo, porém tem gente que realmente olha muito depois, a minha namorada (M6*), basicamente não usou o telefone dela no show porém depois ela coletou, no

¹²⁶ O vídeo da primeira parte está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inAwt-27bl0>. Os links para as demais partes aparecem listados na descrição do vídeo. Acesso em: 23 abr. 2019.

YouTube e no Instagram, vídeos de todo mundo que foi no show. Ela baixou, arquivou, guardou tudo isso porque ela quis rever o show que ela foi, então ela juntou as diversas imagens de pessoas e revive ele dessa maneira. Então **o papel do celular é preservar o show, gravar aquilo pra posteridade, independente de que pessoa, que fã, que banda – todo mundo acaba fazendo isso.** Mas é bem claro que as pessoas que vão indo, que já foram muitas vezes a shows – entre as quais eu me incluo – usam menos, porque ou nunca foram adeptas ou já viram que tem um prejuízo grande com isso (H8*, 2018, grifo da autora).

Ao se elencar os principais prejuízos do uso de celular em shows surgem argumentos como os de bloquear a visão das outras pessoas e de distrair a atenção do show, mas cada entrevistado tem uma maneira particular de interpretar essa questão, de acordo com a relação que tem com a prática de ir a shows e de utilizar seu celular. Tendo por base todas essas visões, principalmente aquelas trazidas pelos informantes das entrevistas em profundidade, é possível lançar luz sobre o problema desta pesquisa. Segundo H14*, usar muito o celular tira o foco do espetáculo para quem está usando: “Bate a foto e vai curtir o show. Pô, show inteiro filmando, acho que isso só atrapalha pra eles”. Sobre o mais comum dos pontos criticados pelos membros do público que desaprovam o uso, que é ter uma tela bloqueando a visão do palco, H14* destaca que a ele não atrapalha, e simplifica o problema: “Bom, vai pra o lado então, deixa o cara curtir, deixa o cara filmar também, não atrapalha em nada”. Infelizmente nem sempre essa solução é viável, principalmente em grandes aglomerações – mesmo nesse show, em que a pista Premium estava relativamente vazia da metade para trás e permitia livre circulação, a parte frontal estava bem lotada, em um claro esforço dos que ali estavam para se aproximar do palco e ter uma visão melhor. Nesse sentido, H19* destaca que o distúrbio é maior e que gerou desconforto durante o show:

Eu me lembro de gente tirando foto e tentando gravar com flash, tipo do meu lado e tal, tentando tirar do palco. Isso é uma das coisas que atrapalha. Tipo, o cara pegava, ligava o flash pra tirar foto e gravar no meio do show e tava olhando pela tela e me ofuscando com a luz do flash. Isso realmente atrapalhou e foi muito chato. E outra coisa era gente da frente botando o celular na tua frente e tapando a tua visão. E eu me lembro que a M13 reclamou muito disso porque ela é um pouco mais baixinha que eu e ela não conseguiu enxergar nada em alguns momentos que tapou completamente. Já tem pessoas altas, que aí já fica difícil de ver, aí quando botavam o celular na frente ficava impossível, porque aí era a cabeça deles e o celular no espaço entre a cabeça, no único espaço em que teria pra ver. A única opção que se tinha aí era ver pelo celular do cara, horrível. E isso atrapalhou (H19*, 2018).

Ele ainda comenta que havia três pessoas com o celular na sua frente e, em determinado momento, pediu para que um deles abaixasse o celular: “A gente deu uma batida nas costas pra ele dar espaço pra gente conseguir ver. Todos os celulares agora são gigantes, era a cabeça do cara e o celular com a tela do mesmo tamanho da cabeça do

cara, não tem como” (H19*, 2018). A entrevistada M10* foi a que, entre os entrevistados desta pesquisa, mais fez parte do grupo de pessoas que passa bastante tempo do show gravando – ao total, foram cerca de quatro vídeos de aproximadamente quinze minutos cada e um vídeo de meia hora. Segundo ela, a segunda parte do show foi a que mais gostou, por tocar suas músicas favoritas, motivo pelo qual acabou gravando por mais tempo. Na sua prática de filmar, buscava não olhar para a tela do celular, e por isso considera que não atrapalhou, a não ser pelo cansaço do braço. E, sobre o desconforto de passar tanto tempo gravando, ela comenta: “Só era um pouco complicado de ficar parado, requer um pouquinho de atenção, e o braço que às vezes cansa, tem que trocar, mas **no geral não atrapalhou eu estar filmando ou não**, de estar prestando atenção no show e curtindo, **só não podia me movimentar tanto**”. Ao contrário de M10*, o entrevistado H19* demonstrou seu desconforto também em relação ao seu próprio uso do celular, quando sentiu que estava utilizando do modo que considera exagerado.

Assim que eu vi que eu tava puxando o celular a toda hora meu pensamento foi de me limitar a certos pontos: “**Ah, eu vou deixar eu puxar o celular nesse ponto, no resto eu não vou puxar e vou só assistir**”. Também eu sabia que tinha muita gente que ia ir e filmar e não ia tanto importar pra os outros ver os vídeos quanto eu estar vendo o show lá (H19*, 2018).

H19* destaca a importância de apenas curtir o show, sem ter a preocupação de registrar, já que sua pretensão não era a de difundir seus registros para uma comunidade de fãs – como no caso dos pesquisados por Colburn (2013) –, além da sua noção de que já teria vídeos na internet de muitas pessoas, não sendo necessário mais os seus registros para os outros verem. Outro ponto pertinente que se destaca em sua fala é o momento que teve durante o show de refletir sobre sua própria prática e, em um exercício de autorregulação, dizer a si mesmo que iria restringir seu uso a determinadas situações. O entrevistado H13* também relatou ter feito isso – foi a partir do instante em que percebeu que usar o celular estava interferindo na sua experiência do show.

Pesquisadora: Enquanto tu estavas filmando, tu achas que isso te atrapalhou na experiência do show? Como é que foi essa relação?

H13*: No início um pouco. Quando eu me dei conta que estava me atrapalhando, aí eu parei, né. Parei um pouco, porque, **sem se dar conta, a gente acaba deixando de prestar atenção no show para ficar se preocupando com outra coisa que não é tão importante quanto o show.**

Pesquisadora: Em que momento foi isso?

H13*: Não sei te dizer exatamente em que momento, mas talvez um pouco antes da metade do show. Acho que mais de uma hora de show depois. Aí eu comecei a encarar diferente. **Eu comecei a ignorar mais o celular e comecei a ficar mais conectado com o show.** Porque **no início a gente fica muito na ânsia de compartilhar, compartilhar, compartilhar**, e daí, mais ou menos da metade do show em diante eu fiquei conectado só com o show, sem ficar olhando celular. Aí é outra vibe.

Um pouco mais adiante, H13* acrescenta uma situação em que refletiu sobre sua ação durante o show: “O fato de não ter sinal de internet não deveria me abalar e eu notei que uma hora eu estava me abalando com isso. **Eu me dei conta que eu estava completamente, como é que vou dizer, perdendo o foco.** Perdi um pouco o foco naquele momento. Aí eu me dei conta e retomei o rumo” (H13*, 2018). Percebe-se nesse exemplo como as questões técnicas passam a interferir na relação do sujeito com o objeto, não somente em relação ao modo de fotografar ou filmar – como no exemplo de M10* que tomava o cuidado para não se movimentar muito enquanto estava gravando –, mas também na possibilidade de conexão e compartilhamento em tempo real que ficava prejudicada em virtude da precariedade do sinal – como no abalo emocional que H13* sentiu e que o distraía do momento presente. Além da falta de sinal de internet, outro fator técnico que repercutiu nas ações de H13* durante o show foi a falta de memória do celular. Ele não havia verificado essa questão antes do show e ali na hora não teve como fazer backup, pois estava sem sinal. “Não me preocupei tanto com isso. Se eu tivesse me preocupado tanto eu teria feito essa limpa com antecedência e não teria passado por esse problema”. A situação foi ressignificada por ele depois, ao perceber que assim se sentiu apto a aproveitar mais o show: “Se tivesse memória eu certamente teria registrado mais. Mas eu acho que foi bom, no final das contas”. A relação de H13* com seu celular, inclusive, tem feito ele controlar o seu uso, a partir de circunstâncias passadas em que se deu conta que estava utilizando muito: “Eu tenho me policiado nos últimos shows. Eu tenho me policiado quanto a isso aí. Não foi só nesse show. Já teve, digamos assim, no início do ano passado, eu gravei mais e durante o ano fui me dando conta, fui reduzindo e fui me policiando”. Para ele, as próprias experiências em shows o fizeram repensar a forma como se relaciona com o uso do celular.

H19* conta que já fez parte do grupo de pessoas que registra praticamente o show inteiro, mas após uma experiência que teve no início de 2018, passou a repensar o seu uso, de modo similar a H13*. Ele estava em um show e, enquanto estava tentando gravar, começou a ter vários problemas com o seu celular.

Primeiro travou o celular, depois ficou sem espaço na memória interna, daí eu me lembro que eu fiquei ali durante o show tentando apagar coisas pra filmar mais, **aí passou uma das músicas que eu mais gostava e aí cara, passou a música e eu mal ouvi que passou...** Aí eu pensei: “Ah, não vou mais fazer isso”, **eu fiquei irritado com meu celular, fiquei irritado comigo tentando gravar e aí eu botei o celular no bolso e não gravei mais nada naquele show.** Aí a partir disso eu vi que não é bom isso, **eu posso gravar mas eu não posso gravar todo o show, eu tenho de ver o show.** Eu tô pagando pra ver o show, se eu quisesse ir só pra gravar eu via pela TV, não preciso estar no

show... **Show é pra ter essa outra coisa que são os sentimentos que tu tem durante o show** (H19*, 2018).

A experiência que H19* teve neste show em específico o ajudou a repensar a sua relação com o celular em todos os aspectos do cotidiano, inclusive em viagens. Ele conta que quando ia visitar algum lugar, sentia uma ansiedade muito grande de que ia esquecer do que estava vendo se não registrasse: “Era medo pra mim de que eu ia esquecer e que eu precisava tirar essas fotos e que era um lugar muito bonito, então era minha obrigação tirar fotos daquele lugar porque era muito bonito”. Apesar de já notar que havia um uso intensivo de celulares, ele apenas reparava, porque fazia parte disso também: “Eu tava gravando junto e tal, então eu só reparava, ‘nossa tá todo mundo filmando e tal’. Eu já sentia um pouco: ‘Ah, hoje em dia parece que tá todo mundo só filmando, não tá vivendo o negócio’. Passava pela minha cabeça mas eu não pensava muito a fundo”. Depois dessa experiência, ele teve uma nova percepção – a de que só estava fazendo registro de imagens e não estava sentindo nada enquanto estava no show ou visitando algum lugar: “E quando eu percebi que eu não lembrava das coisas eu vi que é um problema mesmo”. Ele acrescentou como o uso repercutia também na maneira como se lembrava da experiência: “As únicas memórias que eu tenho são o enquadramento da foto, então tipo, se tu me perguntar o que tinha ao redor eu não vou saber te dizer porque eu não tenho ideia. Eu não parei pra observar ao redor, eu parei pra observar o enquadramento da foto” (H19*, 2018). Em sentido similar, o entrevistado H8* destacou a sua percepção atual sobre esse assunto:

Hoje uma coisa que eu jamais faria, se visse minha banda favorita, é gravar o show inteiro dela. É gravar, tirar uma que outra foto, talvez gravar uma música, mas nunca uma música inteira, porque interfere demais na qualidade do show. Tu transforma aquilo num DVD, e um DVD tu pega em qualquer lugar. Tu não vivencia aquilo (H8*, 2018).

Durante o show de Roger Waters, quando H19* começou a fotografar e filmar bastante, a bateria de seu celular terminou, e ele se sentiu aliviado por ter uma solução ao duelo interno que sempre o acompanha nos eventos: “Fiquei feliz porque acabou a bateria e daí eu não precisava nem me preocupar em querer registrar – eu não ficava naquele debate na minha cabeça se eu registrava ou não”. Conforme ele já havia comentado na entrevista realizada no dia do show (e abordada na seção 6.4), quando a bateria de seu celular acabou ele se sentiu livre. Mesmo que fique guardado no bolso, a mera ideia da possibilidade de utilizar o celular, por ter acesso fácil a este dispositivo, altera as sensações e as formas de agir durante o show. Exemplo disso se constata no trabalho de Ward et al. (2017), ao demonstrar que, inclusive quando vencida a tentação de checar o

celular de tempos em tempos, o simples fato deste estar no mesmo cômodo em que a pessoa está faz com que ela não atinja a mesma capacidade de concentração de quando o dispositivo se encontra em outro local e desligado.

É o que acontece também em relação à experiência de show, no momento em que a pessoa interrompe a imersão para registrar – e até o ato de refletir se deveria registrar ou não já a tira da experiência imersiva (BRUNER, 1986; CSIKSENTMIHALYI, 1990). Foi o que se depreendeu, por exemplo, da experiência relatada por H8*, no momento que considera ter sido o ponto alto do show: a formação do prisma sobre o público. No excerto a seguir ele comenta a relação entre a gravação do celular e o registro mental e conta o que fez durante o show para lembrar daquele momento especial no futuro:

H8*: O que eu utilizei pra gravar mesmo: prestar muita atenção na parte de memória fotográfica mesmo, tentar lembrar muito do que eu vi e gravar, tirar foto daquilo que eu gostei muito mas, por exemplo, o momento do prisma pra mim foi o ápice do show. Eu sabia que aquilo ali ia ser maravilhoso, e eu fiquei maravilhado com aquilo. Eu tive ali um minuto, não sei quanto tempo durou aquilo, mas digamos que tenha durado 5 minutos, um minuto e meio eu fiquei parado admirando e fascinado com aquilo ali, 30 segundos eu vou gravar, **guardei, segue o delírio, segue o devaneio**, mas gravei aquilo ali só pra tipo: **essa sensação eu quero recordar um dia, de novo.**

Pesquisadora: E tu sentes que tu saíste do devaneio quando tu gravaste?

H8*: Ah, um pouco sim.

Pesquisadora: E no ato de pensar que tu querias gravar?

H8*: Também sim. Porque tava super ligado no negócio de: “Cara, tá acontecendo, é o prisma e tal”, **e aí parei assim pra pegar o celular, aí desbloqueia o celular, ajeita a câmera**, mesmo que seja automático, tu não pode sair gravando se tá sem foco, espera dar foco, aí grava isso ali, assim e assado, palco, prisma, galera, prisma, galera, palco, deu, acabou. **Aquele tempo ficou gravado na minha câmera, não necessariamente na minha cabeça.**

Pesquisadora: Então teve a quebra?

H8*: Sim, teve, muito.

Pesquisadora: Tu achas que interferiu no resultado final da experiência?

H8*: Não, não. **Isso não. Mas se eu tivesse usado muito o celular, sim. Interferiria completamente.**

A quebra de que se fala nesse relato é do estado imersivo da experiência, que H8* chamou de delírio, devaneio, do qual se viu retirado quando utilizou o celular para gravar, assim como no momento em que pensou em sua vontade de gravar. Ao se retomar o pensamento de Bruner (1986, p. 8) de que “todo momento observado é um momento lembrado”, e de Csikszentmihalyi (1990) ao apontar que o ato de refletir, de trazer a mente para um estado de consciência (como o de pensar em usar o celular para registrar, por exemplo), interrompe a experiência de *flow*, pode-se compreender como ocorreu tal ruptura na situação relatada por H8*. Sobre a sua percepção em relação à experiência vivida, o entrevistado entende que usar muito o celular interferiria totalmente, compreendendo o uso excessivo da seguinte forma:

O que muita gente que eu vejo faz no show é pensar: “Bah, esse show é muito bom, eu vou gravar isso”, e aí resolver gravar sua música favorita pra assistir mais tarde aquilo lá. Primeira coisa, não vai assistir isso mais tarde, vai assistir, recordar isso anos mais tarde. Talvez tu veja aquilo naquela semana pra mostrar pra outra pessoa e pra veres naquela semana. Mas eu não vou ver as filmagens do Roger Waters em janeiro, fevereiro. Vou ver daqui a um ano, três, quatro. **Aí a galera resolve gravar sua música favorita e aí ela não presencia sua música favorita, ela só grava a música favorita** (H8*, 2018, grifo da autora).

Conforme argumenta Dewey (1934), o excesso de fazer ou o excesso de receptividade podem interferir na experiência, embotando as percepções e tornando-a parcial e distorcida, com significado escasso ou falso. Refletindo a partir do caso comentado por H8*, excesso de fazer se relaciona à ansia por registrar tudo ou, inclusive, utilizar o celular para outras coisas, como acessar redes sociais, por exemplo, enquanto está no show. “Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação” (DEWEY, 1934, p. 123). Em sentido parecido, o excesso de receptividade diz respeito a valorizar simplesmente ir a todos os eventos possíveis apenas para enaltecer o acúmulo das assim tidas como “experiências”, cujo sentido e significado isolado muitas vezes nem é percebido. Esse aspecto fica ainda mais evidente desde a popularização das redes sociais, em que é valorizada a quantidade de imagens compartilhadas indicando todos os eventos em que a pessoa foi, provavelmente sem ter, de fato, experienciado a fundo o que enaltece como ‘experiências que já viveu’. A exemplo do que comenta H8* sobre gravar a música favorita, apenas gravou que esteve em determinado show sem, contudo, lá estar, nos termos da experiência total vivenciada de que trata Dewey (1934) – que foi explorada na revisão de literatura do capítulo 2 deste trabalho.

Ainda durante a entrevista com H8* foi pertinente explorar o que é considerado como excessivo ou não quanto à prática de usar o celular para fotografar durante os shows. Ele descreveu como foi seu processo de compreensão dessa dinâmica ao falar sobre suas experiências anteriores:

Foi por pura prática pessoal, experiência pessoal, depois de ir a muitos shows e tirar – teve shows que tirei 200 fotos e cheguei em casa e fui olhar, cara, dessas 200 fotos 80% é lixo, e outros 10% eu vou descartar, então vai sobrar 10% disso e olha lá. Aí que eu me dei conta que não tem por que ter essa ansiedade pra registrar, porque eu não sou profissional e se eu fosse profissional eu ia registrar cinco pontos e ok, ia ser suficiente pra tudo. A galera que registra tudo em shows, a galera que fica gravando meia hora de show, que nem tu vê gente que faz, é um pessoal que não tá habituado com aquilo e **acha que aquilo é fundamental pra o dia de amanhã ou pra aquele momento ser eterno. E não é.** Definitivamente não é, é bom pra tu apoiar uma lembrança, talvez seja um termo mais apropriado (H8*, 2018).

A partir de entrevistados como H19* se problematizou também o papel dos registros em relação à memória, no ímpeto de eternizar o momento vivido. Assim como M13, ele também mencionou o duelo interno entre viver a experiência, que por si só lhe forneceria uma memória sentimental do ocorrido, e fazer algum registro para revisitar posteriormente e apoiar a lembrança desse momento, na mesma perspectiva levantada por H8*. Ele comenta como foi a sua relação com essa dualidade no show de Roger Waters:

Eu acho que no show eu consegui ter realmente os dois. Foi exatamente que eu consegui ter o bom equilíbrio entre os dois, ter alguma coisa pra ajudar a lembrar mas essa coisa que eu tenho ajuda a lembrar o que eu senti, então eu cheguei a sentir alguma coisa e o que eu tenho é só pra relembrar o que eu senti. Não é como se eu não tivesse nada, que daí fica mais difícil lembrar, e também não é como se eu tivesse perdido o tempo todo só olhando pra uma tela e daí eu olho para as fotos e não lembro de nada e não sinto nada (H19*, 2018).

Esse equilíbrio satisfatório alcançado por H19* ecoa uma espécie de experiência de enquadramento (JACKSON, 1998), em que se toma decisões prévias a respeito do início e fim da experiência, determinando o engajamento e, conseqüentemente, o significado e valor dessa experiência. McCarthy e Wright (2004) exemplificam com a situação em que a pessoa reserva um período do dia para um almoço social e, com o intuito de não ter a atenção distraída da conversa e da comida, desliga seu celular durante esse espaço de tempo. No mesmo sentido, ao eleger os momentos em que poderia ou não usar o celular, H19* estava fazendo uma escolha consciente do engajamento que esperava ter e da experiência que poderia obter a partir deste, de modo a concluir que aproveitou bem o show.

7.7 Extra – Smartphones em shows: restringir ou não seu uso?

Eu ia adorar porque daí não ia ter escolha e aí tu não ia ficar nesse dilema: grave ou olho. Beleza. Não tem celular, é curtir (H13, 2019).*

Aí fica difícil. Por que, se fosse um monte de eu vendo o show, se todo mundo fosse eu e pensasse como eu, eu diria, por favor, não proíbe porque vou tirar uma foto e deu (H19, 2018).*

Ainda que este trabalho não tenha o objetivo de responder à questão que intitula esta seção, é pertinente discuti-la, mesmo que de maneira breve, tenho em vista que esse ponto acabou tomando forma nas entrevistas em profundidade – principalmente ao se verificar se os entrevistados já haviam visto o posicionamento de algum artista de rock em relação ao uso de celulares em shows. O tópico também já havia sido discutido com M13 no dia do show, em que ela comentou sobre a declaração de Mick Jagger sentir que

fez um show para celulares em São Paulo, conforme apresentado na seção 6.4. Durante as entrevistas em profundidade, H8* foi o único que recordou do pedido feito por um músico para que o público não usasse o celular, em um show no qual havia ido em 2015. O artista, coincidentemente, é Jack White, que atualmente adota a bolsa Yondr em seus shows¹²⁷. Naquela época, o músico ainda não havia aderido a essa medida mais drástica para banir o uso de celulares, fazendo apenas o pedido ao público antes do show.

[Lembro de] Jack White principalmente, que pediu pra que as pessoas não utilizassem o telefone pra que não interferisse na experiência de show. Naquele show especificamente **eu tava começando a ver, mesmo que inconscientemente: “Bah, o celular atrapalha”**. Naquele show, quando ele falou aquilo eu pensei: “Bah, vou seguir o que ele disse”. O *tour manager* foi no palco e pediu: “Não utilizem o telefone, vivam esse momento, depois vão ter registros oficiais no próprio Instagram do Jack White, no próprio Face do cara, mas vivam esse momento.” Porque até a própria proposta do Jack White é não fazer shows iguais em cada cidade, ele diz que faz em cada lugar um show próprio, e realmente interfere muito. [...] Não me arrependo nenhum pouco de ter seguido o que ele orientou, porque, cara, foi, deu pra ver ali que é muito mais do que só o barulho que sai das caixas e o cara tá presente ali. **É a experiência que o cara quer causar contigo que tá na frente dele, e o celular é uma parede entre vocês dois** (H8*, 2018).

Do ponto de vista de H19*, é totalmente compreensível que o artista queira restringir, pois, “é como se todo mundo vai lá e ninguém te olha na cara, tá todo mundo olhando no celular”. Ele complementa: “Parece que não estão prestando atenção, que na verdade de certo ponto não estão, porque estão prestando atenção no celular. Mesmo que seja gravando a ti acaba que não estão prestando tanta atenção no show” (H19*, 2018). No mesmo sentido, H13* pontua: “Eu não sei como os artistas se sentem, assim. Ignorados, talvez. Não sei. Eu acho estranho. É diferente. Eu acho que a pessoa não tá prestando a mesma atenção que estaria se estivesse só olhando, só assistindo” (H13*, 2018). H19* fez o exercício mental de se colocar no lugar do artista e concluiu que não faz muito sentido esse uso massivo de celulares em shows:

Não demonstra falta de apreciação, mas demonstra falta de atenção, né. Então tipo, se eu fosse famoso, se eu soubesse tocar alguma coisa e se eu tivesse um show e todo mundo estivesse gravando, **por parte eu ficaria feliz: “Nossa, todo mundo quer me gravar”, mas por outra parte iria ficar chato**, porque pô, eu tô aqui, não faz diferença nenhuma como eu tô tocando, **posso estar tocando as notas todas erradas e os caras não vão se importar, estão só gravando**. É realmente muito estranho, no fim se tu for olhar de fora é realmente um negócio muito estranho, todo mundo olhando pra tela do celular ao invés de olhar pra o cara. Se tu simplificar o negócio no fim não faz tanto sentido (H19*, 2018).

¹²⁷ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/01/25/jack-white-vai-banir-telefones-em-seus-shows.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

Há muito tempo tem se discutido temas atinentes à atenção, principalmente em um contexto que se conhece como “Era da Informação”, em que constantemente se é bombardeado por todo tipo de informações, de todos os lados. Com o *smartphone* e, principalmente, com o acesso à internet móvel e mídias sociais, essa problemática se complexifica ainda mais. “Por um lado, desenvolve-se uma hiperatenção, rápida e respondente aos estímulos, ligada em tudo a todo momento; por outro, a atenção concentrada e duradoura, que vai junto com a suspensão da ação, torna-se rara e difícil” (KASTRUP, 2012, p. 24). A partir do trabalho de Jonathan Crary (2001) sobre a produção do atento observador no século XIX, Kastrup (2012) reconhece como a atenção mudou e vem mudando, principalmente pelo acoplamento com as novas tecnologias da inteligência.

O predicado da atenção também é discutido por Depraz, Varela e Vermesch (2003, 2006) a partir do método de redução fenomenológica de Husserl. Segundo eles, efetivar a redução significa suspender a atitude natural de juízo, o que costuma não ser uma tarefa fácil. O método proposto pelos autores para atingir a redução compreende os atos de suspensão, redireção e deixar-*vir*, que aqui pode ser compreendido em associação aos elementos responsáveis por proporcionar a experiência de *flow*, conforme conceituado por Csikszentmihalyi (1990). A suspensão representa a interrupção no fluxo cognitivo e na percepção do tempo. A redireção está ligada a redirecionar a atenção do exterior para o interior. “Tendo em vista que o ato já ocorre sob suspensão, a relação consigo não dá lugar a lembranças pessoais, pensamentos ou preocupações. Ao contrário, esse recolhimento pode ser dito um movimento de saída de si” (KASTRUP, 2012, p. 28), a exemplo do estado de transe de que trata Csikszentmihalyi (1990). Por fim, quanto ao ato de deixar-*vir*, diz respeito a um tipo de concentração aberta, que ao mesmo tempo é concentrada e sem foco. Nesse ponto se pode retomar também a noção de Larrosa (2011) acerca do sujeito da experiência, de estar aberto a se deixar levar pelo acontecimento. “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm, [...] requer parar para olhar, parar para escutar” (LARROSA, 2002, p. 24). Conforme Kastrup (2012, p. 29), “há uma notável modificação da atenção quando a cognição é colocada em suspensão. Redirecionada para o interior, a atenção não acessa representações e não funciona no registro do eu: eu penso, eu sei etc”. Portanto, o estado de atenção apto a permitir uma experiência de *flow*, requer a suspensão, inclusive, do ato de pensar em questões como o enquadramento da imagem e sua posterior divulgação, como no caso do

que se discute neste trabalho. O próprio entrevistado H18, referido na seção 6.4, aborda esse tópico ao destacar que ao ficar com o celular se perde o foco e o prazer de ver, por haver a preocupação com as questões técnicas relacionadas à gravação, como enquadramento, nitidez, etc, conforme também já haviam notado Kjus e Danielsen (2014) em seus estudos, aludidos na introdução deste trabalho.

Os entrevistados concordaram que a experiência poderia ser melhor aproveitada, no sentido de possibilitar um estado imersivo, caso houvesse algum tipo de limitação ao uso de celular. Por outro lado, a ideia de restringir totalmente não lhes soou muito agradável. Como se observa na fala de H14*, ao pensar na impossibilidade de rever qualquer momento daquela experiência de show posteriormente:

Pesquisadora: E se tu não pudesses usar o celular no show, como seria?

H14*: Iria curtir igual né, depois eu ia pra internet pra procurar e tal, mas ia curtir igual, acho que até ia curtir mais, depois na internet dá pra pegar essas fotos todas, até melhores.

Pesquisadora: E se ninguém pudesse usar?

H14*: Aí sim, **tu quer dizer que tu não poderia rever aquilo que tu viu naquele momento, é isso? Aí acho que seria meio xarope. Porque é legal tu rever de novo, poder curtir de novo.** Por exemplo, eu tô falando contigo agora, daqui a pouco eu vou pra casa, conversei contigo sobre o show de novo, me deu vontade de ver de novo, aí eu vou lá e abro a minha pastinha lá e vou ver de novo, rever e curtir, e se eu não tivesse os vídeos com certeza ia ficar meio xarope.

A expressão usada por H14* de que seria “meio xarope” não ter nenhum registro do show foi uma reação muito espontânea sobre a importância de poder rever essas fotos e vídeos, devidamente guardados em uma pasta que ele revisita em situações como a exemplificada nesse excerto. Ao conversar sobre o show e acionar a memória do evento, também é acionada a vontade de rever esses registros, que é uma prática periódica para o entrevistado. Assim como observou Glitsos (2016), já mencionada anteriormente na seção 4.3, por essa experiência operar no ambiente pós-moderno de consumo e espetáculo, a dominação da imagem está presente até mesmo em modos tradicionais de experiência musical, como no exemplo trazido pela autora de ouvir rádio no carro. No mesmo sentido, H14* comentou que toda vez que ouve a música nessa circunstância ao dirigir, também busca seus registros depois para rever o show.

8 A EXPERIÊNCIA DE SHOW DE ROCK DE ROGER WATERS EM PORTO ALEGRE TRANSFORMADA PELO USO DE SMARTPHONES

Como eu poderia realmente experienciar aquilo que paguei para ver e ouvir se eu estivesse mexendo em um iPhone, filmando ou twittando ou conversando ou o que fosse?¹²⁸
(Roger Waters, 2011).

Em um período bem demarcado pela ubiquidade de *smartphones*, com o campo desta pesquisa não poderia ter sido diferente. Assim como tantos outros eventos contemporâneos, o show de Roger Waters em 2018 foi o local em que telas estiveram presentes por todo o lado. Enquanto pesquisa situada no âmbito das reflexões acerca das novas tecnologias e sobre como tem se dado a relação entre estas e as pessoas, este estudo teve o propósito de investigar como a prática de utilizar *smartphones* para filmar e fotografar durante um show de rock transforma essa experiência, especificamente, a experiência do show *Us + Them* de Roger Waters em Porto Alegre. Fala-se em transformação se tendo em mente o antes e o depois não só da própria participação de celulares em shows, mas de como essa diferença passou a ser percebida pelas pessoas, ou seja, o que mudou não só nos usos, mas também nas próprias percepções quanto a esses usos. Pois mesmo à época das primeiras aparições de celulares em shows em 98, conforme exemplo trazido por Strauss (1998), a percepção das pessoas quanto à participação do celular é diferente da que se tem vinte anos depois, em 2018, com todos os recursos de que este dispõe. Inclusive nos exemplos aqui tratados de períodos anteriores em que já havia celular em shows, difere a forma como a pessoa se relaciona com esse dispositivo em 2018 do que foi em 98.

Foi a partir dessa inquietação que se buscou abordar como a participação desse dispositivo transforma a experiência do show, ciente, contudo, de que tal termo poderia gerar a expectativa de uma clara retrospectiva acerca das mudanças nessa dinâmica social, o que não se teve a pretensão de fazer nesta pesquisa, já que levaria a um trabalho muito além de uma dissertação. Ainda que considerando tal mudança temporal, em que a evolução tecnológica demarca maneiras e escalas de uso que representam algo novo, o intuito motriz deste trabalho não foi o de falar sobre todo e qualquer show de rock e nem se atrever a fazer uma comparação definitiva sobre as transformações na experiência de shows de rock nos últimos anos. Coube, no entanto, refletir sobre tais transformações a

¹²⁸ No original: How could I possibly truly experience the thing I'd paid to see and hear, if I was fiddling with an iPhone, filming or twittering or chatting or whatever? (WATERS, 2011, *online*).

partir das experiências e comparações que os próprios entrevistados trouxeram a respeito de outros shows a que já foram, aliando-se essas noções à reflexão propiciada pelo referencial teórico sobre outras experiências de show, como a repercussão do uso de celulares em shows de 1998, por exemplo. Foram as expressões utilizadas pelos entrevistados, ao referirem que mudou a experiência, ou que estar em um show é diferente hoje, isto é, suas próprias reflexões sobre o uso de celular nos últimos anos que guiaram os caminhos deste trabalho para se intitular em termos de transformação. Mais do que isso, parte-se do entendimento de que qualquer elemento tem força para agir e transformar dada situação. Assim, foi preocupação desta dissertação estudar como a participação de *smartphones* é capaz de agir na equação do show e transformar a experiência do evento delimitado como campo de pesquisa.

Antes de abordar esse ponto, como já mencionado, verificou-se a relação dos membros do público com seu *smartphone*, o que motiva o uso deste durante o show, como é a prática de uso deles no evento, e inclusive, o que muda nessa prática de acordo com a forma como eles se relacionam com o artista, com a experiência de ir a shows e com o seu próprio celular. Para isso, foi importante buscar perfis bem diferentes de informantes e, esse show em específico teve a marca de ser um evento que atraiu público de idades variadas – desde fãs que acompanham a banda Pink Floyd há décadas, até as novas gerações de ouvintes, muitos destes sendo filhos e netos levados ao show por aqueles, passando a se tornar novos fãs e a frequentar também os shows relacionados à banda. Outro motivo que contribuiu para a ida de um público variado foi o forte apelo midiático deste show, principalmente em decorrência de quatro fatores. O primeiro deles foi a conturbada situação política em que se encontrava o país, e todas as polêmicas relacionadas ao show em suas passagens pelas outras cidades contribuíram para que este fosse noticiado durante o mês inteiro – assim, até mesmo quem não era fã soube do evento e pôde se sentir atraído a ir por toda a repercussão que teve. O segundo fator diz respeito ao movimento de festivalização da cultura (BENNETT et al., 2016) e de marketing experiencial (PINE & GILMORE, 1998), em que cada vez mais se valoriza o consumo de experiências e, assim, mais e mais pessoas se sentem compelidas a ir ao show para consumir essa experiência e vivenciar, por exemplo, o que os registros dos shows anteriores já haviam vendido como um verdadeiro espetáculo. Como terceiro fator, tem-se o próprio apelo desse polo idealizado (MAFFESOLI, 2010) que é a figura de Roger Waters, um ícone da história do rock mundial – em que ir ao show representava a oportunidade única de estar perto do artista e de assistir a sua performance ao vivo. Por

fim, também há de se considerar o fenômeno das redes sociais, com a possibilidade (e uma suposta necessidade) de a todo instante compartilhar momentos incriveis a fim de alimentar a narrativa do perfil *online*. Tal aspecto pode incentivar a vontade de, não só ir a eventos como esse, mas, antes de tudo, ser capaz de registrá-los para mostrar a sua rede de contatos.

Com este trabalho, buscou-se destacar que a análise da experiência de um show não pode ser feita sem se observar todas as associações híbridas que constituem o evento – e, nesse ponto, insere-se a materialidade. Todos os elementos que fazem parte do show, desde a tríade público, banda e local, conforme se discutiu a partir de Hopper (2014), e os detalhes que caracterizam e diferenciam cada um destes, vão ser responsáveis pelo resultado final da experiência gerada. Nesse sentido, não se fala em receptor ou espectador por se entender o papel de criação conjunta do artista com o público – este não está ali só para receber, os membros do público também agem e transformam a experiência enquanto ela se desenrola. Pelo escopo da pesquisa e, principalmente, pelo curto tempo de um mestrado, o recorte feito aqui residiu sobre o *smartphone* enquanto elemento que participa dessa experiência, a partir do enfoque na experiência dos sujeitos e em suas relações com este objeto. Pode-se perceber que o *smartphone* não é um mero intermediário na captura do registro, ele também é um mediador que transforma a experiência, tanto da própria pessoa que o porta quanto das demais à sua volta.

Assim como defende a teoria Ator-Rede (LATOURETTE, 1994), “[...] o ator é rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (LEMOES, 2013, p. 35). Ao perceber a pessoa como uma rede, entende-se que ela também sente através da mediação dos outros e da mediação do dispositivo, que também é uma rede. A experiência é cocriada por essas mediações associativas entre as pessoas e os objetos, compreendidos em um show pelo público e seus *smartphones*, pela banda e seus instrumentos e toda a estrutura de palco. É sob esse viés que se discutiu a participação dos *smartphones* nos shows e como esta transforma a experiência de show de rock, sob o ponto de vista do público. Coube abordar também as transformações em outros aspectos, como o perfil do público e até mesmo o cheiro predominante no local do show, a partir de tópicos emergentes das entrevistas. Essas questões foram pertinentes para se pensar o modo como o atual contexto dos shows vem sendo transformado e, novamente, volta-se aqui para o fator sobre o qual recaem as atenções deste trabalho e de que se trata a seguir.

Entrevistados como H13*, que teve a oportunidade de ir a shows antes e depois do uso de celulares, comentou sobre essa transformação na experiência de show

propiciada pela participação desses dispositivos. Para ele, se perdeu um pouco da conexão mútua entre artista e público e entre os próprios membros do público – que é o que caracteriza um show ao vivo (GRACYK, 1996; HOPPER, 2014). Ao mesmo tempo em que se ganha a possibilidade de conexão com as pessoas de fora do evento, se perde a oportunidade de imersão na experiência do show: “Tu estás conseguindo transmitir o que está passando ali, no momento. Isso é uma sensação legal, dá um prazer. É inegável, dá um prazer. As pessoas querem muito isso. Mas o que se perder é o foco, né. Foco no lugar. Se perdeu muito o foco no lugar. As pessoas não estão focadas onde estão” (H13*, 2019). Reforça-se, assim, um dos dilemas relacionados ao uso de celular em shows pelo desejo que as pessoas têm de documentar e compartilhar ao mesmo tempo em que não querem perder interações importantes durante esses momentos, a exemplo dos trabalhos já discutidos de Kjus & Danielsen (2014), Bennett (2014) e Colburn (2013).

A relação entre uso de celular e foco no show foi predominante nas falas dos entrevistados. De maneira geral, foi percebida em seus relatos a preocupação de viver a experiência à parte do uso de dispositivos eletrônicos, na ideia de que o uso intensivo poderia prejudicar a atenção e, conseqüentemente, o proveito dessa experiência: “Tu investe um valor considerável para ir em um show desses. Se tu estás só pelas imagens, tu pode só assistir de casa. Enfim, estando fisicamente no show, acho que tem que curtir fisicamente” (H13*, 2019). Da mesma forma, apareceram pontos de vista associados ao contraste entre ver a partir de outra tela, como a do celular, na ânsia de registrar, ao invés de ver o que está em sua realidade – “ver ele (Waters) sem ter algo por meio”, como destacou também M11, ao justificar porque preferiu utilizar pouco o celular. Muitos entrevistados relataram uma atitude que se discutiu a partir da concepção de enquadramento da experiência (JACKSON, 1998), em que deliberadamente elegeram períodos para silenciar seus celulares ou se policiarem em relação aos momentos em que poderiam usar, justamente por reconhecerem sua interferência no proveito do show – como foram os casos, por exemplo, de M12, apresentado na seção 6.4, e de H8*, H13* e H19*, vistos no capítulo 7.

O ponto que se destacou é que, ao usar o celular para gravar e ver o show pela tela, é inibida a própria capacidade de se sentir atravessado pela experiência, como se observou na fala de M9 na seção 6.4, e que se repete aqui: “Durante o show talvez eu não sinta a mesma coisa com o celular na frente do rosto, mas por outro lado ter o registro pra olhar e lembrar depois vale bastante”. Essa noção, inclusive, motiva a forma de gravar de alguns entrevistados ao comentarem que apenas mantêm o celular para cima enquanto

olham o show (sem olhar para a tela) e, também, funda uma das principais ansiedades sentidas pelos entrevistados ao comentarem sobre a preocupação entre querer aproveitar o momento ao máximo e ao mesmo tempo querer utilizar o celular para registrar. Entrevistados como H13*, H19* e M13, relataram que se sentiriam livres se fossem a um show que restringisse o uso de celulares, justamente porque não teriam esse duelo interno e poderiam apenas aproveitar o show.

Para outros, por sua vez, como é o caso de M10*, usar o celular faz parte da sua forma de experienciar o show. Porque, como indica Auslander (2008), a própria mediatização desses eventos, e de todos os meios que nos cercam, tiveram um efeito poderoso em formatar a norma sensitiva, que pode ser entendida como a nossa forma de percepção sobre o que formos experienciar. Estamos habituados a telas e nossa forma de consumir é através delas. Provavelmente, muito em função disso, para essas pessoas a tela em si não seja uma interrupção. Conforme relatos de M10* e M12, se elas tivessem utilizado o celular para acessar redes sociais, por exemplo, isso teria prejudicado a sua experiência, no entanto, por estarem apenas gravando – como fizeram questão de salientar – naquele momento o fato de gravar fez até com que elas se concentrassem mais no show. Segundo M10*, dessa forma a lembrança dela estaria, de algum modo, segura – ela poderia prestar atenção no que queria prestar e, depois, ainda poderia assistir de novo para ver algo que talvez ela pensou que não pudesse captar naquele momento. Nesse sentido, para ela, por exemplo, o celular foi um aliado, inclusive como apoio à narrativa que ela teria para contar posteriormente ao namorado e à prima. Após o show, seus registros facilitaram seu modo de contar essa experiência, pois, de certa maneira, era como se ela pudesse mostrar o que viu com seus próprios olhos, como se conseguisse levar de forma mais vívida o momento marcante que viveu às pessoas queridas que não puderam estar.

Inclusive os entrevistados que disseram preferir assistir ao show sem usar o celular, seja para não haver um impasse interno entre registrar ou não, seja por sentirem que assim aproveitariam mais a experiência, reconheceram que gostam de ter pelo menos um registro do show, para garantir a segurança do momento guardado, como indicou M13, ou uma lembrança registrada, conforme comentado por H13*, ou, ainda, para ter uma parte daquilo para que pudessem retomar depois e reconstruir a lembrança do show, de acordo com H19* e H8*. Nessa concepção, suas imagens representam um registro simbólico e, ao ver aquele registro, facilmente se reportam a toda a experiência que viveram. Mas, como eles demarcaram, esse mesmo registro só faria sentido se, antes de tudo, de fato tivessem experienciado aquele momento, tivessem sido atravessados por

sentimentos e sensações para, assim, ter o que retomar com aquela imagem. Caso contrário, seria só uma gravação que não os faria sentir nada e seria como se aquela experiência não tivesse sido realmente vivida por eles – só o seu celular registrou, mas sua mente não.

Ao mencionarem ter usado o celular para capturar esse breve registro, da sua própria perspectiva, destacou-se também em suas falas a personalidade dos registros. Somente o fato de ter um registro do show – por exemplo, se não fosse permitido o uso do celular e fosse a própria produção que tivesse divulgado um registro do show – ao ver apenas aquele registro que não foi feito por eles, seria mais difícil voltar para aquela experiência. Pois a possibilidade de registrar o ambiente em que estava a partir da própria perspectiva é, para os entrevistados, uma forma de retomar aquele momento de modo mais vívido, destacando a simbologia pessoal que pode ser expressa da seguinte maneira: “Eu que vi, com os meus olhos, deste local, e por isso eu precisava fazer o meu registro”. Esse aspecto pode explicar o uso massivo que se observa, tendo em vista que, mesmo que haja o registro de uma pessoa que os acompanhou ao show, este não terá a mesma potência do registro feito por eles mesmos. Esse show em específico foi muito rico para explorar os usos de *smartphones* pois, atrelando-se à questão da unicidade do evento como já comentado, vê-se reforçada essa vontade de levar parte daquilo consigo – momento em que o *smartphone* desponta como imprescindível aliado para concretização de tal ação.

Outra questão emergida do campo está associada à discussão de polo idealizado (MAFFESOLI, 2010), conforme articulado anteriormente. Ao se retomar a reflexão sobre a quantidade de pessoas que estavam fazendo *selfies* com o intuito de enquadrar a imagem de Roger Waters de fundo se pode compreender que, para elas, o registro imagético de quão perto estavam do artista funciona como uma espécie de autógrafo moderno. É a prova de que estiveram realmente próximas de seu ídolo a tal ponto da tela de seu próprio *smartphone* ser capaz de flagrá-lo. E, considerando o movimento de fãs que vão atrás de seus ídolos, percebe-se que, em geral, é exprimida uma vontade maior de ter uma *selfie* com seu astro favorito do que ter uma assinatura dele em seu disco preferido, por exemplo. Nesse sentido, mais uma vez se vê reforçada a centralidade da imagem, ao servir como um registro que comprova a veracidade da experiência vivida.

No momento em que todos têm a sua disposição um dispositivo como o *smartphone*, apto a registra tudo a qualquer instante, não ter uma foto de determinada situação pode implicar, aos olhos dos demais, que aquilo não ocorreu. Isso porque passa

a estar inconscientemente pautada uma noção de que se a pessoa tinha o seu celular consigo, poderia ter registrado. Ou, ainda, alguém a sua volta poderia ter registrado, dada à ubiquidade dos *smartphones*. Por esse viés, a perspectiva de não ter um registro é como se tal momento não tivesse acontecido, conforme demonstram as falas dos entrevistados. Essa questão também é bem sintomática para análise, particularmente sobre como a naturalização do uso interfere nas práticas e nas relações que são feitas a partir deste.

Ao se associar a concepção de materialidade às discussões acerca da experiência, pode-se verificar que a própria experiência do show de rock é composta por muitos tipos de experiência, em uma alternância de sensações. Os próprios momentos de consciência durante um estado de imersão, por exemplo, são capazes de retirar a pessoa da experiência de *flow* (CSIKSZENTMIHALYI, 1990), que estaria apta a gerar uma experiência de pico (MASLOW, 1954), conforme estudado neste trabalho. Coube aqui analisar como o celular participa também desses momentos, ao romper estados de transe durante o show pelo simples ato de pensar em registrar, que é intensificado na ação de fotografar e filmar devido aos próprios ajustes requeridos pelo celular, como bem exemplifica o relato do entrevistado H8* na seção 7.6.

O apelo a se viver o show ao máximo, sem preocupações por registrar, foi intensificado como atitude característica do público do gênero rock, de acordo com afirmações como a de H1: “Muitas vezes as pessoas que vão em outros shows, de artista pop, vão pra registrar, pra deixar gravado, mas nem tão muito aí pra o show. Aqui não, a galera tá pelo show, tá pelo momento, pela música, vai ser uma coisa diferente, vai ser um show especial”. No mesmo sentido, as falas de entrevistados que destacaram preferir ter como lembrança do que como gravação e acreditarem ser melhor curtir o show sem estar filmando, vistas na seção 6.4, demonstram o forte contraste entre aproveitar o show utilizando ou não o celular para registrar.

O desconforto de alguns entrevistados sobre a participação do celular em shows, como se este tivesse invadido um lugar em que não deveria estar, é perceptível à medida em que esse uso se torna mais acentuado – aumento que está diretamente relacionado com as constantes inovações das próprias possibilidades de uso do aparelho. Ou seja, se nos primeiros anos de participação do celular em shows seu uso estava associado à possibilidade de ligar para os contatos e transmitir a música durante o show (STRAUSS, 1998), a participação dos atuais *smartphones*, que permitem filmar e fotografar, além da conexão por meio de redes sociais, tende a uma prática de uso mais acentuada por haver ainda mais possibilidades de registro e compartilhamento dessa experiência. A prática de

utilização de celulares em shows pode se intensificar ainda mais quando resolvidas algumas questões como a conexão de Internet em grandes estádios, cujo sinal ainda impossibilitou algumas ações (por exemplo, o compartilhamento imediato nas redes sociais), conforme relatado por alguns entrevistados, assim como no momento em que as câmeras e sistema de captação de áudio desses aparelhos se tornarem ainda mais sofisticadas – já que a qualidade dos registros foi outro fator apontado por alguns entrevistados para preferir não gravar. Proporcionalmente, com o aumento do uso de celulares em shows se intensificam, também, as discussões acerca desse uso.

Entre as principais reclamações dos entrevistados sobre o uso do celular por parte de outros membros do público está a questão de obstruir a visão do palco, pelos braços levantados ou pela própria tela, e o incômodo oriundo da luminosidade desta ou do *flash*. Eles também salientaram a percepção de que o uso excessivo de celular demonstra falta de respeito ao artista, bem como aos demais membros do público ao obstruir a visão destes; prejudica a conexão entre o público e a interação com o artista e, conseqüentemente, o resultado dessa experiência. Nesse sentido, os entrevistados concordaram com o posicionamento crítico de artistas sobre a restrição de uso dos celulares, principalmente considerando a distração causada por estes. Segundo sua compreensão, destacaram que o artista tem a intenção de transmitir determinada experiência ao público e esta acaba sendo interrompida ao se deparar com um mar de telas em sua frente bloqueando a sua visão do público. Ainda assim, a maioria dos entrevistados salientou que não gostaria que chegasse ao ponto no qual a única alternativa fosse a restrição total de celulares em shows, sugerindo que o melhor caminho é a conscientização de todos para fazerem apenas um registro e depois guardarem seus aparelhos a fim de não comprometer a imersão na experiência de show.

Quanto ao próprio uso, foram elencados como principais pontos negativos a ansiedade por ter de registrar tudo, a preocupação de não aproveitar a experiência ao utilizar o celular e a própria visão ser prejudicada quando está gravando – além de desconfortos associados a problemas técnicos como falta de sinal, de bateria ou de memória do dispositivo. A percepção dos entrevistados quanto a limitar o próprio uso pessoal ou tomar alguns cuidados durante o ato de gravar e fotografar para não atrapalhar a visão dos outros – como salientado por M6*, que estava na grade e disse não levantar o braço para não obstruir a visão dos que estavam atrás dela – demonstra medidas que os próprios membros do público têm tomado para restringir, por conta própria, o que consideram como perturbação pelo uso de celular em shows.

Ao final desta discussão, destaca-se que este trabalho não tem a intenção de fazer nenhum tipo de juízo de valor como, por exemplo, dizer se o celular amplia ou reduz a experiência. Conforme foi possível perceber a partir das entrevistas, alguns informantes preferem desligar o celular – mais do que isso, houve quem disse que ficou feliz e, de certa forma, aliviado quando a bateria de seu celular acabou durante o show. Por outro lado, alguns entrevistados até integram o celular em seu *checklist* de itens de primeira necessidade para levar para o show, tomando cuidado durante a preparação ao evento para que o celular esteja com bastante bateria e levando baterias extras ou carregadores portáteis para garantir que consigam utilizar o aparelho durante o evento. Essas pessoas não gostariam de estar no show sem poder fazer algum registro. Portanto, não há uma resposta única. O que este trabalho pôde encontrar é que o celular faz parte da experiência de show contemporânea. Até mesmo quando alguém opta por desligar seu celular, ainda se percebe a participação deste objeto, que faz as pessoas agirem de determinado modo – neste caso, por exemplo, pela ação de desligá-lo. E, inclusive, quem está sem o seu celular continua participando de uma experiência mediada por todos os celulares a sua volta, compondo uma grande rede, que atua sobre a experiência de show compartilhada por todas as partes que a compõe.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a participação de *smartphones* no show *Us + Them* de Roger Waters, em Porto Alegre, a partir da experiência do público se comprovou ser uma escolha bastante prolífera para a emergência de tópicos para análise. Pela diversidade de faixas etárias do público foi possível explorar matizes relacionados a questões geracionais, inclusive para um breve comparativo entre a experiência de show com e sem a participação de celulares, bem como para reflexões sobre a mudança do perfil do público de shows de rock nos últimos anos e quanto ao período em que a cidade passou a receber shows de grande porte. Também, a perspectiva de abordagem para seleção dos entrevistados em três momentos distintos do show contribuiu para a composição de um grupo bastante diversificado de respondentes, desde fãs fervorosos até os não tão conhecedores, tendo alguns destes indicado que se tornaram fãs após a experiência vivenciada neste show.

No período que antecede o evento, a participação do *smartphone* já é bem ativa, em atividades como ver registros feitos pelo público em outros shows e compartilhados nas redes sociais, acompanhar as publicações oficiais do artista nos perfis *online*, ver os próprios registros feitos em shows anteriores do mesmo artista ou, ainda, para práticas como a de ouvir os álbuns da banda com o intuito de se preparar para o show. Muitos entrevistados também destacaram a importância de garantir que teriam bateria no celular para o momento do show, incluindo o dispositivo entre os itens de primeira necessidade no *checklist* de preparação para o evento. Já nessa fase de abordagem pré-show, alguns entrevistados destacavam suas motivações para registrar, indicando que já iam ao show esperando pela ocasião em que pretendiam utilizar o celular para fotografar ou filmar.

No momento do show esta participação atinge seu ápice, sobretudo neste show com suntuosa superprodução visual, audiovisual e sonora, apontada por muitos entrevistados como o motivo pelo qual precisavam registrar, acrescida das peculiaridades do próprio artista e das manifestações políticas ocorridas no show. Também foi possível verificar como as ações de outros membros do público tiveram impacto sobre as experiências individuais. Do mesmo modo, observou-se que os *smartphones* dos demais, como verdadeiros actantes, repercutiram na ação individual de usar o celular ou, ainda, provocaram algum tipo de interrupção na experiência de show – ao bloquear a visão ou gerar desconforto pela luminosidade da tela ou do *flash*, por exemplo.

As motivações para registrar durante o show foram atribuídas principalmente à possibilidade de compartilhar e ao ímpeto de guardar o momento, seja para servir como

auxiliar da memória seja para reviver a experiência posteriormente. Foi ressaltada a importância de registrar a própria perspectiva do show, a fim de facilitar a rememoração futura, ponto que reforça a personalidade dos registros. O desejo pela capacidade de ter fotos e vídeos para rever mais tarde foi externado mesmo que sem a expectativa de revê-los em um determinado momento. Inclusive essa foi a motivação para alguns entrevistados restringirem seu próprio uso, já que perceberam que não voltavam a ver as imagens que faziam em shows.

Após o show, o *smartphone* segue tendo grande participação, ao proporcionar meios para compartilhamento dos registros feitos durante o show e para o ato de rememoração. Ele é utilizado ainda que à parte da circulação dos registros em redes sociais – por exemplo, pela armazenagem exclusiva das imagens no aparelho, que possibilita fácil acesso a qualquer momento. Percebe-se, dessa forma, o importante papel do *smartphone* de contribuir para a temporalidade estendida do evento, que começa e termina muito tempo antes e depois da própria duração do show, principalmente a partir da repercussão dos registros de shows anteriores, no período que antecede, e dos registros do próprio show, no período posterior ao evento.

Cabe ressaltar que, como uma pesquisa qualitativa, sobretudo ao tratar de experiências, os resultados aqui encontrados dizem respeito à experiência singular de cada entrevistado, e não se tem a pretensão de generalizá-los para além de seu pontual escopo. Ao considerar as perspectivas individuais em cruzamento com as teorias, buscou-se explorar as associações estabelecidas entre os membros do público e seus *smartphones*, permeando esses caminhos e vendo o que emergia dali, com o intuito de traçar alguns entendimentos gerais acerca de como a participação deste objeto técnico transforma a experiência do show.

As técnicas de análise adotadas neste trabalho, divididas em três etapas, permitiram que as práticas de uso de celular por membros do público fossem detectadas e compreendidas. A ida a campo para realização de observação participante enriqueceu a análise do fenômeno. Principalmente pelo tema ser relacionado à experiência, foi importante que a própria pesquisadora estivesse no mesmo local que seus interlocutores, apta a experienciar o evento e a participar do fenômeno enquanto refletia e pesquisava sobre ele. A aplicação de entrevistas, especialmente em profundidade, possibilitou o aprofundamento dos tópicos observados em campo e na revisão de literatura e, mais uma vez, a importância da utilização da técnica de observação participante foi reforçada ao facilitar a conexão e o diálogo com os interlocutores.

Importante destacar também a difícil tarefa de filtrar os dados para análise, considerando ter sido este um campo tão rico em contraste ao curto espaço de tempo do mestrado. Em função disso, espera-se prosseguir com futuros desdobramentos deste trabalho a fim de aprofundar os estudos de temas como materialidade e memória, por exemplo. Este último havia sido considerado na fase de projeto desta pesquisa e se optou por seguir a sugestão da banca de qualificação e apontá-lo apenas como horizonte futuro de análise para uma pesquisa de maior fôlego. Na mesma vertente, apesar de ter se reconhecido o potencial de técnicas como as práticas analíticas criativas citadas neste trabalho, com o intuito de aplicação, estas ficarão também como possibilidade para futuros desdobramentos da pesquisa.

De todo modo, há que se falar das contribuições deste trabalho para o campo da Comunicação, seja pelo arranjo teórico que é organizado e que fortalece a discussão, seja pela descoberta das categorias de análise, que podem alimentar e incentivar outros trabalhos sobre o assunto. Também, o desenho metodológico e o roteiro de ações traçados nesta pesquisa, por se provarem exitosos para esse tipo de campo, podem ser reaplicados em outros eventos para estudo de temas afins. Foi possível avançar no que tange às problemáticas de uso de celular em shows, ao se mapear as principais motivações para filmar e fotografar durante o evento, como o compartilhamento dos registros e o ímpeto de guardar o momento para depois e, principalmente, ao identificar a importância para os membros do público de registrar a própria perspectiva do show. Ainda, vale destacar entre os resultados a participação do celular mesmo antes do show e até depois deste acabar, como forma de temporalidade estendida dessa experiência, e a reflexão feita sobre a busca dos membros do público por ter uma *selfie* com o artista – mesmo que de uma imagem dele projetada no telão do show – e como esse registro imagético atua representando o que se denominou aqui como uma espécie de autógrafo moderno.

Quanto às limitações deste estudo, elencam-se o aprofundamento teórico e analítico de questões emergentes do campo que, apesar de serem tangenciais à problemática tratada, enriqueceriam a pesquisa, mas não puderam ser cobertas devido à restrição de tempo. Além disso, tópicos que poderiam ser mais explorados e que, nesse momento, caracterizam-se como apontamentos para futuros estudos, envolvem a própria concepção de materialidade, que pode ser tratada a partir de outros teóricos e do aprofundamento das perspectivas aqui levantadas; a mediação de telas, a sobreposição de mídias e a midiaticização, tendo por objeto de análise o telão em conjunto com as telas dos *smartphones*; o compartilhamento dos registros feitos em shows em mídias sociais e fora

delas; as reflexões sobre experiência fotográfica e memória individual e coletiva atrelada a esses registros; a discussão acerca da imagem, especificamente, por exemplo, dos vídeos produzidos pelos membros do público em termos de linguagem audiovisual, estudando também a materialidade desses vídeos a fim de refletir sobre os possíveis fatores que situam esse registro como uma memória do evento de potência menor; para citar alguns.

Como foi possível observar, ter um *smartphone* à mão durante o show, apto a registrar e compartilhar a experiência, faz o sujeito agir de modo distinto de quando não está com o aparelho, bem como de quando este se encontra impossibilitado para uso por motivos técnicos como falta de sinal, de bateria ou de memória. Essa associação, combinada ao uso em escala massiva, é capaz de transformar a experiência de show de rock, conforme demonstrado ao longo da discussão deste trabalho. A partir das reflexões feitas nesta pesquisa, espera-se contribuir para o debate acerca desses usos também para além do ambiente acadêmico, com o intuito de que cada vez mais se problematize a participação de celulares não apenas em shows, mas em outras situações do cotidiano, em busca de se estabelecer uma consciência crítica na relação com esse dispositivo.

10 REFERÊNCIAS

AHN, J.; JUNG, Y. The common sense of dependence on smartphone: A comparison between digital natives and digital immigrants. In: **New Media & Society**. Vol. 18 (7), p. 1236-1256, SagePub, 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444814554902>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

AIEX, T. Contra smartphones, guitarrista do Red Hot Chilli Peppers trolla fãs em show. **Tenho mais discos que amigos**, 2016. Disponível em: <<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/12/12/guitarrista-red-hot-chili-peppers-smartphone/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

AL-AZZAWI, A. **Experience with Technology**. Dynamics of User Experience with Mobile Media Devices. 1ª edição. 142 p. London: Springer, 2014.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

ATALLI, J. Noise and politics. In: COX, C.; WARNER, D. (Org). **Audio Culture: readings in modern music**. New York/London: Continuum, p. 05 – 07, 2004.

AUSLANDER, P. **Liveness: Performance in a Mediatized Society**. New York, Routledge, 2008. [s.p.]. Disponível em: <<https://doi.org/10.4324/9780203938133>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

BHATTACHARJEE, A; MOGILNER, C. Happiness from Ordinary and Extraordinary Experiences. **Journal of Consumer Research**. Oxford University Press, Vol. 41, No. 1, pp. 1-17, Jun. 2014.

BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUGH, B. Prolegomena to Any Aesthetics of Rock Music. **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, v. 51, n. 1, p. 23-29, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BENNETT, A. **Popular Music and Youth Culture: music, identity and place**. McMillian Press, 1999.

BENNETT, L. Texting and Tweeting at Live Music Concerts: Flow, Fandom and Connecting With Other Audiences Through Mobile Phone Technology. In: **Coughing and Clapping: Investigating Audience Experience**, edited by Karen Burland and Stephanie Pitts, p. 89-100. Farnham: Ashgate, 2014.

BENNETT, L.; TAYLOR, J.; WOODWARD, I. **The Festivalization of Culture**. New York: Routledge, 2016.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Texto originalmente publicado em 1933).

_____. The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction, In: H. Arendt (ed.) **Illuminations**, pp. 217–51. London: Pimlico, 1999. (Texto originalmente publicado em 1936).

BENSON, C. **The Absorbed Self**. Harvester Wheatsheaf, 1993.

BLACK, D. Where bodies end and artefacts begin: tools, machines and interfaces. In: **Body & Society**. Vol. 20 (1), p. 31-60. Sage Pub. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1357034X13506946>>. Acesso em 10 jan. 2018.

BLAKE, M. **Nos bastidores de Pink Floyd**. Tradução: Alexandre Callari. São Paulo: Évora, 2012. 488p.

BLATT, R. Guns N' Roses's Original Bassist Duff McKagan On What It Means To Rock On. **Forbes**, Leadership, 15 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/ruthblatt/2015/05/15/guns-n-rosess-original-bassist-duff-mckagan-on-what-it-means-to-rock-on/#7efd39fa5f33>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

_____. What Rock Concerts Teach Us About Creating Strong Customer Bonds. **Forbes**, Leadership, 23 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/ruthblatt/2014/07/23/what-rock-concerts-teach-us-about-creating-strong-customer-bonds/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **Unirevista**, vol. 1, n. 3, 2006.

BRÊDA, L. Green Day retorna a SP resgatando raridades e com show mais “compacto” do que sete anos atrás. **Rolling Stone**, 2017. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/green-day-retorna-sao-paulo-resgatando-raridades-show-compacto-sete-anos/#imagem0>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRUNER, E. M. Experience and Its Expressions. In: TURNER, V. W.; BRUNER, E. M. **The anthropology of experience**. Chicago, EUA: University of Illinois Press, 1986.

BRYANT, L. R. **The Democracy of Objects**. Michigan: Open Humanities Press, 2011.

BURLAND, K.; PITTS, S. **Coughing and Clapping: Investigating Audience Experience**. 1st ed. Burlington: Ashgate Publishing Group, 2014.

CABOOTER, J.; MAYERS, S. 'Miserable'. Green Day slam fans for using phones during concerts. **Daily Star**, 2016. Disponível em: <<https://www.dailystar.co.uk/showbiz/goss/561618/green-day-slams-fans-use-phone-show-little-mix-bella-hadid-kate-moss-hailey-baldwin>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

CARDOSO FILHO, J. L. C. **Afeto na análise dos grupamentos musicais**. In: ECO-PÓS, v. 7, n. 2., ago-dez 2004, pp. 111-119.

_____. **Práticas de escuta do rock:** experiência estética, mediações e materialidades da comunicação. Salvador: EDUFBA, 2013.

CASTELLS, M., FERNANDEZ-ARDEVOL, M., QIU, J. L., SEY, A. **Comunicação móvel e sociedade.** Uma perspectiva global. Lisboa: Ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

CAVEDON, N. R. Recursos metodológicos e formas alternativas no desenvolvimento e na apresentação de pesquisas em administração. In: **Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração**, 25, 2001, Campinas. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001. 1 CD-ROM.

CAVICCHI, D. **Tramps Like Us: Music & Meaning among Springsteen Fans.** New York: Oxford University Press, 1998.

CHACON, P. **O que é Rock.** Coleção Primeiros Passos, Nº 68. Editora Brasiliense, 1985.

CHAYKO, M. **Superconnected.** The Internet, Digital Media, and Techno-Social Life. Los Angeles: SAGE, 2017.

COLBURN, S. **Amateur Concert Filming for YouTube:** recalibrating the live music experience in an age of amateur reproduction. PhD Media and Cultural Studies. University of Sussex, 2013.

COYNE, R. **Designing Information Technology in the Postmodern Age:** From Method to Metaphor. MIT Press, 1995.

CRARY, J. **Suspensions of perception.** Cambridge, London: MIT Press, 2001.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow.** The psychology of optimal experience. New York: Harper & Row. 1990.

_____. **Gestão qualificada:** a conexão entre felicidade e negócio. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CYPRIANO, C. P.; SANTOS, F. C. A posse de um smartphone e os traços de uma subjetividade conectada. **VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio), 2014. Disponível em: <http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/ENEC2014-GT02-Cypriano_dosSantos-A_posse_de_um_smartphone.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

DALLA CHIESA, C.; FANTINEL, L. Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia: notas sobre como não fazer uma “etnografia acidental”. In: **Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD**, 8, 2014, Gramado. Anais. Rio de Janeiro: Anpad, 2014.

DE BOTTON, A; ARMSTRONG, J. **Arte como terapia.** Tradução de Denise Bottmann. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE handbook of qualitative research**. Sage, 2005.

DEPRAZ, N.; VARELA, F.; VERMERSCH, P. A redução à prova da experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 58, n. 1, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672006000100008>. Acesso em: 10 mar. 2019.

_____. **On becoming aware: A pragmatic of experiencing**. Amsterdam: John Benjamin, 2003.

DEWEY, J. **Art as experience**. New York: Perigee Books, 1934.

_____. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DILTHEY, W. **Selected Writings**. Cambridge University Press, 1976. (Primeira publicação em 1914).

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile lives: self, excess and nature**. Oxford: Routledge, 2010.

FOX, K. Evolution, alienation and gossip: The role of mobile communications in the 21st century. In: **Social Issues Research Centre**, online, 2001. Disponível em: <<http://www.sirc.org/publik/gossip.shtml>>. Acesso em 15 jan. 2018.

FOX, N. We made this together: How Awesome; I Fuckin’ Shot That! foresaw changes in the live concert experience brought about by digital technology and social media. In: ROBERT E. et al. **The Arena Concert: Music, Media and Mass Entertainment**. USA: Bloomsbury Publishing, 2015, 352 p.

FRITH, S. Live Music Matters. In: **Scottish Music Review**. 1. P. 1-17, 2007.

GABRIELSSON, A. **Strong experiences with music: Music is much more than just music**. New York, NY: Oxford University Press, 2011.

GABRIELSSON, A. & LINDSTRÖM, S. Strong experiences related to music: A descriptive system. In: **Musicae Scientiae**, 7 (2), pp. 157–217, 2003.

GARATTONI, B. Super Tech: os 5 produtos mais incríveis de junho. In: **Superinteressante**, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/super-tech-os-5-produtos-mais-incriveis-de-junho/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GARTNER. Gartner says 8.4 billion connected “things” will be in use in 2017, up 31 percent from 2016. Egham: **Newsroom**, 2017. Disponível em: <<https://www.gartner.com/newsroom/id/3598917>>. Acesso em 20 jan. 2018.

GATTI, L. **Experiência da Transitoriedade:** Walter Benjamin e a Modernidade de Baudelaire. KRITERION, Belo Horizonte, nº 119, Jun./2009, p. 159-178.

GLITSOS, L. **Ways of Feeling:** The Transformation of Emotional Experience in Music Listening in the Context of Digitisation. Thesis presented for the degree of Doctor of Philosophy. Faculty of Humanities, Department of Media, Culture and Creative Arts. Curtin University, Set. 2016.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOMES, W. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente.** Psicol. USP, vol. 8, n. 2, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015>. Acesso em: 08 mar. 2019.

GRACYK, T. **Rhythm and noise:** an aesthetics of Rock. Durham: Duke University Press, 1996.

GROSSBERG, L. **We Gotta Get out of this Place:** popular conservatism and postmodern culture. London/New York, Routledge, 1992.

GYE, L. Picture this: the impact of mobile camera phones on personal photographic practices. In: **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, 21 (2), 279-288, jun. 2007.

HAGEN, A. **The playlist experience:** personal playlists in music streaming services. *Popular music and society*, 38 (5), p. 625-645, 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HAMMERSLEY, M. and ATKINSON, P. Ethnography and Participant Observation. In: **Handbook of Qualitative Research.** Ed. N.K. Denzin and Y.S. Lincoln. Pp. 248-260. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

_____. **Ethnography: Principles in Practice.** London: Tavistock, 1983.

HAMPTON, K., et al. Social media and the cost of caring. **Pew Research Center**, 2015. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2015/01/15/social-media-and-stress/>>. Acesso em 15 jan. 2018.

HARMAN, G. **Immaterialism:** objects and social theory. Cambridge: Polity Press, 2016.

_____. **The Quadruple Object.** Zero Books, Winchester, UK, Washington, 2011.

HAYS, D. The Rock and Roll Concert: A Semiotic Analysis. In: HERZFELD, M; LENHART, M. **Semiotics.** New York and London: Plenum Press, 1980.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco, 2003.

HENKEL, L. Point-and-Shoot Memories. The influence of taking photos on memory for a museum tour. In: **Psychological Science**, Sage Journals. Volume: 25 issue: 2, pp. 296-402, 2013. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0956797613504438>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

HOLT, F. The Economy of Live Music in the Digital Age. **European Journal of Cultural Studies**, 13.2, p. 243-61, 2010.

HOPPER, D. **The Rock Concert Experience: The Self-Authentication Process and Wellbeing**. Thesis of Master of Management Studies. New Zealand: University of Waikato, 2014.

HOPPER, D.; COSTLEY, C. L.; FRIEND, L. A. Embodied self-authentication. In: **Australasian Marketing Journal**. 23, p. 319-324, 2015.

HURON, D. **Sweet Anticipation: Music and the psychology of expectation**. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JACKSON, P. W. **John Dewey and the Lessons of Art**. Yale University Press, 1998.

JAMES, W. A World of Pure Experience. First published in **Journal of Philosophy, Psychology, and Scientific Methods**, 1, 533-543, 561-570, 1904. Disponível em: <<https://psychclassics.yorku.ca/James/experience.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

JANOTTI JR, J. Afeto, autenticidade e sociabilidade: uma abordagem do rock como fenômeno cultural. In: GOMES, Itânia M. Mota & JACOB DE SOUZA, Maria Carmen. **Media & Cultura**. Salvador: Edufba, 2003a.

_____. **Aumenta que isso aí é Rock and Roll: mídia, gênero musical e identidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003b.

JOSGRILLBERG, F. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a pesquisa em comunicação. **Revista Fronteiras – Estudos midiáticos**, VIII (3): 223-232, set/dez 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6137/3312>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

JUNIOR, M. A. B. A memória afetiva e os telespectadores: um estudo do Canal Viva. Tese de Doutorado. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS**. 2017. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7407#preview-link0>>. Acesso em 28. Ago. 2018.

KAMEI, H. H. **Flow: o que é isso? Um estudo psicológico sobre experiências ótimas de fluxo na consciência, sob a perspectiva da psicologia positiva**. Dissertação de Mestrado.

São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21102010-124017/en.php>>. Acesso em: 27. jul. 2018.

KÄRKI, K. Evolutions of *The Wall*: 1979-2013. In: ROBERT E. et al. **The Arena Concert: Music, Media and Mass Entertainment**. USA: Bloomsbury Publishing, 2015, 352 p.

KASTRUP, V. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. In: **Revista Trama Interdisciplinar**. v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5000>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

KITLER, F. The God of the Ears. In: **The Truth of the Technological World: Essays on the Genealogy of Presence**. Stanford University Press, 2014.

KJUS, Y. **Live and Recorded**. Music Experience in the Digital Millennium. Palgrave Macmillan, 2018.

KJUS, Y.; DANIELSEN, A. Live Islands in the Seas of Recordings: The Music Experience of Visitors at the Oya Festival. In: **Popular Music and Society**, 37(5): pp. 660-679, 2014. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03007766.2014.929322>>. Acesso em 19 mai. 2018.

_____. The mediated festival: Live music as trigger of streaming and social media engagement. In: **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, 2017. p.1-21.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, pp.20-28, ISSN 1413-2478. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2018.

_____. 29ª BIENAL. “Conversa com Jorge Larrosa”. In: **Bienal Notícias**, 2010. Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/FBSP/pt/Noticias/Paginas/Conversa-com-Jorge-Larrosa.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

_____. Experiência e alteridade em Educação. In: **Reflexão & Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: 34, 1994.

_____. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEE, D. Women’s creation of camera phone culture. In: **Fibreculture Journal**, n.6, 2005.

LEMOS, A. A comunicação das coisas. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. Etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia. In: PESSOA, Fernando (org.). **Cyber Arte Cultura**. A trama das Redes. Rio de Janeiro, 2013.

_____. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. Cibersocialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. In: **Práticas Discursivas na Cultura Contemporânea** (RUBIM, A. ; BENTZ, I.; PINTO, M. orgs.). São Leopoldo: Unisinos, 1999, pp.9-22.

LIMA, J, G.; BAPTISTA, L. A. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. **Princípios: Revista de filosofia**, Natal, v. 33, n. 20, p.449-484, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.principios.cchla.ufrn.br/33.html>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

LINGEL, J.; NAAMAN, M. You should have been there, man: live music, DIY content and online communities. **New Media & Society**, 14 (2), p. 232-249. 2011.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 4ª edição, 2010.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARSHALL, L. **Bootlegging: Romanticism and copyright in the music industry**. London: Sage, 2005.

MASLOW, A. **Motivation and personality**. New York: Harper, 1954.

MATEUS, S. A Experiência e a Vivência – Proposta de uma teoria modular da comunicação. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.17, n.2, mai./ago. 2014.

MATOS, M. A History of Music Bootlegs, Told Through 25 of the Most Significant Recordings. **Vulture**. 17 Nov. 2016. Disponível em: http://www.vulture.com/2016/11/25-historically-significant-bootleg-recordings.html?mid=twitter_vulture. Acesso em: 12 set. 2018.

MCCARTHY, J.; WRIGHT, P. **Technology as Experience**. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.

MCKAY G., **The Pop Festival: History, Music, Media, Culture**. London and Oxford: Bloomsbury, 2015.

MCKINNA, D. The Touring Musician: Repetition and Authenticity in Performance. In: **IASPM Journal**, Vol. 4. No. 1. 2014.

MILLER, J. The Fourth Screen: Mediatization and the smartphone. In: **Mobile Media & Communication**. Vol. 2(2), p. 209-226. SagePub, 2014. Disponível em:

<<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2050157914521412>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MINAYO, M. C. (Org); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEIRO, C. Estariam os smartphones diluindo a experiência dos shows ao vivo? **Ambrosia**. Disponível em: <<https://ambrosia.com.br/musica/estariam-smartphones-diluindo-experiencia-dos-shows-vivo/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MONTESANTI, B. O que são bootlegs e qual sua importância para a música. **Nexo Jornal**. 21 nov. 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/21/O-que-s%C3%A3o-bootlegs-e-qual-sua-import%C3%A2ncia-para-a-m%C3%BAica>. Acesso em: 12 set. 2018.

NELSON, R. L.; ABENDROTH, K.; LYNCH, K. Ethnography. In: **Handbook of Qualitative Research in Communication Disorders** Routledge, Routledge Handbooks Online, 2013. Disponível em: <<https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9780203798874.ch3>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

PETERS, C.; ALLAN, S. Everyday imagery: Users' reflections on smartphone cameras and communication. In: **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**. pp. 1-17. 2016.

PINE, B. J.; GILMORE, J. H. **Welcome to the Experience Economy**, Harvard Business School Review. 1998.

RADBOURNE, J.; JOHANSON, K.; GLOW, H. The Value of 'Being There': How the Live Experience Measures Quality for the Audience. In: **Coughing and Clapping: Investigating Audience Experience**, edited by Karen Burland and Stephanie Pitts, p. 54-67. Farnham: Ashgate, 2014.

REDAÇÃO. The Who condena uso excessivo de celulares durante shows. **Rolling Stone**, 2014. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/who-condena-uso-excessivo-de-celulares-durante-shows/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

RICHARDSON, L., Postmodern social theory: representational practices. **Soc. Theory** 9 (2), p. 173–179, 1991.

_____. Writing: a method of inquiry. In: Denzin, N., Lincoln, Y.S. (Eds.), **Handbook of Qualitative Research**, second ed. London: Sage Publications, 2000, pp. 923–948.

ROBERT E. et al. **The Arena Concert: Music, Media and Mass Entertainment**. USA: Bloomsbury Publishing, 2015, 352 p.

ROSA, M.; ARNOLDI, M. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROSSIGNOL, D. A new invention will finally prevent cellphones from ruining concerts. **Mic.com**, 2014. Disponível em: <<https://mic.com/articles/100048/this-technology-actually-keeps-people-from-ruining-concertswithcellphones#.Qis7QUnCn>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SÁNCHEZ, R. Técnica, método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. In: JACKS, N.; PIEDRAS, E.; SÁNCHEZ, R. (Orgs.) **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

SANTOS, L. Ensaio sobre a leitura digital como relação humano-máquina: uma proposta de abordagem a partir das materialidades da comunicação. In: **Anais do Intercom – XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2016. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0863-1.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2018.

SCHÄFER, T. et al. **How music changes our lives:** A qualitative study of the long-term effects of intense musical experiences. Society for Education, Music and Psychology Research. Sagepub. Vol. 42(4), pp. 525-544, 2013.

SIBILIA, P. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão? In: **Revista Ciência & Cultura**, Campinas, vol. 62, no. 2, Abril 2010, pp. 52-55.

SIEGEL, R.; CORNISH, A. Overexposed? Camera phones could be washing out our memories. In: **Special Series: Photography and Memory**. National Public Radio. 22 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.npr.org/2014/05/22/314592247/overexposed-camera-phones-could-be-washing-out-our-memories>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

_____. Take photos to remember your experiences? Think again. In: **Special Series: Photography and Memory**. National Public Radio. 21 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.npr.org/templates/transcript/transcript.php?storyId=314607031>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

SILVA, A. R. L.; FANTINEL, L. Dilemas e implicações do uso da observação enquanto técnica em detrimento da etnografia. In: **XXXVIII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD**. Anais. Rio de Janeiro: Anpad, 2014.

SILVEIRA, F. L. Show de rock como dispositivo de confronto. In: **XXIII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal do Pará, 27 a 30 de maio de 2014. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 15 p., 2014.

SJÖBERG, P. A Mirror with a Memory: On the Relation between Camera-Produced Images and Memory. In: **Memory Work**, ed. Andreas Kitzmann, Conny Mithander, John Sundholm, 1st ed. Frankfurt am Main: P. Lang, 2005.

SKIDDLE STAFF. 27% of young people want mobile phones banned at gigs. **Skiddle**, 2017. Disponível em: <<https://www.skiddle.com/news/all/27-of-young-people-want-mobile-phones-banned-at-gigs/32635/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SPRADLEY, J. P. **Participant observation**. New York, NY: Holt, Rhinehart & Winston, 1980.

STAKE, R. E. **Qualitative Research: Studying how things work**. Guilford Press, 2010. 244p.

STRAUSS, N. A Concert Communion With Cell Phones: Press 1 to Share Song, 2 for Encore, 3 for Diversion, 4 to Schmooze. In: **The New York Times**. 09 dez. 1998. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1998/12/09/arts/concert-communion-with-cell-phones-press-1-sharesong-2-for-encore-3-for.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

STUMPF, I. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. 1a edição. Companhia das Letras, 2004.

TAMIRA, D.; TEMPLETON, E.; WARD, A.; ZAKI, J. Media usage diminishes memory for experiences. In: **Journal of Experimental Social Psychology**, 76, 161-168, 22 fev. 2018.

THEÓFILO, C. R.; MARTINS, G. A. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

TURKLE, S. **Evocative Objects: Things we think with**. Cambridge: The MIT Press, 2007.

TURNER, V. W.; BRUNER, E. M. **The anthropology of experience**. Chicago, EUA: University of Illinois Press, 1986.

TURNER, V. Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience. In: TURNER, V. W.; BRUNER, E. M. **The anthropology of experience**. Chicago, EUA: University of Illinois Press, 1986.

TSCHMUCK, P.; PEARCE, P.; CAMPBELL, S. **Music Business and the Experience Economy: The Australasian Case**. Heidelberg: Springer, 2013.

VALVERDE, M. Comunicação e experiência estética. In: **Anais do XVII Encontro da Compós – Grupo de Trabalho Estéticas da Comunicação**, realizado na Unip, São Paulo, em junho de 2008.

VAN DIJCK, J. **Mediated Memories in the Digital Age**. Stanford: Stanford University Press, 2007. 256 p.

_____. Mediated memories: personal cultural memory as object of cultural analysis. In: **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, 18:2, 261-277, 2004.

VIDICH, A. Participant Observation and the Collection and Interpretation of Data. In: **American Journal of Sociology**, Vol. 60, No. 4, The University of Chicago Press, pp. 354-360, 1955.

WATERS, R. Cell phone use at The Wall shows. In: **Discussions, rogerwaters.com**. Disponível em: <<https://rogerwaters.com/forum/index.php?p=/discussion/516/cell-phone-use-at-the-wall-shows/p1>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

WARD, A. et al. Brain Drain: The mere presence of one's own smartphone reduces available cognitive capacity. In: **Journal of the Association for Consumer Research**. Volume 2, n. 2. Abr. 2017. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/691462>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

WIKSTROM, P. **The Music Industry: Music in the Cloud**. Cambridge, UK: Polity, 2009.

WILLIAMS, R. **The long revolution**. Harmondsworth: Penguin Books, 1961.

YOUNG, G; SHANAHAN, J. **Undergraduate Research in Music: A Guide for Students**. New York: Routledge, 2017.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

- 1) O que faz você ir a um show? Com que frequência costuma ir?
- 2) Como descreve sua experiência do show do Roger Waters (ocorrido no dia 30 de outubro em Porto Alegre)? Consegue lembrar bem dessa experiência? Como? Utiliza alguma coisa para ajudar a recordar esse momento? Se sim, o que e por quê?
- 3) Existe algo que atrapalhou sua experiência de show? Se sim, o que e por quê?
- 4) Para você, o que torna uma experiência de show especial/memorável? Como ela se relaciona com as outras experiências de seu cotidiano?
- 5) Durante o show, você utilizou o celular? Por quê?
- 6) Você fotografou ou filmou algo durante o show? Se sim, o que e por quê? Se não, por quê?
- 7) Durante o show, como se sente quando há pessoas a sua volta utilizando o celular para fotografar ou filmar? Que reação essa prática costuma despertar em você?
- 8) O que lhe motivou a filmar e/ou fotografar o show?
- 9) Compartilhou seus registros do show em redes sociais? Se sim, em quais? E por quê?
- 10) Quando vê o vídeo ou foto que você fez durante o show depois do evento, consegue lembrar bem do momento? Consegue sentir a mesma sensação/experiência de novo? Qual é a importância desse material para você?
- 11) Durante o show, como se sente quando há pessoas a sua volta utilizando o celular para fotografar ou filmar? Que reação essa prática costuma despertar em você?

- 12) Qual é o modelo do seu celular? Qual é a sua relação com ele?
- 13) Faltou bateria durante o show? E internet? O fato do sinal de 4G ser mais fraco no estádio gerou alguma reação? Qual? E por quê?
- 14) Como você filma e fotografa durante o show?
- 15) Enviou os registros para alguém e/ou publicou em redes sociais enquanto estava no show?

APÊNDICE II – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Apresentadas por ordem cronológica da data de realização das entrevistas:

Entrevistada 1 | Identificação: M6* | Idade: 25 anos | Data da entrevista: 19/12/2018 | Local da entrevista: Bella Gula (Rua Ramiro Barcelos, Porto Alegre).

Pesquisadora: Lembras como foi a tua preparação para o show?

M6*: Sim, a preparação na verdade começou um dia antes porque a gente queria chegar o mais cedo possível pra pegar um lugar bom na fila e poder ficar mais perto do palco, no local mais centralizado possível. A gente separou as coisas um dia antes, organizou o traslado, separou comida e tal, eu e meu namorado saímos de casa às dez da manhã, quando a gente chegou lá o meu sogro já estava lá, ele estava muito ansioso, não tinha conseguido dormir no dia anterior e resolveu ir direto pra fila e guardar lugar. Graças a Deus ele já tava lá porque senão a gente ia ter ficado uns 3, 4 lugares pra trás. Ele foi às 8h da manhã e já tinha gente lá. Aí ele pegou lugar pra gente. A gente ficou no finalzinho da primeira volta, aquelas voltas que as grades fazem.

Pesquisadora: Foi o primeiro show que tu foste relacionado ao Pink Floyd?

M6*: Sim, eu fui em poucos shows na minha vida, na verdade, mas ir assim com esse entusiasmo, com vontade de pegar grade, pilhada, foi o primeiro.

Pesquisadora: E o que te motivou a ter essa expectativa para esse show?

M6*: Ah, era um show muito grande, tava sendo muito noticiado. De início eu não ia, aí quando comecei a ver as notícias eu pensei: “pô, deve ser um show legal, uma coisa meio que histórica que tá acontecendo”. Conhecia pouco da obra do Pink Floyd, mas eu pensei: “se eu não for eu vou me arrepender” e, de fato, se eu não tivesse ido eu ia ter me arrependido muito.

Pesquisadora: Chegou a ver vídeos de outros shows dessa turnê?

M6*: Não, eu não faço isso porque eu prefiro a surpresa.

Pesquisadora: Porque teve muita coisa, até sem querer tu não acabaste recebendo notícias?

M6*: Ah, algumas coisas eu via, tipo, aquela parte das crianças eu já sabia mais ou menos como era, mas o resto foi completamente surpresa, nem a playlist eu sabia na hora, não sabia nada.

Pesquisadora: Foi em qual setor? E porque escolheram esse?

M6*: Na pista Premium. Na verdade, inicialmente iam só meu sogro e meu namorado juntos, uma coisa só deles, eles têm uma ligação com música muito forte. Um dia a gente

saiu pra jantar e a gente estava comentando do show, a minha ideia não era ir de pista premium, eu não conhecia ninguém que ia na arquibancada ou na outra pista, e eu não tava conseguindo achar ingresso, e eu comentei que eu tava procurando e não tava achando ingresso e que ia tentar comprar com cambista. Aí eu saí da mesa, fui no banheiro, e quando eu voltei o meu sogro disse: vou te dar de presente. Tava bem perto do meu aniversário e ele disse: vou te dar de presente de aniversário. Aí tá, a gente procurou por ingresso nos grupos do Facebook, porque tinha muita gente que tava desistindo de ir, né, tava revendendo seus ingressos e aí a gente conseguiu. Foi caro, mas ainda assim, revendendo da pessoa foi um pouquinho mais barato e ainda conseguimos comprar meia, demos sorte.

Pesquisadora: Outra coisa que envolve a preparação pra show é pensar se vai chover ou não, vocês tiveram um cuidado em relação a isso?

M6*: Sim, a gente se preparou porque a previsão era de chuva. Meu celular geralmente não erra a previsão do tempo e tinha ali: previsão de chuva pra toda a semana. Eles me encarregaram de comprar as capas de chuva, e uns dias antes assim tava aberto o tempo e eu pensei: “ah, não vou comprar”. E eles me dizendo: “compra capa de chuva”, aí tá, comprei. Chegou o dia, tava um solão, calor, nenhuma nuvem, aí olhei a previsão e tava ali: de noite vai chover. Aí chegamos e eu falei: “de noite vai chover, vamos precisar das capas”. E eles: “não, não vai chover, tá lindo o dia”. Aí quando a gente chegou e começaram a tirar o toldo de cima dos instrumentos eu fiquei arrasada, tipo: “vai chover, eu sei que vai chover”. Tinha aqueles negócios no palco com luzes em cima e ali tinha uns toldos de plástico transparente. Eu até filmei o cara tirando o toldo. E, enfim, eles tiraram todo o toldo e eu fiquei apavorada, porque ia chover, eu sabia que ia chover, e dito e feito. No meio do show, depois do intervalo, começou a chover e eles colocaram aquelas gambiarras dos toldinhos, mas enfim, a gente se preparou, mas a gente não usou as capas, tomamos banho de chuva porque caminhamos até o hospital Mãe de Deus pra voltar pra casa.

Pesquisadora: Choveu mais depois do show, né?

M6*: Sim, foi o pior banho de chuva da minha vida, porque cheguei em casa e parecia que eu tinha pulado na piscina e entrado em casa. Meu tênis fazia barulho quando andava, tava ensopadíssima.

Pesquisadora: Bom, vamos tentar voltar um pouco para o show, tu falou que esse foi o teu primeiro grande show, mas tu costumava ir com frequência a outros shows?

M6*: Eu tô indo em shows mais agora, porque antes só os que me interessavam eram poucos, eu não tinha essa disposição de “ah, comprar ingresso, pegar fila, ir sozinha”, não tinha companhia. Mas mesmo não sendo muito fã assim, por exemplo, depois que eu vi as pessoas postando coisas do show da Shakira eu pensei, “bah, podia ter ido”, foi um show legal, conheço muitas músicas, impossível não conhecer o trabalho da Shakira, poderia ter ido e teria sido legal, mas enfim, não fui. O que me faz ir a shows agora é que eu tô conhecendo muito mais sobre música – a gente namora há pouco tempo e tô conhecendo mais pelo meu namorado. E é uma coisa interessante, ir e acompanhar, mas antes eu não fazia questão, não era uma coisa que me atraía muito, mas tô mudando meu conceito.

Pesquisadora: O que tá te fazendo mudar de conceito?

M6*: Eu tô aprendendo muito mais sobre música com ele, ele toca guitarra e ele fala sobre música o tempo inteiro. Meio que começou pela parceria, eu fui a uns shows com ele só pra fazer companhia, eu não conhecia a pessoa, mas teve outros shows que a gente foi juntos, por exemplo, no show do Paul McCartney a gente foi juntos porque a gente quis, a gente se preparou antes e tal. Mas antes eu achava um troço meio chato, muita gente, muita barulheira, prefiro ficar em casa escutando música. Mas é outra coisa, é outro nível tu ver a pessoa lá tocando ao vivo, fazendo a música dela.

Pesquisadora: Tem um gênero musical que tu gostas mais?

M6*: Depende, eu não me importo de ouvir nada, mas eu acho que músicas tem momentos. Eu gosto muito de ouvir rock, mas se eu for pra uma festa ouvir rock eu vou achar um saco. Vou pra uma festa vou querer ouvir música pra dançar. Eu escuto bastante pop e rock, rock clássico dos anos 60, 70. Anos 90 eu já não gosto muito.

Pesquisadora: Que bom que teve o Roger Waters então pra resgatar (risos).

M6*: Sim (risos).

Pesquisadora: Tu lembra do momento em que abriram os portões, quando vocês entraram no estádio, como foi essa sensação, tem clara essa lembrança?

M6*: Sim, na hora eles dividiram a fila entre homens e mulheres, e eu acabei indo muito mais pra frente do que as pessoas que estavam comigo. Aí eu entrei primeiro. Eles só me disseram: “entra e vai”. Aí eu passei o scanner ali em que eles pegam o ingresso e fui me dirigindo assim pra onde vai pra pista, e olhando pra trás pra ver se eles estavam vindo. Mas aí eu pensei: “ah vou indo”, e quando vi que tinha pouca gente eu pensei: “ainda bem que me deu esse estalo”, aí fui e me segurei na grade pra guardar lugar. Tinha mais gente fazendo a mesma coisa, aí eu fui e guardei lugar e fiquei esperando eles chegarem.

Pesquisadora: Em que ponto da grade tu ficou?

M6*: A gente não ficou bem no meio, mas a gente ficou assim mais pra esquerda, bem na frente do outro guitarrista que tinha.

Pesquisadora: Vocês entraram pelas cinco da tarde, e o show de abertura era às sete, o que aconteceu nesse meio tempo, o que vocês ficaram fazendo?

M6*: Primeiro a gente sentou no chão, meu namorado sempre compra camisetas oficiais porque é o que ele leva de *souvenires* do show, aí a gente ficou esperando ele lá e ele foi sozinho pra comprar, depois eu fui dar uma olhada na lojinha também, aí a gente só ficou fazendo hora, sentamos no chão, conversamos, tinha um pessoal fumando. A gente ficava conversando com o pessoal em volta e eles ofereceram beck e na hora eu não quis porque ia demorar muito mais pra passar o tempo do que ajudar.

Pesquisadora: Eu achei que não deixavam.

M6*: Ah, tem uma hora que eles nem ligam mais, nem revistam direito quem tá entrando. Ai tá, ficamos conversando pra matar o tempo, aí quando começou o show de abertura, não, foi antes de começar o show de abertura eu fui comprar cerveja e batata frita porque a gente não ia aguentar sem comer nada até o fim da tarde.

Pesquisadora: E foi ali antes do show de abertura que tiraram os toldos?

M6*: Sim.

Pesquisadora: E nesse período ali tu chegou a usar o celular, além de filmar eles tirando o toldo?

M6*: Nesse dia a minha mãe tava fazendo uma cirurgia, então eu tinha que ficar em contato com as minhas irmãs, então eu tava querendo poupar bateria pra fazer alguns registros durante o show, mas fiz algumas filmagens, algumas fotos antes de começar.

Pesquisadora: E tu imaginava que a estrutura era tão grande?

M6*: Não, eu sabia que era grande, mas o choque de ver é maior. Depois que o show começa e a gente vê os efeitos parece que dá uma encolhida porque a gente se acostuma com o tamanho, mas ainda assim era muito grande.

Pesquisadora: É, o primeiro impacto deve ser bem surreal. E o show de abertura, como foi?

M6*: Foi uma surpresa porque a gente não tava dando muito mas eram músicos mesmo que estavam lá tocando, com muita bagagem nas costas, muita teoria, muita prática, eles tocavam muito. Eles tocaram Asa Branca e o cara fez um solo de flauta e eu nunca tinha visto um solo de flauta. E foi incrível. Eles finalizaram tocando o Hino Riograndense e eu não canto, eu canto muito mal, eu não canto parabéns em aniversários, eu não canto hino em solenidades e eu tava lá, colada na grade cantando a plenos pulmões porque tava muito bonito.

Pesquisadora: E tu chegou a fazer algum registro no show de abertura?

M6*: Sim, eu gravei uma parte daquele senhor que tocava flauta e um pedaço do hino também.

Pesquisadora: Colocou em alguma rede social ou guardou pra ti?

M6*: Eu botei depois que fez um mês, porque eu fiquei o mês inteiro lembrando o show, não superei, aí depois eu fiz uma retrospectiva no Instagram e postei. Mas no dia eu não tinha postado.

Pesquisadora: Aí terminou esse show, e teve um intervalo de meia hora, acho, como foi esse período?

M6*: Foi uma meia hora que não passava nunca. O show começava na hora mas teve aqueles 20 minutos antes que passava aquele vídeo no telão. Aí quando vi o vídeo pensei: “ah, vai começar mais cedo”, aí deu 10 min, 15 min e não começava, eu pensei: “eles vão

nos torturar por 20 minutos até começar”, e foi o que aconteceu, eu contava cada minutinho no relógio, louca pra que começasse.

Pesquisadora: Lembra se nesse vídeo de abertura tinha alguma coisa referente a Porto Alegre antes?

M6*: Não, era só o vídeo da moça sentada na praia e a música tocando. Eu soube depois por acompanhar a turnê no Facebook e no Instagram que alguns dos vídeos que eles colocam durante as músicas são das cidades, mas eu não cheguei a pesquisar sobre Porto Alegre se teve alguma coisa. Até porque aqui é muito pequeno, ninguém acaba se dando conta ou dando bola pra fazer esse registro, esse apanhado.

Pesquisadora: É, eu vi que em algumas cidades até tinha esse registro antes desse vídeo da menina, dele passando pela cidade e tal. Aí começou o show, que momento tu achas que foi mais marcante no show?

M6*: Na hora que teve aquele dueto das duas moças cantando *The Great Gig In The Sky*, eu não tava esperando que fosse começar naquela hora, eu tava tirando fotos, porque o telão tava estrelado atrás delas, a luz tava bonita, eu tava achando realmente muito bonito. Quando elas começaram a cantar eu só guardei o celular assim, eu tava olhando de boca aberta, elas cantavam muito, tava muito bonito, e foi um teto maravilhoso. Aquela realmente foi a cena mais bonita que eu já vi na minha vida, foi um momento incrível, quando terminou a música meu namorado fez assim “sai do transe”, foi incrível, foi muito bonito.

Pesquisadora: E tu comentaste que tu estavas tirando foto nesse momento, tu lembra quando tu usaste o celular e o que te motivavas a usar?

M6*: Eu sei que eu não queria ir pra casa sem nenhum registro, né, eu filmei a parte das crianças, não sei se filmei inteira, mas eu filmei uma boa parte, e tirei algumas fotos assim quando o telão tava bonito, quando ele tava muito perto, porque ele tava realmente muito perto. Mas dessa vez eu não tirei muitas fotos, até me arrependo um pouco de não ter tirado muitas fotos boas, sei lá, os registros são pra mim, e se são pra mim eu tenho as minhas lembranças que são mais vivas do que as fotos. As fotos são pra postar mesmo.

Pesquisadora: Qual é o peso pra ti desses registros?

M6*: Quando eu posto eu não gosto de postar só pra postar. Se o vídeo ficar com o som estourado ou com a imagem tremida eu não vou postar, até porque não vai ser uma lembrança muito clara do momento, então eu tento meio que equilibrar as coisas. O que vai ficar bom de ver depois e se vai ficar bonito.

Pesquisadora: E tem uma proporção assim, o quanto tu costumas postar?

M6*: Tem, às vezes não fica do jeito que tu quer, porque eu não vou ficar me preocupando na hora com a luz e ângulo, eu não vou ficar 5 minutos com o celular em pé perdendo a experiência do show só pra ter uma boa foto. Eu não sou fotógrafa, então pra mim isso não faz muito sentido.

Pesquisadora: E tu achas que interfere usar o celular durante o show?

M6*: Sim, muito. Porque, por exemplo, no final do show ele desce pra cumprimentar as pessoas. Eu encontrei com ele na mesma distância que eu tô aqui contigo, eu toquei na mão dele, só que eu pensei: “vou filmar este momento”, e eu mais vi ele pela câmera do celular do que na minha frente. Quando ele parou aqui eu desliguei e vi, mas eu vi ele vindo e tudo mais só pelo celular. Eu apareci no Instagram depois e tudo mais, que tem a moça filmando atrás, apareceu no Instagram dele, a gente aparece ali na grade, mas a filmagem que eu tenho desse momento é mais ou menos a lembrança que eu tenho, igual a da tela do celular, porque eu vi pela tela do celular pra ver se tava enquadrado, se tava aparecendo que ele tava cara a cara contigo.

Pesquisadora: Tu filmaste enquanto ele estava vindo?

M6*: Sim, aí quando ele tava na minha frente exatamente ele parou pra dar um pulo pra olhar as pessoas lá de trás, eu desliguei, porque aí eu pensei já passou e eu vou olhar né, o cara tá ali.

Pesquisadora: E ali quando ele encostou na tua mão tu estavas sem o celular?

M6*: Não, eu tava com, aí eu não sei se era a mão dele, porque a galera empurra porque todo mundo quer tocar nele, mas alguém tocou na minha mão, acho que foi ele.

Pesquisadora: E como foi essa hora pra ti?

M6*: Quando eu vi assim eu achei que ele tava saindo do palco, aí eu vi que tava uma muvuca assim, luz, e tinha muito segurança, aí achei que tinha acontecido alguma coisa. Aí meu namorado falou: “ele tá vindo, ele tá vindo”, aí eu pensei: “vou filmar”.

Pesquisadora: Tu pensaste: “vou filmar” porque ele estava ali. Tu tiveste os dois momentos então, de ver pelo teu celular e ver sem a tela. Tu consegues ver uma distinção nisso ou pra ti não fez tanta diferença?

M6*: Como eu tenho essa teoria, como é muita coisa, muita intensa, muito bonita acontecendo ao mesmo tempo num espaço muito curto de tempo, de sei lá, duas horas e meia, é muito difícil tu gravar todas as memórias, algumas coisas ficam meio turvas assim, então tem alguns momentos do show que eu não me lembro. Esse momento é um dos que eu não me lembro com muita clareza, mas eu sei que aconteceu porque tá lá filmado.

Pesquisadora: Tu reviste depois?

M6*: Sim, mostrei pra um monte de gente, queria me exhibir um pouquinho né (risos).

Pesquisadora: E quando tu revês esse vídeo tu consegues sentir a sensação do momento?

M6*: Sim, aquela coisa da definição de saudade, ah, que é uma coisa legal que aconteceu mas que ao mesmo tempo não volta. Não vai acontecer de novo, e foi uma coisa muito legal, muito intensa, incrível.

Pesquisadora: E tem a sensação de saudade e tem a sensação que tu sentiste lá no show naquele momento. Isso tu achas que de alguma forma se recupera quando tu lembra ou quanto tu vê os registros?

M6*: Não, eu acho que não, porque quando eu vejo o vídeo fica aquela sensação de “ah, não vai voltar”, se eu tivesse a sensação que eu tô tendo hoje eu teria aproveitado muito mais o show, teria sido muito mais tocante, mas é uma coisa que eu só tô me sentindo assim hoje porque eu vivi aquele show, não teria como eu querer aproveitar daquela maneira sem ter vivido aquilo.

Pesquisadora: Talvez se tivesse um outro agora pra ir seria diferente.

M6*: Sim, completamente.

Pesquisadora: Pra ti, o que torna uma experiência de show memorável?

M6*: Eu acho que esse certamente foi o melhor show que eu já fui até agora, porque não foi só música, teve um monte de coisa junta, é diferente quando tu tem um telão com aquelas imagens, quando as pessoas que cantam realmente cantam bem, quando as pessoas que tocam, tocam muito bem, quando é toda uma experiência, quando não é só música. Eu acho que a minha cantora favorita é a Alicia Keys, eu fui no show dela, e ela canta muito, ela toca piano maravilhosamente bem, mas o show dela é só isso, não tem uma participação maior do público, não tem telão, não tem... é a música dela puramente. E foi legal porque foi um show que eu queria muito ir, mas não foi memorável porque não teve toda a coisa da experiência.

Pesquisadora: O que pra ti define essa experiência?

M6*: Eu não sei muito bem explicar, mas eu entendo que tu colocar o público para participar de alguma maneira ou por exemplo, no show do Roger Waters que ele faz toda aquela coisa do protesto, do ativismo, isso é uma coisa que te deixa mais próximo do artista se rola uma identificação com isso, acho que essa coisa de tu estar imerso no show e não estar ali só escutando a música.

Pesquisadora: E o que te colocas nessa imersão?

M6*: Acho que conhecer as músicas, saber as letras é um ponto muito importante, eu diria que básico. Não sei, acho que toda a questão do ao vivo, tem muito isso em shows de rock, tem muito do improvisado dos solos, eu não gosto muito disso, apesar de ser uma coisa que só pode acontecer ao vivo, mas tu ver a pessoa tocando ali com perfeição um solo muito bom e ele tá acontecendo ali e tu não tá ouvindo uma gravação, tu tá ouvindo o som que tá saindo diretamente do instrumento, porque tu tem um profissional muito muito qualificado fazendo aquilo, executando impecavelmente, é uma coisa que te bota imerso ali na situação. Porque é como se tu tivesse ouvindo a gravação mas não é, é ao vivo.

Pesquisadora: E tu comentaste das telas também, do telão, em comparação com aquele outro show dela, tinha telão também?

M6*: O telão dela era só filmagem assim dela, da banda, era transmissão do que estava acontecendo no show.

Pesquisadora: É, e no dele é bem diferente.

M6*: Tem a transmissão, mas também tem as outras imagens. Por exemplo, quando tava tocando Dogs tinha várias imagens de cachorro. Faz uma diferença tu tá só ouvindo a música e tu ter toda uma coisa assim.

Pesquisadora: Bom, vocês estavam muito perto, então podiam passar os olhos para o telão e para o palco a todo instante. Tu lembras desse movimento? Porque é muita coisa ao mesmo tempo.

M6*: Sim, é uma das minhas críticas da pista Premium, apesar de ser um lugar muito bom de tu ver o artista e tal, tu perde um pouco da experiência toda. Teve uma amiga minha que também foi de pista Premium mas ela disse “ah, muito muvuca na frente, vou ficar bem atrás”. Ela ficou encostada na grade que separava as pistas, sentada no chão, e ela mandou as fotos, a gente trocou figurinhas, e nas fotos dela dava pra ver melhor, ela disse que dava pra ver melhor então tu consegue ter melhor uma visão do todo. Pra tu ir lá tietar o artista, querer enxergar de perto o artista, tocar nele, é maravilhoso, mas um pouco da experiência acaba se perdendo.

Pesquisadora: Essa experiência está mais atrelada a toda a estrutura então do que só à banda.

M6*: É, porque ele não tem uma tela com, sei lá, 70 metros, e luzes e lasers à toa, tudo faz parte do espetáculo. Alguns setores tem a vantagem de tu ver o artista muito perto mas tem a desvantagem de ter algumas coisas que tu não vai ver. O prisma a gente não viu, o nosso ângulo do prisma era lamentável.

Pesquisadora: Vocês estavam dentro do prisma.

M6*: Sim, olha pra cima tu só via as luzes, não via um triângulo.

Pesquisadora: Quando tu tá dentro tu sentes uma coisa, é igual aos fogos, vocês estavam muito perto. São bem duas perspectivas diferentes da sensação do show. Vocês chegaram a procurar vídeos e fotos depois do show pra ver como era?

M6*: Eu tô procurando até hoje, na verdade (risos). Eu fiquei acompanhando o resto da turnê, que acabou semana passada, e eu fiquei procurando, tava olhando o tempo inteiro, eu comecei a seguir toda a banda no Instagram pra saber o que eles estavam postando de foto e de vídeo pra saber onde eles andavam. Na parte, por exemplo, de um dos solos de guitarra, o que aparece no telão é a guitarra, porque a guitarra do cara é toda de madeira e entalhada de flores, é uma guitarra muito bonita, aí os efeitos do telão se mesclam na filmagem, aí a filmagem fica como se tivesse um filtro, não parece uma transmissão do que tá acontecendo ali, parece que é uma figura, mas é o que tá acontecendo no palco.

Pesquisadora: Ouvi pessoas falando que por estarem mais longe e só verem o telão, muitas vezes elas não conseguiam ver o Roger, porque estavam longe para ver o palco e

no telão ele não aparecia muito. Então da posição que tu estavas conseguia ver sempre ele, né?

M6*: Sim, tomando água, ele secando o rosto, deu pra ver tudo. É que ele cantou pouco no show, mas ele toca, como as músicas tem mais guitarra do que baixo ele meio que se torna um coadjuvante ali do próprio show, mas é, ele realmente aparece pouco. Mas aparecem as imagens, porque esse show tem muito do ativismo, do protesto, então as imagens que aparecem ali são muito significativas, mais do que a transmissão do que tá acontecendo... Então tem isso também, de se perder, nesse show eu acho, por causa de toda a simbologia da coisa.

Pesquisadora: Nesse ponto a localização em que tu estavas era perfeita, porque tu conseguias ver ele o tempo inteiro, então tem realmente os dois lados como tu bem comentou.

M6*: Sim.

Pesquisadora: E tem alguma coisa que atrapalhou a tua experiência de show?

M6*: Ah, eu gostaria de ter ficado mais centralizada ali na frente, teria sido ótimo, mas acho que justamente a proximidade atrapalhou um pouco, porque a gente não tem a dimensão de tudo que tá acontecendo, porque a parte do prisma por exemplo eu não vi direito, não tenho a experiência disso. Uma coisa que realmente me incomodou foi eles terem tirado os toldos e terem armado aquelas coisas ali depois, mas eu acho que com os toldos eu teria enxergado muito mal o telão atrás, porque apesar de ser transparente era um plástico fosco, foi bom e foi ruim.

Pesquisadora: E vocês ficaram o tempo inteiro na grade mesmo. Uma coisa que geralmente as pessoas comentam que atrapalha é ficarem filmando o tempo inteiro, mas no caso de vocês então vocês estavam na frente de quem estava filmando.

M6*: É, eu não levantava o telefone pra não ficar na frente das pessoas, eu pelo menos tenho essa consciência, se eu tô aqui na frente e tô tendo o privilégio de estar na frente podendo filmar do jeito que eu quero sem ter nenhuma cabeça, eu não vou atrapalhar quem tá atrás. E teve depois, procurando material, eu achei no YouTube uma pessoa que filmou o show inteiro e postou dividido em cinco partes. Eu já assisti várias e várias vezes, fico ouvindo e lembrando. É ruim, graças a Deus essa pessoa filmou, aí tem esse registro, já baixei, vou guardar pra mim, mas como é que essa pessoa aproveitou o show filmando duas horas seguidas?

Pesquisadora: Em que ponto era?

M6*: Era na pista Premium mas era um pouco mais atrás.

Pesquisadora: E é bom o vídeo?

M6*: Tem umas horas que a pessoa acho que coloca o dedo em cima do microfone e o som fica meio abafado, tem umas horas que treme e tem horas que tá filmando assim e o braço vai caindo aí tem que ajeitar, a imagem vai ficando meio torta... Mas vale, porque eu não filmei o show inteiro, e às vezes eu gosto de lembrar coisas que eu não me lembro

porque a gente não grava tudo, então ainda bem que tem essas pessoas, mas eu não seria uma delas.

Pesquisadora: Tu chegaste chegou a ver os vídeos dos outros shows também ou só do de Porto Alegre?

M6*: Não, eu só reví o daqui porque foi a minha experiência, é o que eu quero lembrar, os outros eu não tenho muito conexão. Eu tava vendo uns posts depois sobre o show do México e no meio do palco tem um telão enorme que vem até o meio na pista e eu pensei “se eu tivesse no lugar que eu tava com esse troço eu ia achar horrível, não ia ver nada”, era uma parede que dividia a pista no meio. Teria sido horrível.

Pesquisadora: Revendo esses vídeos agora, porque é importante, por exemplo, ver o vídeo dessa pessoa que gravou todo o show? Passou o show, o que tu fizeste primeiro?

M6*: Passou o show, no dia seguinte, eu fui olhar o que eu tinha registrado porque eu queria colocar nos *stories* mesmo, não queria postar, até porque meus registros não ficaram tão bons quanto eu gostaria pra postar – na verdade isso não me incomodou muito, mas tem dias que a saudade aperta um pouco mais e aí dá vontade de olhar de novo. Na mudança, que eu tava ajudando meu pai, teve uma hora que eu tava guardando os LPs dele e tinha uns do Pink Floyd aí eu falei: “perai que agora eu tenho que mostrar meus vídeos”, aí fui mostrar. É, quando tem uns dias que a lembrança vem mais forte, que a vontade de voltar no tempo e reviver é maior aí eu dou uma olhada nos vídeos, vou pesquisar coisas, pra lembrar mesmo.

Pesquisadora: E como seria se tu não tivesses gravado nada durante o show? Como seria tua lembrança dessa experiência?

M6*: Eu ia me arrepender um pouquinho de não ter nenhum registro. Mas outras pessoas que foram eu sabia que fizeram seus registros, teve uma guria também que foi na pista Premium, ela preferiu ficar no meio do que ficar na grade, e ela me mandou as fotos e os vídeos dela, e era mais ou menos o lugar que eu tava, e muitas das fotos e dos vídeos que eu postei não são minhas, eram do meu namorado, porque as fotos dele ficaram melhores que as minhas, e ele não usa Instagram, aí ele deixa eu postar as fotos dele. Então tem os registros das outras pessoas de lembrança, os deles estão mais bonitos do que os meus, então alguma coisa tem, não teria me arrependido tanto se não tivesse gravado nada.

Pesquisadora: E tu lembra dessa diferença de estar filmando ou de estar só vendo o show, lembra de momentos em que tu pensaste sobre filmar ou não?

M6*: Na verdade eu tava tão imersa que de tão imersa tu acaba esquecendo de filmar, tu quer estar lá pra ver, pra aproveitar, pra sentir a música, pra cantar junto. Quando ia ter a parte que eles cantam por exemplo “*Another Brick in the Wall*” que é uma parte muito icônica desse show, eu filmei, mas eu não tava olhando o que eu tava filmando, eu tava vendo porque tipo, “ah se ficar ruim, foda-se”. Eu vou filmar, vou tentar, mas eu prefiro olhar, não vou olhar esse momento que é o ponto alto do show na tela do meu celular, não vai valer a pena.

Pesquisadora: Mas tu querias ter essa sensação de poder levar algo dali, mesmo que ficasse ruim?

M6*: Sim.

Pesquisadora: Tu sentes que mescla um pouco?

M6*: Tem momentos que eu lembro mais da sensação do que eu tava sentindo do que exatamente da música. Tem uma brincadeira que eu faço com o meu namorado que quando a tradução literal da música encaixa no ritmo dela eu canto, daí tem aquela música que ele canta “*Wake up and smell the roses*”, daí um dia a gente tava no carro e aí chegou a parte e eu falei pra ele “acorda e cheira as rosas”, aí quando chegou essa música no show a gente lembrou e ficou se olhando e teve um ataque de risos, eu me lembro mais da graça do momento do que da música e dele cantando.

Pesquisadora: E tu viu algum vídeo depois dessa parte?

M6*: Os únicos vídeos que eu vi mesmo desse show foram os que eu fiz e dessa pessoa que filmou o show inteiro.

Pesquisadora: E quando tu vê o vídeo dessa música te ajuda a lembrar? Tu lembrarias sem ele?

M6*: Eu lembraria sim, mas eu não lembro da memória do show, eu lembro da gente fazendo graça, e não do espetáculo em si.

Pesquisadora: Achas que a gente tem uma memória mais forte do que só viveu sem ter filmado?

M6*: Eu acho que, como eu disse antes, que às vezes as coisas ficam um pouco turvas porque são muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, essas filmagens, principalmente por serem do ponto onde eu tava, do lugar onde eu tava, elas ajudam a reativar, reviver algumas coisas e clareia um pouco a memória.

Pesquisadora: E já te aconteceu de olhar vídeos e pensar “nossa, eu não tinha visto isso lá”?

M6*: Sim, aquela parte que teve, que eles colocam as máscaras dos animais e servem o champagne eu não vi. Porque ele vai pra o lado, pega a placa lá, eu não vi essa parte. Eu lembro de ver eles servindo o champagne, aí eu olhei pra lá, eles mostrando as plaquinhas aí eu virei e tava todo mundo morto em cima da mesa, então eu perdi tudo que tinha acontecido naquele meio tempo. Eram porcos e cachorros tomando champagne e as ovelhas servindo, aí tem uma hora que elas se rebelam e matam os porcos. E eu não vi essa parte no show, eu olhei outra coisa que estava acontecendo.

Pesquisadora: Ali de onde tu estavas tinha muita gente usando o celular na tua volta?

M6*: Eu não me lembro assim, só lembro que em alguns momentos chave tinha bastante gente filmando, inclusive eu, por exemplo a parte que passa o porco, tava todo mundo virado de costas, aí tinha um monte de gente filmando, mas eu não me lembro assim de ver as pessoas usando o celular. Tinha uma menina que eu lembro que tava do meu lado, depois eu achei, ela apareceu no meu Instagram, ela tava tirando fotos a todo momento, fotos dela mesmo. Eu não sei se vale a pena tirar *selfies* no meio do show, mas enfim, eu

não julgo, cada um tem suas prioridades, ela pode olhar pra mim não filmando e pensar “ah ela não vai levar nada da memória pra ter”.

Pesquisadora: E qual teu modelo de celular e tua relação com ele?

M6*: É um iPhone 7. Eu amo ele, na verdade eu juntei muito dinheiro pra comprar ele e eu cuido dele como se fosse um filho. Tenho muito medo de ser assaltada, de levarem porque eu não vou conseguir repor um celular desses, eu tô sempre com ele na mão, quando eu saio na rua eu escondo ele na roupa pra não levarem. Eu carrego na bolsa outro modelo de celular pra no caso de ser assaltada eu entrego. É o celular que eu uso pra escutar música, porque eu acho que de fone de ouvido a gente expõe muito o aparelho daí eu escuto com outro pra não botar esse em risco. Porque eu sei que vai ser muito difícil comprar outro igual ou equivalente, eu sei do esforço que eu fiz pra comprar ele.

Pesquisadora: E chegou a faltar bateria durante o show?

M6*: Não. Ele é novo, tem um ano só, então a vida útil da bateria tá bem boa, e eu usei muito pouco ele, eu poupei o máximo que deu.

Pesquisadora: E internet, funcionou no estádio?

M6*: Não, não estava. Tinha muita gente postando ao mesmo tempo. As coisas que eu postei, por exemplo, eu filmei o cara desrosqueando o toldo, aí eu quis postar, só foi entrar no outro dia quando eu cheguei em casa porque a internet ali tava muito ruim. Até depois pra conseguir Uber fica muito, muito ruim porque internet não pega né, todo mundo usando ao mesmo tempo.

Pesquisadora: E isso te gerou alguma reação, a falta de internet, de conexão?

M6*: A minha única preocupação foi essa, se precisassem de mim, não ia ter como, mas graças a Deus não aconteceu nada. Até o sinal telefônico tava zerado pela quantidade de aparelhos que tinha ali, todos ligados gerando muita carga na rede, é impossível que funcionem todos. Até por isso a gente caminhou até o hospital pra pegar um ônibus ali, porque a gente não ia conseguir, não ia ter um carro com facilidade.

Pesquisadora: Como tu descreves a tua prática de filmar e fotografar durante o show?

M6*: Da posição que eu tô eu tento buscar a melhor luz, o melhor enquadramento, eu tenho um pouco assim de uma noção muito básica de fotografia que eu aprendi na faculdade. Eu fiz outro curso antes, eu fiz Design na ESPM e tive cadeiras de Foto por um ano, aí alguma coisa assim eu sei, eu gosto um pouco de fotografia, mas não levei o hobby pra vida. Mas eu tenho uma noção, aí sei lá, eu pego o celular e vou tentar enquadrar ali, aí tento tirar o máximo da poluição visual que tem em volta, tipo: “ah, tem fio, tem cabeça dos bombeiros que tão ali”, tento tirar ao máximo disso, enquadro ali, vou filmar, mas eu não vou ficar acompanhando pela tela do celular, se ficar bom ficou, se não ficar não ficou. Deixo o celular parado, de vez em quando dou uma conferida pra ver se não ficou ruim, qualquer coisa depois eu edito, eu corto, eu arrumo a luminosidade e tal.

Pesquisadora: O que tu achas que te exige mais, filmar ou fotografar?

M6*: Filmar, com certeza, porque a foto é um clique só, tu acerta ele ali na hora e ok. O vídeo é mais difícil de tu editar, cortar, as vezes o som pode ficar estourado.

Pesquisadora: Tu chegaste a rever enquanto tu estavas ali?

M6*: Não, eu olho tudo depois, se ficar ruim, azar.

Pesquisadora: Então ali na hora tu não chegaste a enviar para alguém?

M6*: Não, não. Eu tentei, quando eu filmei o show de abertura, eu filmei o hino, eu tentei enviar pra o meu pai pelo Whatsapp, mas a internet tava lotadíssima e não enviou, aí quando cheguei em casa eu desisti e apaguei, não enviei. Porque ele fica procurando rede pra enviar, aí isso ia gastar a minha bateria.

Pesquisadora: Tu tens uma noção de quantos registros tu fizeste?

M6*: Ah, eu não tenho muita noção, porque as vezes eu acho “ah, tirei 20 fotos” e quando vê eu tirei 150 fotos. Eu fiz uma viagem no início do ano, fiquei uns dias fora e eu pensei: “ah, tirei umas 100 fotos”, e fui ver depois o álbum tem 900 fotos. Eu perco totalmente a noção de quantas foi, porque tipo, eu vou tirar uma foto do monumento, eu tiro várias com o enquadramento diferente, aí tem 5 de uma coisa só quando eu acho que tem uma. E eu fiz um álbum no celular só com os registros do show, daí eu peguei as fotos dos meus amigos, do meu namorado, aí juntei tudo – deixa eu até ver quantas fotos e vídeos tem no álbum – 241 registros, de todos. Tem foto também antes do show, da gente esperando, não são necessariamente só registros do show.

Pesquisadora: E eu acho que a gente tem acompanhado essa mudança, como tu tens sentido esse movimento, porque de certa forma a gente acaba tendo mais vontade de registrar por ter um celular que nos permite fazer isso a qualquer momento. Como tem sido pra ti essa relação? O que tu sentes quanto tu estás em algum lugar e tem o celular junto?

M6*: Eu gosto de fazer registros, até botei ali na descrição do meu Instagram que eu tento lançar um olhar bonito das coisas cotidianas. Às vezes não fica tão bonito quando a gente quer, mas enfim, se eu acho que se rende uma boa foto eu vou lá e faço, mas eu não fico pensando “ah tenho que postar uma foto por semana”. Mas tem gente que quer postar tudo a todo momento, eu acho que atrapalha um pouco. Eu não gosto dessa crítica “ah, temos que compartilhar com todos pra mostrar como nossa vida é perfeita”. Eu não compartilho dessa opinião, mas eu acho ruim que tenha que ficar sempre postando e mostrando. Se tem o registro, que bom que ficou bom pra mostrar. Por exemplo, se minha foto ficou ruim eu acho que não vale a pena postar só pra dizer que eu tava lá no show, só pra as pessoas verem “ah, ela tava no show, lá na grade”. Se ficou ruim, ficou ruim, não vale a pena, não é essa a proposta. No meu ver, por exemplo, no Instagram que é um aplicativo para fotos, eu acho que a foto tem que ter... Eu acho que a fotografia é uma arte, não sei se já não é considerada uma arte, então acho que as fotos têm que estar bonitas, não gosto de entrar num Instagram e é só foto da pessoa “ah, foto do meu rosto”, foto na festa, no churrasco, apesar de ser uma rede social eu acho que é uma rede social para fotografia, e não sei se foto social é realmente a proposta da plataforma. Óbvio que já se transformou em outra coisa, mas eu ainda enxergo dessa maneira. Não é algo que eu gosto de ver. Por isso tem um monte de gente que eu conheço e não sigo porque eu não

me identifico com o conteúdo. Eu gosto de ver foto bonita, então se eu acho que a coisa tá boa pra ser postada, se vale a pena, aí sim, mas se é só postar pra ter uma postagem e as pessoas verem que tá lá, não é legal. Mas também não julgo quem faz.

Pesquisadora: Tu tens Facebook também? Posta nele também ou mais no Instagram?

M6*: Tenho. Depende, eu não sei qual é o critério que eu uso pra postar simultaneamente no Face e no Insta, mas têm coisas que eu posto e coisas que não. E quando a gente tem gato a gente posta muito foto de gato, não vou ficar postando o tempo inteiro e linkando com o Facebook porque as pessoas sabem que eu tenho gato, eu acho que essas duas redes sociais têm propostas diferentes. Mas, por exemplo, fiz uma postagem de várias fotos no mesmo post no Instagram, postei algumas do show no dia seguinte e foi isso, não postei mais depois, e aí botei no Facebook também porque um monte de gente tava fazendo check-in que foi no show e bom, eu fui no show também, saibam que eu estava lá. Tipo, ah, tem pessoas que são ali da minha rede que eu nem sabia que tavam lá e também tavam, então a gente acaba descobrindo que mais gente estava lá, que tem mais gente que gosta. Por exemplo, o meu ex namorado não é daqui, ele mora na Serra, a família dele é de lá, aí tem uma menina que é amiga de lá e ela foi no show, super fãzona do Pink Floyd e eu não fazia ideia, e ela tá postando coisa até hoje, e eu “ah, mais uma pessoa que tá na mesma febre que nem eu, e eu não imaginava”! Então quando a gente posta só em uma a gente acaba perdendo justamente essa proposta da rede social de unir as pessoas através dos gostos e das identificações, então a menina que faz anos que eu não vejo, não falo, eu sei que a gente tem alguma coisa minimamente em comum.

Pesquisadora: Qual deles tu usas mais hoje?

M6*: Eu acho que é meio parêlo, eu uso os dois, mas cada um pra coisas meio diferentes. No Instagram eu acompanhei muito mais do pessoal da banda, acompanhei muito mais a turnê pelo Instagram, tem essa coisa do visual da foto, do vídeo, porque o Instagram não permite texto, então o Facebook eu uso mais os grupos.

Pesquisadora: Chegou a procurar algo do show no Facebook?

M6*: Não, mas depois conversando com uma amiga minha que também foi eu descobri que ela tava num grupo de Pink Floyd, mas que posta só baboseira, não tem nada a ver com o show. Já entrei no grupo, óbvio, mas não tem nada relacionado com o show, só assunto de interesse.

Pesquisadora: Como é a relação de contar sobre o show ou mostrar os vídeos para contar onde estava? Têm diferenças nessas reconstruções da experiência?

M6*: Tem, depende da pessoa que tá ouvindo, se tu vê que a conversa tá rendendo e que a pessoa tá interessada eu vou mostrar, porque ver vídeo de show de outras pessoas é muito chato, a gente faz mais pra gente do que pra outras pessoas. Mas sei lá, se a pessoa tá querendo ver, tá interessada, se a pessoa gosta, daí eu mostro, sei lá. No dia seguinte a minha mãe tava em casa e eu “mãe, mãe, vem cá ver” e ela “uuum”... Eu só precisava mostrar pra alguém, porque eu tava muito empolgada, muito feliz, tava muito recente a coisa, eu queria conversar com alguém sobre, e não com as pessoas que tinham ido comigo, porque elas sabiam, tavam junto, tinham vivido a mesma coisa que eu, mas eu queria contar pra quem não tava.

Pesquisadora: Acho que um dos papéis importantes dos registros é o de poder levar e mostrar para quem não pôde ir.

M6*: Eu acho que no geral ninguém tem muito interesse de ver os vídeos dos outros, se ela não foi é por algum motivo, ou porque não gosta muito e nem quer saber.

Pesquisadora: Mas quem quis ver os teus vídeos?

M6*: Ah, as pessoas que foram comigo e os amigos que foram, a gente trocou fotos e vídeos. Tem uma amiga minha que foi nas arquibancadas, aí eu falei pra ela: “pelo amor de Deus me manda as fotos do prisma”, aí eu fiz o papel da pessoa que quer ver foto dos outros.

Pesquisadora: Então a maioria registrou as mesmas coisas, tinham pontos chave que a maioria registrou.

M6*: Sim, no intervalo ali que tem todo o texto eu não fotografei porque eu não ia conseguir ler e fotografar ao mesmo tempo, aí essa minha amiga que estava mais atrás fotografou todo o texto, cada lâmina. Acho que no início as pessoas estão muito querendo tirar pra depois só curtir o show, mais o porco, o prisma, os trechos do intervalo, a parte das crianças, as torres quando elas sobem, quando cantam Pigs e tem todas as fotos do Trump.

(Nesse momento eu pedi para ver algumas das fotos e ficamos vendo e conversando sobre as fotos do show).

Pesquisadora: Tu foste procurando mais fotos no Instagram?

M6*: Sim, eu foi ver no dia seguinte, óbvio que tinham uns vídeos muito ruins, mas tinha três pessoas que eu entrei em contato e pedi os vídeos. Mandava algo assim: “Eu tava no show e eu não filmei esse momento, e foi um momento que gostei muito, se tu não te importar tu poderia me enviar esse momento?” E as pessoas ficam tipo: “ah, claro, vou te mandar”.

Entrevistado 2 | Identificação: H8* | Idade: 22 anos | Data da entrevista: 19/12/2018 | Local da entrevista: Cafeteria Leiteria 639, em Porto Alegre.

Pesquisadora: O que te faz ir a um show e com que frequência tu costumas ir?

H8*: O que me faz ir pra um show é, a mesma coisa que me atrai na música do artista: a arte e tudo mais, super trabalhada em estúdio. Eu imagino que ir em um show dessa pessoa seja como conversar com o autor de um livro. Tu tem muito mais a ouvir de um autor pessoalmente do que lendo o autor. E a frequência que eu tento ir é, sempre que tem um show que eu pense da seguinte maneira, como foi com o show do Roger Waters: “ele vem a Porto Alegre em 2018, o H8* de 60 anos vai querer contar essa história pra alguém?” Pô, vou querer contar, sim, quando eu tiver 60 anos vou querer contar pra meus filhos, netos, vou querer dizer que em 2018 eu fui em um show assim e assado. Se o artista é relevante e tem uma obra relevante, é muito importante, no meu ponto de vista, ir valorizar essa arte e ver essa arte com meus próximos olhos, de perto. Varia muito de temporada, mas a frequência que eu costumo ir, nesse ano acho que foi uns quatro shows. Mas, a título de curiosidade, o ano em que mais fui a shows na minha vida, em Porto Alegre, foi em 2012 e foi um total de 14 shows. Foi muito bom! Mas depois foi uma coisa que parei e pensei, bah.

Pesquisadora: Tu lembra de todos?

H8*: Lembro de todos, sim. Acho que foi em 2012 que teve The Wall também. (Ele lista todos os shows que foi nesse período, incluindo ícones como Paul McCartney, Ringo Star e Ozzy Osbourne). A galera sempre fala que se orgulha muito de viagens, planejar viagens e tudo mais. Eu nunca tive esse hábito assim de viagens, mas eu costumo suprir isso com shows. Meu hobby é ir a shows.

Pesquisadora: E tu viajas para ir a shows?

H8*: Se é um show muito épico, sim. A última viagem que eu quis ir foi ver o Ozzy com o Zack Wylde como guitarrista no Rio de Janeiro. Foi nesse ano (2018).

Pesquisadora: Já percebi que tu és fã de rock. Gosta de mais algum gênero ou é esse o principal?

H8*: É o principal, é o que mais gosto de ir a show. Primeiro porque é meu estilo de música favorito, segundo que são os shows melhor organizados e que a galera que vai no show de rock vai no show de rock pelo show. Então é uma galera que já tem prática de ir a show. Tem certo estigma em cima de metaleiro e tudo mais e se tu olhar os dados de segurança do Rock in Rio o dia do metal é o dia que menos tem assalto, se tu tens a oportunidade de conversar com seguranças de shows eles sempre vão dizer: “bah, fazer segurança de show de rock é tranquilo”. Não dá confusão porque a galera tá ali pra ver o show, não é pra encher a cara, não é pra se drogar, não é pra mexer com a mina do outro nem nada. Mas eu gosto muito também de blues, de jazz, de música brasileira gosto de samba assim bem de raíz, mas o principal é esmagadoramente rock.

Pesquisadora: E como tu definirias a experiência de show de rock?

H8*: Eu acho que o show de rock, por ele ser uma coisa mais enérgica, o artista do palco responde mais rápido à reação da plateia. Em um show de blues, por exemplo, tem um repertório ali que segue mais ou menos a mesma linha e o músico vai tocando aquilo ali e tal, tem um momento ápice do show que é o solo lá do sujeito, mas num show de rock, se a plateia tá realmente muito empolgada, respondendo ao músico que tá em cima do palco, tu vê que o músico retribui aquilo na mesma energia. É uma coisa mais contagiante, tem uma troca muito mais forte e rápida entre palco e plateia. Isso é o que diferencia muito. E muito também o fato de a galera cantar junto, se mexer junto, bater cabeça, levantar braço e tal, tem uma hora que, num instinto muito coletivo, todo mundo tá fazendo, pode até estar gritando a mesma coisa que é indescritível, mas tá todo mundo gritando a mesma coisa junto ao mesmo tempo.

Pesquisadora: Já foste a show de outros gêneros e notou essa diferença?

H8*: Sim, um show que eu vi muito essa diferença foi o show do Eric Clapton. Muito por causa do próprio artista, mas era uma apresentação dele, ele ia, tocava a música boa dele mas pouco interagia com o público. Muito, muito, muito pouco. De todos os shows que eu fui na vida foi o artista que menos interagiu com o público. E era muito mais distante, não era só pista e pista Premium, era pista, pista Premium e cadeira Premium. Era uma distância enorme entre público e músico. Mas em show de samba, por exemplo, Diogo Nogueira, que é brasileiro, ele interage um monte com a plateia, ele canta, fala, conversa com todo mundo, mas é muito mais no ritmo do samba, uma coisa maliciosa mas tranquila, não é aquela coisa agitada, enérgica do rock, da guitarra e da bateria.

Pesquisadora: Talvez seja pela própria essência do rock, que ele tem toda essa questão de movimento de contracultura, carrega isso no estilo e na própria atitude dos fãs também, de como todos os fãs vão agir no show em comparação a um outro show em que nem todo mundo vai mobilizado por um movimento, pelo gênero e tal.

H8*: Exatamente isso, do tipo de música e de interação que o artista quer com aquilo ali. Eu fui num show da Ivete Sangalo uma vez também, é um show que não tem nada a ver com um show de rock e ao mesmo tempo tem tudo a ver, porque ela canta, grita, dança e ela exige essa resposta do público dela, aí é um show muito animado também que tu sai tão cansado quanto num show de rock, por exemplo.

Pesquisadora: Então o que torna a experiência diferente é o quanto tu és exigido para participar?

H8*: Isso.

Pesquisadora: Tu lembra como foi tua preparação pra o show do Roger Waters?

H8*: Sim, no dia anterior eu organizei junto com a minha namorada e com o meu pai que horas cada um ia chegar e o que cada um ia levar. Eu tinha que cuidar das capinhas de plástico pra os celulares caso chovesse, minha namorada cuidou das capas de chuva, meu pai levou umas cadeiras e umas comidas. E acordar cedo, fazer refeições de forma que quando precisasse ir no banheiro depois não fosse o horário que tu tá dentro do show ou entrando no show, esse tipo de programação. A programação no dia do show, pelo menos pra mim, é uma coisa muito crítica, em questão de horário mesmo. Ah, o portão abre às

quatro da tarde, eu não vou comer às duas, às três da tarde, eu vou comer só até o meio dia, pra que eu vá no banheiro pelas 2, 3, e não às 4 quando tá abrindo o portão.

Pesquisadora: E tu já fizeste isso de ficar na fila em outros shows também, já é uma prática costumeira?

H8*: Já, de ficar assim horas.

Pesquisadora: Para esse tu foste que horas?

H8*: Chegamos às 10 horas da manhã.

Pesquisadora: Já chegou a dormir na frente?

H8*: Não, de passar a noite não, mas de dormir na fila esperando o show, sim.

Pesquisadora: É uma tática também, até pra aguentar.

H8*: Sim.

Pesquisadora: E antes do show, chegaste a ver vídeos dessa turnê em outras cidades?

H8*: Sim, eu procuro ver até, não que ia estragar a surpresa, porque eu sei que o artista quando faz um espetáculo sempre tem uma peculiaridade em cada palco, em cada cidade. Mas nesse show do Roger eu sabia que ia ter a projeção de laser em cima antes, que em um determinado momento ia entrar o porco voando e o palco dele tinha todo um esquema de luz diferente dos demais, uma luz que era em cima da bateria. Mas justamente para ver assim, as primeiras vezes que eu comecei a ir a show quando era mais novo eu usava muito o telefone, e isso eu vi que me atrapalhou nos shows, então aos poucos eu fui vendo e fazendo que nem fotógrafo de show mesmo – ah, são as duas, três primeiras músicas que eu vou querer registrar, o palco tá ok, tá tudo bonito, tá tudo certo, peguei ali, registrei. A primeira música não porque geralmente é um baque de animação que o artista dá nas pessoas, mas registro ali as primeiras músicas e como eu já vi antes o que mais ou menos tem, então eu penso vou tirar foto disso, disso e disso, aí guardo meu telefone, aí mais na frente lá talvez eu tire mas agora eu vou ver o show.

Pesquisadora: E qual é a importância pra ti desses registros que tu viu antes de ir pra o show, que antecipa tua própria experiência do show?

H8*: O que eu mais procuro ver antes do show, além do registro de como vai ser o palco do Roger Waters, mas o que eu sempre procuro antes é qual é o tamanho do setlist. Porque eu sempre vou sem carro e sempre procuro combinar uma carona, aí eu vejo: “bah, o setlist do Roger tem 15 músicas, então vai dar duas horas e meia de show”, essa é uma informação que eu gosto de saber antes do show porque a volta de um grande show é sempre um problema. E numa cidade que não é tão preparada pra espetáculo desse tamanho, num centro urbano como o Beira Rio, então eu vejo “ah, vai durar duas horas e meia de show”, então combino com minha mãe o horário que deve terminar o show então antes disso estaciona no lugar tal e vou direto pra lá. Difícil eu ir sem ter um projeto já de como sair do show, até por uma questão de segurança.

Pesquisadora: As partes que tu viste sobre o show antes de ir, por exemplo, que tu sabias que ia ter o prisma e o porco, tu viste em que meio e através de quê?

H8*: Quando tem assim shows grandes, que as pessoas chegam a organizar excursão pra ir, sempre tem grupo no Facebook pra isso. Tanto da própria produtora quanto de algum fã ou fã clube e tal. E o pessoal que tá ali compartilha muita informação. Tem gente que eu acompanhei em grupo desse show aqui em Porto Alegre que tava vendo todos os shows em todo o Brasil. E postavam coisas ali, olha, em Salvador ele fez isso, no Rio de Janeiro ele falou da Mariele, em Salvador ele botou o Gilberto Gil, em São Paulo teve isso, em tal cidade não teve isso e aquilo, eu procuro sempre saber pelos fãs, pelos espectadores mesmo. Aí Facebook, esses grupos, procurar alguma hashtag específica no Instagram, porque de primeira mão do artista tem pouca coisa enquanto ele tá em turnê, normalmente vão colocar ao término da turnê ou no final de semana de intervalo que ele vai ter.

Pesquisadora: Chegaste a seguir o perfil do Roger Waters nesse período?

H8*: Sim, comecei a seguir nesse período, por sinal. No Facebook. Mas ali eu tava mais atento mesmo aos grupos, pra saber dos fãs mesmo, de quem ia e tinha ido aos shows mesmo o que tinha acontecido, como tinha sido. Uma coisa que eu não sabia mas era possível encontrar é que tinha um intervalo no meio do show. Tem como ter uma boa noção de como vai ser o show pelo que os fãs postam nos grupos. A parte que tanto falavam, da lista da seção de neofascistas, eu achava que era só aquilo. No show aqui, quando eu tava lá dentro que eu vi que essa era só uma das críticas dele, que era um intervalo de quinze, vinte minutos, que tinha Zuckenberg, Israel, líderes que ele discordava, entre outros tantos. Ali foi uma parte que eu fiquei bastante surpreso e até tive *insights*, tipo: “É, o Zuckenberg, nunca tinha me dado conta” (risos).

Pesquisadora: Abriu os olhos pra algumas coisas... Que é a proposta do Roger Waters mesmo.

H8*: É, ali ele atingiu em cheio o que ele queria fazer. Eu olhei e fiquei pensando: “Que porcaria tem o Zuckenberg ali?” Aí vi a tela seguinte e fiquei pensando: “Bah é isso, que loucura, cara.” Bah, e eu tava acompanhando o show pelo Face...

Pesquisadora: E ele tá dentro.

H8*: É um *inception* de conspirações.

Pesquisadora: Tu lembra do momento em que abriram os portões?

H8*: O momento quando abre assim o show e eu tô com mais gente, como no caso meu pai e minha namorada, meu principal nervosismo é pelo seguinte: eu sempre vou de mochila porque eu tenho diabetes, aí eu levo minha insulina, uma bolsinha com doces e coisas do gênero, e sempre fico preocupado que algum segurança vai encrencar com aquilo. Não encrencaram com nada.

Pesquisadora: Eles demoram para revistar?

H8*: Às vezes sim, se tu és o primeiro, primeiro da fila, eles revistam cada bolso da tua mochila. Se tu já tá uns quatro metros atrás já vai, só passa, só vão ver se tu tem algum

objeto maior na mochila, guarda-chuva, arma, sei lá, não tendo isso já passa. Então na parte que abre os portões, não basta ser o primeiro da fila, também precisa ser o primeiro a passar naquilo ali. Eu tava junto com o meu pai, na fila dos homens, daí tinha muitos homens na minha frente, nós passamos, e a minha namorada que tava na fila das mulheres, tinha bem menos mulher na frente dela então a fila dela foi mais rápida, então ela entrou e foi correndo pra lá e meu pai ficou preocupado: “ah, perdemos ela”. Aí eu: “não, vamo lá, ela já deve estar lá dentro. Vamo lá!” A minha principal preocupação quando abre é pegar um bom lugar, porque sempre tem uma galera que dispara correndo. A sorte que no show do Roger a gente entrou razoavelmente perto do lugar, entrou e já era logo ali o palco. Por causa da revista pessoal sempre separa homens das mulheres na fila pra entrada.

Pesquisadora: Em que ponto tu estavas na pista?

H8*: De quem tá de frente pra o palco, eu fiquei na frente dos teclados, junto da Lucius, a dupla de *backing vocals*, em diagonal pra o Roger. Eu não tinha noção da Lucius, e quando elas começaram a cantar e fazer aquelas performances todas, bah, foi um show à parte dentro do show. Eu fui esperando o que, ver o Roger Waters e o guitarrista dele que parece com o David Gilmour, e aí teve as *backing vocals* que foi um show à parte, sensacional. Elas foram incríveis. E como a gente tava bem pertinho dava pra ver toda a produção de maquiagem delas, que é uma coisa que quando tu tá em um show de arena, de estádio, só quem vê é quem tá ali na frente. Aí tinha performance delas que elas tinham a mão cheia de glitter, tinha performances em que elas mexiam de forma rítmica a cabeça e as mãos, só um detalhezinho só entre elas que tu via: “bah, elas não são só vocalistas, elas são artistas por completo”.

Pesquisadora: Como tu te lembras dessa experiência do show e o que tu utilizas para te ajudar a lembrar?

H8*: Bah, o que me chocou no show foi a sensação imersiva no show, eu já vinha, há muitos anos que eu fiquei fã do TDSOTM e entendi o conceito do álbum todo e quando começou assim o show tudo acabou girando em torno do álbum e fez com que eu me desse conta que: “bah, não é só a música, tem a coisa estética, tem a jogada de luz, a oscilação de som e tal”... O que eu utilizei pra gravar mesmo: prestar muita atenção na parte de memória fotográfica mesmo, tentar lembrar muito do que eu vi e gravar, tirar foto daquilo que eu gostei muito mas, por exemplo, o momento do prisma pra mim foi o ápice do show. Eu sabia que aquilo ali ia ser maravilhoso, e eu fiquei maravilhado com aquilo. Eu tive ali um minuto, não sei quanto tempo durou aquilo, mas digamos que tenha durado 5 minutos, um minuto e meio eu fiquei parado admirando e fascinado com aquilo ali, 30 segundos eu vou gravar, guardei, segue o delírio, segue o devaneio, mas gravei aquilo ali só pra tipo “essa sensação eu quero recordar um dia de novo”.

Pesquisadora: E tu sentes que tu saíste do devaneio quando tu gravaste?

H8*: Ah, um pouco sim.

Pesquisadora: E no ato de pensar que tu querias gravar?

H8*: Também sim. Porque tava super ligado no negócio de: “cara, tá acontecendo, é o prisma e tal”, e aí parei assim pra pegar o celular, aí desbloqueia o celular, ajeita a câmera,

mesmo que seja automático, tu não pode sair gravando se tá sem foco, espera dar foco, aí grava isso ali, assim e assado, palco, prisma, galera, prisma, galera, palco, deu, acabou. Aquele tempo ficou gravado na minha câmera, não necessariamente na minha cabeça.

Pesquisadora: Então teve a quebra?

H8*: Sim, teve, muito.

Pesquisadora: Mas tu achas que interferiu no resultado final da experiência?

H8*: Não, não. Isso não. Mas se eu tivesse usado muito o celular, sim. Interferiria completamente.

Pesquisadora: O que seria usar muito?

H8*: O que muita gente que eu vejo faz no show é pensar: “bah, esse show é muito bom, eu vou gravar isso”, e aí resolve gravar sua música favorita pra assistir mais tarde aquilo lá. Primeira coisa, não vai assistir isso mais tarde, vai assistir, recordar isso anos mais tarde. Talvez tu vejas aquilo naquela semana pra mostrar pra outra pessoa e pra veres naquela semana. Mas eu não vou ver as filmagens do Roger Waters em janeiro, fevereiro. Vou ver daqui a um ano, três, quatro. Aí a galera resolve gravar sua música favorita e aí ela não presencia sua música favorita, ela só grava a música favorita. Uma vez eu fui a um show, que a banda favorita da minha mãe é o Queen, e em 2009 eles fizeram com o Paul Rogers um show em SP, minha mãe foi e eu sabia que era o show da vida dela, eu pensei, vou gravar o show pra ela. Eu era pequeno e eu resolvi gravar, tirar foto e tudo. Foi o show na minha vida até hoje que eu mais gravei e são poucos momentos do show que eu lembro de olhar pra o palco e não pra tela de uma camerazinha. Lógico, na época eu era um guri de 10, 11 anos, mas hoje é uma coisa que eu jamais faria – se visse minha banda favorita, gravar o show inteiro dela. É gravar, tirar uma que outra foto, talvez gravar uma música, mas nunca uma música inteira, porque interfere demais na qualidade do show. Tu transforma aquilo num dvd, e um dvd tu pega em qualquer lugar. Tu não vivencia aquilo.

Pesquisadora: E tu te lembras de ti no show do Queen, da experiência do show?

H8*: Eu me lembro de alguns pontos assim do show, de ver, gostar, eu sabia que “bah, minha mãe ama de paixão”, hoje são os caras que eu adoro, mas não vivi aquele show como vivi o do Roger Waters a um mês e pouco atrás.

Pesquisadora: Já que tu comentaste, como tu descreves a tua experiência no show do Roger Waters? Do que tu mais lembras do show além do prisma? É um show longo, tem muita coisa e tudo se passa ao mesmo tempo, como isso tudo compõe tua memória desse dia?

H8*: Se eu tivesse que resumir o show do Roger em uma palavra ou termo composto ia ser: movimento de cor. Eu me lembro de ser um show muito colorido, e não é um colorido naquele nível exagerado do tipo um Coldplay, é um colorido bem a capa do DSOFTM. Fica no rock ainda, não fica aquelas pulseirinhas piscando e um monte de firula (risos). Mas o que eu me lembro assim do show do Roger é uma qualidade de som absurda, maravilhosa, que não tentou reproduzir as músicas do Pink Floyd, não, ele interpretou as

músicas do Pink Floyd naquele momento. E uma coisa que me marcou absurdamente no show: a música *The Great Gig in the Sky*. É uma das minhas músicas favoritas do álbum, eu sempre pensava, não tem como fazer isso aqui ao vivo, a música é maravilhosa, só a mina que cantou esse negócio aqui dentro do estúdio. E ao invés de tentar reproduzir aquilo lá eles fizeram outra coisa. Aí eu vi, bah, é um show único mesmo, eles pegaram e não tentaram imitar a sensação que aquela música faz, mas eles imitaram o potencial que aquela música tem. E bah, aquilo me marcou. Aí mexia o telão atrás, o áudio, o som saindo à esquerda, direita, o dueto das cantoras, o que me marcou muito foi a qualidade de tudo. Tudo era muito bom. Questão estética, áudio, produção, organização do evento, sequência das músicas, tudo era perfeitamente orgânico.

Pesquisadora: É um show de rock também, mas ele parece muito mais do que isso. Como tu contrasta com tuas outras experiências de show de rock?

H8*: Ele é um show, eu não diria que o show do Roger Waters é um show de rock só. É um show de arte. Toda música vai mexer com teu sentimento, mas não é toda música que mexe com teu sentimento, mas o show do Roger tinha momentos que tu sabia que eles querem que tu se emocione com aquela música aí tu ia e se emocionava. Diferente por exemplo de um show do Pearl Jam que dura 3 horas de pura paulera, os caras tocando e pulando no palco, tocando muito bem, vivendo a música, uma banda maravilhosa de se ver ao vivo, mas é uma banda que o show é isso aí. Mas o show do Roger é uma arte toda, que faz com que no meio do show de repente tu lembre de uma experiência pessoal, tu lembre de um sentimento sei lá, que tua mente é capaz de ter e tu pega aquilo e aplica na hora do show, ele mexe com todos os teus sentidos, o show do rock. Um show de rock mais paulera ele vai mexer com teu negócio de agitação, de empolgação e sei lá, uma coisa mais primitiva. O show do Roger é uma coisa muito mais complexa, muito mais elaborada.

Pesquisadora: Ativa mais elementos então.

H8*: Isso, muito, muito, muito mais, mil anos à frente.

Pesquisadora: Tu foste no *The Wall* também, como tu compara os dois?

H8*: O *The Wall* eu diria que era um show muito mais pra imitar o que é aquela ópera rock que é o *The Wall*. Ele tinha elementos que saíram diretamente do filme, se tu tivesse visto o filme e o álbum, ok, tu tinha feito a lição de casa pra ir pra o *The Wall*. O show *Us + Them* não bastava só tu teres ouvido o DSOTM. Tu tinha que saber, por exemplo, primeiro que ele não pegava só coisas do DSOTM, ele pegou coisas também do *Animals* e tal, mas tu tinha que entender o que tinha por trás das letras e principalmente quem é o artista que tava ali na tua frente. Principalmente nos shows do Brasil, a gente tava em outubro, mês de polarização política no país, pô, o Roger Waters é um cara que é militante de causas mais socialistas desde os anos 70, se tu é de esquerda ou direita, não importa, ele é assim há 40 anos, então se tu fosse naquele show só pela música tu não vivenciava tudo que aquele show tinha pra te dar. O *The Wall* era a execução de uma peça, o *Us + Them* era a manifestação de um artista muito contemporânea, porque ele tava fazendo críticas ali muito modernas, coisas que estavam acontecendo naquela semana, coisas que aconteceram no ano de 2018, foi uma coisa muito mais atual que o *The Wall*.

Pesquisadora: Aí foi o registro de um momento.

H8*: Isso, foi perfeito, foi um show político para 2018. Foi um show que não teria o mesmo significado em 2017 e nem em 2019. Ele foi um show perfeito pra aquilo ali. Aí é outra genialidade que esse show tem em relação a todos os outros shows que eu já fui na minha vida. A questão dele, de além da execução perfeita de questão audiovisual, na questão de direção do show e planejamento de arte do show. Ah, bota ou não bota o nome do fulano ali na tela, fala ou não fala do empresário tal. Foi uma coisa que, pra quem tá ligado na questão de mundo e acompanhando o que o Roger Waters posta nas suas redes sociais e tal, era aquilo ali materializado na tua frente, era muito mais do que música, a parte da música não chegava à metade do show.

Pesquisadora: Um pouco tu já me respondeste sobre isso, que é o que torna a experiência de show memorável, mas se tiver mais algo que tu queiras acrescentar.

H8*: Esse show em especial é isso que eu disse antes, mas o que torna um show memorável ou não é se ele mexe com os teus sentimentos, independentemente de quais sejam, e um show perfeito é ele mexer nos teus sentimentos na forma como ele quer que ele mexa nos teus sentimentos. O artista planejou fazer tal coisa e ele conseguiu fazer tal coisa. Ou o artista fez com que tu se sentisse de tal maneira e essa maneira encaixou perfeitamente no repertório daquele show. Isso é um show memorável. Tem shows que tentam ser memoráveis e são ah, desnecessários, tentam botar uma música pesada, mega emotiva, uma música impactante numa construção ali de setlist que não encaixa. Tá tocando lá a, b, c e daqui a pouco coloca uma música mega triste e depois volta pra abc, não encaixou, ficou uma porcaria. O Roger foi tudo muito bem planejado e executado. E a condução dele era exatamente o que ele queria, quando era um momento mais down assim do show, palco escuro, quando era um momento mais pra cima assim do show, luzes agitadas, altas luzes, luzes brancas e tal.

Pesquisadora: Como as experiências de show se relacionam com as outras experiências do teu cotidiano?

H8*: Quando tu vais a um show e tu te sentes impactado por ele de alguma maneira, no decorrer do teu dia a dia, se tu escutas alguma música daquele show de novo, tu não ouviste só uma música, tu vai pra uma recordação da tua mente. E, inclusive, quando, por exemplo, tu quer uma inspiração no teu dia a dia ou um refúgio da tua mente no teu dia a dia tu pode recordar do show do Roger lá em outubro, como foi legal aquele momento e começar a viajar com a tua memória que não é só uma memória musical. Assim como a galera que curte afu punk rock pode botar uma música no seu horário de almoço e lembrar de um momento no show e tal de extravasar a raiva, tu acrescenta mais coisas àquela faixa de áudio.

Pesquisadora: E tem alguma coisa que atrapalhou tua experiência do show?

H8*: Atrapalhar no sentido de afetar negativamente minha experiência do show, não, porque foi um show perfeito. O que pode atrapalhar ali e na verdade atrapalhou no show de abertura, era a vontade de ir no banheiro.

Pesquisadora: Durante o show tu usaste o celular antes de começar o show, durante, como é que foi o teu uso?

H8*: Meu uso do celular foi muito, muito racional, no sentido assim: entrou o Borghettinho no palco, vou tirar uma que outra foto, porque eu pretendo daqui há muitos anos recordar desse dia e também quero recordar que o cara que abriu o show foi o Renato Borghetti. E a experiência de registros nesse show foi justamente visando assim: isso é uma coisa que quero lembrar daqui a tanto tempo. Só isso, não tipo: “bah, que música incrível, quero registrar isso agora”. Não, cara, a música incrível ela só é a música incrível naquele momento, depois vai ser só uma música gravada. Agora, o cara montou um prisma em cima de mim, eu vou gravar um pedaço rapidão só pra que daqui a tanto tempo eu olhe e recorde não só “ah, ele projetou um prisma”, não, eu me recorde da posição em que eu estava naquele momento.

Pesquisadora: Então tu achas que as gravações têm esse papel de contribuir para a memória de longa duração?

H8*: Isso, eu tento sempre fazer isso nos shows pois elas afetam muito o proveito que tu pode tirar do espetáculo, então quanto menos tu fizeres, melhor. Mas também se tu não fizer nenhuma tu pode ter um problema, vai que no momento tu tá super eufórico ali no show mas sei lá porque não é uma coisa que no dia seguinte tu recorde, tem muitas coisas que podem afetar em tu recordar ou não o show: se tu bebeu, se tu usou alguma coisa, se tu tava eufórico a ponto de tá só sendo levado pela multidão e não estar prestando atenção no que tu tá fazendo, então quando eu uso o meu celular ali é coisa bem pontual assim só pra ter ciência do que foi aquele espetáculo todo, mas não de uma forma assim, registrada passo a passo. Porque o registro de passo a passo hoje é muito fácil de obter. O setlist do show do Roger Waters no Beira Rio em 2018 tá na internet, e vai estar por anos, gerações, décadas vai ter esse registro lá. Então eu não preciso tirar. Tinha um monte de jornalista naquele show e mais um monte de gente naquele show botando *hashtag* Roger Waters Porto Alegre, então daqui a dez, quinze anos eu caço isso na internet, não vai ser difícil encontrar. Agora, a posição que eu tava, e como eu vi aquele show e vivenciei aquele show só os meus registros. Aí esses são poucos porque também não é um trabalho acadêmico que eu tenha que registrar cada música do cara.

Pesquisadora: Isso me lembra que tu falaste sobre memória sentimental. Antes do show, na fila, quando eu te perguntei se tinha algum momento que tu esperavas gravar, tu disseste que era o prisma e que com isso tu querias lembrar do que tu sentiste naquela hora.

H8*: Ah, foi exatamente isso! (risos). Já deu até uma nostalgia agora.

Pesquisadora: Então, esse registro que tu fizeste ali te ajuda a relembrar o que tu sentiste na hora?

H8*: Muito, muito, muito, muito, porque a música, Eclipse, se não me engano foi na música Eclipse que ele projetou o prisma, eu nunca mais ouvi da mesma maneira sem lembrar exatamente daquele momento. E se, por um acaso, eu quero lembrar daquilo e ver de novo, porque às vezes tu tem a vontade de ver aquilo lá, eu busco lá eu tenho um vídeo de 30 segundos que ele foi pensado naquele momento, no meio daquele devaneio eu pensei “isso aqui eu preciso recordar”, eu filmei o palco, que era pra ver onde eu tava, os lasers que saiam do palco, projetavam ali, se encontravam ali no topo da pirâmide, fazia o caminho de volta e deu, acabou, gravei onde eu tava, dá pra ver no vídeo que eu tô próximo, que é no meio da música eclipse, que eu tô dentro do prisma e que a galera

tá muito contente com aquilo ali e é isso aí que eu precisava. Porque a memória sentimental mesmo é uma coisa que eu gravei e recordo puramente pelo sentimento que eu fiquei na hora, que a única coisa que me faz gravar mesmo o sentimento foi o quanto eu vivi esse sentimento naquele momento – que daí a câmera atrapalha, por isso eu usei ela muito pouco.

Pesquisadora: Considerando isso, pra ti qual é o papel dos celulares em shows hoje? Porque tu vais a shows há muito tempo, então acho que tu acompanhaste um pouco dessa transição, como tu vê essa transição?

H8*: O papel do celular em show claramente se diferencia entre o tipo de fã e o tipo de show propriamente dito. Quando tem fãs que são muito ligados à imagem física do artista, por exemplo, *Thirty Seconds of Mars*, tem uma massa de fãs do Jared Leto, essa galera fica o tempo inteiro com o celular levantado, porque quer gravar o cara, a figura física que tá ali. Aí tem aquelas brigas desnecessárias entre fãs, “ não, porque eu não uso o celular porque estraga o show”, não, cada um usa como quer o telefone, mas o papel que as pessoas atribuem ao celular é recordar aquele momento, porque quando é pra gravar pra mostrar pra outra pessoa é muito rápido, levanta, tira uma foto, ou grava dez segundos de áudio, vídeo, e manda pra outra pessoa. Grande parte que usa o celular no show é pra si, só que tem um prejuízo, porém tem gente que realmente olha muito depois, minha namorada, ela basicamente não usou o telefone dela no show porém depois ela coletou no YouTube e no Instagram vídeos de todo mundo que foi no show, ela baixou, arquivou, guardou tudo isso porque ela quis rever o show que ela foi, então ela juntou as diversas imagens de pessoas e revive ele dessa maneira. Então o papel do celular é preservar o show, gravar aquilo pra posteridade, independente de que pessoa, que fã, que banda, todo mundo acaba fazendo isso. Mas é bem claro que as pessoas que tão indo pela música, que já foram muitas vezes a shows – entre as quais eu me incluo – usam menos, porque ou nunca foram adeptas ou já viram que tem um prejuízo grande com isso.

Pesquisadora: Tu comentaste aquela tua experiência em que tu filmou o show todo em que tu podes contrastar como tu te sentiste filmando muito e como é sem usar o celular. Tu lembra se já tinha muito celular no show do *The Wall*?

H8*: Já, já tinha bastante gente com celular. Não sei exatamente qual é a classificação de *smartphones*, mas no momento em que tem a entrada massiva, quando as operadoras pararam de vender celular pra vender *smartphones*, é quando os celulares tomam conta dos shows de uma forma que chega a atrapalhar e a galera do rock, os artistas de rock eu acredito que eles não tenham aceito muito bem isso, porque além deles serem uma vertente mais antiga e tal, é uma vertente mais purista. Porém, outro cara que eu gosto muito que é o Marcelo D2, lançou álbum novo agora, no ano passado, atrasado, ele lançou um álbum ao vivo que na capa do álbum é uma imagem como se fosse um desenho em primeira pessoa da plateia em que todo mundo tá com o celular. Naquele álbum ele gravou um clipe inteiro só com iPhone. Ele gravou a turnê só com iPhones direto do palco. Então tem artistas que utilizam isso para eles, aí é a galera mais pop, mais rap.

Pesquisadora: Tu chegaste a ver algum posicionamento de artistas de rock em relação a isso?

H8*: Sim, o Jack White principalmente, que pediu pra que as pessoas não utilizassem o telefone pra que não interferisse na experiência de show. E aquele show especificamente

eu tava começando a pensar, mesmo que inconscientemente: “bah, o celular atrapalha”. Naquele show, quando ele falou aquilo eu pensei: “bah, vou seguir o que ele disse”. Ah, gravei, tirei uma ou outra foto. Em 2015, o *tour manager* foi no palco e pediu: “Não utilizem o telefone, vivam esse momento, os registros depois vão ter registros oficiais no próprio Instagram do Jack White, no próprio Face do cara, mas vivam esse momento”. Porque até a própria proposta do Jack White é não fazer shows iguais em cada cidade, ele diz que faz em cada lugar um show próprio, e realmente interfere muito. E, naquela época especificamente, 2015, tu ia num show e, bem relacionado a quanto cada um pagou no ingresso, logo, à classe social de quem tá ali, tu vê que quem tá na pista Premium e pagou ingresso mais caro pegava um telefone que parece uma janela e ficava o tempo inteiro gravando, então se tu tava mais no fundo tu via o palco e um monte de celular, era uma enxurrada de celular, que já não é mais tão assim hoje.

Pesquisadora: Achas que está dando uma diminuída?

H8*: Muito, muito mesmo. E não só por causa de show, as pessoas estão repensando como usar seus celulares. Porque poxa, há dois, três anos a galera era atropelada porque tava mandando mensagem. É uma coisa absurda que o ser humano fez com o telefone, foi uma febre que agora a gente tá começando a tratar.

Pesquisadora: E naquele show do Jack White tu usaste o celular igual?

H8*: Usei só pra assim, vou usar rapidamente pra o caso de querer recordar.

Pesquisadora: Sem que ele veja.

H8*: (risos) Sim, eu lembro que foi assim: “ele não viu, tô usando mas ele não viu”. Muito, muito, muito menos, foi o primeiro show que eu me controlei. “Eu quero pegar mas não vou usar, vamos vivenciar esse show, vamo fazer o que o cara tá pedindo, vamo cumprir a experiência que ele quer”. E não me arrependo nenhum pouco de ter seguido o que ele orientou, porque, cara, foi, deu pra ver ali que é muito mais do que só o barulho que sai das caixas e o cara tá presente ali. É a experiência que o cara quer causar contigo que tá na frente dele, e o celular é uma parede entre vocês dois.

Pesquisadora: Não sei se tu chegaste a ver, mas depois desses shows em que ele pediu para as pessoas não usarem, ele passou a adotar uma bolsa em que as pessoas devem colocar o celular dentro e ele fica trancado durante o show e ela só pode usar de novo quando sai do local. Então ela fica com o celular mas ele fica trancado na bolsinha e ela não tem como usar durante o show inteiro. Depois até disponibilizam no site um espaço com as imagens em alta resolução que a produção dele tirou e tu podes baixar, mas ninguém usa o celular durante o show.

H8*: Bah, maravilhoso.

Pesquisadora: Como tu reagirias a ir a um show e pensar que ninguém poderia usar?

H8*: Eu não ia gostar pelo fato de o celular não ser apenas pra isso, eu posso precisar do celular durante o show, sempre que vou a um show eu combino com outra pessoa a volta e de avisar outras pessoas porque eu posso ter 22 anos e vou pra o show sozinho e vou sair do show e vou pra casa da minha namorada, mas por uma questão de segurança eu

sempre aviso meus pais. Se eu estivesse com o celular preso eu não ia gostar por isso, porque vai que eu precise utilizar o telefone. É, em suma, eu não ia gostar de deixar o celular preso em uma bolsinha durante o show, porque eu posso precisar do telefone pra outra coisa em outro momento. Mas pensar que não ter o telefone vai atrapalhar a minha experiência do show, não, de jeito nenhum, hoje, já com uma cabeça mais madura, se o Jack White fizesse isso eu ia pensar “tá, mas eu posso optar só por não pegar o telefone, mas se pegar vai estar expulso do show”, tá, beleza, não vou pegar o celular e se pegar vai ser só pra sair mesmo, tipo, tô passando mal, tá, vou sair do show, peguei o telefone.

Pesquisadora: Só daí não vai ter aquele papel de fazer um registro curto para lembrar de onde tu estavas.

H8*: É, e eu gosto de ter registros meus no show. Seja de imagem, seja material – uma camiseta, normalmente pego camisetas nos shows, mas têm shows que não peguei camiseta “ah, vou gravar uma música então”. Eu quero uma recordação minha, para mim, que ou eu possa usar ou eu possa recordar mas que seja minha, só minha.

Pesquisadora: É algo que é teu e tá fora da tua cabeça, porque o show inteiro tá na tua cabeça.

H8*: Isso, exato.

Pesquisadora: O celular é uma forma de colocar em outro lugar, seguro.

H8*: O registro é apego muito material das pessoas a isso. E, de fato, quando eu comecei a ir a um monte de shows eu tava no colégio, com uma turminha de metaleiros, e eu tinha um amigo que dizia “cara, tu não vai olhar isso”, e eu falava, “não, claro que vou”, e é verdade, têm registros que eu tenho hoje de show que eu nunca mais abri desde que saí do show, e tá lá, tá guardado, 70 e poucas fotos.

Pesquisadora: E se for querer rever tudo vai perder uma vida.

H8*: É, exato, chegar pra o meu filho e dizer: esse ano tu vai rever todos os shows que teu pai foi em 2012, agora, 2018 (risos). E tu não vê tanto as coisas, a não ser que seja um ídolo teu, se o cara é um ídolo teu e tu consegue tirar uma boa foto, aí não é só um registro, é um prêmio, é um negócio muito legal. Sei lá, eu sou muito fã do Zack Wylde, eu também toco guitarra e me inspiro muito nele, aí eu tava lá no show dele e tirei uma foto muito boa. Aí cara, é meu papel de parede, toda vez que eu for abrir o celular eu vou olhar: “cara, foto do meu guitarrista preferido que eu tirei no show dele”. Aí isso é um negócio legal.

Pesquisadora: Que além da experiência ser incrível tu ainda fizeste algo nela que é um material teu que vai te ajudar a recordar.

H8*: É uma recompensa, mesmo que não seja desafio nenhum o show pra que eu tenha que ganhar ou ter alguma recompensa em cima daquilo, mas é... Vou fazer o mesmo paralelo que eu fiz no começo em relação a viagens. O pessoal investe muito em viagens, eu invisto muito em shows. Se tu vai no Rio de Janeiro tu te tem que ter uma foto no Cristo Redentor. Se eu vou no show do Ozzy eu quero uma foto do Ozzy ou uma camiseta do Ozzy ou uma foto ao lado do palco, mesmo que seja o palco vazio já depois do show,

mas eu quero aquele registro, como numa viagem, que o principal registro da viagem tá na tua mente, que nem no show, pra mim são paralelos, são comparações quase perfeitas.

Pesquisadora: É um pedacinho daquele momento incrível que tu viveste.

H8*: É, e da mesma forma que se tu vai no Cristo Redentor tu não vai ficar o tempo inteiro tirando foto do Cristo. Para uma hora, guarda, olha aquele monumento, olha em volta, olha aquela vista, porque é em 3D e o celular é 2D no máximo. A câmera em 3D e tudo mais nunca vai ser igual ao registro dos teus olhos, da tua mente, cheiro, vento, luz, tu nunca vai conseguir copiar aquilo de novo.

Pesquisadora: É, e essa preocupação de registrar a gente sempre tinha, antes da fotografia a gente desenhava o que estava vendo, mas o celular, por ser tão fácil o acesso – e tirar muitas fotos depende só da capacidade do teu celular – acho que gera essa ansiedade de que tu precisas estar registrando, tipo, nossa, eu posso, eu tenho celular e tá todo mundo usando.

H8*: É, e a inexperiência das pessoas em cima disso, por exemplo, eu posso registrar o show do meu artista preferido, vou tirar 300 fotos do show, cara tu tirou 300 fotos, daquilo ali só vão servir no máximo 12, as pessoas que não trabalham com isso ou não tem prática com isso acabam sendo prejudicadas. Foi por pura prática pessoal, experiência pessoal, depois de ir a muitos shows e tirar – teve shows que tirei 200 fotos e cheguei em casa e fui olhar, cara, dessas 200 fotos 80% é lixo, e outros 10% eu vou descartar, então vai sobrar 10% disso e olha lá. Aí que eu me dei conta que não tem porque ter essa ansiedade pra registrar, primeiro porque eu não sou profissional e se eu fosse profissional eu ia registrar cinco pontos e ok, ia ser suficiente pra tudo. A galera que registra tudo em shows, a galera que fica gravando meia hora de show, que nem tu vê gente que faz, é um pessoal que não tá habituado com aquilo e acha que aquilo é fundamental pra o dia de amanhã ou pra aquele momento ser eterno. E não é. Definitivamente não é, é bom pra tu apoiar uma lembrança, talvez seja um termo mais apropriado.

Pesquisadora: E outro ponto além da memória acho que tem a ver com o compartilhamento. Enquanto tu estavas lá tu enviaste algum vídeo, alguma foto pra alguém? Qual é teu hábito em relação a isso?

H8*: Não, eu sou um cara muito reservado em relação às coisas que eu faço, não que eu faça questão de esconder, mas eu não faço questão de expor. Pra eu divulgar alguma coisa, compartilhar alguma coisa, tem que ter sido um momento muito incrível, um momento muito absurdo, absoluto, mas ainda assim sendo esse momento, eu não faço naquele momento, naquela situação, porque aquilo é só especial pra mim naquele exato momento, porque essa emoção maravilhosa, essa tonelada de emoção eu não vou dividir com a atenção do Facebook. Eu vou tirar uma foto daquele momento e depois quando eu chegar num hotel, quando eu chegar em algum lugar eu pego e compartilho com as pessoas. Mas é uma coisa minha. Mas sim, a galera faz, das 200 fotos, 100 são lixo, 50 são pra compartilhar com o pessoal. Tu vê nas pistas de show o pessoal pegar e mandar áudio do Whats da música no momento. Sai um áudio horroroso, saiu um áudio todo estourado, não tem necessidade daquilo. A pessoa que vai ouvir do outro lado vai achar uma merda.

Pesquisadora: É um pouco daquilo: “Ah, quero mostrar que tô aqui agora”.

H8*: Exato, aí é aquela coisa de superexposição, que a Sociologia e a Comunicação sabem muito bem.

Pesquisadora: Mas dos registros que tu fizeste, tu compartilhaste em algum lugar depois?

H8*: Dos que eu fiz no show, não. Mas os registros sobre o show, sim. Quando eu estava indo pra o show com a minha namorada eu tirei e postei: “estamos indo para o show”, e lá, quando tava eu, o meu pai e ela, tiramos uma foto e ele depois quis compartilhar com os amigos dele e até perguntou pra mim: “tu te importa?” e eu: “não, maravilha, compartilha, sensacional”. Mas as coisas essencialmente do show, as fotos que eu tirei ali, eu não compartilhei, mas a minha namorada compartilhou depois algumas fotos minhas nas redes sociais dela.

Pesquisadora: E o que tu fazes com os teus registros?

H8*: Guardo eles numa nuvem, bonitinha. Primeiro vai tudo lá num álbum: “show do Roger Waters dia tal”, coloco todas as fotos lá, aí vou olhando elas, excluindo as porcarias, as fotos tremidas, as fotos iguais, as fotos desnecessárias. Como, por exemplo, já aconteceu de eu ir a um show do Ozzy, que fui mais de uma vez, “cara, vamo vê como foi o show da última vez”, aí tá, eu vou no show do Ozzy amanhã, vou ver as fotos do último show dele que eu fui. Como se fosse uma emenda daquele momento, daquela emoção, com a emoção seguinte.

Pesquisadora: Tu antecipas o que vai vir, lembrando o que tu viveste?

H8*: Não só antecipar, mas eu diria que é dar um colorido a mais àquilo. Uma coisa que sempre faço antes de ir num show é ouvir a discografia desse cara. Eu vou ouvir a semana inteira o DSOFTM, por exemplo, porque tu vai entrando no clima, vai fazendo o dever de casa pra o show também. Se tu não é tão fã assim, mas recordar, às vezes bate uma nostalgia, uma vontade de ver, viver de novo, aí é legal, é muito bom ter um registro teu disso, de um momento que tu viveu e que tu não vai achar em nenhum áudio, em nenhum álbum dele e em nenhum vídeo no YouTube. É uma coisa tua. Porque tu até potencializa assim olhando, “bah, olha como eu era pirralho, tirava as fotos tudo tremidas”, e amanhã, oito anos depois, sei lá, eu vou tirar uma foto e eu tenho certeza que vai ser muito melhor. Tu faz um comparativo de tempo social, isso é muito legal e isso é único, e isso tu só consegue fazer com os registros.

Pesquisadora: Qual é o teu modelo de celular? E qual a tua relação com ele?

H8*: É um LG G4, o que me fez comprar esse telefone foi a câmera do celular, pensando nos shows. Ele tem uma câmera boa, que tem ali 3 opções, a opção toda automática, que eu só levanto o celular, posiciono ali e ele faz toda a configuração que ele julga ótima pra isso, e tem um modo mega analógico dele, que daí tu vai ajeitar ISO, obturador dele, disparador, aí tu consegue fazer uma foto que, aí sim, só com prática, mexendo e entendendo o mínimo de fotografia que tu vai conseguir tirar.

Pesquisadora: No show tu chegas a ter esse cuidado de mexer e tal?

H8*: Sim, eu costumo pegar uma música que assim, é uma música que eu gosto mas que não é uma música fundamental, aí eu pego essa música pra fotografar e brincar com as fotos. Aí eu pego o celular nesse modo mais analógico, e aí eu tento ali, no momento, produzir uma foto mesmo. Um momento muito legal que teve nesse show pra mim foi na hora que o Roger tava andando, acho que era na música Pigs, com a máscara do porco e com o cartaz “*Pigs rules the world*”, e tava chovendo, e eu lembro de olhar ele da lateral do palco, tinha um spot de luz projetado em cima dele, e os meus olhos humanos viam os pingos do feixe de luz do spot, e uma foto automática não pega aquilo. Aí eu pensei: “isso é uma foto que eu quero, eu quero recordar o momento do Roger na chuva, com a máscara de porco, o cartaz e o negócio da chuva”, aí abri minha câmera no modo analógico, mexe no obturador, mexe no ISO e pa pa pa, deu, consegui a foto. Aí sim, aí é mais do que só um registro, é um desafio pessoal, tipo “vou produzir uma foto!”. Eu não sou um fanático por fotografia nem nada, mas eu acho muito legal, e eu admiro muito quem entende a teoria por trás disso e tem como tu registrar sentimentos sabendo mexer com câmera. Eu tento brincar com isso.

Pesquisadora: Que legal, e dá tempo de fazer isso também no show?

H8*: Dá tempo, no show do Roger Waters que tem 3 horas, uma hora dá tempo (risos).

Pesquisadora: E faltou bateria no teu celular durante o show?

H8*: Outra coisa que me fez muito feliz com o LG é conseguir trocar a bateria. Ele abre atrás e eu tenho outra bateria igual. Até por causa do seguinte, acaba a bateria no show, o problema não é eu deixar de registrar, o problema é eu não conseguir voltar pra casa. Aí se acabar a bateria no show, beleza, não vou mais gravar nada, mas aí eu tenho uma bateria cheia pra voltar pra casa, pra eu me virar. Porque sim, as pessoas dependem muito do celular hoje. Meu celular é defasado já hoje e uma coisa que me impede muito de trocar ele é a questão da bateria, porque esse meu eu abro a bateria e troco, tenho sempre uma bateria igual na mochila, e não é um powerbank, é uma bateria original mesmo. No dia tenho o dobro de carga no celular em trinta segundos.

Pesquisadora: E a câmera é bem boa também, né?

H8*: Sim, tem 18 megapixels eu acho.

Pesquisadora: E sinal de internet, como foi durante o show?

H8*: Uma porcaria, não funciona.

Pesquisadora: E isso despertou alguma reação em ti?

H8*: Não, eu já fui sabendo que não ia ter sinal, que não ia ter possibilidade de me comunicar com ninguém, pela massa de gente que teria ali.

Pesquisadora: E tu nem usou ele, não precisou usar durante o show?

H8*: Não, eu sempre aviso as pessoas – as que deixo de sobreaviso que é meu pai, minha mãe e minha namorada, quando não estão comigo –, eu sempre aviso que de tal a tal

horário vou estar incomunicável. E aí se precisar se comunicar é só saindo do estádio, saindo daquela massa de 40 mil pessoas pra conseguir um sinal.

Pesquisadora: Acho que tu me respondeste tudo e além, mas enfim, tem alguma coisa que tu queiras destacar pra encerrar, da experiência do show e talvez até do que tu tens observado... Tu estavas bem na frente, então não sei se tu chegaste a ver se o pessoal usou muito o celular a tua volta, se tu reparaste nisso, se gerou alguma reação?

H8*: Tinha bastante gente com o telefone, mas na primeira metade do show, até porque cansa e gasta a bateria. Mais importante para as pessoas que registrar o show é ter bateria no celular, se não depois tu não volta ou não pode enviar e se exibir com os vídeos (risos). Mas no começo tinha bastante gente com telefone, mexendo, utilizando, depois não todo tempo, mas a coisa que mais me marcou no show mesmo foi aquela coisa de a experiência audiovisual mexer comigo, todos os quatro sentidos possíveis foram estimulados ao mesmo tempo e de forma harmônica durante o show.

Pesquisadora: E tu conseguiste sentir a energia assim do público?

H8*: Muito, muito, porque é um show que provoca coisas nas pessoas, nos atos, nas manifestações políticas ali, tu sentia quem tava concordando, quem não tava concordando.

Pesquisadora: Teve algum desconforto?

H8*: Teve, teve. Quando ele citou os neofascistas eu fiquei com o desconforto não pela minha opinião política, mas pelo fato de claramente haver uma divisão enorme ali e ter um grupo de, vamos dizer, 50 mil pessoas, 25 pró e 25 contra, tu fica com medo que, vão que daqui a pouco um gruda a mão na cara do outro e em um efeito manada todo mundo se quebrando em um estádio fechado... ali eu fiquei com muito medo. Mas foi uma coisa bem memorável, o medo de uma briga política, e não é uma coisa por causa do show, era o momento que a gente tava vivendo, mas o show provocou isso muito forte. E nesse momento eu fiquei com muito medo, porque eu estudo política, estudo relações internacionais, todos os dias eu estudo política da forma mais fria possível. Ali era exatamente o oposto, ali era a galera “se tu discordar de mim eu grudo a mão na tua cara” e é uma coisa que eu não tô acostumado, eu não sou o tipo de estudante militante de qualquer causa, mas ali eu fiquei assustado.

Pesquisadora: Quantas fotos e vídeos tu tiraste?

H8*: Bah, minhas mesmo não sei te dizer, até porque nesse álbum eu juntei outras pessoas que tiraram fotos, vários amigos que foram e compartilharam essas fotos, eu guardei tudo no mesmo álbum.

Pesquisadora: Mas tu reconheces quais são as tuas?

H8*: Sim, até pela posição e pela câmera mesmo.

Pesquisadora: Ah, eu gostaria de ver a foto que tu falaste do Roger na chuva com a máscara e com a placa. (Vi a foto e comentamos como é difícil fazer a chuva aparecer sem desfocar a pessoa. Ele me mostrou também a foto que tirou durante a música *The*

great gig in the sky, e eu comentei que ele estava muito perto mesmo). E o Roger passou por vocês também, apertou a mão de vocês né, tu filmaste nessa hora?

H8*: Não, nessa hora ou eu filmo e perco a chance de tocar nele ou eu toco nele, e ah, tocar nele eu só tenho uma chance na vida.

Pesquisadora: E tu conseguiste?

H8*: Consegui tocar bem de levezinho.

Pesquisadora: Esse momento deve ter sido incrível.

H8*: É, foi maravilhoso. E depois vimos que estávamos no vídeo no perfil oficial dele no Facebook.

Pesquisadora: E tu viu os registros que tu fizeste no outro dia?

H8*: Vi, principalmente o do prisma, é o que eu mais fiquei vendo depois.

Entrevistado 3 | Identificação: H19* | Idade: 18 anos | Data da entrevista: 21/12/2018 | Local da entrevista: Z Café do Shopping Iguatemi em Porto Alegre.

Pesquisadora: Como foi a tua preparação para o show?

H19*: Eu escolhi ir pra o show de última hora, no último dia, eu gosto do Pink Floyd e queria muito ir no show mas não achava ninguém pra ir, aí acabou que a minha colega resolveu ir também no último momento. Chegamos meio atrasados no show. É, foi de última hora, mas foi isso, mais ou menos. Perdemos o show de abertura, chegamos uns 20 minutos antes do show do Roger Waters.

Pesquisadora: Conseguiu comprar ingresso na última semana?

H19*: Consegui, um dia antes eu consegui comprar, ainda tinha ingresso.

Pesquisadora: Por que escolheu esse setor?

H19*: Eu sou muito fã de Pink Floyd e a minha amiga também, e como era um show grande e fazia tempo que eu não ia em show e tinha um dinheiro que já vinha economizando há um tempo, então aí vi o preço, combinei com o meu pai, e achei que pra esse show valia a pena ver de perto. Acabou que valeu a pena, acho que valeu.

Pesquisadora: Então tu decidiste na véspera?

H19*: É, na véspera, sim.

Pesquisadora: Mas mesmo que tu tivesses que ir sozinho, tu não terias ido?

H19*: Se eu tivesse que ir sozinho eu acho que não teria ido, porque eu não sou muito de sair, então se fosse pra ir sozinho no show, mesmo que eu gostasse muito eu ia ficar tipo 'putz, muita mão pra ir sozinho'.

Pesquisadora: Então vocês combinaram antes e já foram juntos?

H19*: Na verdade nós combinamos de nos encontrar lá, ela chegou antes e eu cheguei atrasado.

Pesquisadora: Quase foi sozinho então (risos).

H19*: Quase fui sozinho (risos).

Pesquisadora: Conseguiram se encontrar lá dentro?

H19*: Foi um pouco complicadinho mas conseguimos nos achar.

Pesquisadora: Qual foi a distância que vocês ficaram em relação ao palco?

H19*: Tinha umas três ou quatro filas de pessoas, então estávamos bem perto. A pista tava bem vazia e pelo jeito teve bastante gente que se atrasou também, porque depois começou a vir um monte de gente e fechou atrás de nós. Bem no começo ou depois que o show já tinha começado parece que chegou mais gente.

Pesquisadora: Te lembras do momento em que começou o show, o que tu sentiste?

H19*: Eu lembro que antes de começar o show estava todo mundo tentando encontrar o Roger, “Ah olha aí o Roger”, mas aí era alguém do som. Todo mundo nessas de procurar ele olhando para o palco e aí quando ele apareceu foi: “nossa, caralho, é real, o Roger Waters, o próprio!” Aí foi meio que surreal. O sentimento foi tipo: “nossa, é real, tô muito próximo do cara, o mesmo cara que fez as músicas de não sei quanto tempo, que meu pai gosta das músicas, é esse cara”. E meu pai não pode ir no show porque estava trabalhando.

Pesquisadora: Como tu descreves a experiência desse show?

H19*: O começo foi meio surreal, até tentando fazer com que caísse a ficha de que era realmente o Roger... Aí depois, aos poucos foi, comecei a perceber como era incrível o show em si, como era diferenciado em relação a qualquer show que já fui, porque a produção era incrível, os efeitos sonoros, toda a produção de luzes e efeitos de luz e imagem... Não era só o show do próprio Roger, era um negócio muito, muito envolvente. Foi uma experiência muito diferente de qualquer coisa, de show que eu já tinha ido.

Pesquisadora: Tu chegaste a ver algum vídeo antes de algum show dessa turnê?

H19*: Não, não cheguei a ver. Fui completamente sem saber o que seria o show. Procurei também não ver, porque ia meio que estragar a surpresa se eu fosse ir no negócio tendo visto algo antes. Meu objetivo era mesmo ir sem ver antes e acho que valeu a pena.

Pesquisadora: Não acabou recebendo *spoiler* sem querer? Já que estava todo mundo falando sobre o show nas redes.

H19*: Olha, pela maior parte eu passei ileso, na verdade. Eu recebi um pouco de *spoilers* sobre os efeitos de luz e tal. E teve *spoiler* também do negócio do “ele não” e aquilo era o que eu mais estava esperando, quando que ia acontecer isso no show. Eu fiquei surpreso porque isso que mudou até, foi o primeiro show depois da eleição do Bolsonaro e daí eu “putz, o que será que ele vai fazer” e eu gostei, gostei do que ele fez. Ele colocou como se tivesse sido censurado.

Pesquisadora: Tu falaste que difere muitos dos outros shows que já foste. Com que frequência tu vais a shows e o que te faz ir a um show?

H19*: A frequência esse ano foi bem maior, comparado com outros anos. Geralmente eu vou em shows menores, no Opinião ou alguma coisa assim. Frequência tem sido em geral 1 show em cada dois meses. O que me faz ir ao show é realmente tipo, primeiro a companhia, que pra mim é muito importante ter alguma companhia, a não ser que seja a melhor banda que goste eu não vou querer ir sozinho. E eu gosto muito de música, e tem certas bandas que a oportunidade de ver elas de perto, às vezes dependendo se é uma banda menor até interagir com as pessoas da banda e dizer ah, meio que demonstrar um

pouco de carinho pelo trabalho que eles fazem, é mais ou menos isso o que me faz querer ir em show. É um ambiente muito bom.

Pesquisadora: Foste a quantos shows mais ou menos nesse ano?

H19*: Acho que fui a uns cinco shows nesse ano.

Pesquisadora: Qual é teu gênero preferido e a shows de que gênero costumava ir?

H19*: Depende, na verdade eu gosto mais de rock e indie, normalmente. Eu sou mais eclético assim pra música, mas nesse ano os que eu fui foram MGMT, Letrux, Carne Doce, Animal Collective, que é uma banda americana que veio aqui pela primeira vez, e o do Roger Waters.

Pesquisadora: E o maior foi o do Roger Waters?

H19*: Foi o maior e foi o primeiro show em estádio que eu fui, então nunca tinha ido num show grande, então realmente foi 3, 4 vezes maior do que qualquer show que eu já fui.

Pesquisadora: Te planejou para levar algo para registrar o show?

H19*: Não passou na minha cabeça levar alguma coisa pra registrar, tanto que eu fui com o celular com pouca bateria, eu fui querer registrar durante o show, aí comecei a registrar bastante coisa até acabar a bateria, aí até que fiquei feliz porque acabou a bateria e que daí eu não precisava nem me preocupar em querer registrar – eu não ficava naquele debate na minha cabeça se eu registrava ou não. Mas assim, o meu primeiro pensamento lá foi eu assistir, porque se eu estou indo no show é para eu assistir e é uma coisa que não vai ter sempre. O show por vídeo eu consigo ver, tem quantos milhões em YouTube ou qualquer coisa, tem o DVD do show do Roger Waters filmado muito melhor do que eu vou filmar com o celular, então pra mim foi mais para eu ter a experiência de ver o show, basicamente.

Pesquisadora: Em algum momento tu chegou a usar, enquanto ainda tinha bateria?

H19*: Usei pra postar no Instagram do começo do show. E daí eu pensei: tá, tava começando a ter vontade de puxar toda hora o celular, toda música eu queria puxar, aí eu botei na minha cabeça, tá, eu vou puxar no começo quando o Roger entrar, pra eu botar no Instagram, aí uma música que eu gosto muito, eu ia botar *Money* e *Another Brick in the Wall*. Aí acabou que eu botei de *Another Brick in the Wall* e em *Money* eu já não tava mais com bateria pra botar. Aí botei só duas vezes e era isso.

Pesquisadora: Foi nas *stories* ou em post? Conseguiu fazer isso durante o show?

H19*: Foi nas *stories*. Sim, consegui fazer durante o show.

Pesquisadora: E como foi essa logística?

H19*: Meio que foi porque eu já tinha passado por situações em que eu queria gravar tudo e aí acabava gravando todo o show ao invés de aproveitar o show, ficava preocupado

no que eu ia gravar. E aí ficava mexendo no celular, porque às vezes o celular ficava sem espaço, e aí eu não queria passar por isso de novo. Aí assim que eu vi que eu tava puxando o celular toda hora meu pensamento foi de me limitar a certos pontos. Ah, eu vou deixar eu puxar o celular nesse ponto, no resto eu não vou puxar e vou só assistir. Também eu sabia que tinha muita gente que ia ir e filmar e não ia tanto importar pra os outros ver os vídeos quanto eu estar vendo o show lá.

Pesquisadora: E o que te motivou a fazer esses registros que tu compartilhaste nas *stories*?

H19*: Os que eu fiz foi mais assim, só para botar ali como uma recordação do ambiente, tipo, recordar não necessariamente cada música, o show em si, mas recordar o ambiente, tudo, tanto que uma das coisas que postei nas *stories* (na verdade foram três), uma delas não foi do palco, foi tipo só mostrando todo mundo, as pessoas, todos com as lanternas dos celulares ligadas, porque também é isso que faz o show, que eu acho muito importante do show, o ambiente. Então foi meio que pra gravar esse ambiente. E outra parte era mostrar para as pessoas “ah, esse é o tipo de música que eu gosto, eu gosto do Pink Floyd”, então tá aqui, eu fui no show. Então foi por basicamente isso.

Pesquisadora: O que tu achas que define a experiência do show de rock em comparação a shows de outros gêneros?

H19*: Pra mim, eu acho que talvez só o público, mas acho que o show acaba sendo show – apreciar o artista e é isso. Eu acho que um show de funk, desde que seja só um show mesmo eu acho que é uma apreciação ao artista. Eu acho que não tem muita diferença. O que talvez vai ter diferença é se for tipo uma festa/show, onde as pessoas vão para dançar e não necessariamente para ouvir a música, não necessariamente pelo artista. Mas se for realmente um show, eu acho daí que de certa forma é o mesmo, o que muda talvez seja o tipo de pessoas que vão.

Pesquisadora: Tu fizeste então poucos registros, fizeste algum que só ficou no teu celular?

H19*: Esses então na verdade eu gravei primeiro no celular e postei depois nas *stories*. Então esses registros ficaram salvos no celular e era isso. Eu tirei fotos antes e depois do show, tirei foto com a colega que foi comigo e tal, mas fora isso mais nada. Foi só isso.

Pesquisadora: Teve alguma coisa que atrapalhou tua experiência de show?

H19*: Eu me lembro de gente tirando foto e tentando gravar com *flash*, tipo do meu lado e tal, tentando tirar do palco. Isso é uma das coisas que atrapalha. Tipo, o cara pegava, ligava o *flash* pra tirar foto e gravar no meio do show e tava olhando pela tela e me ofuscando com a luz do *flash*. Isso realmente atrapalhou e foi muito chato. E outra coisa era gente da frente botando o celular na tua frente e tapando a tua visão. E eu me lembro que a minha amiga reclamou muito disso porque ela é um pouco mais baixinha que eu e ela não conseguiu enxergar nada em alguns momentos que tapou completamente. Já tem pessoas altas, que aí já fica difícil de ver, aí quando botavam o celular na frente ficava impossível, porque aí era a cabeça deles e o celular no espaço entre a cabeça, no único espaço em que teria pra ver. A única opção que se tinha aí era ver pelo celular do cara, horrível. E isso atrapalhou.

Pesquisadora: E foi constante esse uso?

H19*: Foi, para muita gente foi. Tinha gente que pegava e gravava em algumas músicas, mas tinha gente que tava o show inteiro gravando, muita, muita gente.

Pesquisadora: Chegou a acontecer de pedirem para baixar o celular?

H19*: Sim, a gente pediu pra abaixar. Tinha três pessoas com o celular na nossa frente, aí me lembro que uma vez a gente pediu pra o cara da frente abaixar. A gente deu uma batida nas costas pra ele dar espaço pra gente conseguir ver. Todos os celulares agora são gigantes, era a cabeça do cara e o celular com a tela do mesmo tamanho da cabeça do cara, não tem como.

Pesquisadora: Qual foi o momento mais marcante do show?

H19*: Eu acho que foi os lasers que formaram o prisma. Aquilo ali foi pra mim completamente inesperado, foi incrível, eu gostei muito. É uma coisa que eu nunca tinha visto e não sei se vou ver alguma vez em outro show algo parecido. Foi o ápice, aquilo lá foi incrível.

Pesquisadora: Consegues descrever pra mim como foi?

H19*: A gente estava do lado de um dos lasers, ele tava passando aqui assim da nossa cabeça (faz sinal com a mão ao lado do lado esquerdo do rosto) a alguns metros e foi incrível, a gente tava olhando um tempo a gente tinha visto as quatro estruturas ali e se perguntava o que era, e a gente dizia “ah, deve ser pra coisa de som, deve ser caixa de som”, e aí de repente vem aqueles lasers lá e vai formando aquele triângulo e ainda depois dele vem o arco-íris de luzes e aí foi tipo “putz, incrível”, formou perfeito a capa do álbum e bah, não dava pra acreditar. Eu não sabia que ia acontecer isso e eu fiquei muito feliz.

Pesquisadora: Nessa hora tinha bateria no celular?

H19*: Nessa hora eu tava sem bateria no celular.

Pesquisadora: Esse é o momento que tu sentes mais vivo na tua lembrança?

H19*: Sim, com certeza. Eu me lembro que eu senti vontade de pegar o celular assim que tava pronto, assim que fez o prisma e tudo eu vi e não tava lembrando do celular, aí assim que tava feito o prisma e tal e aí eu me lembrei – “putz celular, acho que essa é a melhor parte do show, tenho que tirar uma foto”. Mas aí lembrei que tava sem bateria. No fim eu fiquei feliz por isso porque eu consegui ficar mais tempo olhando o negócio do que olhando pelo celular. Porque eu garanto que se eu tivesse puxado o celular eu teria ficado tentando tirar um monte de foto, uma atrás da outra e eu não ia olhar o negócio. Além do mais, eu que faço Cinema, acaba putz tirei uma foto, tá meio tremida, não, quero tirar uma foto que fique boa, aí ia perder um tempão lá tentando tirar uma foto e não ia aproveitar o negócio, né.

Pesquisadora: De que forma tu achas que influencia por ser dessa área? Por que tu já tens um olhar de ver e já pensar no enquadramento de cinema e tal... Sabendo que tu tens

o celular que tu pode registrar qualquer momento que tá acontecendo, como se dá isso no show pra ti?

H19*: Pra mim é pior porque eu fico muito perfeccionista sabe, enquanto outra pessoa eu acho que ia pegar automático e tirar a foto eu ainda quero fazer aparecer a cara da pessoa da banda, quero tirar uma foto que pareça bonita e tal, aí perco mais tempo ainda tentando tirar foto. Esse é mais um motivo que eu já não me deixo tirar foto em show, porque já sei que vou perder um tempão tentando tirar foto e regular as coisas da câmera e eu não sou fotógrafo, não tô lá pra isso, não tô ganhando nada pra tirar foto, então resolvi deixar isso pra os fotógrafos que estão lá tirando foto, senão eu sei que vou perder muito tempo.

Pesquisadora: E tu procuras olhar depois do show os registros que outras pessoas fizeram do show que tu foste?

H19*: Eu olho, mas só que eu olho de vez em quando uma coisa que alguém fez e deu. Olho a foto que alguém postou, “ah, essa foto ficou legal”, e era isso. Eu me lembro que às vezes eu vejo as fotos que eu tirei e se eu tirei alguma foto que eu acho que ficou boa, aí eu vejo de vez em quando pra relembra. Mas acaba sendo poucas as fotos que eu realmente volto a ver. Por isso que eu acho que essa questão de tirar poucas fotos funciona porque se eu for tirar um monte de fotos, primeiro que eu não vou ter saco pra ver todos e segundo que eu não vou ver todas mesmo, não vou precisar ver todas, eu preciso de algumas só pra lembrar mais ou menos o que era pra eu já me lembrar do ambiente e do sentimento que tinha no momento e era isso. Acaba sendo mais pra mim as fotos do que para os outros. Então tem as fotos que são pra postar no Instagram, alguma coisa assim, algumas fotos pra mim, que é pra eu lembrar, e é isso. Porque mais do que isso eu acho que se torna simplesmente desnecessário, a partir daquelas fotos tu consegue reconstruir o resto das coisas pela tua memória.

Pesquisadora: O que difere a foto que é pra postar da foto que é só pra ti ter no celular?

H19*: Eu acho que a foto pra postar seria a foto do show. A foto que é pra mim seria uma foto que é minha, uma foto com alguém, uma foto com alguém que eu fui, uma foto do ambiente – que eu virei pra trás pra tirar foto de todo mundo. Essas são as fotos que eu mais guardo pra mim mesmo.

Pesquisadora: Mas uma das *stories* que tu fizeste foi filmando todo mundo, né?

H19*: Foi, mas quando eu filmei todo mundo eu fiz uma rápida assim filmando todo mundo. Mas eu filmei mais de uma ali e eu deixei guardado no celular, com mais detalhes e mais devagar, então essa ficou pra mim. Essa é uma das que mais vejo quando quero lembrar do show, esse vídeo que dá um 360 de todo o show, aí dá pra ver o palco e lembra bem direitinho o show, dá uma ideia de onde eu tava.

Pesquisadora: Em que momentos tu procuras rever isso e o que tu sentes quando tu revêesses registros?

H19*: Geralmente quando tô ouvindo uma música do Pink Floyd ou alguma coisa assim eu acabo lembrando do show e dá vontade assim de rever, dá vontade de ver que nossa, eu estive perto do Roger Waters, isso foi real, não fica só um negócio, uma memória, que

parece quase um sonho... Aí ajuda a concretizar um pouco, nossa isso foi uma experiência que eu tive e eu tenho aqui gravado. Nesses momentos que ajuda bastante e que eu costumo rever.

Pesquisadora: Como o que tu gravaste se relaciona com a memória que tu já tens do show?

H19*: É porque eu tenho uma memória muito fraca, pra começar, então já qualquer coisa assim eu já meio que esqueço dos detalhes, eu me lembro do show mas cada vez vai degradando mais a memória que eu tenho da coisa. Então isso me ajuda a lembrar bem como era, principalmente passando o tempo assim eu vou lembrar como foi exatamente e onde eu tava e tal. Porque eu sei que se eu não tivesse gravado aquilo provavelmente daqui a dois meses por exemplo eu ia te dizer que tava do lado direito, eu ia ter uma história muito desconexa, então isso ajuda a consolidar as memórias que eu já tenho de todo o show, só aquela parte ali não me faz só lembrar daquele momento só, mas me faz consolidar todo o resto do show na minha memória.

Pesquisadora: Então, por exemplo, ter filmado aquele outro momento te ajuda a reconstruir as partes daqueles outros momentos em que tu não tinhas o celular pra gravar?

H19*: Exatamente isso, tipo, filmar um pouquinho é o bastante para me ajudar a recriar o resto que eu não precisei filmar. O pouco que eu filmei ali que é mostrando o lugar que eu tava, o que eu filmei ali reconstrói o resto da minha memória, sabe, me faz me lembrar de tudo que eu preciso pra me lembrar direitinho do show.

Pesquisadora: O que está envolvido quando tu lembras da experiência de show? O que mais está envolvido nesse teu ato de lembrar?

H19*: Todos os sentimentos que eu já disse que eu tinha sentido lá, só a imagem me traz só de volta a imagem, uma concretização da coisa. Dos sentimentos eu não esqueço, mas tendo a imagem me ajuda a concretizar e assim me ajuda a lembrar das coisas que eu senti durante o show. Eu olho a imagem e aí eu penso: “nossa, aquilo ali, eu me lembro e tal”. Eu vejo a imagem da tela e lembro que no início passou um filminho ali, eu lembro do que eu senti quando iniciou, sabe, assim que terminou, eu me lembro de tudo daí. A imagem faz eu ver coisas que me lembram outras coisas.

Pesquisadora: De todos os shows que tu já foste, sempre conseguias fazer um pequeno registro assim, te ajuda a lembrar melhor?

H19*: Justamente como eu tenho uma memória ruim eu costumava fazer registros, só que daí eu pegava e filmava tudo, por um bom tempo eu pegava e filmava tudo. Só que daí eu via que eu fazia só registro de imagens e eu não sentia nada enquanto eu tava no show. Tá, tinha ali a imagem, mas o que eu tava sentindo? Nada, porque eu tava vendo só pelo celular pra poder filmar, então depois que eu estabeleci esse meio termo comigo mesmo daí que eu consigo lembrar do sentimento que eu tive, porque eu tive o sentimento, porque eu tava vivendo, e ainda eu tenho aquela imagem que é só pra concretizar tudo que eu vivi.

Pesquisadora: Desde quando tu tens essa percepção sobre isso e passaste a gravar menos?

H19*: Foi desde o primeiro ou segundo show desse ano. Eu me lembro que eu tive um problema com o celular, eu tava tentando gravar e aí eu tava tendo um monte de problema, primeiro travou o celular, depois ficou sem espaço na memória interna, daí eu me lembro que eu fiquei ali durante o show tentando apagar coisas pra filmar mais, aí passou uma das músicas que eu mais gostava e aí, cara, passou a música e eu mal ouvi que passou... Aí eu pensei, “ah, não vou mais fazer isso!”, eu fiquei irritado com meu celular, fiquei irritado comigo tentando gravar e aí eu botei o celular no bolso e não gravei mais nada naquele show. Aí a partir disso eu vi que não é bom isso, eu posso gravar mas eu não posso gravar todo o show, eu tenho de ver o show. Eu tô pagando pra ver o show, se eu quisesse ir só pra gravar eu via pela TV, não preciso estar no show... Show é pra ter essa outra coisa que são os sentimentos que tu tem durante o show.

Pesquisadora: Como essas experiências de show se relacionam com tuas outras experiências do cotidiano?

H19*: Ah, tipo essa coisa de filmar eu tinha também com tirar foto. Por exemplo, eu ia viajar pra algum lugar e tem uma paisagem, aí muitas das vezes que viajei eu não tava vendo a paisagem, eu só me lembro de estar tirando as fotos, eu não me lembro da paisagem em si. Então outra coisa que passei a me cuidar mais, não só em show, em qualquer coisa que eu ache importante: eu vou primeiro viver. Tirar alguma foto, tudo bem, pra lembrar, mas acaba que ficar uma viagem inteira tirando foto tu não aproveita nada dela. A menos que seja um lugar que eu tenha muito tempo para tirar foto ou um lugar que fui só para tirar foto. Aí eu fico, sei lá, uma meia hora só apreciando o lugar, aí só depois que eu já senti o que eu tinha pra sentir eu vou lá tirar as fotos que eu quero tirar. Mas se for uma coisa que é assim agora, que vai durar pouco, eu não vou mais ficar tirando foto, vou tirar só uma foto e não vou me preocupar com quanto bem ela saiu. Isso é uma das coisas que eu levei pra o cotidiano, que é a mesma mentalidade que eu tenho no show agora.

Pesquisadora: Ao que tu atribuis esse tipo de ansiedade de registrar tudo, de ter a melhor foto? Ao que tu achas que se deve isso?

H19*: Acho que é exatamente o que tu falou, a ansiedade, tu vê uma coisa e fica pensando nossa, preciso tirar foto disso daqui. Se tu não tirar foto é como se não tivesse memória, se eu não tirar foto disso daqui eu vou esquecer completamente como se isso não tivesse acontecido. O que não é verdade, óbvio que não é verdade, tu vai manter na memória o negócio, mas é uma ansiedade que tu precisa mesmo tirar a melhor foto e entra numa coisa que, assim como a ansiedade, é totalmente irracional... Um pensamento ruim, um pensamento de angústia que é irracional e que se tu, tipo, parar um pouco pra pensar, tomar teu tempo, respirar fundo, tu percebe que não é assim, calma. Teve uma viagem que eu fiz pra Natal, eu não me lembro quase nada dessa viagem, das paisagens. Eu lembro que eu fui lá ver um rochedo, era tipo um negócio que a gente ia indo com guia turístico, a gente foi pra todos os pontos turísticos que tinha em Natal, tinha pouco tempo pra ver cada coisa, e eu passei quase todo tempo tirando foto dos locais e eu não lembro direito de ver as coisas neles. As únicas memórias que eu tenho são o enquadramento da foto, então tipo, se tu me perguntar o que tinha ao redor eu não vou saber te dizer porque eu não tenho ideia. Eu não parei pra observar ao redor, eu parei pra observar o enquadramento da foto. E aí que eu parei pra pensar. E isso foi antes do show, eu já tinha começado a perceber isso antes daquele show com essa experiência da viagem que eu tinha feito.

Pesquisadora: A partir daquele momento tu começaste a falar com alguém sobre isso ou foi só a partir dessas tuas sensações que foi mudando tua mentalidade a respeito disso?

H19*: Foi essa sensação e eu falei um pouco com o meu irmão e com o meu pai sobre isso. Porque eu perguntei pra eles: “que foto vocês tiraram e tal?”, aí meu pai que ama foto e leva a câmera pra tudo que é lugar, ele disse: “pô, tu tirou um monte de foto, nem eu tirei tanta foto assim”. Aí ele foi perguntar pra mim, conversando com minha mãe e com meu irmão, “ah, vocês lembram disso e daquilo”, e eu falei: “ah, não lembro, eu tava tirando foto”. Aí meu pai falou: “tu deveria ter visto, porque tu ficou tanto tempo tirando foto ao invés de olhar? Tô te levando aqui pra olhar e não pra tirar foto. Foto tu acha no Google”. Aí eu: “putz, verdade, eu não sei porque eu fiquei tanto tempo tirando foto”.

Pesquisadora: Chegou a postar essas fotos?

H19*: Eu ainda não cheguei a postar, mas acho que vou. É uma ansiedade comigo mesmo de que eu ia esquecer, era medo pra mim de que eu ia esquecer e que eu precisava tirar essas fotos e que era um lugar muito bonito então era minha obrigação tirar fotos daquele lugar porque era muito bonito.

Pesquisadora: Então pra ti a principal motivação pra filmar durante o show é a relação com a memória, e pelo que tu falaste parece que tem um duelo interno entre viver a experiência, porque ela vai te dar uma memória disso, ou registrar pra poder voltar pra ela depois. Então, nesse show tu achas que tu conseguiste ter os dois, ficou tranquilo quanto isso, ou como tu ficaste em relação a esse show?

H19*: Exatamente. Eu acho que no show eu consegui ter realmente os dois. Foi exatamente que eu consegui ter o bom equilíbrio entre os dois, ter alguma coisa pra ajudar a lembrar mas essa coisa que eu tenho ajuda a lembrar o que eu senti, então eu cheguei a sentir alguma coisa e o que eu tenho é só pra relembra o que eu senti. Não é como se eu não tivesse nada, que daí fica mais difícil lembrar, e também não é como se eu tivesse perdido o tempo todo só olhando pra uma tela e daí eu olho para as fotos e não lembro de nada e não sinto nada.

Pesquisadora: Consegues lembrar do que tu estavas sentindo revendo isso?

H19*: Sim, do sentimento de euforia da hora e tal, lembro bem vividamente o que eu tava sentindo no momento.

Pesquisadora: E tu comentaste que teu pai é fã também, tu falaste pra ele depois do show, mostrou algum vídeo ou foto do show?

H19*: Eu mostrei pra ele alguns vídeos sim, mas eu não usei todos os meus registros, porque que eu sabia que muita gente foi no show, então eu lembro que mostrei algumas coisas no Instagram de alguns amigos meus que ficaram filmando o tempo todo, algumas músicas, aí ele perguntava “ah, tu filmou tal música?”, aí eu dizia que não e via se algum amigo tinha filmado pra eu mostrar. Aí eu contei pra ele sobre a minha experiência do show. Consegui achar filmagens de outras pessoas para mostrar pra ele. E consegui descrever pra ele coisas que eu não teria conseguido filmar e que ninguém conseguiria filmar ali no show, descrever o que as pessoas estavam gritando, o que tava acontecendo, enfim, descrever o ambiente, coisa que não dá pra passar numa câmera de celular... É

muita coisa ao mesmo tempo, atrás de ti, na frente, o show não é só o palco, o show é uma experiência completa, todos os lados e todos os sentidos. E o som vinha de muitas caixas de som, uma hora parecia que tinha um helicóptero, isso é uma coisa que tu não ia conseguir captar com o som do celular de forma alguma, tecnicamente pelo celular não vai. Tem tipo, lá era quantas mil caixas de som 80.1, sei lá, e no celular o som é *dual channel*, vai ouvir sei lá, no fone, em duas saídas de som...

Pesquisadora: E como tu direcionavas tua atenção, já que era muita coisa ao mesmo tempo acontecendo, tu se guiavas um pouco pelo que as pessoas estavam olhando?

H19*: Tinha vezes que tinha gente olhando pra um lado e outras pra outro, eu olhava pra os dois lados, ficava trocando assim. É outra coisa também, tu fica olhando, fica vendo tudo que é lado. E isso me deixou ficar atento, sem mexer no celular, olhando pra tudo que é lado e acabar olhando tudo. Eu sinto que não teve nada que eu perdi, realmente, tudo que tinha pra olhar eu olhei.

Pesquisadora: Eu lembro da parte da música *Brain Damage* em que tem a risada do louco e parecia sair de um lado e todo mundo que estava daquele lado da arquibancada começou a gargalhar junto.

H19*: Sim, realmente, é incrível, é uma coisa que só estando ali que tu vai experienciar uma coisa dessas. Isso é uma coisa que tu não vai conseguir contar de jeito nenhum em vídeo.

Pesquisadora: O vídeo não vai mostrar de onde vinha o som.

H19*: Sim, onde tu vai conseguir mostrar a reação das pessoas, não tem, é impossível, é como eu disse, o show não está só ali na frente, o show é em muitos lugares.

Pesquisadora: Talvez depois saia DVD do show, pra ti é importante que saiam registros assim pra daqui a uns anos ajudar a lembrar?

H19*: Se sair um DVD eu acho muito legal, porque daí tipo tu tem um negócio mais profissional feito e daí já ajuda também a lembrar. Então tem as minhas coisas ali que eu gravei que são poucas, do lugar onde tava, que me ajudam a lembrar onde eu tava, e aí o resto ali vai me ajudar, pô ver algo exatamente ali algum detalhe do show que talvez eu possa esquecer, aí pô, seria um negócio perfeito ter o DVD. Mas acho que acaba não sendo tão necessário, pela quantidade de gente que teve gravando o show é só eu pesquisar no Google “show do Roger em Porto Alegre” e eu vou achar vários vídeos de vários ângulos. Então seria só pra ter algo mais profissional ali que se eu quiser ver tá ali, não preciso sair procurando. Seria legal, mas não acho que seria necessário pra eu lembrar alguma coisa. Porque tudo que eu preciso pra lembrar eu já tenho, seria só uma conveniência, digamos.

Pesquisadora: Tu me falaste que foi o teu primeiro show em estádio. Além disso, o que destaca ele entre todos que tu já viste?

H19*: Pra mim, primeiro que foi do Pink Floyd, acho que eu nunca achei que fosse ver um show do Pink Floyd. Segundo, o fato de que foi no estádio já foi muito marcante pela quantidade de pessoas. Mas eu acho que não tenha tido um show com tantos efeitos

quanto esse do Roger. Porque realmente, eu nunca fui num show com efeitos que fossem em cima de ti, atrás, com um porco voando no estádio, isso eu acho que realmente, é uma junção de tudo assim. Por isso que eu digo que foi uma experiência incrível.

Pesquisadora: É, é muito diferente. Tu comentaste um pouco comigo das pessoas que estavam filmando na tua volta, tu já reparavas nisso antes ou é a partir desse ano que tu começaste a ver que, “nossa, realmente tem muita gente usando o celular”. Que reações isso te desperta?

H19*: Não, eu já reparava nisso antes, mas eu só reparava, porque eu meio que fazia parte disso, tava gravando junto e tal, então eu só reparava, “nossa tá todo mundo filmando e tal”. Eu já sentia um pouco, “ah, hoje em dia parece que tá todo mundo só filmando, não tá vivendo o negócio”. Passava pela minha cabeça mas eu não pensava muito a fundo. Foi só a partir de quando eu percebi que eu não lembrava das coisas que eu vi que é um problema mesmo. Pra mim, pelo menos, não importa quanto as pessoas digam pra mim que não é bom, eu acabo só aprendendo mesmo quando eu vejo pessoalmente, passo pela experiência de que tipo, isso realmente não é bom, perdi não sei quanto tempo do show e não valeu pra nada tudo isso que eu gravei.

Pesquisadora: E eu lembro que eu até comentei com vocês naquele dia que têm alguns shows já que estão usando aquele sistema de bloquear o uso de celular. As pessoas precisam colocar ele numa bolsa e trancá-lo, e só desativa a tranca quando elas saem do estádio. O que tu sentirias se tu fosses em um show e soubesses que é proibido usar o celular?

H19*: Daí eu já ficaria, primeiro, meio porque eles querem fazer isso? Será que é pra o nosso bem ou será que eles não querem que filmem e vá parar na rede social a música deles, copyright, ver se não é por questão monetária, com interesse financeiro. Mas digamos que não fosse isso, eu acho que é uma ideia legal mas eu acho que vale mais a conscientização de dizer que tipo, cara, tu vai perder o show, do que necessariamente impedir de fotografar ou gravar no show. Porque pra mim, por exemplo, eu iria gravar uma ou duas músicas, tirar uma foto, mas eu ia, sabe, ia já ser uma coisa que atrapalha um pouco, mas realmente, é um problema a quantidade de gente que usa o celular e atrapalha os outros, então talvez uma boa solução pra isso seria fazer o show em arquibancadas em que as pessoas não atrapalhassem umas às outras ao filmar. Eu acho que é um pouco radical e eu fico meio dividido. Não sei se realmente seria uma coisa boa. Só estando num show desses pra eu ver como seria na prática. Eu fiquei meio dividido, talvez seria bom, mas talvez seria radical demais.

Pesquisadora: Eu lembro que eu vi ele argumentar que ele precisa desse retorno do público até pra saber o que ele vai fazer na música seguinte e se as pessoas não estão realmente lá ele não consegue ter esse retorno pra continuar.

H19*: Mas quem sabe pelo menos algo do tipo, pessoal, baixa o celular, prestem atenção em mim, vocês não precisam prestar atenção no celular.

Pesquisadora: Ele começou fazendo isso e depois ele resolveu radicalizar.

H19*: Na prática realmente se torna um problema difícil de resolver. Proibir todo mundo ou não? Aí fica difícil. Porque, se fosse pra mim, um monte de eu vendo o show, se todo

mundo fosse eu e pensasse como eu, eu diria, por favor, não proíbe porque vou tirar uma foto e deu. Mas eu não sou todo mundo, então provavelmente vai ter gente que não vai estar nem aí e vai continuar gravando. Talvez vai ser chato se acabar sendo essa a melhor solução, de ter que proibir de usar o celular, mas talvez seja melhor do que ninguém conseguir ver o show.

Pesquisadora: E ao mesmo tempo têm os momentos que tu falaste que as pessoas usam o celular pra iluminar com a lanterna.

H19*: É, uma coisa muito legal quando todo mundo pega o celular pra fazer coisas com as luzes, é uma relação que tu faz com o artista, forte assim, todo mundo tá junto contigo com as luzes. É, tem essas dualidades, é bom mas ao mesmo tempo não é bom, pra algumas é bom tem o celular mas em outras pode atrapalhar muito. É algo que eu não consigo ter uma ideia do que seria a melhor solução, deixar assim ou não deixar assim.

Pesquisadora: E qual é a tua relação com o teu celular, qual é o modelo que tu tens?

H19*: Eu tenho um Galaxy Note 4 e eu não consigo ficar sem o celular. Eu digo que eu tô viciado no celular, viciado em tecnologia como eu garanto que a maioria está hoje em dia. Eu diria que é um vício porque vício pra mim nunca é uma coisa boa, porque vício pra mim é quando o negócio começa a te atrapalhar de fazer outras coisas. Quando tu começa a fazer aquilo ao invés de fazer um trabalho ou algo que tu precisa fazer, é um vício e aí atrapalha. Então acho que no começo eu usava muito, mas já se tornou um vício e vem atrapalhando bastante, sei lá, eu vou fazer um trabalho e me vejo mexendo no celular em dez segundos... Essa é a minha relação, eu tô sempre mexendo nele. Poxa, ele me ajuda muito, eu consigo fazer o que eu quiser, consigo falar com todo mundo na hora que eu quiser, não consigo viver mais sem o celular, mas daí não só pela questão do vício, mas eu tô tão acostumado com tantas coisas, tipo o *Maps*, quando usar o *Maps*, quando preciso falar com alguém ou saber de alguma informação, me ajuda muito. Daí eu tenho também que me estabelecer limites de vez em quando, quando eu tenho de fazer alguma coisa tenho de deixar o celular de lado, deixar ele em outra peça da casa, assim sabe, então também tem a parte boa e a parte ruim. Mas se fosse me perguntar se é pra ter celular ou não, pra mim eu diria que é importante, acaba no fim trazendo mais coisas boas do que coisas ruins, mas só tu tem que ter noção que querendo ou não ele vai se tornar um vício que tu vai ter que meio se autorregular quanto à utilização dele, basicamente.

Pesquisadora: E o que te fez optar por esse modelo que tu tens?

H19*: Primeiro, eu não escolhi... Eu tinha um outro e me roubaram. Então o que eu escolhi e que me roubaram era um LG B20, comprei pelo Mercado Livre. Eu sou muito interessado por tecnologia, então o que me fez escolher foi principalmente o preço, que não era muito caro, comparei as especificações dele com outros modelos, como processador, quantidade de *ram*, isso já era muito importante pra que ele durasse bastante tempo. Me interessava bastante também porque ele permitia trocar a bateria e ser possível ter uma bateria secundária, que poderia trocar caso viciasse e assim eu poderia ter um celular por mais tempo. O fato da câmera ser boa, porque gosto muito de tirar foto e ele tem um bom sistema de som, porque eu gosto muito de ouvir música no celular. Essas foram as coisas que me fizeram escolher ele. Mas aí o mundo levou (risos). Daí eu estou usando um que peguei emprestado do meu pai, esse não escolhi nada, era um antigo dele. Foi esse que usei no show.

Pesquisadora: E tu sentes diferença na tua relação com esse comparado ao outro?

H19*: Eu sinto falta do meu outro porque ele tinha várias coisas que eu achava legal, ele tinha uma telinha assim... Ah, eu sou muito nerdzão com celular então era tipo, ah, ele tem umas coisas diferentes então queria muito ter meu celular. Mas pra questão de usar no dia a dia não faz diferença assim. Se não fosse só esse *geek out* de celular em questão de função ele faz o que eu preciso.

Pesquisadora: Durante o show como foi, tu conseguiste usar internet lá?

H19*: Não, eu tava sem. Eu queria inclusive ouvir uma última vez o álbum antes de começar o show e não consegui. Pois é, fiquei completamente sem internet, mas né, acabou que eu fiquei sem bateria também então de qualquer jeito eu tava totalmente fora. Única coisa que atrapalhou mesmo de ficar sem internet foi depois pra conseguir Uber. Mas fora isso pra mim não atrapalhou muito.

Pesquisadora: Tu acabaste postando depois daí?

H19*: Sim, eu filmei ali, postei na hora, e deixei o negócio postar automático quando eu entrasse no Wi-Fi depois.

Pesquisadora: Qual foi a repercussão disso nas tuas redes?

H19*: Foi mais ou menos o que eu esperava, pessoas dizendo “olha, que legal, tu foi no show”, “como é que foi o show”, foi tipo as perguntas semi interessadas das pessoas, meio que pra interagir e pra dizer, legal, tu gosta de Pink Floyd. Algumas pessoas que estavam lá e não sabiam que eu tava lá também, aí foi bom pra puxar papo também e pra conversar.

Pesquisadora: Teve esse papel de interação então.

H19*: Exatamente.

Pesquisadora: E tu acabou vendo o que eles postaram também?

H19*: Sim, eu vi deles, inclusive mostrei pra o meu pai, e pra mim foi legal que eles postaram, foi importante porque aí são mais coisas que eu tenho e não precisou eu gravar.

Pesquisadora: Tu viste no Instagram e no Facebook?

H19*: Sim, nos dois. No Instagram teve bem mais. No Facebook teve alguma coisa oficial, não lembro direito. Mas no Facebook pessoal não costuma postar tanto. Vi bastante nas *stories*, aí salvei um e outro *stories* e vi também que pessoas postaram partes do show.

Pesquisadora: Não sei o quanto as pessoas acompanham, mas o próprio Roger escreveu a respeito dessa questão de uso de celular em 2011 (descrevi o que o músico escreveu naquele post – que ele não estava censurando mas queria entender porque as pessoas pagavam pra ver o show pra depois ficar tanto tempo no celular).

H19*: Totalmente compreensível a partir do ponto de vista dele, no lugar de artista. É como se todo mundo vai lá e ninguém te olha na cara, tá todo mundo olhando no celular. É realmente muito estranho, no fim, se tu for olhar de fora é realmente um negócio muito estranho, todo mundo olhando pra tela do celular ao invés de olhar pra o cara. Se tu simplificar o negócio no fim não faz tanto sentido.

Pesquisadora: Talvez se invertesse isso pra vida das pessoas ia dar essa sensação, sei lá, as pessoas vão pra o teu aniversário e todo mundo só fica no celular.

H19*: É, tipo, acho que se alguém estivesse no lugar do artista provavelmente daria pra entender exatamente. Até certa forma pode ser falta de respeito, não sei se passa isso na cabeça dele. Parece que não estão prestando atenção, que na verdade de certo ponto não estão, porque estão prestando atenção no celular, mesmo que seja gravando a ti acaba que não estão prestando tanta atenção no show.

Pesquisadora: É dúbio porque por um lado o fato de estarem gravando demonstra que querem levar isso com elas, mas ao mesmo tempo elas não estão prestando atenção.

H19*: Não demonstra falta de apreciação, mas demonstra falta de atenção, né. Então tipo, se eu famoso, se eu soubesse tocar alguma coisa e se eu tivesse um show e todo mundo estivesse gravando, por parte eu ficaria feliz “nossa, todo mundo quer me gravar”, mas por outra parte iria ficar chato, porque pô, eu tô aqui, não faz diferença nenhuma como eu tô tocando, posso estar tocando as notas todas erradas e os caras não vão se importar, estão só gravando.

Pesquisadora: Eu fiquei pensando nisso justamente por estar no show dele, e até os álbuns solos dele, como *Amused to Death*, fala sobre a alienação das telas, da TV. Aí no show dele parece que se torna ainda mais peculiar a situação porque ele critica isso, por exemplo, ele critica o Zuckerberg. E aí as pessoas estão lá gravando o show dele para postar no Face e no Insta e mandar pelo Whatsapp, que são todos dele.

H19*: Pior, os três, real, eu nem tinha notado isso. Meu Deus! Ele botou o negócio lá de Resist Zuckerberg e todo mundo filmando pra postar no Instagram! (risos) Real, eu não tinha pensado nisso na hora. Realmente, isso é chato, no mínimo. Aí entra também o fato de ser uma empresa e só a questão de compartilhar com uma pessoa ou outra, tá, isso é inocente, mas o mundo não é inocente.

Pesquisadora: E ao mesmo tempo é isso que se tornou a nossa realidade, e o próprio Roger Waters, a produção dele, tem um perfil oficial no Instagram e no Facebook e recompartilham fotos de fãs.

H19*: É, tu meio que não escapa, isso que dá medo das redes sociais. Tá virando meio que um monopólio, o Facebook já é um monopólio gigante, aí as três redes são dele. Só sobrou o Twitter de fora.

Pesquisadora: Acaba sendo uma das razões de se ser tão dependente do celular, sem as redes, sem internet, a gente não usaria tanto o celular.

H19*: Aí utiliza de marketing, quanto mais tu usa, mais dinheiro os caras ganham, mais investem em marketing, e todo tipo de coisa possível pra te meter pra dentro, te viciar, e tu gasta mais dinheiro lá.

Pesquisadora: E aí que tá, se pensar em um movimento de sair de lá é difícil, porque tá todo mundo lá. Tenho um amigo que só usa Telegram, por exemplo, mas é difícil porque tá todo mundo no WhatsApp.

H19*: Daí entra um problema das redes sociais e da sociedade inteira, que entraram num sistema de lucro e foi-se. Não tem muita saída, basicamente. Quando eu tive o celular roubado eu fiquei uns dois, três dias sem, aí peguei um emprestado do meu amigo porque eu não consegui ficar sem. Era um celular ruim, que travava a todo segundo, mas eu precisava. Eu cursava Arquitetura na época e eu ficava de fora dos trabalhos porque combinavam tudo pelo WhatsApp e eu ficava sem ter como. Chegou o ponto que eu precisava do WhatsApp pra estudar, eu tava indo mal na faculdade porque eu tava sem WhatsApp.

Pesquisadora: E ninguém avisa por outro meio.

H19*: Exatamente. Então eu precisava do WhatsApp. Não era uma questão de eu quero WhatsApp, não, eu precisava do WhatsApp.

Pesquisadora: Isso foi muito esperto das corporações.

H19*: Sim, demais.

Pesquisadora: Porque elas alicerçaram num nível que permeia tanto o cotidiano que ninguém consegue sair.

H19*: Exatamente, tu tá excluído, não quer seguir Mark Zuckerberg, não quer dar dinheiro pra o Mark Zuckerberg, ah tá, sai da sociedade.

Pesquisadora: O próprio Roger, se não usar, ninguém sabe do show.

H19*: Isso é bem chocante.

Pesquisadora: Mas a questão da memória que a gente tem conversado, de viver a experiência ou não é um dilema absurdo também. Eu concordo com os pontos que tu levantaste, de registrar um pouco, e aí as vezes parece que se tu não registrou um pouquinho aquilo não aconteceu, mesmo que tu não postes, não aconteceu porque tu não consegues retomar revendo e a gente não tem o hábito de ter outras práticas de rememoração, como escrever sobre o que a gente viveu, por exemplo.

H19*: Isso com certeza, é muito verdade, porque eu acho que todo mundo tá com problema de memória. Meu problema de memória eu só percebo que piora, e a capacidade de prestar atenção que ninguém mais tem, tá sempre mudando de coisa, mas acho que também tem esse negócio de memória, tudo isso vai piorando. É uma coisa que é incrível a quantidade de doenças mentais que as redes sociais estão conseguindo causar na sociedade inteira. Eu acredito que depressão, ansiedade, tudo, tudo, tudo tá vindo pelo jeito que a gente tá vivendo. E daí acaba que tu acaba se cercando de coisas, tipo se tu

tem depressão, tu te cerca de posts negativos e vai acabar se sentindo mais negativo. É um monte de coisa, o jeito que afeta é muito mais do que parece que afeta assim, sabe. É uma coisa que bah...

Pesquisadora: Tá longe de ser superficial.

H19*: Sim, é uma coisa que vai muito fundo e afeta mais do que tu pensaria. A minha esperança é que isso vai chegar, tá chegando já num ponto em que todo mundo em algum momento vai ter que perceber isso, tipo, tá fazendo muito mal, alguma coisa vai ter que ser feita... Porque tipo, a quantidade de gente que tá ficando literalmente doente por causa disso, por causa do uso de internet, redes sociais, vício e tal, é incrível. Então vai ter que chegar alguma hora em que todo mundo vai ter que perceber que isso tá errado. Não que vão resolver, mas vão pelo menos perceber, assim como perceberam de fumar e não sei o que, vão ter que perceber isso.

Entrevistado 4 | Identificação: H13* | Idade: 37 anos | Data da entrevista: 08/01/2019 | Local da entrevista: Restaurante Oak's Burritos em Porto Alegre.

Pesquisadora: Então, para começar, eu gostaria de saber de ti o que te faz ir a um show e com que frequência tu costumas ir?

H13*: O que me faz ir a um show é justamente a emoção. A emoção do show é diferente, né. É um momento bem intenso. É isso que eu busco. Eu tenho ido meio seguido, tipo... grandes assim, a cada dois, três meses, e menores, todo mês.

Pesquisadora: E qual é teu gênero preferido? Tu buscas algum gênero específico para ir em shows?

H13*: Eu sou bem eclético. Eu gosto de muitos tipos de som, mas o meu gênero preferido é o rock.

Pesquisadora: Quantos shows, mais ou menos, tu foste nesse ano? Quer dizer, desculpa, em 2018.

H13*: 2018... Shows grandes, eu acho que fui em uns quatro.

Pesquisadora: E tu te lembra bem da experiência desses shows? O que te marca na experiência de um show de rock, contrastando com um show de outro gênero?

H13*: O rock eu vejo mais energia no show. Na vibração das pessoas. É justamente vibração e energia diferente dos outros gêneros.

Pesquisadora: Mas o que tu achas que faz mudar essa sensação?

H13*: A própria característica do gênero, né. É um gênero que desperta uma adrenalina nas pessoas e isso contagia todo mundo. Então é isso mesmo que faz o show ficar daquele jeito que a gente conhece.

Pesquisadora: Os outros gêneros que tu costumas ir, quais são?

H13*: Eu gosto muito de reggae, eu gosto de música brasileira também. Gosto de samba, bossa nova, MPB. Mas o rock, para mim, é imbatível.

Pesquisadora: A energia ainda é maior, né.

H13*: Com certeza.

Pesquisadora: Bom, indo um pouquinho mais lá para a experiência do show específico do Roger Waters, tu te lembravas da experiência desse show? Como tu descreves tua experiência nesse show?

H13*: Sim, eu lembro. É bem marcante. A gente fica numa emoção muito grande porque a gente aguarda muito tempo por esse show também. E a gente fica numa ansiedade para

que chegue aquele dia. E quando chega, às vezes, tu nem acredita que tu tá ali. Ainda mais que a gente tava ali bem pertinho do palco, né. É uma ligação muito forte com aquelas músicas. Meu pai, que tava junto no show, que me introduziu nesse meio do Pink Floyd, Roger Waters e tal. Então eu tenho uma ligação muito forte com as músicas. E quando tu tá de frente com o teu ídolo ali, bem pertinho, é uma emoção muito grande.

Pesquisadora: E foi a primeira vez que tu foste a um show relacionado ao Pink Floyd? Porque teve David Gilmour, teve do Roger Waters em 2012... Foi o primeiro ou tu tinhas ido em outros?

H13*: Não. Eu já tinha ido no outro show do Roger Waters, no *The Wall*, também no Beira Rio. E fui no David Gilmour também, quando ele veio aqui em Porto Alegre no ano retrasado, acho.

Pesquisadora: Como tu vê essas experiências? Essas de 2012, acho que foi o *The Wall*, do show passado.

H13*: Diferente... Assim, vou dizer para mim o que eu vi de diferente. Tem a ver comigo, né. É que eu passei a entender mais as letras. Como eu sou muito fã, eu vim estudando as letras e tudo mais, e aí à medida que tu entende mais as músicas, tu acaba... parece que... faz mais sentido pra ti as coisas. Então, para mim, o show fez mais sentido agora do que o passado.

Pesquisadora: Tu tiveste o primeiro contato e aí, agora, então, tu podes rever...

H13*: Exato. Bem isso aí mesmo.

Pesquisadora: Claro, era outra proposta esse show, mas várias músicas eram as mesmas que tocaram. Teve músicas do *The Wall*.

H13*: Sim, mas nesse show teve músicas que eu gostava mais também. Então tem esse plus aí. Isso deixa melhor ainda, né. Ele tocou minhas preferidas.

Pesquisadora: E como foi tua preparação para show? Quando ela começou?

H13*: A preparação começou com meses de antecedência já, né, combinando com alguns amigos de ir, para ir junto e tal. Não consegui outros amigos para ir no setor que eu fui, mas eu consegui meu pai que é meu maior parceiro para ir. Então, fechou todas. A preparação foi bem legal porque a gente já está acostumado a ir em vários shows juntos, então a gente já sabe o que o outro gosta e a combinação fica bem fácil.

Pesquisadora: Legal. E o que te fez escolher ir para a pista Premium?

H13*: A proximidade com o ídolo. É muito legal isso. A proximidade... Ver olho no olho assim, é diferente. É bem diferente. Eu estou acostumado a assistir em pista normal, longe, distante... É legal também só que a emoção de tu ver olho no olho é diferente.

Pesquisadora: No *The Wall* tu estavas mais perto?

H13*: No *The Wall* eu estava bem atrás. Estava na pista bem atrás. É legal de assistir ao show, mas tu percebe coisas diferentes estando bem perto.

Pesquisadora: Tipo?

H13*: Tipo as expressões do artista. As expressões tu não vê de longe, né. O telão não passa também muito bem. E ali, bem pertinho como a gente estava, dá para ver as expressões, dá para ver coisas que não passam no telão... Então tu tem outra visão do negócio.

Pesquisadora: Em que posição tu estavas em relação ao palco? Que lado? Estava mais no meio?

H13*: Eu me movimentei bastante. A gente ficou na pista Premium bem próximo a grade, horas mais para a direita, horas mais para o meio. A gente ficou revezando. Só que quando ele ia para o canto do palco, a gente ia junto, aí a gente conseguia chegar o mais próximo possível que era na grade.

Pesquisadora: Vocês ficaram se movimentando para seguir ele durante o show?

H13*: Sim. A gente se movimentou bastante, até porque tinha espaço e é bom também para dar uma descansada no corpo, porque ficar parado ali...

Pesquisadora: Que horas vocês entraram no estádio?

H13*: Boa pergunta. A gente não entrou com muita antecedência. A gente acabou entrando meio em cima da hora. Eu entrei no final do show de abertura. Bem no finalzinho do show de abertura. Então foi bem em cima da hora. Mas como ali era pista Premium, o acesso era fácil.

Pesquisadora: Vocês compraram os ingressos um mês antes? Estava tranquilo de conseguir?

H13*: Não, o ingresso a gente comprou com mais antecedência. O ingresso, eu acho que foram, mais ou menos, uns quatro, cinco meses antes.

Pesquisadora: Toda uma preparação em planejar meio anos antes desde que anunciaram, né. Não me lembro que mês que anunciaram...

H13*: Eles anunciaram com um ano de antecedência esse show. Eu fiquei aguardando uma promoção para comprar ingresso.

Pesquisadora: Tu conseguiu?

H13*: Sim. Consegui comprar pela metade do preço.

Pesquisadora: Sério? Teve desconto e ficou como meia entrada?

H13*: Sim, ficou meia entrada. Isso aí eu aguardei porque, normalmente, esses shows grandes, como anunciam com muita antecedência, sempre rola uma promoção no meio do caminho. Eu fiquei aguardando o momento certo.

Pesquisadora: Ah, que legal. Deu certo, então. E tu chegaste a ver alguns vídeos ou fotos sobre o show antes de ir para o show aqui? Porque teve em seis cidades antes. Sete shows em seis cidades antes de vir para cá. Tu chegaste a acompanhar isso antes?

H13*: Sim, eu acompanhei bastante. Principalmente pelo grupo do Facebook de fãs, que todos os fãs colocavam os vídeos. Depois do show colocavam seus vídeos lá. Eu acabei dando uma espiada lá. Eu nem gosto muito de fazer isso, estraga um pouco a surpresa, mas eu acabei vendo lá bastante coisa antes.

Pesquisadora: Ansiedade (risos).

H13*: É, um pouco de ansiedade ali... Eu acabei vendo.

Pesquisadora: E aí, tu acompanhou de um show específico ou desde que começou tu foi vendo? Foi o mês inteiro, né, essa função.

H13*: Desde o início. Desde o primeiro show. Até porque, como foi bem polêmico... Então por causa dessa polêmica também me motivou muito a procurar antes do dia.

Pesquisadora: E aí tu já tinhas visto bastante coisa do que ia acontecer, enfim, dos momentos do show?

H13*: Sim, eu já tinha visto. E é legal porque tu vê que todos os shows têm coisas diferentes. Ele nunca faz exatamente igual. Isso que é tão legal no show. Ainda mais com um cara desses, um grande artista que tem esse talento para fazer isso.

Pesquisadora: De se preocupar com a peculiaridade do lugar, né.

H13*: Exatamente. Ele sabe diferenciar um lugar do outro e consegue deixar tão legal cada um deles, mesmo sendo diferentes.

Pesquisadora: Porque o setlist foi o mesmo, né, se eu não me engano.

H13*: Sim, o mesmo setlist. Até uma das coisas que eu fiquei curioso era para saber o setlist. Porque eu gosto de ouvir essas músicas antes e prestar bem atenção nas letras antes do show. Eu geralmente faço isso.

Pesquisadora: Era o mesmo em todas as cidades.

H13*: Sim, era o mesmo setlist em todas as cidades, e em Porto Alegre deu uma encurtadinha no final por causa do tempo.

Pesquisadora: Acho que duas músicas.

H13*: É, faltaram duas músicas.

Pesquisadora: E quanto tempo antes tu ficaste ouvindo só essas músicas do show?

H13*: Ah, acho que um mês antes. É, um mês antes, mais ou menos.

Pesquisadora: Tava bem afiado... (risos)

H13*: Tava. (risos)

Pesquisadora: E faz diferença cantar todas as músicas do que não saber as letras quando vai para o show?

H13*: Com certeza. Tu te sente mais fazendo parte do ambiente. Com certeza faz bastante diferença.

Pesquisadora: Para ti, o que torna uma experiência de show memorável? Pode ser em relação a esse ou talvez de algum outro que tu já tenhas ido.

H13*: Olha, o show para mim, como eu te falei, é emoção. Então tem que trazer emoção, não pode ser uma coisa completamente mecânica e seguindo um roteiro completamente ensaiado. Tem que ter improvisos. O artista tem que sentir aquele momento de improvisar e fazer algo diferente, sentindo como tá o público. Isso aí para mim é o que faz diferença nos shows. É a emoção, é o artista se conectar com o público, saber se conectar e transmitir momentos assim, mais emocionantes.

Pesquisadora: E para ti, ele conseguiu fazer isso? É um show memorável para ti? Do ano ou ele está no teu top?

H13*: Está no top, com certeza. Talvez o melhor de todos que eu já fui. Talvez o melhor show que eu já tenha visto.

Pesquisadora: Por quê?

H13*: Eu sou suspeito, né. Eu sou muito fã do cara, então eu já vou com uma predisposição. Mas, sim, o show para mim foi muito bom, a mensagem toda que ele passou e tudo mais... Bom, a mensagem toda que vem com ele passa, digamos, os limites só da música e vai para um outro plano, né, que eu acho legal também, que é o artista se expressar, suas ideias, e ele sabe fazer isso muito bem. Para mim, ele é um cara diferenciado.

Pesquisadora: Bom, por ela ser tão marcante, como tu acha que essa experiência se relaciona com as experiências do teu cotidiano? O que tu levas disso para cá ou para lá?

H13*: É, isso é muito legal porque, no cotidiano, a gente se depara com situações que ele menciona, que ele critica, e tudo mais, que ele luta, e a gente se sente encorajado, e vê que tem alguém junto com a gente lutando pelas mesmas coisas. E ele é um cara que é encorajador e isso eu levo para o dia a dia.

Pesquisadora: Existe alguma coisa que atrapalhou a tua experiência de show?

H13*: Nesse show, alguma coisa que atrapalhou? Não, não me lembro de nada especificamente que tenha atrapalhado. Tirando a chuva... (risos). Não. Acho que estava tudo certo. Não me lembro de nada que tenha atrapalhado.

Pesquisadora: Durante o show, teve algum momento em que tu utilizaste o celular?

H13*: Muitos momentos. O celular acaba registrando aqueles momentos que a gente quer, então eu filmei, tirei fotos até acabar a memória do meu celular.

Pesquisadora: E isso foi quando, mais ou menos?

H13*: Ah, foi antes da metade do show.

Pesquisadora: E deram quantos registros? Deu para ver lá o total?

H13*: Acho que uns vinte registros. A gente acaba exagerando na hora, né. Depois a gente nem consegue ver tudo.

Pesquisadora: Ah, vinte nem é tanto. Estava pouca a tua memória.

H13*: A memória já estava curta. Infelizmente estava curta. Acabei pegando do meu pai depois.

Pesquisadora: Mas tu pensaste antes de ir: “quero registrar tal e tal momento”?

H13*: Sim, eu sempre faço isso. Eu procuro até não fazer, ficar curtindo mais o momento e não ficar me preocupando com isso, mas na hora acaba sendo inevitável. Tu quer registrar e tu tem muita vontade de compartilhar também. É legal tu compartilhar com os amigos o momento que tu tá vivendo. Isso aí que eu acho que faz mais as pessoas registrarem.

Pesquisadora: Tu achas que é isso que mais te motivaste a registrar?

H13*: Sim, porque depois a gente acaba não assistindo tanto, né. É mais para compartilhar com os outros.

Pesquisadora: Tu compartilhaste enquanto tu estavas lá? Como é que foi?

H13*: Sim, eu compartilhei um pouco no WhatsApp, alguma coisa no Instagram, mas foi bem pouco. Na hora ali, eu não queria também ficar muito tempo compartilhando, eu queria estar mais prestando atenção no show.

Pesquisadora: Em que momentos que tu usaste? Tu lembra como foi? Que momento te fez pensar “agora isso eu vou gravar”?

H13*: Assim, eu procurava compartilhar em momentos em que dava uma acalmada no show, que dava alguma pausa, alguma coisa, para não perder nada. Então, assim, quando eu ia no banheiro eu compartilhava alguma coisa... Não compartilhar durante a apresentação ali, eu acho ruim. Muita gente fica fazendo isso. Eu acho que perde quem tá fazendo, né.

Pesquisadora: Então tu tiraste fotos antes de começar e durante e aí, no intervalo... Como é que foi a tua logística?

H13*: Sim, eu tirei fotos desde o início, um pouquinho antes de começar o show, da estrutura ali. Registrei mais vídeos do que fotos, durante o show, principalmente quando ele chegava bem perto. Daí são imagens que talvez ninguém tenha ou poucas pessoas tenham. E eu procurei compartilhar só em momentos mais propícios, assim, quando dava uma pausa no show.

Pesquisadora: Bom, duas coisas: Por que tu fizeste mais vídeos do que fotos? E a outra que eu ia perguntar é se funcionou a internet para ti compartilhares lá.

H13*: Esse foi um grande problema, a internet. Estava bem ruim o sinal. Isso me fez perder tempo tentando compartilhar, porque ficava buscando sinal. Estava bem ruim. Por que vídeos? Eu acho que consegue registrar melhor o ambiente, porque tem o áudio. E o áudio é o que importa muito naquele momento. Mais por causa do áudio.

Pesquisadora: Tu falaste que compartilhou no Whats, no Instagram...

H13*: É, foram por esses dois meios.

Pesquisadora: No Instagram por *stories* ou post?

H13*: No *stories*.

Pesquisadora: Eles carregaram lá durante ou carregou depois só?

H13*: Foi bem difícil. Carregou, não na hora, foi um tempo depois. No Instagram foi mais difícil de carregar. Mas o WhatsApp eu consegui mandar na hora algumas coisas. Poucas. Não consegui mandar tudo o que eu queria.

Pesquisadora: Mas tu mandaste nesses momentos, foi um pouco antes, e nos intervalos... Tu também conseguiste mandar ali rapidinho?

H13*: Sim, algumas vezes, sim. Não consegui mandar todas as vezes que eu tentei. A maioria das vezes não tinha sinal.

Pesquisadora: E qual foi a tua reação com isso de não ter sinal, de querer mandar e não conseguir?

H13*: Quando não tinha sinal eu procurava não me irritar e curtir o momento ali. Me dava conta de que eu devia curtir o momento, não ficar perdendo tanto tempo com isso. Embora a gente queira, né... Se ligar que é mais importante prestar atenção na hora.

Pesquisadora: Tu chegaste a ver depois esses teus registros?

H13*: Sim, eu vi logo que eu cheguei em casa e no dia seguinte. Depois a gente não olha mais. Eu não consigo ficar olhando muito depois, mais é para compartilhar mesmo.

Pesquisadora: Que momentos tu filmaste além da estrutura, ali do início? Durante o show, que momentos tu filmaste?

H13*: Para mim, as melhores músicas são os grandes momentos. E quando ele chegava bem perto da gente ali, né. E também aqueles momentos que a estrutura interage com o público. Aquela do porco no meio da galera, as chaminés subindo, enfim... Quando a estrutura estava interagindo aí eu registrei também.

Pesquisadora: Tu mandaste para pessoas no Whats que não conseguiram ir? Como é que foi? Para ti, qual era a importância de compartilhar esses vídeos?

H13*: Eu mandei para diversos amigos que gostam e não quiseram ir por “n” motivos, para fazer eles se arrependem. (risos)

Pesquisadora: Que mal! (risos) E funcionou?

H13*: Funcionou. Para muitos funcionou. Eles ficaram se rasgando.

Pesquisadora: Durante o show, então, tu estavas pensando neles?

H13*: Sim, para mostrar para eles que, às vezes, é mais importante a gente não pensar muito racionalmente e ir na emoção.

Pesquisadora: Quando tu filmavas, qual era o procedimento que tu adotavas? Como é que tu filmavas? Tinha uma regra? Como é que tu fazias?

H13*: O celular infelizmente não tem muito recurso. Mas eu sempre procuro dar zoom e fazer uma abertura para mostrar o ambiente melhor e tal. Eu fico mexendo bastante com isso, com o zoom da câmera. Embora o zoom seja horrível, mas eu gosto de brincar com isso. Mas isso é uma coisa que eu gosto de fazer, não sei... Porque eu gosto de vídeo e acho que fica legal.

Pesquisadora: Quantos segundos, mais ou menos, tinham os teus vídeos?

H13*: Normalmente curtos. Menos de um minuto. São segundos, porque como a intenção é compartilhar, não adianta ser um vídeo longo.

Pesquisadora: Nem envia, né?

H13*: É, nem envia também e as pessoas não olham.

Pesquisadora: Enquanto tu estavas filmando, tu achas que isso te atrapalhou na experiência do show? Como é que foi essa relação?

H13*: No início um pouco... Quando eu me dei conta que estava me atrapalhando, aí eu parei, né. Parei um pouco, porque, sem se dar conta, a gente acaba deixando de prestar atenção no show para ficar se preocupando com outra coisa que não é tão importante quanto o show.

Pesquisadora: Em que momento tu te deste conta disso?

H13*: Não sei te dizer exatamente em que momento, mas talvez um pouco antes da metade do show. Acho que mais de uma hora de show depois.

Pesquisadora: E o que tu sentiste?

H13*: Aí eu comecei a encarar diferente. Eu comecei a ignorar mais o celular e comecei a ficar mais conectado com o show. Porque no início a gente fica muito na ânsia de compartilhar, compartilhar, compartilhar, e daí, mais ou menos da metade do show em diante eu fiquei conectado só com o show, sem ficar olhando celular. Aí é outra vibe.

Pesquisadora: Pois é, como é que tu vê esse contraste da tua experiência em show? Desses dois momentos: fotografando e filmando e sem usar o celular?

H13*: Eu acho que compartilhar é muito legal. Eu gosto de fazer isso, mas tem um limite. E tem que cuidar para não atrapalhar. Então eu acho que é legal fazer, mas um pouco, não ficar perdendo o show inteiro fazendo isso. Eu vejo muita gente fazendo isso e eu acho que as pessoas acabam perdendo o momento.

Pesquisadora: Na tua volta ali, tu viste muita gente usando o celular?

H13*: Nossa, acho que oito em cada dez pessoas (risos). Eu não sei te dizer, mas acho que é uma coisa assim. Era muita gente.

Pesquisadora: Te gerou alguma sensação ver esse uso?

H13*: É interessante, né. Porque, assim, eu penso que quando eu comecei a ir em show a muitos anos atrás, que não tinha celular ou... Aliás, não tinha celular não, mas não tinha essa possibilidade de compartilhar e filmar e tal... E aí as pessoas acendem um isqueiro, era diferente. As pessoas ficavam mais conectadas com o show mesmo. Hoje em dia eu noto que o celular, essa facilidade de compartilhar, mudou muito a forma como as pessoas assistem, né. Mudou a experiência. Eu vejo que as pessoas assistem mais pela tela do celular do que ao vivo ali.

Pesquisadora: E aí elas não respondem ao artista, prontamente.

H13*: Eu não sei como os artistas se sentem, assim. Ignorados, talvez. Não sei. Eu acho estranho. É diferente. Eu acho que a pessoa não tá prestando a mesma atenção que estaria se estivesse só olhando, só assistindo.

Pesquisadora: Como é que tu te sentiste em relação a isso, já que tu tens experiência de ir em shows que não tinha esse uso massivo de celular?

H13*: As pessoas que estão ali dentro parece que estão mais conectadas. Com o celular, as pessoas estão mais conectadas com o mundo lá fora. E sem o celular as pessoas estão mais conectadas entre elas, ali dentro. É isso que eu sinto.

Pesquisadora: Tu achas que isso muda a tua experiência de show?

H13*: É legal viver essas diferenças e prestar atenção nessas mudanças. Mas, assim, eu até fico me policiando porque parece uma armadilha. Celular a gente tem que se cuidar para não ficar refém dele.

Pesquisadora: Eu fiquei pensando que quando tu comentaste comigo que o que fazia o show ser incrível era a energia, principalmente show de rock. Se tu tiveres na tua memória de algum show que tu tenhas ido, na época em que as pessoas usavam só o isqueiro e que foi muito marcante por isso, por que a energia era muito forte... Não sei se tu tens uma recordação disso. Principalmente os artistas de rock são os que mais acabam se posicionando contra o celular, acho que porque eles relembram de como era esse período. E aí, eu acho que tu também tens esse registro pelas tuas experiências. Como tu vê esse contraste?

H13*: Eu lembro um show bem marcante para mim, nesse outro tempo que não tinha tanto celular, foi o do U2, em 2006, se não me engano, na Argentina. Eu fui sozinho daqui. Foi uma experiência muito legal e lá não tinha ninguém com celular. Era o isqueiro mesmo que as pessoas acendiam para fazer aquela iluminação. Acho que foi o U2 que começou com isso. E era bem legal. As pessoas cantavam mais... Não sei, era como eu te falei, o pessoal mais conectado ali dentro mesmo, as pessoas mais conectadas umas com as outras. É bem diferente do que é hoje. Eu noto isso.

Pesquisadora: Parece que hoje fica todo mundo no seu mundo, com a tela mediando outra tela.

H13*: Exatamente. Cada um muito no seu mundo e as pessoas estão em um lugar, mas querem estar em outros lugares ao mesmo tempo, e acabam não estando onde fisicamente estão.

Pesquisadora: Onde de fato queria estar também, né.

H13*: E onde queria estar. Tu investe um valor considerável para ir em um show desses. Se tu está só pelas imagens, tu pode só assistir de casa. Enfim, estando fisicamente no show, acho que tem que curtir fisicamente.

Pesquisadora: É meio conflitante essa relação.

H13*: É conflitante. Como eu disse, é uma armadilha. A gente não se dá conta e quando vê, vira refém do celular.

Pesquisadora: Mesmo quem tem consciência disso, né, como tu estás me demonstrando.

H13*: Sim, eu me incluo nisso. Claro que tem graus diferentes, mas eu me incluo um pouco nisso, com certeza.

Pesquisadora: Em alguns momentos tu te viste ali sendo a pessoa que estava gravando e em partes perdendo o que estava acontecendo na tua volta. E respondendo ao show...

H13*: O fato de não ter sinal de internet não deveria me abalar e eu notei que uma hora eu estava me abalando com isso. Eu me dei conta que eu estava completamente, como é

que vou dizer, perdendo o foco. Perdi um pouco o foco naquele momento. Aí eu me dei conta e retomei o rumo.

Pesquisadora: Tu lembras que música estava tocando nessa hora ou ela se perdeu no foco?

H13*: Muito difícil de lembrar... Eu não lembro.

Pesquisadora: E para ti qual foi o ponto alto do show?

H13*: Tiveram vários, mas eu acho que quando ele tocou *Animals* na íntegra, aquele momento todo ali foi demais. *O Animals* para mim é um dos melhores álbuns e ele tocou inteirinho ali. A parte do porco na plateia foi um dos melhores momentos também.

Pesquisadora: Tu fizeste um pouquinho de registro nessa hora também?

H13*: Fiz um pouquinho de registro, mas fiz bem pouquinho porque eu não queria aquilo. Até por que eu estava bem perto dele, eu diria embaixo.

Pesquisadora: Do porco?

H13*: Sim.

Pesquisadora: E aí como foi nessa hora? Pensou “nossa, preciso filmar, mas eu quero olhar”. O que tu fizeste? Como é que foi?

H13*: Eu parei de filmar. Eu estava filmando. Parei de filmar.

Pesquisadora: Quando ele chegou em cima de ti tu não estavas filmando?

H13*: Não estava mais filmando porque eu estava me movimentando para chegar perto.

Pesquisadora: Como foi transitar ali pela pista e meio que ultrapassar as pessoas, se elas estavam todas gravando?

H13*: Para mim foi surpreendentemente fácil. Eu achava que ia ser bem mais difícil circular ali, eu achava que ia estar mais cheio e foi bem fácil circular. Eu consegui ir para todos os lugares que eu queria ir. Na frente do palco, bar, banheiro, enfim, todos os lugares. Foi tranquilo. Não tive dificuldade de me locomover.

Pesquisadora: Eu acho que tinha muito espaço sobrando e deu uma liberdade que em outros setores não se tem.

H13*: Tem um lado bom. Tu ter essa liberdade de circular eu acho bom. Eu acho ruim ficar parado no mesmo ponto por três horas. Mas é claro, né, mais cheio seria mais legal para pular. Eu acho que faltou um pouco de gente ali do lado também. Eu gostaria que tivesse um pouco mais de gente.

Pesquisadora: Para ter mais essa energia.

H13*: Exatamente. Tu olhar para o lado e não ter tanta gente não é tão legal.

Pesquisadora: Na tua volta tinham pessoas fazendo *selfies* durante o show?

H13*: Tinham muitas.

Pesquisadora: Como é que é isso?

H13*: Eu acho isso uma falta de respeito com o artista e acho um pouco de egocentrismo demasiado. Uma vez tu fazer uma *selfie* para mostrar ou fazer um registro ok, mas eu vi pessoas que estavam toda hora tirando muitas *selfies* em frente ao palco, durante o show... Então, assim, no meu ponto de vista, essas pessoas estão mais preocupadas com a imagem delas do que com o show. Eu acho falta de respeito com elas também.

Pesquisadora: Pelo o que tu conheces, tu achas que tinham muitos fãs ali ou estava mais mesclado o público? Tem como saber se tinha muita gente que era fã mesmo ou se tinha mais gente que foi pelo apelo visual do show?

H13*: Isso é uma coisa que eu noto também, a gente estava falando antes, dos shows mais antigos e hoje em dia... Antigamente um show assim só ia quem é muito fã e hoje, não sei, pela facilidade, enfim, tem muita gente que não é fã e vai nos shows. Eu notei que tinham muitas pessoas ali que não eram tão fãs. Que não sabiam as músicas, que estavam ali até... Não estavam gostando tanto. Entediadas em alguns momentos e, em muitos, que eram grandes músicas, estavam olhando para o lado. Então tu vê que são pessoas que não são tão fãs e estavam lá. Muitas pessoas. Noto isso... Tenho reparado isso em vários shows, na verdade. Muitas pessoas que não são fãs e estão lá. Estão lá pela facilidade que é.

Pesquisadora: E será que essas usam mais o celular?

H13*: Ah, com certeza (risos). Com certeza essas pessoas usam mais o celular porque, né, é a diversão delas. Pessoas que querem mostrar que estão em todos lugares ao mesmo tempo. Isso tem bastante hoje em dia.

Pesquisadora: E tu notaste isso de quantos anos para cá? Essa mudança no público.

H13*: Olha, eu acho que de uns cinco anos para cá. Acho que foi com a evolução das redes sociais. Depois que deu o *boom* das redes sociais. Isso interferiu nos shows também. As pessoas querem mostrar que estão em todos os lugares.

Pesquisadora: Mesmo que conheça só uma música ou, enfim, viu que tem muita divulgação... Esse show inclusive, ele teve uma repercussão muito forte no país inteiro, então estava todo mundo esperando pelo que ia acontecer no show. Então dizer que foi é mais importante ainda, né?

H13*: Exatamente. As pessoas também estão lá pela repercussão que tá dando, não só pelo artista ou pelas músicas. As pessoas querem estar dentro do que está acontecendo. Muito por isso também acho que tiveram pessoas que foram de última hora.

Pesquisadora: Como é que funciona para ti essa relação com a memória dessas tuas experiências de show? Tu tens registos para recordar disso ou tu retomas a tua própria lembrança do momento? Como é que funciona para ti?

H13*: Engraçado, né, porque eu faço registos e não olho quase. Como eu te falei, eu praticamente faço registos para partilhar mesmo. Eu não tenho o costume de olhar muito depois. Eu tenho mais é na minha memória mesmo. Engraçado, né. Eu não sei te explicar exatamente o porquê, mas eu tenho mais na minha memória do que nos registos. Eu não olho os registos quase.

Pesquisadora: Nem nas tuas redes sociais não tem depois?

H13*: Eu coloco alguma coisa. Não coloco muito. Eu coloco pouca coisa nas redes sociais. Eu não fico olhando depois. Sinceramente eu não fico olhando muito, não. Fico com muita coisa na cabeça mesmo.

Pesquisadora: E tem uma lista imensa já. Tem uma noção de a quantos tu já foste?

H13*: Difícil essa pergunta. Eu já fui em alguns. Eu não sei te dizer. Não tenho como te dizer um número, seria um chute.

Pesquisadora: Pink Floyd está entre tuas bandas preferidas?

H13*: Sim, com certeza. É a preferida. Eu tenho, inclusive, uma tatuagem.

Pesquisadora: Ah, que legal. Quando tu fizeste ela? Faz tempo?

H13*: Eu fiz ela esse ano... Ops, desculpa. Em 2018. Fiz ano passado. Eu que criei ela, na verdade. Eu coloquei a frase da letra de Hey You dentro do muro. Eu, meu pai e meu irmão fizemos juntos.

Pesquisadora: Sério? Que legal! Quando foi que vocês tatuaram? Foi antes ou depois do show?

H13*: Eu e meu pai tatuamos antes do show, acho que foi um mês antes ou dois meses antes, e o meu irmão, ele mora em Portugal, chegou agora aqui e fez a tatuagem igual a nossa. Ficaram os três iguais.

Pesquisadora: Que legal essa história. Que legal que eu encontrei vocês lá no meio. Ainda mais na imensidão de pessoas que tinha lá... Tem a história da tatuagem para marcar ainda mais esse show.

H13*: É, essa aqui para representar nossa união, os três, e também pela importância que tem Pink Floyd para nós, né. Nós três somos muito fãs.

Pesquisadora: Teu irmão não pode vir para o show então?

H13*: O meu irmão infelizmente não pode vir para o show. Ele é músico também, ele mora em Portugal. Ele veio agora só para cá. Pena que não conseguiu vir para o show.

Pesquisadora: Então para ele tu tiveste que contar a experiência depois ou mandar alguma coisa?

H13*: Sim, ele sofreu muito por não estar junto na hora.

Pesquisadora: Tu mandaste para ele durante o show ainda?

H13*: Mandei, claro. Sempre mando. Eu e meu pai a gente tem o costume de ir em todos os shows covers que tem de Pink Floyd em Porto Alegre, a gente sempre vai em todos, e aí, a gente sempre manda para ele.

Pesquisadora: Ah, que legal. E ele lá, né (risos).

H13*: Ele lá se remoendo (risos).

Pesquisadora: Então essa é uma importância boa dos registros porque conecta vocês mesmo à distância.

H13*: Sim. Isso é uma coisa muito boa. Como eu te falei, compartilhar é legal. A pessoa tem que saber compartilhar, com quem compartilhar...

Pesquisadora: Poder compartilhar e também viver o que tu está vivendo lá.

H13*: Exatamente. Saber qual é o foco.

Pesquisadora: Qual foi o ponto mais marcante? Pode ter sido talvez não só em relação ao show, até no contato com o teu pai, alguma coisa, mas algum ponto que foi muito marcante e o que tu estavas fazendo nessa hora.

H13*: Muito marcante foi o momento em que a gente chegou bem perto do Roger Waters. Eu e meu pai... Meu pai é fã há muito mais tempo do que eu, né. Então, assim, nós dois chegamos bem perto dele. No final, que ele foi para o canto do palco. A gente ficou bem na grade. Então a gente olhou no olho. Aquele momento foi muito marcante. Foi um solo de baixo que ele fez também. Ali foi demais. E estava começando a chuva, então contribuiu também.

Pesquisadora: Se tornou mais marcante ainda... E nessa hora vocês registraram um pouco também? Como é que foi?

H13*: Eu não pude deixar de registrar quando eu cheguei perto dele, né, mas rapidamente já registrei e já guardei o celular no bolso para curtir ali.

Pesquisadora: Tu filmaste olhando para o celular? Como é que tu fizeste?

H13*: Eu não fiquei olhando para o celular. Eu filmei e fiquei olhando para ele. Torcendo para que a imagem ficasse boa.

Pesquisadora: Vai ver o foco na sorte.

H13*: Eu não podia perder. Ficar olhando para a tela.

Pesquisadora: O que te motivaste a gravar? Era um momento que tu querias muito viver também.

H13*: É a lembrança. Por aquele ângulo que eu vi ele, né... Só aquelas pessoas que estavam ali viram. Não é uma imagem que eu vou buscar na internet depois. É uma imagem que eu tive ali, privilegiada naquele momento. Então eu quis ter aquela lembrança registrada.

Pesquisadora: Do ponto que tu estavas.

H13*: Exatamente.

Pesquisadora: Essa eu acho que tu vais acabar vendo daqui um tempo de novo (risos).

H13*: Com certeza. Essa sim eu posso rever. De tempo em tempo eu vou ver.

Pesquisadora: Como é que foi depois do show? Tu mostravas essas imagens para alguém?

H13*: Quando eu chego em casa sempre quero mostrar para as pessoas, mas especificamente nesse show não consegui fazer nada depois, porque eu cheguei encharcado em casa depois da chuva e eu cheguei bem tarde em casa. Eu não consegui fazer nada. Só no dia seguinte. No dia seguinte cheguei no trabalho e já comecei a mostrar para todo mundo lá. Tenho vários colegas que são fãs também. Alguns que também foram no show, e aí todo mundo ficou lá mostrando seus registros.

Pesquisadora: Ficaram se trocando... “Ah, olha só o que eu filmei...”

H13*: Ficamos mostrando. Só que aí eu tive o privilégio de chegar bem pertinho.

Pesquisadora: Eles não estavam na Pista Premium?

H13*: Não, não tinha ninguém na Pista Premium. Eles estavam bem distantes. Foi bem legal mostrar que eu estava bem pertinho do cara. Isso foi especial.

Pesquisadora: Aí assumiu uma importância maior os registros? Quase um ouro.

H13*: É, com certeza.

Pesquisadora: Acho que até isso talvez tenha mudado, né. Como é que era para contar antes de ter esse *boom* de celular... Quando tu contavas para alguém que tu ias no show, tu só contavas. Agora parece que tu tens um apelo para mostrar também. Como é que tu vê isso? Enfim, tu viveste essa diferença também, né. Na forma como tu contas a tua experiência de show para os outros.

H13*: É engraçado porque quando a gente só conta e não tem alguma imagem, aquela imagem da nossa cabeça ela vai se transformando com o tempo. Cada vez que tu conta, parece que ela vai se modificando um pouco. Talvez pela nossa memória que não registra todos os detalhes e vai se perdendo um pouco. Então, registrar com a câmera ajuda muito

para ser mais fiel a o que aconteceu. Então eu acho que é legal isso. Ter um registro fiel do que foi e não ficar só na memória da cabeça.

Pesquisadora: Tu teres um suporte externo para a tua memória.

H13*: É legal para auxiliar. Claro, as emoções não estão no celular, as emoções estão na cabeça.

Pesquisadora: Sim. E estão na tua fala ao recontar.

H13*: E com certeza a gente lembra mais das emoções do que das imagens. Talvez por isso que as imagens se transformem com o tempo.

Pesquisadora: É verdade. Tu lembras o que tu sentiste quando tu viste ele, mas não exatamente em que ponto ele estava, o que ele fez, se ele piscou, se... Enfim...

H13*: É, exatamente. Os detalhes a gente não lembra. Acho que a cabeça constrói um pouco a imagem baseada nessas emoções.

Pesquisadora: Tu chegaste a ver então os vídeos desses teus colegas... Tu chegaste a ver mais coisas sobre o show depois do show?

H13*: Sim eu fui procurar as pessoas que registraram também para saber como foi de outros ângulos. Eu queria estar em todos os lugares. Queria assistir de longe, assistir de perto... Muito legal também. Eu tive duas amigas que assistiram bem de longe e foi muito legal assistir de longe também. Elas tiveram outra visão do palco, muito melhor do que a minha. Porque a desvantagem de estar perto é isso. O telão era muito grande e aí tu não conseguias aproveitar tanto o telão. Então essa era a vantagem de estar longe. Então, foi legal assistir as imagens dos outros também por isso.

Pesquisadora: Só que outra coisa de estar longe é que não dá para ver... Aquilo que tu falaste das reações e tal. Esse show em particular acho que tem essa característica de, no telão, não estar transmitindo o que está passando no palco, né. Está transmitindo muitas outras coisas, menos o que está rolando no palco. Então, tu pôdes ver o tempo inteiro o que estava rolando no palco e olhar a imagem do telão. Quem estava atrás só podia ver o que estava no telão e às vezes passava meia hora e nem aparecia o Roger no telão.

H13*: É verdade. E assim, para quem gosta muito de música, eu presto atenção em todos os músicos. Presto atenção na bateria. A bateria quase não aparece. O baterista aparece eventualmente quando faz um solo de bateria. Eu adoro percussão. Toco percussão. Então, assim, eu consegui prestar atenção nos outros músicos também, estando perto. Isso não mostra quase no telão.

Pesquisadora: Sim. Muito menos nesse, né.

H13*: Exatamente. Então, assim, isso é uma grande vantagem para quem tá perto. Para quem gosta muito de música e para quem toca alguma coisa. Quer prestar atenção nos instrumentos e tudo mais. É bem interessante estar perto.

Pesquisadora: E aí é uma escolha que se faz. O local que vai ir de acordo com o que quer ver no show. Porque vai variar a experiência. Não tem muito jeito, né.

H13*: Exatamente. Com certeza para algumas pessoas era melhor ficar atrás.

Pesquisadora: Quem está mais preocupado com o visual em si, de toda a estrutura... Não sei como foi para ti na hora do prisma, por exemplo.

H13*: É, do prisma foi muito legal. Eu estava dentro dele. Foi legal. Mas eu achei muito legal assistir de fora também. Eu vi as imagens de fora também...

Pesquisadora: Se formando.

H13*: Se formando... Aquilo ali foi uma surpresa. Foi um dos momentos altos do show. Maiores momentos do show, com certeza.

Pesquisadora: Tu fizeste algum registro nessa hora?

H13*: Não. Não tinha mais memória. Não fiz nada, só curti.

Pesquisadora: E não deu uma ansiedade, assim: “Ah, que legal! Quero gravar!”?

H13*: Eu tentei pegar o celular e gravar e eu sabia que não tinha mais memória. Eu tentei mesmo assim... Não, não tem memória.

Pesquisadora: Aí teria que ficar excluindo.

H13*: É. Então eu desisti e fiquei curtindo o momento ali só.

Pesquisadora: O teu pai não registrou?

H13*: Meu pai registrou. Meu pai conseguiu registrar um pouco.

Pesquisadora: Ah, aí tu tinhas ali do lado, né (risos). E vocês trocaram depois?

H13*: Sim. Trocamos várias imagens. A gente trocou umas imagens e aí ele mostrou para os amigos dele, eu mostrei para os meus, enfim. A gente trocou as imagens e compartilhou.

Pesquisadora: Esses registros é uma forma também de prolongar esse diálogo sobre o show, do que só falar sobre ele. Tu usas ali como uma troca para estender a conversa, parece.

H13*: Com certeza, com certeza. Estende muito a conversa porque todo esse material que o pessoal coleta na hora do show, depois é para alguma coisa. Para compartilhar, trocar, e isso é feito depois. Muito feito depois, porque na hora as pessoas também não conseguiam muito trocar por causa do sinal de celular.

Pesquisadora: Tu achas que o fato de ter muitas pessoas usando influencia para que tu queiras usar também o celular?

H13*: Não, eu acho que não. Eu acho que para mim é ao contrário. Eu não quero fazer igual a todo mundo e, enfim, acabo fazendo sem querer. Não influencia, pelo menos para mim não influencia.

Pesquisadora: Qual é o modelo do teu celular e qual é tua relação com teu celular?

H13*: Eu tenho um iPhone 7 e... Qual era a outra pergunta?

Pesquisadora: A tua relação com teu celular.

H13*: Eu sou, praticamente como todo mundo hoje, muito ligado. Estou sempre usando para “n” coisas. Não fico sem. Às vezes eu tenho que tirar uma folga dele... Às vezes eu vou para lugares que não tem sinal para ficar um pouco sem celular. Faço isso, às vezes. Vou acampar e fico sem celular. Acho maravilhoso. A gente está muito viciado e não se dá conta.

Pesquisadora: E o show não poderia ser esse ambiente também?

H13*: Eu ia adorar se fosse. Eu ia adorar porque daí não ia ter escolha e aí tu não ias ficar nesse dilema: gravo ou olho. Beleza. Não tem celular é curtir.

Pesquisadora: Pois é. Eu não sei se tu chegaste a ver que o Jack White... Ele sempre baniu em seu discurso nos shows e agora ele usa um acessório, que é uma bolsa, que se chama *Yondr*, uma empresa criou. E aí ela bloqueia mesmo o celular. Tu entras no evento e tem que colocar teu celular lá dentro, e aí ela tranca e ela só é desbloqueada na saída, que tem um aparelho que tu encostas a bolsa e daí ela abre. Passa o show inteiro com o celular, mas sem poder usar ele porque ele está trancado nessa bolsa. Como é que seria para ti ir em um show dele, assim?

H13*: Ah, eu acho bem interessante. Eu ia gostar dessa experiência. Claro que eu ia sentir falta de compartilhar ali na hora, mas, enfim, é outra experiência, é outra percepção do show daí, né.

Pesquisadora: Tu achas que alguma coisa se perdeu ou se ganhou? O que se ganhou e o que se perdeu nessa diferença de ter celular em shows ou não?

H13*: O que se ganhou é a conexão com as pessoas que estão de fora. Tu está conseguindo transmitir o que está passando ali, no momento. Isso é uma sensação legal, dá um prazer. É inegável, dá um prazer. As pessoas querem muito isso. Mas o que se perder é o foco, né. Foco no lugar. Se perdeu muito o foco no lugar. As pessoas não estão focadas onde estão. Isso se perdeu muito.

Pesquisadora: E em um show isso é mais importante já que ele não se faz só com o artista. Ele precisa dessa mútua troca, né.

H13*: Exatamente. É uma conexão do público com o artista, né. E essa conexão mútua se perdeu, se perdeu um pouco.

Pesquisadora: Eu até vinha conversando com algumas pessoas porque o próprio Roger fez um depoimento em 2011... Depois da turnê do *The Wall*, ele viu algumas imagens que

foram gravadas para o DVD lá, e ele tava olhando para escolher umas imagens, e ele viu imagens do público. Na época o Twitter era muito forte. Então ele viu muita gente tuitando e usando celular. Ele não tinha se dado conta, ele não tem acesso a isso, no palco ele não consegue ver tão bem. Mas ali vendo realmente o público ele ficou espantado: “nossa, por que se pagaria para ir em um show para passar o tempo inteiro no celular?” E comenta que não estava criticando nem nada, ele só estava realmente interessado em por que esse uso, o que as pessoas pensam a respeito disso. E aí, para mim, foi até o que motivou no início a fazer a pesquisa, porque é muito curioso pensar essa problemática no próprio show dele. E como as pessoas lidam com isso, se tiverem acesso a isso. Na época, faz tempo, né, foi em 2011, mas ele postou na página dele no Facebook. E na época ele tinha blog também e ele mesmo escrevia, então tinham essas publicações lá e as pessoas comentavam e tal. Agora nem sei mais a que caminho andou. Mas as próprias criações dele, né. O álbum lá em 92, o *Amused to Death*, era sobre a crítica da alienação da TV, né. Eles relançaram em 2015, trocando as telas, enfim. Então isso se mantém no show dele. Tem um mega telão e tem as telas das pessoas também. Eu não sei como é para ti essa sensação... Tu chegaste a pensar em alguma coisa nesse gênero no show? É curioso estar em 2018, em um show dele, com tudo isso em mente e tanta tela, né, na nossa volta, que agora já é meio que... não se sabe mais como sair disso, né.

H13*: Pois é. A gente já não tem mais como sair. É bem isso que tu falou, a gente nem se dá conta. Foi evoluindo tão rápido e naturalmente que agora a gente não sai mais, eu acho.

Pesquisadora: E aí, enfim, eu acho que ele busca ainda reivindicar esse papel da experiência de show para tentar buscar essa conexão que parece que lá fora tudo se perdeu, assim.

H13*: Eu acho que as pessoas tem que buscar resgatar algumas coisas que foram perdidas. Exatamente. Porque a gente tá vivendo uma revolução digital. Eu acredito que a gente ainda vá buscar um equilíbrio, futuramente. Mas como tudo é novidade ainda, a gente está atropelando muita coisa sem se dar conta.

Pesquisadora: Logo que começou a ter o uso massivo de celular, não sei se em 2012 tinha bastante gente usando, como é que foi?

H13*: Já tinha, mas não tanto quanto hoje.

Pesquisadora: Tu achas que agora é mais do que naquele ano?

H13*: Sim, por causa das redes sociais. Não tinha Instagram antes.

Pesquisadora: Qual foi o período que tu usaste mais o celular em show e qual o período que tu usaste menos, desde que surgiu o celular em show?

H13*: As mais recentes.

Pesquisadora: Agora tu sentes que tu usas mais?

H13*: Com certeza. Quanto mais recente, mais usei. Tá cada vez mais fácil, né. E a gente está habituado a cada vez usar mais também.

Pesquisadora: Mas ao mesmo tempo, agora, tu tá, pelo menos nesse show, tu teve um período de refletir, assim, de “ah, não. Não vou gravar tanto”. Isso é recente ou isso...

H13*: Não. Eu tenho me policiado nos últimos shows. Eu tenho me policiado quanto a isso aí. Não foi só nesse show. Foi em outros também. Eu me dei conta disso.

Pesquisadora: Então antes tu gravavas mais do que agora, nessa relação?

H13*: Já teve, digamos assim, no início do ano passado, eu gravei mais e durante o ano fui me dando conta, fui reduzindo e fui me policiando.

Pesquisadora: Está nessa nova vertente agora.

H13*: É, não dá pra exagerar. Não dá para perder o foco.

Pesquisadora: Bom, só vamos ver se tem mais algum ponto que eu tenha pulado. Faltou bateria então para ti durante o show?

H13*: Bateria, não. Memória. Se tivesse memória eu certamente teria registrado mais. Mas eu acho que foi bom, no final das contas.

Pesquisadora: Tu não pensaste antes: “Vou com o celular zerado. Quero fazer muitas fotos”?

H13*: Era muito trabalho. Não dei tanta importância assim.

Pesquisadora: Tu fazes backups regulares das imagens?

H13*: Faço backup. Vai tudo para a nuvem. Mas ali também não tinha como fazer. Sem sinal... Enfim, não me preocupei tanto com isso. Se eu tivesse me preocupado tanto eu teria feito essa limpa com antecedência e não teria passado por esse problema.

Pesquisadora: Os registros dos teus shows anteriores, eles estão guardados em algum lugar?

H13*: Estão perdidos na nuvem.

Pesquisadora: Desses todos... Desde que ano tu tens registro?

H13*: Tenho apagado quase todos, ficado com poucos vídeos. Eu faço lá 20 registros em um show e fico com cinco. Para ficar de lembrança. A maioria eu apago porque eu sei que eu não vou olhar depois. Uma semana depois e acabou.

Pesquisadora: De quantos anos para cá que tu tens registro de show?

H13*: Deixa eu tentar lembrar. Do outro show eu já tinha registro. No *The Wall*.

Pesquisadora: Tu chegaste a ver agora os vídeos do show?

H13*: Sim, eu vi. Eu vi, tinha foto com meu pai lá. Tenho poucos registros, bem poucos. Tinham algumas fotos. Não tinha vídeo. Nenhum vídeo. Engraçado, não tinha nenhum vídeo, só algumas fotos. Eu vi agora antes desse show. Eu vi. Mas era bem pouco e isso foi 2012, né.

Pesquisadora: Seis anos.

H13*: É.

Pesquisadora: Teu celular, tu lembra qual era o modelo? Será que era por isso que não tinha vídeo?

H13*: Era, sei lá, um iPhone 3, eu acho.

Pesquisadora: Porque o áudio, mesmo assim, né, tem essa questão. O show do Roger, em especial, o áudio todo, parece que é em todo o estádio, né. Está em todos os lugares. E no celular tu não consegue captar tão bem...

H13*: Não, não consegue captar. Só estando lá para perceber isso.

Pesquisadora: Eu lembro muito do momento de *Brain Damage*, quando a gargalhada do louco saiu de um lado e aí toda a galera gargalhava junto.

H13*: Essas coisas são muito especiais. Não é qualquer show que tem isso.

Pesquisadora: Sim. Até para recontar isso é difícil, né.

H13*: É, isso aí não tem como mostrar para os outros. Só quem tá lá. Essas aí, o celular não consegue captar essas coisas.

Pesquisadora: Em que momentos tu relembra das tuas sensações nesse show?

H13*: Eu lembro com certa frequência. Enfim, quando toca música, principalmente quando toca música. Quando eu ouço uma música no rádio, quando eu estou escutando música... Me remete aos shows. O legal do show é isso porque a emoção não fica só no momento. Quando tu ouve as músicas depois, desperta a emoção do show. Então é legal isso. A emoção do show, ela fica para depois também.

Pesquisadora: É uma alegria estendida.

H13*: É uma alegria estendida. Todas as vezes que tu ouvir a música, tu vai lembrar do show. Tu vai te emocionar quando tu ouvir a música.

Pesquisadora: Legal. Aí é o que move para ir de novo e de novo. Tu vais criando essas cápsulas de alegria estendida. Bom, ainda mais isso, para ti foi o mais...

H13*: Foi um dos melhores da vida.

Pesquisadora: Agora para bater só vindo ele com o David Gilmour... Isso é uma curiosidade, que é até à parte da pesquisa, mas o do David Gilmour não tem nada de... de

toda essa parafernália que o Roger monta de estrutura. O que para ti faz de diferença na experiência de show ter toda essa estrutura, em comparação ao dele que é bem *clean* e que é só as músicas?

H13*: Eu vou te dizer que a emoção foi bem parecida, mesmo não tendo toda essa parafernália. E era música mesmo. Música. Um solo de guitarra do David Gilmour é... Só ele faz aquilo. É pela música. Não precisa de outras coisas. Eu acho até que é legal isso no show dele porque aí não se perde o foco com outras coisas. Tu fica focado exatamente na música, no show dele. Então, acho até por isso que é mais *clean* o show dele.

Pesquisadora: Eu até, eu estudo muito isso, o porquê tem toda essa estrutura no show do Roger. É o único, atualmente, que faz tanta coisa no show, né. É muita coisa, é um cinema, praticamente. É um cinema com várias coisas acontecendo ao mesmo tempo.

H13*: No The Wall teve um avião que explodiu, se chocou... Um cabo de aço do avião chocou com o muro e explodiu, pegou fogo. É muito louco, né. Não tem nada parecido em outros shows, né. Mas claro, musicalmente, o David Gilmour, comparando os dois, é mais, é muito superior.

Pesquisadora: Talvez é a estratégia do Roger.

H13*: É legal, mas é diferente.

Pesquisadora: É que ele estava sempre mais no plano da criação, né. E aí ele estendeu para a criação de um show incrível.

H13*: Sim, musicalmente nem tanto, mas a criação, as letras e tudo mais, ele, enfim, Pink Floyd ali ele teve a maior importância nisso.

Pesquisadora: Eu acho que era isso. Que eu me lembre... Se tiveres alguma coisa que tu queiras acrescentar, principalmente da experiência de show de rock... O que tu vê de clara diferença entre quem não é fã e quem é fã na própria atitude em relação ao show e por que que essa experiência de show é diferente?

H13*: Sim. É o significado, né. Daquilo do significado das músicas. As pessoas não captam, né, não percebem tudo o que está se passando ali. Não conseguem captar o que está se passando se não conhecem, se não são fãs. Não se emocionam.

Pesquisadora: Vai mexer de um jeito diferente.

H13*: Não vai se emocionar. Vão achar legal, vão achar bonito, divertido, vão se divertir, mas não vão se emocionar. E faz uma grande diferença. Quem é fã, quem conhece, quem já traz aquelas músicas consigo há tempos na sua vida, tem tantos momentos que já viveu aquilo, tem uma bagagem que tu carrega, e aí é o que desperta as emoções. Bem diferente de quem não é.

Pesquisadora: Quem gosta também de ir a show, de estar no meio da galera, de estar vibrando ali. É um perfil de pessoa diferente.

H13*: E assim, mesmo que tu não conheça a banda, tu não é fã e tal, tu vai te divertir. Tu vai estar lá, vai estar no meio da galera, tu vai sentir aquela vibração, monte de gente, tudo mais. Legal. Só que não é a mesma coisa de quem é fã. Não vai se emocionar como um fã.

Entrevistada 5 | Identificação: M10* | Idade: 26 anos | Data da entrevista: 15/01/2019 | Local da entrevista: cafeteria Bella Gula em Porto Alegre.

Pesquisadora: Bom, pra começar, antes da gente chegar ao tópico principal, eu gostaria de saber de ti o que te faz ir a um show e com que frequência tu costumava ir?

M10*: Eu vou normalmente quando gosto muito da banda e com que frequência... É bem difícil, eu não vou muito, esse ano acho que fui a uns 3 shows, ano passado, na verdade. Mas quando eu gosto muito da banda eu tento sempre ir, sempre que possível.

Pesquisadora: E tu tens um gênero preferido?

M10*: Ah, eu gosto muito de rock, em geral rock.

Pesquisadora: Quais foram os shows que tu foste ano passado?

M10*: Eu fui no cover do Abba, Cachorro Grande, Tequila Baby e esse do Roger Waters.

Pesquisadora: Em média, tu costumava ir por ano em uns 4 shows ou teve um ano que tu foi muito mais ou muito menos?

M10*: Esse último ano é o que mais fui. Acho que eu vou em dois, três assim, mas normalmente eu vou em barzinho assim que tem show de bandas pequenas. Em shows de bandas maiores acho que é isso assim que eu fui, não costumo ir muito.

Pesquisadora: E fora o tamanho, qual é a principal diferença que tu sentes de shows pequenos para shows maiores?

M10*: Show pequeno normalmente é menos organizado, digamos assim, show maior requer mais tempo, tem abertura e toda uma estrutura que se monta para o show maior, e os shows menores normalmente são bandas menores, não tem abertura, por exemplo, mais ou menos essa diferença.

Pesquisadora: É, envolve uma preparação, tanto deles quanto de quem vai também, né. E como tu descreve a experiência de show desses shows menores que tu costumava ir?

M10*: Em geral eu gosto bastante também, gosto de conhecer bandas novas, costumo sempre incentivar música não tão famosa, desconhecida. Mas eu gosto bastante de ir, é bom pra descontrair com os amigos e também pra conhecer outras pessoas, sons diferentes.

Pesquisadora: E o show tem algumas características particulares em questão de show de rock, tu costumava ir a shows de outros gêneros? O que é pra ti um show de rock, o que tem de diferente ou não em relação a outro gênero?

M10*: Eu dificilmente vou em outro tipo de show, só se eu for pra algum bar e tiver tocando alguma outra banda, mas em geral eu só vou em shows assim de, não sei explicar muito bem, rock, punk, metal, às vezes também, mais desse gênero. E às vezes tem roda

punk por exemplo, às vezes eu vou na roda punk, mas depende do show, até pop eu gosto, não tenho uma coisa específica, um gênero determinado que eu goste.

Pesquisadora: Além dessa questão de socializar com os amigos e de conhecer as bandas, o que tu sentes dessa experiência, quando tu estás num show, qual é a sensação que tu tens, como tu diferes dos outros momentos de lazer?

M10*: Ah, eu gosto de ir nos shows para ouvir a banda, normalmente são bandas que eu gosto bastante, que eu já conheço, e pra conversar em show é mais complicado, digamos assim, tem a música, enfim... Mas é mais nesse sentido, de aproveitar o show, curtir e conversar também com os amigos, mas geralmente é mais depois ou antes por causa do show.

Pesquisadora: E indo lá pra o show do Roger Waters, tu lembras como foi a tua preparação para esse show?

M10*: Eu saí direto do trabalho aí fui de ônibus pra lá, tentei chegar bem cedo por causa de fila, enfim, e pra assistir a abertura também né, cheguei bem antes, mas eu já fui direto do trabalho, me arrumei ali no trabalho.

Pesquisadora: E tinha comprado ingresso há muito tempo antes?

M10*: Não, eu comprei uma semana antes eu acho, meu pai não queria ir sozinho aí me pediu pra ir com ele, daí eu fui e comprei o ingresso, ele me deu dinheiro pra ir com ele.

Pesquisadora: E como tu descreves, como tava tua sensação nesse dia de entrar lá e ver a estrutura, tu chegaste antes do show da abertura né, como foram esses momentos esperando o show?

M10*: É, primeiro teve toda a polêmica do show, eu achei que não teria tanta gente, no início tava bem vazio, até um pouco depois da abertura não tava cheio ainda, achei que não ia encher também. Mas deu bastante gente, tava bem legal, eu diria que foi o melhor show que eu já fui, gostei muito.

Pesquisadora: E se tu fosses me contar como foi o show pra ti, o que te chamaste mais atenção, o que tu sentiste, como foi?

M10*: Eu gosto muito de Pink Floyd né, então me fez lembrar de alguns momentos e eu gostei muito dos efeitos especiais, do porco, das torres saindo de trás do telão, enfim, achei muito bonito, a pirâmide também das luzes, o arco-íris, ficou muito bonito, adorei o show.

Pesquisadora: E tu chegaste a ver imagens antes de ir pra o show? Porque aqui era o último dos shows no Brasil, tu chegaste a acompanhar os shows nos outros estados?

M10*: Não, eu não cheguei a ver, mas a minha prima já tinha me falado que ia ter o porco, era a única coisa que eu sabia, o resto eu não sabia de nada, nem fui olhar.

Pesquisadora: Ah, só soube da polêmica da política então, porque saiu até no noticiário, não tinha escapatória, mas o resto tu não soubes.

M10*: É, não, nem fui atrás, eu gosto de ser surpresa também né, não fui procurar muito.

Pesquisadora: E por essa questão da polarização tu chegaste em algum momento a ter um pouco de receio de ir por não saber o que ia acontecer?

M10*: Sim, num primeiro momento eu senti medo de ter, não sei, algum atentado, nunca se sabe, mas fui igual, fiquei um pouco ansiosa, mas no fim correu tudo bem.

Pesquisadora: Nesse momento em que teve as frases de protesto, como foi ali no lugar que tu estavas? Porque acaba que esse é o maior pico de protesto.

M10*: Sim, tinha algumas pessoas brigando, dá pra se dizer, que não estavam contentes, que estavam xingando e tava bem nervosas assim.

Pesquisadora: Ninguém se agrediu, pelo menos?

M10*: Não, só palavras, xingando o outro, teve algumas pessoas discutindo.

Pesquisadora: Bom, tu contaste um pouquinho pra mim da tua lembrança do show, e tu utilizou alguma coisa depois pra te lembrar do show? Tu utilizas algum recurso pra lembrar dele depois?

M10*: ah, eu e meu namorado, como ele não foi comigo, a gente acabou assistindo quase todos os vídeos que eu gravei depois, mas foi só assim, e relembrando quando alguém pergunta alguma coisa assim, a gente lembra do show, enfim, e algumas fotos também que eu publiquei nas redes sociais, mas fora isso, mais é a lembrança mesmo.

Pesquisadora: O que pra ti torna uma experiência de show especial/memorável?

M10*: Primeiro é eu gostar bastante da banda, das músicas, enfim, gostar das letras também, que é uma coisa que eu me interesso bastante, saber o que as pessoas estão falando, e as companhias também, ter um momento legal com as pessoas também é importante.

Pesquisadora: Como tu achas que a experiência de show se relaciona com as tuas outras experiências do cotidiano? No sentido de se tu levas alguma coisa do show para o teu dia a dia, ou vice e versa?

M10*: Eu acho que, normalmente, depois do show eu fico um tempo escutando essa banda (risos). Mas acho que, fora isso, não, acabo ouvindo bastante antes, no decorrer também, e depois do show eu fico relembrando e ouvindo músicas.

Pesquisadora: E quando tu ouves a música tu consegues te lembrar do momento no show?

M10*: Sim, traz de volta, parece que passa um filme assim do show passando na tua frente.

Pesquisadora: Que música foi mais marcante para ti no show?

M10*: Ah, difícil, eu acho que *Dogs*. Mas foram muitas assim, muito difícil responder.

Pesquisadora: E tu comentaste que tu utilizaste o celular para filmar, para gravar, eu lembro que lá no dia tu tinhas comentado comigo que teu namorado e tua prima não poderiam ir e tu querias poder compartilhar com eles também... Como foi durante o show, em que momentos tu pensava “ah, isso aqui preciso gravar”, o que te motivava a usar o celular?

M10*: Eu procurei gravar as partes que eu mais gostei, as músicas que eu mais gostava, e aquelas partes que começou a sair a fábrica, que eu achei muito bonito, dessa parte eu comecei a gravar e acho que dali eu gravei quase todo o resto do show, não conseguia mais desligar.

Pesquisadora: Por quê? O que tu sentias?

M10*: Porque tava vindo uma música melhor do que a outra (risos).

Pesquisadora: Aí tu tinhas que levar aquilo de algum jeito.

M10*: Tinha que gravar pra levar pra eu lembrar depois.

Pesquisadora: Mas tu sentiste que talvez tu não lembrarias se tu não gravasses? Como foi tua relação com isso?

M10*: Ah, não que eu não lembraria, mas que eu poderia relembrar vendo o vídeo, e que poderia mostrar também pra o meu namorado e pra minha prima. Mas mais pra poder ver em um outro momento porque tava muito bonito.

Pesquisadora: E tu viu depois no dia seguinte já, como foi?

M10*: Não, eu assisti acho que um mês depois mais ou menos, eu e meu namorado paramos pra olhar os vídeos e aí a gente deu uma assistida em boa parte dos vídeos que eu gravei, pra mostrar pra ele também como foi.

Pesquisadora: Mas logo depois tu só contaste pra ele?

M10*: É, a gente só conversou um pouco sobre o show, eu contei as coisas que teve, mas a gente não chegou a olhar, até porque ele não mora aqui perto então eu só vejo ele de vez em quando, mas aí quando a gente se viu e deu pra olhar assim a gente assistiu os vídeos. Aí deu pra relembrar todo o show.

Pesquisadora: E tu chegaste a mandar algum vídeo ou foto enquanto tu estavas lá no estádio?

M10*: Sim, eu mandei algumas fotos da gente pra o grupo da família que a gente tem, alguns vídeos também, e essa minha prima que não foi tá nesse grupo também, aí mandei alguns vídeos, uns trechinhos assim, mas pouca coisa. Ela queria ir e não tinha dinheiro pra ir.

Pesquisadora: Aí vocês levaram o show pra ela.

M10*: É, tentamos passar um pouco. Ela gostou, mas pena que não pode ir, ficou triste, né.

Pesquisadora: Imagino. E funcionou a internet para enviar lá de dentro?

M10*: Sim, minha internet de dados tava funcionando. Eu usei em poucos momentos, mas às vezes que tentei usar tava funcionando. Eu fiquei mais na câmera mesmo só gravando, não tava mexendo assim em redes sociais.

Pesquisadora: E tu chegaste a postar em redes sociais ali?

M10*: Não, só depois que eu cheguei em casa pra postar mesmo, só enviei algumas coisas por WhatsApp pra família.

Pesquisadora: E onde tu postaste depois?

M10*: No Instagram e no Facebook.

Pesquisadora: E tu tens uma noção de quantas fotos e vídeos tu postaste e quantos tu fizeste no total?

M10*: Eu postei umas 10 fotos. De foto mesmo eu devo ter tirado no máximo 15, eu acho, não, um pouco mais, porque eu tirei várias daquela pirâmide, de vários ângulos. Mas deve ter dado umas 30 fotos, a maioria era do show assim, do porco, da pirâmide, não muito minha ou da gente. Mas eu postei 10, e só. Nem vídeo, nem nada, só as fotos.

Pesquisadora: Não postou os vídeos?

M10*: Não, só gravei pra lembrar depois.

Pesquisadora: Ah, então os vídeos eram pra ti e as fotos para compartilhar?

M10*: Isso.

Pesquisadora: E quantos vídeos tu fizeste, mais ou menos?

M10*: Tem um vídeo de meia hora e acho que tem mais uns cinco, talvez, de 15 minutos cada um. Eu gravei quase todo show (risos).

Pesquisadora: E como tu fazias para gravar? Como foi?

M10*: Eu deixei o celular mais embaixo e fiquei assistindo e gravando, tentando focar mais ou menos mas prestando atenção no show.

Pesquisadora: E deu certo?

M10*: Deu, não ficou muito tremido assim. Algumas partes sim, mas dá pra ver assim como foi o show.

Pesquisadora: E foi da metade pra o fim?

M10*: Que eu gravei meia hora foi da metade pra o fim, sim. Mas no início eu gravei alguns vídeos também.

Pesquisadora: E a bateria do teu celular?

M10*: Ela é bem boa.

Pesquisadora: Não te deu uma preocupação de que poderia acabar?

M10*: Quando eu tava gravando o vídeo de meia hora que começou a ficar quase terminando a bateria, mas deu tranquilo, não chegou a faltar.

Pesquisadora: E tu se preparaste antes pra limpar o celular pra ter bastante espaço?

M10*: Não, eu não pensei que eu ia gravar tudo isso (risos). Nem me organizei muito, normalmente eu acabo só indo assim, vou e curto os momentos, mas não cheguei a me organizar, meu celular tem bastante memória e bastante bateria, então deu tranquilo. Também nem carreguei, se tivesse carregado poderia ter gravado um pouco mais.

Pesquisadora: Chegou a acabar a bateria lá?

M10*: Não, chegou nos 10% mas não acabou.

Pesquisadora: Mas aí no final tu optaste por não usar pra não acabar?

M10*: Não, eu fui usando, qualquer coisa ia ter outras pessoas pra chamar Uber, aí não me preocupei muito com bateria.

Pesquisadora: E como tu sentes que foi a tua experiência no show no início, quando tu gravaste momentos pontuais, e mais no final quando tu gravaste o tempo inteiro?

M10*: A segunda parte do show foi a que eu mais gostei, por isso eu gravei por mais tempo, eu curti mais a segunda parte, foi a que tocou as músicas que eu mais gosto, aí acabei gravando também pra lembrar desses momentos. Mas acho que não mudou muito assim de um momento pra o outro.

Pesquisadora: E qual é a importância pra ti desses registros?

M10*: É poder, daqui um tempo, sentar e olhar de novo, lembrar das imagens, enfim, todo o show, todo o momento em si, toda a emoção, enfim, todas as lembranças.

Pesquisadora: E tu achas que seria muito diferente se não pudesse usar o celular? Têm alguns shows que eles restringem, né.

M10*: Eu acho que não mudaria muito, porque muitas vezes eu acabo não olhando, mas é legal de ter pra quando eu quiser olhar, mas não que eu olhe normalmente assim, mas eu prefiro gravar.

Pesquisadora: E tu chegaste a ver vídeos que outras pessoas fizeram também ou só os teus?

M10*: Não, eu não vi nenhum, só os que eu gravei.

Pesquisadora: E tu compartilhaste no grupo da família e nas redes sociais, como foi a repercussão?

M10*: Nas redes sociais algumas pessoas comentaram: “ah, que legal, queria ter ido”, algumas coisas assim, mas eu só postei fotos né, então mais sobre isso de que queria ter ido. Aí no grupo da família tinha várias pessoas também que queriam ter ido, que gostaram dos vídeos, mas não teve muitos comentários assim.

Pesquisadora: E o que te motiva a postar nas redes sociais?

M10*: Eu acho que dividir o momento, normalmente eu acabo revendo as minhas fotos também e relembro alguns momentos, e também pra compartilhar com algumas pessoas. Acho que é isso.

Pesquisadora: E foram as mesmas que foram pra o Instagram e pra o Facebook?

M10*: Sim, mesmas fotos, postei no Instagram e linkei com o Facebook.

Pesquisadora: Tu não chegaste a postar mais nada depois, só na semana do show?

M10*: Só no dia seguinte, depois eu não postei mais nada.

Pesquisadora: E tu acabaste lembrando então quando já tinha passado um mês mais ou menos, e depois disso tu não viste mais? O que tu fizeste com esses registros?

M10*: Eu guardo no notebook, eu faço umas pastas, organizo, e tá lá, não mexi mais. Deu bastante espaço, mas faz parte, deixar guardado.

Pesquisadora: Que legal. Bom, então tu conseguiste assistir com o teu namorado todos os vídeos, quanto tempo deu no total?

M10*: Eu acho que deu quase uma hora de vídeo que eu gravei, por aí.

Pesquisadora: E tu costumava gravar nos outros shows também?

M10*: Depende, às vezes eu gravo, às vezes não, normalmente eu gravo mais trechos. Eu gostei muito de todo o clima assim do show, das imagens, de tudo assim, do telão, então eu quis registrar isso também. Porque as músicas tu consegue ouvir, tu tem as músicas, em um show que é menos elaborado a gravação é a mesma coisa que tu ouvir a música. Mas nesse tinha toda uma estrutura, imagem, vídeo, som, que ficou muito bonito pra registrar, mas em geral eu não gravo muito, alguns trechos das minhas músicas preferidas só, mas não muita coisa.

Pesquisadora: É, em geral acaba se repetindo mais porque o palco não muda tanto, mas ali era muito dinâmico.

M10*: É, exatamente.

Pesquisadora: Teve algo que tu acabaste vendo só no teu vídeo depois? Porque são muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo ali.

M10*: Eu acho que eu não reparei nada diferente, tô tentando lembrar mas acho que nada que eu não tivesse visto assim que eu reparei depois.

Pesquisadora: E tem vários momentos de pico nesse show, tem algum que tu te lembras que ficou mais ociosa no show? É um show bem longo, 3 horas e pouco.

M10*: É, teve algumas músicas que eu não gosto tanto, aí não me deixaram tão animada, e acho que no intervalo. Mas mesmo no intervalo ainda tinha as imagens aparecendo ali que ficavam entretendo a gente, mas teve alguns momentos que foi de mais euforia, digamos assim, e outros menos, mas no geral foi bom, todas as músicas muito boas.

Pesquisadora: E tu achas que tem alguma coisa que atrapalhou a tua experiência de show?

M10*: Talvez as pessoas discutindo ali na volta, tava atrapalhando um pouco. Mas acho que fora isso, a chuva que começou mais pra o final do show atrapalhou um pouco.

Pesquisadora: Na tua volta as pessoas usaram bastante o celular?

M10*: Não reparei muito, eu vi algumas pessoas usando, mas eu tava mais focada no show mesmo, ou no vídeo, não reparei. Eu vi algumas pessoas da frente mexendo um pouco, esse pessoal que ficou irritado aí que ficou mexendo bastante, eles ficaram irritados com o show, ficaram muito indignados.

Pesquisadora: É, erraram o show.

M10*: Foi o que falei pra eles.

Pesquisadora: Tu chegaste a falar pra eles?

M10*: Aham.

Pesquisadora: (risos). Bom, tu costumava gravar que momentos na tua vida além do show?

M10*: Eu não costumo gravar muito, às vezes eu faço uns *stories* de comida ou da academia, às vezes alguma coisa do trabalho, mas eu não costumo postar muita coisa, no máximo eu faço algum *story*, alguma coisa que eu achei interessante, mas não é muito comum isso. Principalmente eu aparecendo assim, normalmente eu fotografo alguma paisagem ou alguma coisa bonita que eu vi, mas não é muita coisa não, não costumo movimentar muito minhas redes sociais.

Pesquisadora: Mas mesmo pra o teu uso, o que tu costumava registrar?

M10*: O que mais registro é foto de paisagem, quando eu vou viajar pra casa, que eu fico quatro horas no ônibus, eu acabo tirando várias fotos. E alguns momentos, aniversário de alguém, mas não tenho muitas fotos, muitos registros.

Pesquisadora: Tem algum show que tu tenhas gravado mais do que esse?

M10*: Esse foi o que eu mais gravei, com certeza.

Pesquisadora: Eu soube pela entrevista prévia que a gente fez que algumas pessoas que estavam contigo ficaram tranquilas para não gravar porque sabiam que tu estavas gravando. Elas se utilizaram do teu trabalho também.

M10*: Verdade, já que já tinha alguém registrando, né, não tinha porque gastar a bateria de todo mundo.

Pesquisadora: Tu fizeste um papel social importante pra o círculo de amigos.

M10*: Também (risos).

Pesquisadora: Compartilhou aquele vídeo grande com eles também?

M10*: Eu não consegui, não ia por WhatsApp, eu tentei mas era muito grande. Eu mandei acho que um ou dois vídeos menores, mas aquele grande ninguém me pediu ainda, talvez eles me peçam depois de um tempo. Mas não foi pelo WhatsApp, eu tentei.

Pesquisadora: Tu tens backup em algum lugar?

M10*: Eu tenho nuvem no gmail, aí vai todo o dia pra nuvem, as fotos foram, os vídeos acho que não vão sozinhos, daí eu passo pra o notebook e pra o hd externo também. Meu notebook já estragou uma vez e eu já perdi coisa.

Pesquisadora: Tu tens registro de vídeo de outros shows que tu voltaste a assistir algum tempo depois? Qual tinha sido o show mais importante pra ti antes desse?

M10*: O que eu mais gostei antes desse foi o do Black Sabbath, mas daí eu não tinha um celular bom e eu não tenho praticamente nada de recordação daquele show, tenho algumas fotos, bem poucas. Mas de olhar vídeos de outros tem alguns shows que tem alguns vídeos no meu Instagram e tal, aí volta e meia tô passando ali e vejo um vídeo pra lembrar. No computador é o lugar que eu menos olho, mas nas redes sociais eu acabo lembrando, às vezes eu não tô fazendo nada daí eu fico olhando as fotos antigas.

Pesquisadora: Então é um bom artifício pra retomar a memória desses momentos.

M10*: É bom pra lembrar: “Ah, aquele momento foi legal”.

Pesquisadora: E tem algum show que tu achas que tenha sido muito legal e tu lembra sem ter registro?

M10*: Acho que o do Black Sabbath, que eu não tenho vídeo nenhum, só algumas fotos minhas e do meu namorado, mas registro assim do show muita pouca foto. E esse eu gostaria de ter alguns registros, foi bem bom o show. Dos outros eu acho que tenho de todos algum registro.

Pesquisadora: E quando tu vêς essas fotos tu consegues te transportar de volta pra o show ou tu sentes diferença de quando tu tens vídeo também ao invés de só foto?

M10*: É, é mais legal quanto tu tem o vídeo também pra assistir, mas também me faz relembrar daquele dia, o setlist, que eu vi eles, também ajuda a relembrar.

Pesquisadora: É, e algumas pessoas comentam comigo que é bom porque é do ponto em que elas estavam, não sei se pra ti tem alguma relação.

M10*: É, tipo é a tua visão do palco, relembra melhor da tua visão.

Pesquisadora: Por isso talvez tu nem se motive a ver vídeos que outras pessoas fizeram.

M10*: É, também, e não sei, como eu já não olho muito os que eu gravei já, não tem porque eu olhar o dos outros, não olho nem os meu (risos).

Pesquisadora: Os que tu postaste então em redes sociais tu acabaste vendo mais?

M10*: É, os outros, como eu não vejo muito meu notebook, só de vez em quando, eles acabam ficando meio perdidos lá, e são vídeos maiores, nas redes sociais eu tenho só os *stories*, que é poucos segundos, e aí é só pra relembrar ali um pequeno momento, aí acabo vendo mais esses que estão *online*.

Pesquisadora: Sim, é um recorte mais rápido.

M10*: É.

Pesquisadora: E tu achas que faz diferença o diálogo que gera essas tuas postagens? Até pra tua recordação desse momento porque é como se tu compartilhasse a tua memória, a tua experiência com as outras pessoas que podem vir a ver as tuas redes.

M10*: É interessante assim ver as outras pessoas comentando “ah, queria ter ido”, mas não sei se muda muita coisa, é mais pra compartilhar e relembrar também quando eu quiser ter acesso de novo às fotos.

Pesquisadora: E tu utilizas pra mostrar pra pessoa quando tá contando algo de um show?

M10*: Muitas vezes sim, “ah, fui no show, olha só essa música, olha essa foto, olha que legal esse porco”.

Pesquisadora: E tu falaste do celular também, que no show do Black Sabbath em 2013 por exemplo não era muito bom. Qual é o teu modelo hoje de celular e qual é a tua relação com ele?

M10*: Eu tenho um Asus, acho que é um Zenfone 5 Zoom se não me engano, e eu vivo com ele o tempo todo. Eu tiro muitas fotos, adoro a câmera dele, comprei ele por causa da câmera, e como eu disse, gosto de tirar foto de paisagens, de coisas bonitas, mais pra lembrar mesmo, rever os momentos, e eu gosto bastante dele e acabo usando bastante ele pra trabalho também, uso como agenda, pra ver as redes sociais, entrar em contato com as pessoas, acabo usando ele bastante.

Pesquisadora: A câmera dele é boa tanto pra foto quanto pra vídeo?

M10*: Sim, ele é muito bom pra foto no escuro, ficam bem boas as fotos. E pra vídeo também é muito bom, bem boa a qualidade.

Pesquisadora: É um bom recurso então. E lá no show então tu conseguiste ficar com sinal e com bateria?

M10*: Sim, tava tudo tranquilo.

Pesquisadora: Eu acho que tem a ver também com o local que a pessoa tava no show, porque tem algumas pessoas com quem eu conversei que disseram que ficaram o tempo inteiro sem sinal.. Ou é a operadora.

M10*: Mas a minha é a que costuma ficar sem sinal, que é a Tim. Eu quase não usei internet, mas às vezes que eu tentei olhar alguma coisa tava funcionando.

Pesquisadora: O que tu tentaste olhar?

M10*: Eu tava conversando pelo WhatsApp com a família, na verdade foi antes de iniciar o show essas coisas, de mandar foto da gente e conversar ali no Whats, daí acho que só na saída também pra procurar Uber, mas acho que fora isso eu praticamente não mexi. Mas nesses momentos funcionou.

Pesquisadora: Acho que o Whats já é mais fácil, é mais leve pra carregar. Bom, tu comentaste um pouco como tu filma e fotografa, tem regulagens diferentes no teu celular, como é que tu fazes?

M10*: Eu deixo sempre no automático, a não ser que esteja muito escuro, aí uso o modo noturno, mas se não deixo no automático. Fica boa a imagem, ele regula sozinho.

Pesquisadora: Se tu tivesses que escolher um momento do show como mais incrível, qual tu escolherias?

M10*: A fábrica saindo, eu achei muito legal. Ah, mas é difícil. A pirâmide com a luzes também, difícil escolher um.

Pesquisadora: Eu lembro que eu fiquei apavorada com a gargalhada do louco em *Brain Damage*.

M10*: Passava de um lado pra o outro. Me chamou atenção os latidos que vinham uma hora de um lado, outra hora de outro lado durante Dogs, ficava os latidos de vários lugares

e tinha barulho de helicóptero também, até fiquei olhando de onde que era, já pensei no atentado (risos).

Pesquisadora: E nessas horas tu estavas conseguindo gravar também?

M10*: Aham, sim.

Pesquisadora: Aí tu deixavas pela altura do peito?

M10*: É, dependia de como o braço cansava, um pouquinho mais alto, um pouquinho mais baixo, e ficava tentando assistir o vídeo. Às vezes, quando ficava umas cabeças na frente, assistindo pra o lado assim.

Pesquisadora: E o braço?

M10*: É, cansa o braço.

Pesquisadora: E nessas horas tu não pensavas: “Ah, vou parar”?

M10*: Aham, aí começava a próxima música e eu: “Não, não quero parar, fazer meu próprio DVD”.

Pesquisadora: Tu tens um registro incrível então, que é da tua visão, e o legal também dos vídeos que a gente faz é que a gente ouve o que tava acontecendo ao nosso redor. Se alguém conversou nessa hora contigo tá ali, falando no áudio.

M10*: Aham, tem umas partes que alguém fala comigo, tem umas conversas paralelas.

Pesquisadora: É, isso só tem no teu vídeo, não vai ter no DVD.

M10*: É, não vai ter, nem no vídeo de outra pessoa, é só no meu.

Pesquisadora: É, e acho que o que mais interessante de tentar descobrir é como esse uso se relaciona com a tua experiência, porque tu usou por bastante tempo e tu retomas esses vídeos depois, tu olhas de novo e te ajuda a lembrar, e interessante que pra ti não chegou a gerar uma diferença de usar ou não o celular, não chegou a afetar a emoção e talvez a ansiedade de “ah, preciso gravar”.

M10*: Só era um pouco complicado de ficar parado, requer um pouquinho de atenção e o braço que às vezes cansa, tem que trocar, mas no geral não atrapalhou eu estar filmando ou não, de estar prestando atenção no show e curtindo, só não podia me movimentar tanto.

Pesquisadora: É, não podia entrar numa roda punk (risos). Nesses shows tu não poderias filmar.

M10*: É, já não dá pra filmar, mesmo que tu esteja fora as pessoas batem. Já tentei filmar nesses shows que tem roda punk e não deu muito certo. A gente toma uns empurrão, cotovelaço.

Pesquisadora: Mas tu tentaste gravar pra lembrar depois?

M10*: É, fazer uns vídeos curtos só pra postar nos *stories* e pra lembrar depois. Eu tava do lado da roda, até deu um pouco assim, um ou dois vídeos eu consegui gravar, mas o pessoal fica batendo, não dá muito certo, sai muito tremido, ou muita gritaria também.

Pesquisadora: É, a relação pode ser diferente mesmo, porque o vídeo pode ajudar a reforçar naquela hora porque tu tens a sensação de que tu tá tranquila, não sei, porque acho que todos esses momentos legais que a gente vive a gente quer viver ao máximo, e por um lado quando tu gravas tu tem a sensação que “ok, não preciso ficar tão ansiosa que tá passando, eu vou ainda ver depois”, parece que dá uma tranquilidade – “ah, isso aqui é incrível mas isso ainda vai continuar” – não sei se é isso que tu sentes.

M10*: Aham, é pra poder lembrar, a fábrica que eu achei o máximo, e “ah, nossa, tá saindo uma fábrica”, e agora eu tenho o vídeo, posso ver de novo.

Pesquisadora: Esse é o que tu olhaste mais vezes?

M10*: Esse é o de meia hora, ele começa na fábrica, esse acho que eu assisti duas vezes.

Pesquisadora: Posso ver algum desses teus registros?

M10*: Não sei se tenho aqui mas posso olhar, não lembro se já tirei ou não do meu celular.

Pesquisadora: Beleza, se tu tiveres, ou uma foto, algo que tu queiras me mostrar, ou no Insta mesmo.

M10*: No insta eu tenho as fotos.

Pesquisadora: E o telão era gigante né.

M10*: Nossa, gigante, o Roger era um pontinho ali no meio.

Pesquisadora: E ele aparecia no telão?

M10*: Aparecia, não muito, mas aparecia.

Pesquisadora: É, nesse telão passavam mais outros vídeos além do que estava acontecendo no palco.

M10*: É, ele só aparecia assim quando tinha alguma imagem psicodélica, mas não chegava a aparecer só ele. Era meio que no meio da imagem.

Pesquisadora: Isso não se costuma ver, o telão em geral é para ajudar quem não está perto a ver o show.

M10*: É isso que eu gostei do show, porque tinha muitas imagens, coisas criativas digamos assim, a fábrica surgindo do chão, aí no início antes de começar tinha uma mulher sentada admirando a praia, e eu achei muito legal, ficou um tempão naquela mulher olhando a praia, aí depois várias frases, era um segundo show assim o telão. Achei muito legal.

Pesquisadora: Era quase um cinema gigante também, porque contava uma história.

M10*: Aham, toda uma história, tipo no *Dogs* aparecia cachorros, polícia, enfim, no do *Time* apareciam os relógios, meio que contava um filme assim da história.

Pesquisadora: É, isso é muito diferente, e tu achas que mesclaram bem os momentos que transmitiam um pouco do palco e os momentos que eram essas outras imagens?

M10*: Sim, parece que fazia parte da história, não era tipo a imagem assim, aparecia ele num fundo do telão, como se ele fizesse parte do telão, eu achei legal.

Pesquisadora: É, era o telão e era a imagem do palco também.

M10*: É, os dois ao mesmo tempo.

Pesquisadora: Tem mais alguma coisa que tu lembres que tu queiras destacar dessa experiência? Achas que é possível algum show superar esse?

M10*: Difícil, vai ser difícil, porque por exemplo, Black Sabbath eu gosto muito, mas ele não era tão... interativo, talvez é a palavra, como o do Roger, que envolvia todos os sentidos, som, imagem, era um filme assim 3D, e o do Black Sabbath era mais um show, apesar de ser bem grande, bem organizado, mas era um show, não tinha tanta mídia audiovisual assim, e acho que seria difícil de ter um show tão interessante, tanto de eu gostar e de ser tão envolvente quanto esse, acho difícil.

Pesquisadora: Tu achas que todos esses recursos que ele usa ajudam a te deixar mais imersa na experiência?

M10*: Sim, eu não conseguia prestar atenção em mais nada, só no show.

Pesquisadora: Nem gravar te atrapalhou de tão intenso que é.

M10*: É, eu tava bem concentrada (risos).

Pesquisadora: É, realmente é uma coisa única, quem foi, foi.

M10*: É verdade, quem não foi, perdeu.

Entrevistado 6 | Identificação: H14* | Idade: 62 anos | Data da entrevista: 23/01/2019 | Local da entrevista: Restaurante Oak's Burritos em Porto Alegre. (Com a participação do entrevistado H13*).

Pesquisadora: O que te faz ir a um show e com que frequência tu costumava ir?

H14*: Se for um show do Pink Floyd, todos, todos a gente vai. Meu filho vai comigo também, quase todos a gente vai, a gente sempre tá curtindo.

Pesquisadora: E ano passado (2018) qual foi a média de shows?

H14*: Eu acho que por volta de 8 a 10 shows durante o ano todo, incluindo as bandas covers.

Pesquisadora: E naqueles shows chegaste a fazer algum registro?

H14*: Sim, tenho em casa guardado, fotos e vídeos.

Pesquisadora: Te lembrava dos shows da banda cover? Como é tua lembrança dessa experiência?

H14*: Sim, praticamente todas as músicas do Pink Floyd, ou as principais, curti bastante.

Pesquisadora: Chegaste a ver de novo teus registros?

H14*: Sim, com certeza, eu acho que isso que te dá vontade de ir de novo quando vem de novo a banda.

Pesquisadora: Como foi a tua preparação pra o show do Roger Waters? Já tinha ido em algum show dele antes?

H14*: Sim, o primeiro show dele foi no Beira Rio e nós fomos também. E teve um também nesse meio tempo que foi o do David Gilmour que foi na Arena.

Pesquisadora: E vocês compraram os ingressos antes, teve toda uma preparação esperando o show?

H14*: É, no momento que foi anunciado a gente já comprou os ingressos, com seis meses de antecedência a gente já tinha os ingressos, sempre compramos com antecedência.

Pesquisadora: É, ele veio só essas duas vezes pra Porto Alegre, e no Brasil, até veio outras vezes, você foi só nos shows em Porto Alegre?

H14*: Sim, só em Porto Alegre.

Pesquisadora: Já chegaste a viajar pra ver um show de banda de rock que não veio pra cá?

H14*: Não, só nos shows daqui, eu curti também o show do Paul McCartney aqui no Beira Rio, não cheguei a viajar, meu filho já viajou, eu não cheguei a ir.

Pesquisadora: Você sempre acompanhou shows de rock, desde os tempos de juventude ou é uma coisa mais recente? O senhor até deve ter acompanhado esse movimento de Porto Alegre começar a receber mais shows.

H14*: Os shows é mais recente, sempre curti os shows de rock, agora ir como os que tá tendo, é mais agora.

Pesquisadora: Por quê? Por que antes não tinha?

H14*: Não tinha, era bem menos. Tanto é que o Roger Waters acho que antigamente nunca tinha vindo pra o Brasil... E eu curto a banda Pink Floyd desde os anos 70, 80, por aí.

Pesquisadora: Essa é sua banda preferida?

H14*: Sim. Curto Beatles também, mas não no mesmo nível que Pink Floyd.

Pesquisadora: Bom, e falando um pouco dessas experiências de show, falou que é mais recente, lembra mais ou menos em que ano começou a ter mais shows aqui?

H14*: Eu acho que de uns dez anos pra cá, um pouquinho mais que passou a ter essa frequência de shows que tá tendo agora, principalmente em Porto Alegre. Antes até vinha até Rio, SP, graças a Deus que agora tá chegando até aqui e a gente tá podendo ir também, mas eu acho que é de uns dez anos pra cá isso.

Pesquisadora: E antes então eram mais bandas covers que tinha a possibilidade de ir pra ouvir essas músicas, né?

H14*: É, filmes, e eu curto muito vinil, tenho vinil deles também, é mais vídeo mesmo do que show propriamente.

Pesquisadora: Tu consumias por outros meios, e desde que começou a ter esses shows deu pra curtir essa forma ao vivo fazendo parte também.

H14*: Com certeza.

Pesquisadora: O que muda nesse contato?

H14*: Eu acho que hoje se tem a possibilidade de a gente curtir muito mais e levar os menores a curtir a banda que a gente curti naquela época. Acho que é muito bom isso aí. Principalmente o que é bonito, que é belo, o que é bacana a gente curtir e ouvir.

Pesquisadora: É, os shows então acabam ajudando a disseminar a música, ao contrário do que se achava que, enfim, os novos meios iam atrapalhar, então acabou que a música se tornou mais importante ainda. Não se vende mais vinil, por causa do *streaming*, então as bandas vêm mais agora, porque é uma forma delas rentabilizarem também.

H14*: Com certeza.

Pesquisadora: E o senhor continuou comprando discos, vinil?

H14*: Hoje não, vinil é porque tenho coleção, né, alguma coisa, mas questão de comprar, hoje tu tem internet, tu tem muito mais. Mas nada como curtir um show pessoalmente, isso é demais.

Pesquisadora: Como tu descreves a experiência de um show de rock? Pra ti, o que define essa experiência?

H14*: Poxa, como vou explicar isso aí... Eu acho que hoje eu relembro muito da minha infância quando eu curtia aquilo ali, e não tive a oportunidade de ver pessoalmente. E a gente curtia só em vinil e hoje tu podes ouvir as mesmas músicas vendo cara a cara ali, é indescritível, é muito bom mesmo. Jamais eu pensei que ia poder ver eles cantando frente a frente. Muito legal.

Pesquisadora: E como tu te lembras da experiência do show do Roger Waters? Que momento foi mais marcante?

H14*: Ah, eu acho que todos, principalmente as músicas mais badaladas, né, mas acho que todo o show dele é fantástico, bah, todo ele é demais. Eu lembro de todo show, detalhe a detalhe, efeito por efeito, jogo de luzes, isso aí vai ficar guardado pra sempre, visual muito lindo.

Pesquisadora: E o que te chamaste mais atenção no show?

H14*: A vitalidade que tem aquele velho pra tocar e cantar ainda (risos). Olha, incrível mesmo. A vontade que ele tem, a garra que ele tem, e a qualidade dele de fazer um show daqueles ali de horas, isso eu achei fantástico. Fora que as músicas são geniais.

Pesquisadora: Bom, e comparando com os outros shows anteriores, do David Gilmour ou então o anterior do Roger Waters, o que teve nesse que foi muito diferente e tu não esperavas?

H14*: De todos os shows que eu assisti o mais espetacular de todos foi o primeiro show do Roger Waters, o *The Wall*. Aquele foi o que teve mais efeitos visuais e sonoros, eu jamais vou esquecer, nunca vi um show na minha vida como o *The Wall*, foi a melhor experiência que eu já tive. Não que nesse do ano passado não tenha tido, teve também várias coisas, mas igual àquele eu não tinha visto ainda, foi demais.

Pesquisadora: Se tu puderes me contar um pouquinho, porque eu infelizmente não fui naquele, o que tu destacas de tão incrível nele?

H14*: Mais é questão, além do musical em si, os efeitos especiais de luz, o muro caindo, é avião que vem de um lugar e explode no palco, som de helicóptero de fora do estádio como se estivesse descendo mesmo, eu até procurei um helicóptero na hora de tão perfeito que foi, coisas assim de arrepiar, fantástico mesmo, nunca tinha visto nada igual. Acho que isso aí é o que eu mais guardo.

Pesquisadora: Chegaste a fazer registros daquele show?

H14*: Alguma coisa sim, outras tu nem conseguia na hora, tu queria ver tudo, não dava tempo de ficar filmando, mas hoje com a internet tu tem como ver tudo de novo, não tinha feito, tenho poucas coisas guardadas. Algumas imagens, fotos.

Pesquisadora: E chegou a vê-las de novo agora que ia ter o show?

H14*: Sim, como ia ter o segundo show dele já lembrar o primeiro, até preparar o espírito pra ver de novo.

Pesquisadora: Então a tua preparação para esse show envolveu isso também, rever os vídeos do show anterior. Chegaste a ver vídeos dos shows da turnê atual em outras cidades antes de vir para Porto Alegre?

H14*: Sim, foi o do Rio, e no Nordeste, eu vi pela internet alguma coisa que tava acontecendo antes pra saber mais ou menos o que ia acontecer aqui. Então eu já tinha uma certa ideia, já tava acompanhando.

Pesquisadora: Por onde tu acompanhavas?

H14*: Pelo Facebook.

Pesquisadora: Mas tinha alguma página em específico?

H14*: Hoje a gente tem, tem uma página que se chama os fãs do Pink Floyd, que onde eu curto, hoje em dia tá bem mais fácil.

Pesquisadora: Aí os fãs iam postando vídeos de cada cidade.

H14*: Sim, em cada cidade iam postando o que aconteceu lá, o que não aconteceu, que repercussão teve, e a gente ia curtindo, uma barbada, deu até pra prever o que vai acontecer.

Pesquisadora: E qual o papel desses registros dos fãs pra ti?

H14*: É legal, é legal, eu gosto, eu também se tenho algum vídeo posto lá também, é legal porque tu vai te inteirando de tudo, fica sabendo de tudo que aconteceu e que vai vir a acontecer, fica prevendo tudo. Bem legal, vale a pena.

Pesquisadora: Para os outros shows tu também costumas fazer isso de acompanhar, ou esse em específico é especial?

H14*: Ah, esse é especial. Até o do Paul McCartney eu curti antes alguma coisa, mas especial mesmo é esse.

Pesquisadora: O que torna a experiência de um show memorável?

H14*: É, o *The Wall* pra mim foi o melhor e maior show do mundo, e ainda ir com o filho junto, que curte também, quer algo mais maravilhoso que isso? É muito bom.

Pesquisadora: Tu consegues te transportar de novo pra a experiência do show quando vê os vídeos, como é pra lembrar dos shows?

H14*: Pra eu lembrar deles? É tão fácil hoje com a internet, até se tu pegar um DVD, um CD, um vinil, tu lembra a música e já associa e lembra do que tava acontecendo naquela hora no palco. E a internet tá aí pra isso.

Pesquisadora: Lembras em que momentos tu resolveste registrar durante o show?

H14*: Aleatoriamente, vários momentos que eu fotografei alguma coisa. E tu vai nessa página ali do fã clube, ali tu tem muita coisa que postam do show, é maravilhoso.

Pesquisadora: Preferes filmar ou fotografar?

H14*: Eu prefiro fotografar porque é rápido e tu não perde tempo de curtir o show. Filmar tu fica mais tempo, fotografar é mais rápido. Ah, tu fica parado, deixando de curtir...

Pesquisadora: Tu achas que atrapalha a experiência?

H14*: Eu acho que tira um pouco do foco do espetáculo, né. Bate a foto e vai curtir o show.

Pesquisadora: E tu notou muita gente usando o celular na tua volta?

H14*: A maioria, né. Era só o que tu via era só celular, quantidade gigante.

Pesquisadora: E tu achas que atrapalhou de alguma forma a tua experiência do show?

H14*: Não, isso aí é de cada um, né. Pra mim não me atrapalhou em nada, acho que pra quem tá no palco também não atrapalha, acho que não. Tem uns que ficam o tempo inteiro filmando, acho que isso só atrapalha pra eles, pra mim não atrapalhou em nada.

Pesquisadora: Algumas pessoas reclamam que fica na frente a tela e aí não consegue ver o palco.

H14*: Bom, vai pra o lado então, deixa o cara curtir, deixa o cara filmar também, não atrapalha em nada.

Pesquisadora: E por que pra ti é importante registrar?

H14*: Pra lembrar de alguma coisa, se bem que tem a internet como eu já falei, né. Mas é, sempre tem alguma coisa que tu quer guardar ou no teu celular ou pra mostrar pra um amigo, “oh, tive lá, olha só”, é uma recordação. Só por isso, eu gosto de ter em casa guardado.

Pesquisadora: E os registros que você fez você compartilhou?

H14*: Sim, compartilhei direto.

Pesquisadora: Conseguiu ali dentro?

H14*: Não, ali não. Na hora eu não perco tempo de deixar de curtir o show. Depois eu passo os vídeos. Aí com calma, no outro dia. Na hora eu não vou perder o espetáculo, depois a gente posta.

Pesquisadora: E tu postaste mais ou menos quantas fotos? E quantas tu tiraste?

H14*: Ah, talvez umas vinte, vinte e poucas, mais ou menos por aí. Que eu tenha guardado é isso aí, postar até de repente eu postei menos.

Pesquisadora: E tu costumava guardar em algum lugar?

H14*: Ah, eu tenho guardado sim, tenho lá um álbum do Pink Floyd, guardo vídeos e guardo fotos.

Pesquisadora: E guarda de outras pessoas também ou só os teus?

H14*: Às vezes tem coisas que de algum amigo ficou melhor que o meu, aí eu pego e guardo também.

Pesquisadora: Aí tu tens o hábito de rever?

H14*: Ah, sim, gosto, gosto de curtir, boto vídeo, boto na tv.

Pesquisadora: Os teus vídeos e os da página tu viste naquela semana ou foi depois?

H14*: Acho que durante um mês eu fiquei curtindo ainda pra lembrar do show, depois foi acalmando. Acho que quando bate muito a saudade de um espetáculo daqueles eu boto os DVDs que tenho deles e curto.

Pesquisadora: E se tu não pudesses usar o celular no show, como seria?

H14*: Iria curtir igual né, depois eu ia pra internet pra procurar e tal, mas ia curtir igual, acho que até ia curtir mais, depois na internet dá pra pegar essas fotos todas, até melhores.

Pesquisadora: Você fez poucos registros, estava mais preocupado em curtir estar lá.

H14*: Exatamente, mil vezes curtir. Alguns registros eu fiz, dos momentos mais bonitos, os efeitos mais legais, aí eu fotografei, dei uma filmadinha, mas de resto o que eu queria era curtir mesmo.

Pesquisadora: (Comentei sobre a bolsa Yondr e sobre o posicionamento dos artistas de rock reinvidicando experiências de show do passado, da época dos isqueiros, além da relação com isso no show do Roger Waters e posicionamento dele a respeito durante a turnê do *The Wall*). Enfim, gostaria de entender um pouco do teu ponto de vista sobre isso, até pelos shows que tu foste antes desses, talvez numa época em que se usasse menos o celular... Tu notas uma diferença nessa experiência de show?

H14*: É, nos shows de anos atrás não tinha celular, existia no máximo a máquina digital, mas pediam pra que não tirassem fotos durante o show e no término do show tu poderia se dirigir até o cantor e tirar foto com ele.

Pesquisadora: Em que época mais ou menos?

H14*: Ah, isso é coisa de muitos anos atrás... O celular, quanto tempo tem? Acho que 96 o primeiro tijolão, analógico, nem era digital. Então acho que antes disso, 70, 80.

H13*: Celular com foto acho que surgiu mais ou menos ali por 2004, eu me lembro que é recente.

Pesquisadora: É, e antes as pessoas levavam câmera.

H14*: Exatamente.

Pesquisadora: E já naquela época restringiam pra não usar.

H14*: Isso, não podiam bater fotos durante o show, até por causa do flash.

H13*: Deixa eu só acrescentar que eu lembrei de uma coisa: quando eu fui no show do U2 em 2006 em Buenos Aires eu tinha um celular com foto, mas era bem precária a câmera, não dava pra tirar foto de longe, mas era o que tinha na época. E eu me lembro que proibiram câmeras no estádio. Isso em 2006, não podia entrar com câmeras no estádio, era proibido, e eu lembro que eu fiquei na dúvida porque meu celular tinha câmera e eu não sabia se poderia entrar com celular.

Pesquisadora: E deixaram?

H13*: Não viram, mas engraçado né, era uma novidade na época e eles não fiscalizaram os celulares, mas com câmera eles não deixavam entrar.

Pesquisadora: Tem muito a ver também com direito autoral, com a propriedade do artista, mas aí quando os celulares se disseminaram se perdeu isso.

H13*: Perdeu o controle, com os celulares não tem como.

Pesquisadora: Aí agora tá voltando essa restrição, eu fui num show do Eddie Vedder em SP e tinha o telão informando que não podia usar celular e se alguém fosse pego usando o segurança vinha e apagava as imagens. Um amigo meu tentou e o segurança foi até lá pra tirar. Foi no Citibank Hall, que é quase um teatro. Era a proposta do show ser intimista, e às vezes o artista se preocupa que atrapalha o que ele está propondo de experiência para o show. Era um lugar todo escuro e a luz do celular ia quebrar todo o clima. Mas enfim, em shows em grandes estádios é difícil controlar... E tem um papel também importante né, porque vocês compartilharam os registros com outras pessoas, teve uma importância pra vocês, teria sido diferente se não pudesse ter feito nenhum registro no show?

H14*: Eu ia curtir o espetáculo igual, depois eu ia procurar na internet.

Pesquisadora: E se ninguém pudesse usar?

H14*: Aí sim, tu quer dizer que tu não poderia rever aquilo que tu viu naquele momento, é isso? Aí acho que seria meio xarope. Porque é legal tu rever de novo, poder curtir de novo. Por exemplo, eu tô falando contigo agora, daqui a pouco eu vou pra casa, conversei

contigo sobre o show de novo, me deu vontade de ver de novo, aí eu vou lá e abro a minha pastinha lá e vou ver de novo, rever e curtir, e se eu não tivesse os vídeos com certeza ia ficar meio xarope.

H13*: A curtição é diferente né, eu te falei que pra mim é mais importante compartilhar na hora, né. Depois eu acabo não vendo, eu quase não assisto o que eu gravo, é mais pra compartilhar mesmo com os outros que estão de fora. É outro propósito de utilização da foto.

Pesquisadora: Sim, pra ti é importante disseminar na hora pra quem não pode estar aí.

H14*: Pode haver uma explicação, a vida que ele leva é bem diferente da minha, trabalhando, correndo, correria de casa, correria de vida, do estilo de vida, e eu tô aposentado.

Pesquisadora: Eu acho que é de perfil também, tem gente que prefere rever mesmo.

H14*: É, a gente curte de vez em quando eu e ele de ver o DVD.

H13*: É, quando eu quero rever alguma coisa eu prefiro colocar um vídeo em alta definição e deu, uma coisa que eu não gravei, do que ver o meu ali em baixa resolução, é isso. Porque o que eu gravo, se tivesse em uma ótima resolução acho que eu assistiria mais, mas como a qualidade não é das melhores, então acho que é por isso também que eu acabo não revendo.

Pesquisadora: Então tu acabas nem vendo os teus vídeos?

H13*: Quase não vejo.

H14*: É, também se tu coloca na TV, coloca no YouTube, a infinidade de shows que tu tem ali...

Pesquisadora: Enfim, eu ia te perguntar também qual é o teu celular e qual é a tua relação com ele?

H14*: Ah, tô sempre com ele, né, Whats direto, é um Samsung J5.

Pesquisadora: Comprou ele por qual atributo principal?

H14*: Ah, o outro tava carregado demais de foto e coisa, é triste, já tava sem memória, por isso que eu troquei. E eu sempre troco Samsung, que eu gosto, fácil de operar.

Pesquisadora: Esse ainda não deu problema de memória?

H14*: Não, eu tenho há pouco tempo, não faz nem um ano.

Pesquisadora: Mas pelo que eu percebi o senhor faz poucos registros, ou tem algo que o senhor fotografa muito? Porque no show foi pouco.

H14*: O que mais eu tenho gravado hoje aqui é fotografia desse garoto (mostra foto do neto no celular). É o baby boy.

H13*: Agora vai lotar a memória do celular.

H14*: Esse aqui já tem bastante foto. O primeiro netinho, o que mais tenho é foto dele.

Pesquisadora: E o senhor gosta de tirar foto?

H14*: Gosto bastante, sempre tive câmera, gosto de tirar foto, gosto de postar foto.

H13*: Agora que ele tá com Instagram vai tirar foto.

H14*: É, vou tirar mais foto agora. Se abrir meu Instagram é só fotos do baby boy.

Pesquisadora: Não tinha o Instagram ainda na época do show?

H14*: Não, só o Facebook.

Pesquisadora: E porque resolveu fazer agora?

H14*: Ah, minha filha que fez.

H13*: É que na real é o seguinte, a gente tem usado bem mais o Instagram do que o Facebook, eu praticamente não coloco foto minha no Facebook, uso pra outros fins, aí ele tava deixando de ver muitas fotos nossas e acompanhar, aí a gente colocou o Instagram pra ele e ensinou ele a mexer e tal pra ele acompanhar também. Agora mesmo antes de vir pra cá eu tava mostrando pra ele como funciona os *stories*.

Pesquisadora: É, novas demandas que passam a ser cruciais, uma inserção até familiar, ele estava fora das conversas, das fotos, porque não tinha Instagram.

H13*: Com WhatsApp foi a mesma coisa. Eu lembro que a gente tinha WhatsApp e a minha mãe não tinha. Então a gente já tinha um grupo e conversava e compartilhava um monte de coisa ali na rotina e pra minha mãe tinha que ligar, enfim, e aí até ela entrar e ter WhatsApp demorou um tempo, então ela ficou meio de fora um tempo, é engraçado isso, até uma inserção como tu falou.

Pesquisadora: É, é uma necessidade pra socializar, se tornou uma coisa muito grande. E aí esse papel de registrar também, porque aí se todo mundo está fazendo, parece que, enfim, se eu não tirar foto no show vão achar que eu não fui. Acho até que as gerações mais novas acabam absorvendo mais essa pressão, principalmente por estarem numa fase em que são mais inseguras, aí parece que é uma pressão maior ainda essa questão de ficar fotografando e tal.

H13*: Também porque a geração mais nova já não sabe como é a vida sem. A gente que viveu a vida sem isso consegue perceber a diferença, agora quem não viveu sem isso...

Pesquisadora: Pois é, isso é legal também de ver a tua percepção, de como eram as coisas antes e agora que tem celular pra todo lado, gente tirando foto pra todo lado.

H14*: É bem diferente.

Pesquisadora: Qual tu achas que é a maior diferença?

H14*: Eu acho que pra tudo, tu tem muito mais recurso hoje pra qualquer coisa né, tu ter o recurso do celular é muito melhor, e tem o lado negativo também, né. O lado da gente que fica numa roda às vezes sem conversar ninguém, e todo mundo tá no celular. Pô, eu já vi casais parados que eu até pensei que um tava conversando com o outro pelo Whats, parados assim os dois sem se falarem. Isso aí a gente vê seguido, né. Essa é a única parte ruim, no resto eu acho que ele é fantástico. A gente usa pra tudo.

Pesquisadora: É, aí se vê mais essa problemática em espaços públicos no momento em que querem começar a restringir... Qual é o peso disso, positivo ou negativo? Por exemplo em shows, em que já está se disseminando em alguns lugares essa questão de banir o uso. Ao mesmo tempo as pessoas usam o celular em tudo, aí elas querem usar o celular lá no show também, e aí fica difícil chegar em uma solução.

H14*: É verdade. Hoje nada mais é sem o celular, tudo é com o celular. Tanto é que se tu perder ou te roubarem tu tem que correr atrás de outro porque se não tu não tem nada.

Pesquisadora: E lá durante o show chegou a faltar bateria?

H14*: Não, eu não sou de ficar filmando ou fotografando muito, então não faltou. Foi tranquilo.

Pesquisadora: E tu comentaste dos momentos do show ali que foram incríveis, tu lembra de um em especial que foi o mais marcante?

H14*: Pô, no momento que ele tocou uma música aquela que sobrevoou o porco foi fantástico, a gente viu lá no fundo ele saindo, sobrevoando sobre o público, bah, muito legal. A parte dos efeitos das torres também, os efeitos visuais eram incríveis.

Pesquisadora: E tu tinhas visto nos vídeos antes que ia ter isso?

H14*: Do porco sim, das torres eu nem tinha percebido, só pessoalmente lá.

Pesquisadora: É, no vídeo é bem diferente a proporção.

H14*: Agora curtindo na internet a gente começa a observar, depois de ter visto.

Pesquisadora: Aí vê os detalhes né, da proporção.

H14*: Exatamente.

Pesquisadora: Tem algo que tu viste nos vídeos agora que tu não tinhas percebido no show?

H14*: Não, acho que não, porque a gente ficou bem na frente ali, acho que eu curti tudo.

Pesquisadora: E aí depois que vocês chegaram em casa tu compartilhaste as fotos no Facebook só no outro dia?

H14*: Sim, no outro dia. Pô, aquele dia que a gente saiu de lá tomamos uma chuva, parecia que a gente tinha entrado na piscina, fomos até a Getulio Vargas na chuva.

H13*: Isso, cantamos um monte (risos).

H14*: Não conseguimos nenhum aplicativo, Uber, Cabify ali, nada, nada, nada, demorou mais de uma hora, duas pra gente conseguir Cabify pra ir pra casa.

H13*: Tive que secar o celular porque não tinha mais nada seco, tava encharcado.

Pesquisadora: Vocês foram corajosos de sair andando a chuva.

H13*: Era muita adrenalina do show ainda.

Pesquisadora: Bom, eu só ia perguntar também como você faz pra fotografar durante o show, tem alguma técnica?

H14*: Não, vou ali e bato a foto, vai no automático, não me preocupo muito com isso.

H13*: As fotos ficam boas...

Pesquisadora: Eu senti uma ironia aí (risos).

H14*: É, eu bati e deu, depois eu vejo como ficou, até bato mais de uma às vezes, pra depois pegar a melhor.

Pesquisadora: E ficaram boas?

H14*: Ficaram boas, algumas tremidas, mas aí eu descarto aquela e puxo uma da internet que esteja boa.

Pesquisadora: É, isso é bem interessante mesmo das diferenças. Pra ti (H13*) tu tiras porque tu queres compartilhar e depois tu nem olhas as das outras pessoas, e ele (H14*) tira pra guardar e ele pega as que as outras pessoas tiraram e ainda guarda. Tu (H13*) alimentaste a base de dados dele (H14*).

H13*: É, bastante. Eu peguei umas fotos dele também, mas foi mais ele pegando fotos de mim.

H14*: Eu roubartilho (risos).

Pesquisadora: E tu alimentaste a comunidade de fãs lá provavelmente, postou na página.

H14*: Ah, sim, sim, postei lá.

Pesquisadora: E tu chegaste a ver a página oficial também? No Instagram eles até repostavam fotos dos fãs no perfil oficial.

H14*: No Instagram não cheguei a ver, mas vi no Facebook. No show do Umaguma (cover de Pink Floyd) os artistas batem foto da plateia, eles postaram depois, bem legal, muito bacana. Numa dessas nós saímos eu e tu.

H13*: É, nós saímos.

Pesquisadora: Que legal! E nesses shows das bandas covers a galera também usa bastante o celular?

H13*: Não tanto quanto o show dos artistas originais, mas usam. Mas nem se compara o uso do celular, é muito inferior.

Pesquisadora: É, eu acho que tá muito atrelado a quão único o show é.

H13*: É, com certeza.

Pesquisadora: Para encerrar, eu vou resgatar lá na tua memória: tu lembra o primeiro show de rock que tu foste?

H14*: Bah, não vou lembrar.

Pesquisadora: O primeiro que o senhor lembra então.

H14*: Uma vez eu assisti uma banda de rock em 1981, não foi o ano que tu nasceu? (Ele pergunta se dirigindo ao filho, que confirma a informação). Eu não vou lembrar o nome da banda, foi na SAT (Sociedade dos Amigos de Tramandaí), tocaram lá e eu fui. Era uma banda cover de um roqueiro louco aí, não vou lembrar o nome.

H13*: São só 37 anos.

H14*: Era cover de um roqueiro, mas um roqueiro das antigas. Foi 80 ou 81, se eu me lembro.

Pesquisadora: E tu lembra como foi esse show?

H14*: Maravilhoso, só tenho que me lembrar de quem era o cover.

Pesquisadora: E as pessoas usavam mesmo isqueiro pra cima?

H14*: Sim, sim, mas isso é mais em estádios de fazer a iluminação, todo mundo acendia o isqueirinho.

H13*: Eu peguei o final do isqueiro, no show do U2 ainda era isqueiro naquele de 2006. Eu acho que foi o único que eu peguei, o último talvez, que eu peguei de isqueiro, dali em diante só celular.

Pesquisadora: Ah, que legal, deve ter sido uma energia bem legal.

H13*: É muito legal, é mais legal, fogo né, ao invés de luz artificial é fogo.

Pesquisadora: E eles pediam ou começava todo mundo?

H13*: Eles fizeram um sinal e todo mundo já entendia porque em todos os shows deles já tinha isso.

Pesquisadora: Que sinal?

H13*: Ah, eles levantavam o braço aqui já fazendo um sinal de acender isqueiro e aí rapidamente já tinha 50 mil pessoas com isqueiro pra cima. Se não me engano tinha 60 mil pessoas naquele show, completamente lotado o estádio.

Pesquisadora: E eles também tem bem marcada essa questão das grandes produções né, desde aquela época do 360, não lembro em que ano foi, que era toda uma estrutura também diferente de palco.

H13*: É, é outro show que também tem uma megaestrutura, luz, eles são bem caracterizados por isso.

Pesquisadora: Então tu tiveste esse contraste também da experiência de show de isqueiro sem celular e hoje com celulares e luzinhas.

H13*: Sim, eu vou te dizer que a luz não é tão intensa, porque o isqueiro é mais fraquinho, mas é legal porque é fogo né, é diferente, a iluminação fica diferente. E todo mundo fica mais conectado ali, não teve ninguém conectado com fora do estádio, tá todo mundo conectado ali dentro.

(Enquanto eu conversava com o filho sobre a experiência dele no show do U2 em Buenos Aires, na Argentina, sua primeira e única viagem pra ver um show, o seu pai estava procurando algo no celular, e de repente exclama a frase a seguir).

H14*: Achei o roqueiro: Alice Cooper.

Pesquisadora: Ah, que legal! Olha que a memória tá ótima.

H14*: Não, tava procurando na internet (risos). Essa é a banda que eu fui ver, cover dele. Tenho até vinil dele também.

Pesquisadora: É, ele veio pra o Brasil no ano passado, só não veio pra Porto Alegre.

H14*: É, deve tá com uns 70 e poucos anos.

Pesquisadora: É, e ele tem uma banda nova, aquela Holywood Vampires.

H14*: Ah é? Esses aí não param, o que usaram de droga esses caras e tão tudo de pé, inteiros.

Pesquisadora: Eu acho que isso que muda se tu fores pensar nos shows de rock... Antigamente a galera ia e bebia e usava muita coisa, e agora, primeiro que, por exemplo, vai estar com o celular então não pode tomar um porre porque tem de filmar, então tu vê que muda né, várias coisas mudaram o que é o show. E começou a ter mais shows, que

antes não tinha. Mudou um pouco a essência, eu acho, do que é um show de rock, porque generalizou também. Quem não é fã vai também agora.

H13*: Eu tava me dando conta agora que é engraçado, eu tô lembrando de shows das antigas, o cheiro era outro, era cheiro de churrasquinho e maconha, era isso, e agora é cheiro de pipoca. Parece que tá no cinema, é muito estranho. O cheiro do lugar mudou, o cheiro predominante.

Pesquisadora: Sim, e aquele telão do Roger Waters lá parecia fácil um cinema ao ar livre. É, isso mudou muito, se tornou uma outra forma de entretenimento em comparação ao que era antigamente. Acho que essa ode à experiência tá diferente, é uma experiência, só que é um entretenimento de uma outra ordem.

H13*: É, acaba que fica tudo muito parecido, não o show em si, mas o público, parece que é sempre o mesmo.

Pesquisadora: E aí quem costuma ir é porque gosta desse tipo de entretenimento, então vai sempre, e antigamente acho que até, por exemplo, quanto era o ingresso naquele show que o senhor foi?

H14*: Ah, era barato, nem sei quanto é que era, nem sei a moeda.

Pesquisadora: Mas era mais barato, tinha menos, e não tinha shows apoteóticos.

H14*: Não, era em salão, bem menos gente, palco pequeno.

Pesquisadora: Aliás, o que fez vocês optarem pela pista Premium?

H14*: Ah, foi opção dele (apontando pra o filho), pra ficar bem na frente.

H13*: Na verdade a gente tinha combinado de comprar ingresso da pista e aí eu dei de presente pra ele pra gente ir na frente, porque a gente nunca tinha ido nesse setor, primeira e única até hoje, e aí foi uma experiência diferente, é legal ir bem na frente.

H14*: No do Paul McCartney a gente ficou na pista de trás.

H13*: É, a gente ficou na pista normal, aí era bem mais pra trás.

Pesquisadora: Mas eu tenho a impressão de que a galera da pista normal usa menos o celular.

H14*: É muito longe, aí usa bem menos.

Pesquisadora: Ali na pista Premium eu percebi que todo mundo estava em algum momento usando o celular, muita gente também tirando *selfie* ou fazendo vídeo de 360 graus.

H13*: Eu acho que tinha muito também de mostrar que tava ali na frente, de mostrar que tava na frente do palco.

Pesquisadora: É pra poucos né, essa oportunidade de estar ali perto dessa estrutura gigantesca, acho que é natural querer levar um pouco disso pra casa. Do *The Wall* era maior?

H14*: Era maior, era de ponta a ponta do estádio, era maior.

H13*: No *The Wall* tinha outros efeitos, o efeito de passar o som atrás de ti, por exemplo, eles exploraram mais no *The Wall*.

Pesquisadora: Mas acho que isso é só o Roger Waters que faz.

H14*: O David Gilmour acho que também não teve tanta coisa.

H13*: Não, não teve. O Roger Waters fez aquele show, acho que foi em 1990, lá no local onde tinha o muro de Berlim, foi mais de 200 mil pessoas, um inferno organizar tudo aquilo, foi uma mega organização, acho que nunca teve nada parecido em termos de estrutura como foi aquele lá, ele inventa essas coisas e só ele faz isso.

Pesquisadora: E é impressionante, eu vi o vídeo daquele show, é surreal quanta gente tinha. Mas é uma coisa que, olha, a quantidade de gente que diz que o show dele é o show mais incrível da vida delas é muito impactante, ele consolidou o que é show de arena, e é um show que não tem comparação.

H14*: Não, pra mim não tem.

H13*: É, mexe com todos os sentidos, acho que não tem nada parecido, por isso a gente paga uma grana.

H14*: É, e não é barato.

H13*: É caro pra caramba.

Pesquisadora: É, mas são três horas ali que olha quanto isso vai gerando depois né, vai repercutindo essas três horas na vida de cada um.

H13*: É, a gente revive aqueles momentos, tu ouve a música, lembra do show e revive um pouco da emoção que tu teve lá. Não é só lá a emoção.

Pesquisadora: E tu achas que ressignifica coisas no cotidiano tu viver essas experiências de show?

H13*: Com certeza. Fica a recordação.

H13*: E além da recordação toda a emoção que tu tem ali tu revive no cotidiano quando tá ouvindo uma música. Isso é legal.

H14*: É, relembra de cara. Se tu ouve no rádio, no carro, tu vai lembrar, já liga na hora.

H13*: É, as emoções a gente lembra muito bem, até melhor do que das imagens.

Pesquisadora: Para vocês interferiu um pouco a questão política? Porque nesse show estava bem marcado o protesto, enfim, era o que estava dando repercussão.

H14*: Pra mim não, eu não dou bola pra política, o que eu curto mesmo é a música, a banda, a política pra mim ficou fora.

H13*: Pra mim teve um significado a mais o show, ele é um artista mesmo rock de raíz, que não tá ali só pela música, ele tá por algo a mais, ele tá por transformar, por revolucionar, então acho que isso é muito legal. Pra mim foi um plus, e quem não entendeu é porque não conhece as letras.

Pesquisadora: É, é bem marcante mesmo. E pra vocês acho que é duplamente especial porque teve a história da tatuagem também, e foi antes do show, né.

H14*: Acho que foi uns dois, três meses antes do show.

Pesquisadora: E vocês decidiram fazer quando viram que teria o show, como foi?

H14*: Eu tava decidido a fazer uma tatuagem há muito tempo, aí acabamos optando fazer juntos e fazer igual. Fizemos eu e ele e meu outro filho que chegou de Portugal agora.

H13*: Eu vou te explicar um pouquinho da tatuagem, porque eu que criei. Dei a ideia e o tatuador fez, só disse que queria o muro e essa frase dentro. Mas a história é assim, eu e meu pai a gente tem uma ligação muito forte por causa do Pink Floyd, e essa frase representa união, então é justamente isso, essa frase derrubando o muro.

H14*: É, juntos resistimos.

Pesquisadora: É, eu achei muito legal que no meio de todo aquele público eu encontrei justo as pessoas que fizeram uma tatuagem tão representativa, é bem forte, é uma tatuagem tripla... Eu acho que é isso, tem mais alguma coisa que o senhor queira acrescentar?

H14*: Não, acho que é isso aí mesmo, eu desejo pra ti só sucesso na tua vida profissional, naquilo que tu tá estudando, só sucesso pra ti.

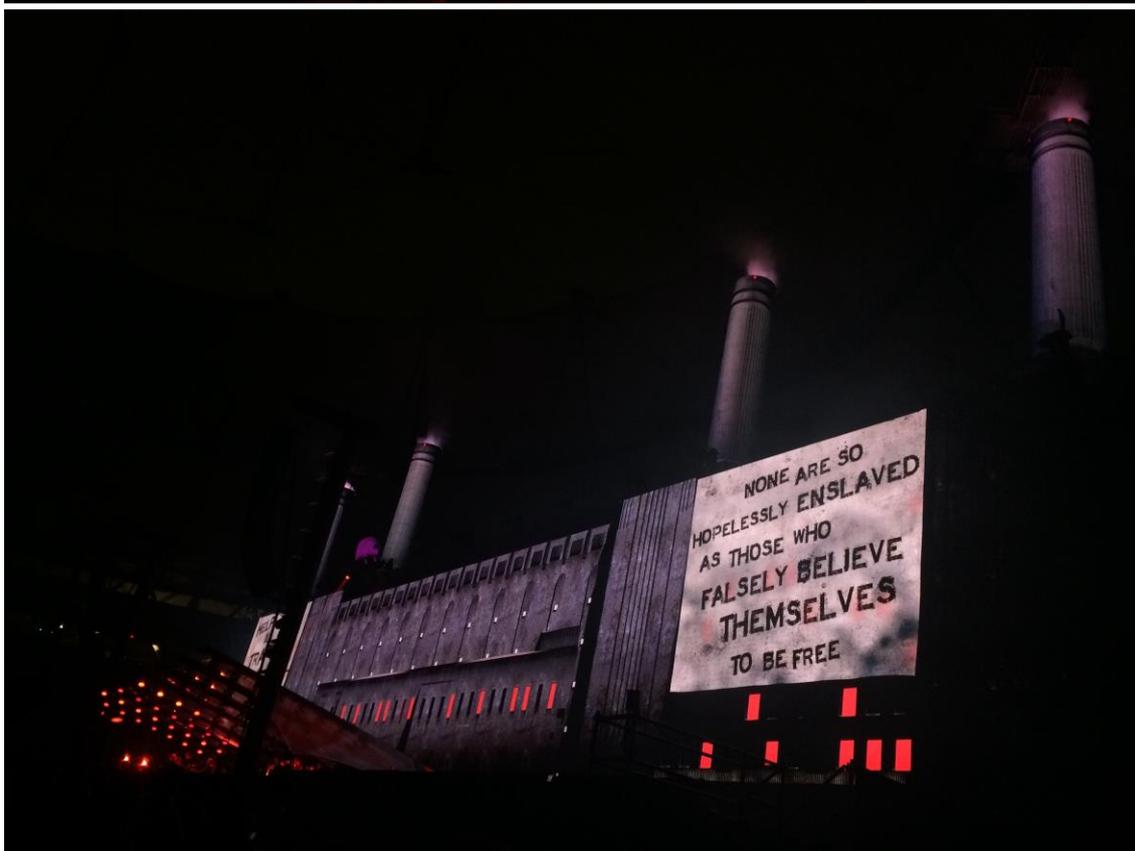
Pesquisadora: Muito obrigada, adorei conversar com vocês, obrigada pela disponibilidade.

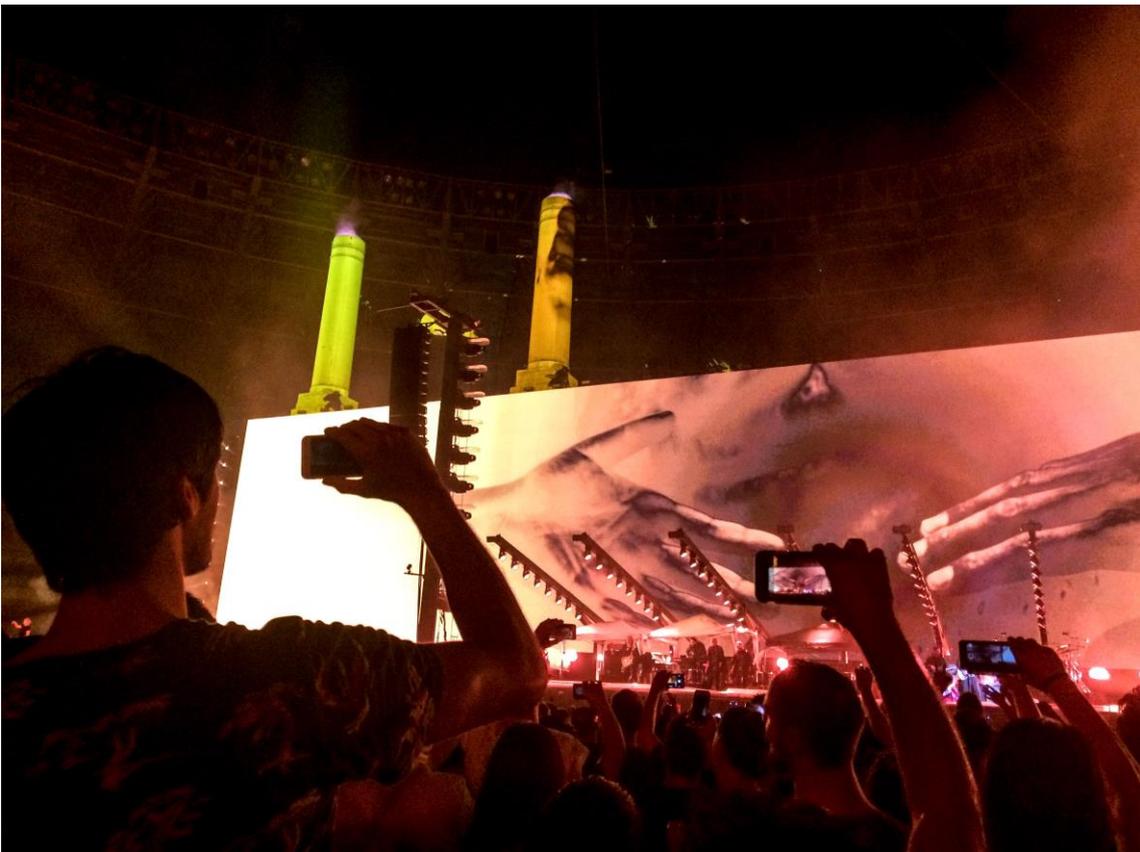
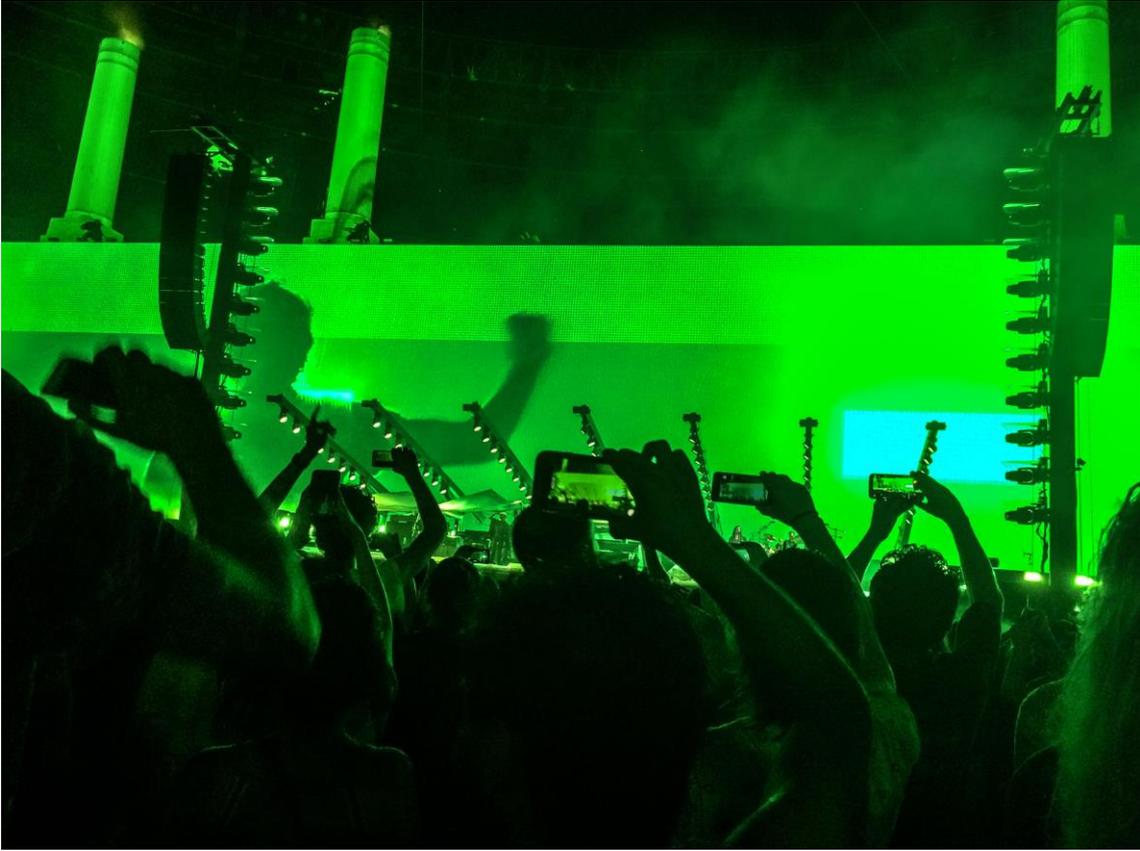
H14*: E até o próximo show.

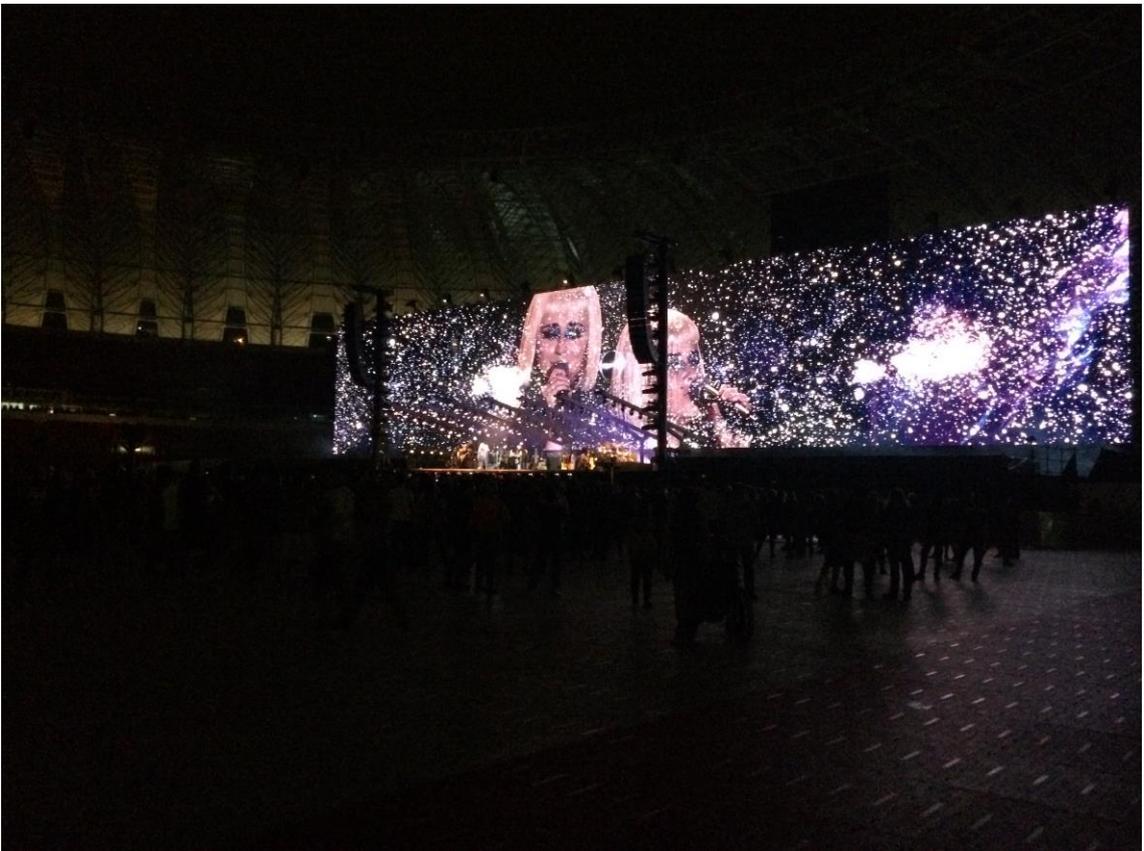
Pesquisadora: Ah, com certeza!

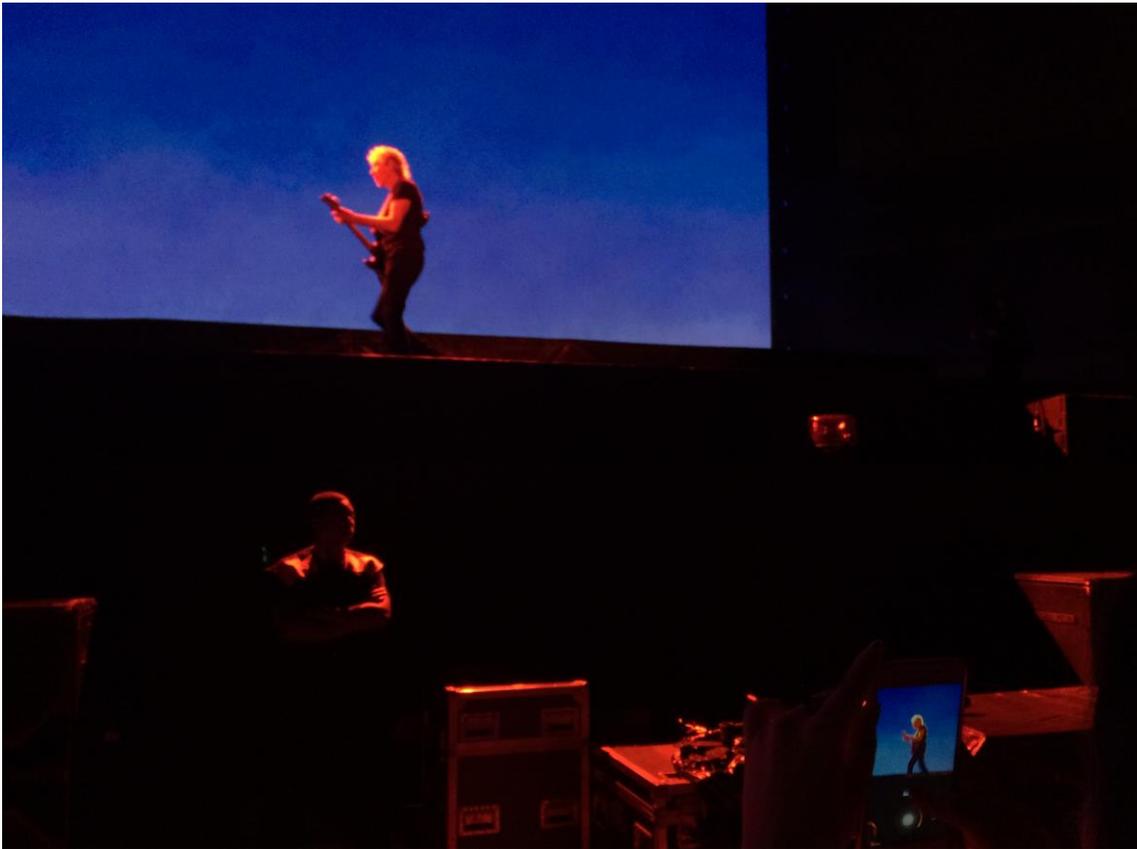
APÊNDICE III – Imagens de alguns dos principais momentos do show *Us + Them* de Roger Waters em Porto Alegre, com destaque para o uso de *smartphones*.

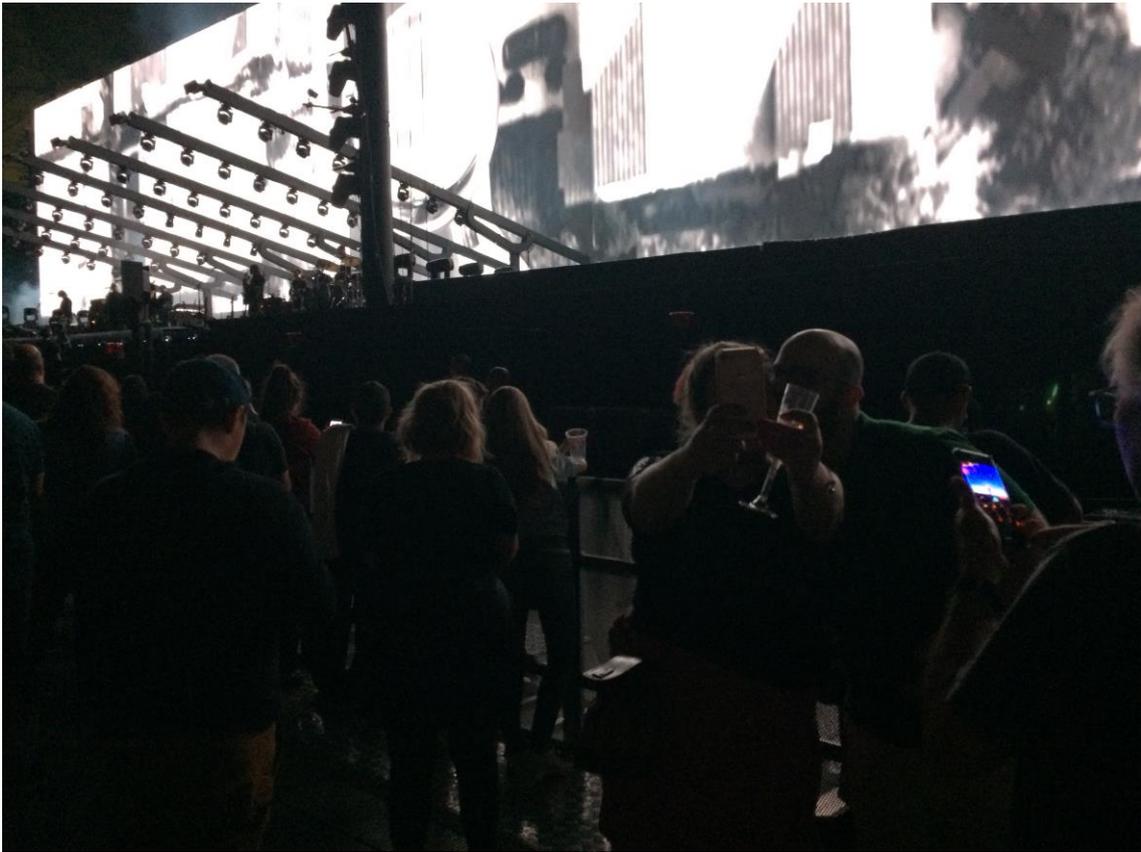
Fonte: Arquivo pessoal, em 30/10/2018. (Fotos tiradas pela autora com um iPhone 5S).



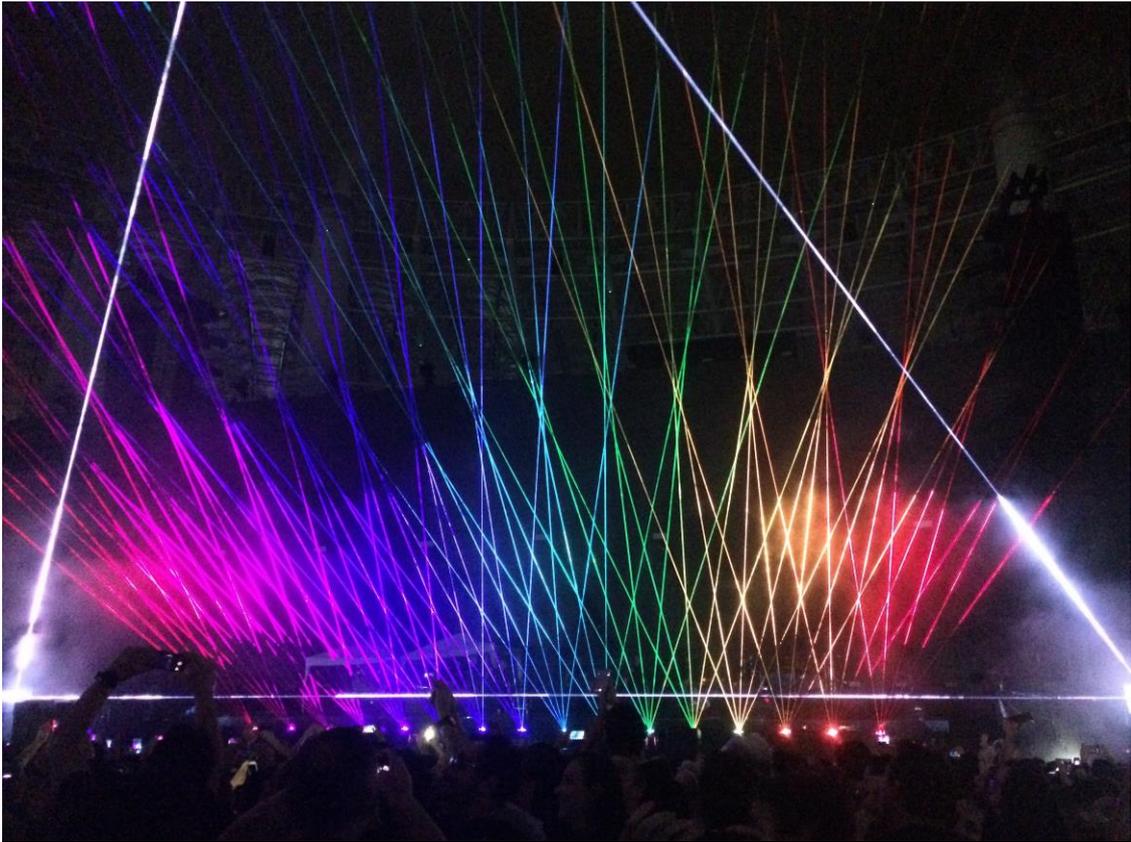


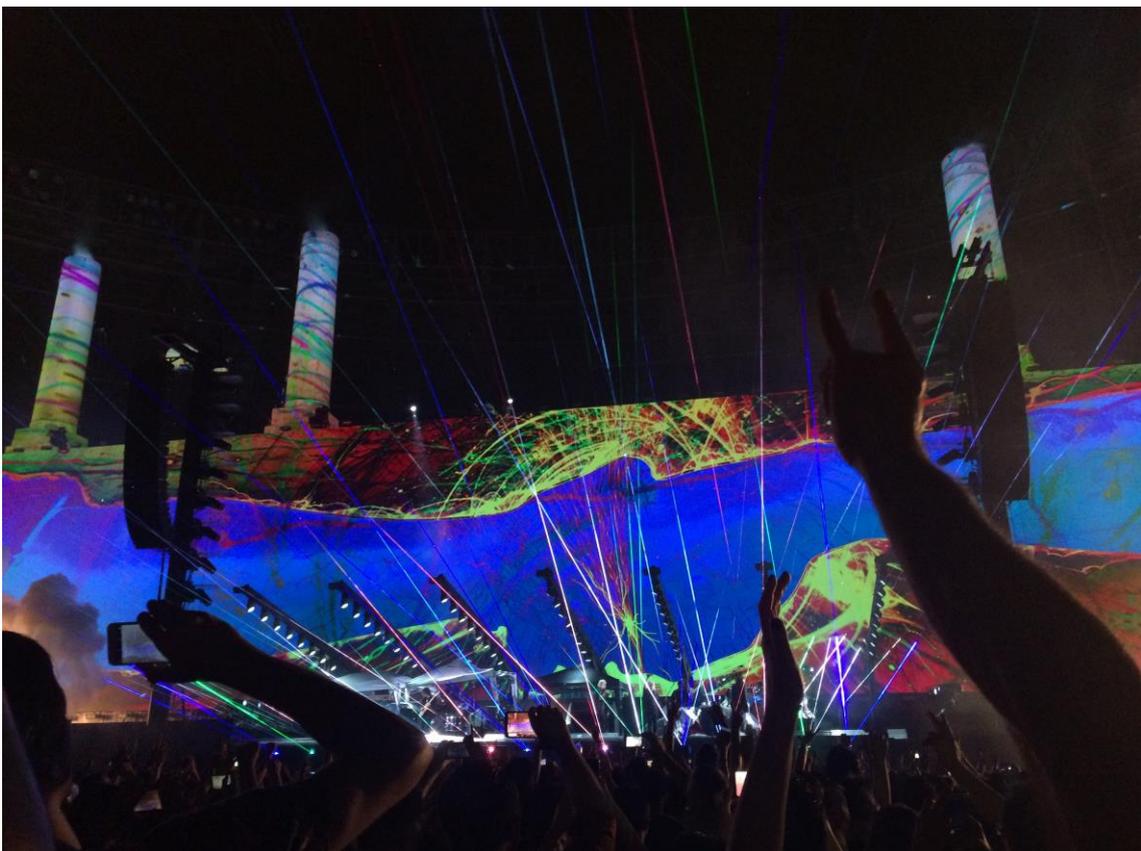












ANEXO I – A EXPERIÊNCIA DE UM SHOW DE ROCK

Poemas criados por Hopper, Costley & Friend (2015, p. 321), com base nas experiências de show de rock descritas por seus entrevistados.

Waiting

Waiting

Waiting

Waiting for your favorite band

Rain

Rain

Soaking into your socks

Anticipation

Adrenalin

Keeping you warm

Draft

Someone's breath

Warm on your neck

Whiff

Smell of sweat

Waft of marijuana

Chants

Pulsing "In X S"

"In X S"

Hairs

prickle on your neck

just hearing their name

Lights

Neon glow

(gasp) riff of favorite song

Band appears

out of darkness

out of smoke

Stoked!

'Being' There

It is finally happening
Not in my wildest dreams

Excited, Overwhelmed,
Stoked

The music draws me in
Sends me to a different place

No inhibitions
Everyone is friends

I can't help myself

My body vibrates
My head wants to explode

Playing right in front of me
I touch the guitar!

The lead singer looks at me
Smiles

That little moment
It means so much

I'm singing
Jamming my air guitar
Moshing away to the beat of the drum

The music has completely taken over
I have to keep dancing
I have to keep raging

I am buzzing to the max
Out of body experience
I am one with the crowd

Tunnel vision
Massive smiles
are all I see

Everybody
Every **body**
Feel it. Feel it.

Surviving

Before we start, don't have any illusions
The quiet personalities go to the back

You should leave your girlfriend at home
She won't keep up

The ones that do get max respect
We treat them the same

Up near the front
you need to be prepared

Music drives aggression
Excitement fuels drive

I love it!
I'm in my zone – raging hard

This stampeding mosh pit
swirls into a whirlpool of aggression

People thrashing
Punishing themselves

Pushed, shoved
from all sides

Squeezed in so tight
you move with the crowd

Stray elbow
Shoulder in the back

Someone smashes my glasses
Then a helping hand

It is tough

It can feel like you're dying

You don't really feel pain – until the next day
 When you struggle out of bed
 notice the odd black eye, broken nose, dislocated shoulder

Body switching into survival mode
 I block out the pain.

I'm a soldier of the music
 A soldier of the band
 In a gladiator battle
 In an army of metal fans
 I am invincible
 I survive.

Knowledge

Rock
 Pure rock, alternative rock
 Chillies, Nickelback, Offspring,
 Foo Fighters, Shihad.

Metal
 Pure metal, heavy metal
 Pantera, Slipknot, Slayer, Machinehead, Black Sabbath, Megadeth,
 Metallica.

Being a fan is more
 than listening to the music
 Real fans take it seriously.

We'll be like
 you know that band
 The guitar is like *weh weh weh*
 And the drums are like *do do, do, do do*.

And when they drop down into the lower D
 you're like "Woohooo!"
 You feel great
 Because it's like a sign of intelligence;
 it makes no sense to anybody else.

I like to learn about my bands
It's kinda like stalking
I'm genuinely interested
It's a personal connection.

I got a drumstick
I got respect
"Girl you deserve this"
from moshing in the death pit.

Real fans are genuine
Not just poseurs.
It's understanding
It's knowledge
It's pride
It's identity.

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a) em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, e a outra é do pesquisador responsável.

Informações sobre a pesquisa:

Título do projeto: *Us and Them*: Transformações da experiência de um show de rock a partir do uso de *smartphones*.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Telefone para contato: (51) 3308-5264

Telefone CEP/UFRGS: (51) 3308-3738

E-mail para contato: aprimo@ufrgs.br

Pesquisadores participantes: Alex Fernando Teixeira Primo e Josiléia Lisandra Kieling

Esta pesquisa tem como proposta investigar de que forma o uso de *smartphones* durante um show de rock para filmar e fotografar a performance ao vivo do artista transforma a experiência. O objetivo principal do projeto é analisar, a partir de entrevistas com o público e observação participante, como a prática de utilizar *smartphones* durante um show de rock para filmar e fotografar repercute na experiência de show, sob o ponto de vista do público. Para isso, pretende-se desenvolver uma investigação empírica, em que serão realizadas as técnicas metodológicas de observação participante e entrevistas com sujeitos do público do show de Roger Waters, ex-líder do Pink Floyd, em sua turnê *Us+Them*, que irá ocorrer em Porto Alegre no dia 30 de outubro de 2018. Durante as entrevistas, os participantes serão convidados a falar sobre sua experiência no show, suas motivações para utilizar o celular para filmar e fotografar durante a performance ao vivo do artista e sua relação com essa prática. As informações coletadas em videoconferência e gravações de áudio das entrevistas e fotos/vídeos da observação durante o show serão utilizadas somente para propósito acadêmico, com a finalidade de consulta para construção da redação desta pesquisa.

Como em todas as pesquisas que envolvem participantes, é necessário considerar a existência de alguns riscos, dentre os quais se entende que o principal seja um possível

constrangimento dos respondentes em falar sobre suas experiências e práticas relacionadas ao show e ao seu uso de celular. Os pesquisadores, no entanto, comprometem-se com a responsabilidade de manter esses riscos ao mínimo e não irão manter contato com os participantes após a realização da entrevista. Como benefícios, entende-se a importância de estudar o fenômeno em um ambiente de show, ainda que as contribuições desse estudo possam se expandir para outros contextos, ao incentivar a discussão e estimular o entendimento sobre as motivações e práticas que permeiam o uso de *smartphones* para filmar e fotografar momentos da vida cotidiana como um todo.

O anonimato de todos os participantes envolvidos também é assegurado, a não ser que o próprio participante queira que conste seu nome ou codinome no texto final da dissertação. No documento da dissertação, os nomes dos participantes serão preservados, a fim de garantir a sua privacidade. Fica garantido, também, o direito do entrevistado de desistir de sua participação a qualquer momento. Por fim, os pesquisadores se comprometem em preservar os dados coletados nessa pesquisa pelo período de cinco anos, após o qual estes serão destruídos, física e digitalmente. Sua participação é extremamente importante para que se possa refletir acerca dos objetivos dessa pesquisa, e certamente trará contribuições significativas para os campos de Comunicação e da Cibercultura. Esclarece-se também que, ao participar deste estudo, você não terá nenhum tipo de despesa, bem como nada será pago por sua colaboração, ficando as informações dadas de sua plena responsabilidade.

Assinatura do Pesquisador

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Ao concordar com esse termo, estou ciente de que fui informado (a) de forma clara e detalhada dos objetivos e da justificativa do presente projeto de pesquisa. Tenho conhecimento que receberei respostas a qualquer dúvida sobre os procedimentos relacionados com a pesquisa. Entendo que não serei identificado e que meus dados de identificação se manterão sob acesso restrito dos pesquisadores, sendo as informações por mim prestadas de caráter confidencial. Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das informações obtidas.

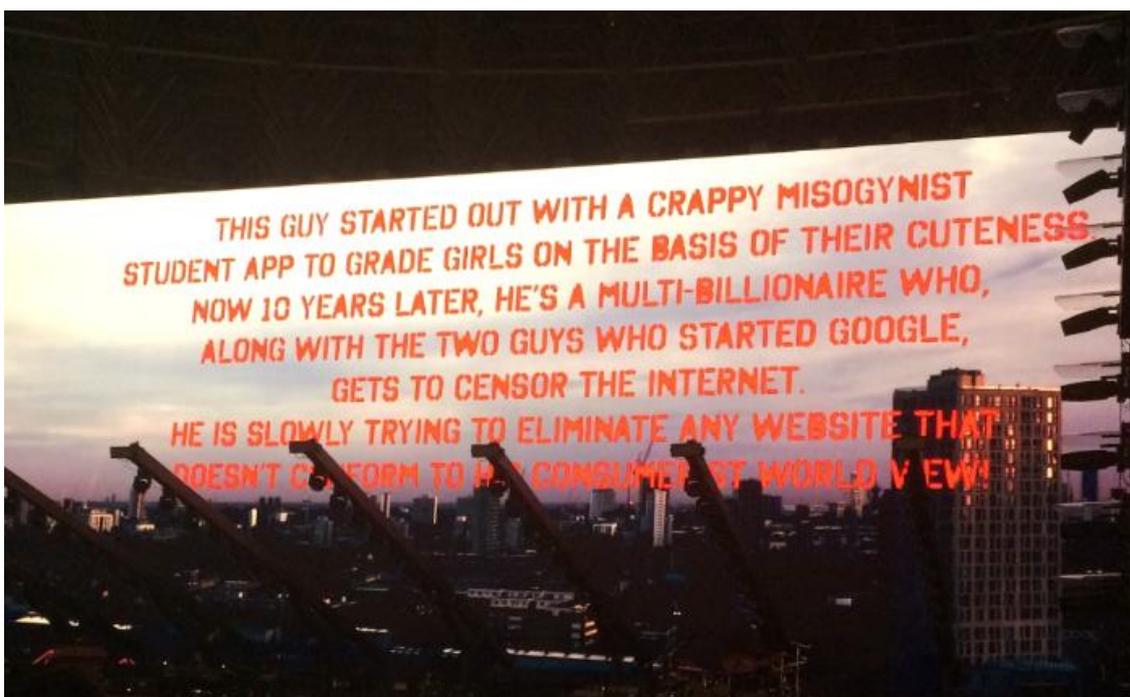
Eu, _____,
concordo com a minha participação neste estudo, como participante. Fui devidamente informado e esclarecido pelos pesquisadores sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo.

Local e data: _____, ____/____/____

Assinatura do participante

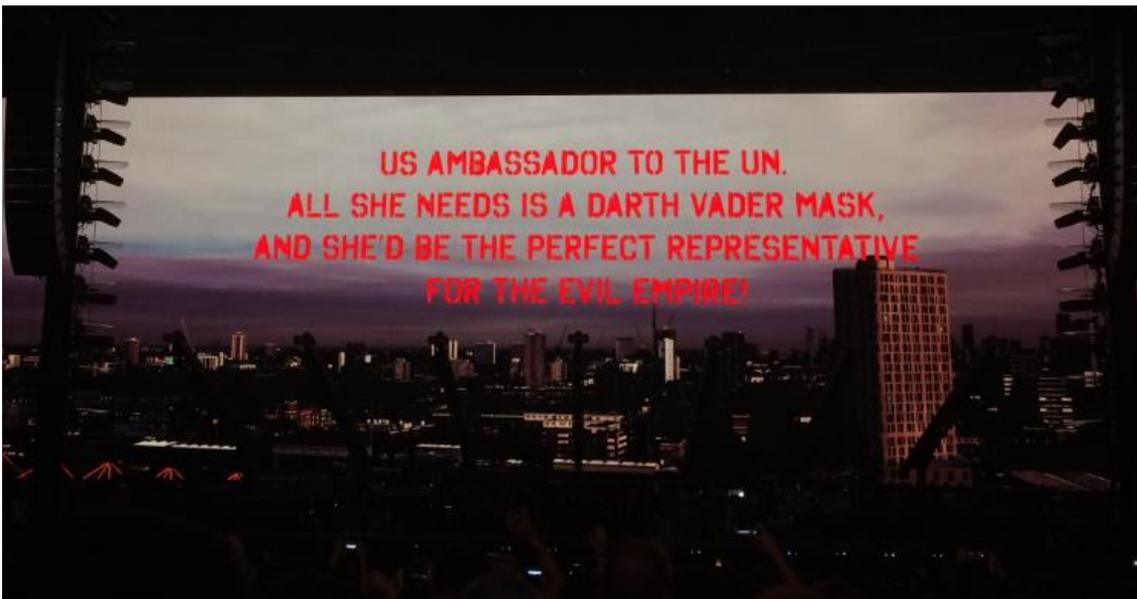
ANEXO III – TELAS COM FRASES DE PROTESTO EXIBIDAS DURANTE O INTERVALO DO SHOW

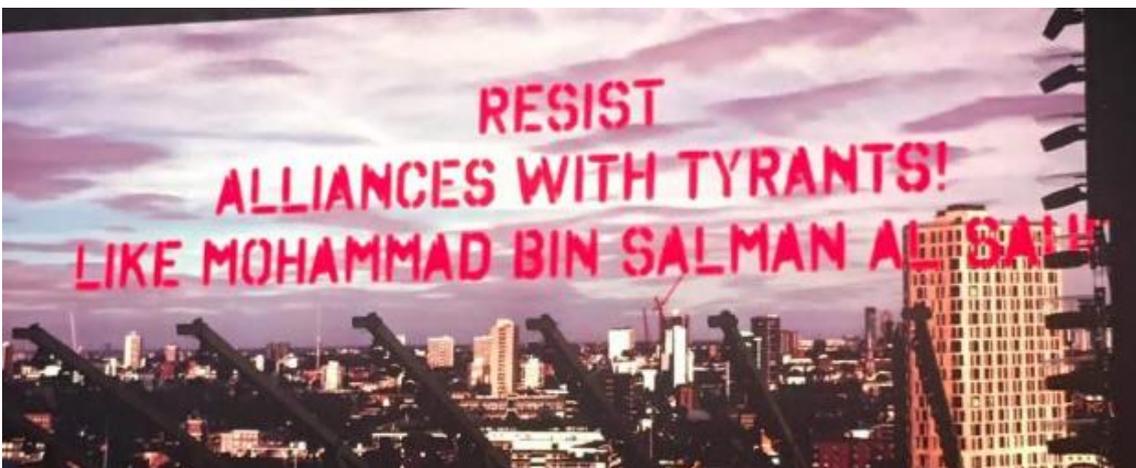
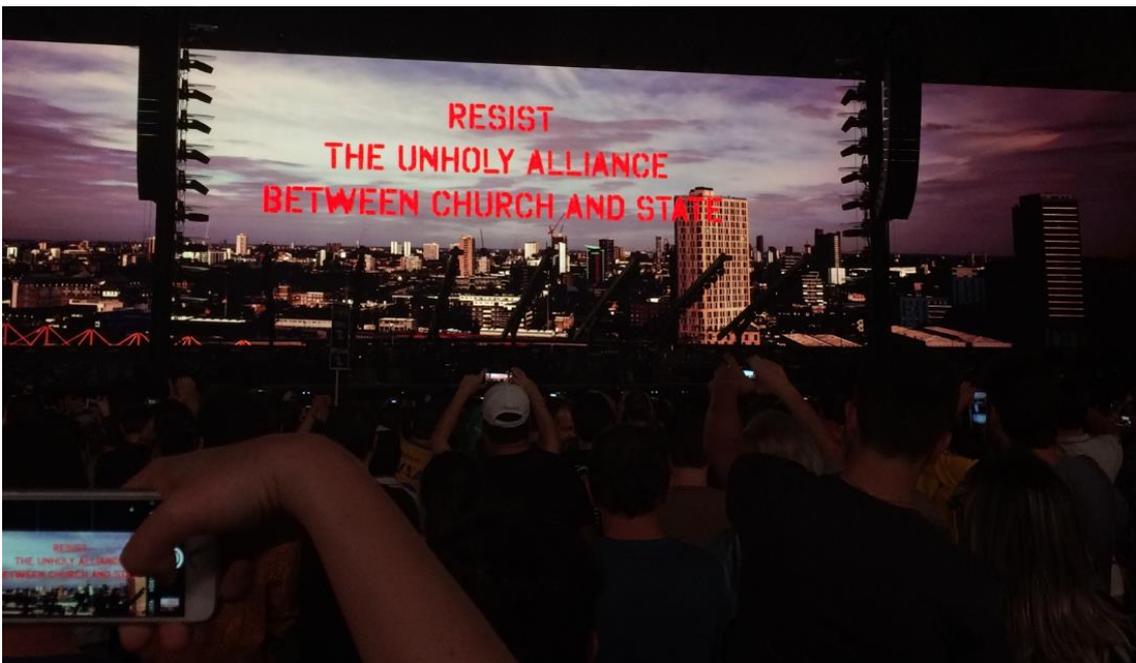
Fonte: Arquivo pessoal da autora e fotos cedidas pela entrevistada M6*.

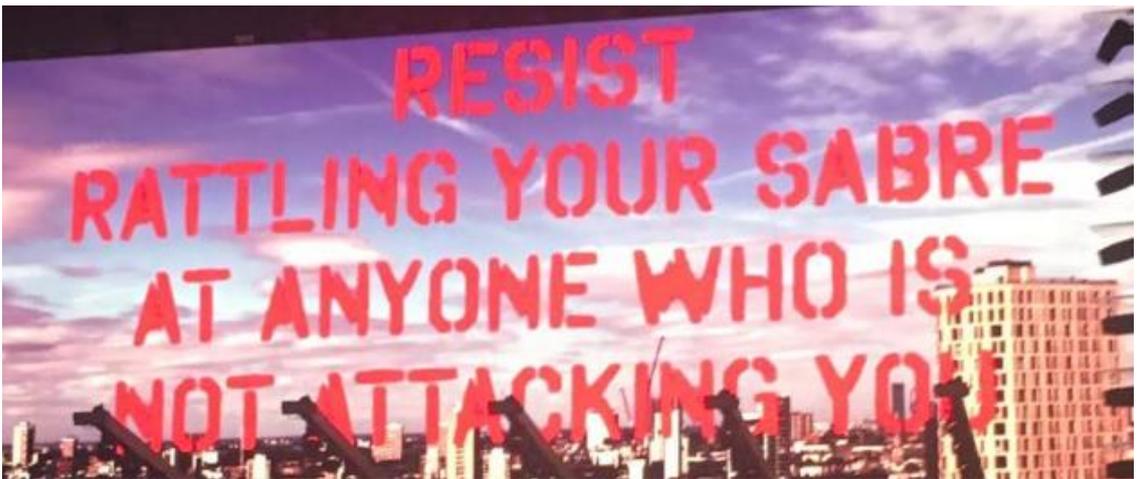




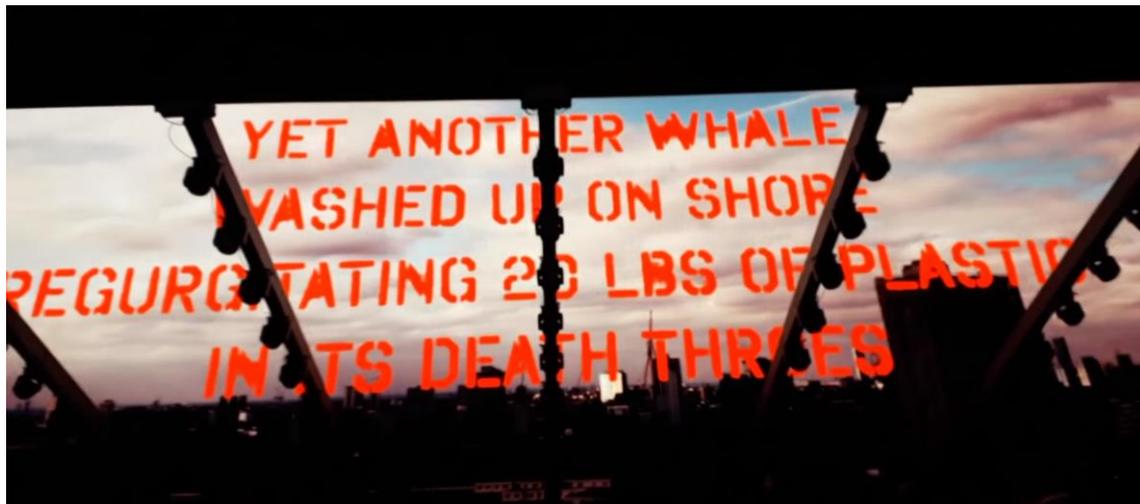
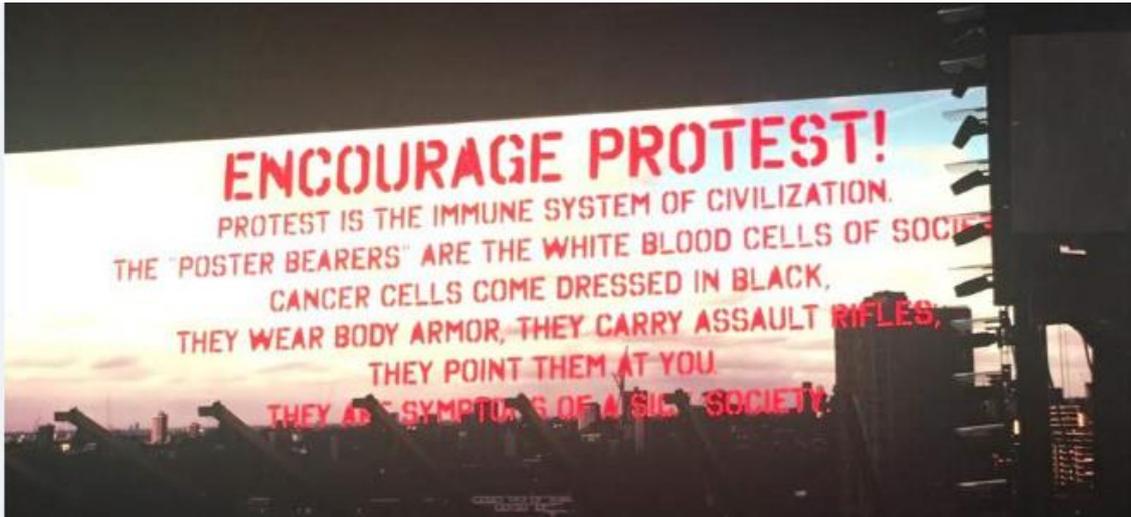


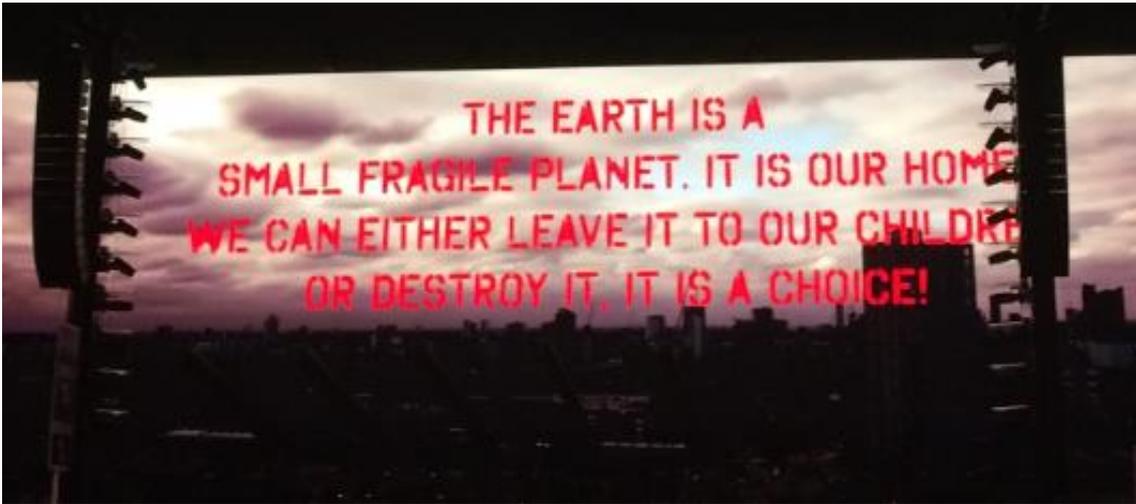


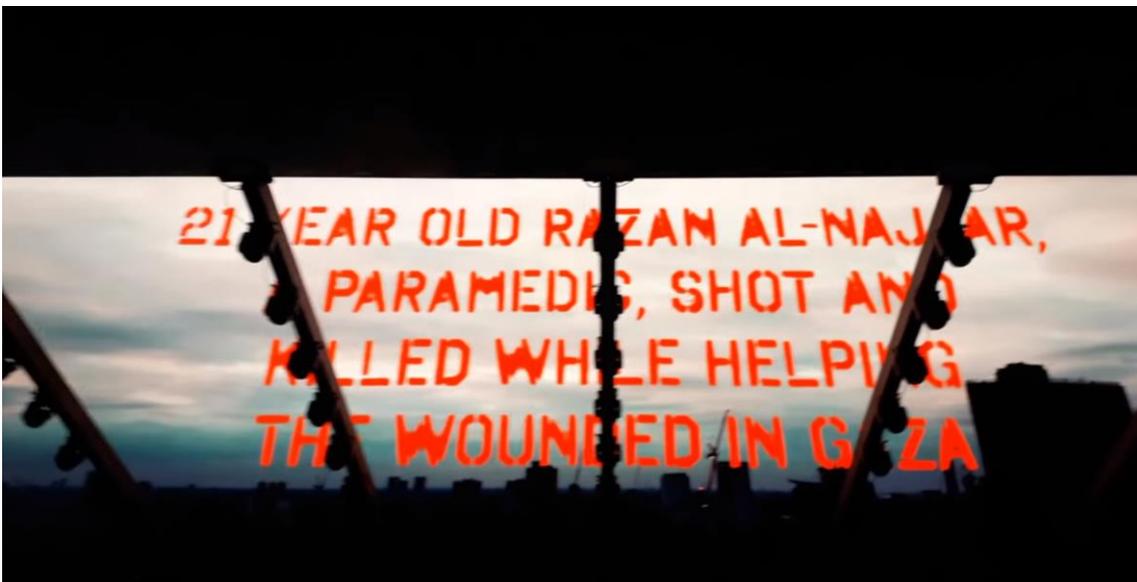
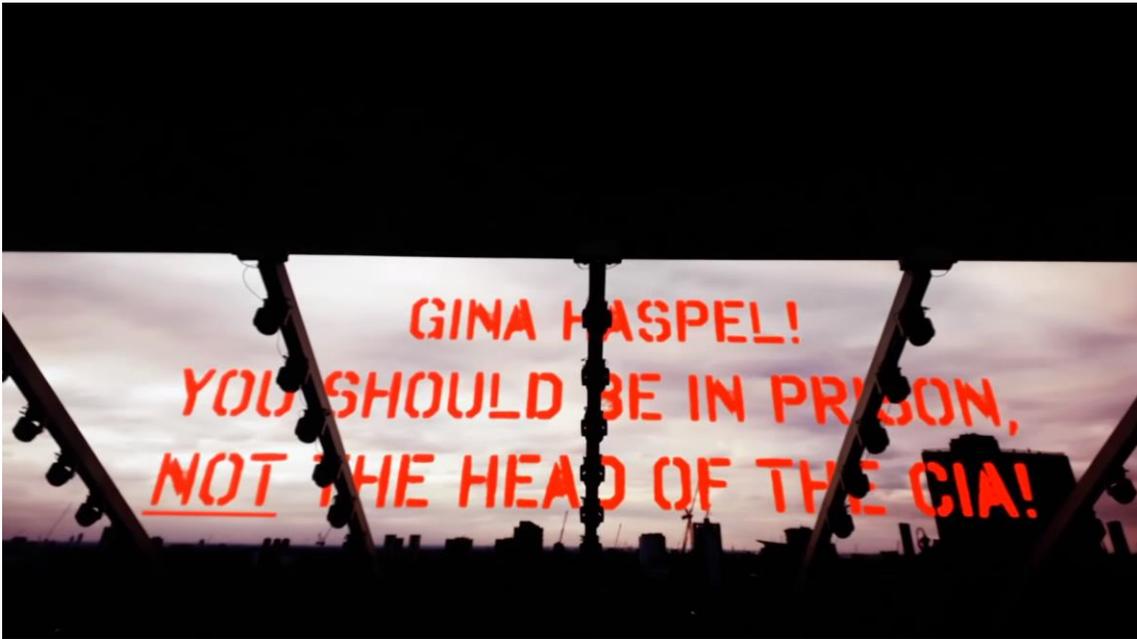








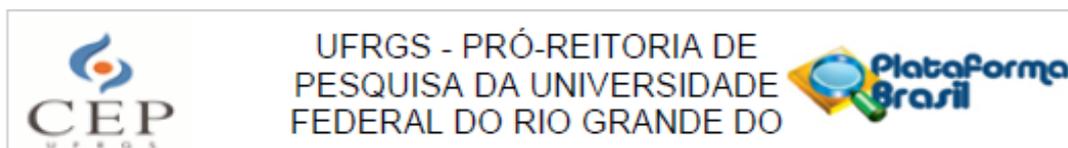








ANEXO IV – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP/UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Us and Them": Transformações da experiência de um show de rock a partir do uso de smartphones

Pesquisador: Alex Fernando Teixeira Primo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01015318.0.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.008.037

Apresentação do Projeto:

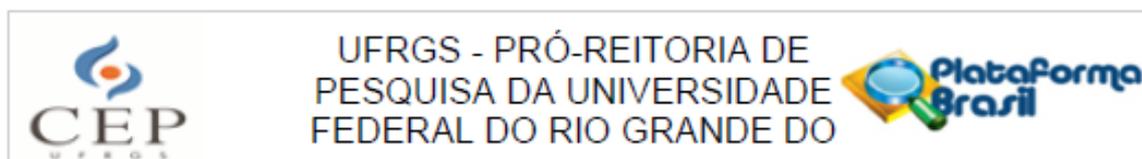
A pesquisa intitulada "US AND THEM": Transformações da experiência de um show de rock a partir do uso de smartphones", de autoria de Josiléia Lisandra Kieling, é um projeto de dissertação do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação, sob a orientação do Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo. Objetiva "entender como a prática de usar smartphones durante um show de rock para filmar e fotografar a performance ao vivo do artista transforma a experiência". O campo de pesquisa será o show de Roger Waters, em sua turnê Us+Them, que irá ocorrer em Porto Alegre, no dia 30 de outubro de 2018. Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e qualitativa, que tem como estratégias metodológicas, para o desenvolvimento da parte empírica, a observação participante e entrevistas semiaberta com participantes do show. A técnica de análise será a análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:**Objetivo Geral:**

Analisar, a partir de entrevistas com o público e observação participante, como a prática de utilizar smartphones durante um show de rock para filmar e fotografar repercute na experiência de show, sob o ponto de vista do público.

Objetivos Específicos

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farpouilha **CEP:** 90.040-080
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.008.037

- Investigar como a experiência de um show de rock ao vivo é vivenciada hoje, sob influência dos smartphones.
- Analisar as motivações para a prática de utilização do smartphone para fotografar e filmar durante um show de rock.
- Relacionar o ato de registrar a experiência de show de rock com o compartilhamento desses registros (fotos e vídeos) em mídias sociais.
- Avaliar como a memória (individual e coletiva) participa da experiência de show de rock e se relaciona aos registros feitos a partir de smartphones.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo Formulário Plataforma Brasil: "Como em todas as pesquisas que envolvem participantes, é preciso considerar a existência de alguns riscos, dentre os quais entendemos que o principal seja um possível constrangimento dos respondentes em falar sobre suas experiências e práticas relacionadas ao show e ao seu uso de celular. Os pesquisadores, no entanto, comprometem-se com a responsabilidade de manter esses riscos ao mínimo e não irão manter contato com os participantes após a realização da entrevista".

Benefícios:

Segundo Formulário Plataforma Brasil: "Dado o fato de que smartphones são muito presentes em shows hoje e seu papel enquanto participantes dessa experiência ainda é um tema pouco explorado, este trabalho reforça sua relevância, principalmente por ter o intuito de explorar também outra relação ainda menos explorada, que é entre os registros fotográficos e filmicos de uma experiência de show, feitos a partir do celular, e a memória individual e coletiva dessa experiência. A fim de refletir a rápida evolução das tecnologias e o dinamismo que permeia a relação entre estas e os sujeitos em suas práticas cotidianas, abordagens a esse respeito devem ser constantemente atualizadas, mantendo o debate em pauta. Nos últimos anos, o smartphone se tornou prosaico e, em muitos casos, inseparável dos sujeitos em suas atividades diárias, não sendo exagero afirmar ser este o objeto que mais acompanha as pessoas em todas as instâncias da vida contemporânea. Nesse sentido, estudar o fenômeno que se delinea neste trabalho com a abordagem aqui proposta pode contribuir para a reflexão sobre essas práticas para além do contexto de show, contribuindo para o entendimento sobre o uso dos smartphones na vida cotidiana como um todo".

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-080
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br



UFRGS - PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO



Continuação do Parecer: 3.008.037

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Com esta pesquisa, os pesquisadores pretendem colocar em discussão a repercussão da dinâmica de uso massivo dos celulares para registro da experiência. Partem do seguinte problema de pesquisa: "De que forma o uso de smartphones durante um show de rock para filmar e fotografar a performance ao vivo do artista transforma a experiência?". Os autores salientam que a preocupação do presente estudo está relacionada à experiência de quem está no show, independentemente de ser fã ou não. Terá abordagem exploratória e qualitativa e o corpus será composto pelos dados (textos e fotos) obtidos a partir da aplicação das técnicas de coleta de dados no show de Roger Waters, em Porto Alegre. A primeira técnica a ser adotada é a observação participante, com a finalidade de realização de notas de campo durante o show e posterior descrição detalhada do evento. A própria pesquisadora, na condição de participante, estará experienciando o momento e sendo afetada pelas mesmas circunstâncias às quais os pesquisados estarão expostos. A segunda técnica a ser utilizada é a entrevista, semiaberta, com sujeitos que componham o público do show a ser estudado. Segundo os pesquisadores, a ideia inicial é de abordar aproximadamente 10 pessoas do público, obtendo informações como telefone e e-mail para posterior contato. "Este número foi estipulado já considerando eventuais desistências, indisponibilidades ou qualquer tipo de situação que impossibilite o contato posterior para marcação de entrevista. Assim, o esperado é entrevistar 5 pessoas entre esses possíveis respondentes prospectados no local do show". É intenção dos pesquisadores dividir a seleção de participantes em três grupos distintos: 1) primeiros da fila – que provavelmente acampam no local dias antes do show; 2) de quem vai para a fila antes da abertura dos portões, mas já no dia do show; e 3) de quem chega após a abertura dos portões, próximo ao horário do show. Para entrar em contato com membros desses três grupos e selecioná-los para participar da pesquisa, a ida a campo será dividida em três momentos: a) A primeira ida será na noite do dia 29 de outubro, para conversar com pessoas que se enquadram no perfil do primeiro grupo; b) a segunda ida será no dia do show, dia 30 de outubro, pela parte da manhã, a fim de conversar com pessoas que estejam chegando ao local do evento; c) por fim, a terceira ida a campo será no final da tarde, após a abertura dos portões, para contatar quem estiver chegando entre esse horário e o início do show. Nestas abordagens será comentada realização da pesquisa e feito um convite para participação. Neste momento serão solicitados os contatos para agendamento posterior da entrevista, que poderá ser realizada via Skype ou presencial. As entrevistas presenciais serão gravadas com o auxílio de gravador portátil e gravador do celular da entrevistadora e as entrevistas realizadas por Skype serão gravadas com o Screen Recorder, programa que possibilita a gravação da tela do

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



UFRGS - PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO



Continuação do Parecer: 3.008.037

computador junto com imagens e sons da câmera. Os dados coletados corresponderão a textos e imagens, ou seja, transcrição das entrevistas, notas de campo e observações da pesquisadora, incluindo fotos e vídeos feitos durante o show pela pesquisadora e pelos entrevistados que optarem por disponibilizar seus registros para a pesquisa. Ainda, como terceira e última etapa que compõe o quadro metodológico é a análise de conteúdo, que possibilitará os meios necessários para estudar os dados da coleta de campo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto está acompanhado dos seguintes documentos de apresentação obrigatória: Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos; Formulário de Informações Básicas sobre Projeto de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Formulário PB; Parecer da Comissão de Pesquisa da Fabico; Roteiro de Entrevista Semiestruturada; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Recomendações:

Recomenda-se aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- No item "Tamanho da Amostra no Brasil", no Formulário Plataforma Brasil, assim como na Folha de Rosto para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos constam 20 entrevistados. No projeto de pesquisa consta uma abordagem de aproximadamente 10 pessoas para se chegar ao esperado de 5 entrevistados. Ajustar o número dos entrevistados.

RESPOSTA: O número foi ajustado no projeto de acordo com o que consta na folha de rosto e no Formulário da Plataforma Brasil. SOLICITAÇÃO ATENDIDA

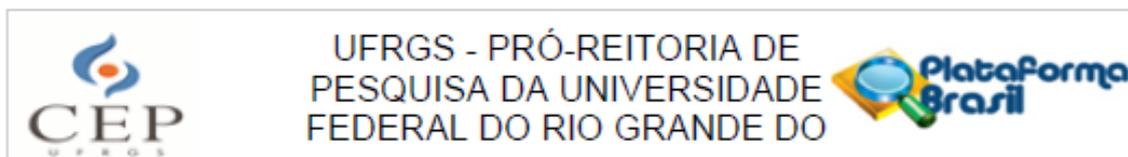
- Solicitam-se esclarecimentos a respeito dos procedimentos que serão usados em relação às imagens que eventualmente incluírem indivíduos outros que não os entrevistados e que não poderão ser contactados para aplicação de TCLE. Deve haver garantia de não divulgação de imagens.

RESPOSTA: "Não serão divulgadas as imagens em que apareça o rosto de indivíduos que não tenham assinado o TCLE. Os procedimentos a serem adotados ao se deparar com uma imagem em que haja o rosto de uma pessoa que não assinou o TCLE serão, de preferência, a não utilização da imagem na pesquisa ou o devido borramento do rosto com auxílio de programas como Photoshop". SOLICITAÇÃO ATENDIDA

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.008.037

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1229022.pdf	05/11/2018 11:59:41		Aceito
Outros	respostas.pdf	05/11/2018 11:58:59	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoatualizado.pdf	05/11/2018 11:50:11	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_Compesq.pdf	12/10/2018 22:35:24	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	12/10/2018 22:09:20	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/10/2018 18:19:03	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	12/10/2018 18:18:22	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 08 de Novembro de 2018

Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br